

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC  
CENTRO DE HUMANIDADES – CH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH  
DOUTORADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**“Releve, pois, a falta de minhas respostas...”:**  
**interfaces entre as cartas e os livros de**  
**Gilberto Freyre [1933 – 1978]**

Rodrigo Alves Ribeiro

FORTALEZA

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC  
CENTRO DE HUMANIDADES – CH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH  
DOUTORADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**“Releve, pois, a falta de minhas respostas...”:**  
**interfaces entre as cartas e os livros de**  
**Gilberto Freyre [1933 – 1978]**

Rodrigo Alves Ribeiro

Tese destinada à avaliação da banca de defesa, do Programa de Pós-Graduação em História – PPGH, Doutorado em História Social, da Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História, sob a orientação do Profº Drº Francisco Régis Lopes Ramos.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

R372“ Ribeiro, Rodrigo Alves.

“Releve, pois, a falta de minhas respostas...” : interfaces entre as cartas e os livros de Gilberto Freyre [1933 – 1978] / Rodrigo Alves Ribeiro. – 2015.  
417 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2015.

Orientação: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.

1. Freyre, Gilberto, 1900-1987. 2. Freyre, Gilberto, 1900-1987 - Editores e edição. 3. Freyre, Gilberto, 1900-1987 - Manuscritos. I. Título.

CDD 900

---

A catedral é a chave de ouro que fecha a vida de séculos da arquitetura antiga; foi a sua última expressão, o seu derradeiro crepúsculo palpitante de luz. Era, porém, preciso um gigante para fazer morrer outro gigante. Que novo parto do engenho humano veio nulificar uma arte que reinara por séculos? Evidentemente era mister uma revolução para apear a realeza de um sistema; mas essa revolução devia ser a expressão de um outro sistema de incontestável legitimidade. Era chegada a imprensa, era chegado o livro.

[ASSIS, Machado de. O jornal e o livro. In: *O jornal e o livro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 46-47.]

## Agradecimentos

O ato de agradecer é a certeza de que uma caminhada, apesar das desventuras, tem amparos e acolhidas. O Professor Francisco Régis Lopes Ramos está entre as guaridas que encontrei no Ceará. Foi ele com quem melhor pude dialogar sobre Gilberto Freyre e os mistérios da literatura. É um intelectual como poucos. Ao meu avô, Luiz Lucas Alves, por ter-me apresentado a Recife das minhas boas memórias. Uma Recife sem vertigens: a Praça Joaquim Nabuco, o Restaurante Leite, a Ponte da Boa Vista, a Rua da Concórdia, a Praça da República, a Rua da Aurora, o Teatro Santa Isabel, a Rua do Sol, o Gabinete Português de Leitura, a Capela Dourada, a Igreja da Madre Deus, o Forte do Brum, o Cais José Estelita, o Pátio de São Pedro... . À Professora Kênia Rios pelas reflexões esclarecedoras sobre história, narrativa e tempo. À Professora Meize Lucas pelas observações teóricas em relação ao meu trabalho e as boas risadas durante às aulas. Ao Professor João Ernani Furtado Filho pelas sugestões e esclarecimentos durante o exame de qualificação. Ao Professor Antonio Gilberto Ramos Nogueira por ceder importantes publicações, do SPHAN, com cartas, artigos e conferências de Rodrigo Melo Franco de Andrade. Registro o meu especial agradecimento aos alunos da graduação em história da UFC por participarem das minhas atividades de estágio docência. Sempre atentos e curiosos. Aos meus colegas Pedro Pio, Raquel Alves e Enilce Cavalcante pela troca proveitosa de ideias. À Marlúcia Chagas pelas boas conversas sobre a educação e as preocupações com o futuro. A Gilberto Gilvan pelo bom trato e a permuta de documentos sobre o livro no Brasil e a Livraria José Olympio Editora. Um excelente interlocutor! A Daniel Alencar, apesar dos nossos encontros esporádicos na UFC, com quem pude dividir as minhas exultações sobre a literatura e as minudências da escrita de Monteiro Lobato, José Lins do Rego, Gilberto Freyre... . À Afonsina Moreira: amiga leal, generosa e acolhedora. Com ela, divido o consolo do flamboyant. À Francisca Mendes pela torcida sincera, pela cumplicidade amiga entre saturno e júpiter. À Jamille Barbosa, da Fundação Gilberto Freyre, pela presteza, paciência e amizade. Cuida do acervo de

Gilberto Freyre com rigor e esmero. À Manuela Falcão, Alcione Venâncio, Sérgio Albuquerque e Eliane Nóbrega pela recepção alegre sempre que visito a Fundação Gilberto Freyre. Reitero os agradecimentos à Manuela Falcão pelo tempo, hoje saudoso, que dividimos entre a recepção de escolas e as confidências da vida privada. À dona Sonia Freyre, que muito torceu e contribuiu para a minha trajetória acadêmica, a gratidão e a deferência de um ex-estagiário. A Gilberto Freyre Neto pela cessão das cartas de Rodrigo Melo Franco de Andrade. Sem elas, este trabalho ficaria incompleto. Ao Professor Fábio Franzini, da UNIFESP, estudioso da Coleção Documentos Brasileiros, pelo livro *À sombra das palmeiras...* que é o resultado de sua tese de doutorado. Muito obrigado! À Virgínia Barbosa, bibliotecária da Biblioteca Central Blanche Knopf/Fundação Joaquim Nabuco, pela excelente recepção e solicitude. À CAPES pela bolsa concedida.

A  
Garmon.  
*Soube ser o sol e a lua. Suportou o tempo e o relento.*

## Sumário

Introdução: cartas para fazer livros.....	04
<b>Capítulo I: Edições e interlocuções de uma trilogia.....</b>	<b>23</b>
1.1 – Amizade epistolar.....	23
1.2 – A interlocução com Rodrigo Melo Franco de Andrade.....	39
1.3 – [Re]escrita e [re]edição.....	60
1.4 – Reclames e reclamações.....	82
<b>Capítulo II: O desejo literário.....</b>	<b>116</b>
2.1 – Em torno do estilo.....	116
2.2 – Ao prazer do texto.....	140
<b>Capítulo III: Os livros e as coleções.....</b>	<b>166</b>
3.1 – Gilberto Freyre: diretor e autor da Coleção Documentos Brasileiros [1936 –1939].....	166
3.2 – Gilberto Freyre: autor e colaborador da Coleção Documento Brasileiros [1939 –1953].....	195
3.3 – Gilberto Freyre: autor com “obras reunidas” [1958 – 1969].....	211
3.4 – Gilberto Freyre: autor de uma promessa.....	250
3.5 – Gilberto Freyre: autor das Coleções Sagarana e Brasil Moço.....	263
<b>Capítulo IV: Entre o ensaio e a ficção.....</b>	<b>277</b>
4.1 – Um escritor de ensaios.....	277
4.2 – Um escritor de ficção.....	306
<b>Capítulo V: O valor do livro e outros custos.....</b>	<b>324</b>
5.1 – Os direitos do autor.....	324
5.2 – Negócio e amizade.....	339
5.3 – Revisor: texto e avesso.....	351
5.4 – Cartas encadernadas.....	372
Considerações Finais.....	387
Bibliografia.....	398
Fontes.....	409



## Introdução:

### cartas para fazer livros

A carta faz o escritor 'presente' para aquele a quem a dirige. E presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, suas aventuras ou infortúnios; presente de uma espécie de presença imediata e quase física.<sup>1</sup>

Gilberto Freyre apresenta o homem histórico quase sem o desprender de seu corpo vivo, o que importa na quase realização da quadratura do círculo dos historiadores, o ponto último da investigação histórica, o empenho de Michelet e de Bloch agora atingido por alguém que possui o senso obsessional da substância, da matéria palpável, do objeto vivo. Nisto parece ultrapassar os historiadores-sociólogos da Europa como Marc Bloch e Lucien Fèbvre e na verdade excede Kayserling, podendo ser comparado apenas com Michelet. É lamentável não ter tido a França um intérprete assim dos primeiros séculos de sua formação.<sup>2</sup>

Gilberto Freyre reclamou, no ano de 1919, quando estudante da Universidade de Baylor, Texas, Estados Unidos, da quase letargia de seus amigos pernambucanos diante das cartas. Em *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915 – 1930)* ele observou: “quase não recebo cartas do Brasil. Quase todas da família.” E, expandindo o lamento, sublinhou: “rara a que me chega de um amigo.

---

<sup>1</sup> FOUCAULT, Michel *Apud* MORAES, Marcos Antonio de. Auto-retrato, *mese em scène*. In: *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp, 2007, p. 95.

<sup>2</sup> BARTHES, Roland. Depoimentos. In: *Arrecifes*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife/Departamento de Literatura e Editoração, Edição Comemorativa do Centenário de Gilberto Freyre, mar./jun., 2000, p. 90.

Enquanto aqui não há estudante que não receba de sua cidadezinha, não só de sua família, como de seus amigos, numerosas cartas por semana.”<sup>3</sup>

Freyre tornou-se um assíduo escritor de cartas. Um “voluptuoso” emissor do “espírito da amizade”<sup>4</sup>. As cartas aproximaram as distâncias sentimentais do jovem de dezenove anos, ao passo que vínculos com Pernambuco se atualizavam. Por exemplo: enviou, nos idos de 1919, correspondência para França Pereira, tratando de assunto de muito bom grado: “que me comunica? Que fui eleito sócio correspondente da Academia Pernambucana de Letras”. Colaborar com uma instituição beletrista implicava em reconhecimento para um jovem ainda em formação. Ressaltando o convite inesperado, disse ainda: a “Academia Pernambucana de Letras não é uma academia qualquer. Tem passado.”<sup>5</sup>

É legítimo afirmar que os documentos depositados no Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre em Recife, e confrontados com os textos publicados, podem mostrar ao pesquisador atual dimensões temporais distintas em relação ao plano de ser escritor de Gilberto Freyre. As cartas permitem desvelar curvas e entremeios que os textos, uma vez publicados, calam. Nas cartas, pois, estão o esforço e as incertezas? Nos livros, por conseguinte, a apresentação de uma imagem polida e regida pelas certezas? Em certa medida, sim. Freyre perseguiu a posteridade para ser reconhecido como escritor. Para tanto, construiu a sua autobiografia intelectual aparentemente sem lacunas, sem rupturas, sem ruídos.

É certo que, afora a lógica biográfica, ou melhor, autobiográfica por ele investida, sustentada na sequência coerente e cronológica de fatos, a análise de sua trajetória como escritor será aqui abordada. Digo “trajetória”<sup>6</sup> consoante Pierre Bourdieu: as discontinuidades no entorno do intelectual devem ser levadas em conta. A aferição de uma trajetória, enfim, está atenta às

---

<sup>3</sup> FREYRE, Gilberto. 1919. In: *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930)*. São Paulo: Global, 2006, p. 61.

<sup>4</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*, 2006, p. 61.

<sup>5</sup> FREYRE, Gilberto. 1919. In: *Tempo morto e outros tempos...*, 2006, p. 68.

<sup>6</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: *Razões práticas: sobre a teoria da ação...*, 9ª ed., 1996, p. 81.

“transformações incessantes” pelas quais passam um agente e/ou um grupo ao assumirem determinadas posições sociais<sup>7</sup>. Portanto, vale perguntar: em que circunstâncias Freyre construiu a sua imagem como escritor? Que posições assumiu no diálogo epistolar? Que recursos utilizou ao prover a sua condição de autor da Livraria José Olympio Editora?

O período em discussão nesta tese considera o ano em que o escritor pernambucano viu editado o seu primeiro livro, *Casa-Grande & Senzala*, em 1933, e o ano no qual publicou o *Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro* pelo Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais, 1978. É um livro de cartas e não um livro sobre cartas. É de cartas porque atende à construção de suas memórias afetiva e intelectual: narrativa epistolar coligida; valor de registro testemunhal; monumento à posteridade. Por outro lado, o recorte temporal de 1933 a 1978 torna-se relevante quando da análise acerca da relação entre as missivas e a feitura dos livros, entre texto e livro. Porém, não só: a interpretação não se limita ao paralelo texto e livro, mas também da equivalência texto e estilo. Apesar do estilo não ser considerado o horizonte de observação desta tese, por certo, é uma paisagem de referência à interpretação da trajetória de Freyre como autor da Livraria José Olympio Editora.

A investigação voltou-se para a trajetória do sociólogo mediante as cartas que escreveu aos seus interlocutores. Dentre eles, o editor José Olympio. A troca de correspondências entre ambos é aqui apresenta com maior destaque em virtude da permanência do autor de *Casa-Grande...* na José Olympio até 1985, quando vê publicada a sétima edição de *Sobrados e Mucambos* (na década de 1980<sup>8</sup> a editora acumulava dívidas e “os autores mais proeminentes”<sup>9</sup> deixavam-na). Neste sentido, as epístolas entre Freyre e

---

<sup>7</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: *Razões práticas: sobre a teoria da ação...*, 9ª ed., 1996, p. 81.

<sup>8</sup> Sobre o montante de publicações para o período: “a produção em 1980 somou 95 edições, 20 das quais eram títulos novos (contra apenas cinco em 1979), garantindo-lhe o décimo lugar entre as editoras brasileiras não didáticas.” [HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 533.]

<sup>9</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 533.

Olympio são as fontes mais consultadas no decurso da pesquisa e, claro, as mais citadas nesta tese.

As missivas apontam para o título que prenuncia este trabalho: *Releve, pois, a falta de minhas respostas...*. Trata-se, portanto, de uma expressão comum na escrita epistolar, mas também indica os passos dados pelo sociólogo ao negociar, junto ao seu editor, a posição de autor nacional que vinha assumindo ao publicar livros com o sinete da Livraria José Olympio Editora. Enfim: as cartas não se resumem ao “caráter espontâneo e fragmentário”<sup>10</sup> que lhes é comumente atribuído.

Se a José Olympio dava aos seus editados o estatuto de escritores de âmbito nacional, a crítica literária também o fazia. É o caso de Otto Maria Carpeaux. Ele inscreveu Freyre no cânone do “estilista”<sup>11</sup>. Para Carpeaux, estava, então, estabelecido o escritor dos textos, a exemplo do *Sobrados e Mucambos*, com os contornos de “uma epopéia baseada em fatos verdadeiros, assim como todas as epopéias.”<sup>12</sup> Está aí a razão pela qual Carpeaux comparte, entre os correspondentes do autor, de um lugar nas discussões levantadas na tese. Afinal, além de simbólica, a crítica que Freyre percebia como favorável à sua projeção deveria, na qualidade de reclame editorial, constar na materialidade dos livros que assinava: nas orelhas, nas quartas capas, nos prefácios. O modo de escrita de Freyre tornou-se recurso de propaganda editorial. Daí a relevância da análise, nesta tese, do estilo do escritor.

A propósito dos dispositivos que compõem o “paratexte”<sup>13</sup>, segundo Gérard Genette, cumpre observar, pois, são interpretados de modo recorrente uma vez que contribuem para convergir a relação texto e livro, valorando aquele que escreve e, concomitantemente, publica. Quanto ao escritor dos

---

<sup>10</sup> ANGELIDES, Sophia. Carta e literatura. In: *Carta e literatura: correspondência entre Tchêkhov e Górkí...*, 2001, p. 23.

<sup>11</sup> CARPEAUX, Otto Maria. O estilo de Gilberto Freyre. In: *Ensaíes reunidos...*, vol. II, 2005, p. 536.

<sup>12</sup> CARPEAUX, Otto Maria. O estilo de Gilberto Freyre. In: *Ensaíes reunidos...*, vol. II, 2005, p. 537.

<sup>13</sup> GENETTE, Gérard. Introduction. In: *Seuils...*, 2002, p. 08.

ensaios à literatura, o endosso do paratexto nos livros que conseguiu publicar foi uma intenção e uma responsabilidade suas<sup>14</sup>. Pensou nos detalhes de chamamento do leitor: “a publicidade”<sup>15</sup> dos livros, sugeriu Freyre em certa ocasião, “deve ser intensa.”<sup>16</sup>

Gilberto Freyre se imbuíu, a seu modo, do regime de verdade que o fortalecera em discurso e argumento<sup>17</sup>. As cartas trocadas por ele constituíram, paulatinamente, o seu nome e o que o agregava valor, denodo. Contudo, cabe perguntar: a suas correspondências podem ser consideradas como parte da obra?

\*\*\*

O arquivo de Gilberto Freyre está em Apipucos. A casa, ou melhor, a casa-museu<sup>18</sup> de Apipucos [res]guarda a posteridade de seu morador de renome. Foi erigida<sup>19</sup> para tamanho fim, mas sem agravar a função elementar que lhe era característica: morada. As estantes, de jacarandá ou vinhático, seguindo a ordem de classificação bibliográfica, apresentam títulos e edições assinados por Gilberto Freyre e por outros autores.

Interpretar o autor Gilberto Freyre incorreu na ampla observação dos aparatos que assim constituíram-no. O conceito de “obra”, mais dilatado,

---

<sup>14</sup> GENETTE, Gérard. Introduction. In: *Seuils...*, 2002, p. 09.

<sup>15</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 09 de agosto de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>16</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 09 de agosto de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>17</sup> Michel Foucault, em *O que é um autor?*, esmiúça os efeitos de verdade, ou melhor, dos regimes de verdade que transpassam e fomentam a condição do ser escritor/autor: aqui, tanto no atributo e condição de criador quanto na de autoridade. E Foucault nos esclarece: “O nome próprio (tal como o nome de autor) tem outras funções que não apenas as indicadoras. É mais do que uma indicação, um gesto, um dedo apontado para alguém; em certa medida, é o equivalente a uma descrição. Quando dizemos ‘Aristóteles’, empregamos uma palavra que é o equivalente a uma só ou a uma série de descrições definidas, do género: ‘o autor dos *Analíticos*’, ou ‘o fundador da ontologia’ [...]”. [FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. Trad.: António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 2002, p. 42. [Coleção Passagens]]

<sup>18</sup> Sobre a casa-museu de Apipucos: RIBEIRO, Rodrigo Alves. *Moradas da Memória: uma história social da casa-museu de Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008. [Coleção Museu, Memória e Cidadania, 6]

<sup>19</sup> Erigir no sentido de monumento, de monumental.

baseado em Michel Foucault, foi considerado aqui como uma lupa tanto sobre os processos de constituição da imagem do autor quanto de elaboração e confecção dos livros que assinara e, conseqüentemente, publicara. Os lastros de mediação envolvidos nos feitos do autor dizem respeito à “complexidade do processo de publicação” que, indubitavelmente, “envolve igualmente a mão do autor e a mente do editor.”<sup>20</sup> No sentido inverso, mas complementar, a elaboração da autoimagem do autor depende primeiro dos meios e dos recursos que lhes estão disponíveis. Portanto, trata-se do desejo de posteridade e de autoafirmação que insistiu em perseguir, cultivar. A casa-museu, pois, é um exemplo claro disso.

A partir do momento em que Foucault aborda a função autor e os registros e parâmetros que a circundam, as [inter]mediações entre quem escreve e o que é escrito são passíveis de serem expostas e analisadas. São inteligíveis.

Foucault questionou a “noção de obra”, não a resumindo apenas ao significado estrito de autoria. Entendia que os meios, os recursos e os registros documentais relacionados direta ou indiretamente ao feito do autor são indícios de mediação e, por conseguinte, de tensões e reafirmações. A relação entre autor e editor, portanto, supõe que os interesses do primeiro, quando da confecção e publicação de um livro, não usufrui de plena primazia. Editor, revisor, tipógrafo, ilustrador compartilhavam, compartilham, o poder de decisão com o autor.

A problemática do conceito obra é instigante e pertinente aos objetivos desta tese: “apercebemo-nos da crescente quantidade de questões que se põem a propósito da noção de obra. De tal forma que não basta afirmar: deixemos o escritor, deixemos o autor e estudemos a obra em si mesma.” É preciso considerar que “a palavra ‘obra’ e a unidade que ela designa são provavelmente tão problemáticas como a individualidade do autor.”<sup>21</sup> A interpretação procedida neste trabalho leva em conta esta advertência.

---

<sup>20</sup> CHARTIER, Roger. Prefácio. In: *A mão do autor e a mente do editor...*, 2014, p. 12.

<sup>21</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?...*, 4ª ed., 2002, p. 39.

A casa-museu de Apipucos é o lugar de anúncio e de convergências intelectual e política do autor. Nos dias de morada, escreveu Gilberto Freyre, “Santo Antonio de Apipucos” atraiu “visitantes de várias espécies, de várias tendências e de vários característicos. Marajás da Índia e rabinos ilustres”<sup>22</sup>. E, sobremaneira, embaixadores, poetas, políticos, escritores. A imagem anunciada, pois, foi a de um autor que dialogava com os distintos pleitos. De todo modo, a descrição dos nomes ilustres, no livro *Apipucos: que há num nome?*<sup>23</sup>, a propósito, tinha sentido para a biografia e trajetória intelectual do nome que chancelou o *Casa-Grande...*. Destarte, um combinatório de memória construída e de “função classificativa” intuída pelo “nome de autor”<sup>24</sup> em concordância com o mercado editorial.

Já à frente da Livraria José Olympio Editora, Daniel Pereira, irmão de José Olympio, escreveu a Fernando Freyre, filho de Gilberto Freyre, sobre o valor pessoal que o escritor demonstrou, momento antes do almoço de comemoração dos seus oitenta anos, ocorrido na editora em 05 de março de 1980, à Casa do culto aos livros.

Eu estava me sentindo dono de casa de todo própria – o livro intitulado Casa-Grande & Senzala – casa própria e construída por mim – quando a mão fraterna de José Lins do Rego levou-me a outra Casa que se tornaria para mim como se fosse também própria: a Editora José Olympio, construída por José Olympio Pereira, o grande J. O. Desde então me sinto tão da Editora José Olympio como de Casa-Grande & Senzala. Sem esquecer a casa de Apipucos que há quase meio século vem sendo a da minha vivência telúrica. Três casa distintas e uma só verdadeira.<sup>25</sup>

Na qualidade de instituição de guarda, a casa-museu de Apipucos chama-nos a atentar para o detalhe envolto ao ofício do escritor que publica: o que assegura que “a criação literária sempre confronta uma imaterialidade

---

<sup>22</sup> FREYRE, Gilberto. Visitantes de Santo Antonio de Apipucos. In: *Apipucos: que há num nome?* Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1983, p. 73.

<sup>23</sup> *Apipucos que há num nome?* Teve uma tiragem de 2.000 exemplares, ilustrações de Elezior Xavier e organização do professor Edson Nery da Fonseca.

<sup>24</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?...*, 2002, p. 44.

<sup>25</sup> Carta de Daniel Pereira para Fernando Freyre de 01 de outubro de 1984. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

inicial do texto – a da página que aguarda ser escrita.” Um dado que deve ser considerado em consonância com as minudências do fazer gráfico e da disciplina mecânica que converte ideias em livros. O “quiasma”, inclusive, do qual fala Roger Chartier, entre “a mão do autor e a mente do editor”, sugere que haja nesta tese o acolhimento de reflexões promulgadas pela história social, “história cultural e crítica textual”<sup>26</sup> quanto ao trato do pesquisador ao lidar com registros documentais diversos: das cartas aos livros publicados por Gilberto Freyre.

Um outro aspecto necessita ser aqui observado. A página como problemática de análise. Quando Chartier fez menção à “página que aguarda ser escrita”, entendo também como folha de papel avulso a ser escrita: muitos dos manuscritos de Gilberto Freyre levam a isso. Reservo à página, por conseguinte, a condição de artefato estruturante do objeto livro e, assim como, do caderno de anotações à escrita do *Casa-Grande...*

O professor do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Paulo Antonio de Menezes Pereira da Silveira, trouxe à tona uma importante contribuição, com a qual concordo: “a página é matéria plasmável por sua interação positiva com o texto e a imagem, e também porque é rasgada, furada, colada, feita, desfeita ou refeita por mutilação ou”, até, por “reciclagem.”<sup>27</sup>

Os manuscritos, rabiscos, epístolas e provas de livros sob a revista de Gilberto Freyre, uma vez institucionalizados, tornaram-se acervo da casa-museu. Da disposição dos móveis à concepção de um arquivo documental, sob o preceito da guarda e do acesso, conferiu à casa-museu o estatuto de monumento, de narrativa, de discurso condizentes à sua trajetória intelectual que não pode ser resumida apenas à relação ideia e texto. A “obra” é também o dispositivo de “instauração de um certo conjunto de discursos no interior de uma sociedade e de uma cultura.”<sup>28</sup> Neste sentido, o nome faz-se síntese: é a

---

<sup>26</sup> CHARTIER, Roger. Prefácio. In: *A mão do autor e a mente do editor...*, 2014, p. 12.

<sup>27</sup> SILVEIRA, Paulo. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista...*, 2ª ed., 2008, p. 23.

<sup>28</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?...*, 4ª ed., 2002, p.45.



casa-museu do autor de *Casa-Grande & Senzala*; é o acervo do interprete do Brasil!. Ademais, o nome opera como discurso no interior das narrativas biográfica e intelectual, na delimitação de cânones e no invento memorialístico.

\*\*\*

Gilberto Freyre foi um exímio guardador de cartas. As que ele recebia, mesmo já assinadas pelos seus respectivos autores, passavam por uma outra identificação. Nada que fosse extraordinário: como sinal de organização Freyre manuscovia, na própria epistola, o nome do amigo correspondente. Assim procedeu com as que recebera de Manuel Bandeira [1886 – 1968], de Otávio Tarquínio de Sousa e de tantos outros.

Para o escritor, guardar cartas também era um prenúncio da autoridade. E reclamada. As cartas reunidas por Gilberto Freyre formulam o estatuto do indivíduo em suas mais variadas facetas. Um intelectual que dialogava também para acumular louros à sua [auto]biografia. Dotada da retroalimentação. São as cartas, a propósito, fomentos para fins de veracidade de uma trajetória. As cartas de sua autoria (ou da autoria de seus interlocutores) são papéis avulsos de propriedade de quem os guarda sob o direito inalienável de posse e uso. Tornam-se a propriedade incontestada. São o esteio da intenção, por vezes não revelada, do “pacto autobiográfico”<sup>29</sup>.

O Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre, herdeiro direto das cartas acumuladas pelo escritor, efetivou-se como instituição de guarda e acesso em 1996. Mas, como reguardou as que escreveu? Copiando-as. Assim como André, descrito por Philippe Lejeune, Gilberto Freyre fazia cópia das cartas que remetia. “Ou seja, a mania de dar apenas a metade do

---

<sup>29</sup> LEJEUNE, Philippe. A quem pertence uma carta? In: *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad.: Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

objeto que afirmava dar por inteiro ou até de não dar absolutamente nada, na medida em que não se desfazia do próprio texto.”<sup>30</sup>

Gilberto Freyre via nas cartas a constituição do ideal de escritor que tanto aclamou. Se as missivas são pontes de sociabilidade, fica claro que o ofício de escritor não se faz no isolamento. É certo que o escritor é um emissário de ideias, mas as ideias não são desconexas apenas do retraimento. São tracejadas nos diálogos, nos debates.

Portanto, não interpreto as cartas como aparato documental auxiliar – paralelo – que situa seus autores nas ambiências temporais, mas as trato como documentos históricos que podem externar indícios sobre os modos pelos quais os escritores e seus textos ganham existência: são desvelados “ao longo da carteação”<sup>31</sup>.

\*\*\*

A troca de cartas entre Gilberto Freyre e seus amigos consistia na partilha de notícias referentes aos processos de escrita, revisão e publicação de livros. Manuel Bandeira, dirigindo notícias a Gilberto Freyre, em 07 de outubro de 1936, discorreu sobre José Lins do Rego: “bem, vou largar esta [carta] para continuar a revisão das *Histórias da Velha Totonia*, já em primeiras provas. O menino de engenho vai brilhar nos contos para criança. Um abraço do – Flag”<sup>32</sup>. Aqui, por exemplo, reside a “partilha” entre os interlocutores de uma correspondência, o que não prediz que a partilha esteja limitada “a dois sujeitos, mas” aos “vários correspondentes indiretos” que a própria epístola

---

<sup>30</sup> “Nove horas. Pego meu bloco de correspondência. Comprado por mim, é meu. Pego uma folha, escrevo a data. Salto uma linha e escrevo: ‘Caro André...’. Continua me pertencendo, mas a vertigem começa: a menos que eu escreva um romance, o fato de me dirigir a André implica a intenção de lhe enviar, logo de lhe *dar* essa folha. Escrevo de fato uma carta para ele, termino, assino.” [LEJEUNE, Philippe. A quem pertence uma carta? In: *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet...*, p. 251-252.]

<sup>31</sup> BEZERRA, Carlos Eduardo e SILVA, Telma Maciel da. Jogo de Cartas: a correspondência como fonte de pesquisas. In: *Patrimônio e Memória...*, 2009, p. 137.

<sup>32</sup> Carta de Manuel Bandeira para Gilberto Freyre de 07 de outubro de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

requer quando é elaborada, assim como no momento da feitura do “texto literário”<sup>33</sup> que motiva a troca missiva.<sup>34</sup>

Manuel Bandeira, ao partilhar com Gilberto Freyre seus objetivos editoriais, discorre-os na tentativa de fazer objeto a aspiração: a renda adquirida com a subscrição do “Estrela da Manhã”, de 1936, seria revertida para a edição do “Poesias Escolhidas”, de 1948. E confessou ele: “Em 1936, aos cinquent’anos de idade pois, não tinha eu ainda público que me proporcionasse editor para os meus versos.”<sup>35</sup>

Explanar comentários sobre os interlocutores em comum, sob o regime da confiança epistolar, também implicava no controle da sustentação do decoro quando da publicação de livros. Um decoro, quase sempre, segundo Gilberto Freyre, penoso para José Lins do Rego. Em carta a Olívio Montenegro, de 20 de março de 1932 e remetida do Rio de Janeiro, Freyre expusera a sua impressão quanto às provas do livro *Menino de Engenho*: “Lins leu para eu ouvir um trabalho dele de memórias de cousas de engenho de que gostei. Não tem aquele ridículo de que ficaram besuntadas as notas dele a meu respeito e que impede [que] fossem publicadas.”<sup>36</sup> E, neste sentido, a crítica antes da publicação era alinhavada no trânsito entre o remeter e o receber cartas.

---

<sup>33</sup> BEZERRA, Carlos Eduardo e SILVA, Telma Maciel da. Jogo de Cartas: a correspondência como fonte de pesquisas. In: *Patrimônio e Memória...*, 2009, p. 134.

<sup>34</sup> “Além de conhecer a origem da correspondência, cabe ao pesquisador buscar descortinar os sujeitos envolvidos nela. Eles podem ser definidos em dois grupos: 1. Os envolvidos diretamente – são os missivistas ou aqueles que se carteiam e no cartear-se assumem os papéis de remetente e destinatário. 2. Os envolvidos indiretamente – são aqueles citados ao longo do conjunto das cartas e que podem variar conforme o período ou o assunto tratado pelos missivistas.” [BEZERRA, Carlos Eduardo e SILVA, Telma Maciel da. Jogo de Cartas: a correspondência como fonte de pesquisas. In: *Patrimônio e Memória...*, 2009, p. 136.]

<sup>35</sup> BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. São Paulo: Global, 2012, p. 123.

<sup>36</sup> Carta de Gilberto Freyre para Olívio Montenegro, de 20 de março de 1932. *Cartas do Próprio Punho...*, p. 226. A primeira edição de *Menino de Engenho* é de 1932.

Recibe, 30-1-47



Meu caro Sr. Depuyssis:  
Estava quando,  
Nacopa, eu, as crianças, um  
dia no train de Boa Viagem.  
É o primeiro descom que  
tenho desde 1941 - desde q  
tinha de mel no lea de novo  
ano de Antenor. Vou ter  
bem. Espero que J. tenha  
obtido notícias das películas.  
É que continue bem, juntamente  
com todos os seus. Recolhi  
seu telegrama. Muito obrigado.  
Em prisão, nada fiz a respeito.

Carta de Gilberto Freyre, de 30 de janeiro de 1947, remetida ao editor José Olympio. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

A escrita missivista também era constituída nas “fórmulas de praxe sobre a saúde e o tempo”.<sup>37</sup> As queixas serviam para abonar ausências atribuídas ao excesso de trabalho intelectual ou ao estado cambiante de saúde. No entanto, por outro lado, davam formato à narrativa daquilo que era noticiado, dada a recorrência com a qual os temas presentificavam-se, quando da construção de uma carta. Uma “crônica do encontro”<sup>38</sup>: desencontros e tensões.

Não pretendo, é claro, afirmar que a minha interpretação ao longo desta tese é postular Gilberto Freyre, assíduo “escrevedor” de cartas, como uma “pessoa extraordinária”<sup>39</sup>. Se não desejo tratá-lo aqui como uma pessoa extraordinária, conforme nos alerta Pierre Bourdieu, tratá-lo-ei como um intelectual imerso em relações sociais que conseguiu lograr êxitos e acumular desventuras.

A troca de cartas entre Gilberto Freyre e o seu principal editor José Olympio expusera problemas e condições editoriais. Questões às vezes amargas, mas sem abandonar a forma da narrativa epistolar fraternal. Um aspecto também pertinente a Manuel Bandeira, a Rodrigo Melo Franco de Andrade, a Octávio Tarquínio de Sousa, que usavam do artifício das desculpas cordiais, por exemplo, quando da falta de respostas “simultâneas” às cartas remetidas pelo amigo de Apipucos. A reclamação, motivada por vários pretextos, também compunha a retórica das gentilezas na ordem epistolar. Responder à uma carta incorria no feito e na convenção do decoro, do retratar-se: a carta-resposta, quando enviada, era aprovionada de linhas cujo preceito antevia reparar reclamações e possíveis desalinhos. Por exemplo, José Olympio, em resposta a Gilberto Freyre: “Desde que você foi não lhe escrevi. É esta vida danada em que se vive aqui, vida de lutas. Mas os assuntos de suas

---

<sup>37</sup> PROCHASSON, Christophe. “Atenção: verdade!” Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, nº 21, 1998, p. 112.

<sup>38</sup> DIAS, Silvana Moreli Vicente. *Cartas Provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*. São Paulo: Universidade de São Paulo – USP/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH/Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, (Tese de Doutorado), 2007, p. 09.

<sup>39</sup> BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 6ª ed., 2005, p. 74.

cartas foram todos providenciados a tempo. Releve, pois, a falta de minhas respostas”.<sup>40</sup>

Firmar relações, para Gilberto Freyre, implicava no estabelecimento de troca de cartas. Por fim, “ninguém conseguia se fazer autor sem o suporte epistolar”.<sup>41</sup> Ser escritor “regionalista” era seu anseio, mas ser escritor de dimensões nacionais também foi uma de suas propensões. Tanto na primeira quanto na segunda balizas, logrou êxito. Mas, não sem polêmicas, não sem as trocas de cartas.

No decorrer das páginas desta tese, as cartas assumem centralidade não apenas como fontes delimitadas ao procedimento metodológico, mas como problema histórico que orienta o espectro que visa a considerá-las como pleitos de debates sobre livros e legitimidades quanto ao lugar do fazer-se autor. Cartas, inclusive, que nem sempre estão na ordem do corresponder para remeter ou receber perguntas e respostas, mas na categoria do contradizer para firmar posições e injunções.

Cabe, aqui, o registro acerca do meu contato com as correspondências consultadas. Ainda como estagiário da Fundação Gilberto Freyre, na função de monitor da casa-museu, fui apresentado às cartas de Rodrigo Melo Franco de Andrade que, mais tarde, as elencaria como fontes à minha pesquisa de mestrado. Agora, de modo mais consistente, e somadas às epístolas de outros correspondentes de Freyre, pude interpretá-las com o objetivo de inferir sobre o processo de publicação dos livros do autor de *Casa-Grande...* .

\*\*\*

---

<sup>40</sup> José Olympio faz menção à viagem do escritor às colônias de Portugal na África e na Ásia, entre agosto de 1951 e fevereiro de 1952. *Carta* de José Olympio para Gilberto Freyre de 31 de dezembro de 1951. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>41</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. O limite da letra. In: *Correio literário: cartas de intelectuais no Brasil durante o século XX*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2013, p. 181. [Coleção ao Portador, 5]

As fontes consultadas abrangem das cartas de Gilberto Freyre e seus correspondentes aos livros e prefácios de sua autoria e de outros autores. Além dos artigos de e sobre o escritor, publicados em jornais e revistas. A análise das missivas se justifica por conterem aspectos minuciosos dos meios e das condições de confecção e de publicação dos livros de Gilberto Freyre. Já os livros e prefácios, não obstante, por advirem como materialidades da rede de relações conservada pelo escritor. Daí a confluência dos intelectuais às Coleções Documentos Brasileiros, Brasiliana e O Livro Escolar Brasileiro que permitiam a troca de dedicatórias e oferecimentos, ao passo que as deferências tornar-se-iam mais frequentes e oportunas à manutenção das afinidades e conveniências sociais entre os letrados.

As correspondências citadas, inéditas ou publicadas, foram dispostas ao longo desta tese respeitando-se os lapsos ortográficos e as variáveis técnicas das composições gráficas que apresentavam. As inéditas foram consultadas no Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre, na cidade do Recife. Além da coleção de cópias de correspondências, de Gilberto Freyre para José Olympio, do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa<sup>42</sup>, adquirida pela Fundação Gilberto Freyre. As correspondências de arquivos aparecem referendadas nas notas de rodapé em *itálico*. As publicadas no livro *Cartas do Próprio sobre Pessoas e Coisas do Brasil e do Estrangeiro* são anunciadas sem este recurso.

No que tange aos valores quantitativos, as manuscritas são em menor quantidade se comparadas às datilografadas. Manuscritas: 15 escritas por José Lins do Rego, 10 de José Olympio, 11 de Manuel Bandeira, 10 de Otto Mania Carpeaux. As datilografadas: 41 de José Olympio, 35 de Manuel Bandeira, 05 de Otto Maria Carpeaux, 06 de Adalardo Cunha, 08 de Jorge Amado, 25 de Rodrigo Melo Franco de Andrade, 15 de Octávio Tarquínio de Sousa.

1 – Cartas Passivas/Autores Diversos/Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre

Cartas Manuscritas/Datilografadas	Quantidade	Período
-----------------------------------	------------	---------

<sup>42</sup> Material solicitado, provavelmente, pelo filho de Gilberto Freyre, Fernando Freyre.

Adalardo Cunha	11	1960-1970
José Lins do Rego	15	1920-1930
José Olympio	55	1930-1970
Jorge Amado	08	1940-1980
Manuel Bandeira	48	1920-1940
Otávio Tarquínio de Sousa	18	1940-1950
Otto Maria Carpeaux	17	1940-1960
Rodrigo Melo Franco de Andrade	28	1930-1940
Total:		200

2 – Cartas Ativas/Gilberto Freyre/*Cartas do Próprio Punho sobre Pessoas e Coisas do Brasil e do Estrangeiro*

Cartas Impressas	Quantidade	Período
Gilberto Freyre/Alfredo Freyre	29	1930-1950
Gilberto Freyre/Cícero Dias	01	1930
Gilberto Freyre/Edson N. da Fonseca	01	1940
Gilberto Freyre/Estácio Coimbra	01	1920
Gilberto Freyre/Francisca de M. Freyre	09	1930-1940
Gilberto Freyre/João Condé	03	1950
Gilberto Freyre/José Lins do Rego	02	1930-1940
Gilberto Freyre/José Olympio	04	1960
Gilberto Freyre/Magdalena Freyre	17	1940-1970
Gilberto Freyre/Manuel Bandeira	02	1930
Gilberto Freyre/Manuel de Oliveira Lima	61	1910-1920
Gilberto Freyre/Olívio Montenegro	18	1920-1940
Gilberto Freyre/Rodrigo M. F. de Andrade	09	1930
Gilberto Freyre/Silvio Rabelo	05	1930-1940
Gilberto Freyre/Ulisses Freyre	02	1930
Total:		164



3 – Cartas Ativas/Gilberto Freyre/Manuscritas/Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre

Cartas Manuscritas	Quantidade	Período
Gilberto Freyre/José Olympio	08	1970
Gilberto Freyre/Adalardo Cunha	05	1970
Total:		13

4 – Cartas Consultadas

Total:	377
--------	-----

Escrever livros incorre no apuro de “ideias e discursos”<sup>43</sup>. Publicá-los, por sua vez, incide nas interseções que os meios e os recursos da materialidade do artefato impõem: o tipo e a qualidade do papel, as ilustrações, a revisão, as orelhas de capa e quarta capa, os prefácios, a diagramação. É neste segundo aspecto que a presente tese centra seu objetivo: a “construção do autor”<sup>44</sup>. Gilberto Freyre, quando da quarta edição do *Casa-Grande...*, 1944, tem na Livraria José Olympio Editora a sua feição afinada de autor. José Olympio já detinha a estirpe do editor de maior monta ao fazer convergir para o selo que provinha, nomes importantes da literatura nacional.

As cartas assinadas por Freyre e Olympio acenam para as negociações, os interesses, as cobraças, as persuasões, as tensões cuja relação epistolar pôde dimensionar nos conflitos, e acordos, entre o autor e o seu editor. Este, um nome fomentado pela biografia exemplar: o jovem livreiro pobre que contou com a intermediação de seu padrinho de crisma, o Presidente do Estado de São Paulo, Altino Arantes, para a conquista do primeiro emprego na Casa/Livraria Garraux<sup>45</sup>, em 1918, na capital paulista.

<sup>43</sup> CHARTIER, Roger. Nota prévia. In: *A história ou a leitura do tempo*. Trad.: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 07. (Ensaio Geral)

<sup>44</sup> Idem, 2010, p. 08.

<sup>45</sup> CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. *Outros lados: Sergio Buarque de Holanda, crítica literária, história e política (1920 – 1940)*. Campinas, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, (Tese de doutorado), Orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Silvia Hunold Lara, 2003, p. 146.

A proposta que sigo nesta tese está em sintonia com os meios e os processos de escrita e de publicação dos livros de Gilberto Freyre. Trata-se, também, da legitimidade que o formato [tipo]gráfico do livro incute ao seu autor; e das seleções, cortes, formas que o artefato assume ao conferir sentido ao texto: argumento e justificativa na cultura letrada. Freyre chamou para si funções e propensões. Alegou autoridade e reivindicou validade aos seus escritos. Portanto, a análise que aqui disponho atentara para as estações de seu percurso intelectual: o escritor, o autor, os textos, os livros.

\*\*\*

Esta tese, enfim, estrutura-se em cinco capítulos. O primeiro, intitulado *Edições e interlocuções de uma trilogia*, trata dos percalços da escrita e da prospecção editorial dos livros *Casa-Grande...*, *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso*. Discute, em especial, como o livro *Casa-Grande...*, nas suas [re]edições e [re]escritas, traduzia-se como afirmação da condição de autor assumida por Gilberto Freyre a partir da quarta edição pela Livraria José Olympio Editora, mas sem alijar da análise o período de escrita e publicação da primeira edição em 1933 e a intermediação de Rodrigo Melo Franco de Andrade para a concretização do feito. O estilo de escrita – no que tange à forma da narrativa – do autor e os meandros da propaganda editorial são abordados no capítulo. Cabe acrescentar, contudo, que o seu projeto de trilogia também é discutido neste capítulo.

O segundo, *O desejo literário*, discute o estilo no modo de escrita de Gilberto Freyre, aferindo sobre o paralelo texto, estilo e livro. Isto é: o desejo de Freyre pelo literário. Assim sendo, a forma também foi por ele considerada conteúdo: o texto tem forma, mas a forma não é acessória ao texto. É o texto. Daí, o escritor ter-se preocupado com a relação direta entre o seu estilo e a forma do livro; e entre o prazer do texto e a propaganda editorial.

O de número três, *Os livros e as coleções*, aborda o período em que Freyre foi diretor da Coleção Documentos Brasileiros, assim como os momentos distintos nos quais publicou pela José Olympio. Atenta para a confluência de intelectuais que, no calço das relações, publicavam seus estudos nas coleções como investidas editoriais no Brasil dos anos 1930 aos 1950. Freyre ganhara destaque na publicação dos diversos títulos que assinava, articulando mais espaço para si e os seus. A Coleção Documentos Brasileiros permitiu a apresentação aos leitores dos nomes de intelectuais – das várias regiões do país – pouco, ou nada, conhecidos no mercado editorial da capital da República. Uma vez estabelecido no catálogo de títulos da Livraria José Olympio Editora, Gilberto Freyre pôde nomear a sua própria coleção: a Obras Reunidas de Gilberto Freyre. Participou, inclusive, das Coleções Sagarana e Brasil Moço.

O quarto capítulo, *Entre o ensaio e a ficção*, trata do interesse de Freyre pela escrita de textos de ficção. Discute, ainda, a sua alocação pela crítica no cânone da literatura nacional a partir de Otto Maria Carpeaux. Tem por ensejo debater o ensaio na prática da escrita de Freyre. E, em especial, o ensaio de ficção. As missivas, conseqüentemente, são o alinhio. É um capítulo dedicado a problematizar o seu pretense feito de “literato”: *Dona sinhá e o filho padre*.

O último, *O valor do livro e outros custos*, analisa a percepção do escritor ante os direitos autorais, a relação de amizade com o seu editor e as adequações necessárias pelas quais o texto deveria passar para adquirir a forma do livro. Tem em vista as questões de ordem mais imediata no trato do autor com a José Olympio. Os custos de uma edição e suas implicações na política editorial, as tentativas de acomodação dos negócios à amizade. Assinala, inclusive, os ditos e contraditos do autor no tocante à revisão e o revisor de textos da editora.

## Capítulo I

### Edições e interlocuções de uma trilogia

Era o sonho de todo escritor. Romancistas de vanguarda e acadêmicos, críticos e autores de sucesso comercial, historiadores e políticos; todos desejavam ser editados pela Livraria José Olympio<sup>46</sup>.

[*Casa-Grande & Senzala*] é um livro de nunca acabar com certos contos *folclóricos* sem fim. Poderia escrever outro e outros volumes, sem esgotar o mesmo tema<sup>47</sup>.

Em *Sobrados e Mucambos* não haverá os grandes painéis de *Casa-Grande & Senzala*, os quadros perdem em tamanho, mas ganham, se possível, em precisão de minúcias, em nitidez de contornos.<sup>48</sup>

*Ordem e Progresso* é o mais experimental dos livros de Gilberto Freyre e aquele no qual ele decidiu levar às mais sérias consequências as suas idiossincrasias.<sup>49</sup>

#### 1.1 – Amizade epistolar

A extensa lista de correspondentes de Gilberto Freyre, brasileiros ou estrangeiros, evidencia a vinculação dos pares mais próximos – quando da feitura dos seus livros – como demonstração de convergência de interesses do escritor. As cartas, de modo mais específico as trocadas com o editor José Olympio, expõem trajetos de escrita que os livros e os artigos, quando públicos,

---

<sup>46</sup> SORÁ, Gustavo. *Brasílianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2010, p. 11.

<sup>47</sup> RIBEIRO, João. *Casa-Grande & Senzala*. In: *Ciência & Trópico*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, vol. 08, nº 01, jan./jun., 1980, p. 09.

<sup>48</sup> SOUSA, Octávio Tarquínio de. *Sobrados e Mucambos*. In: *Ciência & Trópico...*, 1980, 16.

<sup>49</sup> SEVCENKO, Nicolau. A modernidade do mestre do Recife e a modernização mesquinha da República. In: *Ordem e Progresso...*, 6ª ed., 2004, p. 16.

não costumam revelar. Bastidores que tratam de honorários vencidos e quitados, originais de textos sumidos, revisões contestadas.

O ir e vir das correspondências, umas vezes aos cuidados de portadores, outras, sob à responsabilidade dos serviços postais, transigiam os limites da espera e do envio de notícias. Livros foram traçados pelas cartas. Interesses e favores também. Gilberto Freyre confidenciava a uns as lamurias e bonanças pessoais; a outros, apreciações sobre livros e literatura. A cada amigo, um estatuto de troca. Logo, foram elas – as cartas – afagadas pela surpresa ou pela expectativa da chegada e da convocação atendida quando solicitada. São elas, hoje, [e]vocação da posteridade.

A amizade epistolar de Gilberto Freyre curvou-se aos tons do entusiasmo e da saudade. Assim foi a declaração de Monteiro Lobato ao amigo pernambucano em carta de 30 de setembro de 1943. O estatuto de troca entre ambos não negligenciou os rituais que a amizade exigia. De São Paulo, Lobato escreveu agradecendo-lhe pela “manifestação pública” em decorrência das “bodas de prata dos *Urupês*”. Segundo o literato paulista, o artigo de Freyre chegara-lhe às mãos “no momento em que [...] estava dando ordem ao [...] arquivo, separando cartas, etc.” Dentre tantas, estavam as de Freyre “dos tempos da *Revista do Brasil*”:

o tempo passa e com ele vamos passando. Não passam, porem, certas admirações da mocidade que com o perpassar dos anos só se consolidam. E entre as minhas desse genero, sempre ocupou um dos primeiros lugar [sic] aquele que me escrevia naquela epoca e hoje ainda se lembra do 'compulsoriamente aposentado'. Obrigado, amigo. Monteiro Lobato[.]<sup>50</sup>

As pesquisas à preparação do *Ordem e Progresso* tinham por referência a aplicação de “inquéritos” que Freyre nomeara de “material autobiográfico”. Em 1947, Lobato recusou-se a responder a um dos “inquéritos”, mas sem que

---

<sup>50</sup> Carta de Monteiro Lobato para Gilberto Freyre de 30 de setembro de 1943. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]. Escrita em papel timbrado com o nome do escritor paulista impresso em caixa alta: MONTEIRO LOBATO. As palavras em caixa alta constam desta forma no original.

os elogios à iniciativa fossem negligenciados. Elogios protetivos; de prevenção contra às rugas intelectuais que poderiam surgir. Destarte, sobre o “inquérito” recusado, ponderou Lobato: “Meu caro Gilberto[,] eu [...] acho o programa verdadeiramente maravilhoso, e o unico em condições de resolver o nosce<sup>51</sup> – mas sou o primeiro a não aderir.”<sup>52</sup>

São as cartas recortadas pelo tempo que as decompõem, mas amarelecem para o mesmo tempo confrontar. São elas resquícios de instantes. Resquícios que perduram? São capazes de medir a duração? São a medida da duração, na duração? São capturas de um instante do tempo que durou. São fragmentos de permanências<sup>53</sup>.

---

<sup>51</sup> *Nosce te ipsum*: conhece-te a ti mesmo. [grifo do documento]

<sup>52</sup> *Carta* de Monteiro Lobato para Gilberto Freyre, de 30 de setembro de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>53</sup> BACHELARD, Gaston. *A Dialética da Duração*. Trad.: Marcelo Coelho. São Paulo: Ática, 1994, p. 83.

Rio, 12 julho 1929

Gilbert

Metti a tua carta felicitando-me  
pelo album de canções. gostaria muito  
de saber mais as tuas opiniões  
sobre a crítica de procuradores como  
você e a imprensa dos próprios  
meus poderes me guiar se eu  
tiver em outras tentativas. Não te  
preço. As minhas canções são o  
kava kavana, a da bandeira e  
outra que diz Brasil de meu Deus  
Brasil de meu Senhor,  
Brasil de minha gente  
Meu Brasil do meu amor.

O tema musical dela foi dado a  
Hebel por mim. É uma coisa que  
aprendi menino com meu pai. É  
de Bruma-me-bri ou Caboclinho das  
de Pernambuco. Mas o Hebel estragou  
a ideia que era de fazer depois  
um cânon (v. não sabe o que é isso  
mas pergunte ao Ernani que de lhe  
explica) Ficaria formada cantada  
por grande massa de meninos. Creio  
que Hebel não soube compor o  
cânon e reduziu a simples melodia.

Fragmento de carta de Manuel Bandeira  
para Gilberto Freyre. 12 de julho de 1930 [?].

As cartas são artefatos que podem dar pistas sobre os impulsos do momento da escrita. Exemplo: as formas variadas do ato de assinar. Gilberto Freyre, ao redigir suas correspondências, das mais curtas às mais longas, demonstrou, na forma da assinatura, urgência ou vagar no processo de escritura<sup>54</sup>. Cartas entre amigos têm uma certa peculiaridade: a amizade que é eletiva. Por conseguinte, carece de algumas certezas. Distintas das de amor: “um amor feito de certezas não se confessa”<sup>55</sup>.

Na escrita dos intelectuais a retórica afana a articulação das palavras<sup>56</sup>. A palavra é ação. Estabelecida como ação. O articular das palavras, na ação da retórica, intui o discurso do argumento, do convencimento, da inebriez, até. As cartas são formas de narrativa que articulam as palavras para configurarem a autoria como função da ordem do discurso epistolar pretendido. Nas cartas e nos livros a autoria atribui plenitude ao discurso<sup>57</sup>. O discurso, conseqüentemente, avoluma-se como a unidade necessária para o ritmo da narrativa<sup>58</sup>.

Há nas cartas o que Paul Ricoeur traduz como “denegação das aparências sensíveis e das manipulações”<sup>59</sup>. São flancos das aparências ao reforço de uma narrativa cuja “revelação” é “progressiva”<sup>60</sup>: existe algo sob a meia-luz, mas nem sempre revelado e nem sempre dito. Trazem consigo o ânimo da pretensa sinceridade e do convencimento, o que não implica dizer que sejam a transliteração da falsidade. Não. São as cartas artefatos das circunstancialidades, das apreensões que exigem justificativas e endossos. Escrevê-las, portanto, significava tornar a palavra a ação efetiva do intelectual. Reiterando: a palavra como ação.

---

<sup>54</sup> BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. Trad.: Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 2006.

<sup>55</sup> WILLIS, Susan. *Cartas a Legba: um texto encontrado*. Trad. do prefácio: Maria Elisa Cevasco; trad. das cartas: Maria Leonor F. R. Loureiro. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 11.

<sup>56</sup> RICOEUR, Paul. Prefácio da Primeira Edição (1955). In: *História e Verdade*. Trad.: F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense, 1968, p. 08.

<sup>57</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?...*, 4ª ed., 2002, p. 83.

<sup>58</sup> RICOEUR, Paul. *História e verdade*. Trad.: F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968, p. 09.

<sup>59</sup> RICOEUR, Paul. *História e verdade...*, 1968, p. 08.

<sup>60</sup> BARTHES, Roland. *O prazer do texto...*, 2010, p. 16.



A carta de 07 de outubro de 1936, datilografada como a maioria das correspondências de Bandeira para Freyre, tratou de expor as sutilezas recorrentes na trama social dos intelectuais: as trocas, os favores. A respeito de *Sobrados e Mucambos*, Bandeira fala da atualidade que a relação mulher/homem, da sociedade patriarcal, teve no espectro da poesia romântica, inclusive. Uma carta, entre tantas, que contém temas como ortografia e acepções literárias; articulação editorial e amizade.

Gilberto,  
Acabei ontem de ler os *Sobrados e Mucambos*. Li de vagar, porque fui logo fazendo a revisão, corrigindo erros ortográficos (como atrito com c, tísica com y, etc.), assinalando lugares em que faltou alguma palavra de sorte que o texto não forma sentido, etc. Assim, se tirarem nova edição, você poderá servir-se do meu exemplar. [...] Um abraço do – Flag[.]<sup>61</sup>

De fato, a primeira edição do *Sobrados e Mucambos* traz consigo as marcas da escrita apontadas por Manuel Bandeira. É uma edição cujos grafemas pululam: “y” [typo], “ch” [christã], “th” [theatro], “ph” [pharmacia]. Grafemas que relutaram desaparecer frente ao padrão de simplificação do português corrente nos primeiros anos da década de 1930. Para ser mais preciso: 1931. Ano em que o Diário do Governo, nº 120, I série, de 25 de maio, registrou o acordo ortográfico sob os olhos da Academia Brasileira de Letras.

Manuel Bandeira aclara, em certo sentido, o que também reside na amizade: a constância das trocas. Após os comentários devidos ao *Sobrados e Mucambos*, recém-saído do prelo, tece o poeta sobre as suas intenções de publicar *Estrela da Manhã*. Para tanto, destacou ele, seria preciso a subscrição dos amigos com o fim de transpor das ideias à materialidade do livro, as poesias de encontro do homem com o vagar da vida no que há de mais prosaico nela: o cotidiano sem cortinas.

Dentre os subscritores: Gilberto Freyre. Trigésimo quarto nome da lista de recolhimento de fundos à edição vindoura do quinto livro de poesias de Bandeira. Na lista, constam cinquenta “subscritores”. Uns antecidos pela

---

<sup>61</sup> Carta de Manuel Bandeira para Gilberto Freyre de 07 de outubro de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

abreviatura “pg.”, de pago. No entanto, no enalço da dúvida se Freyre contribuíra ou não, Bandeira deixa aparentar, na já citada carta de 07 de outubro de 1936, que uma vez recebido o exemplar do *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, de 1934, o de *Estrela da Manhã*, destinado ao escritor de Apipucos, não será monetariamente cobrado. “Não vou dar aos amigos”. Sublinhou Bandeira, completando: “Mas você – mestre querido [...] – de quem recebi o Guia, vai ter o seu exemplar”<sup>62</sup>.

José Lins do Rego, sobre a eleição da amizade, aborda na fábula de ‘O macaco mágico’ o valor da troca entre amigos. Assim como Bandeira demonstrou gratidão a Freyre, o macaco Felisberto da fábula a demonstra com solenidade ao marceneiro Botelho. ‘O macaco mágico’, ‘A cobra que era uma princesa’, ‘O príncipe pequeno’ e ‘O sargento verde’ compõem o *Histórias da velha Totônia*. Afinal, seja na alegoria ou na vida “a amizade [...] se exerce, ela ocupa, é atuante. Esse exercício da amizade forma e transforma: praticando-o, elaboram-se tanto o si mesmo quanto o entre-si”<sup>63</sup>.

Não são histórias contadas. São recontos de histórias contadas: advindas das “terras e lugares lendários”<sup>64</sup>; dos “lugares ficcionais inspirados em lugares reais”<sup>65</sup>. São recontos porque José Lins do Rego, uma vez imerso nos devaneios da memória pueril, toma para a escrita rotineira do ofício de literato as narrativas oralizadas da Velha Totônia. Os seus contos foram avolumados nas lendas, nas fábulas – apólogos e parábolas – populares. José Lins do Rego redimensionou-as para o livro: à literatura. Apropriara-se das “histórias de trancoso”<sup>66</sup>. Tornou-as objeto de apreciação intelectual de um regionalismo que, na prática da escrita, era “essencialmente revelador e vitalizador do carácter brasileiro”<sup>67</sup>. Porém, como capturar o “carácter

---

<sup>62</sup> Carta de Manuel Bandeira para Gilberto Freyre de 07 de outubro de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>63</sup> VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Trad.: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996, p. 09.

<sup>64</sup> Do título de: ECO, Umberto. *História das terras e lugares lendários...*, 2013.

<sup>65</sup> ECO, Umberto. Introdução. In: *História das terras e lugares lendários...*, 2013, p. 07.

<sup>66</sup> REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, p.11.

<sup>67</sup> “A este regionalismo poderíamos chamar de organico, de profundamente humano. Ser da sua região, de seu canto de terra, para ser-se mais uma pessoa, uma criatura viva, mais ligada á realidade. Ser de sua casa para ser intensamente da humanidade. Nesse sentido o

brasileiro”? Com o uso das palavras. Com “os substantivos, os verbos, os advérbios, os adjectivos jogados e conduzidos como para uma batalha.”<sup>68</sup>

Manuel Bandeira aclama o prosaico. Membro de uma geração que apelou para a identificação da fala e dos modos do “povo”. Algo que está nos escritos de José Lins do Rego, Gilberto Freyre, dentre tantos. E de acordo com Bandeira, “foi preciso que aparecesse um homem corajoso, apaixonado, sacrificado e da força de Mário de Andrade para acabar com as meias medidas e empreender em literatura a adoção integral da boa fala brasileira”<sup>69</sup>. Manuel Bandeira se reconhece nos amigos e, no mesmo passo, reconhece-os. A carta<sup>70</sup> para Gilberto Freyre, na qual citou a iminente publicação do *Histórias da velha Totônia*, é preâmbulo dos diálogos de bastidores só às missivas revelados.

O autor de *Histórias da velha Totônia* viu as ilustrações de Tomás Santa Rosa como o feito do “maior intérprete de” seus livros. Reiteradamente: “as vinhetas de Santa resumiram a vida inteira de meus romances.”<sup>71</sup> Era sabido, entretanto, que o ilustrador “atrasava a entrega do trabalho, o que deixava aflito tanto o editor quanto o autor da vez.” Diante do fato, nos preparativos do livro, José Lins do Rego, “para evitar os desgostos do editor” foi “à casa do amigo”, em um dia de domingo, saindo “de noite com o livro todo ilustrado.”<sup>72</sup>

José Lins do Rego nasceu no dia 03 de junho de 1901, no Engenho Corredor, na cidade de Pilar, Paraíba. Bacharelou-se em direito, em 1923, pela Faculdade de Direito do Recife, mesmo ano em que conheceu Gilberto Freyre. Foi nomeado, em 1925, promotor de justiça em Manhuçu, Minas Gerais. Um

---

regionalismo do Congresso do Recife merecia que se propagasse por todo o Brasil”. [REGO, José Lins do. Notas sobre Gilberto Freyre. In: *Região e tradição*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1941, p. 20. [Coleção Documentos Brasileiros, 29]]

<sup>68</sup> REGO, José Lins do. Notas sobre Gilberto Freyre. In: *Região e tradição*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1941, p. 16. [Coleção Documentos Brasileiros, 29]

<sup>69</sup> BANDEIRA, Manuel. *Crônicas da Província do Brasil...*, 2006, p. 46.

<sup>70</sup> Carta de Manuel Bandeira para Gilberto Freyre de 07 de outubro de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>71</sup> REGO, José Lins do *Apud* PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 32.

<sup>72</sup> REGO, José Lins do *Apud* PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 31.

ano antes, casou-se com Filomena Masa, a Naná. Em 1926 transferiu-se para Maceió, Alagoas, exercendo a função de fiscal de bancos até 1930. E, depois, como fiscal de consumo no período que abrangeu de 1931 a 1935.

No ano de 1935, pois, já nomeado fiscal do imposto do consumo, deixou Alagoas para exercer suas atividades burocráticas na cidade do Rio de Janeiro, onde passou a residir até falecer em 12 de setembro de 1957. Quando da sua ida definitiva para o Rio de Janeiro, Gilberto Freyre remete-o uma carta dizendo da insatisfação pela transferência para a capital da República. Pela afinidade de ideias e em defesa do Nordeste açucarocrático, escreveu Freyre:

lamento que você não tenha arranjado sua transferência para o Recife. Nós pertencemos ao Recife. Você já está mais adaptado à vida aí? Tem visto Bandeira, Rodrigo, Prudente, Sérgio, essa gente? E o Octavio Tarquínio, que tem sido tão seu amigo? Ele me dá a impressão de sincero como poucos.<sup>73</sup>

Uma vez no Rio, José Lins do Rego assumiu a atitude de portador das solicitações de Gilberto Freyre, já que era considerado uma “figura lendária da José Olympio, com a sua presença constante e ruidosa na livraria da Rua do Ouvidor e em todas as festas da Casa.”<sup>74</sup> O estatuto da carta, além do propósito primário da comunicação, formulava-se como o lugar de assento da condição de autor experimentada tanto por um quanto pelo outro. O lugar a partir do qual reconhecem um ao outro pelo interesse em comum em validar a autoridade da escrita, o círculo editorial de que partilhavam e a crítica literária<sup>75</sup> antecipada entre correspondentes. Para reforçar, mediante a troca de fotografias, ou melhor, retratos, a presença pela distância. Uma distância amenizada pelas epístolas.

---

<sup>73</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Lins do Rego de 10 de julho de 1935. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita] [grifos meus]

<sup>74</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 82.

<sup>75</sup> A propósito da crítica, disse Otto Maria Carpeaux sobre José Lins do Rego: “a obra de José Lins do Rego é mais, muito mais do que um documento sociológico; é qualquer coisa de vivo, porque o seu criador lhe deu o próprio sangue, encheu-a dos seus gracejos e tristezas, risos e lágrimas, conversas, doenças, barulhos, disparates, e da sua grande sabedoria literária. Deu-lhe o hábito da vida. Essa obra não morre tão cedo. É eternamente jovem, como o povo; é eternamente triste, como o povo. É o trovador trágico da província.” [PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 83.]

Ando com muita indisposição para escrever carta. A doença, da qual pareço ter escapado afinal deixou-me muito nervoso. Vão umas fotografias, tiradas por Sylvio Rabello. Uma para você seguiu já pelo correio, para a Livraria José Olympio. Essas que vão agora você com vagar, sem precisar ir pessoalmente às pessoas, entregará aos vários amigos. Li o seu livro. Não gostei do título<sup>76</sup>. Mas o romance está cheio de páginas interessantes e fortes. Outras, um tanto intencionais, segundo me pareceu. Estou com uns originais de Júlio Bello – Senhor de Engenho – Memórias – com muita reminiscência boa de vida de engenho, que talvez lhe mande, para você ver se interessa ao José Olympio ou a outro editor. Creio que é livro de se vender muito.<sup>77</sup>

Cartas não têm nota de rodapé. São diretas no assunto que relatam. São diretas porque os correspondentes dominam os seus códigos, segredos, rotinas. São desafiadoras para o pesquisador que se atreve dissecá-las, ou melhor, interpretá-las, analisá-las. São registros do particular, do ao “pé do ouvido”. O livro *Estrela da Manhã*, por exemplo, foi campanha literária de Manuel Bandeira. Motivo à confluência de adeptos. Assunto pleno de uma carta.

Gilberto Freyre assumiu sua posição na rede delimitada na qual os amigos foram evocados. Era a chamada da [com]partilha. Da soma. Os passos à publicação do *Estrela da Manhã* são indícios sobre a corrida dos letrados pela via do mercado editorial. Na certeza da colaboração, disse Bandeira: “não sei se já lhe falei da edição da minha Estrela da Manhã. O Luís Camilo tinha uma certa porção de bom papel que me ofereceu para fazer uma edição de 54 exemplares. Aceitei.”<sup>78</sup> Para completar o tema, destacou:

capa tipografica de Santa Rosa. Retrato a fusain de Portinari em copia fotografica colada. 26 poesias. Como os exemplares são poucos e não dariam para todos os amigos, ficou resolvido que a coisa será na batata: 50\$00 o exemplar. Dez já foram subscritos em S. Paulo. Aqui é provavel que haja maior numero de subscritores. Vou reservar dez para o Recife.

---

<sup>76</sup> Referência ao livro *Moleque Ricardo*, de 1935.

<sup>77</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Lins do Rego de 10 de julho de 1935. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita] [grifos meus]

<sup>78</sup> Carta de Manuel Bandeira para Gilberto Freyre de 07 de outubro de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto. [datilografada]

Não ofereça a ninguém aí, mas espalhe a notícia: quem quiser que mande o cobre [sic] ao meu endereço – Moraes e Vale 57, ap. 73<sup>79</sup>.

As ações são articuladas. São autogeridas pelos grupos. O *Estrela da Manhã* contou com Rodrigo Melo Franco de Andrade na posição de solicitante das contribuições. Em carta, datilografada, de 03 de junho de 1936, Franco de Andrade fez parecer urgente os préstimos de Gilberto Freyre diante da lista de subscritores ao financiamento do livro iminente de Manuel Bandeira: “o Zé Lins esteve hoje aqui para me dar 50\$000 que V. destinou a um brinquedo para Joaquim Pedro.” Simulando *um não precisava*, disse: “acho que V. agiu com precipitação e que se excedeu no presente, mas ainda sim quero lhe agradecer de todo coração pela lembrança affectuosa.”<sup>80</sup> Após acentuar o agrado pueril ao seu filho, discorrera sobre o motivo primeiro da correspondência:

não perco esta ocasião de lembrar a v. a conveniencia de apressar sua contribuição para o livro de homenagem ao Manuel. Veja se accelera tambem a collaboração do Olivio, que deve ter sido solicitada por intermedio do Zé Lins. Recomendo-me sempre a todos os seus e dê muitas saudades a Bigodão<sup>81</sup>, Cícero, Olivio, Jardim, Zé Tasso, Pernambucano, Antiogenes, etc. Para V. um abraço affectuoso de seu Rodrigo[.]<sup>82</sup>

Sob a imagem do isolamento exigido pelo ofício da escrita e dos assomos políticos dos anos de 1930, relatou:

Estou quase inteiramente fora das novidades. Terminando outro livro [*Sobrados e Mucambos*, de 1937] e mergulhado em leituras que me tomam todo o tempo. Só interrompo essa vida para cuidar de umas galinhas que me deram para criar e para uma ou outra farra [...]<sup>83</sup>.

---

<sup>79</sup> Carta de Manuel Bandeira para Gilberto Freyre de 07 de outubro de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>80</sup> Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Gilberto Freyre, de 03 de junho de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>81</sup> Referência a Ulysses Freyre, irmão de Gilberto Freyre.

<sup>82</sup> Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Gilberto Freyre de 03 de junho de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>83</sup> Carta de Gilberto Freyre para Rodrigo Melo Franco de Andrade de 17 de junho de 1933. *Cartas do Próprio Punho...*, 1978, p. 251.

É certo que Gilberto Freyre procurou aparentar maturidade e certeza nas distintas fases de sua vida. Tentou aparar suas inseguranças. Fez de sua [auto]biografia aquilo que ele mesmo criticou no estudo biográfico de Álvaro Lins sobre o Barão do Rio Branco: um Barão sempre aguerrido e desnudo das intempéries humanas criado pelo biógrafo do militar. Não custa citar uma das impressões que teve Barão do Rio Branco biografado: “convém não acreditar nunca na existência de homens em que a vida não tenha deixado cicatrizes, deformações, marcas repugnantes ou apenas lamentáveis”.<sup>84</sup>

As cartas são, na trajetória de vida de Gilberto Freyre parte significativa, no dizer de Philippe Lejeune, do “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando põe o acento em sua vida individual, concretamente na história de sua personalidade”<sup>85</sup>.

Gilberto Freyre trajou-se da função de anunciante de si mesmo. Na ordem dos discursos sobre a sua obra fez-se maior nas autoafirmações. Naquilo que acreditava ser atual e legítimo a tudo que escrevia. Franz Boas e o difusionismo cultural deram-lhe a ordem, o lugar de anunciação. Parcela notória das “condições que possibilitam”<sup>86</sup>, ou melhor, que possibilitaram as qualidades de anunciação do Gilberto Freyre autor. Feito e refeito nas circunstâncias que o elevaram ao patamar de autoridade cravejada pelos “flertes” de legitimidades: vindos da crítica aos seus livros e textos e dos leitores conquistados; dos leitores afeitos à “prosa de ficção narrativa”<sup>87</sup> e também autobiográfica.

As cartas são fontes para o meu entendimento sobre os meandros da escrita e da decorrente aparição dos livros de Gilberto Freyre. São elas cortinas vazadas dos atritos de bastidores: indícios de historicidade. Nos preparativos da primeira edição do livro *Ingleses do Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*, de 1948, o revisor Adalardo

---

<sup>84</sup> FREYRE, Gilberto. *Pessoas, coisas & animais...*, 1980, p. 249-250.

<sup>85</sup> JOZEF, Bella. (Auto)Biografia: os territórios da memória e da história. In: *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas: UNICAMP, 1998, p. 296-297.

<sup>86</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor...*, 4ª ed., 2002, p. 83.

<sup>87</sup> LEAL, César. Prefácio. In: *Três histórias mais ou menos inventadas*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Brasília: UnB, 2003, p. 07.

Cunha remete uma carta ao escritor. O seu tom epistolar é contundente e ratificador das posições técnicas que assumira:

Gilberto[,]  
acabo de ler a sua carta de 16 deste. E – eu, sim, – estranhei que após seis anos de revisão de seus livros, v. fizesse aquelas advertências que, como você sabe, eram desnecessárias para mim, por isso que sempre obedeci o que você escreve nos originais. Os “DESCUIDOS”<sup>88</sup> de que falei a você em carta existem, sim, e eu os corriji porque são descuidos mesmo. Vai aí uma batelada deles (o que está à máquina é do original; à tinta, as minhas emendas).<sup>89</sup>

*Inglêses do Brasil...* constou no catálogo de títulos da Coleção Documentos Brasileiros, volume cinquenta e oito, e prefácio – datado de outubro de 1947 – de Octavio Tarquínio de Sousa. Os bastidores nos quais transitavam Adalardo Cunha e Daniel Pereira abrem uma fresta para o entendimento das negociações e dos poderes em contato: o verbal ou o frontal; em designação dos livros.

Gilberto Freyre pôde, ao lançar seus livros pela Livraria José Olympio Editora, acompanhar o processo de confecção dos títulos que assinava e iam ao prelo. A quarta edição do *Casa-Grande...*, mais arrojada se comparada à primeira, é exemplo dessa vigilância. As revisões ortográficas e de diagramação acompanharam a intenção do autor de incorporar à edição instrumentos de orientação e aprofundamento de leitura: o índice de assuntos, o índice onomástico e o de ilustrações. Meios que condiziam às aspirações do autor e às da política editorial da José Olympio.

Partilhar com outros intelectuais da Coleção Documentos Brasileiros implicava nos agradecimentos formais e na delimitação da lista dos nomes de referência dedicados aos estudos sobre o Brasil. Registrar as deferências não apenas significava atribuir os créditos da edição aos técnicos de sua feitura, mas conferir aos nomes envolvidos em um plano editorial a esquematizada

---

<sup>88</sup> Carta de Adalardo Cunha para Gilberto Freyre, de 20 de outubro de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [Datilografada. As aspas, a caixa alta e o grifo são do documento]

<sup>89</sup> Carta de Adalardo Cunha para Gilberto Freyre, de 20 de outubro de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.



projeção da obra finda. Há, no “prefácio à quarta edição” do *Casa-Grande...*, o seguinte:

o índice de nomes e o de materia foram reorganizados, para esta nova edição, por Daniel Pereira e Adalardo Cunha, a quem o autor deixa aqui seus melhores agradecimentos. Da revisão encarregaram-se Adalardo Cunha e Aurelio Buarque de Hollanda<sup>90</sup>.  
Rio, abril, 1942.  
Gilberto Freyre[.]

A frequência de correspondências trocadas, ou apenas recebidas, entre Gilberto Freyre e Rodrigo Melo Franco de Andrade, Manuel Bandeira, José Olympio, José Lins do Rego opõe-se, em termos quantitativos, às dedicadas a Jorge Amado, Octavio Tarquínio de Sousa. Bandeira tratava das amenidades; Olympio, da vida prática, dos ganhos com as vendas dos livros, dos detalhes de como publicar, o que publicar, onde e quando; Melo Franco, dos incentivos; Lins do Rego, das apreensões da existência. Versava-se, portanto, a prática da amizade epistolar. Versava-se a amizade das aproximações pelas visitas de uns aos outros; das viagens compartilhadas, dos apadrinhamentos, das gentilezas e presentes trocados: contornos da problemática da amizade e suas matizes. A amizade na cordialidade, nas sutilezas, nas trocas e nos reparos:

Meus queridos Magdalena e Gilberto,  
Na nossa ausência (estamos chegando do sul) foi enviado – pela secretária – um “Boas Festas” a seco. Agora, repito o cartão para dizer das saudades dos dias em Lisboa, e do nosso carinho.  
Adorei o nosso cartão, uma graça! Um beijo da  
Zélia[.]

Escrever livros e publicá-los implicava na viabilidade econômica, nomeadamente. Se assim tomarmos os argumentos de José Olympio como parâmetro de análise. No tocante a Gilberto Freyre, pois, a ordem seria inversa se o foco de discussão considerasse as razões da escrita e do patamar das ideias estruturadas pelo escritor. Como não nego nem um nem outro espectro,

---

<sup>90</sup> Do “Prefácio à quarta edição” do *Casa-Grande...*, 1943, p. 71.

desejo nesta tese problematizar o “lugar social”<sup>91</sup>, as esferas de interesses implicadas na autoridade da escrita e o ímpeto das cifras na mensuração dos livros de um autor que se autointitulava “redescobridor” do Brasil.

As cartas são indícios para a interpretação – em grande medida – dos livros, dos escritos de Gilberto Freyre. São elas ponteiros de orientação e abono. É o que nos dar a entender o escritor quando estudante em 1920: “outra carta de Oliveira Lima. Acha que não devo pensar em voltar de vez ao Brasil e informa sobre a situação do intelectual do nosso país. Situação hostil a quem deseje ser escritor: viver de escrever.”<sup>92</sup>

Já na conferência publicada pela FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, no início dos anos de 1980, as incertezas foram aparadas diante dos desafios ultrapassados. Lidos como ultrapassados. A imagem que Gilberto Freyre arquitetava de si não permitia lacunas, ofuscamentos. O escritor renomado aos oitenta anos incutira à sua fala, na confluência da comemoração ao seu livro maior, tom de plenitude à trajetória de escritor que tratou de ladrilhar. Trajetória, pregou ele, erguida na isenção: “tenho sido chamado”, inclusive, “para [assumir] ministérios; tenho recusado pois meu ministério é o livro. Tenho sido chamado também para embaixadas e não tenho aceito”. Afinal, “minha embaixada é o livro.”

Venho me mantendo e mantendo uma família, comprando vestidos para Dona Madalena e brinquedos primeiro para filhos, depois para netos com o que venho ganhando de direitos autorais; com o que ganho nos livros que tenho escrito [...]; nos artigos que escrevo para jornal ou revista. Direitos autorais, isso parecia um absurdo há cinqüenta anos, mas tem dado certo. Não preciso de governo, não preciso de universidades, não preciso de empresas generosas. E não preciso de nenhuma instituição rica, porque tenho os meus livros; os meus livros vêm me permitindo viver independente<sup>93</sup>.

O Gilberto Freyre dos oitenta anos desejou subtrair de seus passos as relações e conflitos nos quais se fez. Foi copartícipe do Estado quando

---

<sup>91</sup> CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A Escrita da História*. Trad.: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011, p. 49.

<sup>92</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos...*, 2006, p. 77.

<sup>93</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala – 50 anos depois...*, 1985, p. 33.

oportuno, travou embates editoriais quando reivindicou seus direitos de publicação. A sua escrita, por si só, não resultaria em livros publicados. O estabelecimento das redes de relações, que as cartas articulavam, foi importante para materializar tamanho fim.

Freyre sabia dos infortúnios da convicção que cultivava: a de ser escritor. Maria Lúcia Pallares-Burke, em *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*, 2005, dissecou a convicção do jovem recém-chegado ao Brasil, em 1923, após temporada longa entre os Estados Unidos e países da Europa Ocidental. Desejava ele, reitero, ser escritor no Brasil. Convicção aparentemente inabalada nas passagens do livro *Tempo Morto e outros Tempos...*. No entanto, não é o que nos traz a historiadora paulista, quando alerta: “quando se está tentando reconstruir a biografia de um escritor talentoso torna-se ainda mais difícil evitar sua autointerpretação como realidade.”<sup>94</sup>

A escrita de cartas a amigos aparenta maior fidedignidade com o pretensão real de quem as escreve. Atrevido engano. É a escrita de cartas o apelo com vistas ao convencimento. Portanto, as cartas podem, em certo sentido, dissimular para conquistar aquilo que a dissimulação camufla, alenta.

---

<sup>94</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos...*, 2005, p. 21.

## 1.2 – A interlocução com Rodrigo Melo Franco de Andrade

Com a publicação do *Casa-Grande...* em 1933 e, anos mais tarde, do *Sobrados e Mucambos*, em 1936, firmou-se o autor Gilberto Freyre como referência que prometia boas vendas no futuro. Rodrigo Melo Franco de Andrade não deixou escapar o fato editorial ao discorrer sobre a edição do *Sobrados e Mucambos*. Em uma carta de setembro de 1936, Franco de Andrade faz certas “avaliações da produção”<sup>95</sup>: “[...] supponho não haver presentemente nenhum escriptor no Brasil com tantos elementos para ganhar dinheiro quanto você”<sup>96</sup>.

Os anos entre as publicações de *Casa-Grande...*, 1933, e *Sobrados e Mucambos*, 1936, foram de pouco dinheiro para o autor. No ano antecedente ao lançamento de *Sobrados e Mucambos* e, portanto, nos preparativos do texto que se transformaria em livro, aproveitou “o dinheiro que recebia da editora” – a Companhia Editora Nacional – para comprar “livros essenciais para atualizar a

---

<sup>95</sup> CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger [Org.]. *Práticas da Leitura*. Trad.: Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 77.

<sup>96</sup> *Carta* de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Gilberto Freyre de 19 de setembro de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

pesquisa, que mandava buscar na Inglaterra, França e Estados Unidos.” Conseguiu “tirar partido dos momentos livres das férias para escrever”<sup>97</sup> apesar dos momentos de tristeza pelos quais passava durante a escrita.

Em carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, descreveu:

não tenho me descuidado do livro, mas confesso um grande desinteresse – por livro e por tudo o mais – que atribuo à doença, que é grave. Creio que terei de pedir ao editor que me dê mais 6 meses, ele ficando com os restantes 4 contos, com todos os 4, por esta prorrogação. Desculpe o bilhete, o papel, a letra e tudo. Vamos ver se fico bom deste *banzo*, se me interessa por alguma coisa. Acho difícil.<sup>98</sup>

No transcurso da trajetória intelectual de Gilberto Freyre são somadas as aulas e conferências que ministrou e proferiu no exterior e no Brasil. Em 1935, a convite de Anísio Teixeira, viaja para o Rio de Janeiro em setembro daquele ano para dirigir, na então Universidade do Distrito Federal<sup>99</sup>, “o primeiro curso de Antropologia Social e Cultural da América Latina”<sup>100</sup>. Diferentemente da afirmativa de Renato Ortiz, Freyre não se recusou a participar do “universo acadêmico” para contribuir com a compreensão da “realidade nacional.”<sup>101</sup> As faces que mantivera, nas ocasiões oportunas, foram reveladas: o escritor, o autor, o intelectual.

E, para além dos textos e das ideias que os preenchia, a forma do livro não foi um tema menor entre os interlocutores de Gilberto Freyre. Segundo Jan Tschichold, seja com mais ou menos recursos técnicos, a investida tipográfica de um livro, “mesmo quando mal executada,” ou limitada, “não pode nunca ser

---

<sup>97</sup> LARRETA, Enrique Rodríguez e GIUCCI, Guillermo. *Gilberto Freyre: uma biografia cultural...*, 2007, p. 570.

<sup>98</sup> Carta de Gilberto Freyre para Rodrigo Melo Franco de Andrade de 1935. [LARRETA, Enrique Rodríguez e GIUCCI, Guillermo. *Gilberto Freyre: uma biografia cultural...*, 2007, p. 570.]

<sup>99</sup> Antes da chegada do *Sobrados e Mucambos*: “o clima político continua tenso e são raros os contatos com seus amigos. Luís Jardim é um dos poucos com quem mantém correspondência. São medos sem fundamento, comenta Freyre, pois no Rio de Janeiro a polícia não o incomodou. De modo que os inimigos políticos no governo podem expulsá-lo do curso [...] na Universidade do Distrito Federal, já que ele possui um contrato, não um cargo de confiança.” [LARRETA, Enrique Rodríguez e GIUCCI, Guillermo. *Gilberto Freyre: uma biografia cultural...*, 2007, p. 570.]

<sup>100</sup> LARRETA, Enrique Rodríguez, GIUCCI, Guillermo e FONSECA, Edson Nery da. In: *Casa-Grande & Senzala...*, [edição crítica], 2002, p. 669.

<sup>101</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional...*, 5ª ed., 1994, p. 40.

aceita sem maior exame”. “Ademais, nunca é acidental”<sup>102</sup>, quanto aparenta ser, o resultado derradeiro do produto impresso. A problemática da mediação perpassou, portanto, não só *Casa-Grande...*, *Sobrados e Mocambos* e *Ordem e Progresso* como os demais livros de Gilberto Freyre.

Rodrigo Melo Franco de Andrade, nas cartas a Gilberto Freyre, sempre que oportuno, aludia sobre as disposições físicas de uma publicação. Não se trata de adjacências supérfluas, mas de credenciais decorrentes da cultura do impresso, do produto livro que fomentava o ofício e a condição do intelectual: a autoria. Rodrigo Melo Franco de Andrade, ambientado no centro da República e situado nos bastidores editoriais e à frente do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, afinara a percepção prática para os labirintos da burocracia e as particularidades tipográficas.

Sobre os preparativos do *Mocambos do Nordeste*<sup>103</sup>, de 1937, pelo SPHAN<sup>104</sup>, relatou Rodrigo Melo Franco de Andrade ao correspondente de Pernambuco:

seu ensaio já está composto na tipografia do Pimenta de Mello e eu lhe revi as provas até a metade. Parece que a publicação sairá aceitável, em papel de boa qualidade e com um typo bonito. As ilustrações sairão

---

<sup>102</sup> TSCHICHOLD, Jan. Sobre tipografia. In: *A forma do livro...*, 2007, p. 35.

<sup>103</sup> “O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional inicia as suas publicações com um ensaio do professor Gilberto Freyre sobre assunto de arquitetura popular. Esta tem sido considerada entre nós com tão imerecido descaso, que só isso justifica a escolha de um trabalho sobre mocambos do Nordeste para preceder a tantos outros versando matéria de maior interesse artístico. Dir-se-ia de fato, tendo-se em vista a bibliografia relacionada com a finalidade deste Serviço (aliás muito escassa e lamentavelmente dispersa), que a história da arquitetura brasileira se processou apenas sob a influência dos estilos eruditos importados da Europa.” [ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Textos introdutórios em publicações. In: *Rodrigo e o SPHAN...*, 1987, p. 93.]

<sup>104</sup> O destaque para o ensaio como forma da narrativa do estudo sociológico e feito estético, segundo Rodrigo Melo Franco de Andrade: “empreendendo, pois, um ensaio especial sobre os mocambos do Nordeste, o Sr. Gilberto Freyre tratou assunto que lhe é, de há muito, familiar. No entanto, como trabalhou desta feita tendo em vista a finalidade do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ao qual se destinava o seu estudo, ele se ocupou daquelas edificações nordestinas não apenas considerando o interesse que apresentam do ponto de vista sociológico, mas também a sua importância e as suas peculiaridades como tipo de arquitetura popular. E realizou a tarefa não só com sua admirável inteligência e a profusão de conhecimentos gerais e especializados que possui, mas também com aqueles atributos que conferem a tudo o que ele escreve um vigor e uma qualidade literária excepcionais.” [ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Textos introdutórios em publicações. In: *Rodrigo e o SPHAN...*, 1987, p. 93.]

dispostas segundo o que v. determinou para os desenhos do Bandeira e, no que diz respeito às do Ismailovitch, procurei fazer da melhor maneira possível.<sup>105</sup>

Em carta de 17 de junho de 1933 a Rodrigo Melo Franco de Andrade, Freyre abordou suas expectativas em relação à postura do editor e à melhoria das condições materiais em que se encontrava. Os preparativos do *Casa-Grande...* passavam pela definição dos aspectos tipográficos. Segundo o escritor, ao orientar os passos do amigo mediador, a “introdução ou prefácio, ou misto de introdução e prefácio – é melhor não lhe dar nenhum nome, e publicá-la logo abaixo da vinheta, deve ir em itálico”.<sup>106</sup>

A forma do livro era um detalhe inventariado nas conversas. A impressão correspondeu “ao tipo<sup>107</sup> 10” e o formato, comparando-o às especificações, mais ou menos, do livro de João Pondiá Calógeras: *Formação histórica do Brasil*. Orientando os preparativos à distância, Freyre demonstrava interesse em ir ao Rio de Janeiro para acompanhar os trabalhos de composição do *Casa-Grande...* . “Seria ótimo se os editores achassem meio de me mandar o bastante para uma viagem”: “a fim de combinarmos” melhor “formatos” e “vermos juntos as provas, ilustrações etc.” Contudo, “não sendo possível – o melhor é tudo ser decidido aí. A remessa de provas para cá terá grandes inconvenientes – o melhor é mandarem coisa nenhuma. O que for decidido, de acordo com V. e Bandeira – está muito bem.”<sup>108</sup>

As trocas de informações incluíam as queixas de Gilberto Freyre quanto às perseguições políticas durante o primeiro governo de Getúlio Vargas: de 1930 a 1945. O ir e vir das provas do *Casa-Grande...* dependiam de portador, já que o serviço de correio não era considerado confiável. “Nosso Zé [José]

---

<sup>105</sup> Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Gilberto Freyre. Sem datação. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada] [grifos meus]

<sup>106</sup> Carta de Gilberto Freyre para Rodrigo Melo Franco de Andrade de 17 de junho de 1933. Consta no *Cartas do próprio punho...*, 1978, p. 252.

<sup>107</sup> Refere-se a tipo tipográfico. São os caracteres de símbolos e letras usados na impressão de textos, de livros. Corresponde aos tipos móveis das prensas mecânicas.

<sup>108</sup> Carta de Gilberto Freyre a Rodrigo Melo Franco de Andrade de 17 de junho de 1933. In: *Cartas do próprio punho...*, 1978, p. 253.

Américo [de Almeida], infelizmente não merece fé”<sup>109</sup>, confidenciou em carta. Contudo, existe outro fator a ser destacado: as desmotivações de Freyre. Nas confissões a Franco de Andrade estiveram o tom do desabafo e de desvencilhamento da escrita e preparos do livro.

Esse livro já me deu bastante trabalho e aborrecimento – e o meu papel agora é cuidar de outra vida, e entregar o livro aos seus verdadeiros e legítimos donos – o editor e os possíveis curiosos que se dêem ao trabalho de comprá-lo e Lê-lo.<sup>110</sup>

A escrita do *Casa-Grande...* podia, de fato, pesar como um estorvo sobre os ombros, mas também é fato que estava associado ao livro a expectativa de melhoria das condições financeiras do escritor.

Lançado em primeiro de dezembro de 1933, o *Casa-Grande...* não parecia, de início, ter impactado a crítica. A esposa de Octávio Tarquínio de Sousa, Lúcia Miguel Pereira, observará este fato: a pouca atenção, dos críticos da imprensa ao livro por ela considerado renovador. Em carta a Gilberto Freyre, de 1934, Rodrigo Melo Franco de Andrade, o “amigo por vocação”<sup>111</sup>, confirmou a opinião de Lúcia Miguel Pereira: “a venda dos exemplares nas livrarias continua a se fazer otimamente, apesar de só terem aparecido por enquanto poucas notas e artigos sobre o livro.”<sup>112</sup> Mas as chamadas publicitárias tomaram parte na imprensa: “Schmidt lançará na próxima quinzena Casa-Grande & Senzala”; “o maior sucesso de livraria deste anno é

---

<sup>109</sup> Carta de Gilberto Freyre para Rodrigo Melo Franco de Andrade de 17 de junho de 1933. In: *Cartas do próprio punho...*, 1978, p. 252. Consultar também: FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras: a coleção documentos brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2010. [Coleção FCRB Estudos, 9]

<sup>110</sup> Carta de Gilberto Freyre para Rodrigo de Melo Franco de Andrade de 17 de junho de 1933. In: *Cartas do próprio punho...*, 1978, p. 252. [grifo meu]

<sup>111</sup> COSTA, Lucio. Prefácio. In: *Rodrigo e seus tempos...*, 1986, p. 09.

<sup>112</sup> Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Gilberto Freyre de 27 de janeiro de 1934. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. Observação: as cartas do intelectual mineiro ao amigo do Recife foram a mim cedidas em formato digital por Gilberto de Mello Freyre Neto em julho de 2008.



o grande livro que Schmidt acaba de lançar[:] Casa-Grande & Senzala de Gilberto Freyre”<sup>113</sup>.

Ademais, outros detalhes são acrescentados por Franco de Andrade: “a edição não tardará a esgota-se”, afinal, “ela foi somente de 3.000 exemplares, segundo me informou o Schmidt.” Ainda de acordo com Franco de Andrade, o livro esgotará com rapidez a partir do momento em que “as críticas autorizadas ou ruidosas” aparecerem com uma frequência maior. E completou dizendo: “de Recife e de São Paulo já mandaram pedir novas remessas ao seu Maia”<sup>114</sup>.

Com o objetivo de reverter a situação, os amigos do autor irão aos jornais do Rio de Janeiro plantar a importância do *Casa-Grande...* . “Quando nos referimos à tradição,” observa Michel Foucault, “o nome não é suficiente como marca individual.”<sup>115</sup> A condição de autor de Gilberto Freyre vincular-se-ia, em parte, à categoria, volto a citar Foucault, de “unidade estilística”<sup>116</sup>. A crítica ia, paulatinamente, distinguindo o livro de Freyre dos modos de escrita e de uso das “palavras” até então em voga sobre a interpretação do que era o Brasil.

Se o nome não basta à “definição” de um autor, a crítica, às vezes aguda, às vezes ponderada, contribui para fazê-lo. A inserção do nome de Gilberto Freyre no cânone “de mentor geral da inteligência nacional”<sup>117</sup>, proporcionada pelos amigos, ou os críticos, colaborou para evidenciar o que Foucault chamava de “unidade estilística”. Aspecto que, na fala de Flavio de Campos, pareceu saliente a partir do critério de comparação da escrita mais impessoal em relação àquela mais ensaística: a distinção entre o estabelecido e a novidade incômoda.

---

<sup>113</sup> Anúncios publicitários lançados na imprensa carioca. A identificação dos periódicos, pois, não foi possível uma vez que não estão nomeados no caderno de recortes de jornais sob a guarda do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>114</sup> Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Gilberto Freyre de 27 de janeiro de 1934. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>115</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?...*, 4ª ed., 2002, p. 53.

<sup>116</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?...*, 4ª ed., 2002, p. 52.

<sup>117</sup> CAMPOS, Flavio de. ‘Edições brasileiras’. *Diretrizes*, 29 de janeiro de 1942. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

O que acontece é que Gilberto Freyre entrou agora numa boa corrente (corrente é geração e algo mais), mas a verdade é que o principal motivo de seu sucesso é estar a divulgar coisas de um cientismo<sup>118</sup> muito de ultima hora, e que lhes faltam o método e a clareza mediana de um esquecido Oliveira Vianna, por exemplo, menos literato e mais professor que o de hoje, e tão injustamente apedrejado e preterido.<sup>119</sup>

Antes da publicação em cadeia dos seus livros, Gilberto Freyre publicou-os com um selo ou outro. E foi com o transpasse dos anos, e das edições seguidas de seus livros, que o cânone de “mentor” foi sendo-lhe associado. Rodrigo Melo Franco de Andrade, como de costume, o intermediador das negociações entre o autor e as editoras, tributou para este fim. Após o lançamento de *Casa-Grande...* e, conseqüentemente, da ampliação da imagem do escritor perante a crítica e o leitores, surge o convite para a chegada à livraria do *Sobrados e Mucambos*. No ano de 1934, “o escritor Ribeiro Couto, responsável pela Editora Civilização Brasileira, ‘braço’ carioca da Companhia Editora Nacional, pedia”<sup>120</sup> que Franco de Andrade intervisse em favor do selo para que Freyre o escolhesse para a publicação do trabalho que dava continuidade ao *Casa-Grande...* .

As negociações foram adquirindo estatura. Em 21 de maio de 1934, Franco de Andrade comunica a Freyre que alguns pontos, a exemplo da definição do título do livro, deveriam constar em contrato: “o que há de mais importante a resolver entre vocês é a questão do título, uma vez que ele acha ruim o que V. escolheu”. Para a concretização ensejo, o contrato de direitos autorais, por exigência de Ribeiro Couto, tinha que prever que “o título do livro

---

<sup>118</sup> Leia-se: cientificismo.

<sup>119</sup> CAMPOS, Flavio de. ‘Edições brasileiras’. *Diretrizes*, 29 de janeiro de 1942. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [grifos meus] Nos bastidores da amizade, o pintor Cícero Dias afirmava o seguinte sobre Gilberto Freyre: “Gilberto falava inglês corretamente, conhecia muito literatura inglesa, era talvez o único escritor brasileiro que já tinha lido o *Ulysses* de James Joyce.” [DIAS, Cícero *Apud* WERNECK, Humberto. *O santo sujo: a vida de Jayme Ovalle...*, 2008, p. 188.]

<sup>120</sup> FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras...*, 2010, p. 139.

será dado pelo autor da obra, mas de modo a não contrariar a orientação da Editora”.<sup>121</sup>

Com a ampliação das editoras no mercado consumidor de livros, os contratos de direitos autorais também dilataram. Mesmo que fossem cambiantes, diziam com propriedade quais funções, direitos e deveres cabiam às partes em alinhamento de acordo. É certo que a projeção de Gilberto Freyre como escritor, resvalaria nas vendas das edições acolhidas no catálogo do selo que, por ventura, viesse a cancelá-lo. E, paralelamente, institui aquele que lida com “os procedimentos de produção de textos” e aquele que arca com a “produção de livros”<sup>122</sup>.

As cartas destinadas a Rodrigo Melo Franco de Andrade atribuíram-lhe a função de amigo promotor de ideias, de projetos em vias de realização. Na carta de 15 de novembro de 1932, transcorre-se:

Meu caro Rodrigo:

Um grande abraço em você e por seu intermédio abraço com saudade os amigos daí. Diga a Baby Flag que recebi os livros que tinham ido parar em Santa Teresa. Aqui, e parece que noutros pontos desta grande República na qual outubro de 1930 foi despertar tantas reservas adormecidas de Civismo, continua ambiente safado: estão com carta branca para fazerem o que entenderem do Recife, da gente, das casas, de tudo. Desculpe escrever a lápis.<sup>123</sup>

A escrita do *Casa-Grande...*, dividida em etapas por conta das circunstancialidades, colocou Rodrigo Melo Franco de Andrade na posição de paciente interlocutor entre o autor e o editor. A mediação de Franco de Andrade, portanto, no ir e vir das cartas, foi atualizada pelo autor, em particular, dadas as notícias decorridas da feitura do livro vindouro: “estou com mais setenta páginas datilografadas, prontas – mal datilografadas, é certo. O fim do 1º capítulo, o 2º e começo do 3º.” E ainda: “peço-lhe recomendar cuidados em respeitarem a ortografia das transcrições.” O tempo está na escrita. As

---

<sup>121</sup> Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Gilberto Freyre de 21 de maio de 1934. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>122</sup> CHATIER, Roger [Org.]. Do livro à leitura. In: *Práticas da leitura...*, 5ª ed., 2011, p. 96.

<sup>123</sup> Carta de Gilberto Freyre para Rodrigo Melo Franco de Andrade, de 15 de novembro de 1932. *Cartas do Próprio Punho...*, p. 247.

palavras e suas decorrências estéticas convertem-se na imagem do tempo: o passado evocado pela palavra.

Outra coisa, o título do livro já não fica aquele, mas este, menos popular e mais *scholarly*: 'Vida sexual e de família no Brasil escravocrata'. Talvez seja melhor não anunciar nada por ora; mas é este o título. Adeus e outro abraço do Gilberto<sup>124</sup>.

As cartas escritas por Gilberto Freyre, em particular às destinadas a Rodrigo Melo Franco de Andrade, apresentam-se com alguma expansão. São longas. Munidas de lembranças, menções aos amigos em comum. São constituídas pela variação no feitio de assinar e referendar autoria: às vezes "Gilberto"; às vezes "Gil."; outras vezes "G.". As formas de assinar dizem do estado de escrita imposto pelas circunstâncias de tempo e de assunto central nelas inscritos e, inclusive, no aspecto aparente do papel. Cartas que, dependendo da deferência ao portador, justificam as circunstancialidades ao serem escritas, a extensão do conteúdo e de composição da forma.

E sobre a expectativa de findar o *Vida Sexual e de Família no Brasil Escravocrata*, ou melhor, o *Casa-Grande & Senzala*, Gilberto Freyre, no dia 20 de janeiro de 1933, atualiza Franco de Andrade de mais um envio, sob os cuidados de um portador, de pedaços do livro: "o portador deste bilhete (desculpe o papel: o único que por agora existe no Carrapicho) é o meu bom amigo, jovem e já vitorioso médico, José Robalinho Cavalcanti". E logo completa as referências: ele se "casa hoje com uma moça, de família também muito amiga minha, e que hoje mesmo segue para a Europa, via Rio. Viagem de núpcias e ao mesmo tempo de estudos."<sup>125</sup>

O portador é gradualmente referendado e crivado de camaradagens. O portador idôneo ao traslado do livro. Era José Robalinho Cavalcanti um viajante resguardado por um convênio do Estado de Pernambuco para estudar "problemas de assistência a crianças." No entanto, a carta não aborda apenas

---

<sup>124</sup> Carta de Gilberto Freyre para Rodrigo Melo Franco de Andrade, de 15 de novembro de 1932. *Cartas do Próprio Punho...*, p. 248. [grifo meu]

<sup>125</sup> Carta de Gilberto Freyre para Rodrigo Melo Franco de Andrade, de 15 de novembro de 1932. Em *Cartas do Próprio Punho...*, p. 247.

os trâmites do livro, mas também os impulsos políticos que envolviam a família de Gilberto Freyre, incididos pela Revolução de 1930: “semana passada fui chamado à polícia porque na noite anterior dissera desaforos contra o interventor daqui a cinco investigadores de polícia que pararam o carro”.

meu Pai disse o diabo, mas meus desaforos foram o que V. pode imaginar de pior. Meu Pai não foi chamado. Bigodão<sup>126</sup> foi, mas mandado logo embora. Enfim, foi um incidente divertido. Roubou-me um dia ao livro. Este termino-o mesmo em janeiro. E penso que numa semana – a 1º de fevereiro – termino todo o trabalho de cópia. De modo que em abril pode estar na rua Casa Grande & Senzala. Abraços em Baby Flag, Prudente, Sérgio. Um grande abraço do Gilberto.<sup>127</sup>

Dentre as preocupações de Gilberto Freyre durante o processo de escrita do *Casa-Grande...* está a sincronicidade narrativa: a relação entre o oral e o escrito. A expressão *scholarly*, externada na carta de 15 de novembro de 1932, na atribuição de inferir sobre o título definitivo do livro, ou na iminência de sê-lo, aporta nas discussões dos intelectuais do círculo mais ou menos próximos ao de Gilberto Freyre. É demasiado sabido que ele, no curso das várias edições do *Casa-Grande...*, aventou responder e rebater críticas; de rever, acrescentar e suprimir parágrafos e demais “apensos” da estrutura do texto. Também é sabido que mais do que um jogo de opostos – “entre a fala culta e a popular”<sup>128</sup> – o embate de conciliações entre as balizas da oralidade e as da dimensão letrada – ou letramento – em Gilberto Freyre fora uma preocupação recorrente. O *Casa-Grande...*, em linhas gerais, é um “jorro coloquial”<sup>129</sup> sobre o Brasil. Um Brasil dos inícios do governo Getúlio Vargas: vigilância, censura, perseguições, coligações. Providências foram, para tanto, formuladas.

O historiador Boris Fausto nos traz o detalhe, informando que “os quadros militares eram parte de um problema, mas constituíam também parte

---

<sup>126</sup> Apelido do irmão de Gilberto Freyre, Ulisses.

<sup>127</sup> Carta de Gilberto Freyre para Rodrigo Melo Franco de Andrade, de 20 de janeiro de 1933. Em *Cartas do Próprio Punho...*, p. 250.

<sup>128</sup> MATTA, Carmen da. Nota filológica sobre o estabelecimento de texto. In: *Casa-Grande & Senzala – Edição Crítica*. São Paulo: Fundação Vitae; Paris: Allca, 2002, p. XXXI.

<sup>129</sup> QUINTAS, Fátima. Em tom de confissão. In: *De Menino a Homem: de mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos*. São Paulo: Global, 2010, p. 15.

da solução.” No raio de interesses do início do governo de Getúlio Vargas, os militares adquiriram “mão forte”: particularmente atribuída “aos ‘tenentes’”, nomeados para os cargos de interventoria e demais funções públicas. Havia “entre Getúlio e os tenentes”, não custa destacar, “uma combinação de pragmatismo e convicção ideológica”. Além, é claro, do desejo comum de afastar, tanto quanto possível, os políticos da administração do Estado para, portanto, abrir espaço à prática administrativa aos ‘governos técnicos’, à tecnocracia. Estes, por sua vez, alimentados pelo discurso de reconhecimento pelas supostas “qualidades” que provinham. Capazes, enfim, de “realizar suas tarefas acima das injunções de partidos e facções. Desse modo, as interventorias militares teriam um papel preponderante na subordinação das oligarquias no Norte e Nordeste”.<sup>130</sup>

Seria negligência da minha parte negar que Gilberto Freyre, após a acomodação dos rompantes políticos dos inícios da década de 1930, não tomara proveito do Estado estabelecido. Fato sem ineditismo, portanto. Mas, de todo modo, válido ao entendimento do processo de interpretação da chegada do *Casa-Grande*... às prateleiras das livrarias. O discurso de apelo à identidade nacional na diversidade acenou para o aproveitamento da tese do livro de 1933: a miscigenação como marco da unidade nacional.

As bonanças e desventuras dos manuscritos, uma vez finda a escrita, sob os cuidados da portadora Anita Paes Barreto, “naqueles dias muito ligada a Ulysses Pernambucano de Mello,” psiquiatra e primo de Gilberto Freyre, quase os deixara cair na água, ao embarcar no vapor com destino ao Rio de Janeiro. O episódio teatral, comum aos escritos de Freyre, somou ao livro, quando dos relatos posteriores à sua publicação, a aura da preciosidade e do esforço incondicional desprendido para concretizá-lo.

Gilberto Freyre ressalta que, se a queda do calhamaço tivesse ocorrido, “teria sido perda total de um penoso trabalho de vários anos, pois com o autor não ficara cópia: só existiam os originais”. E, inclusive, “parte deles datilografados”. Trabalho, o de datilografar, ao qual prestou-se Luís Jardim:

---

<sup>130</sup> FAUSTO, Boris. Os primeiros anos de governo: o poder e a incerteza. In: *Getúlio Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 59. [Coleção Perfis Brasileiros]

“então residente no Recife e recém-casado com môça, além de exemplar, rica”.<sup>131</sup>

Havia entre os amigos de Gilberto Freyre o cultivo da deferência solene. Rodrigo Melo Franco de Andrade foi um dentre os nomes. Em carta, datilografada e remetida do Rio de Janeiro, de 12 de dezembro de 1936, agradece “muito affectuosamente pelo exemplar de ‘Sobrados e Mucambos’ que [Freyre] [...] teve a bondade de [...] mandar por intermedio de Zé Lins”. E completou, dizendo: “farei encadernar agora [...] com muito maior prazer, por se tratar de volume com dedicatória”<sup>132</sup>. O valor do livro, não obstante às propensões que o fomentava, consistia sobremaneira nos “créditos” concedidos aos amigos: o livro na pátina da trama social.

E sobre o *Estrela da Manhã*, tratando dos subscritores do volume, Rodrigo Melo Franco de Andrade, acentuou: “o livro de Manuel Bandeira deve aparecer por estes poucos dias. Logo que esteja prompto providenciarei para remetter o seu exemplar e o do Olivio. Recebi por intermedio do Zé Lins a sua contribuição e a delle.”<sup>133</sup> O livro ao ser publicado, para assim erigir-se um autor, perpassava tanto a versão publicizada pela crítica quanto à fomentada pelas estratégias de divulgação da editora ao conceder-lhe sua marca: o livro como feito individual. No entanto, o objetivo de tornar concreto um livro decorria, inclusive, pela convergência de esforços. Reservadas as devidas distinções, assim o foi quando da publicação do *Estrela da Manhã* e do *Casa-Grande & Senzala*.

Rodrigo Melo Franco de Andrade devotou ao amigo o espírito de incentivo e colaboração. Nome importante, junto ao de Gastão Cruls [1888 – 1959], na recomposição dos direitos autorais absolutos de Gilberto Freyre sobre o *Casa-Grande...* em 1940 (antes sob a tutela do seu primeiro editor: Frederico Augusto Schimidt). Quando da então quarta edição “definitiva” do livro primeiro de Freyre, Rodrigo Melo Franco de Andrade é citado com

---

<sup>131</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo...*, p. 135-136.

<sup>132</sup> Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Gilberto Freyre, de 12 de dezembro de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>133</sup> Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Gilberto Freyre, de 12 de dezembro de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

deferência por ter cedido, na qualidade de diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, “novas fotografias de casas-grandes de várias áreas brasileiras”<sup>134</sup>. Manuel Bandeira, por conseguinte, inscrevera o burocrata mineiro também como audaz promotor dos víveres dos escritores: os livros visceralmente desejados.

Bandeira, em carta de 08 de agosto de 1938, atualizara Gilberto Freyre sobre os encaminhamentos dos livros que elaborava e em que estagio encontravam-se: “Gilberto, recebi o retrato, que achei ótimo. Obrigado. A Antologia dos Parnasianos está quase a sair.” E, mais à frente, diz que o que “vai ficar uma beleza é o guia de Ouro Preto, graças à colaboração de nosso Jardim, que fez ótimo trabalho: 21 hors-texte<sup>135</sup> e 24 ilustrações no texto.” A atualização de detalhes que implicavam na rotina de acompanhamento, mesmo que à distância, dos pormenores da confecção de um livro. Além da disputa entre vaidades: os intelectuais e seus refinamentos.

Os desenhos foram reproduzidos em lito-fotogravura e ficaram exatamente iguais aos originais. Anteontem eu e o Rodrigo estivemos fazendo a paginação. Dentro de dois meses sairá. Adeus, magro. Recomende-me aos seus, e abraçe o velho<sup>136</sup>[,]  
Flag.

Um esforço para somar com os amigos. Amigos que também foram perenes à autoafirmação freyriana. Foram potenciais certezas na trajetória individual de Gilberto Freyre. É o que aparenta ter sido Rodrigo Melo Franco de Andrade. Mineiro de Belo Horizonte, nasceu a 17 de agosto de 1898. No ano de 1936, a convite de Gustavo Capanema, assume a direção do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, deixando a instituição no ano de 1967. E, em 1969, falece na cidade do Rio de Janeiro. Autor do livro de contos, *Velórios*; e colaborador da revista *Estética*: periódico aclimatado pelo “movimento modernista”. Um adepto da premissa que apregoava ser possível

---

<sup>134</sup> Do prefácio à quarta edição do *Casa-Grande...*. [FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala...*, 1943, p. LXXXIV.

<sup>135</sup> Palavra de origem francesa. *Hors-texte*: gravura, desenho, separada do texto. Externa ao texto. [Grifo meu]

<sup>136</sup> Menção ao pai de Gilberto Freyre, Alfredo Freyre.



“integrar os valores culturais na vida pública de nosso país”<sup>137</sup> tracejando-os nos “monumentos naturais, bem como [nos] sítios e paisagens que importa conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana.”<sup>138</sup>

As cartas entre Gilberto Freyre e Rodrigo Melo Franco de Andrade mostram indícios da composição de uma rede de projeções sociais articulada pelas trocas, favores e acordos. Acordos de trocas morais, de vínculos e códigos postulares. Na troca de cartas, [com]partilharam seus apelos de convencimento, seus instrumentos de projeção de indivíduos com papéis definidos, e de proeminência, na dinâmica da trama social a qual estavam vinculados.

Em carta, datilografada, de 29 de abril de 1939, Rodrigo Melo Franco de Andrade lamenta os desamparos do cotidiano e da falta de tempo para escrever cartas com maior afinco, como também discorre sobre os preparativos finais do livro *Um engenheiro francês no Brasil*, publicado pela Livraria José Olympio Editora, em 1940. A esposa de Rodrigo Melo Franco de Andrade, d. Lúcia, traduziu o diário do engenheiro francês, Louis Lèger Vauthier, que esteve no Recife em meados do século XIX, encontrado por Paulo Prado em Paris e entregue aos cuidados de Gilberto Freyre que, ao “descobrir a autoria” da “obra”,<sup>139</sup> significou para ele, “em parte,” também ser o “autor daquele livro”.<sup>140</sup> E assim o foi.

Para Gilberto Freyre, a posição de Rodrigo Melo Franco de Andrade sugeria ser privilegiada. Leia-se, melhor dizendo, posições: primeiro, estava ele na capital federal; segundo, e não menos importante, detinha o poder de articulação necessária às intenções do escritor residente em capital de

---

<sup>137</sup> ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Trigésimo Aniversário da Semana de Arte Moderna – Rodrigo M. F. de Andrade Recorda um Manifesto que Sérgio Buarque Perdeu. In: *Rodrigo e seus Tempos*. Rio de Janeiro: MinC/Fundação Nacional Pró-Memória, 1986, p. 238.

<sup>138</sup> ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Programa. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – 60 anos: a Revista*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN, nº 26, 1997, p. 22-23.

<sup>139</sup> Leia-se, preferencialmente, cartas e textos.

<sup>140</sup> BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. *Abraço através do Atlântico...*, 2011, p. 76.

província. Homem dos trâmites burocráticos, Franco de Andrade articulava-se em favor do amigo.

A condição de autor exercida por Gilberto Freyre impunha-lhe a ansiedade de ver materializado os livros que assinava. Não foi diferente quando do processo de publicação de *Um engenheiro francês no Brasil*. Franco de Andrade, em resposta às sucessivas correspondências remetidas por Freyre, não se recusa a dizer que estava vivendo “de tal maneira apertado pelos trabalhos de cada dia que” vinha se “tornando impossível” até mesmo “manter” a “regularidade na correspondência.” Confirmava o recebimento de uma carta do escritor “acrescida de varios recados avulsos.”<sup>141</sup>

Entre a reclamação de praxe e o assunto central da carta, concluiu dizendo:

se eu não conseguir arranjar um secretario inteligente e ativo para a repartição, não poderei absolutamente dar conta satisfatoria do meu trabalho. Gostei muito do seu prefacio e das notas para o diário do Vathier. Dentro de poucos dias os originais serão entregues ao serviço grafico. O que você esqueceu de mandar dizer foi o titulo, que lhe parece melhor para o volume. O titulo e o sub-titulo, caso você julgue que ha necessidade deste. Muitas recomendações ao Dr. Freyre, Ulysses e todos os seus. Abraço do seu Rodrigo.<sup>142</sup>

\*\*\*

No exílio, Gilberto Freyre escreve para Manuel Bandeira dizendo da sua oscilação emocional com pesar. A carta é de 04 de dezembro de 1930. Anos mais tarde, o sentimento é de revalorização do exílio. No prefácio à primeira edição do *Casa-Grande...* as lamurias confessadas ao amigo adquiriram projeção menor. Versões assumidas pelo mesmo homem em momentos e

---

<sup>141</sup> Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Gilberto Freyre de 29 de abril de 1939. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>142</sup> Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Gilberto Freyre de 29 de abril de 1939. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

experiências distintas. Na carta, a fragilidade da pessoa; no prefácio, o ímpeto que da autoridade da escrita anunciava: “em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio. Levou-me primeiro à Bahia; depois a Portugal, com escala pela África. O tipo de viagem ideal para os estudos e as preocupações que este ensaio reflete”<sup>143</sup>.

O Gilberto Freyre correspondente de Manuel Bandeira e Rodrigo Melo Franco de Andrade aparentava maior fragilidade. Despojamento. Sobre os dias de exílio em Portugal, escreveu, do Consulado do Brasil, na cidade de Lisboa, em 04 de dezembro de 1930:

Dearest Baby Flag:

Há um mês que estou aqui. Vim acompanhando o Estácio que me pediu que viesse com ele. Eu ia ficar no convento dos Franciscanos na Bahia – mais perto do meu querido Recife. Já sabe talvez de tudo, meu caro Bandeira, meu querido Manuel – minha casa saqueada e incendiada. Uma desgraça. Mas há de ser o que Deus quiser. Não há senão aceitar as coisas – talvez mais muçulmanamente do que à maneira cristã. Aqui estou <<emigrado>> como em qualquer romance russo.<sup>144</sup>

O exílio nas cartas e o exílio nos textos de promoção do *Casa-Grande...*, distinguem-se. Refiro-me, com destaque, ao prefácio à primeira edição do livro e ao capítulo ‘Como e porque escrevi Casa-Grande & Senzala’, constante no livro *Como e porque sou e não sou sociólogo*, de 1968. Tanto na primeira quanto na segunda instâncias, Gilberto Freyre ameniza as dificuldades, levando o leitor à crença de que as etapas de escrita e feitura do livro passaram pelas dificuldades sem maiores desalentos. O prefácio, pois, passa, ainda mais, a emitir a dissimulação intentada pelo autor.

A imagem de autor sempre intacto, nos já citados textos sobre a concepção do livro de 1933, ampliara-se com o advento da autobiografia intencionada que, adversamente, se diferenciava da experiência vivida pelo então jovem escritor. Em uma das cartas destinadas a Manuel Bandeira, manifestou suas lástimas de expatriado: “veja, seu Baby Flag, eu a fugir do

---

<sup>143</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Casa-Grande & Senzala...*, 2001, p. 43.

<sup>144</sup> Carta de Gilberto Freyre para Manuel Bandeira, de 04 de dezembro de 1930. In: *Cartas do próprio punho...*, p. 155.

sentimental, do dramático – e creia que nestes dois anos o sentimental e o dramático não têm outra coisa senão me perseguirem.”<sup>145</sup> No entanto,

não hão de vencer. Não tivesse eu mais *humour* que mesmo lirismo luso-brasileiro. Vai para V. meu caro Baby Flag, que é dos meus amigos um daqueles em quem mais tenho pensado nas minhas saudades de quarto de hotel, um grande abraço. (Muitas vezes me surpreendo a dizer baixinho << Me dá alegria, Santa Terezinha!). Peço-lhe também que abrace por mim os bons amigos Blanck, especialmente a colaboradora da *Província*, Prudente e Inah, Dodô, Ovalle, Rodrigo. Do Gilberto<sup>146</sup>.

Gilberto Freyre, na introdução à primeira edição de *Casa-Grande & Senzala* atribuiu a Rodrigo Melo Franco de Andrade o papel de incentivador. Após referendar os diversos colaboradores do livro, reconhece ele: “Um nome me falta associar a este ensaio: o do meu amigo Rodrigo M. F. de Andrade. Foi quem me animou a escrevê-lo e a publicá-lo.”<sup>147</sup> Sentimento de gratidão também inscrito nas cartas; traçado por elas. Instâncias – as cartas – nas quais Gilberto Freyre alocara Franco de Andrade na esteira da intermediação junto ao editor no Rio de Janeiro: “meu caro Rodrigo: o que for decidido, de acordo com V. e Bandeira – está muito bem”<sup>148</sup>.

*Casa-Grande...* contou com passagens tortuosas durante à sua composição. As cartas de Gilberto Freyre ao amigo mineiro nos permite esta leitura. Datam dos anos de 1932, 1933, 1935 e três delas não apresentam datação, mas mantêm relação direta com o conteúdo e temporalidade das primeiras: a fase em que Freyre vendera livros e frutas; e reclamava dos serviços de datilografia a ele prestados; dos dias de módica alimentação. Mantenedoras de segredos, mas, quando foram convenientes à constituição da trajetória [auto]biográfica exemplar os mesmos sigilos figuraram, a despeito da

---

<sup>145</sup> Carta de Gilberto Freyre para Manuel Bandeira de 04 de dezembro de 1930. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>146</sup> Carta de Gilberto Freyre para Manuel Bandeira de 04 de dezembro de 1930. Consta no *Cartas do Próprio Punho...*, 1978, p. 155.

<sup>147</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala...*, 2001, p. 66.

<sup>148</sup> Carta de Gilberto Freyre a Rodrigo Melo Franco de Andrade de 17 de junho de 1933. *Cartas do Próprio Punho...* p. 251.

publicação do livro *Cartas do Próprio Punho...*, de 1978, como revelações de consagração intelectual e, sobretudo, pessoal.

Ângela de Castro Gomes lembra que os segredos reservados às cartas em certos casos querem ser invioláveis. Fator passível de recorrência porque “[...] elas podem ser cuidadosamente guardadas pelo destinatário, como um bem de valor afetivo incomensurável, como um ‘objeto de memória.’<sup>149</sup> No caso de Gilberto Freyre este é um princípio válido. E completa a historiadora o raciocínio sobre as possibilidades de apropriação missivista; sobre os vínculos que os segredos partilhados impõem e velam:

não é incomum que, justamente pelas mesmas razões, elas sejam destruídas (até a pedido do remetente) ou sejam mantidas a distância de qualquer outro leitor, como se uma aproximação indevida pudesse implicar invasão de privacidade, não importando a distância decorrida entre o momento da escrita da carta e o da leitura efetuada<sup>150</sup>.

O valor da amizade, do lastro de suas trocas, carece de cumplicidade; exige lealdade. As cartas entre Gilberto Freyre e Rodrigo Melo Franco de Andrade dizem o que não é dito sobre homens públicos. Revelam fragilidades e incertezas de homens que foram blindados e banhados pelas letras hiperbólicas, eufêmicas e harmoniosas de seus biógrafos. As cartas dizem o que não conseguimos associar como imagens definidoras do autor de *Casa-Grande...* ou do diretor do SPHAN: como se fossem imagens de homens projetados para além de suas humanidades, de suas incertezas.

\*\*\*

Darcy Ribeiro, ao escrever o prólogo à edição venezuelana do *Casa-Grande...*, identificava nos ensaios do escritor dos deleites do açúcar:

---

<sup>149</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si...*, 2005, p. 07.

<sup>150</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si...*, 2005, p. 07-08.

em torno dele se orchestra um culto que Gilberto preside contente e insaciável. Apesar de mais badalado que ninguém, é ele quem mais se badala. Abre seus livros com apreciações detalhadas sobre suas grandezas e notícias circunstanciadas de cada pasmo que provoca pelo mundo afora<sup>151</sup>.

O ano, 1932. Escreve Gilberto Freyre a Rodrigo Melo Franco de Andrade. O amigo modernista, esclarece ele, sem o peso dos “ismos”. É correspondência sobre os aprestos do *Casa-Grande...* . “Rodrigo: estou há muito tempo sem notícias suas. Mas antes de qualquer coisa: vai nova porção do livro.”<sup>152</sup>

Freyre, por certo, não esperava tamanha apropriação de seu *Casa-Grande...* que, nos princípios dos anos de 1930, marcava os passos de uma escrita em meio às inconstâncias. É o que, nas passagens da mesma carta, identifico: “o portador é o meu primo e amigo de quem lhe tenho falado: Ulysses Pernambucano. Há um mês que estava essa maçaroca pronta, à espera de portador [...] que agora surgiu [...] na pessoa de Ulysses.”<sup>153</sup>

À procura de portador, com a devida frequência, esteve Gilberto Freyre. Ulysses Pernambucano de Mello, o primo da casa acolhedora, também foi um entre os demais. Mais um nome à corrida, em etapas, tortuosa para a publicação do *Casa-Grande...* .

Ulysses leva-lhe também um grande e saudoso abraço meu. Estou com outra porção do livro quase pronta para seguir. Alheando-me o mais possível do desagradável ambiente brasileiro tendo trabalhado intensamente no livro – com exceção de certos dias que sempre me

---

<sup>151</sup> “E é sempre o escritor, o estilista quem comanda a escritura. Quase sempre com fidelidade à ciência, retesando a linguagem para obrigá-la a servir ao conteúdo, mas cuidando-se muito mais do que se permitiria qualquer escritor simplesmente ensaísta ou tão-somente científico. É verdade que muitas vezes o leitor atento fica com o sentimento de que é logrado. Assim ocorre quando Gilberto decide demonstrar suas teses pela negação, como no seguinte caso: ‘Não que o português aqui tivesse deparado em 1500 cm uma raça de gente fraca e mole, incapaz de um maior esforço do que o de caçar passarinhos com arco e flecha. Nada disso.’” [RIBEIRO, Darcy. Gilberto Freyre: um introdução à Casa-Grande & Senzala. In: *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 11.]

<sup>152</sup> Carta de Gilberto Freyre para Rodrigo Melo Franco de Andrade de 04 de novembro de 1932. In: *Cartas do Próprio Punho...*, p. 247.

<sup>153</sup> Carta de Gilberto Freyre para Rodrigo Melo Franco de Andrade de 04 de novembro de 1932. In: *Cartas do Próprio Punho...*, p. 247.

chegam, durante os quais é-me quase impossível fazer outra coisa senão procurar esquecer tudo – inclusive a mim próprio que sou às vezes uma companhiazinha bem desagradável e impertinente de mim mesmo<sup>154</sup>.

Lembro que a frase “alheando-me o mais possível do desagradável ambiente brasileiro...”<sup>155</sup> diz com significância sobre a fase política de Gilberto Freyre. Fase a qual, a partir de 1926, o tornaria assessor direto do governador de Pernambuco Estácio Coimbra e, poucos anos depois, um perseguido no limiar da Revolução de 1930. Em passagem do *Tempo Morto e outros Tempos...*, anotara ele: “dois grandes líderes da oposição a Washington Luís e a Júlio Prestes: Antônio Carlos e Getúlio Vargas levantariam a candidatura Estácio Coimbra à Presidência da República como candidato de conciliação.” Mas, para concretizar a proposta, o Presidente da República, Washington Luís, não deveria continuar a apresentar o candidato de sua preferência: Júlio Prestes. Este, porém, só foi anunciado como concorrente a partir do momento em que a oposição deixou de ter um nome próprio na disputa para apoiar o nome da situação.

Poderiam Antônio Carlos e Getúlio Vargas contar com plano conciliador? Estácio não teria que mover uma palha, é claro. Estácio recusou. Vamos, assim, para uma situação quase de guerra civil. E deixa Pernambuco de ter, pela primeira vez, a Presidência da República, que tanto lhe cabe<sup>156</sup>.

Segundo Gilberto Freyre, com a recusa de Estácio Coimbra, o estado político do Brasil inspirava cuidados. E, com o assassinato de João Pessoa, em uma confeitaria da Rua Nova, na área central do Recife, a situação política de Coimbra não se manteria. Os anúncios de jornais no Rio de Janeiro, afirmando que a morte de Pessoa era um crime político, complicariam a imagem do governante de Pernambuco: “a verdade é que foi crime por motivo

---

<sup>154</sup> Carta de Gilberto Freyre para Rodrigo Melo Franco de Andrade de 04 de novembro de 1932. In: *Cartas do Próprio Punho...*, p. 257.

<sup>155</sup> Carta de Gilberto Freyre para Rodrigo Melo Franco de Andrade de 04 de novembro de 1932. In: *Cartas do próprio punho...*, 1978, p. 258.

<sup>156</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos...*, 2006, p. 331.

personalíssimo. Tudo conseqüência da política cretina que está sendo seguida pelo Presidente da República com relação à Paraíba. Ele está sendo apontado como responsável pelo assassinato. Um absurdo.”<sup>157</sup>

A escrita do *Casa-Grande...*, na “paragem” dos anos de 1931 a 1933, abalizou-se pelo exílio de seu autor em Lisboa e o cerco à casa dos Freyre durante a “Revolução de 1930”. O “cárcere” do exílio e em seguida a reclusão de Gilberto Freyre na casa do primo Ulysses Pernambucano de Mello e depois na do irmão no Sítio do Carrapicho são, nos anos de escrita do *Casa-Grande...*, imperativos da ausência. Na primeira parada rumo ao exílio, aportado na cidade de Salvador, assinalou Gilberto Freyre no seu diário: “que posso dizer, sob a impressão da notícia que me acabam de dar: a de que a casa da minha família foi saqueada e queimada.”<sup>158</sup> Sentimento resvalado e desvelado nas cartas a Rodrigo Melo Franco de Andrade. Logo, nas cartas, os instantes de assumida melancolia, os de “procurar esquecer tudo”, era “questão”, confessou Freyre ao amigo mineiro, “de higiene mental: não estivesse eu morando com um psiquiatra...”.<sup>159</sup> Era questão de necessário autocontrole:

terminados os 04 capítulos, o último posso deixar para escrever aí e conto estar pisando asfalto de metrópole aí para começos de dezembro. Vamos ver. Não quero ter plano senão terminar, mas com certa decência, este livro<sup>160</sup>.

O tempo de escrita do artefato carta tem no papel os imperativos das demarcações, dos limites ponderáveis. A aurora do *Casa-Grande...* é o fim almejado. Escrever cartas, no limiar das angustias, fez de Gilberto Freyre um pêndulo entre as inconstâncias da escrita de uma obra e o acalanto amigo: ausências imperiosas ante o livro inconcluso, ao tempo de respostas das cartas, às intempéries políticas e às incertezas econômicas do jovem escritor de pouco mais de trinta anos.

---

<sup>157</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos...*, 2006, p. 335-336.

<sup>158</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala...*, 2001, p. 336.

<sup>159</sup> Carta de Gilberto Freyre para Rodrigo Melo Franco de Andrade de 04 de novembro de 1932. *Cartas do próprio punho...*, 1978, p. 257.

<sup>160</sup> Carta de Gilberto Freyre para Rodrigo Melo Franco de Andrade de 04 de novembro de 1932. *Cartas do próprio punho...*, 1978, p. 257.



Se o intróito à primeira edição do *Casa-Grande...* fez legítima a imagem de um Gilberto Freyre desenvolvido frente às adversidades de sua primeira juventude, as cartas, por sua vez, emolduram flâmula distinta. Freyre traduziu o exílio como anedota da vida; como gracejo da [auto]biografia. As cartas, no entanto, desvelam-se como “nódoas” das transformações e sobressaltos da vida do escritor. Cartas que, no estado de fruição do tempo de quem as escreveu, carregam em si experiências – fragmentadas – dos momentos que as assentaram.

### 1.3 – [Re]escrita e [re]edição

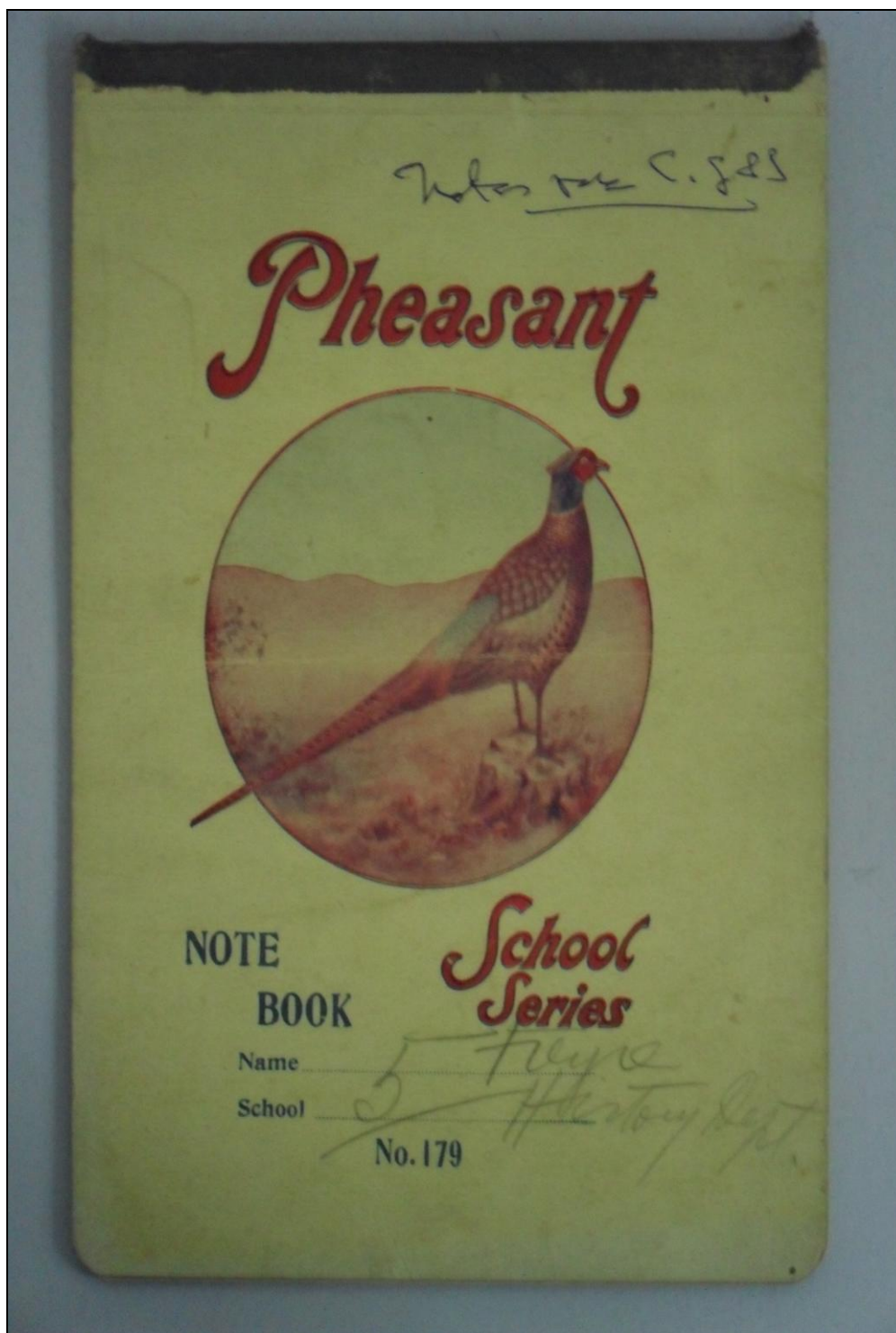
No final dos anos de 1920, quando o *Casa-Grande...* era só um esboço, Gilberto Freyre escreveu a Manuel Bandeira para “confidenciar” um assunto que desejava que ficasse “encoberto dos literatos.”<sup>161</sup> Desejava adquirir um vasto referencial bibliográfico concernente à “vida íntima do Brasil” que, para ser estudada, “sob o ponto de vista psicológico e histórico,” tinha muito a dizer sobre a base de uma sociedade: “a família”. A carta, de 1929, “com a nota de confidencial”, foi escrita em papel timbrado do “Gabinete do Governador do Estado de Pernambuco”<sup>162</sup>.

---

<sup>161</sup> *Carta* de Gilberto Freyre para Manuel Bandeira de 06 de maio de 1929. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. Reprodução do documento sob a guarda da Fundação Casa de Rui Barbosa. [manuscrita]

<sup>162</sup> *Carta* de Gilberto Freyre para Manuel Bandeira de 06 de maio de 1929. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

Uma vez auxiliar do então governador pernambucano Estácio Coimbra, Freyre frisou na carta que estava aproveitando os ganhos para empregá-los na compra de livros referentes tanto “à vida íntima do Brasil (muitos deles só de passagem),” quanto aos “estudos sociais, em geral, sobre a família e especialmente sobre a vida e a história da criança, em vários países” e, inclusive, “em diferentes condições de cultura.”



Capa de um dos cadernos de anotações, usado pelo autor na Universidade de Stanford, à escrita do *Casa-Grande & Senzala*. Detalhes: "Notas para C. G & S[.] Notebook[.] Name[.] Freyre[.] School[.] 5 History Dept. [.]"

Tomado pelo furor do ineditismo, insistiu em sublinhar que o que estava revelando carecia, reiteradamente, de “muita discrição para os literatos não saberem.”<sup>163</sup> Com

esse trabalho e essa reunião de livros – como você é um dos raros a saber – prende-se a um estudo, sob o ponto de vista psicológico e histórico, que há anos me prende, e adiado pela falta absoluta de entusiasmo e falta de recursos de estudo e leitura aqui. Sucede que apareceu uma fagulhazinha de entusiasmo e, em vez do miserável dinheiro que me trazia sempre em dívidas, estou ganhando (embora com sacrifício de conforto e saúde) o bastante para me dar ao luxo de adquirir livros sobre um estudo especializado como o que me vem há tempos ocupando a um estudo da vida de menino no Brasil.<sup>164</sup>

Na carta de 1929, Gilberto Freyre desejava a colaboração de Bandeira, mas sem que o estudo pretendido fosse “tratado literariamente.” No sentido contrário, o estudo sociológico sobre “a vida de menino no Brasil”, enfatizou, “é campo” ainda “original, virgem.” Do desejo para realizar um estudo e do estudo realizar-se o livro, negociações foram articuladas. Um projeto coletivo, tentacular. *Casa-Grande...* condensou os temas, as perspectivas de estudo sinalizadas na carta ao amigo poeta. José Lins do Rego, amigo em comum a Freyre e a Bandeira, publicou *Menino de engenho*, 1932, *Doidinho*, 1933, e *Moleque Ricardo*, 1935, tendo-se em vista o “menino brasileiro na literatura.”<sup>165</sup>

A carta de 1929, no que concerne à intenção do escritor, é indício da concretização de um trabalho extensivo sobre o patriarcado colonial brasileiro, focado no “menino do tempo da escravidão”<sup>166</sup>: na prática de suas relações sociais, brinquedos e brincadeiras. Do plano de estudo, e seus temas, ao livro de fato, o *Casa-Grande...* proveio do nome de Rodrigo Melo Franco de Andrade. Articulador das garantias autorais de Gilberto Freyre. Entre o jovem estudioso de vinte e nove anos ao jovem autor de um livro controverso, estava o nascente mercado editorial brasileiro. Nascente, esclareço, quando se

---

<sup>163</sup> Carta de Gilberto Freyre para Manuel Bandeira de 06 de maio de 1929. Fundação Casa de Rui Barbosa. [manuscrita]

<sup>164</sup> Carta de Gilberto Freyre para Manuel Bandeira de 06 de maio de 1929. Fundação Casa de Rui Barbosa. [manuscrita] [grifo meu]

<sup>165</sup> Carta de Gilberto Freyre para Manuel Bandeira de 06 de maio de 1929. [manuscrita]

<sup>166</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande...*, 43ª ed., 2001, p. 421.

observa a projeção da Livraria Schmidt Editora e a absorção de escritores pouco ou nada conhecidos no âmbito nacional. De um nacional que aos poucos era inventado.

A publicação do *Casa-Grande...* situara-se na mudança de perspectiva acerca da “vida do livro brasileiro.”<sup>167</sup> Antes da “Revolução de 1930”, explica Laurence Hallewell, “os editores se preocupavam mais com os livros de vendagem fácil, as novelas sensacionalistas, as obras colegiais de saída certa.”<sup>168</sup> Neste sentido, pois, havia lugar para o *Casa-Grande...* na “nova” cultura editorial do Brasil. O livro que, segundo os planos de Gilberto Freyre, ao abordar “a vida doméstica dos antepassados” os leitores sentiriam “aos poucos” completarem-se: “é outro meio de procurar-se o ‘tempo perdido’.”<sup>169</sup> Propósito que significa conferir ao objeto livro a importância de artefato no qual o passado é empatizado.

A chegada de Gilberto Freyre ao mercado editorial não se deveu somente ao mérito do miolo efusivo de ideias do *Casa-Grande...*, mas também à disponibilidade de um editor em agenciar a tiragem, a distribuição e a conversão da autoria em pagas cifradas. Além, é claro, de permitir ao editado a possibilidade de acompanhar os trâmites, as etapas da feitura do produto livro; que forma e feição alcançar. Rodrigo Melo Franco de Andrade, portanto, o articulador, o mediador das forças ruidosas em diálogo. O promotor da causa. Por outro lado, ponderou o professor Edson Nery da Fonseca:

parece lícito supor que as precárias condições financeiras do autor tenham contribuído para que uma obra da natureza e das proporções de *CG&S* fosse escrita em período tão reduzido: menos de dois anos. Durante esse período o autor viveu, no Rio de Janeiro e no Recife, com os quinhentos mil réis mensais irregularmente pagos pelo editor, de acordo com um contrato redigido por Rodrigo Melo Franco de Andrade. De qualquer modo, há que louvar no editor – que era o poeta Augusto

---

<sup>167</sup> “Tivemos antes da Revolução de 1930 um longo período de estagnação em que pouco de fazia pela vida do livro brasileiro. Havia deficiência de produção intelectual pela falta de estímulo de meios eficazes de publicidade.” [HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 466.]

<sup>168</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 466.

<sup>169</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Casa-Grande & senzala...*, 43ª ed., 2001, p. 56.

Frederico Schmidt – o interesse pelo autor novo e a previsão do sucesso da obra.<sup>170</sup>

Considerar o *Casa-Grande...* no que tange à ideia não se coloca nesta tese como problemática central, e sim as adjacências que o permitiram adquirir os contornos da mensuração física: o livro. Todavia, completo o raciocínio dizendo que este também é o procedimento válido à interpretação dos outros tantos livros assinados pelo escritor. A condição de autor, ou melhor, “o nome de autor não está”, não custa dizer, “situado no estado civil dos homens nem na ficção” do texto que se faz livro, “mas sim na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e o seu modo de ser singular.”<sup>171</sup>

Na iminência do aparecimento do livro, Manuel Bandeira assumiu o papel de agregador não só da função autor de Freyre, pertinente ao ofício de um homem de letras, mas do seu nome como intelectual controverso. Segundo Bandeira, Freyre fazia parte do seu modo de ser provinciano. Da entonação afirmativa: “sou provinciano”. Para o poeta, “as palavras ‘província’, ‘provinciano’, ‘provincianismo’ são geralmente empregadas pejorativamente por só se enxergar nelas as limitações do meio pequeno”<sup>172</sup>.

Os ecos políticos da década de 1930 levaram Freyre ao exílio por conta das ligações que tinha com Estácio Coimbra. Os preparativos para o *Casa-Grande...*, ou das ideias que resultaram no livro, tinham na pessoa de Manuel Bandeira, como já foi dito, um colaborador. Sair em defesa do modo de ser provinciano e do amigo que residia em Recife, colocando-se no mesmo patamar que ele, incorreu na escrita de uma crônica, publicada em 12 de março de 1933, no *Estado de Minas*, para rebater um interlocutor “mineiro requintado”<sup>173</sup>: crítico combativo do “provincianismo”. Sem citar o nome do interlocutor, escreveu Bandeira:

---

<sup>170</sup> FONSECA, Edson Nery da. *Um livro completa meio século*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1983, p. 45.

<sup>171</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?...*, 4ª ed., 2002, p. 46.

<sup>172</sup> BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa...*, p. 668.

<sup>173</sup> BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa...*, p. 669.

é provinciano, mas provinciano do bom, aquele que está nos hábitos do seu meio, que sente as realidades, as necessidades do seu meio. Esse sente as excelências da província. Não tem vergonha da província – tem é orgulho. Conheço um sujeito de Pernambuco, cujo nome não escrevo porque é tabu e cultiva com grandes pudores esse provincianismo. Formou-se em sociologia na Universidade de Columbia, viajou à Europa, parou em Oxford, vai dar breve um livrão sobre a formação da vida social brasileira... Pois timbra em ser provinciano, pernambucano, do Recife.<sup>174</sup>

Apesar de não ter mencionado o nome do crítico do provincianismo, Bandeira leva a crer que direcionava a sua opinião ao diretor do *Estado de Minas*: Afonso Arinos de Melo Franco. O “mineiro requintado” que assumiu o jornal nos inícios do ano de 1933. As eleições à Assembleia Nacional Constituinte, convocadas para o mês de maio de 1933, e da proclamação de um governo constitucional estimada para o ano de 1934, o *Estado de Minas* aproximara-se de Getúlio Vargas com o intuito de recrudescer as forças de controle contra os movimentos de esquerda que se organizavam na Aliança Nacional Libertadora.

Afonso Arinos de Melo Franco tinha em mente a expectativa da escolha de seu irmão, Virgílio de Melo Franco, para a interventoria de Minas Gerais, o que não se confirmou. Aos olhos de Manuel Bandeira, o diretor do jornal era um provinciano menor, preso às conveniências, o oposto de Freyre: “há, é certo, um provincianismo detestável. Justamente o que namora a ‘Corte’. O jornaleco de município que adota a feição material dos vespertinos vibrantes e nervosos do Rio – eis um exemplo”, completou o poeta, “de provincianismo bocó.”<sup>175</sup> As edições que se seguiram à aurora do livro em 1933, permitiram a Freyre o uso dos prefácios e introduções para posicionar-se perante os críticos adversos.

Em carta, datada de 08 de setembro de 1943, de José Olympio<sup>176</sup> para Gilberto Freyre, assuntos como a prestação de contas acerca dos proventos

---

<sup>174</sup> BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa...*, p. 668.

<sup>175</sup> BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa...*, p. 669.

<sup>176</sup> Em 1930, José Olympio desvincula-se da Casa/Livraria Garraux ao comprar a biblioteca do bibliófilo paulista Alfredo Pujol.

autorais e dos pormenores das publicações futuras, são abordados: “aí vae o cheque deste mês. Peço devolver com esse recibo o da remessa passada, relativo a Casa Grande.” Comunica ainda que havia remetido, “logo nos 1<sup>os</sup> dias de agosto[,] [...] por via aerea[,] a sua lista das pessoas que deveriam receber C. G. para v. atualizar e devolver.”<sup>177</sup>

Chegou a receber esse envelope? Não será preciso devolver essas paginas, mas eu gostaria de saber se v. chegou a ver o que foi feito. C. Grande vai saindo bem, muito bem mesmo. Os exemplares de luxo esgotados no 1<sup>o</sup> mês. Pena não termos feito mil. Como iríamos adivinhar?

O ser escritor e o ser autor de livros vendáveis, permitiu a Gilberto Freyre a possibilidade de afirmar: “meu ministério é o livro.”<sup>178</sup> Mas a carta do editor lamentando não ter produzido um número maior de volumes, frente à surpresa dos bons resultados das vendas em relação ao *Casa-Grande...*, sugere que o mercado não era planejado e previsível. Ou seja, mesmo com a assinatura autoral de Gilberto Freyre, as cautelas existiam.

A carta remetida por José Olympio foi escrita em tom de resposta: “Perfil será publicado até dezembro, sem falta. O de Euclides pelo Portinari, e os outros por Santa Rosa. Ficará um livro bonito. Esperamos a chegada do capítulo sobre Odilon Nestor para incluí-lo no volume.”<sup>179</sup>

Na qualidade de “maior editor do Brasil”<sup>180</sup> à época, José Olympio adicionou ao catálogo todos os títulos assinados por Gilberto Freyre até então. A década de 1940 demarcara a posição do editor no mercado editorial brasileiro, encetando também o seu olhar para as traduções de títulos estrangeiros, incluindo, ao passo que as traduções iam adquirindo maior

---

<sup>177</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre, de 08 de setembro de 1943. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>178</sup> FREYRE, Gilberto. *Encerramento*. In: *Casa-Grande & Senzala: 50 anos depois – um encontro com Gilberto Freyre...*, p. 33.

<sup>179</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre, de 08 de setembro de 1943. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada] As ilustrações do livro *Perfil de Euclides e outro perfis*, foi ilustrado por Cândido Portinari. As publicações seguintes por Thomas Santa Rosa.

<sup>180</sup> PEREIRA, José Mario. *O editor e sua casa...*, 2008, p. 69.



propensão, o número de escritores brasileiros no catálogo da editora. Digo melhor: somaram-se, progressivamente, década após década. E de modo acelerado, consoante as afirmativas de José Mario Pereira sobre o assunto: “Em 1937 a Casa edita 54 livros, o mesmo ocorrendo no ano seguinte. Em 1939 o número sobe para 80. Em 1940, 72 livros. De 1941 a 1950 ganham a logomarca da José Olympio 935 títulos, e na década seguinte 960”. Assim sendo, versava-se aí “uma média de quase 100 livros novos por ano.”<sup>181</sup>

José Olympio fez convergir à sua editora os escritores e literatos de monta. Tornou-se “um editor constante”<sup>182</sup> para muitos. Conciliá-los, pois, implicava no desprendimento de esforços à mediação de interesses conflitantes. Em carta para Gilberto Freyre de 1943, José Olympio pondera: “paramos um pouco com a ideia do Guia do Rio, porque Gastão desistiu de fazer, conosco. Diz Gastão que não pode fazer estando v. ainda interessado em fazer mais tarde um Guia.”<sup>183</sup> José Olympio, porém, tinha receio de perder publicações para outros editores e, para não deixar escapar a oportunidade, de pronto, resguardou os seus interesses em jogo. Tinha em vista a publicação da “reedição” do livro *D. João VI no Brasil*, do diplomata e historiador pernambucano, Manuel de Oliveira Lima: “queremos que seja o 1º livro de 1944, lançado no dia 2 de janeiro. Vamos reproduzir as gravuras da 1ª edição.”<sup>184</sup> O entusiasmo do editor exigiu-lhe destreza no trato com tantas prioridades editoriais a conciliar.

Por certo, as expectativas de José Olympio passavam pelo crivo da viabilidade comercial. Não bastava ser um bom livro, tinha que se converter em números/vendas. E, para tanto, as estratégias, materializadas nas dimensões do livro, eram traçadas. O *Casa-Grande...*, por sua vez, o parâmetro, o “molde” a ser seguido: “não sei se v. vae aumentar em alguma coisa Sobrados e Mucambos. Se sair uma edição que interesse mesmo aqueles que já possuem

---

<sup>181</sup> PEREIRA, José Mario. *O editor e sua casa...*, 2008, p. 69.

<sup>182</sup> RICARDO, Cassiano. J. O. e sua casa. In: *O editor e sua casa...*, 2008, p. 388.

<sup>183</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre, de 30 de setembro de 1943. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>184</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre, de 30 de setembro de 1943. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

a edição anterior, será livro para sucesso igual a Casa Grande.”<sup>185</sup> Para Gilberto Freyre, parte do trunfo de *Sobrados e Mucambos* estava no manuseio de vasta documentação “virgem ou quase virgem” à composição da narrativa do livro: “verá facilmente o leitor que este ensaio repousa em grande parte em mss.”<sup>186</sup> De arquivos públicos e particulares e em anúncios de jornais.”<sup>187</sup>

Na ótica do editor, em meio à variedade de títulos a publicar, Gilberto Freyre, ao assinar os seus volumes entre os tantos de outros autores, teria que adequar-se aos apensos de um produto de mercado. A carta de José Olympio, pois considera: “o nosso Jardim poderá fazer as ilustrações. Aqui vamos num trabalho maluco, livro em penca e preparando a nossa serie didatica para Março.”<sup>188</sup>

E ainda sobre o guia da cidade do Rio de Janeiro, aparentemente um projeto protelado por Gilberto Freyre, anos mais tarde, ficou a cargo de Manuel Bandeira. Foi o que José Olympio resolveu fazer: “sabemos que se não dermos andamento imediato à ideia[,] outro editor fará antes de nós.” Enfim,

sabemos dos seus projetos de trabalho e por isso tão cedo v. não poderá cuidar do assunto, não queremos deixar a outro editor e a outro ilustrador essa ideia tão interessante. O nosso Jardim que vive numa luta danada está entusiasmado porque ve a possibilidade de ganhar uns dinheiros, ele que afinal precisa tanto.<sup>189</sup>

O tempo do editor não é o tempo do escritor. As contingências e circunstâncias de publicação de livros e escrita de textos impunham requisições recíprocas às partes envolvidas: José Olympio, a manutenção e expansão dos negócios, Gilberto Freyre, o estabelecimento da condição de autor e a garantia dos vencimentos vindouros.

---

<sup>185</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre, de 30 de setembro de 1943. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>186</sup> Equivalente a “manuscrito”.

<sup>187</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 17.

<sup>188</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre, de 30 de setembro de 1943. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>189</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre, de 30 de setembro de 1943. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

O fato de ter sido o *Casa-Grande...* editado e reeditado, obedecendo à sequência de edições do título com o selo do editor Augusto Frederico Schmidt em 1933 [1ª edição], 1936 [2ª edição] e 1938 [3ª edição], respectivamente, avivou as discussões teóricas contíguas, adjacentes ao livro. E, entre tantas, a da trilogia: um arremedo canônico que não se restringiu aos limites do projeto autobiográfico de Freyre como escritor de *Casa-Grande...*, *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso*. Contudo, deu-se com alguma repercussão antes do aparecimento de *Ordem e Progresso* e após à sua condição de autor da Livraria José Olympio Editora. A “introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil”, a cargo da crítica e, portanto, externa a Freyre, vinculou-se à concordata *Casa-Grande...*, *Sobrados e Mucambos* e *Nordeste: a “trilogia que exponencia[ra] um labor de investigação” do “ilustre historiógrafo”*<sup>190</sup>.

O exórdio, “introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil”<sup>191</sup>, na qualidade de recurso e discurso editorial, adquiriu sentido quando Freyre precisou conferir à forma do ensaio o atributo de estudo sequencial, amplo e, inclusive, de espólio aos leitores. Um estudo referencial e, sobremaneira, enciclopédico: assegurado pela ideia de que nele são encontrados os fundamentos societários do Brasil. Até a quarta edição, a “definitiva”, não há alusão ao enunciado “introdução à história da sociedade patriarcal...”. Portanto, só a partir da quinta edição do *Casa-Grande...*, de 1946, assentou-se o desejo do autor de fundar, de marcar o início de um argumento que fizesse referimento à uma trilogia. Em 1933, o livro apresentava-se assim: “Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o ‘regimen’ de economia patriarcal”<sup>192</sup>.

É possível afirmar que, a partir da posição assumida pela crítica no que concerne ao sentido dado ao texto de depositário de uma interpretação considerada, até então, inédita na intelectualidade brasileira, Freyre tenha-se voltado a inventariar o *Casa-Grande...* através da perspectiva de estudo

---

<sup>190</sup> Trecho de artigo assinado, só com as iniciais do nome do autor, por A. S. A. Em: ‘Gilberto Freyre’, *A Nação*, Porto Alegre, 23 de novembro de 1940. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>191</sup> Do cabeçalho da capa da quinta edição do *Casa-Grande...*, 1946.

<sup>192</sup> Inscrição da folha de rosto da primeira edição do *Casa-Grande & Senzala*, 1933.

introdutório. Reiterando: a cada nova edição, a crítica contribuiu para estabelecer e fundamentar um cânone: “um livro de Gilberto Freyre é alguma coisa que se conta e soma no patrimônio nacional”<sup>193</sup>.

A trama das relações, crivada pelo patamar da amizade, consentia a articulação do discurso ao prestígio de um escritor. Afora a crítica. Compor o quadro de escritores da editora de José Olympio permitiu que a condição de autor de Freyre fosse esculpida. Até as três primeiras edições do *Casa-Grande...*, ele não havia conquistado maior anteparo editorial apesar do prestígio experimentado em meio aos pares. Digo: a garantia do reconhecimento dos direitos autorais por parte de um editor efetivo. E mais: o editor, cabe aqui observar, calça a trajetória de um autor, reinventando-o como produto; como a autoridade legal da escrita. Se o autor assina um texto e este, por conseguinte, faz-se livro, o nome do assinante passa a ser não só uma atribuição, mas um produto etiquetado pelo sinete institucional. Isto é: o autor é um produto continuamente elaborado pelas segmentações de mercado requeridas pela editora. Neste sentido, o livro que atribuímos a Freyre deixa de ser apenas “de Freyre” e passa a ser também “um Freyre” da Livraria José Olympio Editora.

Se o seguimento de mercado indica atingir os diferentes leitores, o livro é o instrumento à esta conquista. A publicação de um livro não se restringe ao ato de prestigiar um autor, mas pode ser mais um motivo para colocar no mercado um título reeditado ou inédito. As seguidas tiragens do *Casa-Grande...*, até chegar às comemorativas, foram sendo acrescentadas de notas, ilustrações, prefácios, reclames de orelhas e quartas-capas. Ao publicar um mesmo título, a exigência de novidades era requerida. A José Olympio, quando trouxe a público a quarta edição do livro primeiro de Freyre, permitiu à tiragem uma maior interferência do autor, deixando-o conduzir os novos atrativos que a forma do livro teria a apresentar ao leitor:

---

<sup>193</sup> Fragmento publicado na quarta capa da décima edição do *Casa-Grande...*. Foi extraído do prefácio à primeira edição de *O Velho Félix e suas memórias de um Cavalcanti*, de 1959.

ao interesse que o editor José Olympio tomou pela 4ª edição deste livro deve-se a sua nova apresentação, dentro do critério de unidade artística, sem sacrifício da exatidão essencial das ilustrações: todas as antigas ilustrações e as novas – inclusive fotografias de casas-grandes – reduzidas a nítidos perfis traçados com rigorosa precisão. Critério pelo qual se orientou o ilustrador, de acordo com o autor e por sugestão dele. O autor agradece a colaboração valiosa do editor e do artista.<sup>194</sup>

Freyre pretendeu transparecer que esta edição em particular, ao contrário das anteriores, inaugurava a sua investida como autor em dia com às funções que lhe eram peculiares: as de exercer alguma autonomia e de contraponto nas negociações com o editor. José Olympio, nas correspondências ao autor de *Casa-Grande...*, abordando que livros publicar e dimensionando uma estimativa de quando publicá-los, fazia uso dos recursos retóricos que tinha em mãos, demarcando posições. Afinal, produzir livros exigia meios de convencimento para manter-se no mercado, o que incluía convencer o autor a cumprir os prazos estimados à produção de um livro iminente. Por exemplo: para incitar em Freyre uma tomada de postura quanto à segunda edição do livro *Olinda: 2º guia prático...*<sup>195</sup>, não hesitou em fazer uso do estado pecuniário do ilustrador Luis Jardim que dependia, quando elaborasse os desenhos, da publicação para conquistar proventos. Um recurso retórico, portanto, para demandar maior agilidade nas decisões que dependiam de Freyre.

O ato de escrever cartas valia-se do uso de temas recursivos à construção e ao ordenamento da mensagem a ser remetida: as correspondências que não foram lidas em decorrência do excesso de trabalho; as condições e o estado de saúde; o autoelogio, por exemplo. Gilberto Freyre, a seu modo, foi um escritor, de textos e de cartas, vigilante. Contou com os comentários e as impressões dos amigos no compassar da pertinência epistolar. No entanto, não apenas para colher confetes, mas também para poder dimensionar, entre os pares, a repercussão dos artigos e livros que publicava. É o que nos permite aferir Rodrigo Melo Franco de Andrade em

---

<sup>194</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 4ª edição. In: *Casa-Grande...*, 1943, p. XII.

<sup>195</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 30 de setembro de 1943. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

1936, quando afirmou: “de facto, os Sobrados e Mucambos<sup>196</sup> se teem vendido com uma rapidez extraordinaria, tanto aqui como no interior. E tudo mais que você escrever sairá na mesma proporção.” Mais adiante, remata:

achei, aliás, que a Editora andou mal avisada em publicar o volume na colleção Brasileira, pois não só teria sido muito melhor que elle tivesse proporções semelhantes ao anterior, mas haveria ainda a vantagem de vendê-lo mais caro, sem redução nenhuma na sua procura pelo publico. Outra pena foi a revisão ter sido má. Entretanto, tal como sahiu, a obra deve satisfazer a você plenamente.<sup>197</sup>

O elogio chega aos medianos, mas sempre com arestas e remendos. Reconhecer em Gilberto Freyre uma capacidade pertinente a poucos, traduz-se como a deferência da distinção. É o que Rodrigo Melo Franco de Andrade intui. E intui comparando Gilberto Freyre com Gilberto Freyre: o parâmetro que é o próprio fim. Contudo, a reputação de um autor passa, inclusive, pela materialidade dos livros que, para muitos, é ignorada de imediato. Ignorada, ressalte-se, no que tange aos processos que os constitui. As dimensões físicas dos livros dão ao texto o suporte para o trânsito, à recepção, à leitura, à apreciação. A advertência, acompanhada de ressalva, permitiu a Rodrigo Melo Franco de Andrade investir na diferença entre as eventualidades envoltas aos livros e à primazia dos textos. Se a diagramação e a revisão, do *Casa-Grande...*, não foram adequadas, as do *Sobrados e Mucambos*, por seu turno, apresentaram-se melhores, ponderou o intelectual mineiro: “acho que ficou mais equilibrada que C. G. & S., conservando todas as qualidades desta. O typo da obra de mestre.”<sup>198</sup>

\*\*\*

---

<sup>196</sup> Grifo do documento.

<sup>197</sup> Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Gilberto Freyre, de 19 de setembro de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>198</sup> Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Gilberto Freyre, de 19 de setembro de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

Nos fins do ano de 1931, de retorno ao Brasil – com passagem pelo Rio de Janeiro – do curto exílio, Freyre fala das intenções acerca de seu “projeto de livro” a Rodrigo Melo Franco de Andrade. Recebera, portanto, o aprazido desejado. E foi Franco de Andrade, bacharel em direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, quem redigiu o contrato de publicação do *Casa-Grande...*, com a Editora Maia & Schmidt, sediada na então capital do Brasil: “O editor Schmidt [, lê-se em *Como e porque sou e não sou Sociólogo*,] tornava-se êle meu editor mediante o pagamento por mês, ao já considerado ‘autor’, de 500 mil réis, pela edição do trabalho [...]”<sup>199</sup> No entanto, reclamara Freyre do não cumprimento do contrato na efetivação dos proventos autorais pré-acordados:

o pagamento dessas mensalidades devo recordar que foi feito de maneira a mais irregular, deixando às vêzes o editor ao escritor, em situações difícilimas. Por brio e espírito de independência, desde o estrangeiro vinha eu recusando de modo por vêzes áspero, ofertas de empregos que me foram feitas [...] <sup>200</sup>.

A relação que manteve com o seu primeiro editor, Augusto Frederico Schmidt [1906-1965], o livreiro e editor inaugural de *Casa-Grande...*, foi citada em artigo, para o *Jornal do Commercio do Recife*. Texto um tanto quanto elogioso, até. Escritor experiente, não hesitara Freyre de apontar feições distintas de um mesmo homem: o Schmidt das edições e o Schmidt das letras: era “um admirável poeta, ora delicadamente lírico, ora bíblicamente profético [...]”<sup>201</sup> Um apenso do mercado editorial no Brasil dos primeiros anos da década de 1930 que o sobejar da crítica, de “alguns dos seus inimigos[,] [...] se antecipavam em ver no poeta-livreiro ou no poeta-editor um homem sequioso [...] de fortuna”. Entretanto, retrucou o escritor, “se veio a tornar-se milionário, é que era um inquieto. Necessitava de ação. Chegou, por esse ativismo, a desdenhar, da boca para fora, [...] da literatura, da própria poesia”<sup>202</sup>

---

<sup>199</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo...*, 1968, p. 131.

<sup>200</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo...*, 1968, p. 131.

<sup>201</sup> FREYRE, Gilberto. Augusto Frederico Schmidt, poeta e homem de ação. In: *Pessoas, Coisas & Animais*. Porto Alegre; Rio de Janeiro: Globo, 1981, p. 71.

<sup>202</sup> FREYRE, Gilberto. *Pessoas, coisas & animais...*, 1981, p. 71.

Por outro lado, declarou Freyre: “não posso dizer de Schmidt, editor, que fosse um modelo no gênero. Na fase em que escrevi [...] [o livro de 1933], estava eu em situação mais que precária: angustiosa”.<sup>203</sup> Na dita penúria, lamentou:

pelo meu contrato com Schmidt para a publicação do livro que se intitularia *Casa-Grande & Senzala*, ele se obrigava a pagar-me quinhentos mil-réis, por mês, enquanto eu estivesse no Rio empenhado na elaboração do livro: trabalho que deveria concluir no Recife. Raramente cumpriu Schmidt essa obrigação de editor. Deixou-me mais de uma vez nas piores aflições. Obrigou-me, por isto, a levar a casas de penhores quanto me restava de algum valor: relógio de platina, botões de ouro, anel de avô.<sup>204</sup>

A publicação do *Casa-Grande...* forjou-lhe o ativismo de autor. Mas que ativismo? O circunstancial. Para Gilberto Freyre fazia, como fez, sentido [auto]biográfico recorrer à posição de iniquidade editorial a que foi submetido. Por outro lado, vale destacar, os textos que escrevia para propalar seu percurso intelectual não expunham adversidades. Entretanto, sob a decorrência da contradição, afirmou sobre outros homens, seus feitos e biografias: “nenhum homem, grande ou medíocre, mas principalmente grande, é até ao fim da vida um só homem ou uma só pessoa, mas vários homens, várias pessoas.”<sup>205</sup>

O necrológio à memória de Augusto Frederico Schmidt foi oportunizado por Gilberto Freyre para, a intento, somar a adversidade à sua composição [auto]biográfica: a dificuldade como sinônimo de prévia à dignidade e ao sucesso editorial. À legitimidade e ao prestígio de um autor já reconhecido quando da publicação do texto em homenagem a Schmidt, em 1981.

---

<sup>203</sup> E ainda sobre Augusto Frederico Schmidt, completou: “Ninguém mais brasileiro. Ao se anunciar, ele próprio, num dos seus primeiros poemas, ‘o brasileiro Augusto Frederico Schmidt’, era como se, magoado com as insinuações de não ser autêntico brasileiro, quisesse proclamar a sua condição de brasileiríssimo brasileiro”. [FREYRE, Gilberto. *Pessoas, coisas & animais...*, 1981, p. 71.]

<sup>204</sup> FREYRE, Gilberto. *Pessoas, coisas & animais...*, 1981, p. 71.

<sup>205</sup> FREYRE, Gilberto. Rio Branco: a estátua e o homem. In: *Pessoas, coisas & animais...*, p. 223.



*Casa-Grande...* é, de fato, o livro que certifica a condição de autor de Gilberto Freyre. As desventuras com o editor Schmidt assegurou-lhe o estatuto da autoridade reclamada, inclusive em um necrológio. Texto em que a memória do morto, tipo de narrativa que no geral destitui da imagem do finado quaisquer nódoas, foi aventada nos sinais de deslizos, nas fraudes. Freyre, portanto, tornara notório o que antes fora calado, macerado, tolerado sob a força do decoro.

Freyre, “uma vez editado o livro”, fez menção ao fato da “imensa aceitação do público brasileiro” ter contrastado com os “silêncios deliberados da imprensa da época e da crítica militante daqueles dias: um desses críticos, o hoje ultraliberal, mas muito meu conhecido,” o “Prof. [...] Tristão de Ataíde”. Dentre as “hostilidades daqueles dias, quer de jesuítas ainda de feitio antigo, quer de comunistas, assombrados com a força revolucionária do ensaio inclassificável – Schmidt” tomou proveito “desse sucesso”. O editor, a intento, segundo enfatizara o autor, “passou a outro sua editora, incluindo na transação a publicação bem-sucedida.”<sup>206</sup>

Daí resultaram duas edições, das chamadas piratas, terem sido feitas do meu livro, sem que o autor fosse beneficiado com um único mil-réis. Foi o advogado Trajano de Miranda Valverde quem, por iniciativa própria, livrou-me dessa escravidão.<sup>207</sup>

As tensões fizeram-se pululantes diante dos embaraços da profissionalização dos editores e dos escritores no mercado de livros. Ter amigos para o usufruto das intermediações também era prática oportuna nos trâmites às publicações efetivadas ou desejadas. *Casa-Grande...* resultou, em parte, da trama de afinidades de seu autor. Jorge Amado, em meio às levas de traduções do livro, mediou o processo de editoração em língua italiana, que só no ano de 1965 constaria nas prateleiras das livrarias do país europeu. Em

---

<sup>206</sup> FREYRE, Gilberto. *Pessoas, coisas & animais...*, 1981, p. 72.

<sup>207</sup> FREYRE, Gilberto. *Pessoas, coisas & animais...*, 1981, p. 72.

carta datilografada<sup>208</sup> de 11 de outubro de 1958, remetida do Rio de Janeiro em resposta a Gilberto Freyre, Jorge Amado informou:

Querido Gilberto:  
cheguei aqui no dia 2 e imediatamente escrevi ao Einaudi sobre o assunto de 'Casa Grande' na Itália. Logo que êle me responda, te escreverei. Recomenda-me a Madalena, para quem Zelia envia um abraço. Com a velha amizade de Jorge Amado<sup>209</sup>.

A transliteração *Padroni e Schiavi*<sup>210</sup>, considerando-se as cartas de Jorge Amado nos princípios das conversas editoriais, finalmente aparecida em 1965 fez-se concreta no intervalo de sete anos. Fernand Braudel, o prefaciador; elogios e reconhecimentos alentaram as expectativas de Gilberto Freyre que depositava nos intelectuais estrangeiros maior confiança, credibilidade na leitura de seus livros. O fato da indisposição relativa a nomes brasileiros, confessada em cartas a José Olympio, exemplifica-se no texto de orelhas de Luís Martins para à décima edição brasileira do livro de 1933. "Mas continuo a preferir as opiniões estrangeiras,"<sup>211</sup> sentenciou em carta para José Olympio, do dia 04 de janeiro de 1962.

Ainda nos arrebatos da primeira edição do livro de 1933, Manuel Bandeira desculpara-se pela leitura até então ainda não atualizada. Liam uns os livros dos outros. Liam-se. A leitura recíproca instituíra a legitimidade de grupo, de rede de alcance interintelectual. Disto, resultara as críticas sobre os livros publicados e as certezas e estatutos vinculados ao autor em destaque entre os demais. *Casa-Grande...* deu aderência ao estatuto da autoria de Gilberto Freyre, pois, mediante os pormenores que antecederam a sua publicação. O leitor, por certo, garantia ao autor o ponderamento da recepção,

---

<sup>208</sup> Papel de carta timbrado na margem superior à direita com a inscrição: "Jorge Amado". Na margem inferior, o endereço residencial do escrito baiano na capital fluminense: "Jorge Amado – Rua Rodolfo Dantas, 16 – ap. 704[.] Copacabana – Rio de Janeiro".

<sup>209</sup> Carta de Jorge Amado para Gilberto Freyre de 11 de outubro de 1958. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>210</sup> FREYRE, Gilberto. *Padroni e Schiavi: la formazione della famiglia brasiliana in regime di economia patriarcale*. Trad.: Alberto Pescetto. Torino: Giulio Einaudi, 1965.

<sup>211</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 04 de janeiro de 1962. *Cartas do Próprio Punho...* p. 135.

mas partilhar o texto ainda “nas provas” conferia ao autor o reconhecimento intelectual entre os pares. O crítico de ideias, este aparecido quando o livro chegou às livrarias, distingue-se, portanto, do crítico copartícipe do processo de escrita.

Rio, 20 de março de 34.

Gilberto,

Não lhe tenho escrito porque andei tão cansado de bater na máquina, traduzindo um catatau alemão para a Civilização Brasileira, que acabada a tarefa do dia (6 horas em media) não tinha fôrça nem para uma cartinha a um amigo. Nestes dois meses nem li nada. Imagine que nem a Casa-Grande pude ainda acabar. De sorte só conheço dela o que li nas provas dos dois primeiros capítulos<sup>212</sup>.

A estabilidade editorial do *Casa-Grande*... deu-se com o aparecimento da quarta edição. A “4ª edição, definitiva”<sup>213</sup>. Publicado em dois volumes pela Livraria José Olympio Editora – na Coleção Documentos Brasileiros, nº 36 – sob a direção de Octavio Tarquínio de Sousa. Livro preparado para colecionadores, para os leitores que o aguardavam. Para Sérgio Milliet, “a 4ª edição [...] teve sobre as anteriores vantagens apreciáveis: o acréscimo de notas, a reunião de todos os prefácios, os índices mais completos”. E, mais adiante, sem maiores reservas, concluiu sobre o estatuto de verdade das imagens, então subtraídas, em decorrência do arremedo considerado anacrônico dos traços manuais de Thomas Santa Rosa: “tais vantagens compensam amplamente o erro das ilustrações substituindo fotografias. Não vai nisso nenhuma censura ao ilustrador que admiro, mas creio que a arte adotou e embelezou os documentos tão falantes das edições precedentes”.

A circulação da edição “definitiva”<sup>214</sup> obedeceu aos critérios da coleção e da exclusividade. Digo exclusividade, em especial, não nos termos de um artefato único para uma pessoa única, mas no sentido de um artefato para poucos de uma rede de congratulações. A inscrição impressa, no espelho da

---

<sup>212</sup> Carta de Manuel Bandeira para Gilberto Freyre de 20 de março de 1934. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>213</sup> Enunciado da capa da quarta edição do livro *Casa-Grande & Senzala*, de 1943.

<sup>214</sup> Do enunciado da quarta edição do livro *Casa-Grande & Senzala*, de 1943.

folha de rosto do exemplar sob a guarda da Fundação Gilberto Freyre, cotejava: “deste livro foram tirados, fora de comercio, trinta exemplares em papel Vergé, assinados pelo autor, e, para bibliófilos, trezentos exemplares em papel bufon creme, numerados de 1 a 300”. O de número um foi oferecido por Gilberto Freyre à sua mãe: “N. 1[.] Gilberto Freyre”[manuscrito].

Á minha mãe muito querida,  
do seu[.]  
Gilberto[.]  
Re. 18-7-43

A interseção de Jorge Amado foi denotada. Efetivou a possibilidade da edição italiana, da concessão vindoura de editor estrangeiro renomado. *Padroni e Schiavi...* verteu-se na aspiração do autor de conquistar leitores e louros. Mas, esclareço, o reconhecimento não se veicula apenas na espontaneidade. É preciso, por vezes, a disposição das intermediações para o reconhecimento fazer-se presente. As veredas da escrita não implicam no atendimento imediato das expectativas do autor. Dito de outra forma: o autor não se faz olimpo sozinho.

Em carta remetida por Jorge Amado, de 01 de dezembro de 1959, permite acentuar a interpretação acima. Ao iniciar a missiva, Amado escreve sobre a sua estada, de “uns dias” em Pernambuco, “entre Caruarú e a Praia de Marinha Farinha, tendo passado em Recife apenas a tarde de quarta e a manhã de quinta feira.”<sup>215</sup> Mais à frente, comunica:

na quinta telefonei várias vezes para sua casa sem que o telefone atendesse. Assim, minha passagem por Pernambuco não foi completa pois não estive com você e Madalena. Einaudi, em carta, acusa o recebimento da edição francesa<sup>216</sup> de “Casa Grande” que eu enviei, e pede-me seu endereço para lhe escrever diretamente. Já mandei, e espero que em breve vocês assinem contrato para tradução em italiano. Em janeiro estarei em Pernambuco para dois meses de férias. Logo que

---

<sup>215</sup> Carta de Jorge Amado para Gilberto Freyre, de 01 de dezembro de 1959. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>216</sup> A primeira edição francesa foi publicada pela *Éditions Gallimard* em 1952 como parte da Coleção *La Croix du Sud*. FREYRE, Gilberto. *Maîtres et Esclaves: La formation de La société Brésilienne*. Trad.: Roger Bastide. Paris: Gallimard, 1974. [Collection Bibliothèque des Histoires]

chegue irei lhe procurar. Abraços de Zelia para Madalena e para você e um grande abraço do amigo e admirador certo. Jorge Amado[.]<sup>217</sup>

No escopo da edição francesa de *Casa-Grande & Senzala...*, *Maîtres et Esclaves: la formation de La société Brésilienne*, o prefácio ficou a cargo do historiador Lucien Febvre. Livro provido de seção dedicada a apresentar o escritor brasileiro aos leitores franceses mediante a listagem de seus livros mais assinalados: a *Principaux ouvrages du même auteur* [Principais livros do mesmo autor]. Assim como a *Ouvrages traduits em français* [Livros traduzidos em francês]: “*Maîtres et esclaves* (Casa-Grande e Senzala), Gallimard, La Croix de Sud, 1952. *Terre de sucre (Nordeste)*, Gallimard, La Croix du Sud, 1956. *Les Portugais et les tropiques (O Luso e Trópico)*, Lisbonne, Commission exécutive du V<sup>e</sup> centenaire de la mort du Prince Henri, 1961.”<sup>218</sup>

Para o regalo da vaidade de escritor a validade do selo editorial. A licitude do autor. Sem, para tanto, tratar as deferências, refiro-me às citações recíprocas entre intelectuais, como esfera menor. Citar implica na reminiscência de reconhecimentos e favores; adesões futuras aos intentos futuros: velados, abrigados, disfarçados. A deferência agrega; soma forças. Em artigo elogioso a Jorge Amado, de 22 de novembro de 1959<sup>219</sup>, Gilberto Freyre discorre sobre as suas impressões de leitor quando finda as páginas de *Gabriela, Cravo e Canela*, rebatendo críticas não elogiosas ao passo que alinhava as aproximações que mantinha com o escritor baiano. Freyre elogia Amado, auto-elogiando-se.

Não me incomoda que alguns maliciosos digam de mim que sou simples copista desses [Camões, Sylvio Romero, Le Play, Lafcádio Hearn] e de outros antigos, a cujas idéias eu apenas viria dando uns superficiais coloridos modernos. Continuarei a proclamar as virtudes dos meus precursores, dentro da minha constante de procurar ser um revolucionário-conservador que tem consciência do que deve aos antigos; e também do que acrescento às suas vagas antecipações e do

---

<sup>217</sup> Carta de Jorge Amado para Gilberto Freyre de 01 de dezembro de 1959. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>218</sup> FREYRE, Gilberto. *Maîtres et Esclaves...*, 1974, p. 10.

<sup>219</sup> Artigo citado por Jorge Amado na carta de 01 de dezembro de 1959.

que vem contrariando neles e nas suas idéias com evidentes inovações<sup>220</sup>.

O elogio a Jorge Amado indica mais: a *mímesis* de que fala Paul Ricoeur.<sup>221</sup> As posturas de leitor e de escritor perpetradas por Gilberto Freyre, na ordem e na forma da narrativa, inclinaram-se à “missão” de firmar os limites da constituição narrativa, tendo por fim a mediação. Ou seja, a narrativa produz um conhecimento do mundo e, sobremaneira, participa da sua “configuração” temporal. Apresenta a linguagem, mediante à leitura de cânones, tanto quanto a dinâmica criadora da ação: propor o novo a partir de repetições, imitações [re]formuladas. Os textos de Gilberto Freyre fizeram-se na linguagem superlativa; e nas disjunções que lhe permitiram a autonomia inventiva.

Na carta em que relatou o empenho junto ao editor italiano, Jorge Amado abre um parágrafo afirmando ter lido o artigo *Uma meia-raça talvez necessária* de Gilberto Freyre. Mais um momento à congratulação: “li seu admirável artigo no ‘Diário de Pernambuco’ sobre revolucionários e conservadores. Agradeço a referência”<sup>222</sup>. Um artigo de jornal, portanto, para validar concepções e rebater os desacordos:

Jorge continua um revolucionário, um inovador, um renovador. Da minha parte, creio continuar antes um revolucionário que um conservador, embora reconheça ser justa a discriminação de alguns críticos quanto ao meu modo de ser revolucionário; o de um revolucionário, desde jovem, com alguma coisa de conservador<sup>223</sup>.

---

<sup>220</sup> FREYRE, Gilberto. Uma meia-raça talvez necessária. *Diário de Pernambuco*. Recife, 22 de novembro de 1959. Disponível em: [www.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos\\_imprensa](http://www.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa). Acesso em: 09/01/2013. [grifo meu]

<sup>221</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa – a intriga e a narrativa histórica*. Trad.: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, vol. I, 2010.

<sup>222</sup> Carta de Jorge Amado para Gilberto Freyre de 01 de dezembro de 1959. Centro de Documentação da Fundação Gilbert Freyre.

<sup>223</sup> FREYRE, Gilberto. Uma meia-raça talvez necessária. *Diário de Pernambuco*. Recife, 22 de novembro de 1959. Disponível em: [www.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos\\_imprensa](http://www.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa). Acesso em: 09/01/2013.

As cartas, demarcadas pelo tempo presente de Gilberto Freyre, não nos deixam crer de todo na sua “auto-interpretação como realidade”<sup>224</sup> quando nós, os pesquisadores, consideramos os textos freyrianos após a publicação do *Casa-Grande...* como desafio de análise, de investigação histórica/historiográfica. Destaquei nas primeiras linhas deste capítulo que o tempo experimentado durante a escrita das cartas e o experimentado/reelaborado anos mais tarde, dão a ele os recursos necessários à “auto-interpretação” rica em conformidades. “Auto-interpretação” provida de coerências, harmonias: bases à pretensa [auto]biografia de um gênio, até. Em resumo: há aqui dois tempos de constituição [auto]biográfica distintos; e não a relação hierarquizante e conflituosa entre o verdadeiro e/ou o falso quando os escritos mais íntimos, a exemplo das cartas, são confrontados aos de sua aparição e projeção públicas. Por esta razão, não há como “evitar [...] [a] auto-interpretação como realidade”<sup>225</sup>, como categoria estética em Gilberto Freyre.

---

<sup>224</sup> O ofício de escritor dependia do planejamento da autoimagem tanto na rotina das publicações quanto com vistas à posteridade. Tomando como exemplo comparativo a Gilberto Freyre, Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke observou: “o romancista Thomas Hardy foi ainda mais longe do que outros escritores talentosos na tentativa de produzir a imagem que a posteridade teria dele. Conforme confessou a um visitante indiscreto, ‘cada dia eu moldo minhas memórias como se fosse minha esposa, na verdade, que as estivesse escrevendo’. O papel que ela de fato desempenhou nesse complô foi datilografar as memórias à medida que o marido as escrevia, após o que o manuscrito original era imediata e sistematicamente destruído. O objetivo de Hardy, tal como ele mesmo esclareceu, era bem preciso: ‘minha idéia, evidentemente, é fazer que esse trabalho seja publicado após minha morte como se fosse uma biografia minha escrita por minha mulher.’ A biografia apareceu em dois volumes, em 1928 e 1930, conforme o planejado.” [PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos...*, p. 20-21.]

<sup>225</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos...*, 2005, p. 21.

## 1.4 – Reclames e reclamações

A construção da autoimagem de autor proeminente de livros, valeu-se dos reclames de divulgação de cada uma das edições que chegavam às livrarias. Inclua-se, aqui a escrita e reescrita dos textos. Fato que, ao contrário do que insinua Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, não se resume à uma atitude escusa. Ser escritor, segundo Freyre, dependia de uma imagem, o que é compreensível para um intelectual imerso nas disputas, nos conflitos de interesses. Para Gilberto Freyre, a veracidade da trajetória de um homem de letras não é pública. Se de algum modo pudessem ser publicados, os recursos dos quais um escritor lançava mão para fazer-se relevante, o deixaria deslocado de sua trama social. Escrever ou reescrever não significa, pois, um ato de falsidade, mas de definição do lugar social que o escritor almejava.

Tomar para si a opinião dos críticos favoráveis justificava o autocontrole que Gilberto Freyre tinha ao permitir o que seria, e como seria, publicado. Freyre desejava ser lembrado como um escritor coerente nas ideias e um autor sem lacunas. Que intelectual ansiava expor as suas fragilidades? Freyre, certamente não. Segundo Pallares-Burke, “se é verdade de que não alterava sistematicamente tudo o que republicava, muitas vezes não se referia às mudanças que fazia, e, ocasionalmente, afirmava estar apresentando os textos mais antigos na sua forma original.” Sendo assim, ainda de acordo com a historiadora, “seu hábito de emendar ou reescrever seus trabalhos para publicação escondeu, pois, uma parte importante de seu desenvolvimento intelectual.”<sup>226</sup>

Para Pallares-Burke, “quando publicou sua tese de mestrado de 1922,” que mais tarde a chamaria de embrião de *Casa-Grande...*, “originalmente escrita em inglês, na tradução” em português “ele a ampliou consideravelmente

---

<sup>226</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos...*, 2005, p. 29.



e a revisou mais do que se poderia esperar<sup>227</sup>. O texto e/ou o livro, este em particular por conta dos aparatos de divulgação e de estrutura física que possui, são arenas de debates e disputas. Logo, serviam-lhe à autoimagem que construía e reconstruía.

Freyre entendia o que escrevia e o que publicava como meios de aquisição material e como reflexo daquilo que objetivava aparentar. As cartas que remetia e o reclames que escolhia para serem inseridos, geralmente, nas quartas capas dos seus livros, foram arquitetados com estes propósitos. Uma vez autor da Livraria José Olympio Editora, pôde valer-se das necessidades que poderia sujeitar ao editor, assim como ter que se submeter ao lugar social que o editor impunha-lhe. Escrever textos e publicá-los, passava também pelos interesses da editora. Pagar ao editado os direitos autorais dependia mais das circunstância de liquidez financeira da editora do que da autoimagem que o autor aventava. Muito embora a editora aproveitasse da autoimagem do escritor para assegurar as suas vendas. Em uma outra via, porém não adversa, a listagem dos livros e dos seus primeiros leitores contribuiria para delimitar as “figuras eminentes da literatura brasileira”<sup>228</sup>. Uma delimitação que os “Arquivos Implacáveis”, de João Condé [1917 – 1971], cosiam ao publicizar escritores.

A garantia dos direitos autorais significava a caução material do autor, mas constar nas compilações dos críticos, antemão, reforçava o nome dos autores ante os leitores comuns. Ainda nos preparos, os títulos que passaram pelo crivo do “1º leitor”<sup>229</sup> adquiriram o contorno de curiosidade e o estímulo à leitura. Foi o que propôs a coluna “Arquivos Implacáveis”:

pela primeira vez em nossa história, vamos divulgar um fato que não pode deixar de possuir as mais claras ressonâncias culturais e humanas: a enumeração dos que primeiro leram um livro, confiado

---

<sup>227</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos...*, 2005, p. 29.

<sup>228</sup> CONDÉ, João. ‘Arquivos implacáveis’, *O Cruzeiro*, seção ‘O livro estreou perante...’, 18 de julho de 1953, p. 73. Biblioteca Central Blanche Knopf/Fundação Joaquim Nabuco.

<sup>229</sup> CONDÉ, João. ‘Arquivos implacáveis’. *O Cruzeiro*, seção ‘O livro estreou perante...’, 18 de julho de 1953, p. 73. Biblioteca Central Blanche Knopf/Fundação Joaquim Nabuco.

naturalmente pelos seus autores ainda em manuscritos ou logo após a fatura do primeiro exemplar.<sup>230</sup>

Na lista<sup>231</sup> de Condé, levando-se em conta a disposição das informações na sequência “livro”, “autor”, “1º leitor” foram elencados nomes de escritores como os de Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Gilberto Freyre. De acordo com o colunista da revista *O Cruzeiro, Casa-Grande...*, de Gilberto Freyre, foi lido primeiro pelo “Prof. Fernando Azevedo”<sup>232</sup>; *Sobrados e Mucambos*, do mesmo autor, por Manuel Bandeira; *Angústia*, de Graciliano Ramos, por Rachel de Queiroz; *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, por Valdemar Cavalcanti; e, também de José Lins do Rego, *Fogo Morto*, foi lido primeiro por João Condé.

O ir e vir das cartas era o intermédio entre as intenções de quem escrevia e as condições de quem editava. Tornar os direitos autorais válidos não implicava, nem sempre, na negociação das condições de cumprimento dos termos que resguardavam o editado e o editor. Foi o que deixou transparecer José Olympio a Gilberto Freyre em 1938: “somente agora me foi possível entregar á [...] sua mãe o conto de réis correspondente a fevereiro e mando hoje [...] o correspondente a março. A partir de abril só lhe poderei mandar [...] 500\$000, até que as coisas melhorem para mim”<sup>233</sup>. São estes os informes introdutórios de uma correspondência que expusera o aparente redirecionamento da postura do livreiro José Olympio frente à emersão dos livros didáticos como furor e apelo de mercado. Um redirecionamento de suas prioridades, de sua política editorial. Mas, na outra margem, estava Gilberto

---

<sup>230</sup> CONDÉ, João. ‘Arquivos implacáveis’. *O Cruzeiro*, seção ‘O livro estreou perante...’, 18 de julho de 1953, p. 73. Biblioteca Central Blanche Knopf/Fundação Joaquim Nabuco. [grifo meu]

<sup>231</sup> Trajando-se do discurso do pioneirismo à história da literatura brasileira, afirmou Condé: “A nossa pesquisa rigorosamente exata circunscreveu-se, naturalmente, a atualidade literária. Se, porém, de há muito, os nossos pesquisadores se tivessem dedicado a semelhante empreendimento, muitos acontecimentos literários seriam interpretados com maior precisão.” [CONDÉ, João. ‘Arquivos implacáveis’. *O Cruzeiro*, seção ‘O livro estreou perante...’, 18 de julho de 1953, p. 73. Biblioteca Central Blanche Knopf/Fundação Joaquim Nabuco.

<sup>232</sup> CONDÉ, João. ‘Arquivos implacáveis’. *O Cruzeiro*, seção ‘O livro estreou perante...’, 18 de julho de 1953, p. 73. Biblioteca Central Blanche Knopf/Fundação Joaquim Nabuco.

<sup>233</sup> *Carta* de José Olympio para Gilberto Freyre, de 04 de abril de 1938. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

Freyre, um escritor ávido por publicar e convicto da intenção de viver com dignidade do que escrevia, publicava e vendia. Destarte, tornar-se visível e lido. É preciso dizer ainda: com o aprimoramento da censura no governo de Getúlio Vargas, levando-se em conta o período de 1936 a 1938, muitas das publicações da José Olympio tiveram queda brusca nas vendas. Alinhar-se a política dos livros didáticos do governo seria um caminho a seguir diante das “restrições ao comércio livreiro”. Garantir o pagamento dos direitos autorais passou a ser um desafio constante. Fase, segundo Laurence Hallewell, que tinha “causado um enfraquecimento no mercado” com “a apreensão de livros em todo o território nacional, sem que na maioria das vezes” obedecesse “a um critério justificável.”<sup>234</sup>

Entre uma adversidade e outra, entretanto, quando saídos do prelo, os livros de Gilberto Freyre traziam, na quarta capa, uma lista com os títulos publicados pela Livraria José Olympio Editora. Era um procedimento também seguido quando da publicação dos livros de outros editados como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Jorge Amado etc. O fato é que a lista tinha como função publicizar, ao leitor em potencial, um catálogo variado. Um “reclame” pensado, articulado, associado à expectativa da chegada de um novo título às prateleiras das livrarias. Em suma: a lista de livros, publicados ou na iminência de serem, traduz-se em catálogo e este, por sua vez, em reclame de comunicação direta e barata.

As cartas trocadas com José Olympio tinham nos reclames publicitários um assunto significativo. Dar publicidade aos livros, para Freyre, implicava, no que tange à consolidação do seu projeto de trilogia: *Casa-Grande...*, *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso*. Segundo ele, o editor deveria explanar maior empenho. Em dezembro de 1963, Freyre remeteu carta a Olympio que, só em março do ano seguinte, obteve a resposta do editor acerca da divulgação do *Ordem e Progresso*. O livro que considerava ter sido pouco apreciado frente aos demais.

---

<sup>234</sup> “Nem os livros infantis escapavam. As obras de Monteiro Lobato foram queimadas arbitrariamente e *As Aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain, foi julgado tão perigosamente subversivo que, não satisfeito em confiscar a edição, o governo prendeu Cecília Meireles por tê-lo traduzido.” [HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 504-505.]

Os esclarecimentos prestados pelo editor, deixando transparecer algum desconforto, insinua que Freyre não é o único a receber/merecer atenção da editora: “a cobertura que se fêz da obra foi a mesma que foi feita para Grande Sertão – Veredas do Guimarães Rosa.”<sup>235</sup> O catálogo da editora era extenso e ainda estava em processo de ampliação uma vez que, em relação a Freyre, conservara no plano editorial publicações vindouros do escritor. Os reclames à segunda edição do *Ordem e Progresso*, de 1962, tema da carta-resposta de Olympio, esta datada de 27 de março de 1964, supõe o desejo de Freyre de manter-se em destaque constante quando dos preparativos e da publicidade de seus livros. Entre a divulgação e o lançamento do título, a insatisfação do autor foi sendo ruminada; macerada até a manifestação do editor tempos depois.

Prezado Gilberto[,]

Posso admitir, é possível que você tenha razão neste ponto, que Ordem e Progresso, ‘não teve da casa a cobertura que merecia’ (sua carta de 10 de dezembro, dia em que seu amigo Jotaó completava seus 61 dezembros). Sei somente que na ocasião do lançamento tudo o que podia e devia ser feito foi por nós feito. [...] Como pode você duvidar disso?<sup>236</sup>

As cobranças de Gilberto Freyre são recorrentes no ir e vir das cartas: contestava pelos livros ainda no prelo; reclamava o não pagamento dos proventos – assegurados pela “conta dos direitos autorais”<sup>237</sup>; solicitava a atenção da editora para o conjunto de ensaios do qual fazia parte o *Ordem e Progresso*. O projeto de trilogia de Freyre está, concomitantemente, associado aos projetos de escritor e de autor que tanto desejou firmar, o que justificou, assim, as defesas que empreendeu ao acusar o seu editor de desatenção

---

<sup>235</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 27 de março de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada] [grifo do documento]

<sup>236</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 27 de março de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada] [grifo do documento] O fragmento entre aspas simples é uma reprodução da fala de Gilberto Freyre, na correspondência remetida em 10 de dezembro de 1963, a José Olympio.

<sup>237</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 30 de junho de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

referente às decorrentes edições do livro que acabou por encerrar a “série de estudos em torno da sociedade patriarcal no Brasil”<sup>238</sup>.

Publicizar os livros, era um exercício vital aos negócios da Livraria José Olympio Editora. No entanto, a investida publicitária em um título ou outro, dependeria das circunstâncias relacionadas aos preparativos dos livros. O título que é, circunstancialmente, relevante, para o editor, pelas cifras que atrai, pode não ser para o intelectual que se queixa da falta de maior zelo para com o seu texto transformado em livro. De todo modo, não coube a Gilberto Freyre negar a importância da editora em virtude das minudências de bastidores. O que, por certo, não o fez. Até os anos de 1960, como destituir José Olympio do degrau de editor que conseguiu convergir os mais diferentes nomes dos escritores nacionais em voga? Aos vinte e cinco anos da editora, em 1956, sob o impulso da exaltação, Gilberto Freyre registrou:

quem diz José Olympio não diz apenas um indivíduo, mas uma instituição. Quem diz Editora José Olympio não diz apenas um estabelecimento comercial, mas uma força, um ânimo, um espírito, há anos inseparável da cultura brasileira. Mais do que isso, José Olympio é um exemplo de que a iniciativa particular pode tornar-se tão nacional, tão pública, tão esplendidamente superior ao simples interesse privado quanto um ministério ou um serviço dos que existem oficial e ostensivamente para atender às necessidades de um povo neste ou naquele setor. Ministras quer dizer servir; e, neste nobre sentido, José Olympio vem sendo um dos melhores ministros que a chamada República das Letras tem há 25 anos a seu serviço no Brasil.<sup>239</sup>

A trajetória da Livraria José Olympio Editora tornava, no que concerne à política editorial da “casa”, as suas iniciativas públicas nos livros que produzia. Propaganda, destarte, de menor custo e direta. Entre os anúncios, por exemplo, esteve o que abordava o lançamento da Coleção Documentos Brasileiros quando da publicação do livro *Usina*, de José Lins do Rego. Livros que se anunciavam, assim como divulgavam o catálogo e as demais ações da editora. Na quarta capa da décima edição do *Casa-Grande...*, da Coleção

---

<sup>238</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 09.

<sup>239</sup> FREYRE, Gilberto. 25 anos de atividade editorial. In: *José Olympio: o editor e sua casa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008, p. 376-377.

Obras Reunidas de Gilberto Freyre, constam títulos tanto do autor pernambucano quanto daqueles que figuram na listagem de títulos disponibilizados/editados pela “casa”:

Autores brasileiros em edição da LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA[;]

Gilberto Freyre[;] GUIA PRÁTICO, HISTÓRICO E SENTIMENTAL DA CIDADE DO RECIFE (3ª edição, revista, atualizada e aumentada) Ils. de Luis Jardim[;]

Gilberto Freyre[;] OLINDA – 2º GUIA PRÁTICO, HISTÓRICO E SENTIMENTAL DE CIDADE BRASILEIRA (3ª edição, revista, atualizada e aumentada) Ils. M. Bandeira<sup>240</sup>[;]

Afonso Arinos de Melo Franco[;] A ALMA DO TEMPO (memórias) (Formação e Mocidade)[;]

Octavio de Faria[;] O RETRATO DA MORTE (romance) (VIII da tragédia burguesa)[;]

Nelson Omegna[;] A CIDADE COLONIAL (Col. Docs. Brasileiros)[;]

Rosário Fusco[;] DIA DO JUÍZO (romance)[;]

A. da Silva Melo[;] A ALIMENTAÇÃO NO BRASIL (Col. Docs. Brasileiros) (2ª edição aumentada)[;]

Lourival Fontes[;] MISSÃO OU DEMISSÃO (Discursos no Senado)[;]

Lidia Besouchet[;] CIDADE DE EXÍLIO (romance)

Gilberto Freyre: e o meu dinheiro, José Olympio? Pergunta sugerida, provavelmente, em carta ao seu editor. Na resposta ao autor reclamante dos proventos em atraso, o jogo da retórica. A missiva assinada por José Olympio é de 30 de agosto de 1940. O conteúdo: levantamento de recursos para editar a “Série Casa-Grande”. Retornando de São Paulo, José Olympio chega a concluir que seria possível materializar a proposta apenas com recursos da editora. A intenção era, pois, de publicar a “série” na Coleção Documentos Brasileiros. José Olympio, diante do fato, simula desistir do negócio já que Gilberto Freyre havia deixado em suspenso que teria uma segunda proposta.

Se de um lado Gilberto Freyre ameaçava suspender os direitos de publicação da Livraria José Olympio Editora, o editor, por outro lado, dramatizava as suas condições de mercado. Mas, em seguida, cedia às solicitações do autor que reclamava por mais dinheiro. Forma corrente nos

---

<sup>240</sup> Manoel Bandeira. Desenhista, ilustrador, pintor pernambucano.

diálogos missivos entre ambos: “estou lhe remetendo junto um cheque de seis contos pela edição de Vauthier. O livro será lançado na próxima semana. Creio que ficou bonito. O preço de venda é 20\$000.”<sup>241</sup>

A troca de ameaças e de suspensões de projetos é derrubada quando os temas de rotina reaparecem:

sobre o “Olinda”, mantenho a oferta anterior, de dez contos. As ilustrações terão que ser reduzidas, mas o livro será estudado e feito com o maior carinho. Si você arranjar oferta melhor para ele, abro mão desde já. Não quero, de maneira alguma, prejudica-lo. As 2ª provas de “O Mundo que o Portuguez criou” chegaram comigo e hoje mesmo foram entregues ao Aurelio. “Região e Tradição” está em composição. Um abraço, meu caro Gilberto. Na semana próxima mandarei entregar os exemplares da sua lista. Outro abraço do[,] José Olympio<sup>242</sup>.

Os diálogos eram travados em meio às estratégias de divulgação dos livros, assim como os prazos e o cumprimento dos valores de direitos autorais estipulados. Gilberto Freyre cobrava, exigia. José Olympio, na outra ponta da corda de força, argumentava e expunha suas razões de editor. E, para tanto, procurava instaurar os meios para a viabilização do intento do autor: as cartas, as orelhas de livros, o acompanhamento das provas e das revisões no prelo, sobretudo. E neste sentido, as cartas tinham a função de contratos de direitos autorais que, aos poucos, durante os preparativos de uma edição ou outra, iam enumerando os direitos e deveres do editor e seu autor.

Os entremeios da escrita e, às vezes, o cuidado com a pureza das palavras eram pretextos de esmero e desconfortos. Os intelectuais que escreviam cartas ou datilografavam seus textos, sabiam que deter controle sobre os processos e as pessoas envolvidas na confecção e publicação de uma livro, não era de todo possível. Fosse a falta de esmero com as palavras ou com a revisão de um texto ainda inédito, os ânimos elevavam-se.

---

<sup>241</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre, de 30 de agosto de 1930. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>242</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre, de 30 de agosto de 1940. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

Sobre a condição etimológica da palavra, refiro-me a Mário de Andrade, sobre a qualidade do trabalho de revisão, cito Gilberto Freyre. Segundo Mário de Andrade, um vocábulo mal empregado desvirtuava o valor artístico de um texto<sup>243</sup>. Para Gilberto Freyre, a revisão pouco cautelosa e, por vezes, leviana, punha em perigo a reputação de um autor.

Adalardo Cunha, revisor da editora de José Olympio, foi, seguidas vezes, alvo de queixas por parte de Gilberto Freyre. Uma relação de tensões: o autor, o texto, o revisor. As “revisões imperfeitas”, algumas atribuídas a Cunha, comprometiam o ofício do escritor e a rentabilidade comercial do editor, argumentara Freyre em carta para José Olympio em meados de 1940. Os “livros”, portanto, “que são expostos ao público sem terem sido submetidos a rigoroso contrôlo”<sup>244</sup> e, por consequência, desorientavam o leitor abruptamente. Livros que até a ordem das páginas era alterada. As correspondências de Freyre não abordavam somente os temas convenientes à revisão dos textos e aos pagamentos de direitos autorais, mas referiam-se, a intento, à conformação dos mesmos textos à diagramação ou aos acertos tipográficos do livro a ser publicado.

Em carta de 25 de novembro de 1945, em meio aos preparativos da quinta edição do *Casa-Grande...*, publicado no ano seguinte na Coleção Documentos Brasileiros, volume trinta e seis, o escritor externa a José Olympio o seu interesse em alterar, mas aos modos da edição anterior, as especificações físicas do livro. É o texto na forma do ensaio, alongando-se ainda mais nos ajustes e enquadramentos da paginação e do procedimento de composição tipográfica: “podemos fazer agora uma edição em que grande parte seja como a espécie da última – formato longo, margens amplas, bom papel. As notas são muitas e de página inteira”<sup>245</sup>. A partir das cartas, e não apenas desta em especial, é plausível afirmar que Freyre opinava sobre o

---

<sup>243</sup> MORAES, Marcos Antonio de. Uma áspera pedagogia. In: *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp, 2007, p. 164.

<sup>244</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 28 de julho de 1940. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

<sup>245</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 25 de novembro de 1945. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]



suporte livro, adequando-o às suas preleções de conciliação entre texto e edição. Para tanto, a quarta edição do mesmo título, publicada em 1943, serviu de referência à sugestão dada ao editor.

As cartas remetidas a Olympio, independentemente da variação temporal, têm uma linha condutora quase perene. Além, por certo, de tratarem das circunstanciais que motivavam a emissão de uma correspondência ou outra. O ponto de constância, portanto, está na posição, isto é, na “função autor” perpetrada por Freyre: acompanhar e impor condições aos meios de produção de seus livros vindouros. Postura, vale esclarecer, que não implicava, ou significava, sobreposição do autor em detrimento de seu editor.

Cartas para fazer livros, cartas para a invenção da memória de uma trajetória intelectual. Além dos temas dedicados às revisões consideradas deficitárias ou decisões tipográficas, assomara-se o tópico das cartas perdidas. Estas, um pretexto de lamentação para o escritor cioso e afeito aos apegos. Em artigo para a revista *O Cruzeiro*, de 07 de abril de 1951, Gilberto Freyre assina um “manifesto”: “há [...] uma grande tristeza nas cartas que se perdem. Que, escritas às vêzes com o maior cuidado, não chegam às mãos das pessoas certas e sim às de estranhos. Ou morrem virgens nas caixas dos correios”.<sup>246</sup> Da feitura à publicação, os livros passavam pelas correspondências.

\*\*\*

A quarta edição do *Casa-Grande...* foi a que deu início às publicações de Freyre, pela editora de José Olympio, no ano de 1943. E foi a partir desta tiragem que foi adotado o enunciado que, mais à frente, colaborou para a composição do sentido de legado demandado pela Coleção Obras Reunidas

---

<sup>246</sup> FREYRE, Gilberto. Cartas perdidas. In: *O Cruzeiro*, seção ‘Pessoas, Coisas & Animais’, de 07 de abril de 1951, s/p.

de Gilberto Freyre: incluiu-se na capa “o título geral”<sup>247</sup> como um precedente à acepção do ensaio que adquiria a forma de livro: “introdução á historia da sociedade patriarcal no Brasil.”<sup>248</sup> Escopo do projeto de trilogia que, até a terceira edição do *Casa-Grande...*, não tinha sido explorado como recurso e/ou discurso de produção editorial; ou de preâmbulo à propensão estética e conceptiva do autor.

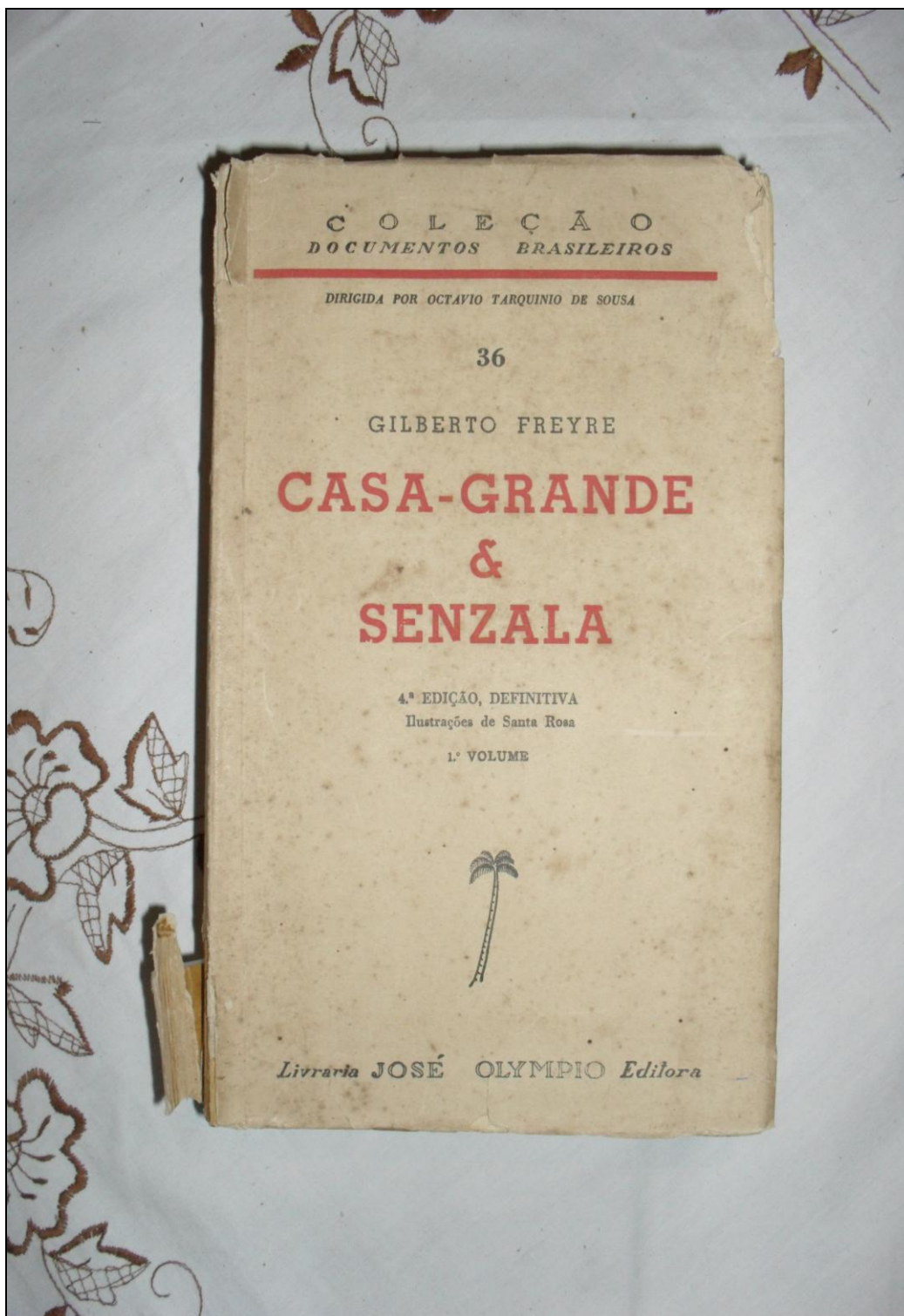
É certo que os predicativos atrelados à forma física dos livros são quase sempre determinados pelo “editor-livreiro”<sup>249</sup> conforme nos alerta Roger Chartier. Entretanto, as cartas trocadas entre o escritor pernambucano e o editor José Olympio dão sinais de um autor mais participante.

---

<sup>247</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 25 de novembro de 1945. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

<sup>248</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 25 de novembro de 1945. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

<sup>249</sup> CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: *Práticas da Leitura*. Trad.: Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 97. Um adendo: esclareço que o uso que faço da reflexão “editor-livreiro” obedece às proporções (distinções) históricas da França dos séculos XVII e XVIII e do Brasil de Gilberto Freyre e José Olympio do século XX.



Capa da 4ª edição do *Casa-Grande & Senzala* e o símbolo do selo Livraria José Olympio Editora: a palmeira.

O *Casa-Grande...*, o da “4ª edição, definitiva”, trouxe nas orelhas “algumas opiniões da crítica brasileira e estrangeira” sobre a obra, assinadas pelos membros das relações sociais de Gilberto Freyre. Isto porque as “apreciações, quando favoráveis, [...] [são] incorporadas às orelhas (uma inovação da época) do livro, costume atribuído a José Olympio, embora a primazia seja [também] disputada pela Civilização Brasileira”<sup>250</sup>. Nomes de abrangência como os de Lucia Miguel Pereira, Octavio Tarquínio de Sousa e Ruediger Bilden [Rüdiger Bilden] alentaram o princípio da não contradição envolto no produto comercial: a exaltação para afirmá-lo, harmonizá-lo. Os nomes, as autoridades. São eles a recomendação expressa da obra.

As opiniões citadas são dispostas em trechos. São fragmentos de falas mais amplas. Elencadas uma a uma obedecendo às ordens argumentativa e de conteúdo do livro: a miscigenação nacional, o estilo e a forma da escrita, a atualidade científica do objeto e do método. Lúcia Miguel Pereira, registrou o seguinte comentário: “... é desses livros que deveriam andar em todas as mãos porque alargam não no espaço, naturalmente, mas no tempo, os limites de uma nação.”<sup>251</sup>

Antes do comentário de Rüdiger Bilden, uma observação: foi ele considerado por Percy Alvin Martin, “um dos nossos mais hábeis estudiosos das relações raciais no Brasil”.<sup>252</sup> Não é de todo estranha a afirmativa de Martin. Bilden dedicou-se às questões de raça e cultura ligadas às disparidades sociais nos Estados Unidos e no Brasil. Todavia, ao contrário das projeções alcançadas por Gilberto Freyre e Francis Butler Simkins, ele “não se destacaria na vida acadêmica e não construiria uma carreira intelectual.”<sup>253</sup> Mas, afinal, o

---

<sup>250</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 2012, p. 496.

<sup>251</sup> Orelha do segundo volume da 4ª edição do *Casa-Grande & Senzala*.

<sup>252</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. Preâmbulo: reflexão sobre os vencedores e os perdedores na história. In: *O triunfo do fracasso: Rüdiger Bilden, o amigo esquecido de Gilberto Freyre*. São Paulo: Unesp, 2012, p. 197.

<sup>253</sup> “Por que, então, estudar Rüdiger Bilden? É natural que se levante essa questão. Afinal, que interesse pode haver em falar sobre um homem aparentemente sem importância, cuja vida poderia ser descrita como um fracasso e, em vários momentos, como desesperadora?” Um nome, na condição do indivíduo moderno, distante de ser o exemplo de sucesso. [PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Preâmbulo: reflexão sobre os vencedores e os perdedores na história. In: *O triunfo do fracasso...*, 2012, p. 22.]

que seria uma carreira intelectual? Para a historiadora Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, consistia nas realizações que Bilden não agregou à sua biografia: “[...] jamais terminou o doutorado ou demonstrou por publicações e realizações visíveis o saber e a capacidade que seus colegas, professores e amigos conheciam.”<sup>254</sup>

Gilberto Freyre, como é demasiado sabido, titulado mestre pela Universidade de Columbia em 1922, na interpretação da historiadora Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, foi, gradativamente, deixando de referendar Rüdiger Bilden como o seu grande inspirador intelectual. Mas ambos, mutuamente, se inspiravam. Reconheceram, um em relação ao outro, as contribuições que compartilharam. Contudo, a insistência da historiadora em encontrar, no embalo da especulação, o motivo pelo qual Freyre foi, sequenciadamente, associando-se aos nomes de Franz Boas e Frank Tannenbaum, em detrimento do nome de Bilden, traduzia-se em ingratidão por parte do escritor pernambucano.

O exercício de Pallares-Burke incorre no afã inócuo da “angustia da influência”. Onde está a origem? Quem foi o primeiro a influenciar? Sabemos que as trocas, e as apropriações, digo no mais lícito dos sentidos da palavra, entre intelectuais é, em grande medida, simbiótica. Entre amigos e parceiros de ideias, e convicções, ainda mais.

Não podemos perder de vista que Gilberto Freyre era vaidoso. E, aliás, nas relações entre intelectuais as vaidades são uma rotina. As citações às referências são, conforme o sentido que terão à autobiografia de um intelectual, forjadas a partir das conveniências daquele que se autobiografa. Freyre soube assim instrumentalizar-se. Não hesitou em fazer uso dos meios de autopromoção. Se legítimos ou injustos não nos cabe julgar. Cabe-nos problematizá-los e não identificar/impôr suas causas, suas motivações, suas origens.

Reconhecer em Frank Tannenbaum, e em especial em Franz Boas, o patamar da maestria, aparentemente tarde, não implica que o reconhecimento

---

<sup>254</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *O Triunfo do fracasso...*, 2012, p. 22.

esteja fora de propósito. O ato de reconhecer valida-se, sobremaneira, no amadurecimento intelectual. Prepondera-se no soerguimento de certezas que só o estabelecimento, repito, da maturação intelectual permite, consente. Freyre e Bilden referendaram-se diversas vezes. O uso com recorrência do nome de Boas pelo escritor pernambucano, segundo Pallares-Burke, não correspondia ao fato de “nem o antropólogo nem seu aluno brasileiro [...] [marcarem], de imediato, um ao outro.”<sup>255</sup> A historiadora vale-se disso para questionar a aparente incoerência de Freyre, ao citar sistematicamente e de modo repentino, o seu professor dos dias de Columbia.

As menções a Boas e a Tannenbaum “foram se repetindo e se tornando mais entusiásticas”, acrescenta a historiadora. “E, como exageros e falsidades têm o poder de adquirir peso ao serem repetidos, não é de admirar que a importância de Bilden tenha se obscurecido ao longo dos anos”, sem uma razão plausível, “e [, portanto,] sido indevidamente negligenciada nos estudos freyrianos.” Não entendo a situação aqui colocada nos presentes termos. Independentemente do fator que levou Freyre a recusar Bilden, ficara constituído nos seus textos a memória que desejara impor, em detrimento da memória do historiador alemão. Há, aqui, pois, uma negação de memória quando o autor de *Casa-Grande...* passou a escrever e reescrever seus textos, destituído Bilden do patamar que nos mesmos textos havia sido elevado.

É certo que algo esteve, entre ambos, em disputa. Se foi a autoria da ideia que resultou na escrita do *Casa-Grande...*, é de difícil mensuração. Mas, afinal, está a cargo da história encontrar causas para as problemáticas que a própria história acentua? Certamente não. Para Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, em *O triunfo do fracasso...*, Gilberto Freyre contribuíra para o “fracasso” de Bilden. As fontes são utilizadas pela autora para afirmar aquilo que ela desejava afirmar, comprovar. Um erro, demasiado desconcertante, para o ofício de uma historiadora já alçada ao reconhecimento.

---

<sup>255</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Epílogo: vencedores e perdedores: Gilberto Freyre e Rüdiger Bilden. *O triunfo do fracasso...*, p. 351.

Negar que Gilberto Freyre depôs a imagem de amigo confidente que mantinha em relação a Rüdiger Bilden, não seria coerente com as evidências. Entretanto, também não seria coerente afirmar que Freyre seria o único antagonista na amizade que ficou estremecida. Antes dos desentendimentos, o historiador havia comentado com entusiasmo sobre o livro de 1933. O fragmento, publicado na orelha da quarta edição, sem a especificação da data em que foi emitido, foi somado ao livro para enaltecê-lo como estratégia editorial. Contudo, não é absurdo concluir que fora enunciado antes de qualquer desentendimento entre os amigos. Se antes ou depois das rugas, Bilden reconhece em Freyre a capacidade de ter provido o *Casa-Grande...* com a originalidade que lhe seria peculiar: “o que mais admiro em ‘C. – G. & S.’, no seu autor, é a visão larga, vasta, compreensiva do Brasil, sem sacrifício de objetividade científica”<sup>256</sup>. Mais adiante, completa:

a ausencia total daquele filosofar facil, em tom oratorio, que prejudica a cultura brasileira, mesma a melhor, o amor profundo e sadio pelo Brasil e, ao mesmo tempo, o desassombro de crítica do povo e dos costumes brasileiros quando necessaria; a vantagem do treino universitario e dos estudos no estrangeiro reunida à sensibilidade[,] ao ambiente nativo um dos maiores livros, não só brasileiros, mas sobre o Brasil. Há décadas que não aparece uma obra igual.<sup>257</sup>

Se o trecho serviu de promoção à mais recente, até então, tiragem do *Casa-Grande...*, Gilberto Freyre sabia da relevância que a fala de Rüdiger Bilden teria para a sua projeção como autor perante os interlocutores com os quais mantinha contato. Servira, além do mais, de estatuto de pioneirismo quanto à sua formação acadêmica e à legitimação perante à crítica estrangeira que tantas vezes destacara em seus textos.

Entre os interlocutores, Octávio Tarquínio de Sousa. Um dos nomes a constar na orelha da quarta edição do *Casa-Grande*. Para o historiador, o lastro da linguagem exercida no livro era o motivo emblemático para a ocorrência do espanto que lhe seguiu. Entretanto, cabe ponderar: o fragmento assinado por Tarquínio de Sousa foi apropriado pelo autor do livro para, com a intenção de

---

<sup>256</sup> Comentário impresso na quarta capa da quarta edição do *Casa-Grande...*, 1943.

<sup>257</sup> Da quarta capa da quarta edição do *Casa-Grande...*, 1943.

usar da flâmula do reclame editorial, encetar o olhar do leitor para o detalhe acentuado pelo historiador e biógrafo dos estadistas do Brasil: a escrita, o estilo, a linguagem.

A linguagem... é um maravilhoso instrumento em que todas as nuances se realçam. Não sei hoje de escritor que mais domine a língua, que mais a tenha a serviço de suas idéias. Gilberto Freyre faz o que quer do português e isso sem desnaturar-lhe a índole, sem sacrificá-lo a nenhum tique, a nenhuma moda.<sup>258</sup>

A disciplina seletiva do trabalho de revisão, edição, editoração de um livro, de um texto, deve obediência ao trato técnico e, inclusive, às circunstancialidades interpessoais. Passa pela necessidade de atender aos diversos interesses deitados sobre o objeto de deleite e de consumo que se anuncia: o livro iminente e esperado. Em carta de 04 de outubro de 1974, emitida por Gilberto Freyre, da cidade do Recife, para José Olympio, não fica difícil considerar esta afirmação. Discorre na missiva sobre a publicação do *Tempo morto e outros tempos* cuja primeira edição é de 1975.

Gilberto Freyre expusera em carta a “J. O.”, infortúnios recursivos de bastidores. Sobre o *Casa-Grande...*, com décima edição de dezembro de 1961, e os seus consequentes adventos frutíferos, requisita e sentencia: os críticos brasileiros não têm a mesma destreza dos estrangeiros.

Breve estará aí o Knopf.<sup>259</sup> Espero que vocês dois se tornem amigos. Obrigado por virem ex. da 10ª Ed. brasileira de C. G. & S. Vi que escolheram o Luís Martins para escrever as orelhas. Boa escolha. Mas continuo a preferir as opiniões estrangeiras, mais desassombradas em destacar as possíveis qualidades dos meus livros do que os críticos e jornalistas nacionais, sempre cautos, limitando elogios, etc. Enfim, é isso mesmo. Assim é o amado Brasil.<sup>260</sup>

Os preparativos que precediam às publicações dos livros, contavam com as orientações de Gilberto Freyre. Era ele quem dizia o que inserir como

---

<sup>258</sup> Orelha da 4ª edição do *Casa-Grande & Senzala*.

<sup>259</sup> Editor norte-americano, Alfred Knopf, que publicou a tradução em língua inglesa do livro *Casa-Grande & Senzala*.

<sup>260</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio, de 04 de janeiro de 1962. *Cartas do Próprio Punho...*, p. 135.



informações “publicitárias” relevantes à promoção das edições iminentes. As orelhas, as quartas-capas, por exemplo, traziam trechos referentes à biografia e ao percurso intelectual do escritor, assim como as menções de terceiros voltados à reverência de sua imagem de inaugurador, de pioneiro nos estudos dedicados à relação entre raça e cultura no Brasil. As citações de terceiros, repito, controladas pelo escritor, eram dispostas com o fim de reafirmar seus intentos. No entanto, quando a escolha, por alguma razão ficava a cargo do editor, Freyre demonstrava desconforto. O nome de Luis Martins, portanto, é alusivo ao fato.

Os estudos *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos* e em *O triunfo do fracasso...*, apontam para a personalidade controladora do escritor. Segundo Pallares-Burke, Gilberto Freyre demonstrava incomodo quanto à proximidade de Rüdiger Bilden do antropólogo Franz Boas. Daí, ainda de acordo com a autora, “a renomada vaidade de Freyre” ter sido, “talvez[,] [...] defensiva e fruto de uma insegurança jamais superada”. Aspecto que incidiu “em detrimento dele próprio”.<sup>261</sup> Não desconsidero de todo a observação da historiadora. No entanto, no tramar das articulações sociais, mediadas pelas cartas e pelos livros, residem princípios, às vezes contestáveis, que validam disputas, e sobretudo as projeções conquistadas, quando da elaboração da imagem que os intelectuais faziam de si mesmo.

Pallares-Burke, sobre as posturas de autodefesa construídas por Gilberto Freyre, diz que o escritor assumiu atitude “indelicada e insensível”<sup>262</sup> diante do editor Alfred Knopf. Autodefesa que, sob a regência da vaidade, o colocou em situações de perda, de desprestígio. Baseada em uma carta de Freyre ao editor norte-americano, Pallares-Burke afirma que o escritor expusera sua insatisfação ao tomar conhecimento do “‘boletim’ da editora anunciando os dois livros em português que estavam sendo lançados pela editora Knopf.”<sup>263</sup> Um, de Guimarães Rosa, o outro, de Jorge Amado. Para a

---

<sup>261</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. Epílogo: vencedores e perdedores: Gilberto Freyre e Rüdiger Bilden. In: *O triunfo do fracasso...*, p. 355.

<sup>262</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *O triunfo do fracasso...*, 2012, p. 356.

<sup>263</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *O triunfo do fracasso...*, 2012, p. 355.

historiadora foi esta a razão que justificou a emissão da “carta infeliz”<sup>264</sup> a Knopf.

Frank Tannenbaum, o prefaciador da edição em inglês do *Casa-Grande...*, de 1946, recebeu, de Knopf, uma cópia da “carta infeliz” de 1963: ano em que o *Sobrados e Mucambos* era traduzido e publicado pela mesma editora.

Raramente vi um exemplo semelhante a esse de deselegância e ingratidão. Sabia que ele era vaidoso e também que é ao mesmo tempo provinciano e cosmopolita. Mas nenhum autor sensível enviaria a seu editor uma carta como essa praticamente na data de publicação. Compare o tratamento de Freyre com o que nos dá Rosa e Amado.<sup>265</sup>

A declaração de Pallares-Burke é categórica ao estipular o motivo, concernente à publicação dos livros de Rosa e Amado, que levou Gilberto Freyre a indignar-se com o seu editor nos Estados Unidos. Talvez existam outros indícios que a permitiram sustentar essa argumentação, mas se de fato existem, não foram dispostos. Há na lógica da autora d’*O triunfo do fracasso* o prenunciado linear entre causa e consequência.

Contando a providência do portador, Gilberto Freyre atualiza o seu editor do recebimento das provas do *Tempo morto...*: “as duplas provas [...] com sugestões de amigo a amigo.”<sup>266</sup> E o portador? Joaquim Falcão.<sup>267</sup> Uma vez comunicado, no preâmbulo da carta o recebimento das provas, as respostas às sugestões do editor. O autor, acerca das reservas de José Olympio quanto às revelações contidas no diário-memória, disse ter seguido a maior parte: “cortei

---

<sup>264</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *O triunfo do fracasso...*, 2012, p. 355.

<sup>265</sup> Esclarecimentos da autora: “Carta de Alfred Knopf a Frank Tannenbaum, 24 abr. 1963, Tannenbaum Papers, caixa 8, pasta ‘Freyre’, CURBML. O livro *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, estava sendo lançado também nessa data, enquanto Jorge Amado já era um autor consagrado da editora.” [KNOPF, Alfred *Apud* PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Epílogo: vencedores e perdedores: Gilberto Freyre e Rüdiger Bilden. In: *O triunfo do fracasso...*, p. 355.]

<sup>266</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio, de 04 de outubro de 1974. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

<sup>267</sup> Joaquim Falcão. Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e da Fundação Getúlio Vargas – FGV. Foi pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ do Recife.

o que v. acha que deve ser cortado.” Mas, em uma via contrária, recusou-se a extrair do texto assuntos que até já tinham “sido publicadas como o caso do frade e da mulatinha.” O receio de José Olympio pairava sobre a interpretação do leitor em relação à possível homossexualidade de Gilberto Freyre. Daí, repito, as “sugestões de amigo a amigo” assumirem a centralidade da epístola. As “tendências homossexuais”, retrucou Freyre, não se referiam à sua condição.

Dentre os temas, a fala de Freyre sobre o literato José Lins do Rego. Uma fala que toca, causando embaraço entre os intelectuais da trama social tecida pelos interlocutores em comum, na “aversão que havia contra ele da parte dos bem-pensantes: nunca com um mínimo de solidariedade minha.” E já que os preparativos do livro estavam em curso, o detalhe acerca do trabalho de revisão é recomendado sem ritos oratorianos:

prestem bem atenção às correções. Havendo pontos em que v. insiste escreva, com a transcrição do trecho. Não vejo mal nenhum no caso da empregadinha que me ensinou a ter relações com ela sem desvirginá-la (por outro seria) nem no das relações (que não me entusiasmaram) com uma vaca de fundo de sítio. Escreva logo. Imediatamente. Grande abraço do Gilberto.<sup>268</sup>

A escrita e reescrita de textos condiz com o *Tempo morto...* . “Diário-memória” que passou pela clivagem da seleção a que se referiu Pallares-Burke: “ênfases foram retiradas e acréscimos foram feitos”.<sup>269</sup> Freyre quis referendar a si mesmo. Quis ser, em suma, a testemunha de si mesmo. Incluiu, acrescentou, extraiu para fomentar o que lhe era conveniente e oportuno. Ele soube manipular o poder de persuasão da escrita. Detentor de uma escrita manipulável e circunstancial, exerceu “a tentativa de reconstituição” constante não só dos “aspectos mais íntimos da história social da família brasileira”<sup>270</sup>,

---

<sup>268</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio, de 04 de outubro de 1974. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>269</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Epílogo: vencedores e perdedores: Gilberto Freyre e Rüdiger Bilden. In: *O Triunfo do fracasso...*, p. 353.

<sup>270</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, p. 09.

mas de sua própria biografia autocentrada. O escritor que articulou os potenciais aditamentos à condição de autor que desempenhava.

\*\*\*

Mesmo oscilando na escala dos mais e dos menos vendidos, os livros de Gilberto Freyre autorizavam-no a requerer do editor José Olympio um aumento ou outro nos valores correspondentes aos direitos autorais. Olympio, na função que lhe competia, procurou argumentar e contra-argumentar Olympio garantia, Freyre cobrava: faço-lhe “um apelo: o de a começar deste janeiro aumentar minhas mensalidades de direitos autorais ao menos para 150, se não lhe for possível chegar aos [...] 200.” Sentenciando, completou: “estamos no fim, J. O. – eu mais do que V. e temos direito a quanto for possível de conforto e despreocupação.”<sup>271</sup>

São as cartas trocadas o indicativo de construção do nome da editora e do autor: o autor para a editora e a editora para o autor, apesar do conflito de interesses. Anne Vincent-Buffault atenta para um fator de destaque à leitura das minudências da amizade epistolar: “a correspondência torna-se o altar da amizade, monumento privado onde vem se celebrar a relação e se inscrever a marca, onde se principia a obra comum [...]”<sup>272</sup>. Ou seja: o feito não é o resultado da força individual, mas o compartilhamento de intenções direcionadas para o mesmo fim. O livro, a intento, mesmo imbricado no jogo de perspectivas entre o editor e o autor, traduz-se nesta proposição. A amizade, pois, mediante as cartas, é o vínculo à concretização do interesse em comum.

---

<sup>271</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 04 de janeiro de 1962. Publicada em *Cartas do próprio punho...* p. 135.

<sup>272</sup> A troca de cartas, ao intensificar-se, permite estimular “o processo de desformalização e invenção de um código íntimo [que] vai também deslocar o belo ordenamento da arte epistolar. As novas exigências da intimidade, os mal-entendidos, as delicadezas crescentes, as amizades apaixonadas, as discórdias entre amigos abrem outras possibilidades em que os correspondentes vão arriscar parte de si mesmos.” [VINCENT-BUFFAULT, Anne. Introdução. In: *Da Amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Trad.: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996, p. 23-25.]

Sem o valor eletivo da amizade, a inscrição da “marca”, o pacto, não pode ser efetivado. Apesar do fim comercial que balizava a Livraria José Olympio Editora, a relação de amizade do editor José Olympio para com os seus editados não foi posta em um plano menor. Foi o que Gilberto Freyre supôs, aspirou fundar:

[o] programa, traçado por José Olympio, quando ainda moço e romântico, vem sendo o de servir a Casa à cultura brasileira menos como uma empresa particular, ávida de lucros, que como um ministério, a serviço de um interesse ou de uma causa nacional.<sup>273</sup>

Os livros de Gilberto Freyre, entre os agrados e os desagradados da sua condição de autor, não eram publicados pela Livraria José Olympio Editora sem o endosso dos artifícios comerciais. Os reclames de quarta capa, por exemplo, forjavam a expectativa do leitor, assim como o estatuto de precedência que os mesmos livros portavam. Esta é a imagem que o anúncio da Editora aspirou quando da “nova edição consideravelmente modificada”, do *Sobrados e Mucambos*: segunda edição de 1951.

Os reclames que chamavam, a cada nova edição, o leitor, envolvendo-o na expectativa de uma boa leitura, tinham na pessoa do crítico a probabilidade de ter confirmado, ou não, os apelos que decidiam o ensejo das propagandas. A crítica de Mario Melo<sup>274</sup> [1884-1959], por exemplo, supôs antever as constatações, ou melhor, as impressões do leitor diante do texto e das proporções físicas do produto livro: *Sobrados e Mucambos*. Logo, se para os reclames, em geral, o atrativo ao leitor estaria na articulação das palavras na forma do ensaio, para o crítico, pois, este seria, então, um fator de menor prestígio.

---

<sup>273</sup> FREYRE, Gilberto. 25 anos de atividade editorial. In: *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 377.

<sup>274</sup> Historiador e jornalista pernambucano. Foi colaborador dos periódicos *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio* do Recife. Autor de *A Maçonaria no Brasil*, 1909, *Ruas do Recife*, 1920, e de *Elementos da História do Brasil*, 1936.

A combinação entre a forma do ensaio em Gilberto Freyre e a forma do livro é, em tom contundente, o objeto da análise de Melo. *Sobrados e Mucambos* é um

livro de quatrocentas páginas, contém, apenas, sete capítulos, o que dá uma média de cinquenta e tantas páginas por capítulo, em cada um dos quais se perde o leitor com as divagações e se enfada com as repetições. Fazer-lhe uma consulta – desde que não conclua, não há opinião do autor – é o mesmo que meter-se alguém num cipó de mata virgem.<sup>275</sup>

Embora a citação acima não indique o ano e nem o jornal em que foi publicada, não seria imprecisão afirmar que é contemporânea à tiragem de segunda edição do segundo livro da trilogia. A extensividade do ensaio em Gilberto Freyre, questionada por Melo, quando da primeira edição em 1936, foi maior se comparada a segunda. O ensaio aos modos de Freyre é fluido e, por conseguinte, pouco alinhado às subdivisões: tópicos, capítulos. É por esta razão que o número total de capítulos da primeira edição, se comparada à segunda, é menor. Ou seja: quanto mais extenso seria o texto, menos capítulos o constituiria. Uma característica que, de conformidade com as condições técnicas referentes à produção de um livro, permitia que o texto sofresse adaptações, interferências de edição.

A mensagem mais recursiva nos reclames era a que dizia respeito ao modo de escrita de Gilberto Freyre. O interesse do escritor, portanto, e muitos dos reclames eram escolhidos por ele, não se restringia à afirmação estética, mas também à postura assumida em relação ao seu ofício. Ao escolher o que deveria ser dito/publicado sobre si, expusera, pois, a intenção de como desejava ser visto, lembrado. O jogo de uma propaganda veiculada em um livro, sobre o mesmo exemplar ou um outro, retroalimentava o catálogo da editora. O livro *Quase política*, de 1950, é exemplo disto. Foi publicado no mesmo ano da sexta edição do *Casa-Grande...*, na Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre: composto de nove discursos e uma conferência proferidos

---

<sup>275</sup> Fragmento de jornal sem identificação ou data. Caderno de recorte de jornais. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

por Gilberto Freyre na Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, e na Faculdade de Direito do Recife.

Na quarta capa do *Quase política*, lê-se o seguinte reclame: esgotado há 14 anos, o livro “*Sobrados e Mucambos* reaparecerá, depois de uma 1ª edição de 8.000 exemplares lançada em 1936”. É “quase um novo livro, tantos são os acréscimos e modificações” referentes “aos capítulos originais e tais são as características com que se apresentará agora a notável obra”.<sup>276</sup> O reclame é rico em argumentos em torno do ineditismo da nova edição do *Sobrados e Mucambos*. É um chamamento que visava a atrair o leitor pela “feição gráfica inteiramente nova (dois volumes em formato grande, seguindo o modelo de Casa-Grande & Senzala, de que é continuação) – primorosas ilustrações”. E sem que a editora deixasse de informar que era, “pela primeira vez,” um livro que trazia um “completo índice de matérias” e acompanhado de “valiosíssima documentação sistematizada no final do 2º volume”<sup>277</sup>.

A manutenção de um autor, notadamente, passa pelo fôlego de sua editora em alimentar as livrarias com edições e reedições dos volumes a publicar e dos já publicados. Não seria absurdo considerar que um determinado título, recém-saído do prelo, ao ser possuído pelo leitor só o foi dentro de situações e circunstâncias que refletiram, direta ou indiretamente, na tiragem, na qualidade da edição e no controle dos meios de promoção da propaganda; de posicionar-se com estabilidade diante da concorrência. Daí, as tiras e listas com ares de catálogos encontrarem lugar e sentido nas quartas capas. O *Sobrados e Mucambos* anunciado estava municiado de “dezenas e dezenas de novas páginas acrescentadas à edição primitiva, sendo os seguintes os capítulos escritos especialmente para” a “reedição”<sup>278</sup> do segundo título da trilogia:

[1º] O Oriente e o Ocidente, onde pela primeira vez se analisa e se interpreta ‘o embate entre duas grandes influências antagônicas que se juntaram na formação patriarcal do brasileiro, da sua cultura e da sua paisagem’, fazendo-o ‘o homem ao mesmo tempo do palanque asiático e da pistola européia, do bife à inglesa e do arroz indiano,

<sup>276</sup> Quarta capa do livro: FREYRE, Gilberto. *Quase política...*, 1950.

<sup>277</sup> Anuncio na quarta capa do livro: FREYRE, Gilberto. *Quase política...*, 1950.

<sup>278</sup> Anuncio na quarta capa: FREYRE, Gilberto. *Quase política...*, 1950.

das pernas cruzadas à maneira do Oriente e da casaca talhada à moda francesa ou inglesa'.<sup>279</sup>

Na sequencia, lê-se:

2º Raça, Classe e Região, onde Gilberto Freyre estuda a e interpreta o 'jogo ou a interpenetração dessas três influências na formação social do brasileiro, em particular, e do homem em geral' – 3º Animal, Escravo e Máquina, onde o autor mostra, em páginas fortemente documentadas, a interpenetração dessas três forças de produção e de transporte no sistema patriarcal brasileiro de família, economia e cultura, para cuja desintegração a generalização do uso do cavalo-motor ou da máquina concorreu, junto com outras influências sociais, inclusive a miscigenação.<sup>280</sup>

Se a escrita do ensaio é fluida, os capítulos apenas sugerem subdivisão. O modo do ensaio em Gilberto Freyre prevê intervalos na narrativa, dando ao texto a ideia de continuidade, e não a compartimentação estanque e conclusiva que a sequencia capitular requer, comumente, quando da transformação de um texto não ensaístico em livro.

\*\*\*

As correspondências de Freyre para Olympio tinham melindres, requisições, imposições. São cartas nas quais os correspondentes se atualizavam – uns dos outros – dos padecimentos, aflições, venturas, bonanças. “Caro J. O.: continuo a sofrer terrivelmente com a separação de Ulysses. Foi terrível. [...] V. que é tão irmão dos seus irmãos pode imaginar o

---

<sup>279</sup> Anuncio na quarta capa: FREYRE, Gilberto. *Quase política...*, 1950.

<sup>280</sup> Anuncio da quarta capa do livro *Quase política* de Gilberto Freyre, de 1950. O itálico é do documento.



que estou sofrendo, na minha grande solidão”<sup>281</sup>. Destarte, Gilberto Freyre – meticoloso como era – atribuíra ritmo e intensidade às cartas: procurava agradar, reclamar, amenizar suas intenções. Procurou agir sob o verbo do convencimento.

A Livraria José Olympio Editora reedita *Casa-Grande...* em 1961: em novembro. Mês do falecimento de Ulysses Freyre. No ensejo do luto, a carta de 23 de janeiro de 1962, sobressaíram-se as retificações sobre a elaboração da imagem tríade que o livro deveria suplantar. A crítica ou os instrumentos de editoração, acreditava Freyre, deveriam coadunar do mesmo elo discursivo. De pronto, advertiu: “Não concordo em *C. G* e *S. M.* continuem a ser apresentados como meus <<dois (os dois) livros fundamentais>>, com exclusão de *O. P.* De modo algum”<sup>282</sup>. Epístola em resposta ao texto de orelha do *Casa-Grande...*, escrito por Luís Martins.

O alerta de Gilberto Freyre, por fim, obtemperava a perspectiva de “obra” inauguradora à *Casa-Grande...*. A parte da tríade. “Os três livros são fundamentais. [E rematou, dizendo:] [...] peço que seja dada a devida atenção às críticas a respeito, da gente brasileira idônea mais moça que, ao meu ver, tem sido a que melhor tem compreendido o que há de original e importante em *O. e P.* [...]”<sup>283</sup>. O livro foi editado no formato de dois tomos. Logo, o texto de Martins tem início nas orelhas do primeiro volume e fim nas do exemplar segundo. É um texto sem os elogios esperados por Gilberto Freyre: “*Casa-Grande & Senzala* – que aparece, nesta edição (a 10ª brasileira), pela primeira vez depois da comemoração do seu jubileu – é uma obra predestinada.”<sup>284</sup> E mais: reafirma o livro no lugar comum, portanto, sem acrescentar-lhe uma nova perspectiva crítica.

Seu aparecimento, há 28 anos, no meio cultural brasileiro, teve o sensacionalismo de um impacto emocional desconcertante e poderoso, algo semelhante ao que se verificou quando do primeiro lançamento

---

<sup>281</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 23 de janeiro de 1962. Publicada em *Cartas do próprio punho...*, p. 135-136.

<sup>282</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 23 de janeiro de 1962. Publicada em *Cartas do próprio punho...* p. 135-136.

<sup>283</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 23 de janeiro de 1962. Publicada em *Cartas do próprio punho...* p. 135-136.

<sup>284</sup> Orelha da décima edição do *Casa-Grande...*, 1961.

editorial de *Os Sertões*, quase meio século antes. São duas datas marcantes, 1902 e 1933, no panorama histórico da cultura nacional, que ambos os livros estariam fadados a revolucionar, estabelecendo novos marcos e novas diretrizes nos estudos de interpretação e análise do homem e da cultura – cultura aqui no sentido sociológico – brasileiros.

Apesar do texto das orelhas não imprimirem maior inflexão ao livro, vale informar que a tentativa de Gilberto Freyre, escritor cioso, era dispor do lugar do *Casa-Grande...*: uma das partes da trilogia. A ideia de sequencia por ele defendida, justificava-se no argumento de instituir “a série de estudos em torno da sociedade patriarcal no Brasil”<sup>285</sup>. E havia um outro detalhe: Freyre gostava da crítica que acentuava o seu domínio com a articulação e o uso peculiar das palavras. Luís Martins faz alusão a este fator, mas uma rusga de bastidores acabou por avolumar-se em consequência de um motivo: a não menção ao *Ordem e Progresso*.

O que não deixa de ser, até certo ponto, surpreendente, principalmente quanto ao livro de Gilberto Freyre, visto tratar-se de obra que, pela própria seriedade rigorosamente científica do tema, aparentemente acessível, com exclusividade, a uma *elite* de especialistas, no setor estritamente universitário, parecia, à primeira vista, incapaz de despertar interesse num público pouco familiarizado com os estudos e pesquisas atinentes às ciências sociais, habituado que estava, em 1933 ainda mais do que hoje, a se deleitar apenas com as belezas literárias da poesia e da ficção romanesca.<sup>286</sup>

No detalhe, a aproximação da forma da narrativa do texto ao estatuto da arte:

o segrêdo do êxito popular, retumbante e imediato, que consagrou o trabalho excepcional do mestre de Apipucos – como desde então ficou conhecido o seu autor – reside no fato, sem dúvida raro, de ser *Casa-Grande & Senzala* não apenas uma importante obra de pesquisa histórica e de análise sociológica dêsse extraordinário mosaico social e humano que é o passado brasileiro, mas também, pelo estilo, pela

---

<sup>285</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Ordem e progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 09.

<sup>286</sup> Texto das orelhas da décima edição do *Casa-Grande...*, 1961.

vivacidade, pela graça, pelo sabor, rigorosamente – uma obra de arte. Realmente, Gilberto Freyre é um grande artista.<sup>287</sup>

Na carta há pouco citada, Gilberto Freyre indica nomes que confirmassem e avolumassem a imagem que o escritor desejava reforçar na aparição pública, nos livros publicados:

um Gilberto de Melo Koveriski em S. Paulo, um Bernardo Gerson (Rio, Brasília), um Machado Neto (Bahia). A eles devemos recorrer para orelhas. É pena também que Colly não tenha podido traduzir, como prometeu, o artigo de Roger Bastide a respeito de *O. e P.*, no qual se indica haver no mesmo uma <<sociologia do tempo>>, nova. Pena. Mas o ponto essencial é este: os três livros são fundamentais. Tenho quase pronto o prefácio para a nova ed. de *O. P.*

Grande abraço do – Gilberto<sup>288</sup>.

Gilberto Freyre ansiou controlar os percursos que os seus livros realizavam tanto nos aparatos editoriais quanto na retruca que, por ventura, proferiria em direção à crítica. Tentou ele instituir o [e]feito de perífrase aos seus livros mas recorrentes e citados: *Casa-Grande...*, *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso*. Tratá-los como “a trilogia” seria o mesmo que citá-los nominalmente um a um.

O passado para Gilberto Freyre é contemplado, empatizado. Não foi por ele apreendido com o olhar de julgamento: defini-lo como exemplar, para atender a fins de lição. O seu modo de entender e escrever o passado, dos anos de 1930 aos de 1950<sup>289</sup>, estabeleceu uma outra experiência temporal quando da interpretação do Brasil, ou seja, um “regime de historicidade”<sup>290</sup> que

---

<sup>287</sup> Décima edição do *Casa-Grande...*, 1961.

<sup>288</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 23 de janeiro de 1962. *Cartas do próprio punho...* p. 135-136.

<sup>289</sup> Escala que atende às décadas em que a trilogia do escritor foi publicada: *Casa-Grande & Senzala*, 1933; *Sobrados e Mucambos*, 1936; *Ordem e Progresso*, 1959.

<sup>290</sup> HARTOG, François. Ordens do tempo, regimes de historicidade. In: *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Trad.: Andréa Souza de Menezes, Bruna Beffart, Camila Rocha de Moraes, Maria Cristina de Alencar Silva, Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 17. [Coleção História e Historiografia]

implicou no modo de ler e dizer sobre o pretérito a partir do seu presente em debate.

Quando escrito, mediante à forma da narrativa do ensaio, o passado foi redimensionado. Foi assentado na ordem das palavras, sob o efeito das palavras. Para evidenciar, então, tamanho propósito, lê-se em *Ordem e Progresso*:

a análise de um passado ainda recente da sociedade brasileira, para melhor compreensão do seu presente e do seu futuro, com os três tempos às vezes considerados, quanto possível, nas suas interpenetrações; e isto, através do que neles é menos perecível, isto é, suas formas e seus processos; suas constâncias; suas resistências a progressos por vezes mais aparentes do que reais, embora alguns tenham sido reais e tenham tornado arcaicas situações que pareciam estáveis ou duradouras.<sup>291</sup>

Um passado autobiográfico, em suma. Destarte, para confeccionar um livro como o *Ordem e Progresso*, questionários foram aplicados. Alguns, a exemplo de Monteiro Lobato, recusados. Para o escritor paulista, “quem conseguisse uma resposta sincera de todos os homens que significam alguma coisa no país, teria reunido elementos para a solução dum enorme nosce te ipsum.”<sup>292</sup>

Monteiro Lobato fez menção ao feito dos intelectuais de seu presente que se propunham legítimos à demarcação do passado brasileiro a partir do *eu* de suas vaidades.

Recebi, via Aureliano Leite, as 17 perguntas do INQUERITO.<sup>293</sup> Não há programa mais bonito. Mas só seria possível se os consultados tivessem aptidão e animo para escrever suas próprias memórias, isto é, mentir a respeito de si próprios de um modo verossímil. Não creio que você o consiga, Gilberto. Os mais em condições de atender ao Inquerito decentemente, retraem-se; só vão responder os mentirosos pernósticos,

---

<sup>291</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, p. 41.

<sup>292</sup> Carta de Monteiro Lobato para Gilberto Freyre, de 30 de setembro de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]. Sobre a inscrição: “Conhece-te a ti mesmo”. [grifo do documento]

<sup>293</sup> Consta, no documento, em caixa alta.

essa gente miuda que procura aparecer a todo o transe não perde o menor ensejo de pavonear-se.<sup>294</sup>

O “não” de Monteiro Lobato foi citado por Gilberto Freyre na ‘nota metodológica’ do livro. Foi citado por meio da carta-resposta na qual expusera suas razões para recusar responder às perguntas “autobiográficas”. É na ‘nota...’ que Gilberto Freyre discorreu sobre a repercussão do estudo, entre os inquiridos. E especulou: “qual a razão principal que teria levado Monteiro Lobato” a assumir a atitude que então assumiu, “diante de um inquérito na verdade provocador de reações extremamente pessoais [...]?” A possível resposta: “talvez o repúdio em que se exagerou ao seu próprio passado de neto, por via natural, de visconde e fazendeiro paulista da época de transição do trabalho escravo para o livre [...]”.<sup>295</sup>

O passado pode ser recusado. É legítimo que seja. No entanto, para o escritor de Apipucos, feria o seu esforço de compilar as referências de um “tempo morto”: não havia como desconsiderar que

a preponderância das constantes de formas sobre o transitório das substâncias nacionais parece afirmar-se de maneira nítida, em consequência de sondagens em que o aspecto social do passado seja surpreendido através do pessoal; e, reciprocamente, o pessoal, através do social.<sup>296</sup>

O regime de historicidade de Gilberto Freyre contrapunha-se à concepção moderna de tempo, fundada na premissa do progresso; da mudança etérea; sem referências. Afastara-se da percepção de *historia magistra vitae*: esta, apensa ao exemplo, à lição estimada. Deu relevo ao tempo das “interpenetrações” foi a orientação seguida à interpretação do esteio do Brasil. Não creditou maior monta às ideias de tempo e de história assomadas por Vicente Licínio Cardoso, quanto da publicação, em 1924, no Rio de Janeiro, do livro *À Margem da História da República: ideais, crenças e*

<sup>294</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 2000, p. 59.

<sup>295</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 2000, p. 59.

<sup>296</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 2000, p. 41.

*afirmações*. Um “excelente inquérito [organizado com os comentários de escritores] da geração nascida com a República”<sup>297</sup>: a exemplo dos nomes de Gilberto Amado, Tristão de Athayde, Oliveira Viana, Ronald de Carvalho. Para Vicente Licínio Cardoso, – no intento de firmar a ordem do tempo e o consequente aporte da história – era incontestemente o entendimento de que o presente requeria análise detida, com vistas à uma percepção mais apurada do passado, para, com segurança, projetar-se o futuro.

Existia, para o escritor pernambucano, positividade no passado: feito nas “constâncias”, no “menos perecível”, no “estável”. Um pretérito reclamado e acolhido. Era o que tínhamos como princípio e condição basilar da nação, pois tratemos de abrigar sem ressentimentos, não se negou a defender. Neste intento, o escritor, sem maiores reservas, pôs “em contato direto a experiência temporal e a operação narrativa”.<sup>298</sup> Afinal, a escrita era o seu lugar e a sua dimensão presente. E mais: a forma da narrativa do ensaio permitiu-lhe converter o método de pesquisa e estudo em conteúdo dos livros que publicou. O método, a exemplo do inquérito recusado por Monteiro Lobato, não era apenas um meio, mas um fim a atingir o passado.

Um outro intuito a ser alcançado, a partir dos inquéritos, era o de constituir um inventário das percepções, das sensibilidades daqueles que perpassaram os fins do século XIX e princípios do XX:

procurou-se, através dessas autobiografias provocadas, surpreender nos brasileiros da época sob análise, as relações da comunidade, urbana ou rural, em que nasceu ou cresceu o indivíduo, com o passado brasileiro, com o nacional, com a América, com a Europa, com o mundo contemporâneo; as relações entre o mundo pessoal e o impessoal, dentro do qual se formou o mesmo indivíduo; sua simbiose com os espaços – o físico, o social, o cultural – pelos quais se estendeu sua vida de brasileiro ou sua atividade ou sua imaginação, numa época de transição como foi, em nosso País, o fim do século XIX alongado no princípio do XX.<sup>299</sup>

---

<sup>297</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 2000, p. 41.

<sup>298</sup> RICOEUR, Paul *Apud* HARTOG, François. Ordens do tempo, regimes de historicidade. In: *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo...*, p. 19.

<sup>299</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 2000, p. 48.

Em 1965, Gilberto Freyre prontificou-se a permitir a interpretação de seus ensaios sob o seguinte critério: “o primeiro cuidado do sociólogo”, em particular, e dos demais pesquisadores, em geral, “teria que ser o de separar o escritor [...] criador, vital, experimental, do beletrista livresco ou do homem de letras mesmo clássicas, que escreve livros apenas parasitários.”<sup>300</sup> *Ordem e Progresso*, denso em pesquisa de campo e multifacetado no método de análise documental, exemplifica o seu interesse de fundar um legado que o distinguiria como escritor, como autor. O levantamento documental, cruzado com as entrevistas, rechaçou qualquer beletismo de gabinete. O escritor obsessivo para apreender tempo, não desejou apenas relatá-lo. Desejou experimentá-lo nos documentos, nos inquéritos. Tomou para si o ensinamento do “Professor Johnson” que reconhecia “a necessidade de irmos até a saudade – ou nostalgia – do passado, na busca de compreendê-lo, reconstituí-lo, interpretá-lo através de penetração em seus valores e em seus símbolos.”<sup>301</sup> Isto é: um exemplo da aspiração de ser escritor ao escritor realizado, fundado, feito, refeito.

À luz de Paul Ricoeur<sup>302</sup>, é pertinente afirmar que Gilberto Freyre tornou evidente a experiência temporal de seus inquiridos com a narrativa que lhe era peculiar e, por outro lado, conferindo ao tempo proeminência com a elaboração da narrativa forjada.

Não só nos dois últimos decênios do Império, como já depois de fundada e consolidada a República, era de soldado que brincavam com mais entusiasmo, os meninos brasileiros. Os nascidos ainda no tempo de Pedro II, mas crescidos sob a presidência de Deodoro e sob a de Floriano, foi como cresceram: sob o encanto da figura de soldado.<sup>303</sup>

O ritmo da narrativa não deixa escapar a defesa de um tempo “interpenetrante” e poroso no e pelo sentido da ordem das palavras nas frases

---

<sup>300</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou escritor...*, 1965, p. 07-08.

<sup>301</sup> “Esses valores e esses símbolos, viveram-nos, às vezes intensamente, homens que tendo desaparecido como indivíduos nem sempre desapareceram sob a forma de expressão de valores, alguns dos quais uma época tem transmitido a outra, através de séculos, ou decênios de transição. Daí, talvez, os Positivistas dizerem que ‘os vivos são governados pelos mortos’”. [FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e progresso...*, 2000, p. 51.]

<sup>302</sup> RICOEUR, Paul. *História e verdade*. Trad.: F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

<sup>303</sup> FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso...*, 2000, p. 243.

e parágrafos: indica permanências temporais, confluências temporais, esgarçamentos temporais; não a relação tripartida entre presente, passado e futuro. A palavra “soldado”, por seu turno, é o instrumento, considerando-se a citação acima, da ritmia narrativa.

Monteiro Lobato compraz do método sociológico (“sociologia empírica”) empregado à feitura do *Ordem e Progresso*, tece elogios, mas não para tomar parte no conteúdo do texto, e sim como expectador. À distância. À espreita. No alto de sua ironia, limita-se a dizer que “poderia enumerar mais de dez razões, justificativas – doze, treze...”. Infundas. No entanto, acentuou: “está bastante calor hoje, e eu estou suando, apesar disto aqui ser S. Paulo.”<sup>304</sup>

O livro *Ordem e Progresso*, diante do método à realização das pesquisas, era, indubitavelmente, um projeto de Gilberto Freyre. Não um projeto apenas à publicação de mais um livro, mas um projeto de passado, de tempo. Tempo social, melhor dizendo. Este, inexato e subjetivo: a constatação da dimensão “de um passado em que o analista procure surpreender projeções de vida já vivida no presente ainda vivo; ou antecipações – nem sempre exatas – de futuros. Futuros, no plural.”<sup>305</sup>

As perguntas solicitadas aos “sobreviventes” da transição do Império para a República, diretas e de tom pessoal, atendiam à realização das “autobiografias” à preparação do livro. Foram escritas na primeira pessoa para sugerir proximidade do entrevistado com as indagações elencadas pelo pesquisador/autor, a exemplo: “Lugar em que nasci e data?”, “Escola ou colégio que frequentei?”, “Brinquedos, camaradagem, jogos, leituras de menino fora da escola?”.<sup>306</sup> Embora objetivas, mas ao mesmo passo abertas, as questões renderam ao autor de *Ordem e Progresso* um conjunto de informações qualitativas.

---

<sup>304</sup> Carta de Monteiro Lobato para Gilberto Freyre, de 30 de setembro de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>305</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, p. 61-62.

<sup>306</sup> *INQUERITO*. Aplicado a João Batista Lima Figueiredo, São Paulo. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografado]



O calhamaço de perguntas, recusadas ou aceitas, permitiram a Gilberto Freyre que fossem deslocadas do texto as digressões exegetas. Dedicou-se, sobretudo, à busca do passado concomitantemente desfeito e refeito com o propósito de contestar a ordem do tempo fugaz e propenso à vertigem. Portanto, fazer “ver uma época já desfeita, isto é, um passado, ou antes, uma ordem social desaparecida de todo ou quase de todo, [...] é esforço extremamente difícil.” Uma observação propensa, ressalte-se, ao intento de Gilberto Freyre de recriar o passado patriarcal na narrativa: “tanto com relação às distâncias no tempo como às distâncias no espaço, a tendência do homem é limitar seu sentido de normalidade à sua experiência imediata.”<sup>307</sup>

---

<sup>307</sup> Citações em: FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, p. 43.

## Capítulo II

### O desejo literário

O estilo não é de maneira alguma um enfeite como creem certas pessoas, não é sequer uma questão de técnica, é – como a cor para os pintores – uma qualidade da visão, a revelação do universo particular que cada um de nós vê, e que não veem os outros. O prazer que nos dá um artista é de nos fazer conhecer um universo a mais.<sup>308</sup>

A língua está pois aquém da Literatura. O estilo está quase além: algumas imagens, um débito, um léxico, nascem do corpo e do passado do escritor e tornam-se a pouco e pouco os próprios automatismos da sua arte. Assim, sob o nome de estilo, forma-se uma linguagem autárquica que já mergulha apenas na mitologia pessoal e secreta do autor, nesta hipofísica da fala, onde se forma o primeiro par das palavras e das coisas, onde se instalam de uma vez para sempre todos os grandes temas verbais da sua existência.<sup>309</sup>

#### 2.1 – Em torno do estilo

Da polêmica ao cânone, *Casa-Grande...* não foi apartado dos “rituais”<sup>310</sup> exigidos pela demarcação de um território intelectual, “o limite da letra”<sup>311</sup>: a investida dos críticos; a alocação do título nas antologias ou manuais literários; os círculos intelectuais; o marco de uma geração sob o acento da

---

<sup>308</sup> PROUST, Marcel. *No caminho de Swann: em busca do tempo perdido*. Trad.: Mario Quintana. São Paulo: Globo, 3ª ed., 2006, p. 512.

<sup>309</sup> BARTHES, Roland. O que é a escrita? In: *O grau zero da escrita...*, 2006, p. 14.

<sup>310</sup> “Afiml, um território, para ser demarcado, carecia de rituais. Se é preciso marcar e confirmar fronteiras pelos fluidos do corpo, o líquido da posse veio através das tipografias. Os fluidos, como dizem os biólogos, estabelecem posses e afastam invasores. Se a civilidade inibe a exibição mais explícita desse dispositivo, isso tem seu preço: o fluxo da tinta que forma a letra, ao invés de afastar inimigos, os atrai. Ou melhor: os fabrica. A escrita, deixando de ser portadora da revelação, como já fora um dia, transmuta-se em atrativo de contestação”. [RAMOS, Francisco Régis Lopes. O limite da letra. In: *Correio literário...*, 2013, p. 184.]

<sup>311</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. O limite da letra. In: *Correio literário...*, 2013, p. 175.

singularidade; a troca epistolar<sup>312</sup>. A posteridade do escritor, dependendo dos usos e apropriações do presente, submetera-se aos “interesses” e às “disputas em pauta”<sup>313</sup>. Constar como referência nas antologias atenderia às adjetivações esperadas por Freyre: a de escritor<sup>314</sup>, a de estilista, a de referência inauguradora da interpretação do Brasil a partir do Nordeste do açúcar, a de autor da Livraria José Olympio Editora.

Na *Lista de Libros Representativos de América*<sup>315</sup>, publicada pela Unión Panamericana, em 1960, os nomes das letras brasileiras, da poesia e da ficção, foram: Gonçalves Dias, Castro Alves, Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira, Machado de Assis, Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, Oliveira Viana, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. Os quatro primeiros foram relacionados na categoria “poesia”, os demais, consecutivamente, listados na de “ficção”. A investida de Freyre na ficção ficou a cargo das publicações de *Dona Sinhá e o filho padre*, de 1964, e de *O outro amor do dr. Paulo*, de 1977.

O tornar-se referência, para Gilberto Freyre, não deveria estar atrelado somente à sua formação de sociólogo. Considerava-se multifacetado. Dentre as facetas que pretendia frisar, estava a de literato: “certos camaradas nossos”

---

<sup>312</sup> Uma observação a mais: “os autores se constituíam na medida em que alimentavam a produção, a circulação e o consumo de papéis, muitos papéis, tanto os periódicos quanto os encadernados, tanto os enviados quanto os recebidos (pelo correio ou por amigos e conhecidos em trânsito).” [RAMOS, Francisco Régis Lopes. O limite da letra. In: *Correio literário...*, 2013, p. 180.]

<sup>313</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. O limite da letra. In: *Correio literário...*, p. 180-181.

<sup>314</sup> Escritor no sentido de Roland Barthes: “para o escritor, a língua é apenas um horizonte humano que instala ao longo uma certa *familiaridade*, totalmente negativa aliás: dizer que Camus e Queneau falam a mesma língua não é mais do que presumir, por meio de uma operação diferencial, todas as línguas, arcaicas ou futuristas, que eles não falam: suspensa entre formas abolidas e formas desconhecidas, a língua do escritor não é tanto um fundo como um limite extremo; é o lugar geométrico de tudo o que ele não poderia dizer sem perder, qual Orfeu olhando para trás, a significação estável dos seus passos e o gesto essencial da sua sociabilidade.” [BARTHES, Roland. O que é a escrita? In: *O grau zero da escrita...*, 2006, p. 14.]

<sup>315</sup> CARPEAUX, Otto Maria. Livros americanos. In: *Ensaios reunidos (1946-1971)...*, 2005, p. 564.

consideram-me “apenas como sociólogo”<sup>316</sup>, deixando de destacar “o escritor”, o “artista”, o “estilista”<sup>317</sup> que sou. Foi este o desabafo confidenciado ao revisor Adalardo Cunha, quando dos preparativos à publicação do *Dona Sinhá e o Filho Padre*, de 1964. Mesmo ano em que Freyre manifesta apoio ao golpe, ou melhor, à ditadura “civil-militar”<sup>318</sup>.

Considerado de ideologia conservadora e progressista no modo de escrita, Freyre, entre uma publicação e outra de seus livros, manifestara-se politicamente no momento em que *O Recife e a Revolução de 1964*<sup>319</sup>, segundo a Cruzada Democrática Feminina, davam as mãos. No discurso, de 09 de abril, intitulado *Brasil não admite noite terrível em que só brilham estrelas sinistramente vermelhas*, proferido na Praça da Independência, o escritor contou com o número estimado de duzentas mil pessoas distribuídas na extensão e cercanias da praça.

Conforme a nota de abertura da publicação, a manifestação de apoio ao golpe marcava “o regozijo de Pernambuco e”<sup>320</sup>, por consequência, “do Nordeste com a vitória do movimento revolucionário iniciado a 31 de março pelas Fôrças Militares do Brasil, em harmonia com as aspirações cívicas dos brasileiros.”<sup>321</sup> De acordo com Freyre, a tomada da praça era simbólica porque representava a manifestação direta daqueles que não queriam perder valores e práticas sociais memoráveis:

---

<sup>316</sup> Carta de Gilberto Freyre para Adalardo Cunha de setembro de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

<sup>317</sup> Carta de Gilberto Freyre para Adalardo Cunha de setembro de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. Uma observação: não consta a data em que foi escrita. [manuscrita] [grifos meus]

<sup>318</sup> “Quando, no ano 2000, o professor Daniel Aarão Reis lançou seu pequeno livro *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*, poucos imaginavam que ele estava dando um importante passo no sentido da alteração nos rumos dos estudos sobre o período autoritário brasileiro. A proposta de Reis Filho, em parte presente no próprio título, é a de que o regime autoritário manteve-se ao longo de tantos anos em grande medida devido ao apoio que recebeu de setores expressivos da sociedade brasileira e das brechas que a ditadura abriu para a presença e a participação de grupos civis. É esse o motivo pelo qual o professor Reis Filho entendeu a ditadura como *civil-militar* e não apenas *militar*.” [MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. Apresentação. In: *Os cardeais da cultura nacional...*, 2012, p. 17.]

<sup>319</sup> Título na capa, com a imagem da Avenida Guararapes no centro do Recife, da publicação do discurso de Gilberto Freyre.

<sup>320</sup> Da nota de abertura de *O Recife e a Revolução de 1964*.

<sup>321</sup> Nota de abertura de *O Recife e a Revolução de 1964*.

esta Praça da Independência, que brasileiro, especialmente que brasileiro do Nordeste, que brasileiro de Pernambuco, que brasileiro do Recife a desconhece? Ela é nossa: vibrantemente nossa. Nossa nos dias comuns e nossa nos dias festivos e nos dias históricos.<sup>322</sup>

A tomada de posição ao movimento conservador e de “demonstração cívica”<sup>323</sup> à “revolução” convertida em golpe, empurrou-lhe, indubitavelmente, ao ostracismo por parte da academia e de intelectuais mais à esquerda. De todo modo, Freyre foi, ano após ano, publicando seus textos em uma editora que, cujo editor, era reconhecido pela “vida de abstenção de compromissos políticos formais,” mas que soube tomar proveito das situações que os tentáculos da política colocavam à sua disposição. Acerca deste caminhar esquivo de José Olympio, Laurence Hallewell, afirma: “minha impressão pessoal é a de que” as ligações do editor, “se existiram,” e até mesmo “com o presidente Castelo Branco, foram muito mais pessoais do que” políticas. “Muito antes do golpe de Estado, José Olympio publicara *Política Externa Independente*, ano de 1962, de Santiago Dantas, ministro do Exterior de Goulart.”<sup>324</sup>

Se José Olympio era o editor dos autores de diferenciadas vertentes políticas, é fato que os títulos por ele editados, após o golpe, existiam, “certamente, muitos que teriam sido vistos com bons olhos pelo regime” militar. E, entre os títulos e os nomes, por exemplo, estavam: o livro “*Desde as Missões*, de Daniel Krieger, um dos principais sustentadores civis do movimento; o livro *Memórias*, do herói militar Mascarenhas de Moraes, e *O Governo Castelo Branco*, de Luís Viana Filho.”<sup>325</sup> Não resta dúvida que a política editorial da Casa investiu na reunião de textos que atendessem a um número crescente de leitores. Afinal, como disse em entrevista, José Olympio “nunca”<sup>326</sup>, garantiu ele, “perguntamos a A se deveríamos editar o livro de B.

---

<sup>322</sup> FREYRE, Gilberto. *O Recife e a Revolução de 1964...*, 1964, p. 07.

<sup>323</sup> Da nota de abertura de *O Recife e a Revolução de 1964*.

<sup>324</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 520.

<sup>325</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 520.

<sup>326</sup> FONSECA, Elias Fajardo da. Entrevista com J. O. In: *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 402.

Quem mandava na minha Casa era eu, sempre fui meio ditador. Talvez eu tenha cometido alguns equívocos, mas quem não os comete?”<sup>327</sup>

A troca de correspondências entre Freyre e Olympio expunha a certeza do primeiro em voltar seus esforços para a diversificação do catálogo da editora. Mantivera-se maleável até mesmo no processo de escrita e reescrita, e de preparação das provas de um livro iminente, dos textos que Freyre preparava para publicá-los. Ou seja: Um exigia do outro, assim que fosse oportuno à urgência que tinham em pauta a ser atendida, a execução de favores e o cumprimentos das promessas. A exemplo de uma carta de Freyre, de 03 de setembro de 1964, lê-se: “e a capa de D. Sinhá? Recebeu as sugestões? Olhos, bôcas, mãos – mistério.”<sup>328</sup>

À função autor de Gilberto Freyre incluía-se, tanto quanto a prática da escrita, a emissão de sugestões acerca dos seus livros em preparo. A ideia circundante à capa do *Dona Sinhá...*, a intento, com ar de mistério e vertigem, propostos por Blanche Knopf, é retomada nesta epístola. Por certo, o lugar de autor assumido pelo escritor, não se limitava ao estatuto do ser editado, de fazer uso do sinete da Livraria José Olympio Editora. Escrever textos para vê-los publicados na forma do livro, pois, indicava que Freyre entendia como funcionavam os pormenores da lida editorial. Sabia que o domínio sobre o texto não dependia unicamente de seus grilhões. Sabia que o escrito fora de seus domínios poderia sofrer alterações. Por exemplo: a impressão in-oitavo, ou seja, quando a folha de papel é dobrada, por três vezes, poderia dar ao texto uma extensão que ele não teria inicialmente. Todavia, esta era uma técnica que favorecia a disposição dos seus ensaios, por serem na origem alongados, nas páginas de um livro. Como bem lembra Chartier, “as variações das modalidades mais formais de apresentação dos textos puderam, então,

---

<sup>327</sup> FONSECA, Elias Fajardo da. Entrevista com J. O. In: *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 402.

<sup>328</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 03 de setembro de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

modificá-los, assim como mudaram os seus registros de referência e as suas maneiras de interpretação.”<sup>329</sup>

Há um outro detalhe a ser sublinhado: a tradição de um escritor dar-se mediante a tradição da prática letrada a qual está vinculado. A legitimidade do autor sob o selo editorial passa, necessariamente, pela apresentação física do livro que assina. Esta é, em resumo, a distinção entre o tempo do autor e o tempo do escritor. Assim sendo, os “dispositivos” de impressão “utilizados nas edições” de seus livros deram aos seus textos, por conseguinte, “legibilidade”<sup>330</sup>, uma vez que estão inscritos, “doravante, em um cânone clássico – aquele que levou o” escritor “a depurar, aqui e ali, o seu estilo, adaptando-o” aos recursos que a “‘dignidade’ tipográfica”<sup>331</sup> permitia.

Uma vez impresso o texto passa a ser livro, mas sem perder a razão que o levou a ser impresso: o modo de escrita, o estilo do escritor. Na seção “Conversa do autor com o leitor...”<sup>332</sup>, de *Dona sinhá...*, Freyre registrou:

ver e descrever: descrever em linguagem que por vezes se torna, através de palavras quanto possível esvaziadas do que nelas seja psicologia ou história das situações experimentadas pelos ‘personagens’, poética; e como linguagem poética, criação de escritores, alguns deles autênticos, numa demonstração de que as chamadas antinovelas podem estar se realizando como novo tipo de literatura formal – o de pessoas pelo antinovelistas reduzidas a cubos ou a coisas – um tanto à maneira das a princípio chamadas antipinturas – Miró quis mesmo assassinar a pintura, lembra Jean Bloch-Michel – e antiesculturais, dos por algum tempo cubistas; e, hoje, dos abstracionistas já esgotados, aliás no seu abstracionismo – ; e contra os quais já se opõe um tipo mais novo de pintura e de escultura, semi-abstracionista, semifigurativista. Pois a antinovela – valiosa para o avigoramento da literatura como o abstracionismo para o das artes plásticas – parece vir esgotando a sua potência renovadora ou revolucionária em tempo surpreendentemente curto; e deixando-se

---

<sup>329</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros...*, 1999, p. 18.

<sup>330</sup> A legibilidade do texto por intermédio da tipografia: “por meio do registro dos movimentos oculares, é possível examinar objetivamente a legibilidade de um impresso. Se variarmos sistematicamente a medida da linha, o corpo e a forma do caractere, bem como o contraste entre as letras pretas e o fundo, o mesmo texto será lido com velocidades diferentes. Dependendo da forma do texto impresso, alteram-se a amplitude e a frequência das sacadas.” [HOCHULI, Jost. *O detalhe na tipografia...*, 2013, p. 09.] Sobre as “sacadas”: indicam, no ato da leitura, os saltos progressivos ou regressivos do olhar.

<sup>331</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros...*, 1999, p. 18.

<sup>332</sup> Corresponde à seção, no final do texto, *Conversa do autor com o leitor, em torno do modo por que foi esboçada a seminovela ‘Dona Sinhá e o filho padre’*.

vencer por novas formas de novela por ela, antinovela, provocadas. Uma espécie de cubismo ou de abstracionismo na literatura. Sendo assim, também na literatura denominada de ficção pode ocorrer que à antinovela, equivalente do abstracionismo absoluto na pintura e na escultura, venha a suceder uma seminovela que restaure alguma coisa do figurativismo. Do figurativismo, isto é, do personalismo, do psicologismo, do sociologismo, nesse gênero, como nenhum, plástico, fluido, eclético, de literatura.<sup>333</sup>

Freyre declara, então, que a tradição não é aquela apenas datada, mas a tradição no seu processo de feitura, em estado de vanguarda, de experimentação. Escrever para publicar é uma sequencia de etapas que está alistada no imperativo da legitimidade. Um escritor que intenta ser lido tem o livro como fim. O que é obvio. Entretanto, a relação tensa entre autor e editor não pode ser descuidada quando da análise dos processos de escrita e publicação de um texto. Para funcionar, na sociedade da escrita, o autor carece de aprovisionar o texto com o meio que lhe permitirá o reconhecimento: torná-lo “estável, dado a ler em formas impressas”<sup>334</sup> através das letras<sup>335</sup>, ou melhor, dos tipos de letras<sup>336</sup> que, ao formarem palavras<sup>337</sup>, prospectam sentidos mediante o feito técnico para, então, reportar-se ao que já houve. É o pretérito residindo no contorno dos tipos tipográficos, servindo ao prazer do texto.

A consulta às cartas, ativas e passivas, de Freyre, sugere que, para considerar os seus textos, sejam eles delimitados como fonte ou objeto de pesquisa, é preciso atentar para a escrita e a reescrita dos mesmos textos; e, em paralelo, a comparação entre às suas respectivas edições. Afinal, o que é o texto em uma edição não o é em uma segunda, por exemplo. As cartas,

---

<sup>333</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona sinhá...*, 3ª ed., 1987, p. 201-202. [grifos meus]

<sup>334</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros...*, 1999, p. 18.

<sup>335</sup> “A recepção de toda escrita – portanto, também da tipografia – sucede de duas maneiras: em primeiro lugar, como verdadeira leitura, ou seja, como conversão no cérebro da sequência de letras vista e, em segundo, como visão pictórica (na maioria das vezes, não percebida conscientemente), que desencadeia associações com algo já visto anteriormente e evoca sensações.” [HOCHULI, Jost. *O detalhe na tipografia...*, 2013, p. 10.]

<sup>336</sup> É, portanto, a ideia ou conceito que estabelecerá o desenho da letra para um impresso. Levo em conta o seguinte manual: DESIGN MUSEUM. *Como criar em tipografia...*, 2011, p.32.

<sup>337</sup> “Em um impresso legível, as letras isoladas são desenhadas sempre em vista de seu efeito na palavra. Quando claramente distinguíveis umas das outras, elas precisam inserir-se da melhor forma possível na palavra como um todo.” [HOCHULI, Jost. *O detalhe na tipografia...*, 2013, p. 24.]



portanto, podem ampliar o raio de análise e interpretação sobre a prática de escrita, o ofício de escritor e a condição de autor em Freyre. A troca epistolar entre o escritor pernambucano e o seu editor, sobremaneira, verteu-se em debates e divergências. Ainda no estado de provas, o *Dona sinhá...*, mais especificamente um de seus temas, estimulou em Freyre a demarcação de sua postura de lidar com questões vistas como delicadas.

Joaquim Nabuco, citado no decurso do texto, foi maculado, segundo o editor, quando Freyre cogitara a homossexualidade do abolicionista. Rebatendo Olympio, e agradecendo-o pelos pareceres de apreciação e revisão emitidos por Osmar Pimentel [1912-1989]<sup>338</sup> e Antonio Olavo Pereira [1913-1993]<sup>339</sup> favoráveis ao *Dona sinhá...*, esclareceu:

Querido J. O.:

Já lhe havia escrito – e a carta já escrita segue por intermédio do nosso José [de] Almeida – quando recebi seu bilhete e os pareceres – ótimos! – de Antonio Olavo – mestre no assunto – e Osmar<sup>340</sup> – crítico de fato crítico. Fiquei contentíssimo. Concordo com a maior parte dos reparos de Osman – menos quanto a certa palavra dura<sup>341</sup>, insubstituível. Não concordo quanto a omissão do que se diz de Joaquim Nabuco<sup>342</sup>[,] pois da maneira por que o fato é revelado não há desprimor para o grande Quincas. Os Knopf [ficaram] entusiasmados com a Casa. Consideram v. definitivamente um dos maiores editores modernos (escala mundial). Entusiasmados também com o experimento da seminovela.

Abraços do Gilberto.<sup>343</sup>

---

<sup>338</sup> Escritor e crítico literário pernambucano. Nasceu na cidade de Vitória de Santo Antão e faleceu na cidade de São Paulo, onde residia.

<sup>339</sup> Escritor paulista. Irmão de José Olympio. Nasceu na cidade de Batatais e faleceu em São Paulo capital.

<sup>340</sup> Osmar Pimentel assinou o prefácio de *Dona sinhá...* para a primeira edição, de 1964, que, em 1971, na segunda edição, foi republicado.

<sup>341</sup> Ou “mofino”, ou “pirocas”, ou “membrudo”, ou “garanhão”.

<sup>342</sup> Sobre a admiração que Paulo Tavares, personagem do *Dona sinhá...*: “o grande nome, na boca dos recifenses, talvez ainda fosse o de Nabuco. Mas o fato de ele, abolicionista, ter ficado com a monarquia, enquanto a República de repente se tornara vitoriosa, vinha fazendo de Quincas o Belo uma espécie de estátua sem vida nem futuro.” [FREYRE, Gilberto. *Dona sinhá...*, 2000, p. 201.]

<sup>343</sup> *Carta* de Gilberto Freyre para José Olympio de 11 de agosto de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

Era-lhe imprescindível obter o aval dos pares diante de texto ainda pouco conhecido no que tange à forma da narrativa, à forma do ensaio de ficção, do estilo de escrita que lhe era peculiar. Ter a opinião de escritores e críticos por ele entendidos como referências, significava a sua acolhida entre os escritores de literatura. Uma rubrica de legitimidade. Movimento que Freyre foi arquitetando, recorrentemente, ao longo dos seus quase cinquenta anos como editado da Livraria José Olympio Editora. Basta lembrar-se dos reclames dispostos nas orelhas e quartas capas das edições de seus livros.

Fosse com a publicação de seus ensaios sociológicos – *Casa-Grande...*, *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso* – ou com tiragem dos ensaios de ficção, Freyre requereu dos seus interlocutores um lugar de monta entre eles. Ao passo que a José Olympio ia ganhando o mercado editorial e, com isto, escritores para editar, Freyre foi somando aos seus projetos nomes que pudessem aceitá-los. Sempre que possível, escolheu quem deveria participar da feitura de seus livros. De acordo com Fernando Nicolazzi<sup>344</sup>, o estilo de ser e de agir de Freyre.

Os anos que se seguiram as publicações da trilogia e, bem mais tarde, do *Dona sinhá...*, consolidaram o percurso da José Olympio a partir do ideal de nação plantado pelo Estado Novo. Se o “espaço educativo e de consumo de bens simbólicos” estava em ampliação nos grandes centros urbanos e, por sua vez, econômicos, os livros também ganhariam maior notoriedade. Dos anos de 1930 aos de 1940, a José Olympio ingressou em uma “posição dominante no polo cultural”. Foi a editora sobre a qual foram pavimentados “emblemas essenciais à concepção de uma cultura nacional autêntica, em condições de igualar uma história literária nacional”, dada as diferenças internas do Brasil, a outras e, ainda, de lançar-se na disputa pela “promoção de valores universais.”<sup>345</sup> Freyre estava em meio aos linhames à época tramados.

A publicação de seus livros, antes mesmo de serem solicitados pelo leitor por conta do conteúdo que detinham, foi-se fazendo concomitantemente

---

<sup>344</sup> Neste sentido, sim, “o estilo é um instrumento da razão prática”. [GAY, Peter *Apud* NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história...*, 2011, p. 24.]

<sup>345</sup> SORÁ, Gustavo. *Brasilianas...*, 2010, p. 359.

às suas viagens ao exterior para proferir palestras ou cursos em universidades: Columbia, Harvard etc. Os favores que solicitava, com a intermediação de José Olympio e até do revisor da editora, Adalardo Cunha, dependiam de uma boa relação com o regime de 1964. O apoio por Freyre declarado ao golpe, ao passo que os militares recrudesciam as instituições do Estado, foi irritando-o com o passar dos anos. A burocracia e a morosidade das instituições poderiam atrapalhá-lo na aceitação dos convites vindos do exterior. Olympio não era apenas o seu amigo editor, mas agente direto, no Rio de Janeiro, para o atendimento dos pedidos de favor emitidos do Recife.

Devemos seguir pela Varig a 22, diretamente do Recife a N. Y. Adiamos de 15 para 22, de acôrdo com a Universidade de Columbia e as outras que nos convidam – Harvard, Yale, etc. A permanência será de 3 meses. Esperamos estar aqui para o Natal com filhos e netinha Ana Cecília. Importante: peça a Antônio Olavo, para receber por mim, em São Paulo, a 30 de setembro, o Prêmio Moinho Santista. Já comuniquei à direção do Moinho e Fundação que êle, Antônio Olavo, seria o meu representante, como excelente amigo que é meu. Desde já, meus agradecimentos a A. O.<sup>346</sup>

Constar no cânone não depende apenas do desejo daquele que estima ser lembrado. Depende, sobretudo, “daqueles que, no futuro, terão disponibilidade para usar o passado”<sup>347</sup> no jogo das trocas, dos interesses e dos propósitos disputados para incluir ou excluir um nome. Lúcia Miguel Pereira, na tentativa de soerguer a projeção do livro *Casa-Grande...*, rebateu os críticos negativistas acusando-os de incapacidade de discernimento diante do valor do texto: “sem duvida, [...] [o livro] teve repercussões, mas não tão fundas quanto seria de esperar. Por isso me animo a falar delle, embora com grande atrazo”.<sup>348</sup>

O Brasil de *Casa-Grande...* teve sua origem na narrativa. Ao passo que Gilberto Freyre instituiu um lastro fundador à representação da história do Brasil sob o regime patriarcal. A ordem do tempo que justificou a sua narrativa pautara-se na lógica da interseção, ou seja, na dimensão tríplice das passagens

---

<sup>346</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 03 de setembro de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>347</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. O limite da letra. In: *Correio literário...*, 2013, p. 180-181.

<sup>348</sup> PEREIRA, Lucia Miguel. *Gazeta de Notícias*, seção ‘Livros’..., s/p.

e permanências. Para tanto, a forma da narrativa por ele articulada usou de recursos da linguagem capazes de traduzir o tempo tríplice. O tempo da miscigenação. O tempo à Miguel de Unamuno. Destarte, a forma da narrativa, ou seja, a estrutura da narrativa, em Gilberto Freyre, digo, em *Casa-Grande...*, é revelada no monismo: o tempo tríplice é tenso, porém recusa a dicotomia.

Se a narrativa em *Casa-Grande...* adquire ritmo no ponto de síntese, isto é, no monismo, o problema do conteúdo narrado é resolvido na confluência entre o fugidio, a permanência e a ruptura (mudança). Vamos aos exemplos: a metáfora da página branca, da qual faz uso Miguel de Unamuno<sup>349</sup>, sugere o estabelecimento de uma origem. Não no sentido metafísico, mas no narrativo e evidencial: a origem do Brasil funda-se em um “passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade e não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos”.<sup>350</sup> Daí, a legitimidade fazer-se na produção do conhecimento; a partir da produção do conhecimento. Mas, ressalte-se, só será uma legitimidade efetiva se o conhecimento elaborado estiver em dia com a ordem social que lhe atribuirá um lugar, assim como ao seu autor.

Uma legitimidade, ou melhor, um “conhecimento legítimo” que a crítica não chancelou de imediato. Gilberto Freyre estava, quando da publicação do *Casa-Grande...*, alheio às regras do fazer história, do fazer sociologia? Gilberto Freyre tentou apresentar-se como um cumpridor dos requisitos demandados para a boa prática do ser escritor? De acordo com Fernando Nicolazzi, a legitimidade do discurso de Gilberto de Freyre fundara-se na unidade entre o seu ofício de escritor e o seu texto. Ou melhor: o escritor inserindo-se no texto, fazendo-se “estilo”.

---

<sup>349</sup> “Eis-me aqui diante das folhas em branco – brancas como o negro futuro: brancura terrível! – procurando parar o tempo que passa, fixar o hoje fugidio, eternizar-me ou imortalizar-me, enfim – embora eternidade e imortalidade não sejam uma só e mesma coisa. Eis-me aqui diante destas folhas em branco, meu futuro, procurando derramar minha vida, arrancar a mim mesmo da morte de cada instante”. [UNAMUNO, Miguel de. Como escrever um romance. In: *Como escrever um romance*. Trad.: Antonio Fernando Borges. São Paulo: É Realizações Editora, 2011, p. 69.]

<sup>350</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala...*, 43ª ed., 2001, p. 56.

O antagonismo estipulado por Freyre, entre o “homem de letras” e o “autêntico escritor”, resulta na definição ponderada pela diferença. Extremos, porém, complementares. Há um outro detalhe: não significa afirmar que o seu estilo se reduzisse à estilística, mas é acertado considerar que o escritor aliara-se aos paramentos que ela provinha. Não os negara, portanto. E se Freyre procurou instituir uma “representação do passado nacional”<sup>351</sup>, o mesmo “passado nacional”, para tornar-se visível na escrita, fez-se pertinente no uso dos recursos da linguagem. Invertendo a ordem: a linguagem para o palato da “representação do passado nacional”.

No “homem de letras”, a fomentação de seu ofício está nas ideias e nas “informações colhidas em autores de livros já clássicos”. No “autêntico escritor”, ao contrário, está a procura por “exprimir da vida ou da natureza o que ele próprio vê, sente, observa, experimenta, recria.”<sup>352</sup> Ou seja: inventa, mediante à escrita, cotidianos e percepções quando estipula a sua “representação do passado nacional”. Ler os literatos clássicos não para reproduzi-los, mas para fazer parecer como suas as ideias que são deles. Logo, como animar o passado? Como torná-lo reativo, empatizado, significativo? O estilo é encadeado na forma, na pontuação, no ritmo que permite delinear o tempo pretérito narrado. Estilo implica na intenção do escritor de tornar-se referência, como se vê, por exemplo, em uma denúncia que ele fez: “tanto J. L. do R.<sup>353</sup>, como O. M., como A. F. vêm me imitando – eles, dentre vários outros, de menos porte – o estilo, a forma, a própria pontuação. Sei que tenho um estilo ou uma forma e um ritmo que se define em parte pela pontuação.”<sup>354</sup>

Palavras com efeito empático, para traduzir sentidos, evidenciar tempos pretéritos: “sem empatia, não é possível o estudo do passado assim amplo e intenso a um tempo; social e pessoal.”<sup>355</sup> E, para chegar-se a um tempo passível à experimentação de todos, o ensaio assumiu a posição de escrita

---

<sup>351</sup> NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história – a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado...*, 2011, p. 18.

<sup>352</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou escritor*. João Pessoa: Universidade da Paraíba, 1965. Disponível: <<http://www.fgf.org.br/>>. Acesso em: 13/02/2006.

<sup>353</sup> Iniciais que correspondem a José Lins do Rego.

<sup>354</sup> FREYRE, Gilberto. 1925. In: *Tempo morto e outros tempos...*, p. 247-248.

<sup>355</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 58.

extensiva. Seria fundamental que o “livro” não fosse “inexpressivo e um tanto banal”<sup>356</sup>. Livro cuja forma, que é concomitantemente conteúdo, estivesse adequada a abrigar o “estudo que nos transmita do passado humano um pouco do que nele foi valor vivo, símbolo vivo; ou existência, vivência, experiência condicionada por valores e símbolos.”<sup>357</sup>

Freyre, uma vez escritor, e sob a condição de autor, debruçou-se sobre o intenso estudo de um marco temporal, exigindo do livro que assumisse a cátedra da representação do passado. Livro: represa do tempo. Para tanto, é preciso considerar aqui o modo de escrita freyriano ou, mais precisamente, da sua “escritura”: a linguagem e a ação que identifica um escritor; o “jeito” de fruir/pensar a literatura, o texto em si; e, por que não, o livro. Neste sentido, o livro é uma fusão, tensa, resultante do modo de fruir o tempo, o texto e, inclusive, a tipografia. Resumindo: “escritura” como sinonímia do livro. Preâmbulo evidenciado a partir da seguinte afirmativa do escritor: “Decerto[,] a arte tipográfica é psicologicamente uma arte sem a plasticidade que o ‘crescendo’ ou o ‘decrecendo’ das palavras parecem às vezes exigir.”<sup>358</sup>

É certo que a escrita de Gilberto Freyre “não se distingue apenas por sua constante desobediência à ortodoxia dos usos da linguagem.”<sup>359</sup> Mas também é fato que ele não entendia a linguagem como exercício da abstração pela abstração, simplesmente. Entendia a linguagem como propósito e sentido das práticas sociais: a adoção de palavras prosaicas nos textos que escrevia é exemplo disso. Logo, se “sua escrita é resultado de um esforço intencional e bem-estruturado, isto é, de um estilo no sentido de estabelecer outras formas de representação do passado nacional”, o uso da linguagem serviu para tornar o tempo morto inteligível. Não esteve apartada deste “esforço”<sup>360</sup>.

O “esforço” de “estabelecer outras formas de representação do passado nacional” não poderia ocorrer sem a articulação, intencional e estruturada, entre as palavras. O passado nacional proposto por Gilberto Freyre fez-se

---

<sup>356</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 51.

<sup>357</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 51.

<sup>358</sup> FREYRE, Gilberto. O livro belo, *Diário de Pernambuco*, Recife, 18 de outubro de 1925.

<sup>359</sup> NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história...*, 2011, p. 26.

<sup>360</sup> NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história...*, 2011, p. 27.

inteligível nas palavras: o negro africano, representado pelo escritor como o cocolonizador junto ao português, “abrandou [...] a fala séria, solene”. Portanto, “algumas palavras, ainda hoje duras ou acres quando pronunciadas pelos portugueses, se amaciaram no Brasil por influência da boca africana. Da boca africana aliada ao clima”<sup>361</sup>, o que permitiu desencadear

o processo de reduplicação da sílaba tônica, tão das línguas selvagens e da linguagem das crianças, atuou sobre várias palavras dando ao nosso vocabulário infantil um especial encanto. O ‘dói’ dos grandes tornou-se o ‘dodói’ dos meninos. Palavra muito mais dengosa.<sup>362</sup>

Quando Freyre diz que tem “um estilo ou uma forma e um ritmo”, ele não está negando que o estilo, em particular, seja objeto estranho à estilística. Muito embora, claro, não se resume aos processos de manipulação da linguagem. E ainda: quando Freyre diz estilo diz forma. Citando Armstrong, seu professor, confere ao estilo o estatuto da referência: “o que v. é de modo raro é escritor: entregue-se à sua vocação que v. será um criador de valores imprevistos”.<sup>363</sup> E de modo conclusivo, resume o escritor: “daí as imitações”<sup>364</sup>, as emulações.

Tornar-se referência para a literatura era uma busca do escritor. Se assim o foi, não custa afirmar, portanto, que ele empreendeu, para aproximar-se do feitiço literário, investidas na linguagem. Vale, aqui, retomar um assunto: Freyre convergiu os planos de “escritor” e de “autor” que tanto ansiava. Quando da tradução<sup>365</sup> do *Sobrados e Mucambos*, pela Editora Knopf, em 1963, ele manifestara desconforto ao deparar-se com o “boletim” de divulgação da editora que apresentou o livro “como uma mera ‘história social’ ou ‘sociologia descritiva’”, sem que o aspecto literário fosse salientado, sendo [...] [assim], como [...] [disse], muito diferente da apresentação de sua obra feita pela

---

<sup>361</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala...*, 43ª ed., 2001, p. 387.

<sup>362</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala...*, 43ª ed., 2001, p. 387.

<sup>363</sup> Andrew Joseph Armstrong. Foi professor de Gilberto Freyre na Universidade de Baylor, Texas, Estados Unidos.

<sup>364</sup> FREYRE, Gilberto. 1925. In: *Tempo morto e outro tempos...*, 2006, p. 248.

<sup>365</sup> Com prefácio de Frank Tannenbaum: *The mansions and the shanties: the making of modern Brazil*.

“Gallimard e Espasa-Calpe!”.<sup>366</sup> A linguagem e a forma, esta segunda delineada pelo ensaio, independente do estatuto da tradução conquistado pelo texto, eram reclamadas pelo escritor ao referir-se às impressões da crítica nacional ou estrangeira.

O que João Ribeiro estranhou na primeira parte do trabalho – a já publicada [*Casa-Grande...*] – também estranharia nesta [*Sobrados e Mucambos*]: não conclui. Ou conclui pouco. Procura interpretar e esclarecer o material reunido e tem, talvez, um rumo ou sentido novo de interpretação; mas quase não conclui. Sugere mais do que afirma. Revela mais do que sentencia.<sup>367</sup>

Ser um “autêntico escritor” passava pela “representação do passado nacional” que tratou de construir. Também passava por assumir um tipo de escrita, de narrativa, de prosa que se distinguisse das convenções vigentes de novela, de drama, por exemplo. Agora, considere-se a leitura da passagem do “diário-memória” como um todo, sem recortes:

Recife, 1925[.] Tanto J. L. do R., como O. M., como A. F. vêm me imitando – eles, dentre vários outros, de menor porte – o estilo, a forma, a própria pontuação. Sei que tenho um estilo ou uma forma e um ritmo que se define em parte pela pontuação (assunto estudado por George Saintsbury). Confirma-se o diagnóstico de Armstrong dentro dos limites provincianos e da língua portuguesa: ‘O que v. é de modo raro é escritor: entregue-se à sua vocação que v. será um criador de valores imprevistos’. Que escritor pode haver sem forma? Sem plástica? Sem ritmo? Eu vou chegando a uma forma nova em língua portuguesa, que é diferente das antigas, sem deixar de ter o ritmo tradicional das prosas portuguesas; que exprime uma personalidade ao mesmo tempo moderna e castiça até na pontuação; e que a exprime de modo contagioso. Daí as imitações. Hei de criar um estilo. E dentro desse estilo, desde que me repugna inventar, como nas novelas e nos dramas, que escreverei? Talvez a continuação dos meus primeiros esforços de ressurreição de um passado brasileiro mais íntimo (“*l’histoire intime... roman vrai*”, como dizem os Goncourt) até esse passado tornar-se carne. Vida. Superação de tempo.<sup>368</sup>

---

<sup>366</sup> FREYRE, Gilberto. *Apud* PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *O Triunfo do Fracasso...*, 2012, p. 355-356.

<sup>367</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, p. 20.

<sup>368</sup> FREYRE, Gilberto. 1925. In: *Tempo morto e outros tempos...*, p. 248.



Como escritor, Gilberto Freyre intencionou atingir o estatuto da referência. Ser imitado aludia à intenção de elaborar um estilo que intuía uma identidade ao escritor, individualizando-o entre tantos. E assim, exercendo sedução sobre os leitores. A combinação para a posteridade. Mas sem que haja, nesta ordem de coisas, uma redução do intento do escritor aos parâmetros do beletrismo. Não. Ele sabia do imperativo que as palavras, postas em alinhamento de articulação, propiciavam no fomento de ideias, valores e vivências. Daí, ter sido Freyre um escritor cuja ação das palavras não se resumia aos manuais da estilística, e sim ao arcabouço social que podiam remeter: as palavras, enfim, em operação cotidiana; mesmo àquelas de uso no “tempo morto” que ele apregoou ter ressuscitado. Assim, os seus livros tornaram-se repositórios da representação do passado que desejou afagar. Livros que compilaram o passado mediante a articulação das palavras. Palavras, pois, que capturaram o tempo. Em *Sobrados e Mucambos*, por exemplo, anotou:

o estudo dos anúncios de jornal, nos quais antes só se enxergava o pitoresco, parece-nos ter sido utilizado larga e sistematicamente neste trabalho, pela primeira vez, dentro de técnica antropológica, para interpretações sociológicas e antropológicas. A essa interpretação e a essas interpretações outras poderão se juntar com igual ou maior proveito: médicas por exemplo. Amplamente filológicas. Folclóricas. Puramente históricas.<sup>369</sup>

É coerente afirmar que o preceito da “representação do passado nacional” obedece, pois, aos meios e aos recursos estratégicos utilizados na tentativa de torná-la pertinente. Um invento heurístico reconhecível como proposta de interpretação do Brasil: arranjada, a intento, em prerrogativas de composição da escrita; da narrativa; da “emulação”<sup>370</sup>.

Segundo Nicolazzi, “a ideia de estilo [que defende] permite justamente pensar as ligações de um autor, situado em *lugar* definido, com a *prática* que

---

<sup>369</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, p. 19. [grifo meu]

<sup>370</sup> É o exercício de referendar escritores preditos como clássicos, mas nem sempre citando-os literalmente. É a apropriação da forma estabelecida de narrar para, assim, fomentar-se o novo. Para tanto, considere-se: [ROCHA, João Cezar de Castro. *Machado de Assis: por uma poética da emulação...*, 2013.]

delimita seu ofício, por meio da atenção voltada aos pressupostos de sua *escrita*.<sup>371</sup> Baseando-se no ensinamento de Michel de Certeau, completara a premissa: “o estilo obedece a uma escolha voluntária e deve, portanto, ser entendido a partir da *intenção* que o conduz.”<sup>372</sup> Logo, se a intencionalidade está no estilo, o ensaio fomentara-se como linguagem historiográfica. Uma historiografia de plena autonomia no tocante à retórica e ao beletismo, até.

Esta é a capacidade do escritor de fazer uso dos recursos de linguagem. Mas, como percebê-los na materialidade do livro? Uma vez fragmentado, o texto, para fins de “reclame”, impresso nas quartas capas dos livros, por exemplo, fomentara o interesse na atração do leitor e na afirmação do próprio texto. E mais: o livro adquiriu em Gilberto Freyre a acepção de objeto de representação do passado. Para além do texto e para o texto, o livro, na condição de suporte, contribuiu para a articulação e prospecção da ideia de tempo depurada por ele. A linguagem e seus meandros foram traduzidos na composição do texto, na inventividade da ordem das palavras; e também na escolha do papel para a impressão do livro, dos tipos tipográficos, das ilustrações. Freyre fez do estilo um princípio, um propósito “intra” e “extratextual”. Logo, fez do estilo um tecido elástico e esgarçado, tentando preencher-lhe as rupturas com alusões. De acordo com Roland Barthes, “o estilo é propriamente um fenômeno de ordem germinativa, é a transmutação de um humor.”<sup>373</sup> E,

por isso[,] as alusões do estilo estão distribuídas em profundidade; a fala tem uma estrutura horizontal, os seus segredos estão na mesma linha das suas palavras, e o que ela esconde é revelado pela própria duração do seu contínuo; na fala tudo é oferecido, destinado a uma usura imediata, e o verbo, o silêncio e o seu movimento precipitam-se para um sentido abolido: é uma transferência sem rasto e sem atraso. O estilo, pelo contrário, só tem uma dimensão vertical, mergulha na lembrança fechada da pessoa, compõe a sua opacidade a partir de uma certa experiência da matéria”.<sup>374</sup>

---

<sup>371</sup> NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história...*, 2011, p. 24-25. As inscrições em itálico são do documento.

<sup>372</sup> NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio – sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado...*, p. 24-25.

<sup>373</sup> BARTHES, Roland. O que é a escrita? In: *O grau zero da escrita...*, 2006, p. 15.

<sup>374</sup> BARTHES, Roland. O que é a escrita? In: *O grau zero da escrita...*, 2006, p. 15.

O livro como representação do passado é abstração e realização: “dimensão vertical, mergulha na lembrança fechada da pessoa”<sup>375</sup>. É o livro, em si, o tempo que durou; que perdura. O livro é uma invenção para depositar o tempo: “opacidade a partir de uma certa experiência da matéria”<sup>376</sup>. É por isso que as minudências do texto, refiro-me a tudo aquilo que os analistas chamam de intratextual, não são somente a linguagem pela linguagem, mas são a interseção de tempos traduzidos pela linguagem e pelo suporte do texto: o livro. Assim sendo, não há para Gilberto Freyre a distinção sumária entre linguagem e texto; entre palavra e imagem; entre livro e tempo; entre tempo e livro. O livro é uma alusão. O tempo também. O estilo, por seu turno, um preceito de prática metodológica que visa ao “estudo empático de valores e de símbolos”<sup>377</sup>. Ou seja, “estudo sociológico de formas e processos.”<sup>378</sup> A perífrase, ou a catacrese, por exemplo, tem historicidade e, portanto, dá ao texto (à forma da narrativa) além do sentido estético, o da prática letrada de um intelectual.

Narrar as sensações exige palavras e efeitos: servem para colar os tempos. É o expediente da emulação agindo. Tempos elevados à categoria de estilo: é a “concatenação das frases pela retomada do termo decisivo de uma frase no começo da frase seguinte [...]. É o processo comparável à *anadíplosis*, ou então ao *epánodos* da retórica antiga”.<sup>379</sup> Contudo, esclareço que o que está em jogo aqui não se resume à simples reiteração de ideias e efeitos, mas, de acordo com a observação de Otto Maria Carpeaux, à falta do verbo, a exemplo: “E cedo perdendo a virgindade. Virgindade do corpo. Virgindade do espírito. [...] Isto sucedeu a muito menino”<sup>380</sup> de casa-grande.

---

<sup>375</sup> BARTHES, Roland. O que é a escrita? In: *O grau zero da escrita...*, 2006, p. 16.

<sup>376</sup> BARTHES, Roland. O que é a escrita? In: *O grau zero da escrita...*, 2006, p. 15.

<sup>377</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 50.

<sup>378</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 50.

<sup>379</sup> CARPEAUX, Otto Maria. O estilo de Gilberto Freyre. In: *Ensaios reunidos – (1946-1971)*. Rio de Janeiro: TopBooks/UniverCidade, vol. II, 2005, p. 538.

<sup>380</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala...*, 43ª ed., 2001, p. 404.

Mediante o trato anticonvencional da pontuação, Gilberto Freyre implementou o parolar na constituição dos textos que escreveu. Um parolar que mudou a ordem convencional das palavras, realinhando-as na estruturação do “modelo” discursivo, na forma da narrativa por ele proposta: frases com fluidez e gradação. Entretanto, há um outro detalhe: a escrita em Freyre perpassava o circunstancial. Digo: responder, a partir de uma forma da narrativa, a problemas (ou temas) atraídos à sua inferência. Em “Contra os museus de arte sacra”, artigo publicado em *O Cruzeiro*, o escritor faz confluir a sua opinião e a forma do texto empregada.

Perguntam-me se sou a favor da criação de um Museu de Arte Sacra em Olinda ou no Recife. Não: sou contra. Em princípio sou contra os museus de Arte Religiosa ou de Arte Sacra. São melancolicamente artificiais. O lugar de objetos sagrados é nas velhas igrejas a que sempre pertenceram. É aí que conservam sua dignidade e sua vida.<sup>381</sup>

O lugar de fala exigiu-lhe posições distintas na exposição dos discursos assumidos. Uma vez instituído, o Museu de Arte Sacra de Pernambuco, em Olinda, legou a Gilberto Freyre o imperativo das situações. Escreveu e reescreveu seus textos, adaptando-os à “topografia de interesses”<sup>382</sup> acautelados. Ao contrário do discurso “contra os museus de arte sacra”, a acolhida da conferência “Cultura e Museus”, de 1984, projetara-se de modo inverso: “agrada-me, e muito, ter a oportunidade de falar neste Museu de Arte Sacra, tão beneditinamente dirigido por um erudito do porte de Dom Hildebrando, para público que [sabe] [...] ser atento, lúcido e simpático.”<sup>383</sup> Uma conferência para elevar os “passados úteis”, “ressurgentes”: “alguns deles adormecidos em museus”.<sup>384</sup>

---

<sup>381</sup> FREYRE, Gilberto. Contra os museus de arte sacra. In: *O Cruzeiro*, ‘Pessoas, coisas e animais’, 13 de setembro de 1952, s/p. Sobre o grifo: um *não*, precedido dos dois pontos, que alude esclarecimento, ao contrário do uso conclusivo e categórico que a expressão reporta. [grifo meu]

<sup>382</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História...*, 3ª ed., 2011, p. 47.

<sup>383</sup> FREYRE, Gilberto. Cultura e Museus. In: *Cultura e Museus*. Recife: Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes/Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE, 1985, p. 11.

<sup>384</sup> FREYRE, Gilberto. Cultura e Museus. In: *Cultura e Museus...*, 1985, p. 19-20.

Afinal, o tempo, ou melhor, a interseção dos tempos, é a ação que dinamiza a narrativa. Gilberto Freyre foi resolutivo perante o problema do tempo. Não negou as origens, mas suplantou-as na intenção da unidade: o “elemento ponderador” que era a “família rural”.<sup>385</sup> Assim, instaurara-se na sua escrita, conseqüentemente, possibilidades de “articulação do tempo”<sup>386</sup> em sintonia com a forma da narrativa. A gradação das frases, a propósito, indicando um contínuo temporal em conflito, afeito às mudanças, mas só revelado nas permanências das convenções:

o patriarcado brasileiro, vindo dos engenhos para os sobrados, não se entregou logo à rua; por muito tempo foram quase inimigos, o sobrado e a rua. E a maior luta foi a travada em torno da mulher por quem a rua ansiava, mas a quem o *pater familias* do sobrado procurou conservar o mais possível trancada na camarinha e entre mulecas, como nos engenhos; sem que ela sáísse nem para fazer compras. Só para a missa. Só nas quatro festas do ano – e mesmo então, dentro dos palanquins, mais tarde de carro fechado.<sup>387</sup>

Compôs frases para vislumbrar condições sociais demarcadas e tempos sociais em embate, em superposição, em acomodação. O ponto e vírgula, a intencão, é, nos textos de Gilberto Freyre, reservado não apenas para a pausa em tom ascendente das orações, mas antes um deslocamento da função prevista na norma gramatical. Um desafio aos revisores de seus textos e livros. Um preceito de verbalização que “ordena acontecimentos e processos em narrativas.”<sup>388</sup>

A narrativa tem o seu próprio tempo e, para tanto, um regime de historicidade: prescrições que dão ordem e limites à escrita, ao discurso

---

<sup>385</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala...*, 43ª, 2001, p. 96.

<sup>386</sup> “No âmbito mais geral, a instauração de novos regimes de historicidade, ou seja, de novas formas de articulação do tempo, demanda diferentes modelos de representação da história, uma vez que se pode estabelecer relações profundas entre formas temporais e estruturas discursivas, isto é, entre tempo e narrativa”. [NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado...*, p. 09.]

<sup>387</sup> FREYRE, Gilberto. O engenho e a praça; a casa e a rua. In: *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 13ª ed., 2002, p. 65.

<sup>388</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa: a intriga e a narrativa histórica*. Trad.: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, vol. I, 2010, p. 275.

investido. Para representar o passado por ele convencionado como nacional, a intenção da escrita, urdida nos artifícios da linguagem para tornar concreto um passado perdido, não foge ao interesse do escritor ter expectativas de legitimidade: seja nas ideias que defende; seja no acolhimento entre os interlocutores de referência; seja na acepção de escritor que tratou de assumir com convicção; seja a partir do que vê e procura traduzir. Tornar inteligível o que lhe é evidente pela manipulação.

É tempo de procurarmos ver na formação brasileira a série de desajustamentos profundos, ao lado dos ajustamentos e dos equilíbrios. E de vê-los em conjunto, desembaraçando-nos de pontos de vista estreitos e de ânsias de conclusão interessada. Do estreito ponto de vista econômico, ora tão em moda, como do estreito ponto de vista político [...]. O humano só pode ser compreendido pelo humano – até onde pode ser compreendido; e compreensão importa em maior ou menor sacrifício da objetividade à subjetividade. Pois tratando-se de passado humano, há que deixar-se espaço para a dúvida e até para o mistério”<sup>389</sup>.

Gilberto Freyre compilou os passados, dando-lhes síntese a partir da relação que mantinha com os mesmos passados. Mas não significou estreitá-los. Articulou-os na relação entre aproximação e distância interpretativa, ou seja, na tensão entre a “experiência” e a “expectativa”. Entretanto, o campo de tensão foi por ele alimentado: forjou a memória como alento às forças em conflito. E o mistério, sobre o qual mencionou, é uma projeção. Por este motivo, a memória não se sustenta apenas nas intenções de lembrar e/ou de esquecer.

A ‘humildade diante dos fatos’, a que ainda há pouco se referia um mestre da crítica, ao lado do sentido mais humano e menos doutrinário das coisas, cada vez se impõe com maior força aos novos franciscanos que procuram salvar as verdades da História, tanto das duras estratificações em dogmas, como das rápidas dissoluções em extravagâncias de momento.<sup>390</sup>

---

<sup>389</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 20.

<sup>390</sup> Sobre a interpretação da família patriarcal e a recorrência à linguagem: “a história de uma instituição, quando feita ou tentada sob critério sociológico que se alongue em psicológico, está sempre nos levando a zonas de mistério, onde seria ridículo nos declararmos satisfeitos com interpretações marxistas ou explicações behavioristas ou paretistas; com puras descrições

Gilberto Freyre não se negou a usar o traje do pioneirismo. Regalava-se. A linguagem na composição narrativa do *Casa-Grande...* foi motivo de autoexaltação do escritor, porém não só: os fitos de linguagem, a dilatação metodológica, o tema abordado caberiam, como couberam, em “um impreciso gênero de escrita, o ensaio”.<sup>391</sup>

Creio que o principal pioneirismo do livro *Casa-Grande & Senzala* está no seguinte: na metodologia. Não separo metodologia do conteúdo, nem forma de conteúdo. Creio que é uma separação arbitrária. Um método já é parte de um livro; já é parte do conteúdo do livro. A linguagem já é parte do conteúdo do livro. a palavra, a imagem, já é parte do livro. Creio que *Casa-Grande* é um livro de palavras e imagens, sem palavras abstratas.<sup>392</sup>

Palavras dos usos. Resignificadas. Sem o rigor normativo da pureza: deitadas no sentido social de existir como expressividade. Tudo situado na forma da narrativa que, ao constituir sentido de aclaração sobre o Brasil, não custa frisar, não se resume ou finda na linguagem apenas. *Casa-Grande...* é um livro; é o objeto da anatomia intelectual e da historicidade de seu autor. É dotado de escrita singular, sim, mas, esclareço, não é este o ponto de convergência à análise desta tese. Os processos de feitura, isto é, deste e de outros livros do escritor, é o que indica a centralidade do exercício de interpretação aqui proposto.

Os intelectuais brasileiros do período que abrange dos anos de 1930 aos de 1940, preocupados com a disritmia entre as disparidades sociais e a inteligência interpretativa sobre o Brasil, entre os quais esteve a escritora Lucia Miguel Pereira, investiram reflexões sobre às “gêneses” de nossa pretensa

---

semelhantes às da história natural de comunidades botânicas ou animais.” [FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 20-21.]

<sup>391</sup> NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado...*, p. 14.

<sup>392</sup> FREYRE, Gilberto. Encerramento. In: *Casa-Grande & Senzala – 50 anos depois: um encontro com Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985, p. 32.

nacionalidade. Disso já sabemos. No entanto, o entendimento sobre o sentido do tempo contemporâneo<sup>393</sup> para esses intelectuais, e as suas conseqüentes leituras sobre o Brasil, passava, em grande medida, pelo discernimento dos “riscos do auto-didatismo”<sup>394</sup> dos estudos e das interpretações que empreendiam. A falta de formação especializada, ressalta a escritora, é o cerne:

o que nos falta não é a matéria prima – a intelligencia: é o preparo, o bom aproveitamento desta. O brasileiro que não quizer correr os riscos do auto-didactismo, tem de sahir de sua terra para se instruir. O que confirma as conclusões de Siegfried sobre o nosso precário estado de semi-colonia.<sup>395</sup>

Para a Lucia Miguel Pereira, Gilberto Freyre era o exemplo: a formação adquirida nas Universidades de Baylor e Columbia, nos Estados Unidos, capacitou-o a projetar o olhar sobre o Brasil, denotando, em termos de análise e escrita, a distinção entre os intelectuais que presenciaram à aurora do *Casa-Grande...*

Entre nós, a falta de curiosidade histórica é tão grande que o Brasil, para cada um, parece ter nascido comsigo. Essa ignorância, geradora de tantas afirmações apressadas, de tantas iniciativas contrarias à nossa indole, corre, em grande parte, por conta dos nossos historiadores. Com rarissimas e honrosas excepções – lembro-me, entre outros, de João Ribeiro – elles se esquecem de que historia é tambem arte.<sup>396</sup>

---

<sup>393</sup> Sobre um dos nomes do período, Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde dos artigos de jornais, escreveu Fernando Nicolazzi: “A contemporaneidade entre ‘fases’ distintas e distantes da História leva a uma sensação de instabilidade em que tudo parece a Athayde algo passageiro, não durável, e mesmo incapaz de legar frutos duradouros para a posteridade. O presente é algo fugidio, instantâneo, que mais do que apartar, por um corte abrupto, o passado do futuro, constitui-se como uma justaposição desordenada das experiências vividas, sedimentadas de maneira caótica e sem sentido”. [NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado...*, p. 02.]

<sup>394</sup> PEREIRA, Lucia Miguel. *Gazeta de Notícias*, seção ‘Livros’..., s/p.

<sup>395</sup> PEREIRA, Lucia Miguel. *Gazeta de Notícias*, seção ‘Livros’..., s/p.

<sup>396</sup> Lê-se no rodapé do artigo: “Todos os livros destinados a esta secção devem ser dirigidos á Rua Demétrio Ribeiro, 283, casa 4.” [PEREIRA, Lucia Miguel. *Gazeta de Notícias*, seção ‘Livros’..., s/p.]



Publicado em primeiro de dezembro de 1933, *Casa-Grande...* foi vinculado à ideia de Brasil nas ranhuras da crítica. Fez-se no ritual dos debates, na apropriação do passado sem ressentir-lo. Foi acomodado, pois, entre os limites do regional e do nacional ao ser comparado à monta d'Os Sertões: “se não tem o vigor de estylo, o nervo do de Euclides[,] se não tem o interesse de narrar um drama como o de Canudos é uma obra, sobre outros aspectos, igualmente notavel”.<sup>397</sup> Tornou-se o texto, então, um instrumento que, assim que Freyre é contratado pela Livraria José Olympio Editora, em 1936, funcionou como passaporte à construção de seu reconhecimento não só como sociólogo, mas como escritor e, conseqüentemente, como autor que assinava livros.

E é na materialidades dos livros, nos reclames das orelhas de capas e quartas capas, que a propaganda editorial, em torno de seu nome, operava: “Gilberto Freyre escreve num estilo luxuriante, voluptuoso, tropical, de que não se encontra igual em nenhuma literatura européia e que concorre para dar, à sua obra, autêntica e singular validade literária. – Alberto Pescetto (*Itália*)”<sup>398</sup>.

Sendo escritor<sup>399</sup> de ofício e exercendo a condição de autor sob a chancela editorial, Freyre soube, no transpasse de sua trajetória intelectual, traçar acordo e usar dos favores. Entre as escolhas políticas que fez, tanto no ideológico quanto no método de pesquisa e escrita, impôs aos seus leitores a convicção de tempo embaralhado nas formas do ensaio sociológico ou do ensaio de ficção. Por esta razão, a análise sobre a passagem dos textos que escrevia à forma do livro, destacando-se o seu estilo de ser e agir e de escrever, fez-se relevante até aqui.

---

<sup>397</sup> PEREIRA, Lucia Miguel. *Gazeta de Notícias*, seção ‘Livros’, s/p.

<sup>398</sup> Da quarta capa da segunda edição do *Dona Sinhá...*, 1971. A inscrição em itálico consta no documento.

<sup>399</sup> Na “espontaneidade está um característico de todo escritor autêntico, mas, principalmente, de todo autêntico escritor ibérico ou pan-ibérico.” [FREYRE, Gilberto. *Como e por que sou escritor...*, 1965, p. 24.]

## 2.2 – Ao prazer do texto

Ao prazer do texto, a “espontaneidade”. Uma espontaneidade, porém, que leva o escritor às contradições, às possíveis interpretações “de uma realidade complexa” atingida “através do domínio”<sup>400</sup> do mesmo escritor “sôbre palavras, além de sugestivas, reveladoras: epifânicas, como as que [James] Joyce tão intensamente buscou, especialmente na sua última fase de experimentador verbal.”<sup>401</sup> Em resumo: é a palavra como projeto de passado; como representação do passado na forma do ensaio e na forma dos livros. Está estabelecido que, acena Roger Chartier, “o progresso da função-autor”<sup>402</sup> foi-se constituído “na identidade do livro.”<sup>403</sup>

A concepção de ciência, na escrita do *Casa-Grande...*, flertava com o intangível da vida. Esclarecendo: se o tempo é uma operação humana, a sociologia não deveria compartimentar as práticas sociais. O tempo, uma teia de superposições e inter-relações, é simultaneamente morto e vivo. Enfim: “o humano só pode ser compreendido pelo humano”.<sup>404</sup> O tempo, portanto, o objeto dos sentidos e das referências.

Se o tempo era trípico para Gilberto Freyre, não há dúvidas acerca da predominância do passado no transpasse entre o presente e o forjamento do futuro. De um presente ou de um futuro, ressalte-se, em conformação. E o passado? Este, afeito à possibilidade de promover o equilíbrio temporal a partir das suas permanências, de suas resistências. Daí, por fim, o método de pesquisa e, conseqüentemente, de escrita de Gilberto Freyre fazer-se no pinçar das referências de uma sociologia dialógica. Nas páginas de *Sobrados e Mucambos* procurou-se

---

<sup>400</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou escritor...*, 1965, p. 22.

<sup>401</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou escritor...*, 1965, p. 24.

<sup>402</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros...*, 1999, p. 57.

<sup>403</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros...*, 1999, p. 57.

<sup>404</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 20.

principalmente estudar os processos de subordinação e, ao mesmo tempo, os de acomodação, de uma raça a outra, de uma classe a outra, de várias religiões e tradições de cultura a uma só, que caracterizaram a formação do nosso patriarcado rural e, a partir dos fins do século XVIII, o seu declínio ou o seu prolongamento no patriarcado menos severo dos senhores dos sobrados urbanos e semi-urbanos; o desenvolvimento das cidades; a formação do Império; íamos quase dizendo, a formação do povo brasileiro.<sup>405</sup>

O autor de *Casa-Grande...* pôs em xeque a ordem do tempo moderno: aplanada no sentido ininterrupto do futuro. Movida pelo afã do progresso. Foi ele audaz ao justificar suas preleções sobre o patriarcado brasileiro, considerando: na concepção de “tempo social” não há “antagonismo” entre o passado e o presente. “Antagonismo” que deve ser superado “entre esses dois tempos” porque são dimensões “coexistentes”. A ordem do tempo moderno, a exemplo do regido pelo norte dos Estados Unidos, é feita de “um só tempo e este o presente, devendo notar-se de [Walt] Whitman<sup>406</sup> que seu tempo, do presente projetou-se sobre o futuro, o progresso e a utopia”. No entanto, “o tempo do relato literário e sociológico tipicamente brasileiro parece dever corresponder à situação mais complexa, de constante entrelaçamento, na consciência do brasileiro, dos três tempos: o passado, o presente e o futuro.”<sup>407</sup> Dimensões convergentes e constituidoras de um todo. Fez-se assim o tempo tríplice no Gilberto Freyre escritor: evocativo e interpretativo. Duas habilidades que não são díspares e/ou complementares, mas sinonímias de si mesmas. Daí, o passado ter-se tornado objeto central dos ensaios que escreveu, reafirmando-o nas palavras que manipulou. Palavras que fizeram do prazer do texto um ofício, assim como é ofício o ser escritor.

---

<sup>405</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 09.

<sup>406</sup> Walt Whitman (1819-1892). Poeta norte-americano e autor de *Folhas de Relva*, de 1855. “Pensar no tempo – em toda aquela retrospectiva, pensar no hoje, e nas eras que continuamente se seguem. Você pensou que você próprio não continuaria? Você já ficou apavorado com estes besouros? Você teve medo de o futuro não trazer nada a você? O dia de hoje é nada? E o passado com sua origem a perder de vista – é nada? Se o futuro é nada, eles certamente são nada.” [WHITMAN, Walt. Pensar no tempo. In: *Folhas de relva*. Trad.: Bruno Gambarotto. São Paulo: Hedra, 2011, p. 345.]

<sup>407</sup> FREYRE, Gilberto. Nota Metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, p. 57.

Sem um domínio sôbre as palavras que se defina de modo mais incisivo, ou menos incisivo, num estilo, e sem um sentido epifânico no uso não só de palavras como até na combinação de vogais com consoantes no ritmo de frases que, através de pontuação também rítmica, passem a caracterizar êsse todo ou êsse complexo chamado estilo, não há, evidentemente, escritor. Até que ponto, no meu caso, haverá um ensaísta e agora também um seminovelistas, que, além de descritivo, seja, epifânico? Ignoro. Sei que não me contentaria nunca – se dependesse de mim – de ser simplesmente descritivo no que escrevo. Nem simplesmente descritivo nem apenas expositor de conhecimentos ou de saberes adquiridos de livros ou de mestres ou de estudo somente linear dêste ou daquele objeto. E sim um tanto mais do que isto. Sugestivo. Evocativo, interpretativo. Provocante. Epifânico.<sup>408</sup>

As referências aos sociólogos norte-americanos são constantes, mas sem excessos. Peter L. Berger é um entre tantos. Se o tempo é social, a história é social, a sociologia deveria ser simbiótica. Segundo Gilberto Freyre, Peter L. Berger lamentava as resistências da disciplina: havia uma “pobreza de história na sociologia anglo-americana”.<sup>409</sup> Berger, com a história, deu à sociologia o lastro do tempo. Gilberto Freyre, pois, ao citá-lo, atribui ao seu próprio texto a aparência da atualidade; de mostrar-se em dia com as discussões teóricas da disciplina que o nomeava.

Para o Professor Berger onde a sociologia parece melhor se situar é na imediata vizinhança das chamadas Humanidades. Pois o social sendo, como é, dimensão crucial da existência do Homem, a sociologia – ou o sociólogo – está sempre tendo que considerar o que significa ser homem, nessa dimensão, e principalmente, o que significa ser homem numa situação particular.<sup>410</sup>

Se a condição humana é compassada pelo situacional, o tempo também era situacional. Assim, na forma da narrativa, Gilberto Freyre construiu, a partir da articulação das palavras, as imagens que circunscreviam o patriarcado por ele forjado. Os títulos de livros e subtítulos de capítulos são alongados como o tempo trúbio. Sugerem a confluência de dimensões. Não indicam, simplesmente, oposição entre partes, mas reciprocidades que distinguem. Demonstrando alinhado com os ensinamentos de Peter Berger, Gilberto Freyre

---

<sup>408</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou escritor...*, 1965, p. 33. [grifos meus]

<sup>409</sup> FREYRE, Gilberto. Introdução. In: *Como e porque sou e não sou sociólogo...*, 1968, p. 25.

<sup>410</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo...*, 1968, p. 26-27.

considerou a relação composta “espaço-tempo” na elaboração de seus escritos. Ensino que tratou de afinar quando da publicação do livro *Sociologia*<sup>411</sup>, de 1945. Um livro de “antecipação às tendências mais vivas e atuantes na sociologia contemporânea: no seu estudo e no seu ensino”<sup>412</sup>. A crítica adversa ao *Sociologia* reduziu-o àquilo que era, contraditoriamente, o mais relevante à constituição do texto que se fez livro: a proposta de interdisciplinaridade, a “literatice”, o predicado de “anticientífica”.

Gilberto Freyre posicionou-se contra quem escrevia sob o domínio de esquemas classificatórios e de gêneros. A estética de sua escrita composta pela trama das reiteraões, embora não se resuma a simples reiteraões, levantou aversão naqueles contrários aos seus fins de escritor, de pretensão literato, inclusive. Foi ele enquadrado no epíteto de sociólogo “obsceno”.<sup>413</sup> O ser escritor e o ser autor de livros são instâncias que lhe impuseram os cercos da polêmica e, de modo convicto, da autodefesa.

O prazer do texto, repito, também era um ofício exercido por Gilberto Freyre. Foi ele o escritor da transgressão na escrita. Esteve entre o “texto de prazer” e a voluptuosidade da “fruição”. Esta última, pois, traduziu-se no sentimento de perda que tanto conclamou e desejou recuperar através das palavras, da monumentalização do passado. Está aí a terceira via da memória: o ensejo de reivindicação; e não só o trocadilho lembrança e esquecimento. A

---

<sup>411</sup> Do “Prefácio de Anísio Teixeira”: “Chama-se, com efeito, de livro didático um tratado em que se apresentam as noções, os princípios e as leis de qualquer ciência, expostos sistemática e tecnicamente, como um corpo ordenado de conhecimentos. Ora, nenhum conhecimento científico pode ser inicialmente apreendido em sua forma lógica final. O conhecimento científico é o produto do engenho humano. E engenho aí deve ser entendido literalmente como mecanismo que ‘elabora’, segundo processos demorados e ultrameticulosos, o produto ‘acabado’ e ‘refinado’ que é o conhecimento científico, devidamente formulado. A apresentação direta do conhecimento científico assim logicamente formulado é de profunda utilidade e indispensável mesmo – não porém para o aprendiz, mas, para quem já sabe, que aí encontrará, nesse tratado, o corpo sistemático de conhecimentos descobertos, para os manipular nas suas diversas aplicações ou os utilizar para novas descobertas.” [FREYRE, Gilberto. Prefácio de Anísio Teixeira. In: *Sociologia: introdução ao estudo dos seus princípios*. São Paulo: É Realizações, 2009, p. 41-42.]

<sup>412</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo...*, 1968, p. 26-27.

<sup>413</sup> FREYRE, Gilberto. Serei um escritor obsceno? In: *Alhos & bugalhos – ensaios sobre temas contraditórios: de Joyce à cachaça, de José Lins do Rego ao cartão-postal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 178-185.

memória não é feita na dualidade porque tanto o lembrar quanto o esquecer podem requerer a negação. Memória é construção. É manipulação. É reivindicação sob o chamamento da perda. Freyre negou o passado ressentido, lembrando-o; ressignificando-o; aclamando-o. O projeto de passado, portanto, converteu-se no projeto de trilogia, na forma do livro, sobremaneira:

por que já 23 – ou 24 – edições de *Casa-grande & Senzala* em língua portuguesa e somente 6 na mesma língua, da sua imediata continuação que *Sobrados e Mucambos* e 3 de *Ordem e Progresso*? Parece que a resposta é que o primeiro é um livro carismático. Há livros, tanto como pessoas, carismáticos. Como autor dos três, não ponho *Casa-grande & Senzala* acima dos outros dois senão como livro, dentre os que já escrevi e publiquei, germinal. Ele está presente, em quase todos os que se sucederam, como germen. Como base de comunicações, embora a essas comunicações não falte, a cada uma, como livros, caráter autônomo.<sup>414</sup>

A crítica que desvela cânones – o criador da democracia racial, por exemplo, tonou-se uma ferramenta de medida canônica – petrifica os ensaios de Gilberto Freyre de modo contundente. Para Franco Moretti, é preciso realizar o seguinte exercício: ao defrontar-se “com um texto que viola as convenções do seu tempo, a análise crítica não pode se contentar com a meia-verdade que nos diz como isso aconteceu.” Porém, isto só não basta: “não [se] pode olhar, como de costume, só para o ‘passado’, para a convenção desalojada ou a [...] desconstruída.” Logo, sob este preceito, “o ‘futuro’ de um texto, as convenções e as visões de mundo que ele” ajudou “a formar e a consolidar, [...] também fazem parte de sua história.”<sup>415</sup> É por esta razão que a perífrase, por exemplo, não se resume apenas à intratextualidade. O ensaio como narrativa tem a sua conexão com o externo.

---

<sup>414</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 6ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 731.

<sup>415</sup> MORETTI, Franco. A alma e a harpia. In: *Signos e estilos da modernidade...*, 2007, p. 20-21.

A forma do ensaio em Gilberto Freyre, que evidencia fragmentos do passado, apresenta o assíndeto<sup>416</sup> como efeito de gradação do tempo. Da interseção de tempos. O recurso de linguagem não está no texto de Gilberto Freyre para aludir possíveis combinações formais das regras da gramática, mas para acentuar a sua percepção sobre a representação do passado. O passado, pois, que adquiriu curvas, traços e fluidez na ordem de sucessão das palavras. Um exemplo: a cidade do passado como narrativa, “simbioticamente” rural e urbana, tem lugar em *Sobrados e Mucambos*. A cidade construída pelas palavras da narrativa<sup>417</sup>. O assíndeto, destarte, é o fluxo recortado da narrativa, ou melhor, da interseção de tempos descritos e reivindicados pela narrativa/forma do ensaio de Gilberto Freyre. Constata-se aí, o prazer do texto no assíndeto.

Noite de escuro, é que sair de casa, nas cidades brasileiras dos princípios do século XIX, tinha seu quê de aventura. Tudo escuro; becos estreitos; poças de lama; ‘tigres’ estourados no meio da rua; bicho morto. Na Bahia, em Vila Rica, em Olinda, ladeiras por onde o pé escorregando em alguma casca de fruta podre<sup>418</sup>, a pessoa corria o risco de ir espapaçar-se nas pedras e até perder-se em despenhadeiros.<sup>419</sup> De modo que o prudente era sair-se com um

---

<sup>416</sup> “Eis um estado muito sutil, quase insustentável, do discurso: a narratividade é desconstruída e a história permanece no entanto legível: nunca as duas margens da fenda foram mais nítidas e mais tênues, nunca o prazer foi melhor oferecido ao leitor – pelo menos se ele gosta das rupturas vigiadas, dos conformismos falsificados e das destruições indiretas.” [BARTHES, Roland. *O prazer do texto...*, 2010, p. 15.]

<sup>417</sup> Um exemplo: sobre a cidade como narrativa, o historiador Evaldo Cabral de Mello analisou a escrita do Frei Manuel Calado, isto é, a narrativa histórica laudatória do autor de *O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade na Restauração de Pernambuco*, sob a dominação holandesa, publicado em Lisboa em 1648. Lê-se: “Calado vira na queda de Olinda e na invasão holandesa o castigo divino pelos pecados dos moradores de Pernambuco, isto é, pela acentuada deterioração moral que teria caracterizado a vida pública e privada da capitania nos anos imediatamente anteriores ao ataque neerlandês. O que narra o *Valeroso Lucideno* no primeiro capítulo da primeira parte, significativamente intitulado ‘Da origem da destruição e ruína de Pernambuco’, é a história de uma queda, na acepção teológica do termo. Habitante de um paraíso terreal, a população de Olinda sucumbiu aos pecados e aos vícios, sendo punida pela vontade de Deus através das armas holandesas, vale dizer, de hereges calvinistas. Antes da invasão, Pernambuco fora ‘a mais deliciosa, próspera, abundante e não sei se me adiantarei muito se disser a mais rica de quantas ultramarinas o Reino de Portugal tem debaixo de sua coroa e cetro’.” [MELLO, Evaldo Cabral de. *Olinda conquistada*. In: *Rubro Veio: o imaginário da Restauração Pernambucana*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2ª ed., 1997, p. 242.]

<sup>418</sup> Da forma do ensaio em Gilberto Freyre. “Assíndetos”: “rupturas de construção”. [BARTHES, Roland. *O prazer do texto...*, p. 14.]

<sup>419</sup> Nos grifos duplos: o “síndeto” que sugere adição.

escravo, levando uma luz de azeite de peixe que alumiasse o caminho, a rua esburacada, o beco sujo.<sup>420</sup>

Atentar-se para os detalhes, aparentemente reduzidos à nomenclatura intratextual dos seus escritos, intui para a tomada de posição promulgada pelo escritor. Em resumo: para Gilberto Freyre, a forma do texto, isto é, do ensaio, é uma demarcação de sua feição e ofício; é o lugar a partir do qual falava, desejou comunicar-se. As possíveis intervenções, do revisor Adalardo Cunha, nos escritos à publicação, encontraram resistências em Gilberto Freyre. Publicar os textos na forma do livro incorria na manutenção do compassar que os mesmo textos apresentavam: “assíndetos”; “síndetos”; “anacolutos”, por exemplo. A tentativa de conciliação: a forma do texto e a ordem da publicação.

O “intratextual”, portanto, quando avaliado, não deve ser considerado apenas como objeto de estudo assentado nos limites da sintaxe. Aspecto que o historiador ainda considera inadequado e distante das suas preocupações e análises. Afinal, o ensejo de tornar um escrito público, menos para a crítica e mais para quem o escreve, supõe deixar claro que a ideia nele contida é a sua razão e primazia. A causa de sua existência está no ritmo, na forma, de narrativa. O propósito, enfim, que o permite existir como publicação. Logo, o ofício do revisor, não por acaso, verteu-se em desconfiança e pretexto para embates ou querelas. Nos preparativos do *Tempo morto...*, Gilberto Freyre não se recusou, em carta a José Olympio, a ressaltar o trato pormenorizado que a editora deveria ter com a construção do texto e as suas passagens consideradas polêmicas: “J. O. amigo: [...] prestem bem atenção às correções. Havendo ponto em que v. insiste escreva, com a transcrição do trecho.”<sup>421</sup> Permitir interferências na “mimesis”<sup>422</sup> que está no texto? Não. A “mimesis” da linguagem que o texto comporta é inviolável.

---

<sup>420</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 70.

<sup>421</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 04 de outubro de 1974. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita] [grifo meu]

<sup>422</sup> BARTHES, Roland. *O prazer do texto...*, p. 15.



Mas, por outro lado, publicar também incidia em um outro preceito: o recato moral muitas vezes exigido do texto subverteu-o de seu peculiar feitio e condição primeira. Foi esta uma das reclamações de Gilberto Freyre. Por fim, quando público, o texto deixa de ser propriedade absoluta do escritor que o concebera.

Quando, há algumas dezenas de anos, apareceu o livro de minha autoria intitulado *Casa-Grande & Senzala* houve quem o considerasse 'imundamente obsceno'; ou extremamente 'sexy'; pornográfico, até; ou imoral ao mesmo tempo que anti-religioso e mesmo antibrasileiro. Obra de alguém desvairado pela 'obsessão com o sexo'.<sup>423</sup>

Há em Gilberto Freyre o afã do "prazer do texto". Ao "prazer do texto". A composição de suas narrativas, mais ou menos distante das orientações de cunho conclusivo sobre algo em análise, prezara pela fruição. Os recursos de composição da narrativa por ele manipulados remetem à acepção de Roland Barthes: o autor é uma direção ao leitor<sup>424</sup>. Logo, a narrativa literária é eloquência e imaginação. É a probabilidade do devaneio, do ponderamento, da cogitação e da militância. A narrativa, para volver o prazer, precisa do "simulador" de quem a trama.

Aqui, retomo as defesas de Freyre transcorridas no prefácio à edição de 1943, constantes no *Perfil de Euclides e outros perfis*:

que me perdoem, porém, a insistência ingênua e afinal inócua em me considerar escritor, admitida a distinção entre escritor e literato, admitida também no escritor simples e sem pretensões a literato a liberdade de escrever literalmente mal, de desprezar um tanto as exigências da composição, de procurar até conseguir, como puro experimentador, pequenas vitórias de decomposição de regra, de estilo e de convenções literárias e de combinação nova de palavras que reatam às vezes tradições esquecidas<sup>425</sup>.

---

<sup>423</sup> FREYRE, Gilberto. Serei um escritor obsceno? In: *Alhos & bugalhos – ensaios sobre temas contraditórios...*, p. 178.

<sup>424</sup> BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. Trad.: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 09. [Coleção Elos, 2]

<sup>425</sup> Cabe observar, inclusive, o seguinte: "Ao crítico acadêmico repugnam repetições: o escritor que repete palavras será tudo menos um estilista [...]. Que estas se apresentem decompostas, é pecado que o acadêmico não perdoa; e com razão, pois o seu rito, sua ortodoxia mesma, é a

Gilberto Freyre conciliou as palavras de estaturas distintas, as de rigor com as triviais; as relatadas na sua infância com às de sua astúcia de escritor. Para o “prazer da leitura”, as “rupturas” com a escrita formal são expostas. Plano no qual os “neologismos pomposos e derrisórios são criados”.<sup>426</sup> Palavras para o chamamento da memória.

Muito menino brasileiro do tempo da escravidão foi criado inteiramente pelas mucamas. Raro o que não foi amamentado por negra. Que não aprendeu a falar mais com a escrava do que com o pai e a mãe. Que não cresceu entre muleques. Brincando com muleques. Aprendendo safadeza com eles e com as negras da copa. [...] Os olhos, dois borrões de sem-vergonhice. A boca como a das irmãs de Maria Barralheira: boca por onde só saía bosta. Meninos que só conversavam porcaria. Ou então conversas de cavalo, de galo de briga, de canário.<sup>427</sup>

O “simulador” foi recurso pontual na forma, e no estilo, de narrativa de Freyre. Uma narrativa destituída das certezas, mas não das intenções. Era escritor atento aos meios de conquista dos leitores mediante a linguagem que intuiu quando do uso de palavras angulosas, cadenciadas, palatáveis. Quanto mais livros, mais argumentos. A carta de 10 de março de 1962, remetida a José Olympio, alude sobre os enfrentamentos de Freyre e seus apelos favoráveis à manutenção dos interesses que considerava intocáveis:

Caro J. O.: Uma nota de noticiário literário dez hoje que ‘Talvez Poesia’ só aparecerá no <<fim do semestre>>. O mesmo seria certo de ‘Vida, Forma e Cor’ [...]. É incrível. Faço um apelo a V. e a seus irmãos, como amigos, para cumprirem a promessa, já retardada, segundo a qual tais livros teriam saído no fim do ano passado. Não se faz isto com um amigo que não me consta ter se tornado um peso morto total para a editora J. O. Até aqui a queixa que V. concordará comigo, ser justíssima. Grande abraço para V. e os irmãos e filho do – Gilberto<sup>428</sup>.

---

composição perfeita, a fase de acordo com todas as regras da gramática e da estilística.” [FREYRE, Gilberto. Prefácio do autor. In: *Perfil de Euclides e outros perfis...*, p. 14.]

<sup>426</sup> BARTHES, Roland. *O prazer do texto...*, p. 11.

<sup>427</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala...*, p. 404. [Grifos meus]

<sup>428</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 10 de março de 1962. *Cartas do Próprio Punho...*, 1978, p. 136.

Na mesma correspondência, Freyre insinua a feição de um impasse: o efeito da crítica contrária ao seu estilo e forma de narrativa: transparece o incômodo com a crítica “na imprensa brasileira” de então. Reage contra a falta de referência aos elogios que recebeu do editor norte-americano Alfred Knopf quando o visitara em Recife: “O bom do Knopf não sabe de meia-missa. Ignora até onde vai a mesquinha desses ...”,<sup>429</sup> sublinhou.

Escritor vigilante que era, nada poderia fugir às suas expectativas e intenções. Gilberto Freyre fez de seus livros e amigos meios de defesa e ataque. Sabia ele que os livros e as relações que mantinha com as pessoas proeminentes poderiam atenuar os entraves aos seus zelos. Mas, nunca detê-los. Desejou que as consagrações fossem perenes e harmônicas. Impossível. Os textos e livros que publicou, ou até mesmo na retórica de uma palestra ou conferência, alimentaram opiniões favoráveis e adversas às suas ideias. Os “ensaios sobre temas contraditórios” reunidos no livro *Alhos & bugalhos*, exemplificam esta iniciativa.

Não sou um escritor – se é que sou escritor – fácil de ser classificado; e nisto talvez seja caricaturescamente ibérico. O estilo que, segundo alguns críticos, caracteriza os mesmos trabalhos, reconheço não ser modelo de estilo científico – admitindo-se que fôsse um estilo antes científico que literário, que eu procurasse atingir. Mesmo porque o ideal, em trabalhos puramente científicos, parece ser a quase ausência de estilo.<sup>430</sup>

Freyre defendia o argumento de que os intelectuais estrangeiros entendiam melhor a sua investida como escritor. Não apenas pelo estilo empregado, mas pelos temas que reuniu em estudos ao exigir do humano o mais humano. Afirmou o mesmo ao autopromover-se como um pioneiro do tempo tríplice: a ordem de referência na qual tudo, ao mesmo momento, era o agora. Sem, reitero, que a dimensão do passado perdesse o estatuto de predominância nas referências culturais do patriarcado brasileiro. O passado da estabilidade; que perpassava, durava, permanecia, persistia e acomodava

---

<sup>429</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 10 de março de 1962. *Cartas do Próprio Punho...*, 1978, p. 136.

<sup>430</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou escritor...*, 1965, p. 21-22.

contrários. Um pretérito capturável: a língua portuguesa do Brasil tornou-se “muito mais doce do que a europeia, por influência das negras contadoras de histórias aos meninos. E é fato. Como? Através, em grande parte, da relação escravo/criança, [...] da relação criada pelo ambiente casa-grande/senzala.”<sup>431</sup>

O passado para Gilberto Freyre não o é porque perdeu a atualidade. O passado só possui o estatuto de advindo, pois, de acordo com a referência destinada a medir a condição pretérita que lhe é peculiar e o sentido de relevância que tem ou terá. Exemplo: ao instituir um passado considerado relevante, o escritor fez uso da afetividade – a afetividade como referência – para indicar o que estabelecia orientação e sentido à definição de um Brasil nas primeiras décadas dos novecentos. Nomeadamente, o escritor frisou uma das referências que instituiu o passado na narrativa do *Casa-Grande...*: “apareci, há meio século – resvalo de início no talvez pior dos meus pecados intelectuais: o autobiográfico – com um livro logo identificado, por críticos mais generosos que perceptivos, [...] como revolucionariamente inovador [...]”<sup>432</sup>

O projeto de passado recai sobre o projeto de escritor. Este segundo, notadamente, foi articulado na negação das instituições. Mas, quando oportuno, serviam de respaldo e conveniência. O ofício de escritor, na concepção de Gilberto Freyre, não deveria precisar de “nenhuma instituição”. E ainda neste sentido, declarou: “tenho os meus livros; os meus livros vêm me permitindo viver” de modo “independente.”<sup>433</sup> É fato que ele conseguiu dispor dos livros que publicava para garantir proventos, mas também é fato que as articulações sociais das quais dispôs foram notórias às conquistas que concretizou. O intelectual, enfim, não se faz sozinho. A efetiva publicação do *Casa-Grande...*, a intento, deveu-se à participação de Rodrigo Melo Franco de Andrade. O ofício de escritor pode, até, firmar-se na investida autocentrada, a condição de autor, porém, depende das interlocuções de uma teia, de uma

---

<sup>431</sup> FREYRE, Gilberto. Encerramento. In: *Casa-Grande & Senzala: 50 anos depois – um encontro com Gilberto Freyre...*, p. 30-31.

<sup>432</sup> FREYRE, Gilberto. Cultura e museus. In: *Cultura e museus*. Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE/Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes/Governo do Estado de Pernambuco, 1985, p. 12. [grifo meu]

<sup>433</sup> FREYRE, Gilberto. Encerramento. In: *Casa-Grande & Senzala: 50 anos depois – um encontro com Gilberto Freyre...*, p. 33.

trama social. Contudo, cabe observar, pois, que Freyre construiu a sua imagem incólume, aparando arestas e declives. Logo, a proposta e intenção de escritor que defendera com veemência, prezava pela posição autônoma, diria que até soberana, do “autêntico escritor”. Mas que linhames, afinal, teria o escritor “autêntico”?

Não seria aquele “que escreve à base de informações colhidas em autores de livros já clássicos; sem exprimir da vida ou da natureza o que êle próprio vê, sente, observa, experimenta, recia.” A intenção de escritor e a proposta de autor em Gilberto Freyre passam, indubitavelmente, pelo critério da relação de unidade entre o invento e quem o concebe: “tão estreitamente identificado com a sua obra que os dois formam um inseparável todo.”<sup>434</sup> O tempo, mais uma vez reporto-me à questão, como espectro geracional, assim como o libelo da autobiografia, espriam a acepção de escritor por ele mesmo apurada: autônomo e criador. O *Casa-Grande...*, mas não só ele, “surgiu sem ser escrita em jargão científico ou científicóide.”<sup>435</sup>

O projeto de escritor de Gilberto Freyre incluía a condição de literato. Otto Maria Carpeaux, na condição de crítico literário, soma dividendos intelectuais, e estéticos, ao anseio do amigo. Em artigos publicados em jornais, sobre temas diversos relacionadas à literatura, nos idos da década de 1960, Carpeaux atribuiu a Freyre o pendor de literato. Em ‘Livros Americanos’, de 1960, ‘O Estilo de Gilberto Freyre’, de 1960 e ‘Brasil: ausências e presenças’, de 1965, dedicou-se a referendar o escritor pernambucano nos “manuais” concernentes à literatura. Para tanto, não hesitou em afirmar: “seu estilo é essencialmente anti-retórico. É o estilo de um sociólogo e historiador, colecionando e interpretando fatos. Para alcançar efeito estético, não precisa de ‘chaves de ouro’, antes as evita cuidadosamente. Não é ‘estilista’<sup>436</sup>. Não é

---

<sup>434</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo...*, 1968, p. 166.

<sup>435</sup> “Outra revolução: quanto à linguagem. Dominava a idéia de que livro, em parte científico, em parte literário, como *Casa-Grande & Senzala*, deveria ser em linguagem especialmente acadêmica: sociologês, por exemplo.” [FREYRE, Gilberto. *Cultura e museus*. In: *Cultura e museus...*, 1985, p. 12.]

<sup>436</sup> Contudo, a estilística não era, para Gilberto Freyre, uma quadratura da obrigação.

orador. É escritor<sup>437</sup>. Está entre os escritores que a crítica tomou a iniciativa de “isolar as qualidades que os tornam canônicos.”<sup>438</sup>

Ser um “autêntico escritor”, para defender o princípio e o fim da escrita que propôs, não passou, por certo, pela definição de um intelectual que apreendia os seus temas de estudo na quadratura, na retidão do gabinete: “escritores dêsse tipo escrevem, com efeito, não só para ‘expandirem a exuberância de fôrça vital que não conseguem exaurir de outro modo’ como para ‘porem o mundo na confiança de suas impressões hiperagudas’”. O modo de ser escritor que se contrapõe à persuasão de Gilberto Freyre, resume-se “mais [a um] homem de letras ou mais literato ou mais beletristas do que escritor, êste é, ou aquêle ‘modesto burguês que não conhece da vida senão o que aprendeu nos livros’”.<sup>439</sup> Todavia, como diferenciar-se do beletismo? Mediante os anteparos da escrita? Provavelmente. Contudo, é preciso dizer mais: são anteparos deslocados da obrigatoriedade de impor ao leitor a ordem de uma narrativa descerrada em um esperado “fim da história”. Um “fim da história” sob a expectativa de atingir-se a “satisfação romanesca”<sup>440</sup>.

Gilberto Freyre fundou os seus textos narrando o passado contínuo. Daí, a forma do ensaio sem um “fim”, encerrado em si, “da história”. O ensaio, na forma do livro, subdividido em capítulos, serve à abertura de argumentos e, simultaneamente, de instrumento de rebate à crítica: a forma do ensaio é afeita à narrativa inconclusa. E o prazer do texto? Parte do prazer está no tom inconcluso da narrativa; a outra, na [des]ordem das palavras, no limite “quase insustentável do discurso”<sup>441</sup>. Exemplos: Freyre substantivou os verbos; adverbiou os substantivos. Deslocou o ponderável da norma para o intangível da linguagem. Desafiou a prosódia para atender ao prazer do texto. E o texto? Às vezes não tinha “a frase por modelo; é amiúde um potente jato de palavras,

---

<sup>437</sup> CARPEAUX, Otto Maria. O estilo de Gilberto Freyre. In: *Ensaio Reunidos (1946 – 1971)*. Rio de Janeiro: TopBooks; UniverCidade, Vol. II, 2005, p. 536.

<sup>438</sup> BLOOM, Harold. Prefácio e prelúdio. In: *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo...*, 2010, p. 11.

<sup>439</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e por que sou e não sou sociólogo...*, 1968, p. 166.

<sup>440</sup> BARTHES, Roland. *O prazer do texto...*, 2010, p. 16.

<sup>441</sup> BARTHES, Roland. *O prazer do texto...*, 2010, p. 15.

uma fita de infralíngua”<sup>442</sup>, inclusive. E o leitor? Permitiu-se ao prazer, à sedução da [des]ordem.

Complementando: a inversão de sentido e significado adquirido com o deslocamento de um verbo para a posição de substantivo, ou a alocação de um substantivo para o posto de advérbio, ou da mobilidade dos pronomes, indica que aí consiste o contínuo do tempo; o tempo contínuo. É a língua, ou a linguagem, na demarcação da narrativa sobre a “vida do brasileiro de outrora”<sup>443</sup>:

parece-nos justo atribuir em grande parte aos escravos, aliados aos meninos das casas-grandes, o modo brasileiro de colocar pronomes. Foi a maneira filial, e meio dengosa, que eles acharam de se dirigir ao ‘pater familias’. Por outro lado o modo português adquiriu na boca dos senhores certo ranço de ênfase hoje antipático: ‘faça-me isso’; ‘dê-me aquilo’. [...] Seguirmos só o chamado ‘uso português’, considerando ilegítimo o ‘uso brasileiro’, seria absurdo. Seria sufocarmos, ou pelo menos abafarmos metade de nossa vida emotiva e das nossas necessidades, ou pelo menos abafarmos metade de nossa vida emotiva e das nossas necessidades sentimentais, e até de inteligência, que só encontram expressão justa no ‘me dê’ e no ‘me diga’.<sup>444</sup>

O ofício de escritor, por ele sentenciado, aproxima-se do ensaio como forma de escrita. Está no ensaio, enfim, a licença para a combinação entre autonomia, divagações e pleitos acerca dos princípios teóricos advindos da sociologia. Está no ensaio a permissão para a confluência do tempo dos “passados úteis”.<sup>445</sup> O tempo de permanências: “podem passados corresponder à designação de passados não só ilustres – como que platonicamente ilustres – como úteis.”<sup>446</sup> Suscetíveis de apropriação, sentimentalizada, uma vez que são elevados ao estatuto de

valiosos, por sua presença em tempos posteriores ao do seu aparecimento. Valiosos para gerações que não participam diretamente

---

<sup>442</sup> BARTHES, Roland. *O prazer do texto...*, 2010, p. 16.

<sup>443</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala...*, 43ª ed., 2001, p. 391.

<sup>444</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala...*, 43ª ed., 2001, p. 390.

<sup>445</sup> “Da casa-grande, tão-somente casa-grande, pode-se sugerir que constitui, vista retrospectivamente, um clássico socioarquitetônico à sua maneira um tanto rústica.” [FREYRE, Gilberto. *Cultura e museus*. In: *Cultura e museus...*, 1985, p. 15.]

<sup>446</sup> FREYRE, Gilberto. *Cultura e museus*. In: *Cultura e museus...*, 1985, p. 16.

deles. Mas que são alcançadas por consequências desses passados prolongados noutros tempos. Podem eles ser úteis a vivências de vindouros.<sup>447</sup>

Gilberto Freyre tomou para si a missão de evidenciar, na escrita, o tempo tríplice. O ser escritor vinculava-se ao propósito de recolher fragmentos dispersos daquilo que deixou de ser pulsante e, por extensão, resignificar o [de]cadente. E insistir que o decadente é permanência: ordem do tempo estabelecida segundo o (apelo) sentido de existência que adquire, permitindo coligir, agregar e trajar-se de útil. Daí, o ser escritor verter-se em mais uma missão pujante: desejar o relevo do ser literato, negando-o. É cabível afirmar que o texto ensaístico de Freyre, ao relacionar o modo historiográfico ao ficcional de escrita, tinha em destaque o “núcleo comum” sobre o qual Paul Ricoeur debruçou-se: “a exigência de verdade” requerido por “cada um dos modos narrativos”<sup>448</sup>.

Porém, o escritor já seria, de pronto, literato? Para ser literato o fim de seus escritos voltar-se-ia, primordialmente, para os devaneios da ficção? Segundo Carpeaux não havia em Freyre a distinção, o apartamento de polos. Por outro lado, Carpeaux esclarecia que, para a história da literatura e da teoria literária a definição de literato estava aquinhoada mais no patamar do “instrumental” e do “intelecto”, o que era, segundo ele, um grande erro. O literato, e por conseguinte a literatura, estavam na dimensão do “intransitivo”, do “imaginativo”. Outrossim, faz-se o literato: provedor e provento da imaginação; do intangível como razão da escrita. Portanto, nesta segunda perspectiva, tentou fazer-se Gilberto Freyre: o autor de *Dona Sinhá e o Filho Padre*, cuja primeira edição é do ano de 1964, publicada na Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre, e de *O Outro Amor do Dr. Paulo*, de 1977. Livros de um literato? Livros antecipados como literatura? Providos de elocução [a linguagem] na condição de arrebatamento: o da literatura como espanto [arte].

E sobre a acepção de sua literatura, esclarece:

---

<sup>447</sup> FREYRE, Gilberto. Cultura e museus. In: *Cultura e museus...*, 1985, p. 16.

<sup>448</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica...*, vol. I, 2012, p. 09.



*O Outro Amor do Dr. Paulo* é *seminovela* em continuação de *Dona Sinhá e o Filho Padre*. O autor a considera *seminovela* não por julgá-la, só por ser mista, inferior às novelas puras, mas por entender que, dentro de uma novela pura, não se realizaria sua intenção de juntar à ficção declarada, a larvada. Larvada pelo que nela tende a ser imaginativamente histórico. O semi é a admissão do ambíguo<sup>449</sup>.

Em *Ordem e Progresso*, a intento, a sociologia empática foi justificada na referência teórica do “try your best to create a nostalgia for the past”<sup>450</sup> [tentar o seu melhor para criar/inventar uma nostalgia do passado]<sup>451</sup>. A forma do ensaio, portanto, converteu-se em instrumento de construção da memória mediante o colhimento de entrevistas concedidas por homens e mulheres de ascendência patriarcal de diferentes Estados brasileiros, a exemplo: Tomás Pompeu de Sousa Sobrinho (CE), Manuel Duarte (RS), Higino Cunha (MA), Antonio José da Costa Ribeiro (PE), Aureliano Leite (MG), Rogério Gordilho de Faria (SE), Militão d’Oliveira Bivar (RN), Monteiro Lobato (SP), Eduardo Jacobina (RJ), José Ferreira de Morais (PB), Maria Vicentina de Azevedo Pereira de Queirós (SP), Angela Correia de Mello (RS), Maria Teodora dos Santos (PE). Do texto ao livro, as entrevistas serviram de amparo ao passado da saudade, ou melhor, ao passado inventado na saudade.

O pecado anti-sociológico de que mais temos sido acusado no Brasil por critérios nem sempre idôneos [...] [é] o de mostrarmos ‘nostálgico’ das épocas que evocamos. O professor Johnson reconhece a necessidade de irmos até à saudade – ou nostalgia – do passado, na busca de compreendê-lo, reconstituí-lo, interpretá-lo através de penetração em seus valores e em seus símbolos. Esses valores e esses símbolos, viveram-nos, às vezes intensamente, homens que tendo desaparecido como indivíduos nem sempre desaparecem sob a forma de expressões de valores, alguns dos quais uma época tem transmitido a outra, através de séculos, ou decênios de transição. Daí, talvez, os Positivistas dizerem que ‘os vivos são governados pelos mortos’.<sup>452</sup>

---

<sup>449</sup> FREYRE, Gilberto. Nota do editor. In: *O Outro Amor do Dr. Paulo*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1977, p. 02.

<sup>450</sup> FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 51. Menção ao livro, de Earl Johnson, *Theory and Practice of the Social Studies*.

<sup>451</sup> Tradução sob a minha responsabilidade.

<sup>452</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 51.

Como já foi dito anteriormente, Freyre demonstrou seu apreço às opiniões dos intelectuais estrangeiros. Inclinação que outrora confessou ao editor José Olympio. Refiro-me à escolha de Luís Martins para escrever o texto das orelhas da 10ª edição do *Casa-Grande...* em 1961. Sentimento que o acompanhou nos distintos quadros de sua trajetória: em *O Outro Amor do Dr. Paulo*, afirmou que, sobre *Dona Sinhá e o Filho Padre* “escreveu, em artigo de página inteira, o crítico do *The New York Times* (Book Review) que era ‘metaliteratura’, significando que abria, como seminovela, novo caminho à ficção literária”<sup>453</sup>.

Em 31 de março de 1979, o jornal *O Estado de São Paulo* publicou matéria sobre aquilo que Gilberto Freyre nomeava de “campanha de silêncio contra os seus livros”. Retrucava a pouca repercussão que recebia da imprensa de raio nacional, afirmando que na revista *IstoÉ* saía “três linhas”. E na *Veja* “nada”. De pronto, sentenciou: “Acham que sou reacionário. Eu é que os acho reacionários (os comunistas)”<sup>454</sup>. Não hesitou em expor a opinião que nutria sobre a concepção política que sustentava: “O Brasil não pode, de repente, tornar-se anárquico-construtivista. Hoje, defendo a existência de governos fortes, não violentos ou policiais, mas nacionalisticamente fortes. Fortes na defesa dos interesses nacionais”<sup>455</sup>.

Foi um defensor de suas tomadas políticas, intelectuais, literárias. Sabia Freyre que os textos que escrevia e publicava figuravam como meios de defesa. Promovia-se. Não se negava aos autoelogios. Expusera seus créditos e dividendos sem pudor. Da relação de amizade que mantivera com José Lins do Rego, por exemplo, buscou alinhavar predicativos de relevo intelectual. O artigo ‘Recordando José Lins do Rego’, constante no *Vida, Forma e Cor*, traz fragmentos. São trechos que sugerem a existência de um José Lins do Rego solicitante de atenção e amparo sentimental.

---

<sup>453</sup> FREYRE, Gilberto. *O outro amor do dr. Paulo...*, 1977, p. 02.

<sup>454</sup> FREYRE denuncia campanha de silêncio contra seus livros. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 31 de março de 1979. Disponível em: [www.bvgf.fgf.org.br/acritica/artigos/imprensa](http://www.bvgf.fgf.org.br/acritica/artigos/imprensa). Acesso em: 08/01/2013.

<sup>455</sup> Idem, 1979, s/p.

Reconheço ter sido para José Lins do Rego, nos dias mais plásticos da sua formação literária, um mestre e mesmo um professor. Não resisti à sedução de sê-lo, tratando-se de alguém da minha idade que se oferecia à minha influência com a maior plasticidade, com a maior receptividade, com uma doçura de espírito por vezes absoluta, de noviço de jesuíta para com mestre de noviços.<sup>456</sup>

A imagem de lente inspirador foi depurada por Gilberto Freyre. Posicionou-se para alentar não um escritor vindouro, mas um literato notório. José Lins do Rego foi, no dizer do escritor pernambucano, apresentado, iniciado nos cânones da literatura inglesa e francesa que o capacitariam a encontrar o lastro de *influências* ao seu modo de fazer as letras. Ao seu modo de atribuir sentido à abstração ainda, segundo Freyre, em desalinho: “fui mestre e”, inclusive, “até professor de José Lins do Rego, por exigência desse discípulo angustiado por falta de quem lhe desse ao desejo de ser escritor a orientação que ele buscava.”<sup>457</sup>

O texto que serviu a Gilberto Freyre de prenúncio ao seu lugar de destaque como orientador *beletrista*, frente às assertivas de José Lins do Rego, é uma refeitura de memórias e em memória do amigo paraibano. Um texto na qualidade de lugar de anunciação no qual o homenageado não fala e, portanto, conforma o narrador na estatura e no estatuto da verdade.

Fui seu mestre e até seu professor, sendo seu amigo, seu íntimo, seu confidente, seu companheiro de várias de suas aventuras de moço; e procurando também aprender com ele quanto ele pudesse me ensinar. Não procurei fazer dele uma repetição do que eu era mas dar-lhe quanto pude lhe dar para que sua personalidade se refizesse para a expressão literária de acordo com suas características e suas predisposições já reveladas pelo panfletário e pelo jornalista.<sup>458</sup>

Gilberto Freyre soube anunciar-se. Publicizou a si mesmo. Os textos que escrevera, em diferentes momentos de seu percurso intelectual, eram munidos de respostas à crítica, adversa ou favorável, e, sobretudo, à autoanunciação. A conferência de encerramento no seminário em comemoração aos cinquenta

---

<sup>456</sup> FREYRE, Gilberto. Recordando José Lins do Rego. In: *Vida, forma e cor...*, 1987b, p. 70-71.

<sup>457</sup> FREYRE, Gilberto. Recordando José Lins do Rego. In: *Vida, forma e cor...*, 1987b, p. 70-71.

<sup>458</sup> FREYRE, Gilberto. Recordando José Lins do Rego. In: *Vida, forma e cor...*, 1987b, p. 70-71.

anos de *Casa-Grande...*, publicada em 1985 pelo MinC/FUNARTE, e a também conferência, intitulada *Cultura e museus*, proferida no Museu de Arte Sacra de Pernambuco – MASPE em 16 de outubro de 1984 e publicada no ano seguinte, são exemplos dos debates e respostas oportunizados por Gilberto Freyre para rebater os contrários e elevar-se nos afagadores.

Em *Recordando José Lins do Rego*, Gilberto Freyre não se furta ao padrão acima citado. O *eu* sobrepõe-se ao *nós*: “a sua vocação não me parecia para a crítica literária mas para outro gênio literário, concordou comigo.”<sup>459</sup> Trata-se de um texto publicado após o já conhecido e reconhecido feito do literato paraibano. Momento em que as declarações de Gilberto Freyre sobre o amigo, aditariam à sua imagem maior acento. José Lins do Rego, afinal, fez-se escritor de destreza com as palavras, também hábil no uso da oralidade na escrita, demonstrando espontaneidade na composição das frases: anacolutos recursivos, são notórios. Afeito, aqui retomo Roland Barthes, ao prazer do texto nas “rupturas de construção”.<sup>460</sup> É, em suma, a inscrição da linguagem como dinâmica criadora, da ação pela palavra: “quando imagino nos meus romances, escreveu José Lins, “tomo sempre como modo de orientação o dizer as coisas como elas surgem na memória, com os jeitos e as maneiras simples dos cegos poetas.”<sup>461</sup>

José Lins do Rego foi, por vezes seguidas, o portador dos pagamentos destinados a Gilberto Freyre, referentes aos artigos que este assinava para jornais e revistas do Rio de Janeiro. José Olympio, por sua vez, o intermediador entre Freyre e os diretores dos periódicos. Em 16 de setembro de 1942, o autor de *Casa-Grande...* reclama, ao interlocutor paraibano, da irregularidade nos pagamentos concernentes às colaborações que prestava: “acabo de receber uma ordem do Branco do Brasil, de sua parte. Como não vem outra indicação, suponho corresponder ao mez de Agosto, colaboração no jornal A Manhã.”<sup>462</sup> Mas, segundo Freyre indicou, havia uma remuneração em

---

<sup>459</sup> FREYRE, Gilberto. Recordando José Lins do Rego. In: *Vida, forma e cor...*, 1987b, p. 60.

<sup>460</sup> BARTHES, Roland. *O prazer do texto...*, 2010, p. 14.

<sup>461</sup> REGO, José Lins do. *Poesia e vida*. Rio de Janeiro: Universal, 1945, p. 54-55.

<sup>462</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Lins do Rego, de 16 de setembro de 1942. [impressa] Documento publicado em: LIMA, Sônia Maria van Dijck e FIGUEIREDO JÚNIOR, Nestor

aberto, acertada com o diretor do mesmo periódico, Cassiano Ricardo, relativa a “500\$” (quinhentos dólares).

Freyre afirmou que tendia “o escritor a ser, por vezes, àsperamente individual para ser independente.”<sup>463</sup> No entanto, a independência alocava-nos embaraços das relações e articulações sociais para, então, conseguir manter a autossuficiência apregoada. Ledo engano. O intelectual não se faz no isolamento, na independência plenos. Talvez, sim, a autonomia da capacidade abstrativa. Manter uma regularidade nas publicações, vertendo-as em valores mensuráveis, implicava, sobretudo, nas articulações fraternais. A renda invariável, que a ligação institucional poderia efetivar, não foi por ele cancelada. Logo, esteve sujeito às inconstâncias materiais do ser escritor.

Gilberto Freyre, para fincar seus propósitos de escritor, articulou-se em uma teia – não àquela cuja trama é interligada por uma combinação de fios verticais e horizontais – na qual a trama era entrelaçada por fios transversais: às vezes curtos, às vezes longos, outras vezes mais alongados. Melhor esclarecendo a comparação: os objetivos por ele almejados contaram com articulações sociais perenes e intermitentes. Às primeiras, ouse aproximar José Olympio, José Lins do Rego, Rodrigo Melo Franco de Andrade; às circunstanciais, por conseguinte, relaciono os nomes de Luís Martins, Sérgio Buarque de Holanda, Monteiro Lobato. Claro que, para assim afirmar, tomei por referência as cartas passivas de Gilberto Freyre, reunidas no Centro de Documentação da Fundação que leva o seu nome.

José Lins do Rego transferiu-se de Maceió, onde exercia a função de fiscal do imposto de consumo, para a cidade do Rio de Janeiro onde exerceria a mesma colocação pública. Também foi colaborador do jornal *A Manhã*. Este,

---

[Orgs.]. *Cartas de Gilberto Freyre*. João Pessoa: Edições FUNESC, 1997, p. 62. [grifo do documento]

<sup>463</sup> Contudo, “precisa, por outro lado, de não se fazer, precisa de não se desenvolver, adstrito a uma classe ou a uma raça ou a um sistema ideológico, fechado ou exclusivo. Precisa quase sempre de ser o mais possível múltiplo e vário nos seus contactos e nas suas experiências, embora se conheçam casos excepcionalíssimos de indivíduos que quase isolados do mundo se têm tornado escritores: o caso das Bronté, o de Santa Tereza, o de esquisitões como Thoureau e, entre nós a seu modo, Lima Barreto. [FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou escritor...*, 1965, p. 06.]

dirigido por Cassiano Ricardo Leite [1895-1974] de maio de 1941 a meados de 1945: periódico de propaganda oficial do Estado Novo. A convergência de intelectuais com vistas a assinar artigos no jornal, tinha por objetivo interligar as distintas referências culturais que faziam o Brasil. Os intelectuais, pois, seriam os seus tradutores.

Gilberto Freyre, apesar das rugas, manteve-se colaborador até o fim da direção de Cassiano Ricardo. As cartas de cobranças, regentes de bastidores, não deixaram de ser remetidas por ele quando da falta ou dos atrasos nos pagamentos. E ainda sobre os “500\$” prometidos, perguntou a José Lins do Rego: “não lhe deram lá esses 500? Peço-lhe – ou a J. Olympio – a gentileza de se informar a respeito, pois, como é natural, [é q] estou contando com a referida quantia. Do contrário suspendo a colaboração.”<sup>464</sup>

Não a suspendeu. Escreveu, inclusive, sobre o dilema do *Citar ou não citar* uma referência. Espécime diletante, até, do escritor em dia com as referências que, de tão consultadas, não deveriam constar como preâmbulos disciplinares de um texto, mas como orientações a um exercício de citá-las “pouco: o menos possível”.<sup>465</sup> Escrever sem citar, citando. A cátedra, sem maiores digressões, portanto, está no discípulo.

Houve tempo, entre nós, em que um livro carregado de citações ou salpicado de aspas era um livro perdido. Os gaiatos fechavam-no, depois de o folhearem displicentemente, fingindo um enjôo invencível e gritando: “que fedor de vela!”. É que as citações e as aspas acusavam muita leitura de livros velhos à luz das velas de sebo e indicavam que o livro novo não era ou não podia ser “original”. E essa ausência de “originalidade” importava em verdadeira perda para o autor novo. Seria, quando muito, um indivíduo paciente; de modo nenhum um homem de talento.<sup>466</sup>

A citação premente não se resume à menção que é diluída nas ideias daquele que a utiliza. São duas condições de escrita distintas, isto é, são formas da narrativa que reclamam validade por meios e propósitos diferentes.

---

<sup>464</sup> LIMA, Sônia Maria van Dijck e FIGUEIREDO JÚNIOR, Nestor [Orgs.]. *Cartas de Gilberto Freyre...*, p. 62.

<sup>465</sup> FREYRE, Gilberto. *Citar ou não citar*, *A Manhã*, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1943.

<sup>466</sup> FREYRE, Gilberto. *Citar ou não citar*, *A Manhã...*, 1943.

Quando Gilberto Freyre pergunta sobre o seu ofício de escritor, “o que principalmente sou? Creio que escritor”, tem incidência direta na prática seletiva das citações. Prediz o estilo: “o toque pessoal que concede a sua prosa visa a definir, portanto, um estilo singular de escrita.”<sup>467</sup>

Cumprir observar, pois, que estilo também é diálogo. Mas as citações já não seriam um indicativo de diálogo? Sim. Porém, não só. Refiro-me, com maior especificação, ao diálogo entre correspondentes que, sob a conformação de cânones, compartilharam do plano “de uma nova literatura de ficção e de uma nova poesia que tivesse surgido no Nordeste por geração espontânea”.<sup>468</sup> No relato de cartas recebidas de José Lins do Rego, publicado em *Vida, forma e cor*, Gilberto Freyre deixou reiterado o intento:

em 1933, escrevia-me do Rio a respeito de um livro novo do qual já me lera trechos durante uma manhã inteira, dizendo-o inspirado em meu projeto de uma reconstituição da vida de menino no Brasil – nos engenhos e nas cidades. Projeto já esboçado por mim em certos trechos de *Vida Social no Nordeste* (publicado em 1925).<sup>469</sup>

Cabe acrescentar que a propensão literária e a forma da narrativa que ambos imprimiram perpassavam os meandros e circunstâncias do publicar livros. Uma carta de José Lins do Rego, de 1933, sobre a primeira edição do livro *Menino de engenho*, de 1932, aborda o desalento de um autor com o resultado derradeiro de seu feito. Gilberto Freyre, portanto, o interlocutor: “saiu o livro que me trouxe uma serie de aborrecimentos.”<sup>470</sup> E, mais adiante, na instância da confissão, acentua: “se não fosse o desenho de Bandeira, que é bem sugestivo, a edição da obrinha não chegaria aos pés dos Marçais. Em todo caso fui duramente castigado.”<sup>471</sup>

---

<sup>467</sup> NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de História: a viagem, a memória, o ensaio – sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado...*, 2011, p. 18.

<sup>468</sup> FREYRE, Gilberto. Recordando José Lins do Rego. In: *Vida, forma e cor...*, 1987, p. 58.

<sup>469</sup> FREYRE, Gilberto. Recordando José Lins do Rego. In: *Vida, forma e cor...*, 1987, p. 58.

<sup>470</sup> Carta de José Lins do Rego para Gilberto Freyre, de 20 de janeiro de 1933. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

<sup>471</sup> Carta de José Lins do Rego para Gilberto Freyre, de 20 de janeiro de 1933. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

Para José Lins do Rego, os entremeios da publicação de *Menino de engenho*, com a diagramação e tipografia<sup>472</sup> cambiantes, implicavam em castigo: “falo muito dos outros e para língua comprida nada como um dia atrás do outro.”<sup>473</sup> Fosse a impressão, fosse a revisão, o livro publicado não era a garantia, de acordo com a expectativa do autor, de inteligibilidade das ideias materializadas no/pelo artefato. O livro deveria ter sido o resultado do esmero, do preciosismo, inclusive: Gilberto, “você me desculpe ter posto o seu nome na dedicatória do livro.”

A  
José Americo de Almeida  
Jorge de Lima  
Gilberto Freyre  
Olivio Montenegro<sup>474</sup>

O “projeto” de escritor de Gilberto Freyre assentou-se na explanação de constitutivos vigorantes ao propósito que perseguia. Sabia que a ordenação de sua autobiografia adquiriria relevo se nela constasse alusões à relação que tracejara na trama, na rede, de intelectuais a qual estava vinculado. Expor particularidades passíveis à exposição aproximavam-no da literatura, a propósito, na qualidade de escritor, de literato afeito às acepções – refiro-me às categorias de classificação de gêneros – menos compartimentadas que a teoria e a crítica literárias supunham como convencionadas, vigentes, aceitáveis.

O desejo de ser escritor exigiu-lhe empenho. A seminovela – combinação de narrativa, relato, ensaio – propusera uma simbiose estética. Proposta que levou em conta o tempo trípico como justificativa à noção de “passados úteis”. O *Dona sinhá...* foi, então, o empenho exigido. Foi para Gilberto Freyre o reflexo daquilo que ele via nos escritores de monta: “escrevem, com efeito, não só para ‘expandirem a exuberância de fôrça vital que não conseguem exaurir de

---

<sup>472</sup> Reclame na primeira edição de *Menino de engenho*: “Andersen Editores[.] A mais moderna organização editora no Brasil[.]”

<sup>473</sup> *Carta* de José Lins do Rego para Gilberto Freyre, de 20 de janeiro de 1933. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

<sup>474</sup> Consta na primeira edição. Dedicatória impressa.



outro modo’[, assim] como para ‘porem o mundo na confiança de suas impressões hiperagudas.’<sup>475</sup>

As “impressões hiperagudas” de Gilberto Freyre passavam pela menção aos limbos morais. Assim o fez em *Dona sinhá...* quando sugeriu que a homossexualidade compunha parte da biografia de Joaquim Nabuco. Não como uma mácula, mas como parte da condição humana do abolicionista. Um assunto, pois, que motivou o debate entre ele e José Olympio durante os preparativos da edição da seminovela. O parecer de Olympio era no sentido da subtração do trecho. Freyre, no entanto, recusou-se. Na revisão das provas do livro, foi afixada uma emenda abrandando qualquer possível exagero à imagem de Nabuco.

No relato da personagem Gaspar, tio de José Maria, Joaquim Nabuco tinha sido um “menino esquisito” como o seu sobrinho:

dizem que quem foi um tanto assim foi Nhô Quim de Maçangana. Só um tanto assim, não chegou a dar pra padre nem bom nem ruim. Nunca ninguém conseguiu em Maçangana que ele montasse nem em cavalo nem em cabra-mulher. Em nenhum bicho. Esquivo como ele só. Sempre junto da madrinha que eu acho que também queria que ele fosse padre, como Sinhá com o filho único. [...] Nhô Quim [só] ficou no palavreado, a elogiar negro, a louvar da boca para fora as mães pretas, a alforriar escravo, a atacar senhor de engenho que botava negro de castigo [...].<sup>476</sup>

As alusões que Gilberto Freyre diz ter amenizado, despontou como razão à sua tomada de postura como escritor. Na correspondência remetida a José Olympio, provida de narrativa curta e incisiva, de 16 de setembro de 1964, afirmou que mesmo um homem como Joaquim Nabuco deveria ser destituído do pedestal. Não pela oposição abjeta, mas pelo reconhecimento da condição humana que o constituía.

---

<sup>475</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou escritor...*, 1965, p. 07.

<sup>476</sup> FREYRE, Gilberto. 7. In: *Dona sinhá e o filho padre...*, 2000, p. 78.

Caro J. O.:

Recebi seu apêlo sôbre referência minha ao grande Joaquim Nabuco, em D. Sinhá. Para atendê-lo, vai atenuada o mais possível a referência; mas não eliminada. Afinal, se sou alguma coisa é escritor; e não homem de sociedade ou político de qualquer espécie. Espero que concorde comigo e que veja na emenda – tôda de elogio a Nabuco – que faço o máximo que poderia fazer no caso. Creio que não há ofensa – a não ser que devamos conceber a J. N. um Deus intocável. Peço que me compreenda. Agradeço a v. pelo seu interêsse neste seu velho amigo. Abraço do Gilberto.<sup>477</sup>

A resposta do editado ao seu editor impõe certa autonomia de pensamento e de prática de escrita. O editor, por seu turno, encontrava-se em meio aos rompantes da ditadura militar e o acúmulo de problemas econômicos já prenunciados desde os fins da década de 1950. Editar um título, frente às condições que se desenhavam, exigia alguns recuos. Gilberto Freyre, entretanto, não se dispôs a realizar uma autocensura absoluta. Era fundamental ser escritor para tocar nos veios dos melindres, do velado e do desvelado. Ser escritor não é ser um “frequentador apenas de salões, de clubes elegantes, de academias, de ‘society’; ou, ainda, o ideólogo frustrado [...] quase sem vivência; quase sem experiência; com uma ‘obra escrita’ quase sempre contraposta à ‘existência ativa’.”<sup>478</sup> Freyre escreveu ensaios. Tudo neles parece expressionista: os substantivos pululam. Tudo é fluido, adverbiado, adjetivado.

A linguagem, desvio da língua, que flui no sentido contrário à convenção do “obrigar a dizer”<sup>479</sup>, permitiu que Gilberto Freyre fruisse a literatura, com a literatura. Melhor dizendo: segundo Barthes, Freyre exerceu a literatura<sup>480</sup>, teve o seu lugar social delimitado, o que não significa que ele tivesse sido um

---

<sup>477</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 16 de setembro de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

<sup>478</sup> “Sou escritor acreditando pertencer principalmente à tradição ibérica de escritor – à qual, aliás, já me filiou o Professor Fernand Braudel, do Colégio de França, especificando tratar-se de escritor brasileiro, segundo êle, mais à maneira espanhola que à portuguesa.” [FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou escritor...*, 1965, p. 07.]

<sup>479</sup> BARTHES, Roland. *Aula*. Trad.: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007, p. 14.

<sup>480</sup> “Entendo por ‘literatura’ não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever.” [BARTHES, Roland. *Aula...*, 2007, p. 16.]

literato. Todavia, o entendimento acerca da linguagem, nesta tese, no que concerne à sua apreensão, não condiz, de acordo com a noção de Barthes sobre o sentido desta palavra, a que concebe que “a linguagem humana é sem exterior”<sup>481</sup>, não é aqui assim entendido. A linguagem, ao sabor do texto, tem suas apropriações; é feita nas associações; na experimentação daquele que a articula. Todo texto traz consigo uma paisagem.

O estilo para Freyre era um ofício, uma condição. Um fim a ser perseguido. Consequentemente, o seu estilo, a sua linguagem têm exterioridade:

meu próprio estilo de escritor literário é um misto de popular – com o emprêgo até de termos plebeus – e de aristocrático – com a projeção, sôbre êle, de valôres assimilados de clássicos e de modernos notáveis pelo que nêles é qualidade e até por virtudes impopulares. Uma contradição.<sup>482</sup>

O escritor de textos cadenciados não se opusera às digressões do social, às ranhuras do tempo da tradição. Adaptou-as ao atributo ensaístico de seus textos, assentou-as na forma do livro. Deu relevo de patrimônio às palavras do uso oral na prática letrada; articulou-as ao prazer do texto; ao prazer como fim do texto. Soube “trapacear a língua”<sup>483</sup>. Complementando a afirmativa: trapacear com a língua para trapacear a própria língua. Portanto, fazendo literatura<sup>484</sup>. Desejando-a com voracidade, porém com a tessitura e a retidão necessárias ao exercício da escrita.

---

<sup>481</sup> “Na língua, portanto, servidão e poder se confundem inelutavelmente. Se chamamos de liberdade não só a potência de subtrair-se ao poder, mas também e sobretudo a de não submeter ninguém, não pode então haver liberdade senão fora da linguagem. Infelizmente, a linguagem humana é sem exterior: é um lugar fechado. Só se pode sair dela pelo preço do impossível: pela singularidade mística”. [BARTHES, Roland. *Aula...*, 2007, p. 15.]

<sup>482</sup> ENTREVISTA. FREYRE, Gilberto. *Gilberto Freyre entrevistado as 70...*, 1970, p. 06.

<sup>483</sup> “essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*.” BARTHES, Roland. *Aula...*, 2007, p. 16.]

<sup>484</sup> Escreveu Barthes: “entendo por *literatura* não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever.” [BARTHES, Roland. *Aula...*, 2007, p. 16.]

## Capítulo III

### Os livros e as coleções

Os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados<sup>485</sup>.

O poder sobre o livro é o poder sobre o poder que exerce o livro<sup>486</sup>.

#### 3.1 – Gilberto Freyre: diretor e autor da Coleção Documentos Brasileiros [1936 – 1939]

Segundo Renato Ortiz, o escritor no Brasil da década de 1920 não tinha como viver do que escrevia. Não “podia viver de literatura, o que o levava a exercer funções no magistério e nos cargos públicos.” Na cidade de São Paulo, já reconhecida como centro econômico do país, a produção editorial, de 1900 a 1922, “publicaram-se somente 92 romances, novelas e contos, ou seja, uma média de sete livros de literatura por ano.”<sup>487</sup> A cidade do Recife, onde Gilberto Freyre daria início à sua prática letrada após ter realizado estudos no exterior, não seria diferente. Mas, afóra o fato de ser a capital pernambucana uma província cuja economia do açúcar não andava bem, continha as suas

---

<sup>485</sup> CHARTIER, Roger. A mediação editorial. In: *Os Desafios da Escrita*. Trad.: Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002, p. 61-62.

<sup>486</sup> BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural – debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: *Práticas da leitura*. Trad.: Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 243.

<sup>487</sup> ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira...*, 5ª ed., 1994, p. 28.

potencialidades literárias “para um romance regionalista”. Para uma estética própria. Deveria ser esta, afinal, a direção “que a nossa literatura de ficção”, inclusive, “deveria caminhar.” Havia “muita coisa”, defendeu Freyre, “por aqui, a ser aproveitada, em romance, em conto, em teatro, como expressão de vida que é especificamente nossa no que nela é drama ou apenas existência.”<sup>488</sup>

As distâncias e diferenças existiam. Anos depois, isso serviria de motivo ao editor José Olympio para fazer convergir os escritores para o seu selo editorial. O problema da produção e do mercado de livros era patente, indicando que o principal requisito à manutenção de um escritor na exercício de suas funções é o reconhecimento dos direitos autorais. Logo, neste sentido, “se aceitarmos a ponderação de Laurence Hallewell de que, embora menor do que a cidade do Rio de Janeiro, o comércio livreiro paulista era superior ao carioca, temos uma idéia deste quadro crítico.”<sup>489</sup> Uma vez estabelecido na capital da República, nos princípios da década de 1930, Olympio foi visto como o “responsável por uma revolução sem precedentes em nossas letras.”<sup>490</sup> Afora qualquer exagero, é acertado afirmar que o editor conseguiu estabelecer uma política de promoção de livros no país. O seu início, no entanto, foi modesto.

No reclame da quarta capa do primeiro livro editado pela Livraria José Olympio Editora, *Conhece-te pela psicanálise*, com tradução de José Almeida Camargo, de 1932, lê-se:

nossa livraria vende os livros das bibliotecas que pertenceram aos bibliófilos e juristas Alfredo Pujol e Estêvão de Almeida. Nossa seção de livraria tem um variado sortimento de Direito, Filosofia, Clássicos, Brasileira. Recebe da França as últimas novidades, toma as assinaturas de jornais estrangeiros. Livraria José Olympio, Rua da Quitanda, 19 – A, São Paulo.<sup>491</sup>

---

<sup>488</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos...*, 2ª ed., 2006, p. 189.

<sup>489</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos...*, 2ª ed., 2006, p. 189.

<sup>490</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 09.

<sup>491</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 10.

No ano de 1934, muda-se para a cidade do Rio de Janeiro. A Rua do Ouvidor, 110, foi o endereço escolhido. Lá, consoante José Mario Pereira, estava o “prestígio da literatura nacional”<sup>492</sup>. E “os romancistas do Nordeste”, por sua vez, contribuíram para reforçar o prestígio da Casa. Entre os nomes, José Lins do Rego. Após a publicação de *Menino de Engenho*, em 1932, pelo próprio autor e distribuído pela Adersen Editores<sup>493</sup>, José Lins do Rego passa a publicar, a partir de 1934, pela José Olympio a convite do próprio editor: “convencido de que poderia vender José Lins, e bem, num mercado mais amplo,” o pretendido mercado nacional, “José Olympio resolveu tomar a incomum iniciativa de dirigir-se ao autor.” Foi, então, o que ocorreu: “telegrafar-lhe-ia oferecendo-se para publicar uma segunda edição de *Menino de Engenho*, de três mil exemplares, e uma edição de cinco mil exemplares de *Banguê*”<sup>494</sup>.

Era comum que os escritores custeassem as suas publicações. Ou, quando não, dependiam de pequenas editoras ou gráficas para realizá-las. Manuel Bandeira, José Lins do Rego e Gilberto Freyre, por exemplo, estão entre os intelectuais que publicaram sob esta dinâmica. Os amigos que tinham em comum, vez ou outra, subscreviam listas de financiamento dos livros uns dos outros.

À margem da bipolarização que a historiografia irá implantar entre os ditos modernistas e os tradicionalistas, existiam pontos de convergência entre os escritores no Brasil de então: o interesse de interpretar o país e a Livraria José Olympio Editora. A busca pelas supostas raízes do Brasil passava, indubitavelmente, pelos escritores do Nordeste: Rachel de Queiroz, Graciliano

---

<sup>492</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 10.

<sup>493</sup> “José Lins do Rego Cavalcanti já tinha a reputação de ‘grande crítico do Norte’ quando enviou seu primeiro romance, *Menino de Engenho*, ao irmão de Jorge de Lima, Hildebrando, pedindo-lhe que o fizesse publicar – por conta do autor. Cogitou-se de uma edição de 1500 exemplares, na Pongetti Irmãos. Esta firma era uma antiga gráfica, e somente em 1935 é que se tornou editora. Em vez disso, porém, Hildebrando entregou os originais a uma das novas editoras que haviam surgido graças às novas oportunidades criadas pela Revolução de 1930. Adersen Editores era uma firma muito pequena que S. O. Hersen e Adolfo Aizen haviam acabado de fundar e estava à procura dos primeiros títulos para publicação.” [HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 483-484.]

<sup>494</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 485.

Ramos, José Lins do Rego, Gilberto Freyre. Estava no Nordeste, portanto, os habitantes de valores “telúricos e tradicionais e por isso representam o tipo brasileiro por excelência.”<sup>495</sup>

Já revelado como escritor, Gilberto Freyre assumiu a direção da Coleção Documentos Brasileiros a convite de José Olympio em 1936. Permanecendo até 1939. Iniciativa que, passados “cinco anos após o início das atividades” da Livraria José Olympio Editora, tornou-se, segundo José Mario Pereira, um marco à “história livreira nacional.”<sup>496</sup> Um inventário de referências sobre o Brasil que, passo a passo, rivalizou com a tiragem de títulos da Coleção Brasileira, da Companhia Editora Nacional.

O convite feito por José Olympio, por intermédio de uma carta datada de 13 de maio de 1936, para que ele assumisse a direção da Documentos Brasileiros significava a possibilidade de instituir, mediante a política editorial da coleção, uma visão mais perscrutadora sobre o Brasil: publicar estudos que abrangessem da “nossa formação” à “nossa atualidade”<sup>497</sup>. Aceitar o chamamento do editor implicava na construção de um país ainda por ser [re]descoberto. A resposta formal veio na carta datada de 26 de maio de 1936:

Caro José Olympio:

Em resposta á sua carta de 13 do corrente, tenho prazer em comunicar-lhe que aceito dirigir a coleção ‘Documentos Brasileiros’, que v. vai iniciar breve. Concordo com as condições da proposta que v. me fez – quinhentos mil réis mensais e 2% sobre o preço de capa dos volumes a ser [sic] publicados na coleção. Sem mais,

Gilberto Freyre[.]<sup>498</sup>

---

<sup>495</sup> ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira...*, 5ª ed., 1994, p. 37.

<sup>496</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 185.

<sup>497</sup> FREYRE, Gilberto *Apud* PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 412.

<sup>498</sup> *Carta* de Gilberto Freyre para José Olympio de 26 de maio de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita] Fábio Franzini também cita esta mesma correspondência em seu *À sombra das palmeiras...*. Várias das cartas aqui citadas pertencem ao Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, mas que foram, em um determinado momento, cedidas cópias à Fundação Gilberto Freyre.

A ideia<sup>499</sup> de instituir a Documentos Brasileiros partiu de Octavio Tarquínio de Sousa. Ele assumiu a direção da empreitada em 1939 e manteve-se na função até 1959. Ano de sua morte ocasionada por um acidente aéreo na cidade do Rio de Janeiro. Daí em diante, a partir de 1961, Afonso Arinos de Melo Franco assumiu o cargo até o ano de 1989, quando foi publicada a terceira edição de *A vida de Machado de Assis*, de Luís Viana Filho. Conhecida pelos estudos que publicava, a coleção também foi distinguida pela “qualidade gráfica”<sup>500</sup> se comparada à da Brasileira.

O percurso de Gilberto Freyre como editado da Livraria José Olympio Editora deu-lhe, de modo expressivo, a conquista do fato de ter tido uma frequência quase que anual de tiragens, de edições de seus ensaios e/ou relatos. A cada novo livro publicado, a sua relação com a Documentos Brasileiros adquiria maior estreiteza: *Nordeste*, de 1937, *Açúcar*, de 1939, *O mundo que o português criou*, também de 1939, por exemplo, foram publicados durante ou depois da sua gestão à frente da coleção. *Casa-Grande...*, figurou como trigésimo sexto título da Documentos Brasileiros, de 1943, sob a direção de Octavio Tarquínio de Sousa. E é, a propósito, com o volume de número dezoito, intitulado *História de dois golpes de Estado*, da autoria do historiador, de 1939, que Freyre deixa de dirigir a coleção.

No que tange às perspectivas de mercado da José Olympio, a Documentos Brasileiros tinha a incumbência de chegar ao leitor, ampliando-lhe o acesso a livros trouxessem o Brasil como objeto de estudo. Consoante as observações de Laurence Hallewell, “para o leitor comum,” do período, em particular os das “províncias, a literatura brasileira ainda estava parada em Machado de Assis.”<sup>501</sup> Sociólogos, folcloristas e historiadores poderiam – e não somente os literatos – inventariar os meandros da sociedade e da cultura brasileiras. Isto é: das sociedades e das culturas brasileiras. A Documentos Brasileiros, pois, ao convergir diversos intelectuais, nacionalizou-se como produto editorial, pluralizando as conceitualizações de sociedade e de cultura.

---

<sup>499</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 493.

<sup>500</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 186.

<sup>501</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 485.



Gilberto Freyre publicou, nos livros previstos na listagem da coleção, prefácios ou introduções que objetivavam apresentar os estudos de novos escritores ou dos já consagrados: José Antonio Gonsalves de Mello<sup>502</sup>, Euclides da Cunha e Oliveira Lima<sup>503</sup>. Atividade que não se limitou ao período em que ficou na direção. Parte do processo de estabelecimento da sua condição de intelectual inscrito na “história livreira nacional.”<sup>504</sup> O nacional era a preocupação e o pretexto. No “hipermercado cultural” – a Documentos Brasileiros – de Carlos Drummond de Andrade, as “prateleiras” estavam “abarrotadas dos mais valiosos produtos: informações, levantamentos, análises e reflexões sobre o Brasil, seu território físico e espiritual, seu povo e seus problemas.”<sup>505</sup>

A publicação de *Região e Tradição*, de 1941, volume 29, e *Perfil de Euclides e outros perfis*, de 1944, volume 41, exemplificam a confluência de nomes: o prefácio ao *Região e Tradição* foi escrito por José Lins do Rego e as ilustrações ficaram a cargo de Cícero Dias; já *Perfil de Euclides e outros perfis* contou com os desenhos de Cândido Portinari e Tomas Santa Rosa. Quando dos preparativos deste último, Freyre escreveu a Olympio para tratar das ilustrações correspondentes aos “perfis” que seriam tema do livro.

Caro José Olympio,

vão os originais de Perfil de Euclides e outro perfis. Creio que dão um livro de algum interesse. Poderia ser valorizado si v. conseguisse de Portinari o perfil – literalmente perfil, o que é fácil, sobre retratos conhecidos – de Euclides, que acha da ideia? Santa Rosa poderia então fazer outros perfis – sobre retratos de lado, que existem: de Pedro II, de Oliveira Lima, de Manuel Bandeira, de Estacio [Coimbra].<sup>506</sup>

---

<sup>502</sup> Escreveu o prefácio da primeira edição, de 1947, vol. 54, de *Tempo dos Flamengos*.

<sup>503</sup> Escreveu, para a primeira edição de *Impressões da América Espanhola*, vol. 65, a introdução do livro.

<sup>504</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 185.

<sup>505</sup> ANDRADE, Carlos Drummond *Apud* PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 187.

<sup>506</sup> *Carta* de Gilberto Freyre para José Olympio de 28 de março de 1943. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

A abrangência do mercado editorial brasileiro, com o crescimento da José Olympio na década de 1940, não estava dissociado de outras instâncias culturais pela quais passava o país. O rádio ganhou notoriedade tanto quanto o cinema. Foi na quarta década do século XX que foi “criada a Atlântida”, em 1941, “que passa a produzir uma média de três chanchadas por ano”. Já em 1949, “a Vera Cruz” veio à tona. “Pretendia”, antemão, “explorar um pólo cinematográfico em São Paulo.”<sup>507</sup>

---

<sup>507</sup> ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira...*, 5ª ed., 1994, p. 42.

COLEÇÃO  
DOCUMENTOS BRASILEIROS

DIRIGIDA POR OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA

29

GILBERTO FREYRE

**REGIÃO  
E  
TRADIÇÃO**

Prefácio de JOSÉ LINS DO REGO

Ilustrações de CICERO DIAS



*Livraria* JOSÉ OLYMPIO *Editora*

Capa do livro *Região e Tradição*, de 1941. Coleção Documentos Brasileiros.

COLEÇÃO DOCUMENTOS BRASILEIROS

Dirigida por GILBERTO FREYRE até o vol. 18.  
Por OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA, a partir do vol. 19.

- 1 — SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA RAIZES DO BRASIL.
- 2 — OLIVEIRA LIMA MEMORIAS (Estas e muitas reminiscencias...).
- 3 — OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA BERNARDO PEREIRA DE VASCONCELLOS E SEU TEMPO.
- 4 — GILBERTO FREYRE NORDESTE — Aspectos da influencia da canna sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil.
- 5 — DJACIR MENEZES O OUTRO NORDESTE — Formação social do Nordeste.
- 6 — ALBERTO RANGEL NO ROLAR DO TEMPO... — Opiniões e testemunhos respigados no Archivo do Orsay — Paris.
- 7 — AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO O INDIÓ BRASILEIRO E A REVOLUÇÃO FRANCESA — As origens brasileiras da theoria da bondade natural.
- 8 — LUIZ VIANNA FILHO A SABINADA — A República bahiana de 1837.
- 9 — ALCANTARA MACHADO BRASÍLIO MACHADO.
- 10 — OLIVIO MONTENEGRO O ROMANCE BRASILEIRO — As suas origens e tendencias.
- 11 — JULIO BELLO MEMORIAS DE UM SENHOR DE ENGENHO.
- 12 — ANDRÉ REBOUÇAS DIÁRIO E NOTAS AUTOBIOGRAPHICAS — Texto escolhido e annotado por Anna Flora e Ignacio José Verissimo.
- 13 — ELOY PONTES A VIDA DRAMÁTICA DE EUCLYDES DA CUNHA.
- 14 — LINDOLFO COLLOR GARIBALDI E A GUERRA DOS FARRAPOS.



Exemplar do livro *Região e Tradição*, de 1941, com carimbo do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP datado de 1944.

Os artistas plásticos ou desenhistas, permanentes da editora ou convidados a participar de uma publicação ou outra, deram a Livraria José Olympio Editora a inovação requerida. Além da palmeira imperial do selo, a manutenção de nomes como o do paraibano Tomas Santa Rosa e do pernambucano Luís Jardim na ilustração de livros, a Coleção Documentos Brasileiros corroborou com o plano de padronização mediante um “formato maior” dos exemplares produzidos, lançados no mercado: o modelo seguido foi o “classificado como duodécimo”. Ou seja: formato “in-oitavo (21,5 x 13,5 cm).”<sup>508</sup> Aclarando melhor: o padrão *in-oitavo* consiste no processo de dobra tripla da folha de papel, originando doze páginas impressas; *duodécimo*, portanto, pressupõe a décima segunda página. Em virtude das dobras, o livros eram vendidos sem o corte, nos extremos das páginas, que as igualariam simetricamente. O leitor cortava-as, à mão, com espátulas e, assim, desvelavam-nas. As dobras da técnica e da descoberta.

As orientações de Freyre à feitura dos livros da Documentos Brasileiros diziam respeito, em particular, aos seus. No ir e vir da cartas, os custos referentes à produção de livros eram explicitados e, quando não, ficavam subentendidos ou em razão de já ter sido tratado em uma correspondência anterior, ou em virtude do assunto ser costumeiro e, portanto, não merecer registro literal. Paralelo aos custos, porém, estavam o tempo de preparo e impressão dos exemplares e os pormenores da ilustração. Para que os ilustradores de *Perfil de Euclides...*, por exemplo, realizassem o trabalho, diante do problema da ausência ou do número reduzido de imagens condizentes aos perfis das personalidades abordadas no livro, Freyre sugeriu a consulta a alguns arquivos pessoais: “o dr. Joaquim de Sousa Leão”, a intento, “deve ter retrato de Oliveira Lima de perfil”. É possível que “o dr. Francisco Magalhães Castro,” possua alguma coisa de Estácio. “Que acha da idéia[?]”<sup>509</sup>.

---

<sup>508</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 513.

<sup>509</sup> *Carta* de Gilberto Freyre para José Olympio de 28 de março de 1943. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

Afinal, “enquanto o livro” estivesse na impressão, as ilustrações seriam “desenhadas” e, em seguida, “preparados os clichês.”<sup>510</sup> Propostas, de acordo com Freyre, que poderiam atenuar os gastos e, então, acelerar o tempo esperado para a efetiva impressão. Fosse como diretor da coleção ou fosse na qualidade de autor, Freyre estipulava vieses que poderiam viabilizar, sempre que possível, as etapas de preparação de um livro.

Como editado da José Olympio, Freyre ainda não havia publicado, na Documentos Brasileiros, o seu ensaio de maior repercussão: *Casa-Grande...*, o que acabou acontecendo só em 1943. Não obstante ao fator coletivo na elaboração do produto livro, a quarta edição do texto que deu início à “série” de estudos que constituíram a “tentativa de introdução sociológica e antropológica à história da sociedade patriarcal no Brasil”<sup>511</sup>, a articulação autor, editor e ilustrador era rotina. Isto é: os aspectos de fabrico dos livros, aparentemente a cargo da editora, competiam também à ação do autor.

Com o ir e vir das cartas, as lamentações de um correspondente com o outro eram sugestionadas. A relação de confiança também. Quando o *Casa-Grande...*, sob o domínio de seu primeiro editor era tema epistolar, Freyre, acenava com insatisfação acerca do assunto. José Lins do Rego, foi para Freyre não só um interlocutor, mas um mediador dos favores e do trabalho.

Outra carta. Fique o seu silêncio por conta de relaxamento. Depois apareça com aqueles queixumes fingidos a Olívio [Montenegro]. Li hoje sua entrevista sobre [a] decadência da literatura: achei ótima. Apenas muita timidez na referência a Schimidt. E fosse eu ‘mover ação’ contra ele como um idiota.<sup>512</sup>

Na edição da José Olympio, a “nova apresentação”, sob o “critério de unidade artística”, não comprometeu a clareza das ilustrações. O que houve, segundo o autor, foi a tradução “rigorosa” das imagens sem o “sacrifício da exatidão essencial” das “ilustrações”. Para Freyre, a quarta edição foi mais

---

<sup>510</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 28 de março de 1943. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

<sup>511</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 41.

<sup>512</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Lins do Rego de 28 de junho de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

cuidada e, portanto, mais detida no rigor que a publicação exigia. Resultado adquirido através do que o “autor orientou o ilustrador”. Quando Freyre falou em “nova apresentação”<sup>513</sup> ele quis acentuar que a tiragem da quarta edição do *Casa-Grande...* significou um recomeço para o escritor que havia quase perdido os direitos autorais sobre o ensaio de 1933. Tomar parte na Documentos Brasileiros, por outro, demandou desta tiragem uma adequação aos padrões da coleção. Uma nova fase para o autor que elaborava “a introdução para” a “Documentos Brasileiros” e que estava “sendo passada a máquina.”<sup>514</sup> Foi o que noticiou a José Lins do Rego, pedindo-lhe que se encarregasse de avisar a José Olympio.

Em dois volumes, o *Casa-Grande...* de 1943 pôde ser requalificado como livro, ou melhor, no que tange à materialidade, ao suporte do texto. Uma edição melhor cuidada e de capa dura. Além de ter contado com a inserção de várias notas que esclareciam partes do texto, tendo-se em vista responder aos leitores e aos críticos. A encadernação apresentava o *requife*<sup>515</sup> como sinônimo de trato e esmero. O *requife* consiste em uma fita estreita ou larga que garante a lombada do livro, dando-lhe durabilidade e estabilidade às páginas.

A quarta edição do *Casa-Grande...*, a “definitiva”, é uma das partes que formam a invenção de unidade intelectual, de antecipação, de projeto intelectual que resultaria na escrita do ensaio de 1933, no *Sobrados e Mucambos* e no *Ordem e Progresso*. O suporte do texto, portanto, resguardaria o símbolo da antecipação, do pioneirismo que se tornaria uma série<sup>516</sup> de

---

<sup>513</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 4ª edição. In: *Casa-Grande...*, 4ª ed., 1943, p. 12.

<sup>514</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Lins do Rego de 28 de junho de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

<sup>515</sup> O requife, quando destinado à edição especial de um livro, pode ser de passamanes: fitas, cordões ou galões feitos até de fios de ouro.

<sup>516</sup> Sobre a edição em língua portuguesa do seu ensaio de 1922. Um elemento à memória de uma trilogia: *Casa-Grande...*, *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso*. Para tanto, considere-se: “reconhece o autor, num esforço de autocrítica relativamente fácil de ser feito por indivíduo de idade já provecta com relação a trabalho de adolescência, que o seu ensaio de 1922 escreveu-o quase de um ponto de vista único e este – admite – personalíssimo: o de um neto ou bisneto que procurasse reconstituir parte da vida mais íntima vivida pelos seus avós e pelos seus bisavós, uns na meninice, outros na idade já madura.” [FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição em língua portuguesa. In: *Vida social no Brasil...*, 4ª ed., 2008, p. 26.]

estudos: “*Social Life in Brazil in the Middle of the 19<sup>th</sup> Century*”<sup>517</sup>. “Trabalho que Henry L. Mencken fez-me a honra de ler, aconselhando-me que o expandisse em livro. O livro [*Casa-Grande...*] deve esta palavra de estímulo ao mais antiacadêmico dos críticos.”<sup>518</sup>

As edições inaugurais de *Casa-Grande...*, 1933, e *Sobrados e Mucambos*, 1936, levantaram o bradar da crítica nacional quanto à má qualidade gráfica dos dois títulos. Um problema que não poderia se repetir na Documentos Brasileiros. Considerando a análise de Fábio Franzini, Freyre “tinha plena consciência de que um livro, por melhor que fosse o seu conteúdo, não era apenas texto”. Logo, “e se, no caso da coleção, os textos estavam sob seu controle, o processo que os transformava em livros, não. Diante da alta qualidade material de *Raízes do Brasil*, sua satisfação estava completa.”<sup>519</sup>

Durante a sua direção e a de Octavio Tarquínio de Sousa, viu publicados, dentre outros títulos, uma sequência de duas edições do *Casa-Grande...*, (a quarta edição de 1943 e a quinta de 1946) e a segunda edição do *Sobrados e Mucambos*, de 1951, volume 66. A trilogia só ficaria completa, pois, no ano de 1959 quando o *Ordem e Progresso* veio a público na Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre. Tiragens que, segundo o próprio autor, firmaram o projeto de “estudos que um tanto pioneiramente vêm sendo empreendidos no Brasil, em torno da formação patriarcal da família, da sociedade e da cultura brasileiras”<sup>520</sup>. Da ideia do texto ao formato do livro, Freyre tratou de repercutir suas convicções de escritor e de método de análise, ou melhor dizendo, de interpretação: “alguns dos aspectos mais íntimos dessa formação, dessa sociedade e dessa cultura, a ‘originalidade’ que neles vêm destacando críticos estrangeiros, ao apontá-los como ‘modelos’ metodológicos”. Entretanto, repercutir, na acepção de Freyre, enaltecendo-se: são “modelos”, em suma,

---

<sup>517</sup> *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*.

<sup>518</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Casa-Grande...*, 43ª ed., 2001, p. 59.

<sup>519</sup> FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras...*, 2010, p. 157.

<sup>520</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 52.



“para estudos que, segundo eles, faltam à América Espanhola, à anglo-saxônica e à própria Europa.”<sup>521</sup>

Previstas as traduções para o português, de trabalhos de escritores estrangeiros, Freyre, no texto de apresentação da Documentos Brasileiros intencionou oportunizar os estudos de seus críticos favoráveis, assim como tornar a coleção o quanto possível reconhecida, validada por eles. Críticos tornando-se autores da coletânea. Enquanto diretor, impôs que os textos a serem publicados seguissem o critério de destacar-se sobre o Brasil a “ordem social”, ou as ordens sociais, sempre que “possível” fosse “considerada na sua totalidade de inter-relações”<sup>522</sup>. Isto é: todo e qualquer fato, antes de ser visto como simples caracterizador de uma “época”<sup>523</sup>, fosse compreendido como evidência daquilo que na mesma “época” foi conflito e tentativa de estabelecimento de forças, valores e símbolos no transpasse das gerações.

Entre os escritores/acadêmicos a serem traduzidos estava o amigo dos dias da Universidade de Columbia, Rüdiger Bilden. Algo, porém, que não passou de expectativa e de boas intenções: “ainda neste ano [1936], ou no começo do próximo, deve aparecer o estudo sobre o Brasil do pesquisador alemão Rüdiger Bilden – trabalho digno de todo o nosso interesse. Digno de tradução imediata.”<sup>524</sup> Um texto, entretanto, que Bilden não conseguiu concretizar ao largo dos anos. Foi prometido e anunciado várias vezes. E, enquanto isso, Gilberto Freyre ia publicando sobre as relações de raça e a escravidão<sup>525</sup>.

Acumulando as funções de autor e de diretor, Freyre vivia a fase de consolidação de seu transito na capital do país e no estreitamento do diálogo

---

<sup>521</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 52.

<sup>522</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 49.

<sup>523</sup> “Para o [Julian] Mariás, ‘cuatro generaciones, ni más ni menos’ [quatro gerações, nem mais nem menos] formariam o que ele denomina uma ‘época minima’. Portanto, uma duração de cerca de cinquenta ou sessenta anos.” [FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 10.]

<sup>524</sup> FREYRE, Gilberto *Apud* PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 413.

<sup>525</sup> Um exemplo: FREYRE, Gilberto. Antecedentes da escravidão no Brasil. In: *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*. Recife, vol. XXXIX, 1945, p. 283-285.

com os intelectuais lá convergentes. A segunda edição do *Sobrados e Mucambos* – cujos créditos da capa proclamavam que as ilustrações<sup>526</sup> ficaram sob a incumbência de L. Cardoso Ayres, M. Bandeira, Carlos Leão e do<sup>527</sup> próprio autor<sup>528</sup> – trouxe-lhe compensações e prestígio. Resultou em uma tiragem, à parte, de 200 exemplares em papel *Pluma*: em três volumes, a 2ª edição foi “refundida pelo autor e acrescida de introdução, de cinco capítulos e de inúmeras notas”<sup>529</sup>. Tinham o formato (23x32cm) e cada tomo possuía uma caixa na qual era acomodado, [res]guardado. No verso da folha de guarda, lê-se: “deste livro foram tirados, fora de comercio, trinta exemplares em papel *bouffant* especial, e para bibliófilos, duzentos exemplares em papel *Pluma*, numerados de 1 a 200, todos assinados pelo autor.”<sup>530</sup>

Encontrar nos estudos da Documentos Brasileiros as verdades do Brasil, desvelando-as ao leitor, significava ratificar as concepções de seu primeiro coordenador. Contudo, havia uma diferença de olhar entre Freyre e o editor no que diz respeito aos pontos que valoravam a coleção. Consoante destaca Fábio Franzini, “para José Olympio, ela era portadora de um” primado “que se sobrepunha ao dos livros que reunia”<sup>531</sup>. No sentido inverso, “para Freyre, esse valor, inegável, não emanava da coleção em si, mas de uma fonte muito mais precisa: a fundamentação criteriosa dos textos nela publicados”<sup>532</sup>. No entanto, é preciso dizer também, por mais que a série fosse vista pelo editor de forma diferenciada, estava claro para ele, mesmo que subentendido, que ela só seria o que foi com a reunião dos estudos que a constituía. Uma coisa, para existir, dependia da outra. Neste sentido, portanto, o convite destinado a Freyre para assumir a sua direção é um indicativo disso. Na concepção de Freyre, a ligação

---

<sup>526</sup> Consta nos créditos da capa do primeiro volume da segunda edição do *Sobrados e Mucambos*, de 1951.

<sup>527</sup> Dos créditos da capa do primeiro volume da segunda edição, de 1951, do *Sobrados e Mucambos*.

<sup>528</sup> Créditos da capa do primeiro volume da segunda edição, de 1951, do *Sobrados e Mucambos*.

<sup>529</sup> Nota da capa do primeiro volume da segunda edição do *Sobrados e Mucambos*, anunciando as novidades contidas no livro e no formato do texto.

<sup>530</sup> No verso da folha de guarda do primeiro tomo, da edição especial, de 1951, do *Sobrados e Mucambos*.

<sup>531</sup> FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras...*, 2010, p. 160.

<sup>532</sup> FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras...*, 2010, p. 160.

entre o texto, o estudo, a pesquisa, a forma do livro e o formato da coleção em si, tudo isso era uma gradação de etapas coerente com a proposta da Documentos Brasileiros.

Em 1936, com o anúncio da coleção na quarta capa do livro *Usina*, de José Lins do Rego, Freyre afirmou não ter gostado do tom, distinguindo as funções de “diretor” e de “organizador” que lhe pareceram confusas com a veiculação da propaganda. A José Lins do Rego, escreveu:

vi na capa de seu livro um anúncio da coleção a ser dirigida por mim de que não gostei. Eu não vou organizar<sup>533</sup> os documentos e dizendo isto eu desprestigiaria os autores dos estudos que deveremos publicar. Além disso, saiu errado o título do meu livro – dando logo uma impressão de má revisão, impressão tão lamentável quando se trata de estudo, de coleção de estudos etc. Peça a atenção do nosso amigo José Olympio para esses pontos.<sup>534</sup>

A proposta de Freyre à coleção passava pela iniciativa de inventariar as minúcias do Brasil, da “formação” à “atualidade”. Contudo, as divergências e as convergências entre o editor e o diretor não estavam ligadas apenas ao valor que um ou o outro atribuíam à Documentos Brasileiros, mas quanto os dois, juntos, poderiam agregar, reciprocamente, valor às ações de um em relação às do outro. Para o editor, estava em questão era o firmamento dos negócios; para o diretor, a pauta a ser defendida era a da afluência de seus interesses editoriais como intelectual voltado à “interpretação antes do passado íntimo que do público”<sup>535</sup>. O texto de apresentação da coletânea, como prólogo do *Raízes do Brasil*, parte do pressuposto de que os acordos saem, sobretudo, das conveniências:

o editor José Olympio já tem em mãos um grupo de estudos e de inéditos interessantíssimos, que vão aparecer nesta série. Não se trata de uma aventura editorial, mas de uma coleção planejada e organizada com o maior escrúpulo e com todo o vagar, visando corresponder não

---

<sup>533</sup> Grifo do documento.

<sup>534</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Lins do Rego de 04 de julho de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita] [grifo meu]

<sup>535</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 11.

só às necessidades do estudioso como à curiosidade intelectual de todo brasileiro culto pelas coisas e pelo passado do seu país.<sup>536</sup>

O apego de Gilberto Freyre ao passado alinhara-se ao pleito de José Olympio: “buscar os homens inteligentes para [a] nossa Casa”<sup>537</sup> e dispor ao mercado os seus feitos. Saber identificar as chances de negócios era uma regra seguida pelo editor, apesar dos entremeios que as amizades mantidas com os seus editados impunham-no.

De acordo com Fábio Franzini, o intervalo de cinco meses entre a publicação de *Raízes do Brasil* e de *Memórias: estas minhas reminiscências...*, em 1937, do historiador e diplomata Manuel de Oliveira Lima, a Documentos Brasileiros adquiriu maior regularidade nas edições dos títulos. Assim, a coleção “tomava forma cada vez mais concreta”, uma forma que, articulada por Freyre, “fazia com que o conhecimento do Brasil”, primeiro, “passasse por Recife.”<sup>538</sup> Por certo, o diretor fez valer as suas predileções estéticas, temáticas e de método. Freyre envolveu o empreendimento da Livraria José Olympio Editora com a sua leitura sobre as coisas: tudo ao passado deveria ser reportado; estava na alcova ou nos álbuns de família as peculiaridades do Brasil. Dirigir a Documentos Brasileiros ou escrever os ensaios que se propôs, toava com a inversão de prisma quanto aos documentos avaliados como legítimos: “obrigou-o a socorrer-se menos” dos “ilustres historiadores”<sup>539</sup> como Francisco Augusto Pereira da Costa<sup>540</sup> [1851-1923].

---

<sup>536</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 412. [grifos meus]

<sup>537</sup> PEREIRA, José Mario. Entrevista com J. O. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 400.

<sup>538</sup> FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras...*, 2010, p. 167.

<sup>539</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 18.

<sup>540</sup> “Em seu editorial de 11 de outubro de 1861 o Diário de Pernambuco indaga: ‘Teremos nós uma história propriamente nossa, propriamente pernambucana?’ No mesmo artigo, responde o editorialista: ‘Temo-la, sem dúvida. O que falta porém, em grande parte, é fazê-la conhecer em suas fontes primitivas, desencavá-la, por assim dizer, dos depósitos de remotíssima data em que ela se acha encerrada; examiná-la, analisá-la em suas desenvolvções e frases diversas; e trazê-la, com o auxílio da indagação filosófica e da cultura prática, à inteira luz da publicidade. [...] Coube a Francisco Augusto Pereira da Costa, um recifense do bairro de Santo Antônio, nascido na então Rua Bela [...] em 10 de dezembro de 1851, atender os reclamos do editorialista do Diário de Pernambuco. Iniciando-se nas pesquisas históricas a partir de 1875, Pereira da Costa dedicou toda a sua vida a vasculhar o passado de sua Província natal. No

Afirmando e reafirmando em demasia as suas convicções, Freyre tinha nas mãos a certeza dos limites que enfrentava. Defender e justificar os critérios de aceitação ou não de um texto a ser publicado, obrigou-lhe a refletir sobre os rumos que tomou à frente da coleção. Além de ser um cargo que, a seu modo, demandava trâmites burocráticos, solicitando também o ponderamento quando de uma ou outra recusa. O prestígio que eleva um texto, seja ele que curvatura tenha, com a sua decorrente publicidade, não se resume apenas à satisfação do intelectual com a conquista, mas diz respeito ao lugar social que a coletânea poderia atribuir-lhe.

Em carta de José Olympio – datilografada – circunstanciada pela brevidade, as linhas dispostas sobre o papel são a confirmação do tom célere da comunicação, de 16 de dezembro de 1936, versada na proposta de publicação do livro *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. Carta cujo timbre da editora vincula-se à esquerda da margem superior da folha de papel: “Livraria José Olympio Editora[,] Rua do Ouvidor[,] nº 110[,] Fone[:] 23-2389[,] Tleg. JOLYMPIO[,] Rio de Janeiro”<sup>541</sup>. É preciso dizer: na falta de portador, ou tomadas pela expectativa da urgência, eram postadas via aérea<sup>542</sup>.

A relação autor e editor atendia pela via dos impasses, por vezes declarados ou por vezes velados, alistados nos prazos descumpridos ou no desalinho concernente aos interesses conceptivos do diretor da Coleção Documentos Brasileiros. José Olympio remeteu carta, citada a seguir, fazendo valer a posição de editor que lhe cabia: trazer ao mercado novos títulos, fazer

---

dizer do Prof. José Antonio Gonsalves de Mello, ‘ele leu e remexeu quase tudo: manuscritos, coleções de documentos e de jornais, as crônicas antigas. Deve-se considerar ainda que as pesquisas documentais que ele realizou sozinho, em perto de cinquenta anos de trabalho ininterrupto, ninguém conseguiu refazer no seu conjunto.’ [SILVA, Leonardo Dantas. Nota do Editor. In: *Anais Pernambucanos*. Recife: FUNDARPE, vol. I, 1983, s/p. (Coleção Pernambucana – 2ª fase, 2)]

<sup>541</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre, de 16 de dezembro de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>542</sup> Refiro-me aos serviços postais da PANAIR DO BRASIL S.A : Pan American Airways System. Exerceu suas atividades de 1930 a 1965 com sede na cidade do Rio de Janeiro. Lê-se do cabeçalho e rodapé de algumas das cartas recebidas por Gilberto Freyre: “Aerogramma via Panair. Pan American Airways System, a maior rede de transportes aereos do mundo”.

convergir os contrários e liquidar seus compromissos monetários junto aos escritores arregimentados pelo selo. Em carta a Gilberto Freyre, discorre:

como lhe prometi ahi vão os outros quinhentos mil réis correspondentes ao adiantamento do mez passado. Estou contando com o seu Nordeste agora para o princípio do ano. Virá mesmo? Pergunto-lhe se posso programar na nossa coleção o livro de Eloy Pontes sobre Euclides da Cunha e o do Agripino sobre Romancistas. O primeiro do Eloy sobre Pompeia foi elogiadissimo pela critica, o que v. não ignora. Se sahirem fora da coleção não alcançarão o mesmo sucesso. Mas voce é quem sabe e dirá com a maior franqueza. Nada de constrangimentos. Responda por carta aérea. Um abraço do[,] José Olympio[.]<sup>543</sup>

O livro *Nordeste...* foi, de fato, publicado em 1937, no volume número quatro da Coleção Documentos Brasileiros. Título-síntese voltado ao Nordeste agrário. “O da cana-de-açúcar, que se alonga por terras de massapé e por várzeas, do norte da Bahia ao Maranhão, sem nunca se afastar muito da costa”.<sup>544</sup> Proposta, então, diferente da seguida pelo cearense Djacir Menezes [1907-1996], no volume de número cinco da mesma Coleção, intitulado *O Outro Nordeste: formação social do Nordeste pastoril*. A distinção entre ambos os textos foi de pronto destacada por Gilberto Freyre no prefácio à primeira edição do livro aguardado por José Olympio, publicados quase simultaneamente.

A proposta de publicação do livro de Eloy Pontes, no entanto, é contemporizada para o ano de 1938. *A Vida Dramática de Euclides da Cunha* compôs a Coleção sob o registro de décimo terceiro volume. O argumento do editor sobre a boa aceitação por parte da crítica, de outro trabalho de Pontes, *A Vida Inquieta de Raul Pompeia* aparecido em 1935, mostrou-se efetiva; muito embora a constatação do razoável intervalo entre o parecer de José Olympio na carta de 1936 e a publicação em 1938 ter-se sobressaído.

---

<sup>543</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre, de 16 de dezembro de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>544</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. São Paulo: Global, 7ª ed., 2004, p. 37. “O critério deste estudo [...] é um critério ecológico. O centro de interesse, o homem, fundador de lavoura e transplantador e criador de valores à sombra da agricultura, ou antes, da monocultura da cana. O homem colonizador, em suas relações com a terra, com o nativo, com as águas, com as plantas, com os animais da região ou importados da Europa ou da África.” (Freyre, 2004, p. 37-38)

É certo que José Olympio foi um conciliador, mas também um empresário perspicaz e imperioso quando oportuno. Segundo Gustavo Sorá, foi ele o detentor do selo que, entre os meados das décadas de 1930 e de 1950, posicionou-se no patamar de editor mais ambicionado pelos escritores. “Significou consagração, inclusão em um catálogo que reunia os autores e títulos das obras percebidas como ‘autenticamente brasileiras”<sup>545</sup>. Gilberto Freyre, Octávio Tarquínio de Sousa e Afonso Arinos de Melo Franco puderam assentar suas aspirações de cultura e sociedade brasileiras em meio às estratégias de ampliação e consolidação da José Olympio no mercado editorial.

A Coleção Documentos Brasileiros – dirigida sequenciadamente por Freyre, Sousa e Franco – passou pela verificação estratégica de José Olympio. Continuar sendo “o editor dos livros brasileiros” sem comprometer a ampliação do catálogo de títulos, desafio que passava pela conciliação entre os ideários do pensamento e de registros da ansiada cultura nacional, por parte dos intelectuais, e a vivacidade dos negócios da Livraria José Olympio Editora. Questões que vertiam incongruências, impasses. As cartas de José Olympio para Gilberto Freyre tratavam de pinçar como e quando publicar e incluindo-se, claro, quem publicar. Os tons traduzidos pelas palavras assumiam os veios do ponderamento, da autoridade e do arremate incisivo nos momentos de alegação dos argumentos dispostos a convencer.

Convidar os amigos a publicar na Coleção Documentos Brasileiros indicava a inserção dos seus no mercado editorial e, no mesmo passo, a sustentação de uma rede de interlocuções. Os correspondentes firmam e reafirmam posições ao se citarem uns aos outros e ao se congratularem nas missivas ou nos livros que publicaram e ofereciam como sinal de estima e reiteração de sinuosidades inter-relacionais. Olívio Montenegro, escritor paraibano, assinou o décimo volume da Coleção. A intermediação de Gilberto Freyre junto a José Olympio verteu-se em oportunidade não só para a edição

---

<sup>545</sup> SORÁ, Gustavo. A arte da amizade: José Olympio, o campo de poder e a publicação de livros autenticamente brasileiros. In: I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004, p. 01. Realizado de 08 a 11 de novembro do ano de 2004. Uma iniciativa: FCRB, UFF/PPGCOM, UFF/LIHED. Disponível em: [www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/gustavosora.pdf](http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/gustavosora.pdf). Acesso em: 07/02/2013.

de *O Romance Brasileiro* como para os trabalhos subsequentes: “Rio, 27-5-41[.] Querido Olívio: Eu e Lins lemos e relemos sua carta não só com alegria de amigos mas com prazer literário. Carta de borrão, concluímos diante dos trechos mais finamente machadianos. Se for de borrão, veja aí a data. Veio sem data!” Mais adiante, registrou o remetente: “já falei com José Olympio [...] com quem hoje jantamos todos, na casa dele, eu e os velhos Freyres<sup>546</sup>, sobre seus originais.”<sup>547</sup>

Publicado *O Romance Brasileiro*<sup>548</sup>, em 1938, Gilberto Freyre recebeu o seu volume oferecido pelo autor. O de número um: “A Gilberto, o querido mestre e amigo ofereço[.] Olívio. Recife[,] 23-7-[1]938.” Faço menção às notas impressas às vezes no espelho do livro informando a quantidade de obras retiradas de circulação e a composição técnica, física, que a constituía: “Deste livro foram tirados, fora de comercio, vinte exemplares em papel vergé, numerados e assinados pelos autor.”[impresso] Nº 1[,] Olívio Montenegro.” [manuscritos]

A trajetória individual de Gilberto Freyre fez-se projeção nas cartas e nos prefácios, estes para seus livros e de outros ensaístas, que escrevera. Marcos da escrita que firmavam vínculos de amizade e articulações sociais. Nos idos de 1936, quando da publicação da primeira edição de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre faz o prefácio<sup>549</sup> e discorre sobre a partilha que acreditava primaz aos interlocutores de sua geração. Publicação sob a chancela do editor José Olympio e da estima de uma coleção: a Coleção Documentos Brasileiros.

A Coleção Documentos Brasileiros, em meio ao agir e pensar de Gilberto Freyre, fez do ensaio a forma (e a estética) da narrativa. O ensaio,

---

<sup>546</sup> Forma no plural constante no documento. FREYRE, Gilberto. *Cartas do Próprio Punho...*, 1978, p. 235.

<sup>547</sup> Trechos de carta de Gilberto Freyre para Olívio Montenegro, de 27 de maio de 1941. Compilada no livro: FREYRE, Gilberto. *Cartas do Próprio Punho...* Rio de Janeiro: MEC/Conselho Federal de Cultura/ Departamento de Assuntos Culturais, 1978, p. 235.

<sup>548</sup> A primeira edição de *O Romance Brasileiro* consultado repousa na biblioteca de Gilberto Freyre, hoje sob a guarda da Fundação Gilberto Freyre, na Casa-Museu de Apipucos.

<sup>549</sup> O Prefácio de Gilberto Freyre à primeira edição do *Raízes do Brasil* foi reproduzido no volume de número um do *Prefácios Desgarrados* (1978).



com fins ao exercício de interpretar (com ares de explicação), para “desvendar o objeto em questão”:<sup>550</sup> o Brasil nas suas ranhuras. Nas linhas iniciais do prefácio referendado, lê-se:

a série que hoje se inicia com o trabalho de Sergio Buarque de Hollanda, *Raízes do Brasil*, vem trazer ao movimento intelectual que agita o nosso paiz, á ancia de introspecção social que é um dos traços mais vivos da nossa intelligencia brasileira, uma variedade de material, em grande parte ainda virgem. Desde o inventario á biographia; desde o documento em estado quase bruto á interpretação sociologica em forma de ensaio<sup>551</sup>.

O *Raízes do Brasil* da Coleção Documentos Brasileiros é, também, antes o feito de um amigo. De um amigo conquistado, sublinha Gilberto Freyre, nos idos de 1926 na cidade do Rio de Janeiro. Um amigo do “grupo no Rio, [...] dos ‘modernistas’ – na verdade, renovadores sem ‘ismo’ nenhum – que preparam a *Revista do Brasil*, para a sua nova fase”<sup>552</sup>. Periódico que, de 1918 a 1925, teve Monteiro Lobato na direção.

O escriptor paulista é uma daquellas intelligencias em que melhor se exprimem não só o desejo como a capacidade de analysar, o gosto de interpretar, a alegria intellectual de esclarecer. Quando appareceu, há dez annos, ao lado de Pudente de Moraes, neto (Pedro Dantas) – talvez a vocação mais pura de critico que já surgiu entre nós – foi logo revelado as qualidades e o gosto, que agora se affirmam victoriosamente<sup>553</sup>.

E, ainda sobre *Raízes do Brasil*, Freyre toma para si o aparato de prefaciador e de diretor de uma Coleção que pretendia torná-la referência. A Coleção que impunha perspectiva de longevidade e fundamentação douta. Um inventário dos registros que implicariam no avivamento da nacionalidade brasileira: mediante às letras, à dimensão da escrita. O Brasil que se fez fruto

---

<sup>550</sup> ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: *Notas de Literatura I*. Trad.: Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2003, p. 20.

<sup>551</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: HOLLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936, p. v. [Coleção Documentos Brasileiros, 1]

<sup>552</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos...*, 2006, p. 259.

<sup>553</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição..., 1936, p. v.

na escrita. *Raízes do Brasil* adquiriu o estatuto de verdade no discurso de Gilberto Freyre quando do esforço de confeccionar-se estudos e “interpretações” sobre o Brasil: movidos pelo rigor e o ineditismo dos documentos até então não revelados.

Nos preparativos finais do livro do historiador paulista, escreveu Rodrigo Melo Franco de Andrade ao diretor da coletânea, atualizando-o da expectativa da impressão: “O Sergio está esperando o aparecimento do livro d'elle no fim do mes. Está sendo impresso em São Paulo. Gostou muito de seu prefacio para a collecção.”<sup>554</sup> *Raízes do Brasil* trazia consigo os predicados exigidos. Daí ter afirmado Gilberto Freyre:

o editor José Olympio já tem em mãos um grupo de estudos e de inéditos interessantíssimos, que vão apparecer nesta série. Não se trata de uma aventura editorial, mas de uma collecção planejada e organizada com o maior escrúpulo e com todo o vagar, visando corresponder não só ás necessidades do estudioso com á curiosidade intellectual de todo brasileiro culto pelas coisas e pelo passado do seu paiz<sup>555</sup>.

O *Raízes do Brasil* é exemplo do propósito e da ação dos especialistas nos mais variados assuntos que convergiram à iniciativa do editor José Olympio. Fato que Gilberto Freyre não deixou de cunhar. Uma Coleção não apenas do ensaio sociológico, mas das “memórias”, das “autobiographias”, dos “diarios de viagens”, das “correspondencias particulares”<sup>556</sup>, das “biographias documentadas”, “dos grupos indígenas”, das “populações caboclas e mestiços do litoral”, dos “pescadores de pirarucu na amazonia”<sup>557</sup>. Incluiu-se, pois, os “relatorios dignos de publicação” que “amarellecem tristonhamente pelos archivos, pelas bibliothecas e”, sobretudo, “pelos cartórios deste vasto Brasil e

---

<sup>554</sup> Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Gilberto Freyre de 1936. Fragmento de carta. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>555</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição..., 1936, p. vi.

<sup>556</sup> As cartas como propensões de estudo e [re]conhecimento de intimidades. Do cotidiano antes não desvelado daquilo que se entendia por “Civilização Brasileira” para os intelectuais de 1930. Para o leitor existia, e ainda existe, a expectativa de aferir sobre o que há de comum, de prosaico encostado à escrita de bastidores.

<sup>557</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição..., 1936, p. vi.

até de Portugal, da Hespanha e da Hollanda, á espera do estudioso que lhes dê vida e os junte á historia social do brasileiro.”<sup>558</sup>

A nova coleção pretendida pelo editor José Olympio “procurará, com anotações de entendidos” e até sob “a direcção de especialistas”<sup>559</sup> a exemplo de

Taunay, os Theodoro Sampaio, os Pirajá da Silva, os Rodolpho Garcia, os Alberto Rangel, os Noronha Santos, os Alcides Bezerra – o maior número possível de documentos desse genero, ajudando-lhes illustrações da época e divulgando gravuras antigas que, por sua vez, documentam phases ou aspectos da nossa formação: a agricultura colonial, a industria do assucar nos primeiros seculos de colonização, o vestuário dos colonos, os estylos de transporte e de moveis do tempo do imperio, a velha architettura patriarchal e de igreja. Tambem documentos e estudos sobre os varios traços de influencia estrangeira – francesa, hollandesa, inglesa, allemã, – que se encontram em nossa formação social e ethnica<sup>560</sup>.

Vale dizer que o prefácio de Gilberto Freyre ao *Raízes do Brasil* chama atenção não só em decorrência do objetivo editorial, da Coleção Documentos Brasileiros, do qual partilhava o livro de Sérgio Buarque de Holanda, mas pela flexibilidade dos conceitos. Ou melhor: não digo conceitos, mas noções caras à – “explicação” – interpretação do Brasil nos anos 1920, 1930. Noções como “história social”, “ensaio”<sup>561</sup>, “novo romance brasileiro”, “interpretação”. Há

---

<sup>558</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição..., 1936, p. vii.

<sup>559</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição..., 1936, p. vii.

<sup>560</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição..., 1936, p. vii.

<sup>561</sup> Sobre a Coleção Documentos Brasileiros e a designação de método em Gilberto Freyre, atente-se: apesar da Documentos Brasileiros não verter o peso cerimonial – burocrático das instituições comuns – que Freyre costumava apontar como em seus discursos, estava aí a oportunidade de fazer valer a sua posição de intelectual lido e respeitado após o lançamento de *Casa-Grande...*. Viu na coleção a oportunidade de frisar a “singularidade”, de acordo com Fábio Franzini, da iniciativa da Livraria José Olympio Editora quando comparada à Brasileira. Uma distinção que estava, particularmente, no ‘comprometimento com aquilo que trazia já no próprio nome’ que a anunciava: o documento. Algo que caracterizava tanto a coleção quanto o seu primeiro diretor: a heurística e o recorte dos estudos que publicou sobre a suposta intimidade reveladora dos brasileiros de antanho. Mas, para tanto, o método era fundamental. ‘Autor de pesquisa sociológica notável sobre os desempregados de Marienthal (Áustria), realizada com o auxílio de sete estudantes de Sociologia e quatro médicos, a nenhum dos quais permitiu o Professor [Paul] Lazarsfield que se comportasse como simples e distante observador dos fatos a serem estudados: de todos exigiu que se tornassem participantes da vida da comunidade que era Marienthal. É que seu estudo, considerou-o desde o início esse

momentos que denotam definição de algo em contenda, em outros, por sua vez, como sinônimo de uma palavra ou ideia anunciada na literalidade do texto.

“História social” não como perspectiva de análise, mas como termo de identificação e descrição [apreensão] da dinâmica dos valores e dos modos de ser e agir das sociedades: as práticas e experiências humanas no mais prosaico vagar. “Ensaio” como forma da narrativa. O “novo romance brasileiro” sugere a demarcação do tipo de escrita e de acepção dos escritores preocupados em registrar o mais espontâneo do Brasil de então: diverso, oral, tradicional. As poesias de Manuel Bandeira, os romances de José Lins do Rego.

O peso atribuído a um texto dito científico não se aplica ao ensaio. Digo: o ensaio rege-se pela autonomia, pela correlação de temas que, juntos, atentem para o particular e o específico. E, com isso, tornar o particular visível sem a pressão universalista das categorias que definem e explicam algo. É como se as categorias científicas antevíssem aquilo que só elas definem e explicam. A leitura do Brasil miscigenado empreendida por Gilberto Freyre, no garatujar da escrita, sobressaiu-se no formato do ensaio pela possibilidade que o próprio ensaio apresentara ao fazer pulular o prosaico nas suas contingências, improvisos e lógicas<sup>562</sup>. O ensaio como forma da narrativa, dos anos de 1930, trajou-se de sociologia. Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda são exemplos disso.

O *Raízes do Brasil*, da primeira edição, traz uma distribuição capitular sem a especificação do mais consultado dos capítulos entre os demais: ‘O semeador e o ladrihador’. É inexistente como síntese e não como

---

franco inimigo da Sociologia apenas matemática, mecânica ou objetiva, uma espécie de meio-termo entre o romance e o recenseamento: ‘a cross between the novel on the one hand and the census on the other hand’ [é um cruzamento, por um lado, entre o romance e, por outro, o censo] estatístico]. O que nos faz pensar na idéia que os Goncourt já faziam da ‘história íntima’. [FREYRE, Gilberto. Introdução à 2ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 741.]

<sup>562</sup> Vide ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: *Notas de Literatura I*. Trad.: Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003, p. 15-45. [Coleção Espírito Crítico] Cito Adorno: “O ensaio [...] não admite que seu âmbito de competência lhe seja prescrito. Em vez de alcançar algo cientificamente ou criar artisticamente alguma coisa, seus esforços ainda espelham a disponibilidade de quem, como uma criança, não tem vergonha de se entusiasmar com o que os outros já fizeram.” (Adorno, 2003, p. 16)

“substância”<sup>563</sup>. O *Raízes do Brasil* de 1936, disposto em uma das estantes da casa de Gilberto Freyre, organiza-se da seguinte forma: “I Fronteiras da Europa; II Trabalho & Aventura; III O Passado Agrário; IV O Passado Agrário (continuação); V O Homem Cordial; VI Novos Tempos; VII Nossa Revolução; Notas”. Da primeira edição para a segunda, esta publicada no ano de 1947, o terceiro e quarto capítulos foram renomeados: “Herança rural” e “O semeador e o ladrilhador”, respectivamente.

O prefácio aqui citado – para a primeira edição de *Raízes do Brasil* – é do volume oferecido a Gilberto Freyre por Sérgio Buarque que, sob a guarda da Fundação Gilberto Freyre, comparte com os demais textos e livros de autoria do escritor pernambucano em uma das quatro estantes da sala de acesso ao gabinete da Vivenda Santo Antonio de Apipucos. Consta no exemplar: “Ao Caro Gilberto, com um abraço affetuoso do Sergio[.] Rio, 19/X./1936”<sup>564</sup>. Freyre recebeu o livro de número onze da primeira edição: “Deste livro foram tirados, fora de commercio, vinte exemplares em papel Regente Ledger, numerados e assinados pelo autor”. [impresso] “Nº 11”[.] [manuscrito] “Sergio Buarque de Hollanda”[.] [manuscrito] Livro que, no colofão, informa: “foi composto e impresso na empresa graphica da ‘Revista dos Tribunaes’ á Rua Xavier de Toledo, 72, em S. Paulo, para a Livraria José Olympio, Rio de Janeiro em outubro de 1936[.]”<sup>565</sup>

No mesmo ano em que a Coleção publicaria seu volume inaugural, em 1936, a Livrara José Olympio Editora antecipou a notícia aos leitores via orelha da primeira edição do livro *Usina*, de José Lins do Rego, conforme já antecipei: “iniciaremos brevemente a publicação dos Documentos Brasileiros organizados sob a direção de Gilberto Freyre, o grande sociólogo de Casa-grande & senzala.”<sup>566</sup>

---

<sup>563</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 25.

<sup>564</sup> Oferecimento de Sérgio Buarque de Holanda para Gilberto Freyre. Manuscrito no anterrosto do exemplar de *Raízes do Brasil* sob a guarda da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>565</sup> HOLLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil...*, 1936, s/p. Impresso no colofão da primeira edição do livro.

<sup>566</sup> REGO, José Lins do. *Usina...*, 1936.

[...] uma série de estudos das nossas origens e da nossa formação social não só do ponto de vista propriamente histórico como do etnográfico, do folclórico, do antropológico, do sociológico, etc. Também incluirá memórias e biografias de figuras que melhor tenham encarnado as fases mais significativas do desenvolvimento social do Brasil, suas particularidades de linguagem, de costumes, de vegetação, de produção econômica, de arte popular. Estudos sempre documentados. A objetividade será o traço saliente dessa coleção<sup>567</sup>.

Durante o tempo em que Gilberto Freyre esteve à frente da Coleção, ele prefaciou certos volumes, como foi dito *O Romance Brasileiro*, do escritor Olívio Montenegro, é um dentre os vários. Nos dois últimos parágrafos, não negligenciou a oportunidade de [a]firmar a sua convicção acerca do estilo de história da literatura e, portanto, de crítica literária; ensejando rebater também as opiniões contrárias. Foi o que ocorreu: “trata-se de um crítico livre-atirador e voluntarioso, que não quer prender-se a obrigações de ordem nenhuma, nem lógica, nem chronologica”.<sup>568</sup>

É, portanto,

um livre-atirador para quem a crítica do romance brasileiro é um pouco como o próprio romance para os melhores romancistas: uma aventura de personalidade impossível esperar-se d'elle a disciplina dos criticos didacticos ou o senso de ordem logica e chronologica dos historiadores da literatura pura ou da sociedade vista atravez da literatura. Parecerá mesmo a alguns que não se justifique a inclusão de um estudo tão sensível aos aspectos chamados subjectivos da vida, da arte e da critica numa collecção como DOCUMENTOS BRASILEIROS, que se preza da objectividade entre os seus traços mais característicos.<sup>569</sup>

Para os intelectuais contemporâneos a Gilberto Freyre, quase inclassificáveis pelo transito que mantinham pelas várias disciplinas, justificar o porquê da inserção do trabalho de José Lins do Rego na Documentos Brasileiros, indicaria aos críticos um favorecimento de amigo para amigo. Freyre, pois, tentou antecipar-se:

---

<sup>567</sup> Texto de orelha. REGO, José Lins do. *Usina: ciclo da cana de assucar*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936. Biblioteca particular de Gilberto Freyre/casa de Apipucos/Fundação Gilberto Freyre.

<sup>568</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio. In: REGO, José Lins do. *O romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938, p. 14. [Coleção Documentos Brasileiros]

<sup>569</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio..., 1938, p. 14.

mas nem o autor do estudo admirável que se segue deixa de dedicar a atenção devida aos aspectos objectivos da vida brasileira e da personalidade humana, vistas através do romance nacional e de alguns dos nossos maiores romancistas, nem é do programma desta collecção um objectivismo doutrinário, imperativo, absorvente, pelo qual tudo se devesse interpretar ou explicar na cultura, no carácter e nas tendências do brasileiro.

Recife, 1938. Gilberto Freyre[.]<sup>570</sup>

Em 1938, em correspondência a José Lins do Rego, Freyre decidiu não continuar na direção da Documentos Brasileiros. O porquê da resolução, segundo ele, estava nas circunstâncias “inevitáveis” adjacentes à sua colocação de diretor. Esclareceu ao amigo que a decisão que assumira não se referia a qualquer indisposição com José Olympio. Talvez o mal estar não estivesse no trato com o editor ou com o correspondente paraibano, mas na sua distância do Rio de Janeiro e/ou na recusa de alguns em relação à sua condução diante da série. Não é absurdo levar em conta que a posição de Freyre era especulada. Além do mais, José Lins do Rego<sup>571</sup> tinha a fama, inclusive, de ser bastante enfático ao defender os seus amigos de algum agravo, embate.

Na carta, ficam em suspenso os motivos da desistência de Freyre. No entanto, a ratificação do autor de *Casa-Grande...* no tocante à estima que reservava aos dois, indicava a existência de alguma rusga de bastidor dos

---

<sup>570</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio..., 1938, p. 14.

<sup>571</sup> Descrição de José Olympio sobre José Lins do Rego: “Um sujeito fabuloso, oposto do Graciliano, extrovertido ao extremo. Certa vez, o Juracy Magalhães foi a Maracanã e viu lá um grupo de gente em luta corporal. Pensou: ‘é capaz do Zé Lins estar lá’. Chegou lá e Zé Lins estava. Outra vez Zé Lins chegou à minha casa, na Nilo Peçanha, e ligou para o Gondim da Fonseca, que trabalhava na revista *Diretrizes* com o Samuel Wainer. O Gondim tinha escrito no seu ‘Contramão’, coluna diária no *Correio da Manhã*, uma coisa que desagradara a Zé Lins, e ele disse a Gondim: ‘espera 10 minutos que vou aí te dar umas tapas’. Saiu correndo para a *Diretrizes* e está procurando o Gondim até hoje... Outra dele: eleito para a Academia Brasileira de Letras, chega à minha sala e, sem dar bom dia, passa a mão no telefone. Perguntei o que ia fazer e disse que ia ligar para ‘quatro filhos da puta que iam votar em mim e não votaram’. Botei o fone no gancho e falei: ‘você não vai fazer isso, vai conviver com essa gente amanhã e como é que vai mandá-los à puta que pariu?’ Ele não telefonou. Ele era assim, uma criatura que não merecia ter morrido aos 57 anos. Morreu de cirrose provocada pela esquistossomose. Fui padrinho de sua filha e de sua neta. Atravessei gerações inteiras, sou um velho velhinho...”. [PEREIRA, José Mario. Entrevista com J. O. In: *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 401.]

insatisfeitos com a condução da Documentos Brasileiros: “creio que, sob todos os pontos de vista, é melhor uma pessoa daí à frente da ‘Documentos’. Lembro Prudente. De qualquer modo, devo passar pelo Rio breve – em setembro”<sup>572</sup>. Mais adiante, complementa: de passagem pela capital, durante “dois ou três dias”, “a caminho de New York, e então falaremos com vagar, José Olympio, v. e eu, desse assunto”<sup>573</sup>.

A permanência de Freyre como diretor não foi mais possível. Obviamente, isso não lhe impediu de vislumbrar a edição de seus textos como autor profissional, tendo sempre o que publicar e no formato que acreditava adequado. Com a tiragem da quarta edição do *Casa-Grande...* em 1943 e, em seguida, com a quinta de 1946, conseguiu que o mesmo título, em edições distintas, trouxesse à sua trajetória editorial maior constância e solidez. A revisão, a diagramação e o afinamento tipográfico passaram a ser uma rotina, ao passo que os seus textos adquiriam a forma do livro com o sinete da José Olympio. Além da guarida da editora, ele almejava o bom trato nos preparativos dos originais destinados à impressão.

---

<sup>572</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Lins do Rego de 12 de agosto de 1938. Ver: FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras...*, 2010, p. 168.

<sup>573</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Lins do Rego de 12 de agosto de 1938. Ver: FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras...*, 2010, p. 168.



### 3.2 – Gilberto Freyre: autor e colaborador da Coleção Documentos Brasileiros [1939 – 1953]

Deixando a direção em 1939, Gilberto Freyre seguiu publicando pela José Olympio por intermédio da coleção. Como autor de livros e colaborador, ou seja, como autor de prefácios e introduções aos livros de outros editados. Uma prática que foi mais frequente durante a direção de Octavio Tarquínio de Sousa se comparada ao período em que Afonso Arinos de Melo Franco esteve à frente da Documentos Brasileiros.

Quando Gilberto Freyre assumiu a direção<sup>574</sup>, em 1936, ficaram claros os seus interesses em torno do que deveria ser publicado e quem deveria publicar. Algo que não foi diferente quando das fases de Sousa e Franco. Longe do comando, Freyre manteve relativa frequência da coleção. Escreveu a introdução para o livro *Canudos: diário de uma expedição*, de Euclides da Cunha, de 1939, vol. 16; o prefácio para *Tempo dos Flamengos*, de José Antonio Gonsalves de Mello, do ano de 1947, vol. 54; prefácio ao *Aparência do Rio de Janeiro: notícia histórica e descrição da cidade*, da autoria de Gastão Cruls, de 1949, vol. 60; introdução ao *Impressões da América Espanhola*, de Oliveira Lima, de 1953, vol. 65; prefácio ao *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, de Ernani Silva Bruno, publicado em 1953, vol. 80. Todavia, é preciso lembrar: durante a trajetória da coleção os autores prefaciavam-se. Em 1949, em uma edição fora da coleção, escreveu o prefácio para o livro de Mariano Lemos, *Folhas de meu outono – sonetos*.

José Antonio Gonsalves de Mello era primo de Gilberto Freyre. Foi Gonsalves de Mello quem realizou a “tradução” e “cópia” de “documentos ou livros”<sup>575</sup> consultados à pesquisa e escrita do *Sobrados e Mucambos*. Gonsalves de Mello especializou-se “no estudo da língua holandesa, para

---

<sup>574</sup> Na direção da Documentos Brasileiros: prefácio para o livro *Memórias: estas minhas reminiscências*, de Oliveira Lima, de 1937; prefácio ao *Memórias de um senhor de engenho*, de Julio Belo, 1938.

<sup>575</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 18.

melhor conhecimento da história do domínio holandês no Brasil”<sup>576</sup>. Aos trinta e um anos publicou *Tempo dos Flamengos*:

o Sr. José Antonio Gonsalves de Melo, neto, nos aparece agora com um livro de quem na meninice se deixou fascinar pelo que há de lendário, de romântico, de misterioso nas sugestões da frase do povo do norte do Brasil: *tempo dos flamengos*. Mas em vez de ir procurar tesouros ao pé de ruínas de fortes e igrejas, que visitou conscienciosamente, resolveu procurá-los em arquivos, alguns em parte ainda virgens. Encontrou-os. Seu livro é um livro revelador. Pela primeira vez, tem-se a idéia exata e em conjunto, de ponto de vista brasileiro, do que foi o *tempo dos flamengos*.<sup>577</sup>

“Entre 1948 e 1953 o número de editoras em todo o país cai de 280 para 144, atingindo um nível inferior ao” constatado em 1936, poucos anos depois da fundação da Livraria José Olympio Editora. Para Renato Ortiz, a redução no número de editoras e, conseqüentemente, nas vendas de livros, no marco de uma década, de 1946 a 1956, estava ligado a vários fatores: “a importação subsidiada do papel se aplicava somente aos jornais e não aos livros, os impostos alfandegários e a taxa do dólar faziam com que se tornasse mais barato importar”, a propósito, “livros do que papel para imprimi-los no Brasil.”<sup>578</sup> Estes, inclusive, foram alguns dos assuntos das cartas trocas entre José Olympio e Gilberto Freyre.

O crescimento no consumo de livros colidia com a baixa escolaridade dos brasileiros, em geral, e com a difusão do rádio e, mais adiante, com a televisão. Entretanto, o acesso aos televisores era limitado em virtude do “baixo poder aquisitivo de grande parte da população” e da “precariedade da indústria”<sup>579</sup>. Só em 1959, portanto, começaram a ser fabricados televisores em território nacional. De todo modo, a José Olympio conseguiu caminhar, desviando, quando possível, das oscilações político-econômicas.

Nos fins da década de 1950, publicou “as obras completas de Oliveira Vianna, em quinze volumes, e as *Memórias* de G. Casanova, em dez.” E, em

---

<sup>576</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 18.

<sup>577</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio. In: *Tempo dos Flamengos...*, 3ª ed., 1987, p. 17.

<sup>578</sup> ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira...*, 5ª ed., 1994, p. 46.

<sup>579</sup> ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira...*, 5ª ed., 1994, p. 47.

1959, mais especificamente, vários textos de “Octavio Tarquínio de Sousa foram reunidos na *História dos Fundadores do Império do Brasil*, em dez volumes, com um total de 193 ilustrações.” No ano de 1959 foi a vez de “*História Brasil*, de Pedro Calmon, em sete grandes volumes (25,5x17 cm), com 948 ilustrações, das quais 59 eram desenhos de J. Wash Rodrigues e oito grandes encartes de pranchas coloridas.”<sup>580</sup>

É demasiado sabido que a José Olympio propôs ser um sinete de aporte gráfico que, até então, não se via. As edições subsequentes do *Casa Grande...*, sobretudo, reforçaram em Freyre a certeza da qualidade prometida pelo editor aos seus livros e, claro, aos dos outros escritores. As notas e acréscimos realizados no ensaio a partir da quarta edição não configuravam apenas uma resposta aos críticos, mas se tratava de uma iniciativa de conferir ao texto, ou melhor, ao livro, maior dignidade gráfica. Contudo, se o ensaio chamava a atenção dos leitores pelo que de novo continha, o autor não se esquivou ao debate. Se de um lado Freyre vai-se defendendo de seus críticos contemporâneos, via prefácios e introduções de seus livros, por outro, a historiografia interpretara-o a partir de um discurso simplista e dicotomizante.<sup>581</sup>

---

<sup>580</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 516.

<sup>581</sup> Por exemplo: “Carlos Guilherme Mota, em seu livro *Ideologia da Cultura Brasileira*, considera que os anos 30 foram decisivos na reorientação da historiografia brasileira. Partindo de um testemunho de Antônio Cândido, ele analisa três obras mestras desse período: *Evolução Política do Brasil*, de Caio Prado Jr. (1933), *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre (1933), e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda (1936). A colocação, tal como está formulada, se tornou clássica. Eu me pergunto, no entanto, se ao considerarmos desta forma não estaríamos tomando o testemunho de um autor pela própria explicação histórica. A meu ver, Sérgio Buarque e Caio Prado Jr. estão na origem de uma instituição recente da sociedade brasileira, a universidade. Neste sentido eles são fundadores de uma nova linhagem, que busca no universo acadêmico uma compreensão distinta da realidade nacional. Não é por acaso que a USP é fundada nos anos 30, ela corresponde à criação de um espaço institucional onde se ensinam técnicas e regras específicas ao universo acadêmico. Gilberto Freyre representa o ápice de uma outra estirpe, que se inicia no século anterior, [...] se prolongou até hoje como discurso ideológico. Sérgio Buarque e Caio Prado Jr. significam rupturas não tanto pela qualidade de pensamento que produzem, mas sobretudo pelo espaço social que criam e que dá suporte às suas produções. Gilberto Freyre representa continuidade, permanência de uma tradição, e não é por acaso que ele vai produzir seus escritos fora desta instituição ‘moderna’ que é a universidade, trabalhando numa organização que segue os moldes dos antigos Institutos Históricos e Geográficos.” [ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional...*, 5ª ed., 1994, p. 40-41.]

A inserção de notas e “referências bibliográficas”<sup>582</sup> nas edições subsequentes do *Casa-Grande...* na coleção, atendia ao anseio de superação de seu autor. A forma do livro era-lhe fundamental à mudança esperada: a extensão do texto com a inclusão de seções antes inexistentes, implicaria na diagramação e, conseqüentemente, na requalificação do ensaio que na primeira edição havia sido questionado pela revisão falha e a ausência de recursos que pudessem esclarecer melhor o texto. Ao passar os direitos de publicação à Livraria José Olympio Editora, Freyre não só legitimaria a sua posição de autor como organizaria uma rede de interlocutores que poderiam acentuar o seu discurso contra Augusto Frederico Schmidt. Foi o que aconteceu.

Antes mesmo da publicação de *Nordeste*, em 1937, ele já sugeria ao editor José Olympio a aquisição do *Casa-Grande...* : “creio que seria negócio para v. Mas pense no assunto e estude as possibilidades e me escreva logo.” E completaria, dizendo: “eu ficaria dançando de contente no dia em que visse C. G. & S. livre das garras ladronas<sup>583</sup> de Schmidt – ladronas e sobretudo safadas – e editada por v.”<sup>584</sup>

Publicar. Mas, onde publicar? Quando publicar? Como publicar? Perguntas que rondaram a rotina do escritor Gilberto Freyre. Tudo residia na esfera das negociações, das mediações, das articulações, junturas. José Olympio foi, assim, assomo modelar desta minha afirmativa. O ideal de livro para o escritor transliterava-se em custos editoriais de monta. A relação manutenção dos negócios livrescos e ofício da escrita avalizavam-se nos embates.

Na carta de José Olympio destinada a Gilberto Freyre, de 04 de abril de 1938 um dos temas era os “livros didáticos”: os de público mais amplo. O filão à perspectiva editorial de José Olympio. No entanto, adaptações careciam de providências, incluindo-se a reordenação do catálogo de títulos que até então

---

<sup>582</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 28 de setembro de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

<sup>583</sup> No sentido prosaico, “ladronas”, reforça a indignação do escritor com o fato.

<sup>584</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 28 de setembro de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

subscrevia o perfil dos autores abrigados pelo selo. Dentre as propensões do Instituto Nacional do Livro – este sugerido pelo Ministro da Educação e Cultura Gustavo Capanema em 15 de dezembro de 1937 e resguardado pelo Decreto-Lei Nº 93 de 21 de dezembro do mesmo ano – uma, destacava-se: “promover as idéias necessárias para aumentar, melhorar e baratear a edição de livros no país, bem como para facilitar a importação de livros estrangeiros”<sup>585</sup>.

A intenção de Gustavo Capanema afiançou o feito legal do Estado de Getúlio Vargas. Agenciar a publicação, a distribuição e a circulação de livros no território nacional: ao menos na instância legal a ordem das atribuições do Instituto puderam firmar-se. Contudo, até o marco de 1945 um dos objetivos do Instituto adquiriu maior visibilidade: a implantação de bibliotecas em várias cidades do país. Segundo Andréa Lemos Xavier Galucio, o Instituto Nacional do Livro dedicou-se, em sua primeira fase de execuções a “estruturação do sistema empresarial do livro brasileiro”<sup>586</sup>.

A carta de intenções de 15 de dezembro de 1937, antevia no objeto livro a defesa de preceitos e ideologias basilares ao primeiro governo de Getúlio Vargas. Tendo-se em vista o controle, a censura para evitar desvios: “Sr. Presidente: O livro é, sem dúvida, a mais poderosa criação do engenho humano.” Sendo assim, “a influencia que ele exerce, sob todos os pontos de vista, não tem contraste.” Portanto, sem a menor vertigem, “o livro não é só o companheiro amigo, que instrue, que diverte, que consola.”<sup>587</sup>

O *Casa-Grande...*, apesar do temor de Gilberto Freyre de vê-lo cassado, durante a troca de provas com Rodrigo Melo Franco de Andrade, serviu de referência ao propósito de unidade nacional conclamado pelo Estado:

É [...] dever do Estado proteger o livro, não só promovendo e facilitando a sua produção e divulgação, mas ainda vigilando [sic] no sentido de

---

<sup>585</sup> Vide Decreto-Lei nº 93 de 21 de dezembro de 1937. Disponível em: [www2.camara.leg.br](http://www2.camara.leg.br). Acesso em: 07/01/2013.

<sup>586</sup> GALUCIO, Andréa Lemos Xavier. A Política Editorial do ‘Instituto Nacional do Livro’ no Regime Militar. In: *Anais do III Seminário Políticas Culturais*, 2011, p. 01. Disponível em: [www.culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa](http://www.culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa). Acesso em: 07/01/2013.

<sup>587</sup> Carta de intenção do Ministério da Educação e Cultura, Gustavo Capanema, à concepção do Instituto Nacional do Livro – INL, de 15 de dezembro de 1937. Centro de Documentação de Fundação Gilberto Freyre.

que ele seja, não o instrumento do mal, mas sempre o inspirador dos grandes sentimentos e das nobres causas humanas. Para tais objetivos, será conveniente a criação do Instituto Nacional do Livro. Submeto à elevada consideração de V. Ex<sup>a</sup> um projeto de decreto-lei, dispondo sobre a demanda. Reitero-lhe os meus protestos de respeitosa estima. Gustavo Capanema.<sup>588</sup>

As discussões circundantes à política nacional do livro não foram indiferentes para José Olympio. O homem que nos inícios de sua profissionalização junto aos livros adquiriu, com apoio do capital de amigos, as bibliotecas de Alfredo Pujol e Estevão de Almeida. Estabelecendo-se comercialmente à Rua da Quitanda, nº 19, em 29 de novembro de 1931, na cidade de São Paulo.<sup>589</sup>

O proclamo da Comissão Nacional do Livro Didático, decreto-lei nº 1006 de 30 de dezembro de 1938, perpassou a escrita da carta do editor remetida para Gilberto Freyre: artefato cuja historicidade intui a tentativa de reafirmação do empresário no mercado de livros e a conciliação entre a qualidade daquilo que era publicado e a decorrente expansão do público leitor. José Olympio, portanto, não deixou escapar às novas páginas editoriais. Octávio Tarquínio de Sousa, em carta de 08 de dezembro de 1943, noticia ao seu correspondente Gilberto Freyre sobre o livro escrito em parceria com Sérgio Buarque de Holanda: “uma ‘História do Brasil’, didática”<sup>590</sup>. Em resumo: a editora e a política editorial, os intelectuais e os livros de ensinar.

Os “livros brasileiros” pareciam não implicar mais em bons resultados de vendas; sinônimo “de negocio editorial” pouco vultoso. Logo, se o livro é bem distribuído o livro é bem vendável. Por outro lado, o bom autor, se desconhecido, não implica na conversão automática de boas vendas. Resultado: prejuízo editorial. José Olympio desejava precaver-se dos embaraços comerciais. A menção ao livro *Memórias de um Senhor de Engenho* do escritor pernambucano Julio Belo, na carta de 04 de abril de 1938

---

<sup>588</sup> Carta de intenção do Ministro da Educação e Cultura, Gustavo Capanema, à concepção do Instituto Nacional do Livro..., 1937.

<sup>589</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 475.

<sup>590</sup> Fragmento da Carta de Octavio Tarquínio de Sousa para Gilberto Freyre de 08 de dezembro de 1943. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

para Gilberto Freyre, explana com propriedade este raciocínio: “se você estiver com o Julio Bello diga-lhe que finalmente sairá o seu livro de Memórias, mas que o momento me impõe uma tiragem nunca superior a mil exemplares.”<sup>591</sup>

Na carta de Octávio Tarquínio de Sousa, de 1943, fica patente o crescimento do catálogo da Livraria José Olympio Editora. Uma lista de títulos cuja “velocidade de publicação [...] [acerava] o crescimento relativo das apostas de venda rápida mediante a compra de produtos de autores já consagrados, temas em voga e de venda segura”<sup>592</sup>. Quando José Olympio discorreu na carta de 1938, o destaque para a publicação do livro “Assucar” – o livro dos “vagares de regalo”<sup>593</sup> –, também ansiava pela “apresentação popular” dos novos títulos da editora, permitindo evidenciar ainda a abertura comercial para as encomendas de livros importados conforme antevia uma das propostas da carta de intenções de Gustavo Capanema.

A carta de José Olympio remedita a Gilberto Freyre, de 04 de abril de 1938 e postada via aérea, informando as edições de *Assucar* e de *Tia Evelina*, matizava, repito, o recrutamento de trajetos de consumo até então não ladrilhadas. Em informativo da Livraria José Olympio Editora as duas obras sobressaltam, reclamam olhares. São livros que, cada qual com a sua especificidade, tinham o foco voltado para um público amplo de leitores.

A estratégia de vendas da Livraria José Olympio Editora incluía promover a política de diversificação de seu catálogo. Os anúncios de quarta capa confirmavam o interesse do editor em publicar livros de autores brasileiros versáteis no trato com temas, à primeira vista, simplórios. As chamadas de

---

<sup>591</sup> Trecho da *Carta* de José Olympio para Gilberto Freyre, de 04 de abril de 1938. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>592</sup> SORÁ, Gustavo. *Brasilianas...*, 2010, p. 293.

<sup>593</sup> FREYRE, Gilberto. Introdução. In: *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 61. Antecipando-se, ou melhor, respondendo aos comentários, anotou Gilberto Freyre: “Se este livro parecer demasiadamente frívolo ao leitor que não goste de doce, que ele se recorde daquele conceito de Eduardo Prado sobre o paladar, citado por Oliveira Lima nas suas ‘Memórias’. O paladar defende no homem a sua personalidade nacional. E dentro da personalidade nacional, a regional, que pretende o indivíduo de modo tão íntimo às árvores, às águas, às igrejas velhas do lugar onde ele nasceu, onde brincou menino, onde comeu os primeiros frutos e os primeiros doces, inclusive os doces e os frutos proibidos”. [FREYRE, Gilberto. *Açúcar...*, 2002, p. 64-65]

propaganda dos livros *Tia Evelina* e de Gilberto Freyre, são claras quando comunicam em tom duplo: estratégia para manter os leitores já identificados com o selo e, por extensão, conquistar outros tantos. E, neste caso, o público feminino. Daí, a chamada: “os melhores livros de arte culinária” ilustrados e, claro, com “receitas para você”. O *Tia Evelina*, a propósito, está na “3ª edição revista”. Trata-se, enfim, de um “livro adotado na Escola Normal da Baía e no Instituto de Educação Familiar e Social do Rio de Janeiro[.] O mais famoso livro brasileiro de arte culinária. Consagrado pelo povo com milhares de exemplares vendidos.”<sup>594</sup> Traz receitas para diversos preparos de

abstinência, saladas, salgados para chá e ‘cocktails’, doces, bolos e biscoitos, tortas, pães e pãezinhos. Enfim: mil e uma guloseimas deliciosas. Um rosto alegre depende de uma boa alimentação. A dona de casa que conhece os segredos da arte culinária tem um lar feliz. A TIA EVELINA, por intermédio de RECEITAS PARA VOCÊ, LHE ENSINARÁ os melhores e mais nutritivos pratos, e com a maior economia. Volume cartonado, letras grandes, fáceis de ler. Tem índices completos, com os quais se acha logo o prato ou a sugestão desejada.<sup>595</sup>

Quanto ao livro de Gilberto Freyre, *Açúcar*, lê-se:

Receitas de bolos e doces dos engenhos do Nordeste

Traz dezenas e dezenas de receitas dos deliciosos bolos, doces, sequilhos, bolinhos, sorvetes, broas do Nordeste, coligidas pelo ilustre sociólogo. É um livro que devem ter os estudiosos, pois há um excelente trabalho de sociologia da alimentação brasileira, e as donas de casa que desejem preparar os doces e bolos saborosos da cozinha nordestina. AÇÚCAR traz 59 ilustrações. Preço – 6\$.<sup>596</sup>

Na forma do livro, o texto intitulado *Açúcar* foi publicado sob o preceito da Coleção Documentos Brasileiros: constituir o inventário das letras nacionais. Na quarta capa do exemplar da primeira edição, uma das chamadas de

---

<sup>594</sup> SORÁ, Gustavo. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2010, p. 292.

<sup>595</sup> SORÁ, Gustavo. *Brasilianas...*, 2010, p. 292. [caixa alta conforme o original]

<sup>596</sup> As palavras em caixa alta constam no documento. Reproduzido em: SORÁ, Gustavo. *Brasilianas...*, 2010, p. 292. [caixa alta conforme o original]



propaganda aos leitores induzia o olhar para este objetivo quando elenca quatro títulos da autoria de Euclides da Cunha. São eles: “Canudos – Diário de uma expedição. Perú versus Bolívia – 2ª ed. São Paulo – Estudos. Brasil e Perú – 2ª ed. Estudos Nordestinos. O Brasil no século XIX – Estudos.”<sup>597</sup> E sobre o inventário das letras, um trecho da introdução de Gilberto Freyre ao livro *Canudos* reforça a intenção anunciada:

recolhendo na ‘Coleção Documentos Brasileiros’ os trabalhos de Euclides da Cunha inéditos ou dispersos pelos jornais e empreendendo a reedição dos livros esgotados, a Livraria José Olympio Editora dá ao brasileiro de hoje a oportunidade ampla – que não teve o de ontem – de ver em Euclides, não o autor<sup>598</sup> glorioso de uma obra única, mas uma das personalidades mais fortes, mais criadoras e mais ricas de substância humana e de essência brasileira que já passaram pelas letras, pela cultura e pela vida do Brasil.<sup>599</sup>

Os correspondentes de Gilberto Freyre concatenaram a rede de intelectuais que de modo frequente rezingavam da rotina exigida pela existência prática: José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Octávio Tarquínio de Sousa etc. Reclamavam, inclusive, da falta de tempo para escrever cartas. Responder ou noticiar aos amigos. Octávio Tarquínio de Sousa, na carta de 08 de dezembro de 1943, não reclamara, mas regozijara-se da nova fase da vida: poder escrever sem interrupções. Sem amarras: “Querido Gilberto, [...] não sei se sabe que me aposentei do Tribunal. Foi ótimo para mim. Tenho agora o tempo livre para outros trabalhos. [...] Nesta segunda metade de 1943 escrevi com o Sergio Buarque uma ‘História do Brasil’, didática, para o José Olympio”.<sup>600</sup>

A Livraria José Olympio Editora, sinônimo de representatividade “da cultura nacional impressa”<sup>601</sup>. Fundada em 1931 na cidade de São Paulo, avolumara o nome no mercado de livros com o lançamento da Coleção

---

<sup>597</sup> Reclame da quarta capa da primeira edição do livro *Açúcar*.

<sup>598</sup> A palavra “autor” aparece com o seguinte sentido: aquele que é o inventor de um feito único. [grifo meu]

<sup>599</sup> Da quarta capa da primeira edição do livro *Açúcar*.

<sup>600</sup> Carta de Octávio Tarquínio de Sousa para Gilberto Freyre, de 08 de dezembro de 1943. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>601</sup> SORÁ, Gustavo. *Brasilianas...*, 2010, p. 29.

Documentos Brasileiros nos idos de 1936. Na soleira da convergência dos intelectuais para a cidade do Rio de Janeiro, José Olympio Pereira Filho, mudara-se para a capital da República. A editora, de modo progressivo, ano a ano, divulgou títulos inéditos ou não. Adquiriu o estatuto de maior instituição em número de edições publicadas no Brasil de então.

Gilberto Freyre chancelou dezoito edições da coleção que teve por símbolo a palmeira imperial: o laivo forte de uma editora que se traduzia no desejo de “todo escritor [...] ser [por ela] editado, como [a] antessala de ingresso a um panteão de nomes e mensagens representativos da nação”<sup>602</sup>. Entretanto, o acolhimento dos textos de Freyre em meio à rede de intelectuais, tramada na Rua do Ouvidor, dava-se nas negociações. O escritor reclamava dos atrasos os mais variados quanto aos prazos de publicação; ansiava pelos repasses monetários correspondentes aos direitos autorais.

A partir do exemplar dezenove a Coleção Documentos Brasileiros passou ao comando de Octavio Tarquínio de Sousa. Os títulos supervisionados por Gilberto Freyre, foram: 1 – *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda; 2 – *Memórias: estas minhas reminiscências* (1937), de Manuel de Oliveira de Lima; 3 – *Bernardo Pereira de Vasconcelos e seu tempo* (1937), de Octavio Tarquínio de Sousa; 4 – *Nordeste* (1936), de Gilberto Freyre; 5 – *O outro Nordeste* (1937), de Djacir Menezes; 6 – *No Rolar do Tempo* (1937), Alberto Rangel; 7 – *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa* (1937), de Afonso Arinos de Mello Franco; 8 – *A Sabinada* (1938), de Luís Viana Filho; 9 – *Basílio Machado (1848 – 1919)* (1937), de Alcântara Machado; 10 – *O Romance Brasileiro: as suas origens e tendências* (1938), de Olívio Montenegro; 11 – *Memórias de Um Senhor de Engenho* (1938), de Julio Belo; 12 – *Diário de Notas Autobiográficas* (1938), de André Rebouças; 13 – *A Vida Dramática de Euclides da Cunha* (1938), de Eloy Pontes; 14 – *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos* (1938), de Lindolfo Collor; 15 – *A Morfologia do Homem do Nordeste* (1939), de Álvaro Ferraz e Andrade Lima Júnior; 16 – *Canudos* (1939), de Euclides da Cunha; 17 – *Pará versus Bolívia* (1939), de Euclides da

---

<sup>602</sup> SORÁ, Gustavo. *Brasílianas...*, 2010, p. 29.

Cunha; 18 – *História de dois Golpes de Estado* (1939), de Octavio Tarquínio de Sousa.

José Olympio, nos preparativos para a segunda edição do *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*, volume 34, de 1942, viabilizou recursos à compra da propriedade na qual Gilberto Freyre residiu por quarenta e seis anos: “pode fazer o negocio do terreno. Para o mês v. poderá ter aí os 20 contos (os direitos de Região<sup>603</sup> e o restante como adiantamento)”<sup>604</sup>. Negociar não apenas para publicar, mas para afluir proventos materiais, feito das relações, subjacentes, cruzadas entre o editor e o seu autor. Viver da escrita requeria de Gilberto Freyre produção intensa. Publicar, portanto, exprimia fiança para a escrita como ofício ao sustento.

Em 20 de março de 1941, José Olympio escreve a Freyre a decisão de publicar “o Guia do Recife inteiramente novo”. Uma iniciativa compartilhada com Luís Jardim: “ele fará 40 ilustrações novas, todas em preto”: serão vinte e sete “desenhos pequenos” e dez “grandes”. Além de um “frontespício para a folha de rosto”, uma “vinheta e um fim de página.”<sup>605</sup> As negociações em torno de uma nova edição incluía a imposição com ares de sugestão. Refiro-me, em particular, às estratégias de mercado antevistas pelo editor, a exemplo da subdivisão do texto em capítulos e da antecipação de novos projetos, publicações, inseridos no diálogo epistolar sempre que oportuno. Assuntos em cadeia.

Meu caro Gilberto.

Você o que acha, posso combinar? Vou mandar copiar imediatamente o guia para mandal-o a v. para fazer os acréscimos, etc. Não acha v. conveniente abrir capítulos? Você o que acha de incumbirmos o Jardim de fazer novas ilustrações para o Guia de Olinda, lançando o livro bem diferente da edição de luxo, como vamos fazer com o Guia de Recife?

---

<sup>603</sup> Menção ao livro *Região e Tradição*, publicado no ano de 1941, pela Livraria José Olympio Editora.

<sup>604</sup> *Carta*, datilografada em papel timbrado da Livraria José Olympio Editora, de José Olympio para Gilberto Freyre, remetida em 20 de março de 1941. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>605</sup> *Carta* de José Olympio para Gilberto Freyre de 20 de março de 1941. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

Quero a sua palavra sobre isso. Aguardo sua resposta. Mais um abraço nosso<sup>606</sup>. José Olympio[.]<sup>607</sup>

No trâmite das articulações intelectuais os instrumentos de publicação são registros da confluência de escritores balizados pela parceria e às vezes amizade: a “amizade epistolar”<sup>608</sup>. A Livraria José Olympio Editora tornou-se um equipamento de disputas e projeção editorial. Gilberto Freyre é marco significativo disso. Sabia ele dos infortúnios reclamados pelos escritores que não compartilharam de todo, perenemente, da projeção social de uma editora que abrangeu década após década do século XX.

A Documentos Brasileiros fez-se longeva tanto quanto a Livraria José Olympio Editora. As relações entre os escritores também experimentaram da longevidade, o que garantiu a Gilberto Freyre a publicação de seus livros em fases diferentes da editora, ou melhor, em momentos distintos da Documentos Brasileiros. Se um dos objetivos da coletânea incorria na divulgação de estudos que descrevessem e evidenciassem os contornos do Brasil, Freyre recorreu à investigação do passado português; e da expansão e domínio portugueses. O passado que, segundo ele, conferiu-nos o estatuto da civilização. *Aventura e Rotina*<sup>609</sup>, o livro que adveio da “viagem que foi quase uma aventura”<sup>610</sup>, é parte deste seu interesse conforme supõe o subtítulo: “sugestões de uma viagem a procura das constantes portuguesas de caráter e ação”<sup>611</sup>. Ainda sob a direção

---

<sup>606</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 20 de março de 1941. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>607</sup> Carta, datilografada em papel timbrado da Livraria José Olympio Editora, de José Olympio para Gilberto Freyre, remetida em 20 de março de 1941. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>608</sup> BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. *Através do atlântico...*, 2011, p. 15.

<sup>609</sup> “Volto à rotina do meu retiro de Santo Antonio de Apipucos. Trago os olhos cheios de Portugal: do Portugal que revi na Europa e do que entrevi no Oriente e nas Áfricas, em Cabo Verde e São Tomé. Do Portugal que revi em Lisboa e em Coimbra, no Porto e em Alcobaça, no Ribatejo, no Alentejo, no Minho, no Algarve, e em Trás-os-Montes, nas terras do Douro. Da presença portuguesa em Orientes e Áfricas.” [FREYRE, Gilberto. Prefácio à primeira edição de *Aventura e Rotina*. In: *Aventura e Rotina...*, 3ª ed., 2001, p. 29.]

<sup>610</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à primeira edição de *Aventura e Rotina*. In: *Aventura e Rotina...*, 3ª ed., 2001, p. 29.

<sup>611</sup> Da folha de rosto da primeira edição do livro *Aventura e Rotina*.

de Octavio Tarquínio de Sousa, o *Aventura e Rotina* fora publicado, em 1953, como o volume setenta e sete da coleção e com vinte e duas ilustrações.

Também é do ano de 1953 o livro *Um Brasileiro em terras Portuguesas*<sup>612</sup>: *introdução a uma possível lusotropicologia. Acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico*, mas é anterior ao *Aventura e Rotina*. Consta no catálogo da coleção como volume de número setenta e seis: “com 22 fotografias e outros documentos”<sup>613</sup>.

Note-se das viagens de que *Aventura e Rotina* é uma espécie de diário que resultaram noutro livro, também aparecido, em suas primeiras edições – no Rio e em Lisboa – em 1953: *Um brasileiro em terras portuguesas*. E que num e noutro vem pioneiramente destacado o então, de modo algum surpreendido por outros observadores, começo do grande surto islâmico em Orientes e em Áfricas. O então começo de uma revolta de mágicos contra lógicos. De gentes de cor contra domínios culturais de brancos.<sup>614</sup>

Após a passagem de Gilberto Freyre e Octavio Tarquínio de Sousa pela direção da Documentos Brasileiros, Afonso Arinos de Melo Franco assumiu o cargo mediante o convite de José Olympio. As condições da editora foram expressas em carta-convite de 29 de agosto de 1961: “caso as sua ocupações lhe permitam dar a sua preciosa colaboração à nossa Casa, dirigindo a nossa já tradicional coleção de estudos brasileiros, exponho a você as normas – deixando evidente que são “exatamente as mesmas que vigoraram em relação aos dois primeiros diretores, Gilberto Freyre e Octavio Tarquínio”<sup>615</sup>. Portanto, logo abaixo, as cláusulas e condições do cargo de direção:

---

<sup>612</sup> Ante o subtítulo extensivo e indicativo, destaco: não é acertado limitar os textos e, consecutivamente, seus livros à uma análise planificada, linear. Se assim for feita, a mesma análise incorrerá em “uma narrativa das origens, comum em livros de memória e congêneres.” Gilberto Freyre desejou ser referência, antecipação. Para tanto, os trajetos que seguiu para concretizar seus intentos não se restringiram à uma reta. E nem poderia. Referência do trecho entre aspas: RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A maquinação*. In: *A poeira do passado...*, 2014, p. 118.

<sup>613</sup> Da folha de rosto da primeira edição do livro *Um brasileiro em terras portuguesas*.

<sup>614</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio a uma nova edição brasileira de *Aventura e Rotina*: a de 1980. In: *Aventura e Rotina...*, 2001, p. 26.

<sup>615</sup> PEREIRA, José Mário. *O editor e sua casa...*, 2008, p. 383-384.

a) comissão de 2% sobre o preço de venda do livro, em brochura, incluído na Coleção Documentos Brasileiros. b) Essa comissão lhe será creditada depois de efetuada a venda dos livros, sendo feita anualmente, em janeiro, uma prestação de contas relativa às vendas do ano anterior, ocasião em que lhe será pago o saldo existente a seu favor. c) Por conta da comissão, a Casa lhe fará um adiantamento mensal de 20 mil cruzeiros. d) A Casa só poderá editar, na Coleção Documentos Brasileiros, os livros aprovados pelo seu editor. Poderá, entretanto, deixar de publicar os que, apesar de aprovados pelo diretor, forem pela Casa julgados como de venda duvidosa ou difícil, sem base comercial, por consequência.<sup>616</sup>

E ainda acrescenta:

devo dizer a você que temos ainda a publicar alguns originais cuja inclusão na Coleção Documentos Brasileiros já havia sido aprovada pelo Tarquinio. Evidentemente, para saírem sob sua chancela, serão submetidos à sua apreciação, e você depois confirmará se devem ou não figurar nela. Esclareço que não poderão sofrer veto os livros já publicados na coleção e que a Casa tiver de reeditar. Certos de termos a grande alegria e honra de você nos dizer SIM a este convite, aqui se despede do novo diretor, em nome da Casa, o seu velho amigo.<sup>617</sup>

Em artigo de 1969, 'Recordação de Gilberto Amado, o Recifense', publicado na *Revista Brasileira de Cultura*, Freyre discorre sobre os reclames do escritor sergipano Gilberto Amado (1889 – 1969) referente à relação deste com a Livraria José Olympio Editora. Autor, primo de Jorge Amado, de *As Instituições Políticas e o Meio Social do Brasil*, de 1924, e de *Eleição e Representação*, do ano de 1932. No necrológio, Gilberto Freyre faz a vezes de defensor da memória de Gilberto Amado: “compreendo que Gilberto Amado”, um “brasileiro de Sergipe nascido de nôvo no Recife e, mais do que isto, um “homem que envelheceu vencendo o tempo e nascendo de nôvo toda manhã”: “amanhecendo para a vida”, mas lamentava “por vêzes que seus livros,” vários

---

<sup>616</sup> PEREIRA, José Mário. *O editor e sua casa...*, 2008, p. 383-384.

<sup>617</sup> PEREIRA, José Mario. *O editor e sua casa...*, 2008, p. 383-384.

deles “esgotados nas livrarias, não estivessem sendo ‘reeditados’”<sup>618</sup> com regularidade.

Tratava-se do obscurantismo de um intelectual injustiçado ou de um caso que exemplifica a seleção de nichos de mercado perpetrada pelas editoras? Manter-se nos catálogos não parecia indicar que fosse fácil para ninguém, mas é fato que, embora a demanda por livros oscilasse bruscamente, existiam autores, apesar das adversidades, vendáveis. Para Gilberto Freyre, mesmo sob as regras de escrita de um necrológio, afirma, com veemência, o seguinte:

queixava-se do seu e meu amigo José Olympio que até certo ponto merecia ser advertido dessa incúria, muito menos dêle, sempre admirável em suas relações com os escritores mais autênticos no Brasil, que da editôra, por êle criada, e hoje complexa e grandiosa. As editôras são como os jornais: quando crescem muito, tendem a quase matar, como indivíduos, não só os grandes editôres como os seus grandes editados. Os jornais, quando se tornam grandes emprêsas, tendem a tornar impossíveis os grandes jornalistas: os efetivos e os colaboradores. Só conheço uma exceção: a do extraordinário em tudo que foi, até o fim da vida, Assis Chateaubriand<sup>619</sup>.

Livro inaugural da Coleção Documentos Brasileiros é também *Raízes do Brasil* parte do vínculo entre os membros do “movimento intelectual”<sup>620</sup> e fraterno. Membros confluentes e divergentes. Solícitos, incisivos, efusivos, sentimentais, parceiros. O projeto de Brasil que traçavam não negligenciava a condição de escritores, autores que eram. Interesse primaz nos recônditos do mercado editorial.

A postura de José Olympio à frente dos negócios editoriais foi, decerto, a de nacionalizar-se. Tanto na tomada de uma postura de um número ampliado de títulos do catálogo da editora quanto na abrangência de uma rede de representação de vendas dos livros. Publicar escritores de diferentes regiões

---

<sup>618</sup> FREYRE, Gilberto. Recordação de Gilbert amado, o Recifense. In: *Revista Brasileira de Cultura*. Rio de Janeiro: MEC/Conselho Federal de Cultura, ano 1, nº 2, outubro/dezembro, 1969, p. 135. [grifo meu]

<sup>619</sup> FREYRE, Gilberto. Recordação de Gilberto Amado, o Recifense..., 1969, p. 135.

<sup>620</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição..., 1936, p. v.

do país indicava maior projeção deste desígnio. Manteve ponto de vendas em cidades como: Rio de Janeiro, Avenida Nilo Peçanha, nº 12, 6º andar; São Paulo, Rua dos Gusmões, nºs, 100-104; Belo Horizonte, Rua São Paulo, nº 684; Recife, Rua do Hospício, nº 155, Boa Vista, mas, anos depois, transferiu-se para a Avenida Visconde de Suassuna, 562, Santo Amaro; Porto Alegre, Rua dos Andradas, nº 717.

A Documentos Brasileiros deu a Gilberto Freyre a inserção, sistemática, no mercado editorial. Permitiu à sua consolidação como autor: cânone, lugar social, proventos com regularidade. Tornou-se um profissional cujo reconhecimento passava, indubitavelmente, pelo amparo dos direitos autorais prescritos pela Livraria José Olympio Editora. Por mais que o ofício de escritor – pertencente à uma tradição<sup>621</sup> – o concedesse um nome legítimo, a sua condição de autor, por outro lado, foi garantida pela propriedade do intelecto, do indivíduo pleno: o reconhecimento legal; a jurisdição das cláusulas da autoria.

---

<sup>621</sup> “Se pertença como escritor, com possíveis, embora discutíveis, virtudes literárias, como também discutível, admito ser minha condição de analista – dentro da tradição, também ibérica, de Vives – a um tempo científico e humanístico, do Homem, isto é, de um tipo de homem situado, e, ainda, como possível intérprete de uma sociedade e de uma cultura também situadas”. [FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou escritor...*, 1965, p. 17.] [grifo meu] Sobre o grifo da citação: menção de Gilberto Freyre ao humanista espanhol Juan Luis Vives [1492-1540].



### 3.3 – Gilberto Freyre: autor com “obras reunidas” [1958 – 1969]

Na Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre foram agrupados diferentes títulos assinados pelo sociólogo recifense. *Casa-Grande...*<sup>622</sup>, o primeiro título da coleção, de 1958, e *Sobrados e Mucambos* já contavam com uma sequência de edições quando, em 1959, *Ordem e Progresso* tem a sua primeira edição lançada na coletânea homônima ao seu autor. Fazendo, assim, com que a acepção de trilogia fosse associada à biografia intelectual de um “homem de espírito e ciência”.<sup>623</sup> E é com a Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre que o cabeçalho “Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil” colaborou para reafirmar o ideário de legado, de referência primeira às consultas do leitor em busca do entendimento sobre o Brasil. Tratava-se, então, de mais um empreendimento do editor que usufruía do “cânone da cultura nacional impressa.”<sup>624</sup> E a imprensa, a cada novo título a ser lançado, as “edições da Livraria José Olympio Editôra eram reafirmadas como política editorial voltada aos autores definidos como referência. É o que supõe o anúncio do *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, de 17 de maio de 1960: “nas livrarias mais um lançamento nas ‘Obras Reunidas de Gilberto’”, “Olinda: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira”. Livro “com 03 ilustrações de Manoel Bandeira”. Já na “3ª edição” e “em formato especial, revista, atualizada e aumentada”<sup>625</sup>. Segundo o anúncio, os títulos até então publicados eram:

---

<sup>622</sup> Edições do *Casa-Grande...* publicadas na Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre: a nona edição de 1958; a décima edição é de 1961; a décima segunda é de 1964; a décima terceira é de 1966; a décima quinta é de 1969. A sequência apresentada tem duas lacunas: a décima primeira foi publicada pela Editora Universidade de Brasília, de 1963; e a décima quarta, com duas tiragens em anos distintos, 1966 e 1970, pela Imprensa Oficial de Pernambuco.

<sup>623</sup> ROSA, João Guimarães. Documentos Brasileiros: Gilberto Freyre. In: *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 208.

<sup>624</sup> SORÁ, Gustavo. A arte da amizade: José Olympio, o campo de poder e a publicação de livros autenticamente brasileiros. In: *Antropolítica*, Niterói, nº 30, 1º sem., 2011, p. 50.

<sup>625</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 de maio de 1960.

outros livros lançados nas Obras Reunidas de Gilberto Freyre [:] *Ordem e Progresso* – 2 volumes ilustrados. *Problemas Brasileiros de Antropologia* – 2ª edição revista e aumentada, com ilustrações. *Casa-Grande & Senzala* 9ª edição revista e ampliada – 2 volumes. *O Velho Félix e suas Memórias de um Cavalcanti* – Prefácio de Lourival Fontes – edição ilustrada.<sup>626</sup>

Tanto para o editor quanto para o autor, a Obras Reunidas de Gilberto Freyre foi configurada como uma coleção de títulos: referências da autoridade da escrita prevista e circunscrita pelo catálogo editorial e, conseqüentemente, atendendo ao propósito de produto de consumo. Para o editor, designada à venda, ao autor, antemão, aos direitos autorais. Distinguindo-se de uma coleção de livros. E os livros são “destinados não só à leitura, mas também à contemplação, à admiração”<sup>627</sup>, ou seja, valorados como objeto<sup>628</sup> e posse<sup>629</sup>.

Uma vez iniciada com a nona edição do *Casa-Grande...*, a coleção findou com o aparecimento da décima quinta edição do mesmo título<sup>630</sup>. Linha cronológica que, apesar do intervalo entre uma edição e outra, priorizou o encadeamento da trilogia como uma série a ser destacada no interior da coletânea. Por certo, assim o foi já que a editora instituiu o projeto “Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil” como parte da sua orientação técnica, da sua política editorial. O espelho do primeiro volume, por exemplo, da segunda edição do *Ordem e Progresso*, de 1962, trouxe ao leitor um recurso de esclarecimento e de coordenada à leitura que iria realizar. E, ao mesmo tempo, serviu de anúncio do livro que estava por vir: *Jazigos e covas*

---

<sup>626</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 de maio de 1960.

<sup>627</sup> VENANCIO, Giselle Martins. *Objetos da arte da palavra: livros brasileiros na Coleção Eurico Facó (1815 – 1900)*. In: *Impresso no Brasil...*, 2010, p. 490.

<sup>628</sup> “Livros são lembrados pelas palavras que portam, pelas mensagens que transmitem, pelos sentimentos que fazem brotar naqueles que os leem. Mas são lembrados também pelas suas formas, pela sua encadernação, pelo seu valor como objeto.” [VENANCIO, Giselle Martins. *Objetos da arte da palavra: livros brasileiros na Coleção Eurico Facó (1815 – 1900)*. In: *Impresso no Brasil...*, 2010, p. 489.]

<sup>629</sup> “Livros podem ser, portanto, lembrados e guardados não apenas por aquilo que portam, mas também pelo que são: objetos da arte da palavra.” [VENANCIO, Giselle Martins. *Objetos da arte da palavra: livros brasileiros na Coleção Eurico Facó (1815 – 1900)*. In: *Impresso no Brasil...*, 2010, p. 489.]

<sup>630</sup> Publicada no ano de 1969.

rasas: sepultamento e comemoração dos mortos no Brasil patriarcal e semi-patriarcal, mas que acabou não sendo publicado.

Freyre retrucava, aceitava sugestões dos leitores. Debatia, mediante os prefácios, os métodos e recursos de pesquisa empregados à escrita do ensaio e, assim, ia alargando os limites de proeminência da coleção. Em nota de pé de página, a um prefácio do *Ordem e Progresso*, de 1962, lê-se um fragmento do diálogo estabelecido entre o autor e seus leitores:

a pedido de vários críticos e de alguns leitores, vai aqui publicado o questionário que serviu de base às autobiografias provocadas de que tanto se serviu o autor de *Ordem e Progresso* na elaboração deste seu livro: 1. Nome. 2. Lugar onde nasceu (com descrição do mesmo lugar no tempo da sua meninice). 3. Escola ou colégio que frequentou (métodos, professores, colegas, castigos, brinquedos, jogos, trotes, livros escolares, estudo de Gramática, de Caligrafia, de Matemática, festas cívicas, etc.). 4. Brinquedos, camaradagens, jogos e leituras de menino fora da escola. 5. Quais os seus heróis do tempo de menino? 6. Por que se fixou na profissão que veio a seguir? Onde fez os estudos profissionais? Professores, escolas e leituras desse período? 7. Qual a sua impressão da República ao tempo da sua meninice e adolescência?<sup>631</sup>

A publicação dos ensaios, insisto, dos textos fazendo-se livros, não se resumiram a um conjunto de exemplares numerados e independentes entre si. O que foi posto, no diálogo epistolar entre Freyre e Olympio, dizia respeito à edição de títulos que estivessem prontos a debater: autor vivo e atuante quanto aos procedimentos de fabrico e recepção de seus livros. Quando uma coleção é póstuma, o autor não rebate e nem se impõe.

A Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre oportunizou o rebate às críticas e a acolhida de sugestões dos leitores: em meio a estes incluía-se a crítica. Algo potencializado e passível de ser atendido: coleção em andamento; contínua; não póstuma. Daí o ofício de escritor ter adquirido estatura na condição de autor experimentada por Gilberto Freyre. Com os seus livros publicados no formato de coletânea, portanto, traduziu-se na sublevação de um escritor de reconhecido galardão. Mas, cabe esclarecer, a chancela editorial

---

<sup>631</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 2ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 1962, p. XVIII-B.

não foi etérea quanto à feitura da condição de autor acoplada à biografia de Gilberto Freyre. Trata-se, afinal, do contrário. Os diálogos e negociações, entre o editor e o editado, evidenciavam tensões entre as partes. Balizavam os desejos e as potenciais [im]possibilidades de editar um ensaio na forma do livro.

As cartas trocadas entre Freyre e Olympio dizem o que os livros, quando depositados nas prateleiras das livrarias, não dizem. É preciso frisar também: a coletânea Obras Reunidas de Gilberto Freyre, chamada também de Gilbertiana<sup>632</sup>, que abrangeu, repito, de fins da década de 1950 aos fins do decênio de 1960, não compilou, de uma só vez, o montante de livros já publicados pelo autor, mas os mesmos títulos já publicados só que em novas edições e tiragens, além dos ainda por publicar, inéditos. Isto é: uma coletânea expansiva e não, como de costume, finda e esgotada em si.

Como proposta editorial, a coleção reforçava a ideia do lugar inaugural que os textos/livros do escritor-autor ocupavam: “na obra sociológica de Gilberto Freyre aprende-se Brasil como se aprende uma ciência nova.”<sup>633</sup> Tratá-los, então, considerando a opinião de Cassiano Ricardo, como um inventário de interpretação do país, condizia com a “vocação” da Livraria José Olympio Editora que era a de voltar-se para a “literatura nacional”<sup>634</sup>. A feitura de um cânone pressupõe justificativas e anteparos (o produto livro, o editor, a editora, a crítica) para fundamentar-se. De todo modo, ao ser tema de uma coleção, Freyre foi favorecido pelo significado simbólico “da individualização do escrever” através dos feitos da escrita, da “originalidade da obra literária”; permitindo-lhe atingir o estamento da “consagração do escritor”<sup>635</sup> em seus mais diferentes contornos.

---

<sup>632</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 06 de novembro de 1958. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>633</sup> Cassiano Ricardo para o reclame, de quarta capa, da segunda edição do *Quase Política*, de 1966.

<sup>634</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 2012, p. 488.

<sup>635</sup> CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor...*, 2014, p.10.

Sob a generalidade “literatura nacional”<sup>636</sup>, Freyre fincou sua poltrona de escrever entre os escritores somados, credenciados pela José Olympio. Constar em uma coleção não é o mesmo que ser uma coleção. Freyre fez-se coleção. Reesquadrinou a sua posição de autor a partir das “obras selecionadas”<sup>637</sup> que o integrava ao preceito de ser um membro da “literatura nacional”.

O olhar de Gilberto Freyre sobre as etapas de feitura dos livros que conseguiu publicar era detido. Opinava, inclusive, quanto à diagramação e ao tipo tipográfico, por exemplo. São aparos da mensuração técnica, aportes de fomentação estética. Entretanto, é preciso alinhar um adendo: trata-se de algo distinto do “momento estético” a que se refere Bernard Berenson. Para o historiador da arte norte-americano, “o momento estético é aquele instante fugaz, tão breve a ponto de ser quase infinito, em que o espectador está de acordo com a obra de arte que está olhando”.<sup>638</sup> De fato, não é isto somente. É a fomentação estética traduzida na forma que o livro irá apresentar, ou seja, é a ordem material assumida pelo texto ao tornar-se livro. É, em suma, a estética da técnica. É a ordem proposta, imposta, à leitura do impresso. É o fato de a materialidade do texto colocar-se em alinhamento com “as formas nas quais o” próprio “texto se inscreve”, ou se inscreverá, “na página.”<sup>639</sup>

A edição da Obras Reunidas de Gilberto Freyre, ou Gilbertiana, requereu do editado o empenho de justificar a importância do *Ordem e Progresso* tanto pelo texto quanto pela autoria. Entre os argumentos, o que se referia à sua

---

<sup>636</sup> Um adendo: “Já em 1937, um crítico, no *Anuário Brasileiro de Literatura*, escrevia a respeito da José Olympio: ‘Esta importante casa editora [...] veio continuando no mais belo programa editorial até hoje empreendido no Brasil. Seu fundador e proprietário, o maior editor nacional na mais lídima acepção da palavra, não tem poupado esforços ou economizado energias no sentido de converter a pequena ou, digamos com mais propriedade, a inexistente indústria do livro genuinamente brasileiro numa realidade brilhante... O editor reunira à sua volta os intelectuais mais proeminentes da cultura brasileira. Acolhia com prazer escritores novos e sempre se preocupava antes com oferecer uma chance ao autor que tivesse alguma contribuição à cultura brasileira do que com auferir lucros...’”. [HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 2012, p. 490-491.]

<sup>637</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 24 de março de 1960. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>638</sup> BERENSON, Bernard. Valor. In: *Estética e história*. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 82.

<sup>639</sup> CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor...*, 2014, p. 11.

sagração como *Doutor Honoris Causa* pela Universidade de Columbia, em 1954, e o que dizia respeito à universalidade do tema que motivou à sua escrita: o fator humano. Este segundo, pois, sublinhado pela crítica estrangeira como o maior mérito do estudo voltado ao período que abrangeu dos fins da escravidão à efetivação da República. Assim, por extensão, endossou-se a coletânea.

Caro J. O.:

Quando a Universidade de Colúmbia me deu o seu grau máximo foi de público considerada essa obra, entre outras coisas, 'obra monumental sobre a Escravidão' e 'sobre o desenvolvimento do Homem' – isto é – colocando-a num plano universal e não limitando-a ao Brasil. Acresce que não me parece que se deva descrever a Gilbertiana, sem diminuí-la, dando-a como apenas um conjunto de estudos brasileiros. Ela, bem ou mal, é mais do que isso, incluindo produções que não são estudos. Estou certo que v. e a Casa concordarão comigo. Não pode ser outro o empenho da Casa senão este: concordar com a crítica autorizada do país e do estrangeiro no máximo, e não no mínimo, a valorização dos seus editados. Como vê, o velhinho continua vaidoso e cuidadoso da própria glória. Que vocês, amigos velhos, sejam misericordiosos com ele.<sup>640</sup>

A proposta inicial de José Olympio, incluindo a trilogia, não constara em contrato. Os acordos eram muitas vezes verbais. Contudo, não bastava para Gilberto Freyre a tiragem dos seus três principais “estudos” (advindos da pesquisa), mas até mesmo a publicação dos demais ensaios: “produções que não são estudos”<sup>641</sup>. São relatos marejados pela nostalgia; atrelados à anacronia da memória afetiva do escritor. Ainda sobre os “estudos”, de acordo com Freyre, não poderiam se recusar a citar, sempre que oportuno, o reconhecimento dos “mestres universitários, em cursos de pós-graduação de ciência social ou antropologia; ou de história; ou de literatura, ou reconhecendo-o a seus alunos.”<sup>642</sup> Citações aproveitadas à construção da

---

<sup>640</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 06 de novembro de 1958. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada] [grifo simples do documento] [grifos duplos meus]

<sup>641</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 06 de novembro de 1958. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>642</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 6ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 732.

condição do autor. Isto é: das quais o autor deslumbrou proveitos, proventos e autoafirmação.

A Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre foi aparada nos recursos de apresentação do autor que a anunciava. A décima edição brasileira do *Casa-Grande...*, por exemplo, de 1961, que é, por sua vez, a décima primeira em língua portuguesa, indica quais os recursos mais frequentes à conformação do autor perante os leitores e a crítica: as “nota[s] da editora”, as fotografias ou desenhos de perfil do editado. Procedimentos do trato editorial. Fatos editoriais que expunham o aspecto recorrente nesta coleção: como os títulos não foram publicados de uma só vez, havia a necessidade de apelar, todas as vezes que um título/edição era somado ao catálogo da Livraria José Olympio Editora, para os mecanismos de apresentação, de reforço da imagem de Gilberto Freyre nos livros. Ou seja: a cada nova edição nas livrarias, a “aliteração” do escritor-autor era promulgada. “Os seus textos estão ligados a diversos tipos de materialidade.”<sup>643</sup> Chegaram ao porvir. São a posteridade do advento. São o resultado “cuidadoso da própria glória.”<sup>644</sup>

Conforme já adiantado, nos fins de 1958, ano anterior à publicação da primeira edição do *Ordem e Progresso*, Gilberto Freyre reclamou a José Olympio da necessidade de “ter mais outros livros, há tanto tempo cativos”<sup>645</sup>, publicados. Na lista do escritor, por conseguinte, constavam *Retalhos de papéis velhos* e *Quase política*: àqueles para além dos “estudos” e, portanto, mais próximos dos relatos de ideias e de memórias. Neste sentido, a partir da edição inaugural do *Ordem e Progresso*, Freyre manifestou seu interesse de republicar livros, e entre os já citados estava o *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, até então desaparecidos das prateleiras das livrarias. Por este motivo, a coleção foi sendo expandida e ultrapassando as eventuais resistências. Dentre elas, a polêmica em torno do “banquete por

---

<sup>643</sup> CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor...*, 2014, p. 11.

<sup>644</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 06 de novembro de 1958. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

<sup>645</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 06 de novembro de 1958. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

ocasião do lançamento”<sup>646</sup> do livro que completaria a tríade dedicada à “formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal”<sup>647</sup>.

A reclamação de Freyre não estava em acordo, é possível supor, com a cautela de Olympio ao sugerir um número reduzido de títulos a constarem na coletânea. Já em 1954, o editor escreveu, “no número 62 do *Jornal de Letras*, sob o título ‘Ainda existe crise do livro?’”<sup>648</sup>, o seguinte:

se ainda prevalece a crise do livro? É uma questão muito complexa. Na verdade, estamos vendendo mais livros, muito mais mesmo, mas com agentes vendedores de porta em porta, à procura dos freqüentes, no Brasil inteiro. As coleções de José de Alencar e Dostoiévski, e outras, são organizadas e editadas para serem vendidas por esse sistema. Através das livrarias, porém, estamos vendendo menos, muito menos. E vemos livrarias fecharem. Editamos hoje livros de literatura brasileira, desde a fundação de nossa Casa, em 1931, com as mesmas tiragens de 20 anos atrás. Por quê, pergunto eu, se o Brasil passou de 40 milhões para aproximadamente 60 milhões<sup>649</sup> de habitantes? Insisto num ponto: o problema do livro é um problema de governo. Educar o povo, ensiná-lo a ler. Porque realmente o que não existe no Brasil é o hábito da leitura, pelo menos de livros.<sup>650</sup>

Os livros produzidos com a tarja da coleção dependiam das vendas fora das livrarias, o que denota dizer que a editora deveria ir até o leitor e, por sua vez, convencê-lo da importância do título, do autor inscrito no produto livro. Isto é: o hábito da leitura não era suficiente, aos olhos de José Olympio, à abertura e manutenção de livrarias. Faltava-lhes o leitor consciencioso da relevância do exercício da leitura. Do ir à livraria pelos significados material e simbólico que a prática implica. Para além das rodas intelectuais e seus banquetes, o autor,

---

<sup>646</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 06 de novembro de 1958. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

<sup>647</sup> Subtítulo do livro *Casa-Grande & Senzala*.

<sup>648</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 43.

<sup>649</sup> “Pelos dados do Censo Demográfico de março de 1951, a população brasileira era então de 51.944.397 habitantes. A população em idade escolar, de 5 a 9 anos, era de 7.015.527. O número de matrículas no ensino primário totalizava 5.175.887. Mas o Censo mostra mais. O número total de matrículas em todos os graus de ensino somava 6.118.842. Este número considera todos os níveis, do primário ao superior, para uma população em idade escolar (de 5 a 19 anos) de 18.826.409. A taxa de analfabetismo era da ordem de 52%.” Disponível em: [cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/EleVoltou/Educacao](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/EleVoltou/Educacao). Acesso em: 18/02/2015.

<sup>650</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 43-44. [grifos meus]



para tornar proveitosos os direitos autorais que lhes cabiam, dependia da motricidade da editora no que concerne aos procedimentos de vendas dos livros. E, em especial, da expansão dos negócios. A venda dos volumes da Obras Reunidas de Gilberto Freyre também aconteciam de porta em porta. Para a solução do problema do livro no Brasil, consoante José Olympio, era necessário articular com destreza o tripé governo, papel e leitor.

Os lamentos do editor estavam em dia com as exasperações da inflação entre os anos de 1953 e 1954. “O impulso desenvolvimentista” de Getúlio Vargas teve que lidar com problemas que iam desde a “procura de bens e a elevação de preços”, decorrentes da “alta do preço internacional do café” que, por sua vez, já detectado no ano de 1949, “gerou uma ampliação das receitas em divisas”<sup>651</sup>: moeda estrangeira; resultando no “aumento da massa de moeda em circulação”, o que acabou por elevar os preços dos produtos no país. Associado a estes fatos estavam as dificuldades colocadas pelo governo quanto ao “processo de importação”<sup>652</sup> de produtos do exterior, dentre os quais o papel. Apesar das reformas estruturantes<sup>653</sup> na educação durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, de 1930 a 1945, no segundo período, de 1951 a 1954, porém, o setor apresentava-se deficitário.

É na década de 1950, mais especificamente em 1953, que a primeira edição do livro *Aventura e Rotina* é publicada. O livro de um Gilberto Freyre viajante que “resultou de contatos”, no momento em que Portugal estava sob o punho do regime salazarista, “com Orientes e Áfricas. Sobre tudo os mercados

---

<sup>651</sup> Dívidas, neste caso, corresponde às moedas estrangeiras conversíveis em outras moedas. A informação “receitas em divisas” sobre a qual fala Boris Fausto, à época de Getúlio Vargas, convertera-se em cruzeiros. [FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso...*, 2006, p. 173.]

<sup>652</sup> FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso...*, 2006, p. 173.

<sup>653</sup> Foi com a criação do “Ministério da Educação e Saúde (1930), que se construiu um sistema nacional público de ensino, e que foram feitas reformas que perduraram muitas décadas além da de 1940. A Reforma do Ensino Secundário de 1942, a Reforma Universitária, com a criação e padronização do sistema universitário público federal, a criação da Universidade do Brasil, a criação do Serviço Nacional da Indústria (Senai), em 1942, estão entre tais iniciativas. No caso do ensino primário, a política que talvez melhor exprima o tom daquele governo tenha sido a nacionalização do ensino, ou seja, o fechamento de escolas estrangeiras, a construção de unidades escolares e a imposição de um sistema nacional de ensino.” Disponível em: [cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/EleVoltou/Educacao](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/EleVoltou/Educacao). Acesso em: 18/02/2015.

por presenças portuguesas.”<sup>654</sup> *Aventura e Rotina* assentou-se no preço e no peso político de uma pesquisa de campo que, para ser realizada, dependia da autorização de um governo que mantinha entre o seus ministérios o do Ultramar.

Se no regime Vargas o escritor chamava para si a cautela, no período de suas pesquisas pelas possessões em África e Ásia portuguesas tinham o respaldo do Estado português. Teve, segundo o autor, a “promoção de um português surpreendentemente lúcido: o então ministro do Ultramar de Portugal Manuel Maria Sarmiento Rodrigues.”<sup>655</sup> Quanto à publicação do livro, respondendo aos críticos, oportunizou justificar a posição que tomou, frente às funções de intelectual e pesquisador que exercia, ao receber apoio do governo à realização das viagens que fez entre os continentes europeu, africano e asiático. Foi, no entanto, uma “promoção que não implicou compromissos oficiais, ou sequer oficiosos, do convidado para com o governo e a política representados por um Sarmiento Rodrigues, tão homem de estudo” que era.

Além de tecer justificativas sobre os seus textos e que relações construiu para realizá-los, Freyre esteve atento aos meios que os promoviam quando publicados. Em uma carta para José Olympio, do dia 06 de novembro de 1958, escreveu:

não é que com a velhice esteja ficando desdenhoso da ‘glória’. Meu desdém é de outras coisas. Tanto não é da glória que venho até pedir a v. e à Casa que nos anuncios da ‘Gilbertiana’ – a combinada Gilbertiana para os anuncios – retifiquem aquêle ‘um monumento de nossos estudos sociais’, em que o ‘nossos’ evidentemente diminui o valor que vem sendo atribuído à obra a ser editada por grandes centros europeus e americanos, que consideram esse valor com mais amplitude.<sup>656</sup>

---

<sup>654</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio a uma nova edição brasileira de *Aventura e Rotina*: a de 1980. In: *Aventura e Rotina...*, 3ª ed., 2001, p. 25.

<sup>655</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio a uma nova edição brasileira de *Aventura e Rotina*: a de 1980. In: *Aventura e Rotina...*, 3ª ed., 2001, p. 25.

<sup>656</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 06 de novembro de 1958. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita] [grifo meu]

Destarte, ao recusar a inscrição do pronome possessivo “nosso” no enunciado da coleção, objetivou não limitar a iniciativa editorial que levava o seu nome às fronteiras do Brasil. Com isto, queria que fosse destacado o seu valor como o escritor que lidava com temas mais amplos e, portanto, universais à condição humana. Sendo assim, a frase em questão foi reformulada e impressa na quarta capa dos volumes da seguinte forma: “um monumento dos estudos sociais contemporâneos”.<sup>657</sup> A exemplo do *Casa-Grande...*, de 1961, no primeiro tomo, um dos reclames da quarta capa deixou evidente a intenção de Freyre de acentuar a universalidade dos estudos que empreendia.

este ensaio (Maîtres et Esclaves)<sup>658</sup> sobre a formação histórica do Homem no Brasil é de uma penetração de vistas, de uma amplitude de erudição, de uma segurança de método que fazem dêle uma grande obra. Procedendo por sucessivos retours e círculos concêntricos, não faz história abstrata do homem abstrato mas uma história do Homem do Brasil.

Padre André Retif, S. J. (*Études*, Paris)<sup>659</sup>

Insistiu em conceber o mesmo grau de estima ao *Casa-Grande...*, ao *Sobrados e Mucambos* e ao *Ordem e Progresso* que, a cada edição e inclusive as publicadas fora da coletânea, eram postos em xeque pela crítica que Freyre considerava desfavorável: “*Sobrados e Mucambos* é livro de importância igual à de *Casa-Grande & Senzala*”<sup>660</sup>. Para tanto, Gilberto Freyre escreveu em um apêndice à 2ª edição do *Ordem e Progresso*:

[considere-se] como conjunção de métodos para a análise e a interpretação de um passado recente, até hoje desconhecidos – com os biógrafos seguindo um rumo, os sociólogos, outro – *Ordem e Progresso*<sup>661</sup> está tão distante de *Casa-Grande & Senzala* e de *Sobrados e Mucambos* como *Casa-Grande & Senzala*, ao aparecer, estava de *Capítulos de História Colonial*, de Capistrano de Abreu, ou de *Populações Meridionais do Brasil*, de Oliveira Viana. É livro, sob esse aspecto, revolucionário. Compreende-se assim, a relutância da parte

---

<sup>657</sup> Enunciado da quarta capa da décima edição do *Casa-Grande...*, tomo I, 1961.

<sup>658</sup> Referência ao título da tradução em francês do *Casa-Grande...*, publicada em 1952, pela Editora Gallimard.

<sup>659</sup> Fragmento citado na quarta capa da décima edição do *Casa-Grande...*, tomo I, 1961.

<sup>660</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 6ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 733.

<sup>661</sup> Grifo e inscrição em itálico do documento.

dos historiadores e dos sociólogos de feitio convencional em aceitá-lo ou admiti-lo no rol das obras para eles idôneas.<sup>662</sup>

Freyre conseguiu, mediante a coleção, a tiragem do *Ordem e Progresso*. Mais do que um título, que abria a coletânea, era um “estudo” a ser somado à sua condição de autor, de intelectual adepto dos “experimentos”<sup>663</sup> metodológicos. Um ensaio com a mesma projeção do *Casa-Grande...* e do *Sobrados e Mucambos*, porém distinto e peculiar entre eles. É por este motivo, repito, que as opiniões negativas sobre a trilogia foram rebatidas pelas opiniões de bom grado. Estas, transformadas em componentes de propaganda acoplados à forma do livro, à forma da Obras Reunidas de Gilberto Freyre.

Nomear-se coleção, pois, carecia de um reforço também na imagem que tanto propagou sobre si: “cientista caracteristicamente social brasileiro”<sup>664</sup>, porém universal. Os livros em série, portanto, também exerceram a função de autobiografia<sup>665</sup>, ou melhor, de parte de sua autobiografia. Os volumes dispersos na coleção forjaram os textos de Freyre como o novo, o atual sobre a interpretação do Brasil, estendendo-se para a sua autoimagem: pensada, construída, adaptada aos discursos e subscrita pelo sinete da Livraria José Olympio Editora. Se o escritor não era simétrico, seus “estudos” também não o eram. O leitor, portanto, foi assim alertado na longa “Introdução à 2ª edição” de *Sobrados e Mucambos*, de 1951, que foi republicada na terceira edição do mesmo título em 1961. Esta última, a única do *Sobrados e Mucambos* na Obras Reunidas de Gilberto Freyre.

---

<sup>662</sup> FREYRE, Gilberto. Íntegra do texto do apêndice à 2ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 952.

<sup>663</sup> FREYRE, Gilberto. Íntegra do texto do apêndice à 2ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 951.

<sup>664</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 6ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 734.

<sup>665</sup> Neste caso, esclareço, trata-se do emprego de esforços para manter-se como registro na posteridade. Se a ordem do tempo moderno é célere, tudo que a ele estiver conectado sofre desgastes e, inclusive, até desaparecer. Tudo pode, enfim, ser dissolvido “automaticamente em um rubor rosado de mnemônica banalidade.” Freyre não quis ser visto/lembrado como um nome corriqueiro. Fundou-se nas ruínas para fazer-se monumento. [NABOKOV, Vladimir. *A verdadeira vida de Sebastian Knight*. Trad.: José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 08.]

Por meio da comparação entre *Casa-Grande...* e *Sobrados e Mucambos*, lê-se:

cronologicamente exato nenhum dos dois ensaios pretende ser. Em nenhum deles os fatos são estudados a prazo fixo, isto é, entre datas determinadas ou inflexíveis. Ao próprio começo da sociedade patriarcal no Brasil, quem ousaria atribuir data certa e única, sem qualificar deste ou daquele modo tal começo – começo econômico ou começo político ou começo civil? A fundação de São Vicente não satisfaz todas as condições de começo único. A sociedade patriarcal no Brasil – esta parece ser a verdade – em vez de um começo só, teve vários em espaços e datas diversas. Em vez desenvolver-se linear ou uniformemente, no tempo ou no espaço, desenvolveu-se em ambos desigual e até contraditoriamente, amadurecendo numas áreas mais cedo do que noutras.<sup>666</sup>

Afora a perspectiva do olhar de quem escreveu sobre os princípios do Brasil, a Obras Reunidas de Gilberto Freyre colaborou com o estabelecimento do primado estético do escritor na forma do livro. Refiro-me, também, à estética do gosto, da defesa, do propor algo. Da harmonia da forma e das palavras no produto impresso; da ordem, da gradação, dos cabeçalhos, dos títulos e subtítulos na aferição das capas dos volumes. De dimensões e capas austeras, os livros foram impressos com as margens alargadas – incluindo-se as capas – o que intuía um texto mais alongado não apenas por ser um ensaio, mas por obedecer à lógica da forma como linguagem. É a forma do ensaio traduzida pela forma do livro: uma estendida na outra e ambas, por seu turno, servindo de argumento à relação estreita entre o “conteúdo” e o “corpo” do livro. Logo, com a diagramação das margens mais espessas, o texto adquiriu maior centralidade na página e no olhar do leitor.

Existe, do cabeçalho ao meio de cada capa, uma gradação de enunciados. A coleção, identificada na margem superior, vinculava-se ao *status* de repositório dos “estudos” em série sobre o Brasil. No plano seguinte, a razão que prenuncia o que será objeto do volume e, em seguida, as disposições do título e do subtítulo. São ordens de preeminência ao chamamento do leitor; são escalas de proeminência que circunscrevem o autor, o texto e a editora. E, vale

---

<sup>666</sup> FREYRE, Gilberto. Introdução à 2ª edição. *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 735.

acrescentar, o nome do autor não é visto apenas como menção à autoridade revelada, mas como circunlóquio do objeto livro. Daí a ordem, por exemplo, a seguir: “Obras Reunidas de Gilberto Freyre”; “Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil”; “Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal”<sup>667</sup>. Ênfase: o nome do autor não aparece prescrito, logo abaixo do título – como seria de costume à prática editorial – na capa dos livros.

---

<sup>667</sup> Da capa da décima edição do *Casa-Grande...*, do ano de 1961.



GUIA  
PRÁTICO,  
HISTÓRICO  
E  
SENTIMENTAL  
DA  
C I D A D E  
D O  
R E C I F E

Folha de rosto da 3ª edição do *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*.

A Obras Reunidas de Gilberto Freyre é a compilação do legado do autor; ou parte dele. É a concretização do fundamento moderno de “obra”: o resultado final de algo, neste particular o livro, derivado do esforço mental e físico. Escrever prefácios, apresentações, introduções ou notas metodológicas para em seguida publicá-los nas edições agrupadas na coleção, incidia no ato de resposta do autor perante às vicissitudes do estar no mercado editorial. Destinar ao leitor a importância de membro central para justificar a razão pela qual o livro era publicado, objetivava o autor deslegitimar quaisquer críticas indesejadas que recebia. Freyre desejava o proselitismo, mas demonstrando merecê-lo. Rebateu Oliveira Viana, Rodolfo Garcia, Ivan Lins, Raymundo Faoro, Nelson Werneck Sodré. Como não era uma coletânea finda em si, não havia uma apresentação, ou texto equivalente, assinado por um terceiro, que salientasse as bonanças que os volumes supunham ter. Coube a Freyre, sem o tom solene da congratulação, reverberar as contendas frente à crítica.

Gilberto Freyre, para o leitor, tornou-se, de todo modo, um autor colecionável. Fato que predizia o renome que lhe era atribuído: escritor monumental. Entretanto, o leitor foi dissimulado na retórica por ele articulada. A coleção que leva o seu nome não era uma situação em si consumada, decidida unicamente pela trajetória intelectual que possuía, legava. Foi o resultado, antes de tudo, de negociações com o editor. Foi, enfim, uma coleção congregada no gerúndio, no fluir das circunstâncias que lhes foram impostas, favoráveis à sua realização: fazendo-se; refazendo-se; acrescentando-se; elaborando-se; ampliando-se.

Os referimentos a Aldous Huxley, Ortega y Gasset, Julian Marias, Roland Barthes e Lucien Febvre, por exemplo, nos textos de abertura dos livros publicados ou não na coleção, traduzem-se em um chamamento ao leitor acerca do reconhecimento internacional e da injustiça da crítica nacional que o acusara, inclusive, de “cabotino”<sup>668</sup>. Gilberto Freyre sabia que o ato de faltar-se

---

<sup>668</sup> Segundo Gilberto Freyre, Rodolfo Garcia, ao referir-se ao *Ordem e Progresso*, acusara-o de “cabotino”: um ensaio “‘inferior a *Casa-Grande & Senzala*’ que ‘afastou-se dos métodos tão vantajosamente seguidos em *Sobrados e Mucambos* e resvalou no caos’, ‘perdeu as qualidades reveladas nos seus livros já clássicos’. Repito comentários que me chegaram direta



de elogios não se resumia apenas ao afago de seu ego, mas que se tratava também de um recurso que influiria na aceitação dos títulos que assinava no fluxo do mercado de livros. Daí, a conclamação aos leitores mediante os críticos brasileiros de “comentários lúcidos e compreensivos”. Os críticos “na maioria ainda jovens”<sup>669</sup>, como ele escreve no prefácio à décima edição de *Casa-Grande...* em 1961:

É um consôlo para um homem já no declínio da existência sentir-se assim contemporâneo dos seus compatriotas mais jovens, mais por eleição dêles do que por empenho de sua parte; e, através de páginas lidas e discutidas por êsses jovens quase como se tivessem sido escritos por um dêles. E não por um indivíduo já remoto.<sup>670</sup>

Uma vez aberta, a coleção não garantiu ao escritor-autor o conforto da suposta unanimidade que uma iniciativa editorial dessa envergadura poderia prever, prover. Cada edição de um novo título não é o mesmo que a edição unívoca de uma coleção aos modos convencionais: “obras completas de...”; “antologia poética de...”; “ensaios completos de...”. O termo “reunidas”, do epíteto Obras Reunidas de Gilberto Freyre, aponta para o sentido cujo qual uma parcela, e não o total de algo, de textos/ensaios foi selecionada para constar como espólio dos livros assinados pelo escritor pernambucano. Um outro dado, pois, que contribui para reforçar este argumento reside no fato de o *Ordem e Progresso* ter sido publicado na coletânea até a segunda edição, em 1962.

A publicação de uma coleção tem por finalidade a deferência a um escritor, a um autor conformado pela benemerência que lhe recobre a morte. Neste caso, a coleção póstuma dada, delimita aquele que é agraciado pelo reconhecimento de seu editor. Entretanto, quando ainda em atividade, o escritor é passível às conjecturas transversais a seus textos/livros. Portanto,

---

ou indiretamente aos ouvidos.” [FREYRE, Gilberto. Integra do texto do apêndice à 2ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 951.]

<sup>669</sup> FREYRE, Gilberto. Integra do texto do apêndice à 2ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, 951.

<sup>670</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à décima edição. In: *Casa-Grande...*, tomo I, 1961, p. XXIV-XXV.

está continuamente na defensiva, mas em busca de angariar aliados, defensores.

OBRAS REUNIDAS  
de  
GILBERTO FREYRE

★

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA  
DA SOCIEDADE PATRIARCAL NO BRASIL

2

**SOBRADOS**  
E  
**MUCAMBOS**

Decadência do Patriarcado Rural  
e Desenvolvimento do Urbano

★

3.<sup>a</sup> EDIÇÃO

Huistrações de Lula Cardoso Ayres, M. Bandeira,  
Carlos Leão e do autor

1.<sup>o</sup> TOMO



LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

Capa do livro *Sobrados e Mucambos* publicado pela  
Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre.

Os exemplares dos títulos da coleção obedeciam ao mesmo padrão nas capas, nas dimensões físicas e nos tipos tipográficos à impressão dos miolos. No entanto, cumpre observar, a exceção existiu quando da primeira edição do livro *Dona sinhá e o filho padre*<sup>671</sup> que veio a público em 1964. A capa foi uma sugestão da escritora norte-americana Blanche Knopf: ela “sugere” ao “D. Sinhá e o Filho Padre” que, de pronto, exigiria a atenção dos ilustradores “Lula” e “Jardim” quanto à feitura de um “desenho complexo”<sup>672</sup> capaz de compor, mediante a imagem, a síntese das três personagens principais da seminovela. Um desenho com circunscrições da “psicodelia”, remetendo à vertigem da memória do autor/narrador e aos agravos morais das personagens.

Segundo Gilberto Freyre, as sugestões de Blanche Knopf tinham por referência a associação dos “símbolos da liturgia da Igreja mais ligados ao amor de Deus e” da “Virgem” aos “símbolos sexuais postos em relêvo pela psicanálise”.<sup>673</sup> A capa, a intento, assumiria a função de síntese narrativa da seminovela através do desenho. Um atrativo imediato aos leitores. Passadas as orientações do autor via cartas, o resultado final da capa aproximou-se das alusões prescritas pela amiga, mas coube a Eugênio Hirsch [1923 – 2001] – capista e ilustrador austríaco radicado no Brasil – e não a Lula Cardoso Ayres ou Luís Jardim, a ilustração de contornos psicologizados e fundado em prognósticos.

---

<sup>671</sup> “Há livros que vagarosamente chegam ao leitor, pouco a pouco se revelando, para afinal impor sua descoberta. Há outros que tumultuados se colocam diante do público, logo de início favorecendo a controvérsia, uma pesada carga diversionista influenciando no seu julgamento. Sim, existe uma literatura de feitio mais simples, outra de corte mais enigmático. Isso, no entanto, nada tem a ver com a divisão entre lúcidos e mágicos, tão a gosto de alguns ensaístas. Pois o efeito que um livro pode causar, em termos de sua aceitação, muitas vezes excede os seus próprios limites, abrange o autor e a imagem que dele tem o público, a crítica, as arquibancadas da chama[da] vida literária. Será o caso desse recente *Dona Sinhá e o Filho Padre*, de Gilberto Freyre, obra de ficção que o escritor, modestamente, batizou de seminovela.” [RAMOS, Ricardo. *Dona Sinhá e o Filho Padre*. *Ciência & Trópico*, Recife, Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, vol. 08, nº 01, jan./jun., 1980, p. 83.]

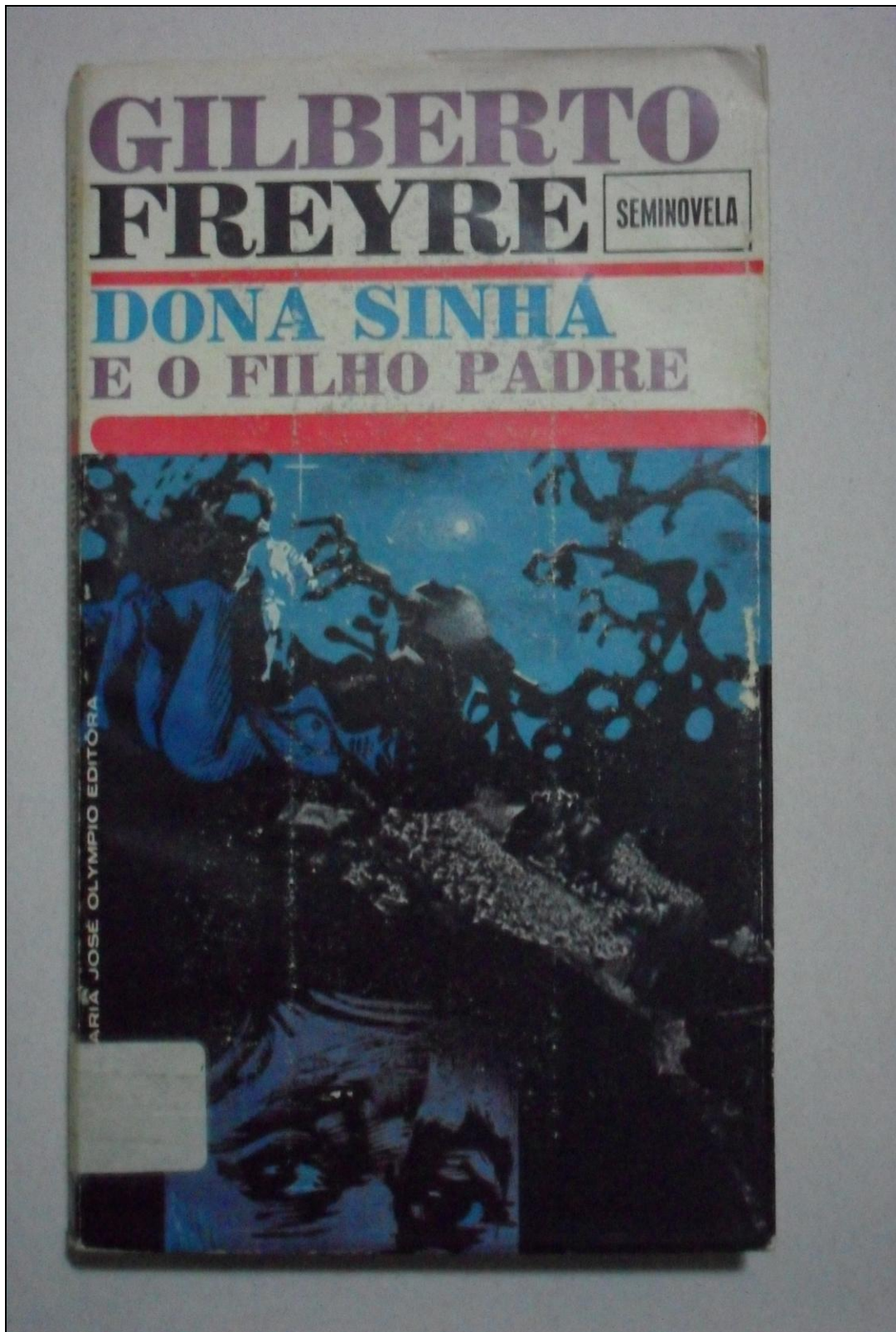
<sup>672</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 09 de agosto de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada] Os trechos entre aspas, acima mencionados, foram extraídos deste documento.

<sup>673</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 09 de agosto de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

Ainda sobre a forma do livro, a quarta capa deveria, como de fato ocorreu, apresentar um “retrato”, outra sugestão de Blanche Knopf, mais “romântico, não convencional, do autor.”<sup>674</sup> A proposta, neste sentido, era a de constituir a imagem de um autor mais bucólico, contemplativo, acessível, prosaico e, assim, contrapondo-se à imagem de um autor de gabinete mais autocentrado, de olhar e gestos autoafirmativos e distante dos leitores. Um aspecto que se distingue dos volumes cujas capas seguiram o padrão mais austero e de dimensões maiores: o *Dona sinhá...* tem as proporções físicas reduzidas, o que o aproximava de um livro de bolso; mais intimista e de melhor manuseio. As articulações de ideias entre Gilberto Freyre e Blanche Knopf exemplificam o estado de expectativa vivido por um autor, assim como evidenciam que a aceitação das sugestões de quem assinava o título não eram aceitas de imediato, ou de todo, por parte do editor. Este, por sua vez, que era, e que é, concomitantemente tutor e vetor do mercado.

---

<sup>674</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 09 de agosto de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]



Capa da primeira edição, de 1964, do *Dona sinhá e o filho padre*.  
Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre.

Cumprer, ressaltar, pois, que as capas dos livros da coleção eram, de modo geral, sem rebuscamentos. Providas da simplicidade dos traços do tipo tipográfico e da ilustração, de Tomás Santa Rosa, que lhe serviu de tema: um coqueiro de praia e uma jangada ao mar. Referência aos trópicos, ao autor voltado a interpretar as incongruências dos trópicos. A impressão do texto, faço menção ao tipo tipográfico do miolo: Roman Print sobre o papel inglês *Esparto Featherweight* ou o *Bouffant* nacional. Um recurso técnico, de pretense reporte ao passado. Em resumo: é o livro adquirindo força de representação do passado. Um “esforço” para tentar “ver uma época já desfeita”<sup>675</sup>.

É certo que as decisões concernentes à escolha do tipo tipográfico para a impressão de um livro estão, à primeira vista, relacionadas ao porte e ao aporte técnico da gráfica na qual será impresso. Mas, por outro lado, a projeção física da edição e as concepções estética e conceitual do autor do texto na iminência de tornar-se livro, contrapõem-se às determinações das oficinas gráficas. Afinal, a mensagem do texto exige da editora tradução técnica simultânea, condizente. À oficina gráfica, a execução do plano apresentado.

O tipo tipográfico não é, de fato, apenas um recurso técnico resumido em si mesmo. É uma possibilidade de mediação entre a narrativa do texto e à sua correspondente mensagem, tornando o livro uma representação do passado, inclusive. A Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre é a confirmação desta assertiva. As edições e reedições, por exemplo, do *Casa-Grande...*, do *Sobrados e Mucambos* e do *Ordem e Progresso* assentavam-se no culto ao passado, na interpretação do objeto tempo na ordem e no sentido sociais. Uma coletânea que levava o nome do autor a ser celebrado, não se furtando a predizer, pois, um modo de escrita que lhe tornara peculiar. Assim sendo, uma iniciativa editorial como esta, muitas vezes medida pelos custos e planejada pelos fins que a motivou tornar-se parte da lista de títulos da editora, não se recusaria em fazer uso do cânone que amoldava Freyre como o intelectual que “alterou profundamente a visão dos brasileiros sobre si mesmos e sobre a sua formação histórica”<sup>676</sup> como avaliou José Mário Pereira em tom

---

<sup>675</sup> FREYRE, Gilberto. Nota Metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 43.

<sup>676</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 207-208.

laudatório. Além de ser considerado o escritor que entendia que “os homens vivem em sociedade, como se, na realidade, existissem as condições que eles imaginam existir.” Para a editora, o leitor teria a oportunidade de entrar em contato com textos/livros à base do “we live by inference”<sup>677</sup> [vivemos por inferência], pelo acúmulo de inferências<sup>678</sup>. Destarte, a escrita sobre o passado íntimo dos homens requer uma narrativa de conclusão, ou melhor, de arremate idiomático: o passado íntimo tem um significado que foge ao convencional. A tarja da editora, sob a qual a coleção se abonava, chamou o leitor a adquirir produtos de seu catálogo no formato em série: a Obras Reunidas de Gilberto Freyre é “um monumento dos estudos sociais contemporâneos”<sup>679</sup>.

O *Ordem e Progresso*, a propósito, aludiu “para a recuperação de todo um passado carregado de grande densidade histórica, social e ecológica”, ao contrário, portanto, da “projeção do país nativo voltado para o futuro”<sup>680</sup>, segundo apregoaram os modernistas de São Paulo e Rio de Janeiro. Logo, publicar na coleção foi, para Gilberto Freyre, a confirmação do propósito que anunciou ao largo de seus textos: o tempo como inflexão e ponderamento. Sendo assim, retomo o que disse anteriormente: o tipo tipográfico exerceu a função de tradutor do passado, exigindo do objeto livro uma dignidade na apresentação gráfica. Fundamento que não só volveu o livro de abertura da coleção, como os demais exemplares que a constituía. “A materialidade do livro” não é obstante “da materialidade do texto, se o que entendemos por este termo são as formas nas quais o texto se inscreve na página, conferindo” ao próprio texto, ensaio, “uma forma fixa, mas também mobilidade e instabilidade.”<sup>681</sup> Mas, para tanto, um adendo: o texto de Gilberto Freyre, quando submetido às normas editoriais, deixou de ser o mesmo, quando

---

<sup>677</sup> FREYRE, Gilberto. Nota Metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 55.

<sup>678</sup> Corresponde à relação, mediante a análise e interpretação do intelectual, entre a verdade que se afirma sobre algo e a sua decorrente ligação com a verdade já estabelecida. Exemplo: para Gilberto Freyre [a]firmar o negro na “formação” do Brasil, a miscigenação não poderia ser negada.

<sup>679</sup> Repeti a frase final do parágrafo acima, entre aspas, com o objetivo de evidenciar a relação que a Livraria José Olympio Editora fez entre o texto [ensaio] e a coleção [série de livros]. Resumindo: é o texto justificando a protuberância do produto editorial.

<sup>680</sup> SEVCENCO, Nicolau. A modernidade do mestre do Recife e a modernização mesquinha da República. In: *Ordem e Progresso...*, 6ª ed., 2004, p. 16.

<sup>681</sup> CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor...*, 2014, p. 11.



passou da folha de papel do manuscrito à página impressa, ao sofrer intervenções da linguagem tipográfica, ao ser estruturado de acordo com a forma do livro e ao receber uma pontuação normativa incidida pelo revisor. Ele acreditava que a autonomia de um escritor estava na menor interferência editorial possível sobre seus textos. Daí ter escrito, pois, baseado na ideia da “quase nenhuma rigidez de fronteiras entre os próprios capítulos”<sup>682</sup> de um ensaio. Ensaio que, quando transformado em livro, adquiriu seções capitulares.

Apesar da sobriedade física dos livros da coletânea, a dignidade de apresentação foi a eles relacionada. Tema reentrante nos escritos de Freyre em períodos distintos de sua trajetória intelectual: fosse na qualidade de articulista do *Diário de Pernambuco*, fosse na condição de autor da Livraria José Olympio Editora. Segundo ele, a exemplo do artigo de 1925, “a patologia do atual livro, como livro, é um estudo a fazer o que perde um bom poema ou um bom ensaio ou um bom romance na má impressão e na má encadernação.”<sup>683</sup> Ao texto, enfim, cabe uma acomodação, um suporte de excelência porque a “circulação da palavra escrita”<sup>684</sup> impõe, com vistas à inteligibilidade, o acatamento à autoria intrínseca aos denodos da “individualidade” e da “propriedade intelectual”<sup>685</sup> modernas.

Conclamou ideias e realizou feitos editoriais. Os livros que publicou, a exemplo do *Ordem e Progresso*, instituíram o tempo da conformação. O tempo de dimensões convergentes; feito não na ruptura radical, mas no ritmo das constâncias, da cadência. Instituiu-se o passado como construção de memória a cada livro publicado. As edições seguidas dos títulos já conhecidos do leitor, o que proporcionou a ampliação do catálogo da coleção, serviram de fomento à memória da função autor exercida por Gilberto Freyre. As cartas de orientação do autor ao editor atendiam, também, ao desígnio da memória. O fazer-se autor incidiria na tomada de decisões correlatas à posição, ao exercício exigidos para o arranjo da imagem que o promovia e conformava.

---

<sup>682</sup> FREYRE, Gilberto. Nota Metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 42.

<sup>683</sup> FREYRE, Gilberto. O livro belo. *Diário de Pernambuco*, Recife, 18 de outubro de 1925.

<sup>684</sup> CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor...*, 2014, p. 09

<sup>685</sup> CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor...*, 2014, p. 14.

*Ordem e Progresso* é o texto que deu à problemática do tempo maior centralidade quando comparado aos textos de *Casa-Grande...* e *Sobrados e Mucambos*. Por quê? *Ordem e Progresso* lida com a conformação do tempo da tradição familiar patriarcal no esteio do tempo moderno célere, vertiginoso, mutante, republicano. Dimensões que se conciliaram nas conveniências: “a forma da sociedade estudada no ensaio que se segue”, pois, “pretende-se que tenha sido a mesma, como forma predominante, através de toda a época nele considerada, havendo variado no tempo, suas substâncias; e com estas”, de acordo com Gilberto Freyre, “os aspectos simplesmente históricos ou cronológicos daquela forma.”<sup>686</sup>

Na forma do livro, o *Ordem e Progresso* da coleção, destinou-se à venda, ao menos é o que aparenta, na qualidade de livro como sinônimo de texto. Uma sinonímia comum às opiniões dos críticos impressas, geralmente nas quartas capas, como reclames editoriais. O modo de escrita de Gilberto Freyre é, segundo esta ordem, o objeto de atração maior da editora ao tentar angariar leitores. O livro é visto, em suma, como a equivalência do seu modo de escrita. Do valorado “estilo” daquele que o assina. É visto ainda, por certo, como um veículo para o simulador narrativo ao defender-se das críticas infortuitas, assim como para a elaboração dos autoelogios que o escritor-autor tanto degustava. Outrossim, o simulador também sucede mesmo quando há discordância ou recusa: a confabulação acaba existindo. O simulador servira para responder, justificar, rebater, acentuar, promover, publicizar, defender, enfim, dialogar. Os fragmentos da crítica elogiosa, usados como reclames, tornaram-se parte significativa do simulador como forma do livro. O simulador fez-se no texto, na narrativa, no discurso e, até mesmo, na forma do livro. Neste último caso, uma antecipação às expectativas dos consumidores e da crítica, a das mais distintas feições, de vigília.

Focado na forma do livro, e não apenas nas ideias que o livro comportava, Gilberto Freyre dedicou-se a projetar ainda mais os elogios que recebia. Torná-los propaganda editorial seria o fim. A partir dos anos de 1960 em diante, marco do qual a coleção adquiriu maior intensidade, as edições de

---

<sup>686</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 41.

*Sobrados e Mucambos*<sup>687</sup>, a propósito, passariam a receber as tónicas mais atualizados da crítica. Em 17 de junho de 1968, escreveu: “Caro J. O.”, “sugiro”, desde já, “a utilização de todo” o “material importante”, “do discurso do Deão da Sorbone, no meu doutoramento em Paris, para uso em orelhas, capas, etc. de Sobrados e outros livros.”<sup>688</sup> Estabeleceu-se um autor consciencioso de sua condição ao qualificar os seus ensaios como “estudos”<sup>689</sup> resultantes de método e de pesquisa densas. Soube usar as guarnições de um livro: prefácios, reclames, orelhas.

---

<sup>687</sup> Ensaio no qual dedicou-se à “utilização” de “interpretações” e de características metodológicas “amplamente filológicas. Folclóricas. Puramente históricas.” [FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 19.]

<sup>688</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 17 de junho de 1968. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>689</sup> *Sobrados e Mucambos* é “continuação de estudo já publicado[.]” “Ensaio [que] resulta da mesma série de pesquisas. De modo que os andaimes foram os mesmos, não sendo preciso conservá-los todos agora em volta do desenvolvimento mais livre – porém de modo nenhum autônomo, e sim condicionado por aquelas bases – que tomou o assunto, em sua nova fase.” [FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 17.]

OBRAS REUNIDAS  
de  
GILBERTO FREYRE



VIDA,  
FORMA  
E  
CÔR

Prefácio de  
Renato Carneiro Campos



LIVRARIA  
JOSÉ OLYMPIO  
EDITORA

Capa do livro *Vida, forma e cor* publicado na Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre.

Promover-se como autor supunha agenciar a editora que o concedia o selo. Uma troca mutua porque o autor fazia a editora e a editora o autor. O ato da editora de intuir originalidade ao texto do autor passara, sobremaneira, pelo uso dos atrativos que o seu nome congregava. Atrativos que poderiam ser convertidos em vendas; em créditos à manutenção do autor na coleção. Cabe reafirmar que a coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre não foi publicada de uma só vez, mas gradativamente, evidenciando, por intermédio da escrita epistolar, as cobranças do autor referentes às futuras publicações de seus textos na forma do livro: “Caro Daniel, quanto à semi-novela, estimaria de fato que aparecesse sem tardar, acompanhando os três livros”<sup>690</sup> que estão por vir – *Casa-Grande...*, *Quase política* e *6 Conferências em busca de um leitor*. A seminovela, pois, com primeira edição de 1964 e os dois últimos publicados em 1965.

Uma carta de Gilberto Freyre a Daniel Pereira exemplifica uma das características da coleção: a abertura. Os títulos eram acrescentados a cada nova publicação, edição, tiragem. Foi o que aconteceu quando do aparecimento da décima primeira edição do *Casa-Grande...*, em 1964. No tratamento dos pormenores deste título, Freyre solicitou a Daniel Pereira que providenciasse alguns reparos nos recursos de atração do leitor: Daniel, “chame a atenção do revisor.” Existem alguns “errinhos” na “cópia” que recebi. “Sugiro”, em particular, que o título do livro “apareça em itálico e não entre aspas.”<sup>691</sup>

A vistoria de Gilberto Freyre incorreu, também, sobre a confecção de orelhas temáticas para a segunda edição do *Ordem e Progresso*, de 1962, em dois tomos. Seção do livro na qual foram dispostos fragmentos – assinados por Alfonso Reyes, Presto Seminerio, Waldo Frank – de intelectuais estrangeiros que discorriam acerca da sua face de escritor. Esclareço: são orelhas sob o título, este impresso no extremo superior da orelha da capa do primeiro tomo, *Gilberto Freyre, escritor*. Foram ordenados com o objetivo de acentuar o feito

---

<sup>690</sup> Carta de Gilberto Freyre para Daniel Pereira, irmão de José Olympio, de 09 de agosto de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>691</sup> Carta de Gilberto Freyre para Daniel Pereira de 09 de agosto de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

narrativo e o feitio do seu modo de ser escritor. Portanto, são opiniões que, expressas em ocasiões distintas, mas compiladas para a publicação do *Ordem e Progresso*, abordam o “estilo” de Gilberto Freyre. Uma vez compiladas e impressas nas bordas do livro, passam a fomentar uma imagem para um texto pouco lembrado sob o aspecto da estética, da literalidade da narrativa. Este que é o ensaio, conforme nos lembra Nicolau Sevcenko, resultante de “um esforço fecundo de compreensão da passagem de uma sociedade escravocrata para uma sociedade baseada no trabalho livre, da ordem monárquica para a ordem republicana, do século XIX para o século XX.”<sup>692</sup>

Ainda na vertente de constituição da imagem do *Ordem e Progresso* ligada à metalinguagem parte, necessariamente, da menção ao feitio de escrita de seu autor. É na passagem do estado de texto para o de livro que o *Ordem e Progresso* passou a receber investidas desta monta. Na quarta capa do primeiro tomo, da segunda edição do livro, Lourival Fontes sugere que se o autor possui o feitio da “elegia”<sup>693</sup>, o texto do *Ordem e Progresso* também, por extensão, o provém.

O trecho de Lourival Fontes foi extraído do prefácio por ele escrito para a primeira edição, de 1940, de *O Velho Félix e suas memórias de um Cavalcanti*. Os recortes de opinião, deslocados de suas posições iniciais dispostas nos prefácios<sup>694</sup>, passariam a estruturar os feitos librários de Gilberto Freyre assim que lhe conviessem:

Um livro de Gilberto Freyre é alguma cousa que se conta e soma no patrimônio nacional. Não é a polêmica ou a controvérsia que morre na fúria e na paixão do debate. Não é a crônica que registra a passagem do dia. Não é a história com os seus enganos, os seus equívocos, as suas deformações e falsificações. É a história revista e emendada. É a história pensada, sentida e vivida.<sup>695</sup>

---

<sup>692</sup> SEVCENKO, Nicolau. Gilberto Freyre e a mídia: pioneirismo, sensibilidade e inovação. In: *O Imperador da Idéias: Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Topbooks/UniverCidade, 2001, p. 46-47.

<sup>693</sup> CARPEAUX, Otto Maria. O estilo de Gilberto Freyre..., vol. II, 2005, p. 539.

<sup>694</sup> Refiro-me aos prefácios escritos por terceiros aos livros de Gilberto Freyre.

<sup>695</sup> Da quarta capa do tomo I, da segunda edição, de 1959, do *Ordem e Progresso*.

Assim o foi: o atributo estético do escritor fez-se texto e livro. O *Ordem e Progresso* foi elevado à categoria de sinônimo do mesmo atributo estético. Portanto, modo de escrita e forma do livro foram conciliados a partir da instância de atração do leitor: os reclames editoriais impressos nas quartas capas, orelhas etc. Conferir ao *Ordem e Progresso*, o ensaio de maior densidade no que concerne ao trabalho de campo e à metodologia sociológica da entrevista, o feito da trama da narrativa significou o tentame do próprio autor de atribuir-se uma posição, um cânone. Para tanto, ordenou o que disse a crítica para contralar o que publicar e como publicar. O uso do fragmento de Lourival Fontes é um padrão seguido pelo autor; e, até mesmo, uma baliza editorial.

Quanto ao método de pesquisa à construção narrativa do *Ordem e Progresso*, um outro acento deve aqui ser acrescentado. Faço menção às entrevistas levantadas pela equipe coordenada por Gilberto Freyre. As entrevistas tornaram-no um livro-inventário no que tange ao levantamento de temas e de documentos pouco usuais no manuseio da pesquisa sociológica. Além dos “depoimentos autobiográficos, em número de quase 300, foi considerável o número de outros documentos pessoais e virgens,”<sup>696</sup> dos quais serviram-se “na elaboração do ensaio que se segue: cartas, entre as quais algumas inéditas e interessantíssimas”<sup>697</sup> dos Freyre, dos Lins, dos Ayres. E ainda mais:

escrituras de escravos; inventários; testamentos; numerosas contas de fornecedores de gêneros, principalmente de artigos de vestuário, que constam de arquivos brasileiros de família (inclusive o da Família Imperial, conservado hoje em Petrópolis pelo historiador Guilherme Auler) e que ilustram significativo aspecto da vida nacional nos fins do Império e nos começos da República de 89.<sup>698</sup>

---

<sup>696</sup> FREYRE, Gilberto. Nota Metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 46.

<sup>697</sup> FREYRE, Gilberto. Nota Metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 46-47.

<sup>698</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 46-47.

E quanto às entrevistas, esclareceu, fazendo uso do simulador na forma da narrativa da nota metodológica do livro, sobre o critério de investigação seguido:

é também certo que somente procuramos nos utilizar de depoimentos de pessoas limpidamente idôneas, desprezando aqueles que nos parecessem prejudicados, não por simples paixões ou exaltações ideológicas – de resto tão humanas – mas por interesse, além de particular, mesquinho, em desvirtuar acontecimentos ou desfigurar fatos; ou em mistificar o pobre do pesquisador, passando-lhe gato por lebre.<sup>699</sup>

A Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre oportunizou o desejo de Gilberto Freyre de continuar editando seus livros. Se por uma circunstância ou outra a Livraria José Olympio Editora não atendeu ao autor com a urgência por ele reclamada, ficou patente que a quantidade de títulos a serem publicados foi-se ampliando. Freyre militou em favor próprio. Soube depositar sobre seus inventos o sopro do ineditismo, do valor de excelência, do mistério por revelar. Daí ter acreditado que, antes da publicação concretizar-se, o acatamento do editor às suas “excentricidades” deveria instituir-se como deferência, ponderamento ao lidar com o manuseio de “originais”<sup>700</sup>. É o que Freyre propõe, por exemplo, quando do envio do texto de *Dona sinhá...* à editora em 29 de junho de 1964.

Meu caro J. O.:

Vão os originais de D. Sinhá e o Filho Padre. Leia e não deixe estranhos lerem. É um experimento: pelo menos original, diferente é. E com este característico, já apurado por mim: prende tanto o leitor comum como o sofisticado. O leitor comum fica interessado do princípio ao fim da história, talvez pela linguagem de narrativa, que tem seu feitiçozinho.<sup>701</sup>

---

<sup>699</sup> FREYRE, Gilberto. Nota Metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 46.

<sup>700</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 29 de junho de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>701</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 29 de junho de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada] [grifo do documento]



Gilberto Freyre queria convencer José Olympio da relevância de sua seminovela. Editá-la na coleção seria o mesmo que fincar na trajetória intelectual do escritor a adjetivação de ficcionista. Além de ensaísta, ficcionista. Contudo, existe um outro detalhe que deve ser pautado aqui: as projeções da política editorial da Livraria José Olympio Editora. O texto não bastava ser bom, precisava traduzir-se em cifras, em baixos custos. A editora, que há anos mantivera um “projeto gráfico” que incluía uma abertura na escolha das gráficas destinadas à confecção dos livros e na “qualidade artística da tipografia”<sup>702</sup>, não perdeu do foco a sua ampliação no mercado.

As impressões dos livros não foram monopolizadas por apenas um parque gráfico. Foram realizadas nas oficinas da Bisordi, ou da Urupês, ou da Revista dos Tribunaes, por exemplo. Os colofões dos livros de Gilberto Freyre indicam esta tendência e que, sobretudo, explana o fato de a Livraria José Olympio Editora não possuir gráficas, terceirizando, pois, os serviços de impressão. Além do mais, a exemplo do *Dona Sinhá...*, as tiragens dos volumes e quanto ao suporte do miolo e à forma do livro, deram-se sob o regime de baixos custos dada a qualidade tipográfica e a ausência de ilustrações nas passagens do texto. Este que é o segundo livro de investida literária, uma tentativa ficcional, do sociólogo que entrou para a listagem de títulos da coleção.

Distintamente dos livros da trilogia, cada qual somando edições seguidas, o *Dona Sinhá...* concebia a propensão do novo. Uma proeza editorial, sobretudo, para Freyre. O que significa dizer que, editar livros, para a Livraria José Olympio Editora, com o seu capital negociado na bolsa de valores desde o início da década de 1960, demandava uma partilha nas decisões que visavam ao aprimoramento de ganhos comerciais que, até então, não se via. A amizade do editor José Olympio com os seus inúmeros editados passou por realinhos. Apesar de ser o “presidente da companhia”<sup>703</sup>, Olympio contava, a

---

<sup>702</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 146.

<sup>703</sup> “O primeiro parente a associar-se a ele havia sido seu irmão Daniel Joaquim Pereira, que ingressou na companhia logo que completou o curso de Direito, ficando responsável pelas relações públicas, das quais José, até certo ponto um retraído, tendia a esquivar-se – apesar

partir de então, com um conselho administrativo mais calculista: verificava-se, antes de tudo, a viabilidade comercial do título e do autor. A inserção de mais um exemplar/título, e Freyre queria incluir o quanto fosse possível, na coletânea que levava o seu nome, indicava o reforço de sua condição de autor e de detentor do prelado da individualidade e dos privilégios advindos da jurisdição da propriedade intelectual.

A lista de títulos publicados com o sinete da coleção abrangeu parte do caminhar da atividade autoral de Gilberto Freyre. Não é o resultado do reconhecimento póstumo. Não figuraram, portanto, como marcos necrológicos de sua trajetória intelectual e enciclopédica. São exemplares de um exercício, de um ofício, de uma condição profissional condizente com as regras e os estatutos do mercado editorial. Fez-se no presente contínuo do escritor pernambucano. Ou seja: a Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre não foi concebida como uma unidade póstuma, comum ao conceito de “obras completas” ou de “obras reunidas”, cuja fundamentação faz-se no diálogo “autor” e “obra”: biografia, fundamentos, influências, primazia da escrita como legado. Obras Reunidas de Gilberto Freyre, no entanto, dedicara-se ao autor em movimento, no exercício de sua condição.

Interpretar o lugar desta coleção na trajetória intelectual de Gilberto Freyre não pressupõe a tentativa de encontrar as origens das ideias de um escritor. O ato de interpretar, neste horizonte, considera as escalas e posições assumidas pelo autor no emaranhado de sua trama social, ou melhor, não é uma investida que se baseia na lógica da comparação para, em seguida, identificar o que é superior e o que é inferior na caminhada de um homem de letras.

A peculiaridade da Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre destacou-se pela capacidade de rebater as críticas. Aspecto distinto daquele afeito aos livros sob a nomeação de Obras Completas de um autor: alinhada com o fim da exaltação, da deferência pós-morte. Os prefácios e introduções escritos por Gilberto Freyre para cada nova edição a incluir-se na coleção,

---

de seu dom evidente para fazer amigos. Daniel era também o principal leitor de novos originais.” [HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 522.]

reparos ou explicações eram remetidos à crítica. Algo que a atualizava. A cada novo título [re]lançado, uma coleção renovada. Reavaliada. Contudo, quanto à forma do livro, a coleção aproximou-se do furor elogioso, da reverência pós-morte pretendida por uma Obras Completas: livros que assentam ideias, ideias como legado. Aqui, a propósito, faço menção aos fragmentos de opiniões dispostos nas orelhas e nas quartas capas dos livros que, por seu turno, apontam para esta finalidade.

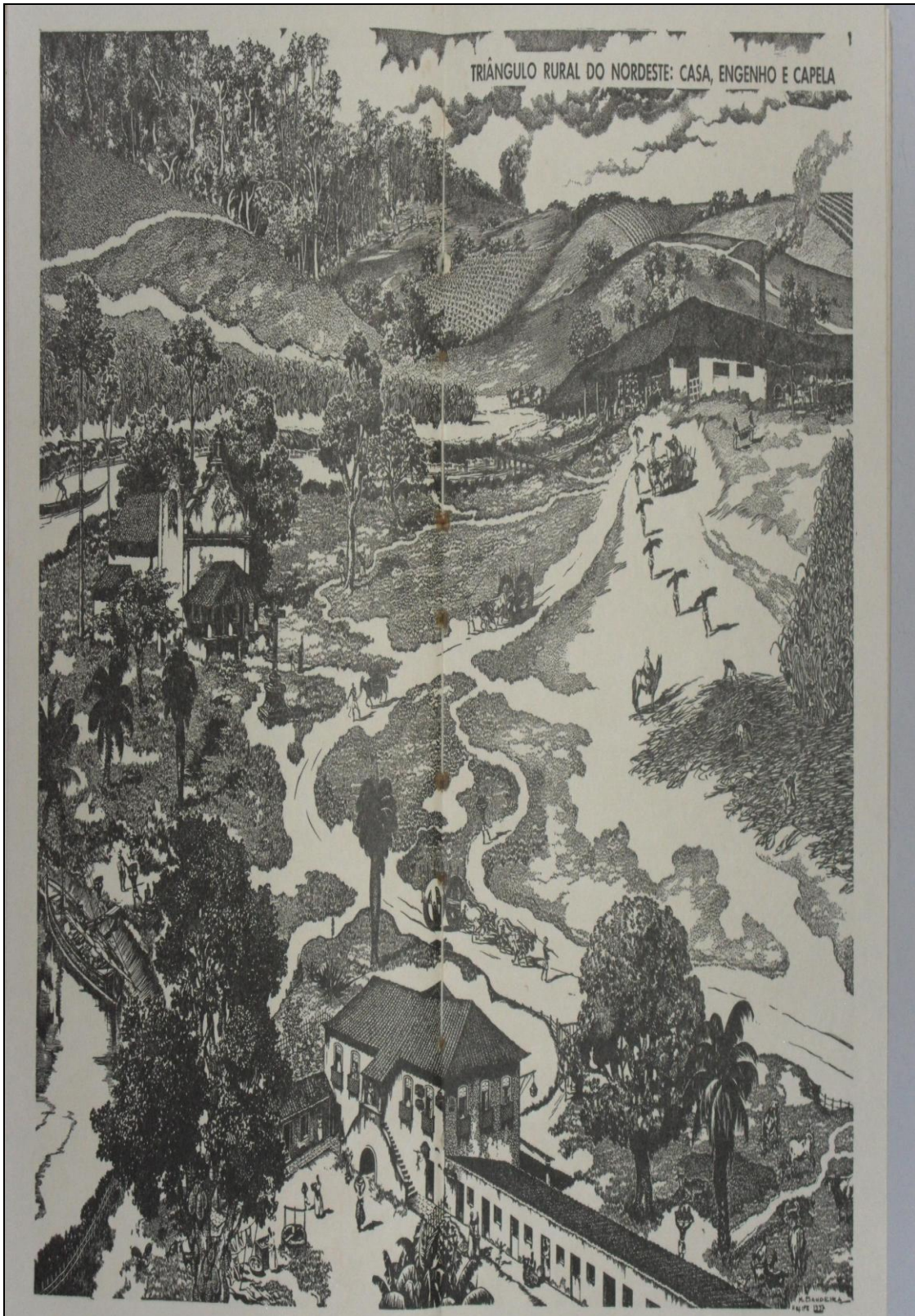


Ilustração de Manoel Bandeira. Consta na terceira edição do livro *Nordeste*, de 1961, com ilustrações de Lula Cardoso Ayres e Manoel Bandeira. Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre.

A Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre, amparada nas glosas de orelha, não apartava a imagem do homem de ciência da do arteiro da escrita. O extremo superior da orelha, do primeiro tomo do *Ordem e Progresso*, segunda edição de 1962, colige uma listagem de elogios. Nomes com os de Fernand Braudel e Alfonso Reyes, a intento, são inscritos. Os exemplares desta Coletânea são de formato mais simples, em termos gráficos; porém, de comunicação direta em virtude da ausência de imagens ou demais recursos. Daí, lê-se:

Gilberto Freyre, escritor[:] como escritor, é expressão estética de gênio. – Samuel Putman (New York)[:] Grande dominador da língua portuguesa. – Alfonso Reyes (México)[:] Sociólogo, sim, mas principalmente escritor. – Albert Beguin (Paris)[:] De todos os ensaístas brasileiros, o mais lúcido, o mais rico, pertencendo mais à tradição literária espanhola de ensaio do que à portuguesa. – Fernand Braudel (Paris)<sup>704</sup>

Quando da publicação do *Sobrados e Mucambos*, em 1936, a Companhia Editora Nacional, no prospecto da Coleção Brasileira, da “Série 5ª”, da Biblioteca Pedagógica Brasileira, envaidecia-se do quantitativo de títulos impressos e, conseqüentemente, do aporte que os estudos e traduções implicavam. Até a impressão do *Sobrados e Mucambos* – confeccionado na Gráfica da “Revista dos Tribunaes” – a Coleção divulgara que sessenta e quatro volumes tinham sido publicados e mais vinte na iminência do aparecimento.

A 5ª série, que figura na B. P. B., com o título ‘Brasíliana’, é a mais vasta e completa coleção e systematização, que se tentou até hoje, de estudos brasileiros. Esta série compõe-se de ensaios sobre a formação histórica e social do Brasil: de estudos de figuras nacionais e de problemas brasileiros (históricos, geográficos, etnológicos, políticos, econômicos, etc.): de reedições de obras raras e de notório interesse e de traduções de obras estrangeiras sobre assumptos brasileiros<sup>705</sup>.

---

<sup>704</sup> FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso...*, 1962. Consta na quarta capa do livro.

<sup>705</sup> Na orelha do volume único do *Sobrados e Mucambos*. [FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. (Coleção Brasileira, 64)]

Sobre a primeira edição do *Ordem e Progresso*, de 1959, como parte de um projeto maior chamado de “Obras Reunidas de Gilberto Freyre”, José Olympio trata de atualizar o escritor pernambucano dos acenos e perspectivas do título em arremesso no mercado editorial. A proposta da coleção que lançaria o *Ordem e Progresso* previa a confecção dos exemplares obedecendo o seguinte critério: *Casa-Grande...*, em dois volumes; *Sobrados e Mucambos*, em dois volumes; *Ordem e Progresso*, da mesma forma; *Sociologia*, igualmente; Nordeste no formato de um tomo; *Problemas Brasileiros de Antropologia* também. De acordo com José Olympio, o *Ordem e Progresso* estava ficando “um livrão bonito” e “bem impresso”<sup>706</sup>:

coisa caprichosa como aliás já ficaram CASA-GRANDE e SOCIOLOGIA. A edição é de 6.000 mais os da propaganda. Composição guardada, de modo que faremos imediatamente reimpressão se o livro fôr feliz. Os livros hoje caríssimos e o seu, em 2 volumes, irá ter preço elevado, não se podendo por isso saber como o público de livrarias irá reagir ao preço que tiver que ser marcado. PROBLEMAS BRASILEIROS DE ANTROPOLOGIA sairá junto. Os outros, os que já estão em provas, portanto quase prontos para impressão, serão lançados no decorrer do ano.<sup>707</sup>

Estava estabelecida a intermediação de Gilberto Freyre entre os amigos intelectuais da província e o editor de monta nacional, assim como estivera Freyre em dia com o compasso de suas intenções editoriais. *Casa-Grande...* firmou-se nos ajustes dos intentos de um escritor já reconhecido pelo estilo e temas de preconização. Mas a condição de autor, chancelado, arrimara-se no reajuste da primeira edição de seu livro inaugural: *Casa-Grande...* ainda não era “definitivo”. E o seu autor, portanto, ainda não se havia feito “definitivo”. A quarta edição do livro de 1933, aparecida em 1942, deixou o prelo crivada pelo fim de aparar estilhaços gerados da má relação com a Editora Maia & Schmidt. Gilberto Freyre desejou ser um autor com estabilidade editorial. Era preciso estabelecer, acreditou ele, vínculos com um editor atualizado nas vanguardas

---

<sup>706</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 29 de abril de 1959. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>707</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 29 de abril de 1959. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada] Os títulos dos livros aparecidos em caixa alta constam de conformidade com o documento original.

das ciências e ciente dos trâmites profissionais envolvidos na revisão e editoração de livros. Daí ter declarado:

a esta 4ª edição de um livro aparecido já há quase dez anos o Editor José Olympio deseja dar o caráter de definitiva dentro da relatividade que condiciona um ensaio da natureza dêste, cuja objetividade depende, em grande parte, de novos avanços na várias ciências e estudos em que se baseia. Isto sem falar nos aspectos, porventura ainda mais flutuantes, de sua subjetividade. As idéias e atitudes do autor. Seus pontos de vista. Os personalismos em que às vêzes se alongam suas interpretações<sup>708</sup>.

Era vital à condição de autor de Gilberto Freyre a recorrência dos anteparos das edições: índices, introduções, notas, bibliografias de cunho complementar, documentos, revisões, diagramações. Cercou-se dos meios que poderiam esclarecer e legitimar seus preceitos e da regularidade de suas publicações para responder, rebater os críticos. Editar seus livros traduzia-se na possibilidade de torná-los atuais na forma e no conteúdo. Os livros cuja chancela da Livraria José Olympio Editora, no que tange ao fator projeto gráfico, permitiam a ampliação dos conteúdos que os constituía como obras assinadas: sem alterar o “dizer essencial”, sem a “tentativa de reforma no sentido de eliminar repetições”<sup>709</sup> de ideias, de justificativas e de argumentos.

Quando observadas mediante à comparação serial, as edições de distintos livros de Gilberto Freyre apresentam variações no tipo de papel e na composição gráfica. A serialização dos colofões dos livros asseguram a decorrente afirmativa: as edições impressas nas Oficinas da Revista dos Tribunaes são de melhor qualidade gráfica e material. As confeccionadas em outras gráficas ou imprensas parecem não vincular-se com um melhor acabamento. Neste particular, são livros que os seus correspondentes suportes atendem à demanda mais imediata da produção de títulos menos onerosos à Livraria José Olympio Editora e, portanto, mais acessíveis no que tange ao preço final de consumo.

---

<sup>708</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à quarta edição. In: *Casa-Grande & Senzala...*, 10ª ed., 1º tomo, 1961, p. LXXXI.

<sup>709</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à quarta edição. In: *Casa-Grande & Senzala...*, 10ª ed., 1º tomo, 1961, p. LXXXI.

### 3.4 – Gilberto Freyre: autor de uma promessa

A Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre aumentou a tiragem dos títulos em virtude da sequencia de edições correspondente aos mesmos títulos. Torná-los livros, pois, seria a garantia da manutenção do autor no mercado em expansão contínua. Na página de abertura do prefácio à décima edição do *Casa-Grande...*, Gilberto Freyre deixa transparecer os números que projetam e autenticam o seu score de autor. Para tanto, a crítica estrangeira, por sua vez, figurou como um importante instrumento retórico à sua posição de intelectual perante os pares: “a presente edição de *Casa-Grande & Senzala* é a décima primeira em língua portuguesa; e a décima, nessa língua, publicada no Brasil. O que significa mais de 60.000 exemplares”<sup>710</sup> publicados e em potencial circulação. Todavia, Freyre mantivera-se na dúvida acerca das futuras publicações acordadas com o editor. Na correspondência que remetera a José Olympio, de 02 de maio de 1956, assinalou suas cobranças e, tão logo, moderação retórica:

Caro J. O.: um abraço.

Vão os dois livros que faltavam para a Gilbertiana. Creio que Um Engenheiro Frances (praticamente um livro novo) dará agora dois volumes. É estranho o silêncio seu e da casa sobre essas reedições de livros praticamente novos. Nem ao menos fui atendido quanto à copia (de que tanto precisava e preciso) do prefácio de Sociologia. O fato deste livro e os guias não serem encontrados dão-me prejuízo moral, além do material (a despeito de v. bondosamente me pagar todo mez adiantamentos). Entretanto, tudo que v. e a casa fizerem com este amigo fraternal de vocês está certo. Sei que se vocês não conseguiram até hoje por as reedições na rua é que não lhes foi possível.<sup>711</sup>

---

<sup>710</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à décima edição. In: *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 10ª ed., tomo I, 1961. [Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre]

<sup>711</sup> *Carta* de Gilberto Freyre para José Olympio de 02 de maio de 1956. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada] [grifos do documento]



A extensão obtida pela coleção não era, ao menos de início, uma certeza contundente do editor José Olympio. De acordo como o “Plano das Obras Seleccionadas de Gilberto Freyre”<sup>712</sup>, ou melhor, da “1ª Série das Obras Reunidas”<sup>713</sup> de Freyre, a extensão não era cogitada, restringindo-se a seis títulos com variação de tomos/volumes conforme à relevância e à importância que requeriam. Em carta de 24 de março de 1960, José Olympio esclarece, lembra, a Gilberto Freyre, queixoso quanto à sua situação editorial, que os títulos a serem publicados seriam: *Casa-Grande...*, com dois volumes; *Sobrados e Mucambos*, também dois volumes; *Ordem e Progresso*, dois volumes; *Sociologia*, dois volumes; *Nordeste* e *Problemas brasileiros de antropologia*, um volume cada.

Os limites à realização das edições, segundo José Olympio, decorria da instabilidade econômica nos inícios de 1960:

o problema dos investimentos é de tal ordem e o enfraquecimento da moeda tão progressivo, que só com muita prudência se pode levar por diante um programa editorial de envergadura. Tanto é assim que tivemos de liberar além dos livros do Graciliano, que vão ser editados agora pelo Martins, os direitos de publicação do dicionário de Laurentino Freire – empreendimento, diga-se de passagem, que nos ajudou extraordinariamente a consolidar os alicerces da Casa muna difícil fase de transição.<sup>714</sup>

Por certo, havia uma discordância entre a série do autor – a dos “estudos do passado social brasileiro”<sup>715</sup> – em relação à série do editor: produto de mercado, da sociedade de consumo. Antes de tudo, publicar o que fosse viável comercialmente era o tom do diálogo atentado por José Olympio. A coleção fez-se fato em meio às cautelas de Olympio: manter as vendas; prover a liquidez financeira da Casa. A precaução, neste caso, justificou-se quando ele quis limitar, ao menos em um primeiro momento, o número de títulos da

---

<sup>712</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 24 de março de 1960. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>713</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 24 de março de 1960. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>714</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 24 de março de 1960. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>715</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 2ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 721.

coleção. Mas que, na via contrária, o escritor de Apipucos referendava, sempre que possível, a cargo da primeira edição do *Ordem e Progresso*, o estabelecimento da memória da trilogia que pouco a pouco transformar-se-ia em tetralogia: ensaios que lidavam com “assuntos versados no primeiro dos quatro estudos” que transbordaram “no segundo; e os do segundo transbordarem neste, que é o terceiro.”<sup>716</sup>

Apesar da abertura da Obras Reunidas de Gilberto Freyre ter ficado a cargo do *Casa-Grande...* e, mais tarde, do *Ordem e Progresso*, e por este segundo ter sido, daí em diante, apregoado como o livro que completaria o tripé dos “estudos” ensaísticos, o *Jazigos e Covas Rasas* era mencionado nos prefácios de tiragens de outros títulos como à da terceira edição de *Sobrados e Mucambos*, de 1961. O lugar do *Jazigos e Covas Rasas* era desenhado pela expectativa, pelo porvir que não se concretizou apesar de Freyre anunciá-lo também na Nota Metodológica da primeira edição do *Ordem e Progresso*: “atualmente em rascunho e a ser publicado [em] breve.”<sup>717</sup> Citá-lo, de todo modo, implicava na construção de sentido, de significação à biografia intelectual do próprio Freyre.

Na Nota Metodológica do *Ordem e Progresso*, afixada nas disposições iniciais do livro, Freyre não negou os fantasmas. Aliou-se a eles:

[foi] escrita em ambiente a que não faltam sugestões do mil e novecentos brasileiro: um tinteiro, representando a então gloriosa Sarah Bernhardt – recebida, ao que se diz, com tanto entusiasmo pelos estudantes de Direito de São Paulo, que não permitiram os rapazes à atriz francesa rodar pelas ruas da capital paulista em carro puxado prosaicamente por cavalos – afastaram os cavalos e eles próprios puxaram o carro triunfal de *Madame*: tinteiro que foi de Joaquim Murtinho e nos foi oferecido em ano já remoto por Dona Laurinda Santos Lôbo, cujo salão de Santa Teresa tivemos ainda o gosto de frequentar; um pegador de papel que foi de Joaquim Nabuco – presente com que nos honrou, também há anos, a viúva do grande brasileiro; um original de caricatura de Emílio Cardoso Ayres; uma fotografia de Estácio Coimbra de chapéu-do-chile e fato branco de senhor de engenho, montado num dos cavalos preferidos para seus passeios

---

<sup>716</sup> FREYRE, Gilberto. Nota Metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 42. [grifo meu]

<sup>717</sup> FREYRE, Gilberto. Nota Metodológica. *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 41.

rurais em Morim; outra fotografia de Joaquim, Cardeal Arcoverde, oferecida logo após sua ascensão ao principado da Igreja, a pessoa amiga de Pernambuco. Mais: é escrita à luz de um candeeiro dos chamados belgas, tão característicos dos interiores brasileiros de residências, no fim do século XIX e no começo do XX. Luz elétrica, é certo, mas em candeeiro fabricado para a luz de querosene. Acomodação do passado com o futuro.<sup>718</sup>

É correto afirmar que, no transcorrer da coleção, a Livraria José Olympio Editora passava por alterações no seu quadro de escritores. Isto é: alguns dos direitos de publicação foram, ao longo dos anos, perdidos pela editora após a “expansão e diversificação”<sup>719</sup> de títulos e autores ocorridos até 1973. Porém, não só, o perfil da editora foi mudando quando Olympio “decidiu restringir as atividades da ‘Casa’” mais “à edição” e menos à livraria, dirimindo, conseqüentemente, os negócios baseados na venda de livros no crediário, no varejo. Todavia, a sua “constituição legal” ainda como “uma livraria facilitava a obtenção de licenças de importação de livros.”<sup>720</sup> A transferência da sede da editora da Rua do Ouvidor, nº 110, para a Rua Marquês de Olinda, nº 12, em 1964<sup>721</sup>, permitiu à editora a instalação de um restaurante, a Cantina Batatais<sup>722</sup>, no qual os almoços com “registro de presença em ata”<sup>723</sup> aconteciam com a participação dos escritores editados pela Casa.

A reunião de escritores esposada pela José Olympio também se dava em instituições como o Conselho Federal de Cultura do qual faziam parte Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz, Guimarães Rosa, por exemplo. Além de serem os editados da José Olympio eram, pela via paralela, membros de uma

---

<sup>718</sup> FREYRE, Gilberto. Nota Metodológica. *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 47. [grifos meus]

<sup>719</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 528.

<sup>720</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 518.

<sup>721</sup> Acerca do ano do golpe e para além dele, cabe aqui a seguinte observação: a abertura de capital da José Olympio trouxe os seus momentos de oportunidade e crescimento. “O golpe possui um duplo significado: por um lado ele se define por sua dimensão essencialmente política, por outro aponta para transformações mais profundas que se realizam no nível da economia.” [ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional...*, 5ª ed., 1994, p. 80.]

<sup>722</sup> SOARES, Lucila. *Rua do Ouvidor 110...*, 2006, p. 17.

<sup>723</sup> SOARES, Lucila. *Rua do Ouvidor 110...*, 2006, p. 16.

“geração longeva”<sup>724</sup> envolvida “com movimentos culturais, literários e políticos desde a década de 1920 até os anos 1970.”<sup>725</sup>

No ano de 1965, pois, “foi composta uma comissão presidida por Josué Montello<sup>726</sup> e formada por Adonias Filho, Augusto Meyer, Rodrigo Melo Franco de Andrade e Américo Jacobina Lacombe que elaborou o projeto do”<sup>727</sup> CFC<sup>728</sup>. A acolhida do nome de Gilberto Freyre para constar no catálogo da editora como coleção vinha, a intento, dos percursos do escritor nos setores da sociedade civil dedicados a pesar políticas culturais para o Brasil. Em 1966<sup>729</sup>, portanto, a comissão tratou de apresentar ao Presidente da República, Castello Branco, os pressupostos do Conselho Federal de Cultura. No dia 27 de fevereiro de 1967 foi, destarte, instalado com a incumbência de “elaborar políticas associadas ao projeto desenvolvimentista do governo militar,

---

<sup>724</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Prefácio. In: *Os cardeais da cultura nacional...*, 2012, p. 21.

<sup>725</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Prefácio. In: *Os cardeais da cultura nacional...*, 2012, p. 21.

<sup>726</sup> “A criação de um Conselho Federal de Cultura ocorreu graças à capacidade de articulação de Josué Montello, adquirida por meio de sua experiência em diversos cargos do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Sua carreira na burocracia se iniciou em 1937, quando assumiu o cargo de inspetor federal do Ensino Comercial, no Rio de Janeiro. Durante os anos do Estado Novo (1937 – 1945), exerceu vários cargos no setor educacional do MEC. Em 1947, foi nomeado diretor-geral da Biblioteca Nacional. Na década de 1950, além de outras funções, foi, por oito anos, diretor do Museu Histórico Nacional e diretor-fundador do Museu da República. No Executivo, exerceu, no ano de 1956, o cargo de subchefe da Casa Civil da Presidência da República. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL) em 4 de novembro de 1954.” [MAIA, Tatyana de Amaral. Trajetórias intelectuais: encontros em defesa da cultura nacional. In: *Os cardeais da cultura nacional...*, 2012, p. 35.]

<sup>727</sup> MAIA, Tatyana de Amaral. Trajetórias intelectuais: encontros em defesa da cultura nacional. In: *Os cardeais da cultura nacional...*, 2012, p. 35.

<sup>728</sup> Abreviatura do Conselho Federal de Cultura. Ver: MAIA, Tatyana de Amaral. *Os cardeais da cultura...*, 2012.

<sup>729</sup> “Em 1966, Josué Montello, então diretor da ABL, aproveitando-se da presença do presidente da República, Humberto Castello Branco, na Academia Brasileira de Letras, para uma conferência proferida por Afonso Arinos de Melo Franco, propôs ao presidente a criação de um conselho dedicado à cultura, com o objetivo de tecer uma estratégia de reação às críticas feitas pela imprensa e por agentes da área e realçar a importância de institucionalização do setor e do fomento estatal na cultura. Anos depois desse decisivo encontro, durante seu depoimento ao CFC, em 1971, para a comemoração do sétimo aniversário da – por eles designada – Revolução de 1964, Josué Montello narrou o episódio informando que Castello Branco demonstrava preocupação com as campanhas sistemáticas denominadas ‘terrorismo cultural’ que se abatiam principalmente sobre Rio de Janeiro e São Paulo, estados marcados pela hegemonia das esquerdas na produção cultural.” [MAIA, Tatyana de Amaral. *Os cardeais da cultura nacional...*, 2012, p. 35.]

valorizando na cultura aqueles elementos considerados representativos da nação.”<sup>730</sup>

Os vários notáveis que frequentavam a editora, para discutir sobre seus livros e as passagens políticos do país, expandiram e reiteraram “a rede de sociabilidade”<sup>731</sup> que cultivavam para o Conselho Federal de Cultura. Neste sentido, “o CFC procurou indicar”<sup>732</sup>, quando considerado nomes como os de Rachel de Queiroz e Gilberto Freyre, “uma série de caminhos para a cultura brasileira compreendendo a inevitável tensão entre o discurso nacionalista e os apelos do regionalismo.”<sup>733</sup> As suas atividades aconteceram nas instalações do “Palácio da Cultura, no Rio de Janeiro, até sua extinção, em 1990.”<sup>734</sup>

Veza ou outra, para participara das reuniões do Conselho, na atribuição de conselheiro, Freyre manteve-se um frequentador habitual da editora também na nova sede, algo que, segundo Laurence Hallewell, a frequência dos demais escritores havia diminuído. A constância das discussões de várias ordens, recorrentes na sede da Rua do Ouvidor e amparadas pelo vigor empresarial de Olympio até então, também apresentou redução. De todo modo, as tiragens dos títulos da Obras Reunidas de Gilberto Freyre exigiam prudência quanto à sua amplitude, uma vez que a destituição de João Goulart do cargo impusera incertezas políticas e econômicas. A despeito do acontecido, Freyre viu, paulatinamente, a adição de seus textos, em forma de livro, na coleção.

---

<sup>730</sup> MAIA, Tatyana de Amaral. Trajetórias intelectuais: encontros em defesa da cultura nacional. In: *Os cardeais da cultura nacional...*, 2012, p. 34.

<sup>731</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Prefácio. In: *Os cardeais da cultura nacional...*, 2012, p. 21.

<sup>732</sup> MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. Apresentação. In: *Os cardeais da cultura nacional...*, 2012, p. 17.

<sup>733</sup> MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. Apresentação. In: *Os cardeais da cultura nacional...*, 2012, p. 17.

<sup>734</sup> MAIA, Tatyana de Amaral. Trajetórias intelectuais: encontros em defesa da cultura nacional. In: *Os cardeais da cultura nacional...*, 2012, p. 34.

OBRAS REUNIDAS  
de  
GILBERTO FREYRE

★  
INTRODUÇÃO À HISTÓRIA  
DA SOCIEDADE PATRIARCAL NO BRASIL

1

CASA-GRANDE  
&  
SENZALA

Formação da Família Brasileira  
sob o Regime de Economia Patriarcal

★  
Ilustrações de TOMÁS SANTA ROSA  
e um desenho a cores de CÍCERO DIAS

1.º TOMO

13.ª edição brasileira  
(14.ª em língua portuguesa)



LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

Capa da edição do *Casa-Grande & Senzala* na  
Coleção Obras Reunidas de  
Gilberto Freyre.

A relevância que uma coleção pode imprimir a um autor não há como negar. No entanto, a Obras Reunidas de Gilberto Freyre não foi citada nem no “Prefácio à 1ª edição” e nem na “Nota Metodológica” do *Ordem e Progresso*. Preâmbulos de um texto que serviram de estrutura material do livro que, conforme já repeti aqui, abriu a coletânea. Ausência, entretanto, que fala. A Obras Reunidas de Gilberto Freyre dependia mais da [in]constância do editor do que do potencial de sagração que editado demonstraria. Mas por que será que a coleção não foi nominalmente citada nas primeiras páginas do *Ordem e Progresso*? A resposta, talvez, pode não ser absoluta. Todavia, pode ser ponderável. Distintamente do que foi a Coleção Documentos Brasileiros, que chegou a ser considerada “um verdadeiro hipermercado cultural”<sup>735</sup> e concebida como política editorial na década – 1930 – de maior confluência de escritores à Casa, a Obras Reunidas de Gilberto Freyre limitava-se à conversa informal entre Freyre e Olympio. Uma ideia concretizada, mas não submetida ao aditamento que um plano editorial, com regras e trajetória mais ou menos pré-estabelecidas, costumava exigir, reclamar, estabelecer.

Em meio ao ir e vir das cartas, e diante das retrucas de Freyre, Olympio tentava justificar o recuo de suas decisões. Muitas delas tomadas em circunstâncias informais. Logo, mudá-las, sempre que fosse conveniente aos interesses da editora, suscitava atritos. A conversa informal entre Freyre e Olympio, no Rio de Janeiro, sobre os rumos da coleção não se confirmaram, ou melhor, não aparentou ser o que Freyre almejava que fosse. A atitude de editor de Olympio, como homem de negócio que era, dependia das oscilações do mercado. Conduta que nem sempre agradava ao seu editado. As condições de publicação não permitiram confirmar o que Freyre supôs ter sido acordado.

Firmar a coleção como propósito editorial, dependia, sem a menor dúvida, de circunstâncias que recaiam sobre a situação da mão de obra e da matéria-prima condizentes à produção dos livros. As razões do editor contrariavam as do autor, indubitavelmente. Livro é barganha e negócio. A amizade, um pleito complicador quando os assuntos pecuniários estão em

---

<sup>735</sup> Carta de Carlos Drummond de Andrade para Daniel Pereira de 29 de julho de 1986. Ver: PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 187.

jogo, é simultaneamente aviltada e ajustada entre os jogadores. A amizade existia, carecia de anteparos, mas não deveria se sobrepor aos negócios. Ou será que se sobrepôs?

No preâmbulo da correspondência de 24 de março de 1960, José Olympio não se recusou a distinguir o recinto da amizade daquele que era relativo ao mercado:

Meu caro Gilberto:

Escrevo-lhes a prometida carta fixando, de modo positivo, o que está nas fôrças, na vontade, na consciência da Casa fazer pelos seus livros. Não lhes escrevo – a você e Madalena, e por natural extensão a Sonia e Fernando – no meu nome pessoal. Escrevo-lhes em nosso nome, sendo portador da carta meu próprio filho, que é hoje, com meus irmãos, também diretor da Casa. Ele lhes contará a transformação por que está passando, neste momento, a Casa, e está êle em condições de poder dar pessoalmente a vocês todas as explicações que desejarem saber.<sup>736</sup>

Além de promover a [con]sagração de Gilberto Freyre, a coleção fazia parte de uma política editorial às avessas da Livraria José Olympio Editora. Atingir o leitor, portanto, indicava a combinação dos propósitos a serem atingidos pelo autor e pelo editor: 1º – a função atribuída ao livro de mediador da pretensa cumplicidade entre quem o assina, quem o chancela e quem o recepciona [leitor]; 2º – assim como o objeto de mercado com vistas a conquistar o consumidor [leitor]. Freyre era, reiteradamente, consciencioso dessa dinâmica do jogo de posições. Um autor que deseja perpassar as gerações. Ser cânone. Ser clássico. Para tanto, dependeria das proposições do editor, ou seja, o nome do autor não era a garantia primeira do sucesso de vendas.

---

<sup>736</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 24 de março de 1960. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]



E os contrapontos, as proposições do editor, afinal? Os limites impostos à coleção, restritos aos seis títulos, estavam ligados ao

encarecimento constante da vida brasileira (não sei se em consequência da crise de crescimento, o baixo índice de produção, o fenômeno inflacionário que vem se arrastando de longe), a coleção desses 10 volumes irá custar ao comprador nunca menos de 10 contos. Como seria possível pensarmos hoje em séries de 20 ou mais volumes para vendê-los num só bloco, ainda que em prestações? Nêstes últimos 4 anos, seu Gilberto, houve um verdadeiro terremoto nas condições de trabalho no Brasil. O encarecimento brutal da mão de obra e da matéria-prima (no nosso caso, o chumbo e o papel) cerceia hoje qualquer iniciativa mais arrojada ou menos bem planejada.<sup>737</sup>

Contudo, no transpasse dos anos, o catálogo da coleção foi sendo ampliado. Para além dos seis títulos anunciados, outros foram acrescentados: *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*; *Um engenheiro francês no Brasil*; *Quase política*; *Retalhos de jornais velhos*; *6 Conferências em busca de um leitor*; *Talvez poesia*; *O Velho Félix e suas memórias de um Cavalcanti*; *Vida, forma e cor*; *Olinda: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*. Os títulos *Nordeste*, *Casa-Grande...*, *Sobrados e Mucambos*, *Ordem e Progresso* e *Sociologia* foram contemplados com a tiragem de edições subsequentes, mas com intervalos, às vezes, de seis anos entre uma edição e outra. É o caso do *Nordeste* cuja terceira edição é de 1961 e a quarta, por seu turno, de 1967. Um detalhe a mais: a intercalada entre uma edição e outra, a intento do *Ordem e Progresso*, estava ligada ao tempo de pesquisa exigido pelo texto que se trajou da envergadura de um “estudo” de equipe: “resultou” da “enorme [...] massa de material autobiográfico que conseguimos, não num ano ou dois, mas em mais de dez, na verdade quase em vinte”<sup>738</sup>. Fator que também esclarece a razão pela qual a distância entre a segunda edição do *Sobrados e Mucambos*, de 1951, antes da primeira tiragem do *Ordem e Progresso*, de 1959, foi tão alargada.

---

<sup>737</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 24 de março de 1960. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada] [grifos meus]

<sup>738</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 11.

A “série de estudos”, pois, “dentro do plano estabelecido pelo autor”<sup>739</sup>, que incluiu o *Jazigos e Covas Rasas*, era um projeto que Gilberto Freyre pretendia ver executado. Publicar o que escrevia, ou seja, conceder ao texto a forma do livro, dependeria, é certo, também da disponibilidade do chumbo, do preço do papel à impressão. Custos que ele parecia não mensurar ao desprender energia em favor de um “estudo”, por vezes, com pendores de monumental. É o caso, a propósito, do *Jazigos e Covas Rasas* “cuja publicação deverá ser acompanhada de três volumes de material ilustrativo dos assuntos versados nos vários ensaios da série: documentos, mapas, fotografias, caricaturas.”<sup>740</sup> Um descompasso entre a “mão do autor e a mente do editor”<sup>741</sup>.

Para a coleção ser impressa, o tipo de papel, dependendo do preço de mercado, sofria variação. O uso do papel *Bouffant* nacional é um exemplo. Foi de uso recursivo à confecção dos livros: fibroso, espesso e absorvente. Quando de segunda categoria, a sua particularidade física constituía-se pela pasta mecânica: úmidas, “as toras de madeira [...] são prensadas [...] contra um rolo giratório cuja superfície é coberta por um material abrasivo, reduzindo-os a uma pasta fibrosa.”<sup>742</sup> A olho nu, é perceptível que o papel *Bouffant* mantenha, sob a técnica da pasta mecânica, as ranhuras, para além das fibras, das lascas de madeira que o estrutura.

A despeito dos nós da prática editorial e dos interstícios financeiros, a coleção deu a Gilberto Freyre a constância da publicação. Foi gradativamente ampliando o sentido da função autor que detinha. Era autor porque estava no fluxo do mercado, porém era escritor de ofício e desígnio. Fez do ofício um princípio, uma demanda que justificasse o motivo de escrever como escrevia em detrimento da opinião “dos críticos nacionais”, muito embora importando-se com elas. Foi assim que desejou ser visto. Um exemplo de simulador de combate à crítica do qual tanto fez uso, permitindo-lhe recorrer ao leitor para

---

<sup>739</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 09.

<sup>740</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 09.

<sup>741</sup> CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor...*, 2014.

<sup>742</sup> NAVARRO, Roberta Maria Salvador [et al.]. Estudo de diferentes processos de obtenção da pasta celulósica para fabricação de papel. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, *Ciências e Tecnologia*, ano 1, nº 1, jul./dez., 2007, p. 03.

adquirir força retórica e anteparo profissional. Um escritor não se fazia sem texto, papel, chumbo e tipógrafo.

As capas, orelhas e quartas capas dos livros, reafirmo, chamavam o leitor a acolher os ensaios. Deu-se ao leitor o estímulo do colecionar. Desejou-se torná-lo um aliado: “as críticas”, escreveu Gilberto Freyre no prefácio à segunda edição do *Sobrados e Mucambos*, “pecam pela precipitação, considerando, como consideram, um estudo ainda em começo como se fosse já a obra inteira”<sup>743</sup>. O percurso da coleção, apoiado no rebate dos prefácios e nos recursos de propaganda e de identificação dos volumes, prescrevia a intenção de continuidade manifestada por Freyre quanto à sua tetralogia que acabou por resumir-se à uma trilogia. A palavra “obra” tinha para ele o sentido de contribuição, de legado autoral ímpar. Um legado, para assim triunfar na posteridade, somente poderia sê-lo na dedicação e no olhar detido do pesquisador que demonstrou ter sido. Portanto, antes de ser “obra” era preciso ser “estudo”<sup>744</sup>. Isto é: a série de estudos – “iniciados em 1933 com o ensaio *Casa-Grande & Senzala*”, aproximava-se da “conclusão”<sup>745</sup> – “de caráter principalmente sociológico” não deveria ser “julgada ou considerada do ponto de vista convencionalmente cronológico ou sistematicamente geográfico ou corográfico.”<sup>746</sup>

*Jazigos e Covas Rasas*, que será uma tentativa de estudo não só dos métodos como da mística de sepultamento em nossa sociedade patriarcal, considerados esses métodos e essa mística como extensão do complexo patriarcal de segregação e de sobrevivência de família e de expressão do espírito patriarcal de casta, em contraste com o descaso pelos mortos quando escravos pagãos e extradomésticos, ou indivíduos pobres, ou sem eira nem beira.<sup>747</sup>

---

<sup>743</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 2ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 721-722.

<sup>744</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 2ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 721.

<sup>745</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 09.

<sup>746</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 2ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 722.

<sup>747</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 2ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 721.

O leitor, enfim, é esboçado como um instrumento de eloquência combativa. Uma tentativa de neutralizar a crítica adversa: “é do público brasileiro”, além da opinião “aguda e quase sempre mais completa” dos especialistas estrangeiros, “que tem principalmente recebido o melhor apoio, sólido e maciço, de uma aceitação, além de constante, ou renovada, sempre entusiástica”.<sup>748</sup> Sendo assim, imprimiu-os na memória da coleção. Não tiveram a serventia apenas de reclame, mas de assento à coleção assinada por um humanista.

A Obras Reunidas de Gilberto Freyre também foi ladrilhada nos prefácios e/ou notas dos títulos nela lançados. O *Jazigos e Covas Rasas*, por mais que não tenha sido publicado na coleção e nem em outra circunstância, conferiu à iniciativa o poder de avigorar os projetos de escritor, de autor e de “obra” intentados por Freyre. Projetos que, às vezes foram de todo realizados e às vezes foram adaptados, a Livraria José Olympio Editora assegurou. Acerca desta minudência, Freyre, ao fazer uso do simulador, esforçou-se em [a]firmar o lugar, o peso, a relevância dos seus principais ensaios através da pesquisa e sob o preceito de “estudo”. Daí as referências ao *Jazigos e Covas Rasas* se explicarem: uma parte sistemática dos “estudos”.

---

<sup>748</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à décima edição. In: *Casa-Grande...*, tomo I, 1961, p. XXIII.

### 3.5 – Gilberto Freyre: autor das Coleções Sagarana e Brasil Moço

A Coleção Sagarana tinha o objetivo de compilar “centenas de clássicos da literatura brasileira, editados e reeditados, com formato característico”<sup>749</sup>. Publicou-se, tendo por base o propósito da coleção, textos integrais. É o que ocorrerá com a edição de *Dona Sinhá e o Filho Padre*. Dos anos 1950 em diante, em especial nos anos de 1960 e 1970, a José Olympio impulsionou as “coleções ilustradas de clássicos da literatura e de obras sobre o Brasil.”<sup>750</sup> Uma política que se estende, de fato. Estimulou-se a disseminação “dos pontos de venda” para além dos convencionais: “ao mesmo tempo em que desenvolvia sua atividade editorial de coleções, ingressou naquilo que, na América do Norte, se chama *subscription books market*, ou seja, venda de porta em porta, pelo crediário.”<sup>751</sup>

A posição política de Gilberto Freyre, no limiar do golpe de 1964, circundava a publicação de seus livros. Consoante o historiador Rodrigo Patto Sá Motta, Freyre “assumiu a frente de intelectuais pernambucanos favoráveis à derrubada de [João] Goulart [1918 – 1976]”. Para tanto, fez uso do *Diário de Pernambuco*, em uma coluna publicada sempre aos domingos, para rebater “as esquerdas favoráveis a [Miguel] Arraes [1916 – 2005] e a Goulart.”<sup>752</sup> Um outro nome combatido pelo escritor em Recife era o do educador Paulo Freire [1921 – 1997]. Este, quando do reitorado de João Alfredo Gonçalves da Costa

---

<sup>749</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 314.

<sup>750</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 514.

<sup>751</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 517.

<sup>752</sup> “Assim como no Recife, em outros grandes centros urbanos e universitários havia intelectuais e acadêmicos em disputa aberta contra a esquerda, prontos a apoiar uma intervenção militar que os livrasse dos adversários. Uma lista completa seria extensa, mas é possível citar exemplos de professores universitários e outros intelectuais que serviram de esteio ao novo regime: Eremildo Vianna, Raimundo Muniz de Aragão, Djacir Menezes, Francisco de Paula Rocha Lagoa, Zeferino Vaz, Antonio Delfim Netto, Roque Spencer Maciel, Luís Antônio da Gama e Silva, Alfredo Buzaid, Esther Ferraz, Manuel Nunes Dias. Os nomes citados são do eixo Rio-São Paulo, mas, pelo país afora, naturalmente, muitos outros deram sua contribuição ao regime militar.” [MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar...*, 2014, p. 34.]

Lima<sup>753</sup>, dirigiu o Serviço de Extensão Cultural – SEC implantado na Universidade do Recife (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE). Dentre os feitos de Paulo Freire no SEC, estavam a “campanha de alfabetização”<sup>754</sup> e a Rádio Universitária. Iniciativas que promoveriam a difusão dos propósitos de esquerda com os quais Gilberto Freyre debatia.

No decorrer da ditadura civil-militar, a José Olympio, ante à expansão que experimentou, baseou-se “em reimpressões muito econômicas”<sup>755</sup>. É o que pode ser constatado na forma dos livros da Sagarana e da Brasil Moço. E mais: “a despeito de toda” a “diversificação e de uma crescente sofisticação no planejamento de suas atividades editoriais (segundo se afirmava, uma completa pesquisa de mercado antecedia”, sobremaneira, “a decisão final a respeito” da publicação de “qualquer título”<sup>756</sup>.

Fosse com uma publicação mais arrojada ou em uma menos arrojada, Freyre seguia publicando. E seguia reafirmando o compromisso que demonstrava ter, antes mesmo de qualquer expediente político, com o seu ofício de escritor e, por extensão, com a sua condição de autor. Nas conferências ou palestras que proferia nos Estados Unidos, por exemplo, com o Brasil ainda sob o controle institucional dos militares, afirmou que teve “de enfrentar, com relação ao Brasil”, “o preconceito anti-militarista, da parte de alguns dos”, daquele país, chamados “liberais”. Uns “certos professores” que eram, até, “inocentes”: “afetados pela propaganda comunista”<sup>757</sup>. Em 1965, escreveu:

não sou dos que se envergonham de compromissos de caráter ético, como são aqueles que prendem um indivíduo à sua sociedade nacional: principalmente em dias críticos. Outra é a independência com que procuro pensar, sentir, escrever, viver: a independência de facções estreitas, seja qual fôr sua espécie de faccionismo, – filosófico, político,

---

<sup>753</sup> “Com a vitória do golpe, os professores e estudantes mais visados saíram de cena, postos na prisão ou foragidos, mas a campanha contra o reitor não esfriou, ainda liderada pelos artigos de Gilberto Freyre na imprensa. Em junho de 1964, João Alfredo [Gonçalves] da Costa Lima cedeu às pressões e decidiu renunciar.” [MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar...*, 2014, p. 45.]

<sup>754</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar...*, 2014, p. 34.

<sup>755</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 522.

<sup>756</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 523.

<sup>757</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio. In: *Forças armadas e outras forças...*, 1965, p. 03.

religioso; a independência de partidos; a independência de interesses econômicos de grupo.<sup>758</sup>

Nos anos de maior apreensão política<sup>759</sup> no Brasil e com o preço do papel elevado, coleções como a Sagarana e a Brasil Moço ganham volume. Neste caso, a editora despreendeu, no início da década de 1970, esforços para a “produção em reimpressões, especialmente de autores mais importantes e de renome e de textos clássicos.”<sup>760</sup> O nome de Gilberto Freyre fará parte, então, do grupo seleta. O daqueles autores que, “quase sempre, um livro é maior<sup>761</sup> que a gente”<sup>762</sup>, sentenciou o mineiro Guimarães Rosa. O grupo daqueles que, em linhas gerais, fazia parte do Conselho Federal de Cultura. Na qualidade de escritor ou de intelectual participante dos rumos da política cultural<sup>763</sup> no país, Freyre, em 1969, declarará que a existência de “uma instituição burocrática dedicada à cultura” não significa “oficializar” o entendimento, a definição e a promoção de ações relativas à “esfera cultural”. A declaração dele, de aspiração “não oficializante”, tentativa de burlar as amarras do Estado, e “compartilhada por seus companheiros do Conselho, tem por objetivo preservar a integridade do campo cultural, e principalmente do intelectual, estabelecendo com a esfera política um intercâmbio salutar.”<sup>764</sup> No entanto, o Estado como censor trepidava o intento dos intelectuais: “um editorial do *Jornal do Brasil* de

---

<sup>758</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio. In: *Forças armadas e outras forças...*, 1965, p. 09.

<sup>759</sup> “O golpe militar tem evidentemente um sentido político, mas ele encobre também mudanças econômicas substanciais que orientam a sociedade brasileira na direção de um modelo de desenvolvimento capitalista bastante específico. Tal modelo, geralmente descrito através de seus traços genéricos, concentração de renda, crescimento do parque industrial, criação de um mercado interno que se contrapõe a um mercado exportador, desenvolvimento desigual das regiões, concentração da população em grandes centros urbanos”. [ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional...*, 5ª ed., 1994, p. 80-81.]

<sup>760</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 531.

<sup>761</sup> Pelo esforço requerido do escritor ao preparar o texto e, em seguida, ao publicá-lo na forma do livro. Tornando-se, então, do leitor. [grifo meu]

<sup>762</sup> ROSA, João Guimarães. Opinião de Guimarães Rosa. In: *Dona Sinhá...*, 2ª ed., 1971, p. xxxii.

<sup>763</sup> “A ideia da cultura como parte integrante do desenvolvimento almejado pelo Estado foi constantemente lembrada pelo Conselho.” [MAIA, Tatyana de Amaral. Trajetórias intelectuais: encontros em defesa da cultura nacional. In: *Os cardeais da cultura nacional...*, 2012, p. 77.]

<sup>764</sup> MAIA, Tatyana de Amaral. O “senado da cultura nacional”: a institucionalização do setor cultural na ditadura civil-militar. In: *Os cardeais da cultura nacional...*, 2012, p. 109.

22 de janeiro de 1966 reclamava da falta de critérios nas apreensões de livros<sup>765</sup>.

Afora a censura, a lentidão das instituições do Estado, aos olhos de Gilberto Freyre, era um incômodo. Para promover os seus livros, o escritor, ao recolher as deferências internacionais, tentava driblar qualquer recusa do Itamaraty de propalar o “elogio”<sup>766</sup> ou a “homenagem excepcionais”<sup>767</sup> que recebia. Fazendo com que o editor demonstrasse apoio às suas reclamações, argumentava que tudo que era publicado a seu respeito não poderia deixar de interessar à Casa. Queixou-se que o seu doutoramento em Sussex e na Sorbonne, por exemplo, não tinham sido divulgados pelo Itamaraty.<sup>768</sup>

Querido J. O.:

Peço a intervenção do nosso excelente Luis Viana no sentido de me serem enviadas as insígnias doutorais confiadas pela Sorbonne ao mesmo Itamaraty que nada me comunicou a respeito: é possível que as deixem apodrecer.

Agradeço com um grande abraço[.]<sup>769</sup>

O controle que Gilberto Freyre tinha, e que gostaria de continuar tendo, da sua imagem como intelectual afeito a pensar a cultura como estratégia política do país, aproveitou as edições da revista *Cultura*, sempre que tratassem de seus feitos, para munir a José Olympio de material que servisse

---

<sup>765</sup> Entre 1964 e 1968: “Embora o universo dos livros, editoras e livrarias fosse alvo do vandalismo da direita, não houve nos primeiros anos após o golpe militar de 1964 a estruturação de um sistema único de censura a livros. Essa ausência de regulamentação censória em relação aos livros fez constar entre os *best-sellers* de 1968, por exemplo, clássicos do pensamento nacional de esquerda, como *Um projeto para o Brasil*, de Celso Furtado, clássicos internacionais da literatura erótica, como *Kama Sutra*, da literatura hindu de fisiologia e moral sexual, como *Filosofia na Alcova*, [d]o marquês de Sade e *Minha vida, meus amores*, de Henry Spencer Ashbee, relato autobiográfico de um colecionador de arte erótica”. [REIMÃO, Sandra. Ditadura militar e censura a livros: Brasil (1964 – 1985). In: *Impresso no Brasil...*, 2010, p. 272-273.]

<sup>766</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 05 de janeiro de 1966. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>767</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 05 de janeiro de 1966. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>768</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 05 de janeiro de 1966. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>769</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 05 de janeiro de 1966. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]



de reclame aos seus livros. Na carta de 17 de junho de 1968, de Freyre para o seu editor, já sob a expectativa da segunda edição do *Dona Sinhá...*, lê-se:

Caro J. O.:

O Bandeira de Melo<sup>770</sup> me informa ter enviado a v. 50 exemplares de Cultura com o texto do discurso de Asa-Briggs – é intelectual inglês famoso – no meu doutoramento em Sussex. Seria para distribuição pela Casa. Peça-lhe que lhe arranje número igual de exemplares de Cultura que publicou o discurso do Deão de Münster (Alemanha) e do que publicou matéria relativa ao Prêmio Aspen, para distribuição pela Casa. E combine – sugiro – com Coley a utilização de todo êsse material importante e mais, do discurso do Deão da Sorbonne, no meu doutoramento em Paris, para uso em orelhas, capas, etc. de Sobrados e outros livros. Também trecho do artigo do Coleman no N. Y. Times e opiniões várias sôbre D. Sinhá, na nova edição da seminovela, com “prefácio” do Rosa.<sup>771</sup>

Cercou-se não só dos livros que publicava, mas dos periódicos nos quais divulgava as suas opiniões ou até mesmo quando era tema, o motivo pelo qual os artigos eram escritos, a partir da opinião de terceiros. Destarte, em artigo à revista *Cultura*, de 1970, Manuel Diégues Júnior<sup>772</sup> apresentou Gilberto Freyre, de acordo com a historiadora Tatyana de Amaral Maia, “como um inovador ao adotar a percepção regionalista da cultura brasileira”, via patriarcado do açúcar, e o texto *Dona Sinhá...* é parte deste seu projeto, “defendendo a ideia de que o regionalismo não opõe” a dimensão “rural ao urbano, pois esses espaços não são considerados como dissociados, mas complementares”<sup>773</sup>. E é entre o rural e o urbano, o intercruzamento do tempo da tradição com o tempo da modernidade, ambos mediados pelo lamento da decadência, que a personagem Dona Sinhá faz-se verossímil na seminovela.

---

<sup>770</sup> Manoel Caetano Bandeira de Mello. Secretário-Geral do Conselho Federal de Cultura.

<sup>771</sup> Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 17 de junho de 1968. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada] [grifos simples e aspas do documento] [grifos duplos meus]

<sup>772</sup> “No desenvolvimento e defesa dessa ideia de rurbanização provoca justamente Gilberto Freyre encontrar um ambiente em que se torne possível surgir um denominador comum de valores que, sem chegar aos exageros xenófobos do ruralismo, também não os descaracterize nacionalmente como sucede quase sempre aos meios urbanos; nem o conservadorismo apegado do rural, nem descaracterização regional do urbano.” [DIÉGUES JÚNIOR, Manuel *Apud* MAIA, Tatyana de Amaral. Trajetórias intelectuais: encontros em defesa da cultura nacional. In: *Os cardeais da cultura nacional...*, 2012, p. 71.]

<sup>773</sup> MAIA, Tatyana de Amaral. Trajetórias intelectuais: encontros em defesa da cultura nacional. In: *Os cardeais da cultura nacional...*, 2012, p. 71.

Ela é, sobremaneira, um istmo da “rurbanização”<sup>774</sup>: reparo ao passado dissolvido. Apesar da tensão, da perda, a simbiose.

*Dona Sinhá...* entrará para a lista dos títulos da Coleção Sagarana em 1971, mas na sua segunda edição. É o volume de número setenta e sete. Está entre os “grandes sucessos populares e literários”<sup>775</sup>, diz a chamada da editora afixada no volume. O livro conta com uma “nota da editora”<sup>776</sup> e com um “quase-prefácio de Osmar Pimentel”<sup>777</sup> e a “opinião de Guimarães Rosa”<sup>778</sup>. Como recursos de atração do leitor e, por seu turno, de legitimação do autor, o exemplar traz na orelha da capa um reclame, um comentário de Guimarães Rosa. Este, o autor que tem o seu livro *Sagarana* como o primeiro da coleção a ser lançado.

Gilberto Freyre. Grande, permanente e novo. Homem de espírito e ciência, sistematizador, descobridor, grande crítico; e artista. Sabe ver, achar, pensar, inventar e pôr a reviver, remexer, experimentar, interpretar, alumiar, animar, influir, irradiar, criar. Mestre. Mas, seu estilo – macio e falador, à vontade e imediato, exato e espaçoso, limpo e coloidal, personalíssimo e público, embebido de tudo e tão eficazmente embebedor, – já, por si, daria para obrigar a nossa admiração.<sup>779</sup>

No que concerne à materialidade dos volumes, a editora potenciaria o que, a princípio, era resultado de implicações econômicas. O que para a editora estava relacionado aos custos do papel, formato do exemplar e da “redução de consumo dos itens de lazer”<sup>780</sup> pela classe média do país, foi revertido em chamada de propaganda. Em atrativo comercial. Em busca de um leitor atento, em renovação, daqueles que intencionam encontrar na literatura parte, ou o todo, do que são. Um raciocínio condizente com o modo de pensar o país a partir do ideário de “memória nacional” e, em decorrência, coletiva, “no

---

<sup>774</sup> FREYRE, Gilberto. *Rurbanização: que é?*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1982. [Série Monografias, 25]

<sup>775</sup> Enunciado do verso da folha de guarda do exemplar, segunda edição, de 1971.

<sup>776</sup> Consta no sumário da segunda edição do livro.

<sup>777</sup> De conformidade com o sumário do livro em segunda edição.

<sup>778</sup> Do sumário da segunda edição do livro.

<sup>779</sup> Da orelha da capa do *Dona Sinhá...*, 1971.

<sup>780</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 529.

interior de um quadro de racionalização”<sup>781</sup>, experimentado por aquele que ler livros para saber mais sobre o que são como brasileiros.

Daí, a Sagarana ser vendida como

uma série variada, de feição gráfica moderna e formato cômodo, reunindo livros escolhidos da literatura brasileira e estrangeira (precedidos de notas biobibliográficas e estudos críticos). – livros de todos os gêneros. Uma coleção organizada para distrair e instruir.<sup>782</sup>

Como estratégia de venda, a editora anunciava nos exemplares os endereços de representação do sinete. A venda em livrarias supunha lembrar o hábito do leitor de ir ao encontro dos livros e, antemão, da abrangência da José Olympio em rede<sup>783</sup>, ou melhor, nos pontos comerciais do país nos quais alguns dos escritores da Casa tinham origem. Para além do alcance em rede, o selo, para financiar a suas publicações, em especial na década de 1970, firmou parceria com o Instituto Nacional do Livro. Com o “decreto original de 1937”, uma das atribuições do Instituto Nacional do Livro correspondia à função “de instrumento do controle direto do governo sobre os livros que poderiam ser legalmente publicados ou importados.”<sup>784</sup> Nos anos da ditadura civil-militar, após o AI-5 decretado em 1968, o INL tinha o objetivo de produzir e incentivar com recursos governamentais “uma bibliografia nacional”<sup>785</sup>. Órgão que detinha o poder da “livre escolha na área de coedições”<sup>786</sup>.

No marco inicial da década de 1970 a Livraria José Olympio Editora reorientou-se administrativamente, ampliando e sistematizando seu catálogo de títulos didáticos: livros para a prática do magistério. A Coleção Brasil Moço, a intento, dirigida pelo tradutor Paulo Rónai, publicou em 1971 a primeira edição do *Seleto para Jovens de Gilberto Freyre*, livro tanto quanto a Coleção, com o fim de selecionar, compilar e divulgar textos de escritores brasileiros. Os “mais

---

<sup>781</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional...*, 5ª ed., 1994, p. 124.

<sup>782</sup> Enunciado do verso da folha de guarda do exemplar, segunda edição, de 1971.

<sup>783</sup> Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre, Brasília, Salvador, Curitiba.

<sup>784</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 438.

<sup>785</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 437.

<sup>786</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 438.

representativos da moderna literatura brasileira”<sup>787</sup>. Tinha por finalidade, desta vez, reunir “seletas dos nossos maiores nomes contemporâneos” para “o público estudantil.”<sup>788</sup> Já “em 1972, a José Olympio obteve a invejável (e lucrativa) indicação para partilhar com a Editora Abril o contrato governamental para a produção de textos para o Mobral”<sup>789</sup>.

Foi uma investida que estabeleceu escalas, parâmetros de comparação: “numa visão de conjunto, pode-se afirmar, sem erro, a primazia da José Olympio no campo das coleções, ao lado de algumas iniciativas semelhantes em editoras como a Melhoramentos, de São Paulo, e a Globo, de Porto Alegre.”<sup>790</sup> Publicaram na Brasil Moço: Carlos Drummond de Andrade, *Seleta em prosa e verso*, 1971; Manuel Bandeira, *Seleta em verso e prosa*, 1971; Luís da Câmara Cascudo, *Seleta*, 1972; Augusto Meyer, *Seleta*, 1973; Menotti del Picchia, *Seleta em prosa e verso*, 1974; Luís Jardim, *Seleta*, 1974; Augusto Frederico Schmidt, *Seleta em prosa e verso*, 1975; Clarice Lispector, *Seleta*, 1975; Rachel de Queiroz, *Seleta*, 1976; Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Seleta em prosa e verso*, 1979.

Paulo Rónai, na nota de advertência da Coleção, elencara o perfil e os propósitos de uma publicação de abrangência mais específica quanto aos leitores em potencial. A terceira edição do *Seleta para Jovens de Gilberto Freyre* contou com a parceria do Governo do Estado de Pernambuco por meio da então Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes e da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE. Fica estabelecido um manifesto em nome da “literatura brasileira de nossos dias que já alcançou nível de fama internacional.”<sup>791</sup> Afinal, defende Paulo Rónai, é “expressão fiel do Brasil em suas inúmeras facetas,” porém “também da inquietação do homem moderno em face de um mundo que se transforma com

---

<sup>787</sup> Fragmento do cabeçalho da folha de guarda da terceira edição, de 1980, do *Seleta para Jovens de Gilberto Freyre*.

<sup>788</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 314.

<sup>789</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 523.

<sup>790</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 315.

<sup>791</sup> RÓNAI, Paulo. Advertência: a propósito da Coleção Brasil Moço..., 3ª ed., 1980, p. 159. In: *Gilberto Freyre: seleta para jovens...* .

vertiginosa rapidez, ela é, no entanto, insuficientemente conhecida, quando ignorada, pelos nossos jovens.” Neste sentido, o

objetivo desta coleção é pôr fim ao divórcio entre as nossas letras modernas e os leitores jovens – por isso chama-se ela Coleção Brasil Moço (Literatura Viva Comentada). Cada volume é consagrado à obra de um escritor importante, apresentada, através de todos os gêneros que ele praticou, em amostras expressivas, de sentido completo e alto nível estético, escolhidas de modo a transmitirem em seu conjunto uma mensagem e uma visão pessoal do mundo.<sup>792</sup>

Mas, sem a participação dos professores de literatura e, inclusive dos “críticos literários”, o propósito da coleção não vingaria. São os professores e os críticos, cada qual a seu modo, os motivadores da leitura através da elucidação das eventuais “dificuldades, sugerindo pesquisas, fornecendo bibliografias resumidas.”<sup>793</sup> Os volumes da Coleção Brasil Moço

são, portanto, concebidos como verdadeiras iniciações, que hão de inspirar o desejo de conhecer em sua totalidade a obra dos escritores apresentados. Diga-se, logo, porém, que didática, para nós, não quer dizer rotina monótona, nem repetição de conceitos bolorentos, e sim o estabelecimento de um contato palpitante e fecundo. Esperamos prestar serviço aos professores de Português e de Literatura e, em troca, contamos muito com a sua colaboração<sup>794</sup>.

O intento desta Coleção não destoava do projeto de escritor de Gilberto Freyre que era chegar aos leitores e, com a súplica de autoridade da crítica, tomar para si a cátedra de escritor. No parecer de Paulo Rónai, Freyre atualizara a forma pela qual se apresentava para o leitores: o sociólogo que também era escritor. O seu estilo narrativo, portanto, o limiar para a prospecção e conquista de um público adormecido, mas à espera de um despertar iminente.

O afã de ser um escritor dos leitores passava pelo entendimento de uma escrita cuja linguagem não negligenciasse a fruição e a alocução de um

---

<sup>792</sup> RÓNAI, Paulo. Advertência: a propósito da Coleção Brasil Moço..., 3ª ed., 1980, p. 159.

<sup>793</sup> RÓNAI, Paulo. Advertência: a propósito da Coleção Brasil Moço..., 3ª ed., 1980, p. 159.

<sup>794</sup> RÓNAI, Paulo. Advertência: a propósito da Coleção Brasil Moço..., 3ª ed., 1980, p. 159.

passado como herança. Consequentemente, Gilberto Freyre entendia o livro – na materialidade que o identifica como produto de atração e conquista do leitor porvir – como recurso estético não apenas contemplativo, mas também como um indicativo de interpretação da complexidade cultural de um país.

\*\*\*

“O livro belo” era, para ele, rarefeito. Inexistente. Inexpressivo aos olhos e ao valor social que detinha no Brasil dos anos de 1920: “quem o vê hoje no Brasil ou em Portugal, úmido das entranhas de algum prelo moderno ou saído há pouco das mãos de algum encadernador?”<sup>795</sup> Para Gilberto Freyre, deveria existir maior atenção “à estética da impressão. Da impressão e da encadernação.”<sup>796</sup> Na condição de autor, ou seja, de editado, no transpasse de sua trajetória editorial, pôde experimentar que nem sempre o livro belo se sustentava ante as vicissitudes enfrentadas por uma editora.

O livro belo, “por toda parte”, é “melancolicamente inferior ao que foi nos seus começos, quando mal saía da caligrafia e da iluminura – a arte do livro impresso.”<sup>797</sup> Livros editados em série e pouco afeito ao esmero. O impresso, sucedendo-se ao

livro caligrafado no silêncio dos claustros, por mãos finas e asceticamente pálidas de frades e freiras cheios de doces vagares e capazes de extremos de paciência para glória de Deus ou pelo amor de Nossa Senhora, conservou por algum tempo a arte do livro impresso, na força gótica dos tipos, no esplendor das vinhetas, na graça dos anjos bochechudos, na heráldica riqueza das iniciais roxas ou verdes ou de um azul misticamente celeste dos livros de horas e dos missais, todo o saber medieval da caligrafia.<sup>798</sup>

---

<sup>795</sup> FREYRE, Gilberto. O livro belo..., 18 de outubro de 1925.

<sup>796</sup> FREYRE, Gilberto. O livro belo..., 18 de outubro de 1925.

<sup>797</sup> FREYRE, Gilberto. O livro belo..., 18 de outubro de 1925.

<sup>798</sup> FREYRE, Gilberto. O livro belo..., 18 de outubro de 1925.

O livro como representação do passado. Sob a ameaça de desaparecer e levar consigo sensibilidades inestimáveis. A grafia bela, transplantada para os tipos tipográficos modernos, esta aos poucos sendo restaurada. Reabilitada: “nos Estados Unidos, como na Inglaterra e na Itália, e principalmente na Alemanha – o último refúgio do gótico – se fazem livros que são uma alegria artística para os olhos.” No nosso país, entretanto, “Monteiro Lobato conseguiu”, apesar das dificuldades, “animar de certa nota de graça o livro brasileiro. Mas ligeiríssima graça” porque “o livro belo, não saiu nenhum de suas mãos ou dos seus prelos. Lembro-me”, lamentavelmente, de ter lido o “Urupês, num exemplar de luxo que o autor oferecera ao velho professor Branner.”<sup>799</sup>

Porém,

aquele exemplar de luxo era uma melancolia para os olhos. Uma humilhante melancolia para os olhos de brasileiros longe de sua terra. Contrastava com os livros comuns que estão me rodeando. De outra feita, estudante ainda e ainda no estrangeiro, onde o patriotismo crítico naturalmente se amolece ou abranda, ofereceu-me o Sr. Hélio Lobo um exemplar do trabalho tão interessante do Sr. Ronald de Carvalho: Pequena História da Literatura Brasileira (1ª edição). Um horror de má impressão e de má encadernação, o volumezinho. Tive vergonha de emprestá-lo ao meu brilhante amigo israelita, o Sr. Isaac Goldberg, que m'o pedia com insistência.<sup>800</sup>

Os livros editados no Brasil passariam por revista nas décadas seguintes. Gilberto Freyre viu, nos volumes editados pela Livraria José Olympio Editora, a jazida das ilustrações, por exemplo, como valor agregado ao conteúdo das publicações. Ele “foi um dos mais beneficiados e ganhou edições [...], quase sempre ilustradas, como ocorreu com *Inglese do Brasil*: uma das publicações de maior tamanho (28,0 x 37,0 cm), em novembro de 1948”<sup>801</sup>. As ilustrações, a propósito, acompanharam as mudanças físicas dos livros.

Os livros ilustrados foram uma constante nas iniciativas da Livraria José Olympio Editora e, dentre as quais, a Coleção Obras Reunidas de Gilberto

---

<sup>799</sup> FREYRE, Gilberto. O livro belo..., 18 de outubro de 1925.

<sup>800</sup> FREYRE, Gilberto. O livro belo. In: *Crônicas do cotidiano: a vida cultural de Pernambuco nos artigos de Gilberto Freyre*. Recife: *Diário de Pernambuco*, 2009, p. 76. Artigo homônimo foi publicado no jornal *Diário de Pernambuco*, Recife, 18 de agosto de 1925. [grifo meu]

<sup>801</sup> PEREIRA, José Mario. *O editor e sua casa...*, 2008, p. 36.

Freyre. Afora o aspecto austero dos volumes da coletânea, a participação de Manoel Bandeira, Lula Cardoso Ayres, Luís Jardim e Tomás Santa Rosa na composição dos desenhos, deu aos textos de Freyre uma projeção visual para além das palavras. Não eram ilustrações designadas apenas a quebrar a densidade das narrativas e/ou relatos, mas serviam para prestar maiores esclarecimentos acerca daquilo que era proposto pelo autor. Ilustrações como parte do texto, da narrativa, do relato.

A sequência de páginas, costuradas, dos volumes traziam as ilustrações no formato de página inteira ou, às vezes, entre duas, na forma estendida. Foi o que aconteceu com o desenho de Manoel Bandeira sobre um engenho de cana-de-açúcar para a terceira edição do livro *Nordeste*, de 1961, feito a pedido e com os pareceres de Freyre. A maioria das ilustrações resultavam de uma prancha monocromática: o preto do nanquim que contrastava com a cor da superfície do papel, adquirindo, sobretudo, gradações do preto à medida que a complexidade do desenho requeria luz, sombreamentos, pontos, linhas, curvas, cruzamentos.

Para Freyre, a ilustração era mais do que uma política de mercado assumida pela José Olympio, era uma intersecção de empatias entre as suas ideias e a sensibilidade técnica dos desenhistas ilustradores. Um exemplo disto, portanto, está na opinião emitida pelo escritor acerca de Luís Jardim: “mesmo quando fala, quando conversa, quando conta anedotas aos camaradas nos cafés e aos amigos na José Olympio Editora, é sempre como se escrevesse ou se desenhasse o que diz.” E complementou, dizendo: “até sua pontuação de gráfico se faz notar na sua fala. É predominantemente gráfico.”<sup>802</sup>

As ilustrações dos livros da coletânea fomentam – assim como as dimensões físicas que os qualificam como repositórios de textos – o estabelecimento de volumes que variavam no tamanho e na largura, dando aos desenhos, por sua vez, a oportunidade de constituírem-se em inventário de representações sobre o passado evocado por Freyre. Se considerado o padrão

---

<sup>802</sup> FREYRE, Gilberto *Apud* PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 343.



de normas técnicas à feitura de um livro, delimitadas por Jan Tschichold, apenas como comparação, as variações físicas dos exemplares da Obras Reunidas de Gilberto Freyre indicavam um padrão segundo o qual o título, de acordo com a sua especificidade, acabava por decidir as dimensões que o livro iria ter, e não a técnica tipográfica em si. Os guias das cidades do Recife e de Olinda, por exemplo, convergem para esta afirmação.

Sobre o padrão, predominantemente técnico, indicado por Tschichold, lê-se:

quando se consideram as proporções do livro, não se deve esquecer que quase todas as estampas, e pinturas em particular, vêm em belas proporções retangulares. Formatos que se aproximam do quadrado são infreqüentes. A redução da imagem dentro de um livro geralmente cresce em função da legenda, na maioria das vezes desnecessária, e para a qual uma ou duas linhas devem ser poupadas, dependendo das condições.<sup>803</sup>

Em resumo: se o título de um livro iminente poderia decidir as extensões físicas que o mesmo livro teria, a técnica de produção, em muitos casos, não se sobrepôs à feitura dos volumes. Contudo, esclareço: a técnica existia, por certo, mas sofria variações conforme o título a ser publicado e as intenções do autor. Por mais que a coleção tenha sido uma proposta de José Olympio, informando que ensaios deveriam ser editados, o autor foi inserindo outros trabalhos. Alguns, até então, inéditos. As ilustrações, ou melhor, os ilustradores tinham lugar certo no processo de invenção de um passado, e de uma paisagem social, na forma do livro: “é difícil separar-se o desenhista do escritor.”<sup>804</sup> Opinião válida tanto para Luís Jardim, que era ao mesmo tempo ilustrador e escritor, assim como para a relação do ilustrador com um autor no prenúncio de publicar mais um livro.

Entre a amizade e os negócios, a Livraria José Olympio Editora conseguiu implantar uma política de edição de livros que permitiu a

---

<sup>803</sup> TSCHICHOLD, Jan. *A forma do livro...*, 2007, p. 173.

<sup>804</sup> FREYRE, Gilberto *Apud* PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 343.

convergência de intelectuais e artistas de diferentes partes do Brasil. Implementou uma sequência de coleções como a *Rubáiyát*<sup>805</sup>, a *Sagarana*, a *Brasil Moço*, a das *Obras de Dostoiévski* que, dentre as quais estava a *Obras Reunidas de Gilberto Freyre*, congregaram textos clássicos das literaturas nacional e estrangeira. Uma vez editado pela José Olympio, Freyre pôde, progressivamente, instituir suas convicções estéticas e concretizar o seu plano de estudos com a publicação da trilogia. Na condição de autor, portanto, instituiu-se como legado e memória, tornando-se conhecido como o intelectual que era “dono de um estilo saboroso”. O escritor que lançou “mão de uma multidisciplinaridade *sui generis*”<sup>806</sup>.

---

<sup>805</sup> “Marco dos anos de 1930 e 1940 foi a Coleção *Rubáiyát*, voltada de início para clássicos orientais raramente ou nunca editados no país, com vários formatos e cores, capas ilustradas dentro de uma moldura em arabescos e exemplares especiais, encadernados, com letras douradas. O título mais conhecido da coleção, e que lhe justificava o nome, foi a tradução em prosa do *Rubáiyát*, de Omar Kháyyám, por Octavio Tarquínio de Sousa, que alcançou enorme popularidade.” [PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 311.]

<sup>806</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 207.

## Capítulo IV

### Entre o ensaio e a ficção

Eis-me aqui diante das folhas em branco – brancas como negro futuro: brancura terrível! – procurando parar o tempo que passa, fixar o hoje fugidio, eternizar-me ou imortalizar-me, enfim – embora eternidade e imortalidade não sejam uma só e mesma coisa. Eis-me aqui diante destas folhas em branco, meu futuro, procurando derramar minha vida, arrancar a mim mesmo da morte de cada instante<sup>807</sup>.

#### 4.1 – Um escritor de ensaios

O ensaio, na acepção de Gilberto Freyre, não tinha enredo. Uma premissa adotada pelos “sociólogos da espécie mais livre”: assentados na proposição de serem “menos especialistas que generalistas”.<sup>808</sup> Ou seja: o raio panorâmico explanado pelo ensaio atendia – fosse no arranjo da ordem das palavras no texto, fosse na análise dos temas focalizados como objetos de estudos ou no contorno material estabelecido nas dimensões do produto livro – ao objetivo de elencar impressões e opiniões independentemente do efeito narrativo em cadeia e inter-relacional tributado pelo enredo. Portanto, a categoria ensaio, por vezes circunstancial e situacional no escritor pernambucano, provinha “dos sociólogos”, a intento de Luís Recassens Siches

---

<sup>807</sup> UNAMUNO, Miguel de. Como escrever um romance. In: *Como Escrever um Romance*. Trad.: Antonio Fernando Borges. São Paulo: É Realizações Editora, 2011, p. 69. (Coleção Educação Clássica)

<sup>808</sup> FREYRE, Gilberto. De Giddings a Recassens. In: *Ciência & trópico*. Recife: MinC/Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, vol. 15, nº 01, jan./jun., 1987, p. 08. [Separata]

e Franklin Giddings, “um tanto jornalistas”. Era, enfim, “próprio da sociologia<sup>809</sup> ser jornalística.”<sup>810</sup>

Ao publicar *De Giddings a Recassens*, Freyre desejou criar um vínculo teórico-metodológico com as referências de uma sociológica que considerava renovadora e mais aprazível. Ao Justificar-se, aventou conferir ao bastião da “influência” o sentido de reconhecimento e partilha, mas também reafirmou-se como o tributário de uma suposta origem coeva quanto aos procedimentos que seguia ao fazer sociologia. Ao escrever ensaios com suspiros literários, inclusive. O ensaio, pois, firmou-se como uma narrativa plástica: “quem é, em sociologia, assim sensível ao complexo, precisa, é claro, de possuir, nos seus estudos, uma superior capacidade de domínio sobre contradições apresentadas pela matéria que considera.”<sup>811</sup> Não obstante, cabe a inquirição: como incorria a ordem das palavras no texto ensaístico de Freyre?

A ordem das palavras apresentada ao longo do texto, não indica apenas o *tropo* e a inversão de sentidos que previamente propunha, mas a extensão que as palavras davam ao texto e, por conseguinte, ao livro: na quantidade de páginas, na distribuição do texto em tomos, na diagramação, na edição/relação do texto e a imagem; do livro como apropriação do passado; da tipografia como mecânica disciplinadora da plasticidade da palavra. Em *Gilberto Freyre entrevistado aos 70*, declarou o escritor que não via, perante a massificação da imagem televisiva da qual era contemporâneo, “a ‘palavra escrita’ ameaçada de morte. Que uma palavra mista, meio-oral, meio-escrita, tenda a tomar relêvo com os adiantamentos técnicos dos meios orais, visuais, imagísticos” e, por extensão,

de difusão de obras intelectuais – várias delas, obras-primas escritas, antes de se tornarem som, expressão oral, gesto, imagem, côm – é um futuro já projetado no presente. Mas não me parece que esse fenômeno importe na morte da ‘palavra escrita com sentido literário, sobretudo em forma de livro’, indestrutíveis como evidentemente são certas ligações

---

<sup>809</sup> Quando citada, ao longo do texto *De Giddings a Recassens*, a palavra “sociologia” aparece com a letra “s” sempre maiúscula. Não sigo a inscrição do documento.

<sup>810</sup> FREYRE, Gilberto. *De Giddings a Recassens*. In: *Ciência & Trópico...*, 1987, p. 07.

<sup>811</sup> FREYRE, Gilberto. *De Giddings a Recassens*. In: *Ciência & Trópico...*, 1987, p. 13.

psicológicas e estéticas de certos valores literários com suas expressões gráficas e não apenas escritas.<sup>812</sup>

A palavra escrita estaria resguardada no livro. A palavra da “literatura gráfica”<sup>813</sup> e suas derivações textuais que não perderia relevância social. O ensaio, portanto, é demonstração clara desta assertiva que, por não obedecer à forma escalonada da narrativa, isto é, ao enredo, pôde adaptar-se às propostas distintas de disseminação editorial. Daí, ser o ensaio uma especificidade de texto que consentia, sem prejuízo ao conteúdo, os recortes de edição destinados a fomentar demandas de mercado. O livro de bolso ou de mesa são exemplos do acompanhamento de Gilberto Freyre, na qualidade de autor, às versões e formatos dos livros que publicara. E ainda sobre o ensaio, ele destaca: distintamente do texto literário, tramado de modo a concluir a narrativa sob o propósito de solucionar os conflitos entre as personagens, o ensaio funda-se na narrativa inconclusa, demonstrando amplitude nos argumentos e circunspeção de continuidade/dinamicidade ao tema estudado.

*Casa-Grande...* é exemplo pertinente quando no texto não há remate: o desfecho supostamente imprescindível na literatura, sob a regra da trama, não condiz com a narrativa do ensaio de 1933. Daí, o exemplo: “não foi toda de alegria a vida dos negros, escravos dos ioiôs e das iaiás brancas. Houve os que se suicidaram comendo terra, enforcando-se, envenenando-se com ervas e potagens dos mandingueiros.” Além do mais, foram vitimados por “moléstias” como “sífilis, hipertrofia do coração, reumatismo, bronquites”. E assim termina *Casa-Grande...*: “tubérculos pulmonares, febres intermitentes, opilação. ‘Os vermes e particularmente a toenia, e as ascarides lombricoides’”.<sup>814</sup> O texto, portanto, não tem uma conclusão.

O fim, vê-se, não é o remate do todo da narrativa sobre o patriarcado rural no Brasil, mas a demarcação de um tópico que figurou como prospecção às análises vindouras: *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso*. O ensaio em Gilberto Freyre pôde ser topografado. As camadas, portanto, serviram de

---

<sup>812</sup> ENTREVISTA. *Gilberto Freyre entrevistado aos 70...*, 1970, p. 04-05.

<sup>813</sup> ENTREVISTA. *Gilberto Freyre entrevistado aos 70...*, 1970, p. 04.

<sup>814</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala...*, 43ª ed., 2001, p. 514-515.

suprimentos à feitura de livros: atingir e suprir públicos amplos, diversos. O livro *Seleção para Jovens*, publicado pela Livraria José Olympio Editora em 1971, assim pretendeu. O ensaio, pois, verteu-se, concomitantemente, em linguagem, forma, conteúdo e produto editorial. Para Gilberto Freyre, enfim, não há distinção entre forma e conteúdo. Entre letra e objeto: o livro.

Os aperfeiçoamentos da arte gráfica e de apresentação da palavra literária em livros – inclusive em várias edições de ‘livro de bolso’ – que vêm ocorrendo nos últimos anos é evidente que não são acontecimentos no vácuo: correspondem a uma demanda, a uma receptividade, a um gosto vivo e não em declínio por essa parte e pelo que ela significa de associação com a palavra literária escrita.<sup>815</sup>

O ensaio e a língua portuguesa pareceram inconciliáveis, assegurou Gilberto Freyre. Para fazer-se valer frente à língua materna de Camões, precisou ser amaciada “pela boca da velha mãe-preta”; ao contrário do inglês de Shakespeare: “língua quase sem gramática que tende a aproximar os homens – função genuinamente angélica – enquanto as línguas de gramáticas diabolicamente complicadas tende a separá-los.” No entanto, para que a conciliação ocorresse, Gilberto Freyre foi assumindo os neologismos, os desregramentos gramaticais, tornando o ensaio a linguagem que deu contorno físico aos livros: parágrafos e orações longas que exigem margens mais estreitas; as palavras, por sua vez, associadas aos desenhos: a palavra “papa-figo”, a propósito, adquirindo feição (imagem) nos traços e desenhos do ilustrador Poty. Esclareço, portanto, que o desenho não se resumia à categoria de simples ilustrações das palavras, do texto concebido. Assumia, com propriedade, o patamar de correspondência, de equivalência entre linguagem e imagem. Readequando o argumento: que feições teria o “papa-figo”? A palavra das narrativas orais, do imaginário dito popular, fez-se oportuna no livro e, por sua vez, na cultura letrada quando adquiriu volume, verdade, nos traços dos desenhos de Poty. A palavra é imagem. A palavra está na imagem. E mais um remate: na “introdução do autor” para o *Tempo de aprendiz*, publicado em 1979 como resultado da parceria entre a Instituição Brasileira de Difusão Cultural e o

---

<sup>815</sup> ENTREVISTA. *Gilberto Freyre entrevistado aos 70...*, 1970, p. 04-05.

Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, fazendo uso da narrativa em terceira pessoa, registrou:

que buscava [...] o autor [...]? Buscava exprimir-se principalmente através de imagens – um tanto por influência do Imagismo da então já sua amiga Amy Lowell – constituída por palavras que no sentido lógico juntassem o mágico, sensual, quase físico, juntando a um aspecto ou a um contorno que pudesse ser visto pelo leitor, som, cor, sabor e até olfato. Som, cor, olfato que o leitor viesse a ter a sensação de captar mais do que lendo, absorvendo das palavras puras esses contornos e esses gostos como que de carne.<sup>816</sup>

As palavras, o texto, as imagens: o formato do livro como fim. Fazer-se carne, tornar-se palpável: a analogia direta que identifica o escrito a quem o escreve. As palavras prosaicas, pouco apreciadas nos textos beletristas, adquiriram projeção no ensaio de Gilberto Freyre. Por conseguinte, exigiam, dependendo da publicação, imagens equivalentes que se traduziam mediante os recursos editoriais. Destarte, o ensaio adquiriu extensão no suporte material que é o livro. Mas também é preciso dizer o seguinte: o ensaio é um texto corrido, sem compartimentações internas, porém, se necessário, poderia atender às adaptações exigidas pelos trâmites editoriais. Foi o que sugeri José Olympio em 1941: “Vou mandar copiar imediatamente o guia para mandal-o a v. para fazer os acréscimos, etc. Não acha v. conveniente abrir capítulos?”<sup>817</sup> Uma proposta de intervenção do editor sobre o texto ensaístico do autor. O ensaio assinado por Gilberto Freyre, em suma, quando submetido às adequações editoriais, adquiriu compartimentações, seções, tópicos. Um mesmo título, sobremaneira, desdobrado em dois volumes, até. Entremeios para atender, inclusive, às “contingências da hora”<sup>818</sup> quanto às demandas de

---

<sup>816</sup> FREYRE, Gilberto. Introdução do autor. In: *Tempo de Aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor (1918-1926)*. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979, vol. I, p. 28.

<sup>817</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre, de 20 de março de 1941. [datilografada] [grifo meu] Epístola que aborda os preparativos da segunda edição do *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, em 1942. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>818</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 01 de janeiro de 1966. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada] Lê-se no cabeçalho: “Gilberto, [envio][sic] esta copia porque v. não pode[,] não sabe decifrar minha letra, como eu decifro a sua. Jotaó” [manuscrito autógrafa]

mercado ou das intempéries políticas. A administração complexa de uma editora e o seu espólio comercial impunham ao editor José Olympio a explanação de suas razões a Gilberto Freyre – às vezes acintosas às causas de um autor – ao rever cláusulas e premências dos direitos autorais ou dos custos de produção dos livros:

a casa irá reeditar neste semestre os 10 volumes das obras fundamentais. Temos, apenas, que reduzir os direitos autorais, para dez por cento, do preço das brochuras que irão compor a coleção para a venda a prestação. Isso porque a venda a prestação está sujeita a despesas enormes de vendedores, cobradores, prazos, o diabo.<sup>819</sup>

O guia dedicado à cidade do Recife, de 1934, quando comparado ao mesmo título em sua segunda edição, os capítulos sugeridos por José Olympio são evidenciados. Todavia, a edição de 1934 é construída a partir de um texto extensivo e temporizado pelas fotografias e desenhos que apresenta, assinados por Luís Jardim. É a primeira edição do guia do Recife um ensaio cuja elaboração contou com o aparato da pesquisa em arquivos e coleções: princípio fundante à escrita do ensaio em Gilberto Freyre. No colofão do livro, constam os créditos e os meios de produção e impressão:

acabou-se de imprimir este *Guia* no dia 10 de julho de 1934. No preparo deste *Guia*, servimo-nos das colleções da *Revista do Instituto Archeologico, Historico e Geographico Pernambucano*, do *Diario de Pernambuco*, da *A Provincia e do Jornal Pequeno*; do *Diario*, de Pero Lopes (ed. anotada por Eugenio de Castro); das chronicas de Loreto Couto e Barleus; de diarios de família. Auxiliaram-nos na revisão das provas e no preparo do Ms: Sylvio Rabello, José Antonio G. de Mello, neto, Diogo de Menezes Mello<sup>820</sup>, Manuel Diegues J<sup>or</sup>. e Mauricio Gomes Ferreira.<sup>821</sup>

---

<sup>819</sup> *Carta* de José Olympio para Gilberto Freyre de 01 de janeiro de 1966. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>820</sup> Leia-se: Diogo de Mello Menezes. Primo de Gilberto Freyre.

<sup>821</sup> Consta no colofão da primeira edição do *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. [grifos, em itálico, do original]



A escrita do ensaio passava pela pesquisa, pelo passadio heurístico<sup>822</sup>. Foi assim quando dos preparativos do *Casa-Grande...*, assim o foi quando da feitura do Guia à cidade do Recife: a primeira edição contou com a tiragem de 105 exemplares, todos numerados à mão, as folhas sem a indicação das páginas e a composição e impressão ficaram a cargo das oficinas gráficas The Propagandist sediada no Recife, de Maurício Gomes Ferreira. Se o ensaio pode, de modo imediato, ser “definido” como um texto mais centrado na plasticidade das palavras e, portanto, menos formalista, mais curto e flexível, não se distancia dos preceitos de Gilberto Freyre. Mas, para tornar-se livro, o ensaio fundamentado na consulta e, conseqüentemente, na citação de documentos, recebia a inserção de notas, referências, apêndices. O ensaio em Gilberto Freyre, ratifico, adquiriu extensão tanto no articular das ideias quanto na publicação dos livros que as projetavam, conforme lê-se em *Casa-Grande...*: “o propósito de condensar num só volume todo o trabalho, não o consegui infelizmente realizar. O material esborrou, excedendo os limites razoáveis de um livro”<sup>823</sup>, afirmou o escritor.

O ensaio em Gilberto Freyre proveu-se da contumácia da narrativa e do relato como testemunho. Quando comparada a primeira edição à quinta, esta última publicada em 2007, torna-se evidente a perda de trechos e conectivos que planificavam a literalidade do ensaio de 1934. São mudanças que atendem às pertinências editoriais e às respostas do autor aos burburinhos da crítica, mas não se permitindo, de acordo com Edson Nery da Fonseca, “cortejar os pontífices da crítica metropolitana.”<sup>824</sup> A crítica subscrita pelos amigos, porém, foi sim aflagada, requerida pelo escritor.

Prefácios, introduções, apresentações foram acrescidos à espessura dos livros que iam somando mais e mais edições: preâmbulos para rebater a

---

<sup>822</sup> Sobre o tema, sugiro: NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história – a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado...*, 2011, p. 17-25.

<sup>823</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Casa-Grande...*, 2001, p. 61.

<sup>824</sup> FONSECA, Edson Nery da. *Casa-Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. In: *O grande sedutor: escritos sobre Gilberto Freyre de 1945 até hoje*. Rio de Janeiro: Cassará, 2011, p. 237.

crítica combativa. Assim o foi quando do aparecimento do *Assombrações do Recife Velho*:

quem se surpreender com um livro sobre assombrações, de escritor que tem na Sociologia (como outros na Medicina ou na Engenharia) seu mais constante ponto de apoio – embora seja principalmente escritor e não sociólogo – que contenha sua surpresa ou modere seu espanto. Pois não há contradição radical entre Sociologia e História, mesmo quando a História deixa de ser de revoluções para tornar-se de assombrações.<sup>825</sup>

Em meio aos críticos e aos apreciadores, o Guia de 1934 foi impresso em papel Montval<sup>826</sup>, fabricado na cidade de Vidalon na França. Papel com ranhuras de textura fina, próprio para às representações em aquarela: a exemplo da pintura de perfil de parte do quadrante do Pátio de São Pedro<sup>827</sup> afixada na capa. É uma edição em que o volume apresenta na lombada veios salientes, capa dura “plena de couro” e caixa de guarda confeccionada sob medida. Um artefato circunscrito, na atualidade, pela cobiça de colecionadores, bibliófilos. A tiragem de 150 exemplares fez de Gilberto Freyre um autor de público restrito, mas a inserção deste e de outros títulos no catálogo da Livraria José Olympio Editora, implicaria no aumento do número de leitores e de edições em cadeia.

É um Guia de prosa longa, destituído de informações taquigráficas. Foi concebido no apelo contra o transpasse do tempo e pela permanência do passado incrustado nas edificações, no comportamento, nos gestos e nos contornos do Recife e dos recifenses. Portanto, publicá-lo significava traduzir o “Histórico” e o “Sentimental” a partir da composição de tipos tipográficos quando da impressão do Guia no formato de livro: da provável combinação

---

<sup>825</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Assombrações do Recife velho*. Rio de Janeiro: TopBooks/UniverCidade, 5ª ed., 2000, p. 25.

<sup>826</sup> Papel, de textura fina ou rugosa, destinado às técnicas de desenhos e/ou pinturas à base d'água.

<sup>827</sup> Em *Tempo de aprendiz*, lê-se: para Gilberto Freyre, os seus artigos publicados no *Diário de Pernambuco*, dentre as várias defesas que promoviam, trataram de exaltar o “Pátio de São Pedro do Recife como o mais estético e valioso da cidade, com a igreja até então admirada menos que a incaracterística e, até banal, da Penha”. [FREYRE, Gilberto. Introdução do autor. In: *Tempo de aprendiz...*, 1979, p.31.] Largo situado no bairro de São José, área central da cidade do Recife.

entre os tipos tipográficos “Scriptina” e “Trajan” derivou o tipo “Pristhyna” com serifas e, concomitantemente, com espessamentos.<sup>828</sup> Fusão que remete ao manuscrito e ao primado do passado; aproxima o ensaio da estética do tipo tipográfico e impôs ao formato do livro a recorrência ao passado anistiado. É o futuro do pretérito em Gilberto Freyre. É a possibilidade daquilo que existiu voltar a existir; e o que poderá ser, sendo. O Guia do Recife, deste modo, foi ponderado como intento e fato.

Uma vez considerada “escrita mecânica”<sup>829</sup>, a tipografia serve de amostra sobre a intencionalidade do intelectual acerca do objeto legitimador de suas ideias e ofício: o livro. O Guia do Recife, mesmo que tenha sido dimensionado pouco favorável à portabilidade que um guia supõe, relacionar-se “com o tamanho médio das mãos de um adulto”.<sup>830</sup> Com efeito, “o formato do livro é determinado por sua finalidade” e, assim, destinar-se a forjar vincos e vínculos com o leitor; fomentar um passado, ou melhor, a representação de um passado via o contorno do livro, de seus “pormenores enervantes”.<sup>831</sup> O Guia do Recife, portanto, tanto quanto os artigos assinados pelo então jovem viajante Gilberto Freyre remetidos ao *Diário de Pernambuco* de 1918 a 1926, serviram para marcar a posição do escritor à feitura de um passado – à interpretação de um passado – sobre o passado que considerava ser relevante. O ensaio, por certo, vertera-se como a linguagem adequada a aprovisionar os formatos dos livros por ele publicados.

Acrescente-se como talvez originalidades de sabor, ora principalmente moderno, ora principalmente regionalista ou tradicionalista, o empenho do jovem com audácias de remar, por vezes, contra a maré, na defesa da conservação, sempre que possível, em países tropicais como o Brasil, de simples ruas, em vez da absoluta adoção de avenidas largas; a que se seguiria a defesa de arcadas nessas ruas, protetoras contra chuvas e sóis tropicais; [...] na defesa de assuntos e de linguagem atraentes para crianças, ao mesmo tempo de regionais, tradicionais, em

---

<sup>828</sup> Serifas: são traços – horizontais ou verticais ascendentes ou descendentes – ou espessamentos aplicados aos extremos das ‘letras’, dos ‘tipos tipográficos’.

<sup>829</sup> BRINGHURST, Robert. Introdução. In: *A forma do livro: ensaios sobre tipografia e estética do livro*. Trad.: José Laurenio de Melo. Cotia: Ateliê Editorial, 2007, p. 11. [Artes do Livro, 5]

<sup>830</sup> TSCHICHOLD, Jan. *A forma do livro: ensaios sobre tipografia e estética do livro*. Trad.: José Laurenio de Melo. Cotia: Ateliê Editorial, 2007, p. 61. [Artes do Livro 5]

<sup>831</sup> BRINGHURST, Robert. Introdução. In: *A forma do livro...*, 2007, p. 13.

livros brasileiros para meninos, em oposição aos livros de linguagem arrevesada e em torno de assuntos e ambientes estrangeiros.<sup>832</sup>

Se a organização perfilhada das letras constitui a tipografia, a linguagem que dela resulta incorre, repito, no livro como representação do passado. No entanto, não apenas por esta razão: a legibilidade dos tipos tipográficos contribuíram para a inteligibilidade dos argumentos do autor no texto; para a medida de um autor diante de um “passado imaginário” e pretensamente coletivizado no formato de livro. Tomando de empréstimo as inflexões de Stephen Bann sobre os “borrões de tinta de Victor Hugo”<sup>833</sup>, digo que Gilberto Freyre, quando da feitura de seus livros, afeiçãoou-se do princípio que diz: “se existe uma fantasia que permeia os trabalhos visuais” do escritor, e aqui incluo a composição das palavras como investidora visual, “ela é a fantasia da materialização de um corpo histórico, a busca no caos de uma identidade fixada em”<sup>834</sup> papel, tinta e texto. A representação, portanto, neste aspecto, é a apropriação de um sentido temporal lacônico, mas pretensamente [re]feito na anacronia da memória moldada no contorno de livros.

A representação do passado não consistia apenas na percepção do escritor sobre o tempo ou à sua tentativa de prover uma noção sobre o tempo, mas na iniciativa de elaborar as provisões que poderiam remeter à ação do tempo considerado “Histórico” e “Sentimental”: o ensaio, o livro. Destarte, não só a palavra assume o invólucro metonímico, mas o livro na constância de sua materialidade também. Ou seja: o livro como inventário do passado; o livro no qual está o passado; o livro provido do potencial valor do passado; o livro como testemunho do passado. Outro exemplo: a primeira edição do Guia traz na inscrição da primeira palavra que inicia o texto, uma letra capitular reportando à

---

<sup>832</sup> FREYRE, Gilberto. Introdução do autor. In: *Tempo de aprendiz...*, 1979, p. 31.

<sup>833</sup> Uma “representação metonímica da história”. [BANN, Stephen. Os borrões de tinta de Victor Hugo: indeterminação e identificação na representação do passado. In: *As invenções da história...*, 1994, p. 115.]

<sup>834</sup> É o fazer-se do passado, o passado como invenção emotiva, nas “evocações atmosféricas” que, na acepção de Gilberto Freyre, também surgiam do fazer-se dos livros. [BANN, Stephen. Os borrões de tinta de Victor Hugo: indeterminação e identificação na representação do passado. In: *As invenções da história...*, 1994, p. 114.]

iluminura. Refiro-me à letra “O”, da frase que diz: “‘O’ viajante que chega ao Recife por mar, ou de trem, não é recebido por uma cidade escancarada á sua admiração, á espera dos primeiros olhos gulosos de pittoresco ou de côr.”<sup>835</sup>

O ensaio como um meio para apreender o modo de dizer, o livro como artefato editorial para fazer existir e convencionar como proeminentes os bens culturais resistentes ao transpasse do tempo, viabilizaram o furor da memória em Gilberto Freyre. Um espólio sem maiores novidades quanto às venturas do escritor. Por outro lado, porém, foi o livro uma tentativa de representação do passado via tipos tipográficos, via ilustrações que compunham a imagem de palavras em dia com o imaginário e a oralidade populares de antanho. Por exemplo: o “papa-figo”. Era o “negro velho”. Um ex-escravo que extraía das crianças seus fígados para doá-los a um morador de sobrado acometido por grave doença fidagal: apenso da crueldade humana; da ordem social dos contos urbanos; um chamamento à saudade do não vivido. Mas, afinal, e a condição de ser autor do escritor que pregara a defesa das árvores nativas do Brasil aos “velhos portões recifenses de ferro rendilhado”<sup>836</sup>, como se deu?

Escrever para ter um ofício. Escrever com o fim de não ser um beletриста compilador. Mas ser um escritor atento às vivências, às experiências. Ser um escritor da “existência ativa”<sup>837</sup>. Gilberto Freyre fez-se monumento porque o projeto de escritor que intencionou concretizar esteve em consonância com a expectativa de “uma atividade mais de aventura que de rotina”. O que isto implica traduzir, por fim? Gilberto Freyre estava atento às usualidades e aos assomos fugidios das experiências humanas. Se o seu interesse sobre os gestos fosse instigado, por exemplo, não hesitaria em escrever sobre. Escrever para registrar.

Conforme já mencionei, Gilberto Freyre sabia que as recorrentes edições de seus livros, em particular os publicados pela Livraria José Olympio Editora, tinham também como propósito limar seus escritos da crítica. Nos prefácios,

---

<sup>835</sup> FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. Recife: The Propagandist, 1ª ed., 1934, s/p. Biblioteca Central Blanche Knopf/Fundação Joaquim Nabuco.

<sup>836</sup> FREYRE, Gilberto. Introdução do autor. In: *Tempo de aprendiz...*, 1979, p. 31.

<sup>837</sup> FREYRE, Gilberto. Com e porque sou escritor, sem deixar de ser um tanto sociólogo. In: *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: UnB, 1968, p. 166.

nas introduções que escreveu para a sequência de edições do *Casa-Grande...*, do *Sobrados e Mucambos* e do *Ordem e Progresso*, o principal ponto a ser rebatido consistia no estilo e na forma da narrativa assumidos na feitura de sua trilogia. Prefácios e introduções para debater, repelir, retrucar, justificar. Quando dos preparativos à publicação do *Tempo de aprendiz*, mais especificamente sobre a manifestação do autor perante à crítica, rebateu um dos argumentos que considerava inoportuno acerca das suas possíveis interferências, ajustes no texto:

quanto ao estilo – isto é, o modo de escrever – o dos dezoito aos vinte e poucos é mantido. Respeitado. De modo algum atualizado como imaginou certo crítico literário ítalo-paulista ter o autor feito com o seu *Tempo Morto e Outros Tempos*<sup>838</sup>: diário íntimo também dessa época. O crítico ítalo-paulista enganou-se. Não houve nenhuma atualização como não há agora. O adolescente já escrevia quase de modo todo igual ao que viria a ser o modo de escrever – ou estilo – do homem feito.<sup>839</sup>

A provável interferência do escritor nos textos originais de “primeira juventude”, na iminência de serem publicados, gerou nos críticos a dúvida quanto ao seu amadurecimento intelectual em dias tão verdes. É certo que houve a intervenção vista pelos críticos, porém não admitida pelo escritor. Uma intervenção, de todo anacrônica, que contribuiu com a trama da imagem de um autor de livros que supostamente já emergira às letras com preeminência. *Tempo morto e outros tempos...*, de 1975, e *Tempo de aprendiz...*, de 1979, serviram, pois, a este intento.

*Tempo de aprendiz...* procedeu da iniciativa de dois intelectuais pernambucanos próximos a Gilberto Freyre: Nilo Pereira e José Antonio Gonsalves de Mello, membros do Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco. O objetivo da publicação, portanto, era tornar possível ao “alcance dos brasileiros um notável conjunto de artigos de jornal escritos por um estudante pernambucano nos Estados Unidos da América”<sup>840</sup>. Uma

---

<sup>838</sup> Inscrição em itálico conforme o documento.

<sup>839</sup> FREYRE, Gilberto. Introdução do autor. In: *Tempo de aprendiz...*, 1978, p. 36.

<sup>840</sup> MELLO, José Antonio Gonsalves de. Nota do organizador. In: *Tempo de aprendiz...*, 1979, p. 11.

colaboração, ao menos assim defendeu José Antonio Gonsalves de Mello, “que viria a ser a mais importante interpretação da sociedade e da cultura brasileira até hoje elaborada.”<sup>841</sup>

Um autor que rebate os críticos implica, necessariamente, em prover-se daqueles que o defendem. A posição assumida por Nilo Pereira e José Antonio Gonsalves de Mello ou Manuel Bandeira, pois, não contraria esta assertiva: seja assim com os colaboradores da articulação editorial, seja com os pares que apoiaram e reconheceram o modo Gilberto Freyre de escrita. Os livros trocados entre os amigos e correspondentes do escritor, aludem para a constituição das redes de interlocução a que pertencia. Manuel Bandeira, ao ver o seu *Andorinha*, *Andorinha* publicado em 1966, dedica um dos exemplares a Gilberto Freyre, devotando-lhe amizade e afeto: “A Gilberto Freyre e Magdalena, com o mais terno esvoaçar da andorinha octogenária. Baby Flag[,] 1966”.<sup>842</sup>

Mais uma vez, lembro que Gilberto Freyre rechaçava a crítica que não lhe convinha, citando – em contraponto – o reconhecimento dos intelectuais cujas opiniões eram favoráveis ao seu modo de escrita. Tornou, destarte, evidente os nomes que o consideravam atualizados na matéria de “sociologia genética”. E assim, impôs aos seus textos a delimitação da unidade discursiva<sup>843</sup>, buscando, então, previamente, definir-se como parte de um todo. Contudo, não deixou de alocar-se, quando lhe convinha, na posição de um autor sem lugar; ou o de pouco compreendido pela antecipação que procedia das suas ideias e escritos. Via-se, por conseguinte, mais na tentativa de esclarecer do que de repelir os críticos desfavoráveis. É o que tentou transparecer quando disse não saber “referir-se, sem risco de parecer irritantemente pedante, às deformações de alguns de seus pontos de vista por críticos literários e publicistas da ‘direita’ como da ‘esquerda’ ainda pouco

---

<sup>841</sup> MELLO, José Antonio Gonsalves de. Nota do organizador. In: *Tempo de aprendiz...*, 1979, p. 11.

<sup>842</sup> O exemplar consultado encontra-se sob a guarda da Fundação Gilberto Freyre. *Andorinha*, *Andorinha* foi organizado por Carlos Drummond de Andrade e publicado em comemoração aos oitenta anos de Manuel Bandeira.

<sup>843</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor...*, 2002, p. 33.

familiarizados com a técnica, o método e”, de modo particular, os pormenores da “terminologia da Sociologia genética e da história da Antropologia e da Psicologia sociais.”<sup>844</sup> Mas há, na fala do escritor, um outro dado: posicionar-se diante dos interlocutores argutos como um intelectual afeito à atualização científica e, por esta razão, tornara-se incompreendido por eles.

A construção da condição de autor passava, segundo evidenciou Gilberto Freyre, pela densidade e fundamentação de seus preceitos nos livros que promulgava. No entanto, para Otto Maria Carpeaux, era difícil retrucar as leviandades porque tratava-se de uma crítica “especializada” mais amadora e pouco atualizada. Eram críticos que se reduziam à lógica dual do “bom estilo” ou do “mal estilo”: “sujeitos safados, fantasiados de críticos ideológicos, que [...] [apontavam] supostos erros de gramáticas em romancistas de que não gosta[va]m pessoalmente.”<sup>845</sup> De todo modo, Freyre não deixou de referendar a necessidade de ampliar o ensino no Brasil das disciplinas com as quais mantinha destreza. Logo, a “terminologia de que procurou fazer o uso rigorosamente necessário, preferindo sempre dirigir-se a todo leitor inteligente, [objetivava] não apenas aos iniciados naqueles estudos”<sup>846</sup>, mas aos que ainda não haviam sido principiados. Assim sendo, era

de esperar que com o progresso do ensino da Sociologia e da Antropologia, da História e da Psicologia sociais em nosso país – a Universidade do Distrito Federal e a de São Paulo aí estão para intensificar êsse progresso – os críticos menos inteirados do sentido sociológico de expressões como “cultura”, “complexo” (sociológico e antropológico), “mobilidade social”, “sociologia genética”, adquiram um pouco de humildade científica em suas críticas<sup>847</sup>.

---

<sup>844</sup> FREYRE, Gilberto. Quase um prefácio à terceira edição. In: *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1º tomo, 10ª ed., 1961, p. LXXII. [Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre]

<sup>845</sup> CARPEAUX, Otto Maria. Tendências do moderno romance brasileiro. In: *Ensaio reunidos [1946-1971]...*, 2005, vol. II, p. 364.

<sup>846</sup> FREYRE, Gilberto. Quase um prefácio à terceira edição. In: *Casa-Grande & Senzala...*, 1961, p. LXXII.

<sup>847</sup> FREYRE, Gilberto. Quase um prefácio à terceira edição. In: *Casa-Grande & Senzala...*, 1961, p. LXXII.



A relação autor e crítica passa pela publicação do livro de quem o assina. Neste sentido, Gilberto Freyre valeu-se da compilação da crítica que acreditava ser a mais gabaritada a opinar sobre o que escrevia e como escrevia. Vincula-la aos distintos dispositivos de atração do leitor ao livro era, para a Livraria José Olympio Editora, uma premissa editorial a ser seguida. A partir de 1937, publica pela primeira vez com o selo da Editora: *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. Livro que constou como o volume de número quatro da Coleção Documentos Brasileiros.

Títulos cujos exemplares recebiam uma numeração manual do autor e a sua correspondente assinatura e, quando tirados da circulação comercial, assumiam o patamar da exclusividade. Portanto, eram destinados para poucos. Contavam, inclusive, com outro atrativo: ilustrações que acompanhavam o livro, mas deslocadas da diagramação do texto. É o caso da segunda edição do *Nordeste...*, de 1951 e com duzentos e noventa e sete páginas, que contou com os desenhos de Lula Cardoso Ayres [1910-1987] e Manoel Bandeira [1900-1964], o pintor. Lê-se, no verso da folha de guarda do volume, o seguinte: “Deste livro foram tirados, fora de comercio, trinta exemplares em papel Bouffont especial e para bibliófilos, duzentos exemplares em papel Pluma, numerados de 1 a 200, todos assinados pelo autor.”<sup>848</sup>

Cabe esclarecer que os livros, por um motivo ou outro, tinham uma tiragem especial e continham anotado, manualmente, o número de ordem que então o indicava como um volume excepcional. Quando assinado pelo autor, entretanto, não significava que fosse apenas uma prática seguida a promover os títulos firmados por Gilberto Freyre. Era uma recorrência voltada a acatar as estratégias comerciais da Livraria José Olympio Editora que perpassava a produção bibliográfica de diferentes escritores também editados por ela: José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, Octávio Tarquínio de Sousa, por exemplo.

---

<sup>848</sup> FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 2ª ed., 1951.

Os ensaios de crítica literária de Otto Maria Carpeaux [1900 – 1978]<sup>849</sup>, contidos nos livros que publicou e para jornais brasileiros, são afeitos à nomeação dos valores de nossa literatura e dos pormenores materiais e gráficos dos livros. Escreveu-os fazendo referências à estética das ruínas e seus vestígios; ao arqueólogo e o seu olhar perscrutador: recursos para acentuar proposições editoriais e legados estéticos de uma época. A condição de autor de Freyre, neste caso, passaria pela cessão do lugar que a crítica o concedia.

O autor<sup>850</sup> é referendado, torna-se visível, mediante os estratos da editora e dos livros que publica, assim como pelo anúncio do perfil dos textos que escreve segundo os olhos da crítica. Mas antes mesmo da crítica, Freyre se autoanunciava:

o autor dá sempre a verdade que apresenta como proveniente de outro e não como saída dêle próprio: a tendência do romancista ou novelista convencional, como que ansioso de projetar-se nos personagens, tornando ostensiva sua criação, em vez de empenhado em penetrar-lhes nas consciências, por meios indiretos e empáticos e quase como se fôsse apenas um mediador entre êles, personagens e as suas façanhas, e o leitor, como o ensaísta ou o historiador ou o antropólogo é quase sempre outro mediador entre a realidade crua que consegue

---

<sup>849</sup> Na seção “Flash” dos “Arquivos Implacáveis”, uma descrição do perfil de Otto Maria Carpeaux: “Nome: Otto Maria Carpeaux. – Nasceu em 1900 na cidade de Viena. – É brasileiro por naturalização e por afeto e por afeto; além da possibilidade de viagens, não pretende mais deixar o país, ficando enfim enterrado no São João Batista. – Casado, sem filhos. – Altura, 1,71. – Colarinho: variável, conforme o grau de mal-estar íntimo. – Sapatos: não sabe o número, mas sabe onde lhe apertam. – É muito míope; não usa óculos porque não é preciso ver tudo. – Cabelo com entradas. – É católico romano. – Fuma. – Gosta muito de uísque escocês, conhaque francês, mas ainda mais do cafezinho nacional. – Quase nunca come frutas nem legumes. – Não gosta de fazer visitas, mas faz. – É nervoso, mas não controlado. [sic] – Dorme a madrugada e levanta cedo. – Nunca deixa sem resposta uma carta, embora responda com atraso. – Tem paixão pelos cachorros, especialmente ‘basset’. – Só escreve a mão. – Gosta muito de tomar remédios e injeções. – Seu maior amigo: Álvaro Lins. – Não gosta de crianças. – Usa exclusivamente gravatas listradas. – Julga-se organizado, entretanto, não tem fichário. – Detesta rádio e não aprecia cinema sonoro.” [O *Cruzeiro*, seção ‘Flash’, ‘Arquivos Implacáveis’, 25 de julho de 1953, p. 69. Biblioteca Central Blanche Knopf/Fundação Joaquim Nabuco]

<sup>850</sup> A palavra “autor”, para Gilberto Freyre, também tinha o significado de qualidade daquele que cria, de quem escreve.

captar e o leitor a quem transmite a imagem e, por vezes, a interpretação dessa realidade.<sup>851</sup>

Para o reconhecimento dos seus ensaios adquirirem o estatuto de ficção, Freyre dependia da crítica. Carpeaux atendeu ao conclave do autor de *Sobrados e Mucambos*. Mas, afinal, como encontrar no ensaio o lampejo da ficção? Theodor Adorno apresenta-nos uma orientação, quando articula a seguinte imagem: “o ensaio exige, ainda mais que o procedimento definidor, a interação recíproca de seus conceitos no processo da experiência intelectual. Nessa experiência, os conceitos não formam um *continuum* de operações”<sup>852</sup>. Afinal, “o pensamento não avança em um sentido único”. O inverso é que faz sentido: “os vários momentos se entrelaçam como um tapete”<sup>853</sup>: tem camadas, tem entrelaçamentos de experiências.

Gilberto Freyre trouxe para os ensaios que escreveu experiências do vivido e as que conseguiu ficcionar. Daí, o tempo ter sido, no seu modo de escrita, forjado na sociologia e na literatura que acreditava. O tempo sempre no pretérito: “o passado nunca *foi*; o passado *continua*.”<sup>854</sup> Assim, pretendeu [re]constituir o lugar do passado na memória escrita, no ensaio sociológico e na tentativa de ficção do *Dona Sinhá...* e do *O outro amor do dr. Paulo*. Se o ensaio comporta o relato de experiências, também cabe nele a prospecção de um possível passado perpétuo; empático; ficcional.

Otto Maria Carpeaux reconheceu a verdade literária de Gilberto Freyre inscrita na forma do ensaio. Carpeaux deu a Freyre uma cadeira no panteão dos literatos quando reconheceu no escritor pernambucano, através de um indicativo material do livro *Sobrados e Mucambos*, a capacidade de conciliação

---

<sup>851</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou escritor...*, 1965, p. 25.

<sup>852</sup> ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura I...*, 2003, p. 29-30.

<sup>853</sup> ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura I...*, 2003, p. 30.

<sup>854</sup> FREYRE, Gilberto. *Quase política...*, 1ª ed., 1950, p. 83. Atenção: as inscrições em itálico constam no documento consultado.

do “estudo sóbrio dos fatos e a apresentação deles” com o “temperamento artístico”. Esferas que “não se excluem.”<sup>855</sup>

Se Freyre quis ser reconhecido pelo aporte literário que acreditava ter, encontrou em Carpeaux o cais para atracar. Segundo Álvaro Lins, a força de “fenômeno”<sup>856</sup> que tinha a erudição do crítico austríaco, exemplifica o porquê do interesse de Freyre: “não se pode mais sentar num café, entrar numa livraria, conversar em grupo, abrir um jornal – sem que lá esteja em discussão o nome de Otto Maria Carpeaux.”<sup>857</sup> O autor de *Sobrados e Mucambos* sabia da referência que Carpeaux havia se tornado. Logo, tomar para si as verdades do crítico ser-lhe-iam de todo proveitosas. Uma vez destinados aos debates com a crítica, os prefácios e as demais seções auxiliares de um livro autorizaram o escritor de Apipucos a reconhecer o assento na cadeira canônica que Carpeaux havia-lhe reservado, como se vê na sexta edição de *Sobrados e Mucambos*.

O crítico literário e de idéias Otto Maria Carpeaux destacou, de *Sobrados e Mucambos*, as páginas sobre ingleses jovens sepultados em cemitérios tropicalmente brasileiros, vítimas principalmente de febre amarela, como mártires da expansão, no Brasil, do imperialismo britânico no século XIX, considerando exemplos de prosa literária em língua portuguesa.<sup>858</sup>

*Sobrados e Mucambos* e *Casa-Grande...* eram, para Carpeaux, uma certeza indagada: “se não tivessem a densidade científica que têm”, “seriam senão o poema épico, em prosa, do Nordeste patriarcal e rural? A resposta afirmativa”, então, “baseia-se em páginas como aquela sobre os ingleses vítimas de febre amarela”<sup>859</sup>. Apesar de escritor renomado e autor de reconhecimento adquirido pelo vínculo que tinha com a Livraria José Olympio

---

<sup>855</sup> CARPEAUX, Otto Maria. O estilo de Gilberto Freyre. In: *Ensaios reunidos...*, vol. II, 2005, p. 537.

<sup>856</sup> VENTURA, Mauro Souza. A biblioteca final: surpresas e revelações..., 2007, p. 28.

<sup>857</sup> LINS, Álvaro *Apud* VENTURA, Mauro Souza. A biblioteca final: surpresas e revelações..., 2007, p. 28.

<sup>858</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 6ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 732. [grifo meu]

<sup>859</sup> CARPEAUX, Otto Maria. O estilo de Gilberto Freyre. In: *Ensaios reunidos...*, vol. II, 2005, p. 536.

Editora, Freyre ansiava pelo estatuto literário que Carpeaux poderia conferir-lhe.

Freyre investiu na concepção segundo a qual o livro é um artefato de representação do passado. Não restrita à narrativa do miolo, mas alongada nos recursos que estruturam o próprio livro, a exemplo da ilustração. Da letra à página do livro perpassava a mensagem do escritor-autor: “estuda-se o passado irreversível daquilo que se lamenta.”<sup>860</sup> E, daí em diante, o passado é inventado, forjado. O passado, nas ilustrações da segunda edição do *Sobrados e Mucambos*, verteu-se em texto e livro ao gosto de Freyre: “ao desenhista admirável”, Lula Cardoso Ayres, os “nossos agradecimentos pelo esmero artístico e pela preocupação em ser exato com que se dedicou ao difícil trabalho de ilustrar um ensaio não só de reconstituição histórica”<sup>861</sup>, mas também de “interpretação sociológica, acompanhando o autor numa e noutra atitude e procurando dar vida ao material já pálido recolhido dos arquivos.”<sup>862</sup>

Ilustrar o livro a partir dos documentos. Isto é: cabia a Lula Cardoso Ayres tomar os documentos e as orientações de Freyre como base aos desenhos que elaborou, o que acabou por reordenar o sentido do passado mediante um inventário da memória. Conforme assinala Roger Chartier<sup>863</sup>, o autor escreve textos e não livros. Mas, por outro lado, pôde inventar os livros. Torná-los uma representação do passado. Um dado a mais, segundo a lente de Carpeaux, para que Freyre fosse alocado no escaninho da “história da literatura brasileira”, era o que consistia na conciliação entre o “valor científico” e a “interpretação dos documentos”<sup>864</sup>. Referendando o historiador inglês George Macaulay Trevelyan [1876 – 1962], acentuou que a “truth is the

---

<sup>860</sup> CARPEAUX, Otto Maria. O estilo de Gilberto Freyre. In: *Ensaio reunidos...*, 2005, vol. II, p. 537.

<sup>861</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 2ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 723.

<sup>862</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 2ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 723. [grifos meus]

<sup>863</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros...*, 1999, p. 17.

<sup>864</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos...*, 2005, p. 537.

criterion of historical study, but its impelling motive is poetic. Its poetry consists in its being true”<sup>865</sup>.

Freyre fez-se cânone. Investiu no livro como representação do passado e, daí em diante, foi visto pela crítica, levo em conta aqui a menção de Carpeaux à página 570 do *Sobrados e Mucambos*, como o escritor que, “no espírito, viveu e morreu com aqueles ingleses e com os milhares de outros personagens de”<sup>866</sup> seus ensaios. Um inventário, empático, da memória: tentativa do escritor de fazer valer suas intenções. Logo, para ele, o que fica registrado pode ser memória. Mas quando o que está registrado pode ser memória? É no momento em que os fragmentos de uma lembrança pretendem se impor como imagem. Os fragmentos antes dispersos, quando reunidos, formam a memória mediante a imagem daquilo que pode ser lembrado ou daquilo que se deseja lembrar. A memória é um registro de imagem que se constitui pelos fragmentos. Freyre sabia disso. Juntou as sobras do passado para reinventá-lo na forma do ensaio e/ou na forma do livro.

O complexo texto, livro, passado e memória deu a Freyre o prestígio da autoria. Um assento canônico, reafirmo. Em seu *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*, Carpeaux colocou Freyre “no meio do capítulo ‘Movimento do Nordeste’”. Está “entre José Américo de Almeida [1887 – 1980] e Jorge de Lima [1893 – 1953], aos quais não se nega a prioridade cronológica, e, por outro lado, José Lins do Rego, em cujo Ciclo da Cana-de-Açúcar já é evidente a influência do amigo.”<sup>867</sup> Da página 570 aos manuais de literatura nacional.

Existe aqui um outro fator de admiração por parte de Carpeaux: a orientação que a escrita da história e a conceituação do tempo tinham para o escritor. Na introdução à segunda edição do *Sobrados e Mucambos*, por exemplo, encontra-se um dos pontos que desvelou a admiração de Carpeaux pelo modo de escrita de Freyre: os fatos e a verdade da ficção no ensaio.

---

<sup>865</sup> A “verdade é o critério do estudo histórico, mas a sua motivação impulsora é poética. Sua poesia consiste em ser verdadeira.” [TREVELYAN, George Macaulay *Apud* CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos...*, vol. II, 2005, p. 537.]

<sup>866</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos...*, 2005, p. 537.

<sup>867</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos...*, 2005, p. 536.

Quanto a estudos históricos, vamos encontrar num dos maiores filósofos europeus da História, o nosso contemporâneo Arnold J. Toynbee, o reconhecimento do fato de que o historiador se utiliza, e precisa se utilizar, da técnica do romance ou do drama. Pois ‘a simples seleção, distribuição e apresentação de fatos é técnica que pertence ao domínio da ficção’ [...] <sup>868</sup> ‘sendo dificilmente possível escrever alguém duas linhas consecutivas de narrativa histórica sem nela introduzir personificações fictícias como: ‘Inglaterra’ ou ‘França’ ou o ‘Partido Conservador’ ou a ‘Igreja’, ou a ‘Imprensa’, ou a ‘Opinião Pública’ <sup>869</sup>.

O livro como representação do passado tinha como critério a interpretação do tempo e como o tempo poderia ser experimentado, apropriado. Uma vez livro, o texto reclamava acessórios e associações para fazer-se inteligível e socialmente operante para o leitor, o autor, o editor, o crítico. Daí a importância das inscrições gráficas, das ilustrações, por exemplo. Para Carpeaux, o crítico não deveria negligenciar o que estava visível e era aparentemente corriqueiro; os indícios materiais e seus rejuntes; os ilustradores e suas prescrições estéticas. Em *Significação de SR*, de 1953, e *Tendências do moderno romance brasileiro*, de 1948, afirmou que apesar das “numerosas folhas de papel de péssima qualidade”, quando das edições da Coleção Documentos Brasileiros, traziam capas que representavam de “maneira engenhosa o assunto” <sup>870</sup> contido em cada livro. Capas-síntese, provisionadas do “mesmo hieróglifo misterioso: ‘SR’” <sup>871</sup>.

Carpeaux referia-se às ilustrações do paraibano Tomás Santa Rosa. Ilustrador que soube fundir “o folclórico e o intelectual”: um “artista plástico de cultura literária” que conseguiu “interpretar os mais diferentes estilos e personalidades” <sup>872</sup>. Na lente de Carpeaux, “à época de José Olympio” como editor em expansão, Tomás Santa Rosa imprimiu à Coleção Documentos Brasileiros e aos diferentes “autores e obras [...] o símbolo comum que

---

<sup>868</sup> Sinal gráfico presente no documento.

<sup>869</sup> FREYRE, Gilberto. Introdução à 2ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 740.

<sup>870</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos...*, 2005, vol. II, p. 363.

<sup>871</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos...*, 2005, vol. II, p. 365.

<sup>872</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos...*, 1999, vol. I, p. 636.

distingue, invariável e inconfundivelmente, os volumes todos da coleção [...]: uma palmeira”<sup>873</sup>.

A árvore típica cujas raízes se confundem com as próprias raízes do Brasil; a árvore que deu sombra à Casa Grande do senhor e à senzala dos escravos; a árvore que, através das vicissitudes da história do Brasil, sombreou o cemitério das derrotas e se hasteou, às vezes, como bandeira da vitória; a palmeira bem brasileira, as raízes na terra e a coroa no alto, região da poesia<sup>874</sup>.

Não foi Carpeaux um crítico literário apenas imerso na decifração das tópicas narrativas de um estilo de escrita. Dedicou-se também aos detalhes que o suporte material dos livros anunciavam sem alarde. As dimensões físicas do livro – sugeriu o crítico Carpeaux – estavam alinhadas com o estilo e o “gênero” narrativo do texto. Por exemplo: “os romances de Jorge Amado editaram-se em formato 12x18, e hoje em formato 14x21...”. Das dimensões do livro de bolso às de livro de prateleira. Como bem suspeitava, declarou: “eu sei as tendências do romance brasileiro moderno! O segredo estava escondido entre as prateleiras da minha pobre biblioteca.”<sup>875</sup>

Para que o ensaio e o romance adquirissem o formato de livro não bastava apenas terem as ideias que tinham, mas deveriam contar com o feitio do editor e sua política editorial: articular os meios à “efetiva projeção nacional”<sup>876</sup> de seus autores passava pela forma do livro. A Livraria José Olympio Editora deu vazão aos livros de “formato incomum”, de diferencial no mercado. “Em 1951” publicou “*Nordeste* (23,2x31,5 cm) 30 exemplares em papel *bouffant* e 200 numerados, com ilustrações de Lula Cardoso Ayres e” Manoel “Bandeira,” assim como os “três volumes” da segunda edição do

---

<sup>873</sup> CARPEAUX, Otto Maria. Significação de ‘SR’. In: *Ensaio Reunidos (1942-1978) – de A Cinza do Purgatório até Livros na Mesa*. Rio de Janeiro: TopBooks/UniverCidade, vol. I, 1999, p. 636.

<sup>874</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos...*, 1999, vol. I, p. 636.

<sup>875</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos...*, 2005, vol. II, p. 363.

<sup>876</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 125.



*Sobrados e Mucambos* “(23,0x30,0 cm), de que se tiraram 30 exemplares para o autor e 200 em papel pluma para colecionadores, todos autografados.”<sup>877</sup>

Os livros especiais e os voltados ao leitor em geral passaram por alterações. Para que atingissem um mercado mais amplo, seus atrativos também foram ampliados. O romance nacional, segundo Carpeaux, foi o texto que demonstrou de modo significativo as mudanças: a José Olympio fez do “cuidado gráfico, o apuro na escolha dos tipos<sup>878</sup> usados, a diagramação elegante e funcional”<sup>879</sup>, uma identidade de marca. Está aí a relação entre a forma do texto e a forma do livro de prateleira; e, no que tange ao primeiro, em virtude das demandas editoriais, poderia ser alargado, alongado ou até receber subdivisões. Não só os romances, mas também os ensaios obedeceram à intensidade da nova ordem de concepção e produção de livros no Brasil, dos fins da década de 1940 em diante, pelas mãos de editores como José de Barros Martins, de São Paulo, e José Olympio, do Rio de Janeiro.

Considerando aqui o texto na forma do ensaio – em particular os ensaios da trilogia de Gilberto Freyre – ou na forma de romance, os editores estavam atentos às envolturas e gradações que cada um dos tipos, “gêneros”, demonstravam ao serem assinados pelos seus autores. Daí, a seguir, ser esta a advertência de Carpeaux: “são dois os fatores que produzem fatalmente o tamanho maior, embora haja exceções: as descobertas de um novo ambiente social pelo” escritor, “ou então a necessidade de nova técnica novelística” que fosse “capaz de servir aos” seus “fins poético-retóricos”<sup>880</sup> e estéticos.

Na condição de leitor, Carpeaux não deixou de atentar para a sua própria biblioteca e inferir sobre as “tendências” do romance no Brasil. Entretanto, para Gilberto Freyre, eram tendências que também estavam nos ensaios que escrevia e publicava. Levando em conta a opinião de Frank Tannenbaum, professor dos tempos da Universidade de Columbia, via nos

---

<sup>877</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 36.

<sup>878</sup> Referente a tipos tipográficos.

<sup>879</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 36.

<sup>880</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaaios reunidos...*, vol. II, 2005, p. 365.

seus textos a antecipação<sup>881</sup> daquilo que Carpeaux acenaria nos fins dos anos 1940. Tendências, enfim, tanto intratextuais quanto extratextuais; físicas, editoriais.

Antigamente estavam lá colocados, em boa ordem alfabética, os romances de Aluísio Azevedo, Armando Fontes, Cyro dos Anjos, Dionélio Machado, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Américo de Almeida, José Geraldo de Vieira, José Lins do Rego, Ivan Pedro Martins, Lima Barreto, Lúcio Cardoso, Machado de Assis, Manuel Antônio, Marques Rabelo, Octavio de Faria, Rachel de Queiroz, volumes todos eles de tamanho decente, quase iguais, como soldados num desfile. Certo dia nefasto, meu amigo e editor Martins, em São Paulo, passou a publicar Jorge Amado em formato grande, 14x21. Foi uma desgraça. Tive que modificar as distâncias entre as prateleiras para criar espaço para as *Terras do Sem Fim*, incrivelmente compridas. Depois, nosso querido José Olympio resolveu aumentar a estrutura de Graciliano Ramos, que já nos parecera inexcedivelmente grande. Mal colocado e recolocado tudo, invadiu-me a casa o enorme *Anjo de Pedra* de Octavio de Faria, acompanhado de uns gordos *Renegados*. Agora não houve mais jeito. Substitua-se a ordem alfabética pela ordem cronológica. Só assim se separam os “pequenos” e os “grandes”. Machado, Aluísio, Lima Barreto ficaram no lugar, modestos, assim como as obras de estréia de Rachel, Armando, José Lins e Gastão Cruls, das quais guardo piedosamente as primeiras edições. Também ficaram decentes meus velhos amigos Lúcio Cardoso e Adonias Filho. Cyro dos Anjos cresceu pouco. E depois, os volumes sobem de maneira calamitosa; Jorge Amado já parece adulto ao lado daqueles meninos, Graciliano é grande homem e homem grande; e Octavio de Faria, um gigante. Eis aí a tendência procurada; o romance brasileiro está crescendo. Os romances brasileiros no fundo não eram romances mas sim novelas, às vezes apenas contos de tamanho considerável. Hoje se escrevem romances verdadeiros no Brasil, e quando o sopro do romancista não chega, então ajuda o editor, aumentando os tipos, alargando as margens. Em todo o caso, a tendência é de ampliação.<sup>882</sup> Mas isso não é apenas uma tendência brasileira. É, baseada em necessidades fatais, uma lei de evolução, uma das tendências do romance contemporâneo<sup>883</sup>.

---

<sup>881</sup> “O impacto do *Sobrados e Mucambos* – como aliás o de *Ordem e Progresso* – tem sido considerável sobre a crítica mais idônea da Europa e dos Estados Unidos. Basta que se leia a introdução escrita para este livro por um mestre da alta responsabilidade intelectual do Professor Frank Tannenbaum, da Universidade de Columbia. Nessa introdução, o famoso historiador-sociólogo situa *Sobrados e Mucambos* no mesmo plano de *Casa-grande & Senzala*, quer pelo que nele, como ciência alongada em filosofia social, é não só ‘sociologia, história social, antropologia, psicologia social’ como – para Tannenbaum – ‘mais do que isto’. Isto é ‘intuição bergsoniana, poesia, arte’, quer por uma expressão literária, na qual o mestre de Columbia encontra semelhanças com a de Proust, porém ‘mais vigorosa e mais vivida’. Seria, para o Professor Tannenbaum, linguagem de uma fluência de água após tempestade.” [FREYRE, Gilberto. Prefácio à 6ª edição. In: *Sobrados e Mucambos*..., 13ª ed., 2002, p. 732.]

<sup>882</sup> Texto ampliado, livro ampliado.

<sup>883</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos*..., vol. II, 2005, p. 363-364. [grifos meus]

Gilberto Freyre esteve à frente das fronteiras, ou melhor, não acreditava nelas. Flertou com a literatura. Tornaram-no parte inscrita nos manuais de literatura. Deu aos seus ensaios a verdade da ficção: valeu-se da metáfora do “tempo morto”<sup>884</sup> que retorna; um tempo projetado; um tempo intergeracional<sup>885</sup>; recomposto e descrito pelos cacos; forjado na narrativa. Exerceu a função de crítico porque entendia que os limites entre um ramo e/ou outro do conhecimento dependia mais das experiências interpessoais, das interlocuções literárias, do que dos tratados teóricos.

Uma vez crítico de literatura, Freyre escreveu o prefácio ao livro de Olívio Montenegro, *O Romance Brasileiro: as suas origens e tendências*<sup>886</sup>, nos idos de 1938. Entre a escrita dos seus ensaios e a crítica, estava o intelectual que pertencia ao grupo dos interlocutores que transitavam entre um território e outro do conhecimento, Carpeaux. Citou Freyre sempre que acreditou oportuno em seus textos de crítica literária, ressaltando o lugar do escritor-autor pernambucano na estância da literatura nacional. Considerava, por exemplo, apesar do transpasse dos anos, o prefácio de Freyre ao livro de Montenegro uma referência “sobre a situação atual”, leia-se fins dos anos 1940 e o decorrer dos anos 1950, “do romance brasileiro”<sup>887</sup>.

---

<sup>884</sup> Por aqui passa literário, o ficcional: “se todo o nosso esforço de colheita de material para os estudos a que nos temos aventurado em torno das origens e do desenvolvimento da sociedade patriarcal no Brasil vem sendo, não apenas pesquisa igual às outras, as convencionais, de campo e de arquivo – mas um difícil esforço, com alguma coisa de aventura, de busca de documentos pessoais guardados em arquivos de família; de descoberta de papéis esclarecedores, sugestivos e significativos, ainda que obscuros; de conquista de pequenos nada capazes, às vezes, de iluminar melhor do que as grandes luzes, as sombras de um tempo morto – nenhuma parte desse esforço foi mais essa aventura do que a última: a que se reflete no ensaio agora publicado, *Ordem e Progresso*.” [FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 11.]

<sup>885</sup> Sobre o tempo morto, intergeracional: “o homem morto ainda é, de certo modo, homem social. E, no caso de jazigo ou de monumento, o morto se torna expressão ou ostentação de poder, de prestígio, de riqueza dos sobreviventes, dos descendentes, dos parentes, dos filhos, da família. O túmulo patriarcal, o jazigo chamado perpétuo, ou de família, o que mais exprime é o esforço, às vezes pungente, de vencer o indivíduo a própria dissolução integrando-se na família, que se presume eterna através de filhos, netos, descendentes, pessoas do mesmo nome.” [FREYRE, Gilberto. Prefácio à 2ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 736.]

<sup>886</sup> MONTENEGRO, Olívio. *O romance brasileiro: as suas origens e tendências*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938. [Coleção Documentos Brasileiros, 10]

<sup>887</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaaios reunidos...*, vol. II, 2005, p. 363.

Os ensaios de Carpeaux lastreiam estima e afeto de um crítico literário envolto nas redes de interlocuções dos escritores que interpretava: o pleito do cânone, suas deliberações. O texto *Tendências do moderno romance brasileiro* veio a público, porém inicialmente a um público restrito, em 25 de setembro de 1948, na casa do paisagista Roberto Burle Marx [1909 – 1994], na cidade do Rio de Janeiro. Em 03 de outubro do mesmo ano foi publicado em *O Jornal*, periódico fundado em 1919 e depois comprado por Assis Chateaubriand, em 1924.

Um crítico literário amigo dos escritores? É certo que a amizade é eletiva. Os exórdios da empatia e das diferenças entre os iguais regem-na. O intelectual, imerso no tear de sua rede de amizades, faz-se na escrita e na crítica. Mas, as críticas, tecidas pelos amigos, ao mesmo tempo que decompõem, afagam. Gilberto Freyre foi, entre os vários amigos, reconhecido como o mestre de competência plena. Carpeaux distinguiu-o como escritor de um português plástico, fluido. E ainda: segundo Carpeaux, o erudito crítico e teórico da literatura, foi Freyre quem o aguçou o interesse de aprender a falar, ler e escrever o português dos trópicos.

Dentre as possíveis leituras sobre os escritos de Freyre, existe o “gênero” da [semi]novela como pauta de apreciação. E se os atos da vida cotidiana esmeram a novela, cabe aqui a seguinte pergunta: o que de épico, ou de época, e de cotidianesco há no modo Gilberto Freyre de fazer literatura? E, para além deste primeiro questionamento, vale pontuar: o que é literatura para ele? E mais: como a evocação de um tempo permeia o arranjo de suas letras e a crença no ficcional, no fantástico, até? Freyre, escritor dos personagens que incitam estímulos sensoriais no leitor, faz emergir em *Dona Sinhá e o Filho Padre*, de 1964, o seu espectro da alquimia literária: a leitura psicológica, inclusive. Comportamento e imaginário, a propósito, são vistos como instrumentos propulsores da dinâmica dos indivíduos e de suas conexões sociais.

No ensaio intitulado ‘O estilo de Gilberto Freyre’, – originariamente publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* de 06 de agosto de 1960 – Carpeaux

escreveu que a página 570, do volume II da 2ª edição do *Sobrados e Mucambos*, exerceu fascínio sobre a sua leitura e entendimento sobre o Brasil; do patriarcado do açúcar: “a página está gravada na minha memória por motivos pessoais. Foi em 1940. Em São Paulo.”<sup>888</sup> Um dos trechos da predileção do crítico era:

houve mesmo nativista que se regozijaram com a ação violentamente anti-européia da febre amarela. Febre terrível que, poupando o nativo, não perdoava o estrangeiro. Principalmente o louro, de olhos azuis, sardas pelo rosto. – Mas o estrangeiro louro insistiu em firmar-se em terra tão sua inimiga com um heroísmo que ainda não foi celebrado. Só visitando hoje alguns dos velhos cemitérios protestantes no Brasil – o do Recife, ou o de Salvador, ou o do Rio de Janeiro – que datam dos princípios do século XIX, e vendo quanta vítima da febre amarela apodrece por esses chãos úmidos e cheios de tapuru, debaixo de palmeiras gordas, tropicalmente triunfantes.<sup>889</sup>

Carpeaux, um “dos filhos da burguesia judaica de Viena,”<sup>890</sup> naturalizado brasileiro em 1944, escreveu para Gilberto Freyre, carta manuscrita em papel timbrado da Faculdade Nacional de Filosofia, agradecendo-o pelos esforços de reconhecimento de seu livro já publicado no Brasil. Segundo Franklin de Oliveira, no livro *A Semana de Arte Moderna na contramão da História e outros ensaios*, Carpeaux sofrera com as injúrias de Oswald de Andrade. No entanto, anos decorridos de seu estabelecimento no Rio de Janeiro, Carpeaux lamentou-se ao amigo pernambucano:

escrevo-lhe agora pela terceira vez – porque o amigo Arquimedes não acredita que a minha segunda carta tinha chegado às suas mãos. E preciso andar certo. Outra vez, e pela terceira vez, agradecimentos profundos pela dedicatória do ‘Euclides’, honra imensa e inesperada; agradeço também muito a referência honrosa no seu artigo sobre o inquerito das ‘Diretrizes’. Não quero amolá-lo com respeito aos meus casos pessoais. V. deve estar informado quanto à conspiração que os Srs. Genolino Amado, Carlos Lacerda e Guilherme Figueiredo montariam contra mim; sentiram-se incomodados por minha existência, e conseguiram, com a ajuda de Jorge Amado, transformar-me em ‘fascista’.<sup>891</sup>

---

<sup>888</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos...*, vol. II, 2005, p. 535.

<sup>889</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos...*, vol. II, 2005, p. 535.

<sup>890</sup> VENTURA, Mauro Souza. *De Karpfen a Carpeaux...*, 2002, p. 22.

<sup>891</sup> Carta de Otto Maria Carpeaux para Gilberto Freyre de 1944. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

E se despede, lamentando:

o prejuízo não me importa, mas sinto-me profundamente ferido. Tudo isso e muitas outras coisas andariam melhor, se tivesse ocasião de falar pessoalmente com você. É por isso, e por motivos, fora da região das brigas infamemente pessoais, que gostaria imensamente de vê-lo aqui no Rio. Quando será? É um conforto para mim que coincidem tão perfeitamente a minha esperança ilimitada em V. e a minha admiração ilimitada do meu grande mestre que me ensinou as coisas do Brasil. Gratidão e lembranças do seu fiel, Otto M. Carpeaux[.]<sup>892</sup>

A afirmativa contundente de Franklin de Oliveira sobre os ombros de Oswald de Andrade, alardeada pelo tom da acusação, não me instiga à identificação da suposta origem das calúnias encetadas a Carpeaux. Entretanto, exige-nos um veio reflexivo. Quando chegou ao Brasil, em setembro de 1939, Carpeaux trouxe consigo a erudição na bagagem. A capacidade, advinda da Viena das artes e das línguas em coexistência de antes da homogeneização nazista, de síntese cultural concernente às diferenças e aos diálogos possíveis.

O incômodo de Carpeaux revelou-se nos anos iniciais da década de 1940. Quando do seu vínculo maior com a imprensa, na qualidade de crítico literário, fez revelar uma “crítica especializada”<sup>893</sup>. Um Carpeaux, enfim, cujo “trabalho” era “de um especialista e não de um diletante ou cronista”<sup>894</sup>.

Carpeaux esteve à frente da biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia no período de 1942 a 1944. Escreveu artigos para *O Estado de São Paulo*, *O Jornal*, *Correio da Manhã* etc. Escreveu em defesa de Gilberto Freyre quando este não constara na coletânea de três volumes, de Antonio Candido, intitulada *Presença da Literatura Brasileira: história e antologia*, de 1965; ou

---

<sup>892</sup> Carta de Otto Maria Carpeaux para Gilberto Freyre de 1944. Centro Documental da Fundação Gilberto Freyre. Não constam na missiva referências ao dia ou mês em que foi elaborada. [manuscrita]

<sup>893</sup> Considere-se: Mauro Souza Ventura no artigo ‘Trajetória e legado de Otto Maria Carpeaux’, publicado na *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, nº 63, seção Fortuna Crítica, São Paulo, 2006, p. 17-25.

<sup>894</sup> VENTURA, Mauro Souza. *Trajetória e legado de Otto Maria Carpeaux...*, 2007, p. 24.

mesmo para alocar o amigo pernambucano no postulado da teoria literária como autor de ensaios de ficção<sup>895</sup>.

---

<sup>895</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos...*, vol. II, 2005, p. 565.

## 4.2 – Um escritor de ficção

Autor de ensaios sociológicos densos, Gilberto Freyre envereda para a ficção. A novela, melhor dizendo, a seminovela, é a expressão narrativa de *Dona sinhá...*. Uma narrativa, portanto, que objetiva descrever e interpretar valores e práticas sociais da cidade do Recife dos fins do século XIX e princípios dos novecentos.

Ao relatar as características da Dona Sinhá, nas primeiras páginas, descreve o lugar de fala da senhora aristocrática, criando visualidades e ambiências. O narrador/autor oferta aos leitores a sensação da sinestesia, efeito que refina a linguagem e fundamenta a lógica da narrativa. Simulando um *déjà vu*, o nosso narrador/autor permite a transferência de um sentido para outro: do visual para o auditivo; ou do visual para o olfativo. O jogo das sensações em Gilberto Freyre é recurso respaldado pela psicologia. É recurso condizente às dualidades da narrativa proposta pela seminovela. Portanto, o ato de descrever para ele significa anunciar seus personagens, em especial a Dona Sinhá, como são e estão mediante o esteio da cultura material, das rugas dos objetos, e das percepções, ou impressões, que estimulam no leitor.

Adversamente, cabe informar, o livro foi antes escrito em francês. Um manuscrito francês à *causerie*<sup>896</sup>: manuscritos distribuídos em dezoito cadernos e subdivididos em vinte e cinco passagens, capítulos. Os originais<sup>897</sup>, acolhidos na casa-museu de Apipucos<sup>898</sup>, acirram questões circundantes aos meios e conjunturas de escrita de um texto afanado pelo acento do epíteto literário. Indicar uma razão que explique o porquê do *Dona Sinhá...* ser primeiro escrito

---

<sup>896</sup> Leia-se: Conversa.

<sup>897</sup> Cadernos, todos encapados, de brochura com folhas pautadas. Uns, com grampos, outros, com costura. Subdividem-se em: o exemplar “Causerie de l’auteur avec le lecteur”, possui uma capa avulsa intitulada “Dona Sinhá et son fils sacerdote [Dona Sinhá e o Filho Padre]”; os demais cadernos correspondem aos capítulos da seminovela: I, II, III e IV, V, VI, VII, VIII e IX, X e XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, do XX ao XXIV. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>898</sup> A casa, onde Gilberto Freyre residiu por mais de quarenta anos, foi transformada em museu em 1985. Equipamento sob a jurisdição da Fundação Gilberto Freyre em Recife.



em língua francesa, não é aqui o propósito corrente. Entretanto, valorar possibilidades de interpretação é o que acautela com maior segurança a análise da documentação.

Comparativamente, os originais manuscritos – e não as provas do livro ainda no prelo – relacionados à edição do ano de 1964, demonstram poucos motivos de distanciamentos/diferenças entre uma forma e outra: o escrito de próprio punho e o impresso e publicado. O caderno no qual são dispostos os argumentos do autor sobre o conteúdo e a forma da narrativa, é anunciado com a seguinte inscrição: “Dona Sinhá et son fils sacerdote”<sup>899</sup>. E, advertidamente, apresenta: “Causerie de l’auteur avec le lecteur á propos de la façon dont fut elaborie la semi-nouvelle: ‘Dona Sinhá et son fils sacerdote’<sup>900</sup>”.

Existe um dado a mais a ser destacado: a grafia, ou melhor, a caligrafia não obedece ao movimento do punho de Gilberto Freyre. O manuscrito apresenta uma cursividade cujas letras e palavras são desenhadas, arredondadas e, por conseguinte, preparadas sob o ritmo de um tempo lento proporcionado pela quietude de um ambiente específico destinado à escrita. Freyre, no entanto, tinha uma caligrafia que tentava acompanhar, por mais que estivesse na retidão de um gabinete, o registro rápido de seus pensamentos: espaçada, letras pouco definidas e de contornos acelerados. Um manuscrito, talvez, elaborado por um auxiliar de Freyre, resultante do trabalho de campo, ao recolher os relatos de memória de uma Dona Sinhá de voz, destaque-se, “descansada e até arrastada, como a de todos os Wanderleys<sup>901</sup> autênticos.”<sup>902</sup>

Josué Montello, ainda sobre a escrita cursiva de Freyre, baseando-se nas cartas que o escritor remetia aos seus interlocutores, externa o pormenor aludido acima: “suas cartas sempre foram duplamente preciosas; pelo que diziam, na ordem das idéias e das revelações pessoais, e ainda pela

---

<sup>899</sup> Correspondente: *Dona sinhá e o filho padre*.

<sup>900</sup> “Conversa do autor com o leitor sobre como foi elaborada a semi-novela: *Dona sinhá e o filho padre*.”

<sup>901</sup> A linhagem materna de Gilberto Freyre descendia dos Wanderley: Maria Raymunda da Rocha Wanderley era o nome da sua avó materna. Atenção: o sobrenome aparece no documento no plural.

<sup>902</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona sinhá e o filho padre...*, 2ª ed., 1971, p. 03.

circunstância de serem escritas a mão, numa letra torcida”, porém “clara”. E, assim sendo, tinha a característica de ser “um tanto inclinada para a esquerda, com muita entrelinha, indicativa do espírito reflexivo.”<sup>903</sup>

Do manuscrito ao impresso publicado em 1964, os parágrafos do texto não obedecem à extensividade que é mais comum nos ensaios *Casa-Grande...*, *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso*. Digo melhor: nestes três, os parágrafos costumam ser longos, afeitos às digressões; no *Dona Sinhá...*, por sua vez, são, geralmente, mais contidos, mais concisos. Isto é: em parte, está aí a distinção entre o ensaio sociológico e o ensaio de ficção em Gilberto Freyre. Contudo, cabe acrescentar: uma vez impresso, o manuscrito adquire “a aeração da página pela multiplicação dos parágrafos que quebram a continuidade ininterrupta do texto, e aquela das alíneas, que entre idas e vindas à linha tornam a ordem do discurso imediatamente mais legível.”<sup>904</sup> É a intervenção da fôrma do impresso no texto.

A versão manuscrita do *Dona sinhá...* constava de vinte e quatro passagens identificadas, em ordem crescente, pelos algarismos romanos. A impressa, pois, mantivera-se com esta ordem de apresentação. Mas, por outro lado, uma mudança foi realizada no texto quando da publicação da primeira e da segunda edições: a passagem XXV. Esta, inclusive, estendeu-se também para a edição comemorativa do centenário de nascimento do escritor, no ano de 2000, pela Ediouro do Rio de Janeiro.

A passagem XXV é exemplar ao entendimento daquilo sobre o qual Chartier lançou luz: a interferência editorial no texto. Todavia, o resultado impresso não alterou as ordens narrativa e de ideias propostas, a princípio, pelo manuscrito. Firmara-se, a partir de então, a mudança, isto é, a passagem, do lugar de Freyre como escritor de textos ao lugar que ele deveria preencher por exigência da condição de autor, e que ao longo de sua trajetória intelectual foi preenchendo, ao publicá-los no formato de livros.

---

<sup>903</sup> MONTELLO, Josué. O espelho das cartas. In: *Cartas do próprio punho...*, 1978, p. 09. [grifo meu]

<sup>904</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros...*, 1999, p. 18-19.

O ato de fragmentar é uma leitura do editor para, em seguida, transformar o texto em objeto impresso, em produto de mercado. Algo já sabido em demasia. O que é, de fato, uma perspectiva do olhar que leva o texto à fragmentação, mas obedecendo a um encadeamento de unidades apartadas, que retoma, ou melhor, que recompensa, mediante a constituição das páginas do livro, as ligações entre o pensamento e os recursos discursivos usados no “raciocínio” despreendido pela autoridade da criação e pela assinatura, renunciadas, do nome do escritor operando na função autor. Daí um reclame do livro *Dona sinhá...*, a propósito, demarcar este adendo: “Gilberto Freyre é criador de um sistema próprio (de interpretação do Homem) capaz de durar séculos, como o de Defoe, o de Dostoievski, o de Proust, o de Balzac.”<sup>905</sup>

O manuscrito do *Dona sinhá...*, quando foi destinado à qualidade de impresso, a partir das dimensões que obtivera com a primeira tiragem de 1964, revelou-se como situação exemplar do seguinte preceito de Carpeaux: passou a ter, por certo, o formato de “novela”. Isto é: o arquétipo do texto apresentaria, então, a sua equivalência nos contornos do objeto livro. Portanto, o “gênero” do texto requeria para si uma estatura de livro correspondente. Para ser ainda mais específico: conter um formato, um tamanho de livro de bolso: 13,2x17,8 cm. Aspecto que, para Carpeaux, se diferenciava daquele comumente relacionado ao romance: o texto mais extenso que exigia a forma do livro com dimensões mais alongadas e dilatadas. Relembrando uma citação do crítico austro-brasileiro, reitero: “e quando o sopro do romancista não” se manifestava, “o editor” ajudava-o “aumentando os tipos, alargando as margens.”<sup>906</sup>

Os livros editados pela Livraria José Olympio Editora, pertencentes a coleções ou não, eram impressos com integridade. Até mesmo nos anos mais conturbados às finanças da editora: anos de 1960 e 1970. “O uso” recorrente “de orelhas e quartas capas, sempre informativas, reproduzindo trechos de artigos publicados na imprensa sobre seus autores”<sup>907</sup>, reforçavam a tentativa

---

<sup>905</sup> Da orelha da quarta capa da segunda edição do *Dona Sinhá...*, de 1971. Trecho extraído da *Catholic Sociological Review*, Estados Unidos.

<sup>906</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos...*, vol. II, 2005, p. 364.

<sup>907</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 34.

de publicar livros sem descuidar dos “detalhes da produção”<sup>908</sup>. A primeira edição do *Dona Sinhá...*, pois, publicada na Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre, distingue-se da segunda, de 1971, a princípio, pelo fato de ter sido uma tiragem que constava na coleção cujo título era o nome do próprio escritor-autor. A segunda, a propósito, passará à lista dos editados da José Olympio reconhecidos como literatos: a Coleção Sagarana.

A Coleção Sagarana reforçava o cânone do escritor, do autor, que compartilhava, entre os seletos, da “literatura nacional”<sup>909</sup>; ou, no dizer de Laurence Hallewell, tratava-se do escaninho que absorveu uma “ampla seleção de literatura moderna brasileira”<sup>910</sup>. A abertura de capital da editora estendeu os seus negócios que, entre os quais, incluía, além da Sagarana, “uma linha de literatura policial traduzida”<sup>911</sup>. O *Dona Sinhá...*, destarte, é parte desse processo de extensão da política editorial da “Casa” nos anos de 1960.

Diversos são os escritores nacionais que publicaram pela José Olympio via Sagarana, assim como eram diferentes as suas posições ideológicas, políticas. Além das oscilações econômicas, o editor José Olympio também perpassou duas ditaduras: a de Getúlio Vargas e a Militar. Ainda no ano de 1956, Carlos Drummond de Andrade, em artigo para o jornal *Diário de Pernambuco*, procurou associar à pessoa do editor a capacidade de editar, acolher, por mais díspares que fossem, os escritores pelo mérito de seus textos, seus feitos autorais: “José Olympio editou com o mesmo espírito autores da direita, do centro, da esquerda e do planeta Sirius.”<sup>912</sup>

Seja sob o cânone da “literatura nacional” ou da “literatura moderna brasileira”, Freyre conseguiu constar tanto em um quanto no outro. A inclusão do título *Dona Sinhá...* no catálogo da Coleção Sagarana, deu a ele o estatuto de escritor, além de “regional”, “moderno”. Para tanto, ser moderno implicava diretamente na escolha de temas que ajudassem a desvelar as miudezas do

---

<sup>908</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 39.

<sup>909</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 314.

<sup>910</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 522.

<sup>911</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 522.

<sup>912</sup> *Diário de Pernambuco*, Recife, 11 de novembro de 1956. [PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 24.]

Brasil. A Livraria José Olympio Editora fez convergir tanto o aporte gráfico que a marcou no mercado editorial quanto os temas da literatura definida como nacional. Combinação “que a editora logo difundiria junto a seu público.”<sup>913</sup>

Sempre à procura de constar nas listas dos literatos, Freyre não negligenciava a oportunidade de acentuar o lugar de *Casa-Grande...* entre os seus textos de maior vertente literária. As orelhas e a quarta capa, por exemplo, da segunda edição do *Dona Sinhá...*, reforçam este seu interesse. Apesar de ter se lançado no ensaio de ficção com o *Dona sinhá...*, considerava o *Casa-Grande...* a sua porta de acesso ao plano literário. Os reclames do livro, atendendo às funções que lhes eram peculiares, são formados pelos comentários, em geral, de intelectuais estrangeiros sobre Freyre e seu modo de escrita. Lê-se, então, nas subdivisões da mantilha que recobre o miolo da edição de 1971:

nada de sêco nem abstrato em *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, agora traduzido para o francês, onde, ao contrário, se encontra uma multidão de detalhes humanos, descrições da natureza e do coração do Homem, que fazem de um livro científico uma epopeia tão apaixonante como a *Guerra e Paz* de Tolstoi ou o *Don Quixote*. (N. R. F. Paris 1946)

Em *Casa-Grande & Senzala (The Masters and the Slaves)* há um conjunto de quadros shakespearianos traçados por mão de cientista. Leon Mathias (Nova Iorque)<sup>914</sup>

A estatura do *Dona Sinhá...* para Freyre estava, ou ao menos desejava que estivesse, na escala do *Casa-Grande...*, do *Sobrados e Mucambos* e do *Ordem e Progresso*. Valer-se da crítica e, daí, torná-la reclame de orelhas ou quartas capas, desvela o seu interesse em construir tanto a sua trajetória intelectual quanto reforçar função autor que exercia como editado da José Olympio. E, ainda mais: forjar a sua memória como escritor; como literato. Tentou estender, para além da trilogia, o humano como tema universal do *Dona Sinhá...* Usou da opinião da crítica que lhe convinha para isso e, mais uma vez, a materialidade do livro serviu de vitrina:

---

<sup>913</sup> PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 37-39.

<sup>914</sup> Reclames da orelha da quarta capa da segunda edição do *Dona Sinhá...*, 1971.

‘*Dona Sinhá e o Filho Padre (Mother and Son)* é um retrato em profundidade de um homossexual inconsciente de sua homossexualidade: um indivíduo do que Gilberto Freyre chama meio-sexo. Não há nesse retrato nem apologética nem caricatura: é, além de delicado, imensamente comovedor na sua compreensão da ambivalência sexual’... ‘Gilberto Freyre é acima de tudo um escritor. Ele será ainda reconhecido como um dos fundadores da metaliteratura do século XX. Suas técnicas são muito mais ricas e mais generosas que as do mero narrador.’ – Alexander Coleman (*New York Times*)<sup>915</sup>

Pelo texto e seu estilo, pelo livro e sua busca pelo leitor, Freyre foi agraciado com o Prêmio Internacional de Literatura, o La Madonnina, no ano de 1969. A justificativa pela concessão do laurel fundamentava-se no reconhecimento da “incomparável agudeza literária na descrição de problemas sociais, conferindo-lhes calor humano e otimismo, bondade e sabedoria.”<sup>916</sup> Feito conquistado através do conjunto de ensaios que escreveu baseado em “fulgurações geniais.”<sup>917</sup>

A forma da narrativa do *Dona Sinhá...*, pois, atende à propensão do relato, levando a cabo a possibilidade de Freyre ter – quando da preparação do livro – conversado com uma Dona Sinhá factível, residente no Recife e afeita a desprender-se de suas memórias. Mas uma senhora que tudo de mais íntimo tratou de “revelar” em francês? Talvez. Possivelmente. Por outro lado, o que dizer do conteúdo do texto, tomado por informações em dia com o processo histórico de Pernambuco e, em particular, da cidade do Recife? Artifícios de um relato oral de senhora distinta ou resultado da artimanha do autor que assim, escrevendo primeiro em língua estrangeira, desejou afiançar o livro diante da crítica?

Tanto as anotações em língua francesa quanto a edição do ano de 2000, esta em língua portuguesa, compõem-se de referências a escritores contemporâneos a Gilberto Freyre, a exemplo de José Lins do Rego, assim

---

<sup>915</sup> Reclame da carta capa da segunda edição do *Dona Sinhá...*, 1971.

<sup>916</sup> No mesmo ano “lê conferência, no Conselho Federal de Cultura, em sessão dedicada à memória de Rodrigo M. F. de Andrade.” FONSECA, Edson Nery da. Cronologia. In: *Casa-Grande & Senzala...*, [edição crítica], 2002, p. 685.

<sup>917</sup> FONSECA, Edson Nery da. Cronologia. In: *Casa-Grande & Senzala...*, [edição crítica], 2002, p. 685.

como menção a políticos, intelectuais e religiosos do século XIX: Joaquim Nabuco, Dom Vital. Uma mescla de correlação intelectual com o seus pares e de fundamentação do texto através da menção aos nomes relativos à história de Pernambuco, em particular, e do Brasil, em geral. Uma tentativa do escritor de entrelaçar na narrativa o seu presente com o pretérito reclamado pela personagem Dona Sinhá.

A Dona Sinhá descrita pelo narrador/autor colocou à prova as expectativas da publicação do livro no qual era personagem. “O senhor está abusando do meu nome!”<sup>918</sup> E disse mais: “eu não sou nenhuma cômica para alguém escrever minha vida para o público”<sup>919</sup>. A personagem não se limitou a retrucar, arrematou o narrador/autor:

Mostrou-me então um retalho de jornal. Era um recorte de diário do Rio em que um cronista anunciava, aliás precipitadamente, ‘o próximo aparecimento de um romance’ meu, que era ‘a história de Dona Sinhá e do filho padre’.<sup>920</sup>

O artigo de jornal, macerado pela personagem, não residia na ficção. Foi publicada pelo *Diário Carioca*, seção Literatura e assinada pelo tradutor e crítico literário Hélio Pólvora de Almeida, em 15 de dezembro de 1964. Usando-se do tom de exaltação – e generalidades – a Gilberto Freyre, o crítico sobressalta o tema/tabu do *Dona Sinhá e o Filho Padre* em detrimento das proposições de forma e estilo do texto.

O mestre de Apipucos, poeta lusotropical, acaba de nos dar o último produto do seu solitário labor – a estória de um brasileiro de meio-sexo que sentia amorosa atração por um brasileiro de sexo puro, num Recife antigo, à sombra de sinhás, igrejas e reverendos. Que não se arrepiem, porém, as sinhás e os patriarcas urbanos de hoje: a coisa não houve, ficou no terreno vago da indefinição, dos desejos contidos pelos bons freios morais de antigamente. O criador do lusotropicalismo conteve a mão: não quis fazer o que ele próprio chama de ‘caricatura’ do homossexualismo em ‘Sodoma e Gomorra’, nem o que, com muita graça (reconheça-se) batiza de ‘apologia pro vita sua’.<sup>921</sup>

<sup>918</sup> FREYRE, Gilberto. 1. In: *Dona Sinhá...*, 2000, p. 17.

<sup>919</sup> FREYRE, Gilberto. 1. In: *Dona Sinhá...*, 2000, p. 17.

<sup>920</sup> FREYRE, Gilberto. ‘1’. In: *Dona Sinhá e o Filho Padre*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000, p. 17.

<sup>921</sup> ALMEIDA. Hélio Pólvora de. *Diário Carioca*, 15 de dezembro de 1964.

O aparente desconforto da Dona Sinhá foi perpetrado a partir da empatia do narrador/autor. Um exemplo mais ajustado ao feitio do estilo do que aos do conteúdo e da forma da narrativa. Contributo que acaba por “definir” a investidura da “seminovela”; da “causerie”, conforme sugere a inscrição da folha de rosto do caderno votado aos argumentos, e justificativas, de feitura do texto. Refiro-me aos originais em francês.

A “causerie” como desígnio da literatura, aproxima-se do ensaio. É um relato mais informal e conduzido por frases curtas e sem o prolongamento de explicações, instigando a pretensa – no tom informal – conversa do autor com o leitor. E se *Dona Sinhá e o Filho Padre* funda-se no estilo, e a empatia do narrador/autor atribui maior altivez à personagem Dona Sinhá, o ritmo do texto é mais relato e menos enredo.

‘Mas Dona Sinhá’ – fui prudentemente lhe dizendo – ‘como sabe a senhora que é a minha Dona Sinhá? Por que estaria eu abusando do seu nome?’ Ela não de fez de rogada para esclarecer o que, do seu ponto de vista, era um fato límpido. ‘Pois sou eu a mãe de José Maria. Eu que o criei para padre. Eu que sofri por ele tudo o que o senhor pretende com certeza contar no seu livro. Ele que sofreu por mim tudo o que o senhor deve saber, não sei por intermédio de quem, que ele sofreu. Quando me disseram o que era o seu livro, eu me senti devassada na minha vida mais íntima. Procurei, porém, desinteressar-me do assunto, pensando: eu vivo tão retirada que ninguém sabe que ainda vivo.’<sup>922</sup>

Gilberto Freyre, ao trajar-se mais da condição autor, oportuniza, quando possível, incursões sobre o modo pelo qual seguiu para escrever *Dona Sinhá e o Filho Padre*. A imprensa, portanto, serviu de exórdio aos potenciais, e aos já estabelecidos, leitores do escritor. Perguntado sobre como havia escrito a seminovela, respondeu: “[Foi] aos poucos e cedendo àquela irresistível

---

<sup>922</sup> E ainda: “A verdade é que eu já era para ter morrido há anos. Nem eu sei explicar como ainda existe uma Dona Sinhá nesta casa e neste São José, já tão diferente do que era no meu tempo de moça. Mas com a insistência dos jornais em anunciar seu livro, decidi lhe escrever aquele bilhete pedindo-lhe o grande favor de vir até aqui. E o que lhe peço é que escreva sobre outra pessoa, sobre outro assunto e me deixe em paz, a mim e ao meu José Maria, que já morreu, ao seu amigo que ainda deve viver lá pela Europa, e a todas essas histórias que não devem interessar a nenhum estranho”. [FREYRE, Gilberto. ‘1’. In: *Dona Sinhá e o Filho Padre*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000, p. 19-20.]



necessidade de expressão. Tomando notas. Muitas notas. Depois, eliminando quanto me foi parecendo supérfluo ou científicóide”.<sup>923</sup>

Os arranjos da descrição na narrativa dão a Gilberto Freyre o status de manipulador de sentidos e palavras. Manipulador no sentido mais alentado do termo: um recurso de poder de sedução do leitor; um paramento de evocação de passados e memórias; um meio de expressar autonomia e autoridade de escrita. Uma elaboração da “literatura de testemunho”, até.

Tratar de autoria implica na “popularidade” de um tipo de escrita anunciada. Sérgio Buarque de Holanda, em exercício de crítica literária sobre as poesias de Manuel Bandeira, lembra que o reconhecimento de um autor está vinculado “a uma técnica extremamente cultivada”. Transferir esta observação para *Dona Sinhá e o Filho Padre* implica, por conseguinte, na identificação de prestidigitações de uma escrita apregoada como nova em apelos e atrativos para o leitor:

se romance ou novela – ou seminovela – a que espécie de romance pertence este *Dona Sinhá e o filho padre*? Talvez a nenhuma das tradicionais, embora nele se encontrem sugestões vindas, umas, da velha novela inglesa – sobretudo de Defoe, hoje considerado atualíssimo – outras da mais nova. Talvez tenha mais da novela realista, ao mesmo tempo que romântica, de Dickens, do que de outra qualquer, pela importância que dá ao *pathos*; e também pela tendência, nesta seminovela muito moderada, para se fazer de uns personagens heróis; e se atribuir, embora de leve, vilania aos que os fizeram sofrer.<sup>924</sup>

Fica evidente que a “receita” de transfigurações seguida por Gilberto Freyre delineou a sua seminovela. Um recurso de estética autobiográfica. Dona Sinhá, personagem de título e conteúdo, prediz asilo consagrado uma vez que o desencanto do autor com o fim de um passado sagrado é patente. Dona Sinhá é sinônimo de eternidade. É a imagem transfigurativa da nostalgia. É exemplo da transitoriedade da vida. É fugacidade, efemeridade e efeméride, da existência. Dona Sinhá é o ressentimento e a austeridade resistente às

---

<sup>923</sup> *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22 de nov. de 1964.

<sup>924</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona sinhá e o filho padre...*, 1964, p.32.

passagens aceleradas do tempo. Gilberto Freyre, ao revelar-se herdeiro dos tempos de Dona Sinhá, expõe sua reclusão psicológica. Reclusão expressa na lembrança, na melancolia.

O estilismo literário de *Dona sinhá...* compõe uma personagem ambígua. Ambígua como o “gênero” da seminovela. Faço referência ao filho de Dona Sinhá: José Maria. Um José Maria menino-menina. Personagem de uma ficção das lembranças remotas de Gilberto Freyre. Lembranças de uma realidade externa à realidade da narrativa literária. Gilberto Freyre, na condição de narrador/autor, trata a seminovela como acontecimento da escrita literária. Define a seminovela como indicativo de distinção frente à novela: como novidade. No entanto, para efeito de classificação nos manuais de teoria da literatura, a seminovela de Gilberto Freyre não deixa de ser novela. Afinal, para Afrânio Coutinho, o tema de uma narrativa literária é a forma mediante a “qual o autor manifesta a sua filosofia da vida, a sua atitude geral e sua visão do mundo”. O calço, enfim, para a “literatura como modo de vida”.<sup>925</sup>

Gilberto Freyre, ao escrever o *Dona sinhá...*, desejou forjar no seu leitor a premissa da leitura, ou melhor, a literatura, como apreciação.

Um dos meus afãs foi escrever uma seminovela breve, concentrada, embora em vários pontos desconexa e incompleta, para não sacrificar nela a expressão à composição; e deixando ao leitor um não pequeno trabalho de colaboração com o autor.<sup>926</sup>

A despeito dos manuais de teoria literária, providos de função didática plausível, Gilberto Freyre traz ao círculo das discussões sobre modos de escrita da literatura a noção de tempo na qual reside a relação hierárquica entre o passado e o presente. O passado, neste esteio relacional, assume a condição de dimensão superior frente ao presente. Trata-se de um tempo proustiano: o presente como a dimensão legítima na qual o autor escreve a sua obra. *Dona sinhá...*, portanto, exemplifica, sob o efeito da trama, o fazer-se e o

---

<sup>925</sup> BLOOM, Harold. *A Anatomia da Influência: a literatura como modo de vida*. Trad.: Ivo Korytowski e Renata Telles. Rio de Janeiro: Objetiva, 1ª ed., 2013.

<sup>926</sup> *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22 de nov. de 1964.

refazer-se das personagens na ambiência da narrativa. Para tanto, Gilberto Freyre assume a posição de narrador/autor e não a de criador de um personagem narrador. Anuncia-se nos momentos, nos intervalos da narrativa, de autocrítica literária: nos embates entre o narrador/autor e Dona Sinhá. Uma Dona Sinhá não só fictícia.

Se a História, para afirmar-se senhora absoluta das minhas pobres letras, não me permitia traí-la de público uma só vez, devia eu ter paciência; e resignar-me. [...] A aventura em que eu estava mergulhado talvez me levasse a idéias de tal modo novas sobre as relações entre o tempo histórico e o tempo artisticamente fictício que todo esse meu pensar de agora tivesse de ser revisto. Haveria um tempo artisticamente fictício que fugisse ao domínio do histórico mas fosse perseguido pelo histórico até os dois tempos se tornarem, pelo menos em alguns casos, um tempo só? Haveria uma verdade aparentemente inventada – a da ficção – parecendo independente da histórica, mas de fato, verdade histórica?<sup>927</sup>

A seminovela, aos modos de Gilberto Freyre, caracteriza-se pela interferência do autor que escreve. O exercício da escrita projeta uma narrativa balizada pela legitimidade da autoria. A literatura é um campo de autoridade e da autoridade. As questões, com aparência de dúvidas, levantadas por Gilberto Freyre, imprimem à *Dona sinhá...* o efeito da descrição como categoria de elo com a realidade absoluta e a realidade da narrativa ficcional; e entre os devaneios de um autor e a expectativa de seus potenciais leitores: a narrativa ficcional como recurso de prazer da leitura. A seminovela é, aos olhos de Gilberto Freyre, um gênero narrativo que associa crítica literária e invenção criativa.

As especulações acerca da definição do gênero literário de *Dona sinhá...* são recorrentes. Recursivas não no sentido de classificá-la arbitrariamente, mas na intenção de firmar-se parâmetros de apreensão da obra; e, daí, perceber-se as suas especificidades. Procedimento com fundamentação nas incursões de Tzvetan Todorov sobre as feições da produção literária contemporânea.

---

<sup>927</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona sinhá...*, 1964, p. 23.

Garantir a estirpe de literatura de seu texto era, de fato, o propósito maior de Gilberto Freyre. Muito embora – é preciso acenar – a insistência do narrador/autor de *Dona sinhá...* desprender esforços à demarcação de sua conduta literária. A seminovela é menos uma definição classificatória e mais uma noção conceitual. Um parâmetro comparativo entre modos de escrita; um propósito de fazer literatura. Literatura como abstração, como saldo das práticas de leituras de um escritor, como elaboração do fantástico, como postura assumida diante da existência.

O narrador/autor também fora leitor. Gilberto Freyre, na seção *Conversa do autor com o leitor, em torno do modo por que foi esboçada a seminovela Dona Sinhá e o filho padre*, elenca os literatos vitorianos fundantes ao modo de escrita por ele proposto. Literatos que manipulavam a fusão do cotidiano com o fantástico. Daí, Kipling, Steveson, M. R. James, W. F. Harvey, Conan Doyle e Harvey figurarem como leituras imprescindíveis. No entanto, cabe esclarecer, que o anúncio de formas e estilos de escrita não se resumem à identificação de supostas origens inspiradoras de uma narrativa literária. *Dona Sinhá e o Filho Padre* externa as inspirações de seu autor sem que o mesmo autor perdesse suas especificidades estilísticas e de enredo: a ação dos personagens e os efeitos da mesma ação delimitam o tempo da trama da seminovela. Dona Sinhá e José Maria, em meio ao conflito de valores inter-geracionais, estimulam a descrição de outras questões relatadas na narrativa, formando assim a trama que a tematiza: os apegos de uma Dona Sinhá às convenções culturais de um tempo açucarocrático fragmentado.

A composição da seminovela, pautada nos literatos vitorianos, é de feição ambígua. Ambigüidade que traduz não só o tempo da narrativa, mas as mudanças e permanências aviltantes da cidade do Recife dos fins do século XIX. Cenário no qual Dona Sinhá e José Maria são inseridos. Contudo, vale salientar, que não se trata de uma composição temporal externa aos personagens: o século XIX como tempo cronológico absoluto. Gilberto Freyre, pois, elabora um tempo de memórias involuntárias ao passo que os personagens iniciam, findam e reiniciam as suas aparições na narrativa da seminovela. Um exercício Proustiano de [re]constituir o tempo: o das

referências ancestrais. O passado de Gilberto Freyre é evocador. É dimensão alegórica para seus anacronismos de memória.

A literatura, em termos de tratamento metodológico, exige apurado diálogo interdisciplinar. A literatura de Gilberto Freyre é baliza desta constatação. Exige, portanto, abordagem analítica sincrônica com o fim de que esta perspectiva não reduza o estilo do autor a artifício da história literária: exercício que traça a linha entre a suposta decodificação do pensamento do autor e seu adjacente contexto. Ter consciência de tamanha premissa não significa a constatação de um exercício fácil de ser realizado. Afinal, identificar a dinâmica da “operação trópica”<sup>928</sup> na elaboração de uma narrativa implica na conseqüente fundamentação do discurso de feição historiográfica ou literária.

Em *Dona sinhá...* os recursos da linguagem, a exemplo da “figuras de linguagem”, atribuem ordem às concepções e os argumentos de seu autor. Metonímias, metáforas e neologismos avolumam a narrativa. É constante, a propósito, o uso de metonímias na descrição ou configuração dos personagens. Simulando conversa com o irmão de Dona Sinhá, sobre os modos de menino com tendência a ser homem, o narrador/autor faz menção às expressões da oralidade sob a regência metonímica: “[...] Será que eu pequei aos olhos de Deus, enchendo as terras de Olindeta de mulatos sadios e de sararás escovados? Acho que não. Pecar quem pecou, deixando de dar ao Brasil mulatos fortes [...] foi o tal do Nabuco.”<sup>929</sup>

Os recursos da linguagem destituem dos acontecimentos descritos na narrativa a estirpe da exatidão. A narrativa literária é, portanto, um expediente interpretativo. É instrumento de simulação de realidades e de projeção de experiências; ou desejos. Esferas nas quais Gilberto Freyre transitara com desenvoltura. Para identificar, contudo, sob os domínios da história, os meandros de uma escrita literária, é fundamental compreender quais as tensões e as mágoas dos aflitos.

---

<sup>928</sup> WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 07, nº13, 1994, jan./jun., p. 29.

<sup>929</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá...*, 2000, p. 80.

A articulação entre os personagens, com destaque para Dona Sinhá, externam valores que exprimem sentimentos dos falidos do patriarcado açucarocrático. Gilberto Freyre apresenta uma Dona Sinhá imersa em desalento, amargura e ressentimentos. Dona Sinhá, considerando os textos de Gilberto Freyre relatando fases transitórias do patriarcado, é a transfiguração dos resultados do regime político-econômico sobre a cultura do açúcar. Assunto que foi por ele aprofundado em *Ordem e Progresso* e reconduzido para os demais textos que publicou ao largo dos anos. Para tanto, fez da reflexão sobre o tempo um ponto de idas e vindas na leitura das permanências e rupturas da vida em sociedade: o “verdadeiro conceito histórico” é “o de transformação e não o de tempo fixo.”<sup>930</sup> Foi assim nos ensaios sociológicos, foi assim também nos ensaios de ficção.

*Dona sinhá...*, portanto, traz a público passados que “tocam em nervos”. Traz a público referências do “animismo”. Trata de atribuir função narrativa às expressões da linguagem e do subjetivo do narrador/autor. As passagens descritas da seminovela, as relatadas nos ambientes internos e externos, que dão sentido e dinâmica aos personagens, configuram a existência do animismo: instrumento de composição das imagens, das translações metafóricas e sinestésicas, inclusive.

O desejo de ficção do escritor estava na aplicação daquilo por ele entendido como “sociologia genética”. Os meios de elaboração do *Dona sinhá...*, digo no que tangem à narrativa, implicavam no feitio de exegeta de Gilberto Freyre. Eram meios de escrita atualizados no entendimento de que tudo que “é sociológico é sempre complexo. Ao estudo empírico junta-se a indagação filosófica”<sup>931</sup>. Destarte, o texto que Gilberto Freyre pretendeu literário, e ficcional, não esteve desvinculado do trato sociológico: “quem é, em Sociologia, assim sensível ao complexo, precisa, é claro, de possuir, nos seus

---

<sup>930</sup> FREYRE, Gilberto. Nota metodológica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 50.

<sup>931</sup> FREYRE, Gilberto. De Giddings a Recassens. In: *Ciência & Trópico*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, vol. 15, nº 01, Separata, jan./jun., 1987, p. 13.

estudos, uma superior capacidade de domínio sobre contradições apresentadas pela matéria que considera”<sup>932</sup>.

Na entrevista concedida a Homero Senna, do *Correio do Povo* de Porto Alegre em 22 de novembro de 1964, respondeu a seguinte pergunta: “Acredita que, como autor de ‘Dona Sinhá e o Filho Padre’ será incluído entre romancistas ou romancistas?”<sup>933</sup> A resposta:

como marginal, sim. Mas como marginal, nesse caso, ficarei – dentro dos meus limites, é claro – em boa companhia: parente pobre de um Gide, de um Pater, de um Unamuno, de um Santayana, de um Bertrand Russell. Não espero outra coisa. Aliás, cada dia mais me convenço de que ciências, artes e até religiões e filosofias, precisam de marginais. O mundo precisa de marginais. Às margens das grandes águas e nas fronteiras de uns países com os outros podem se desenvolver mistamente valores que, puros, não têm o mesmo valor.<sup>934</sup>

Assumindo a cátedra de escritor inclassificável, Freyre desejava o acolhimento da aprovação canônica. Associar-se a nomes de projeção, incorria, a partir do simulador de seu discurso – a recusa como afirmativa – na aspiração de atingir o olimpo dos literatos. *Dona sinhá...*, pois, seria o portal à conquista. A Livraria José Olympio Editora reforçou o intento do autor. Para a editora, um atrativo às vendas.

As orelhas da capa e da quarta capa, assinadas por Osmar Pimentel, escritor e crítico literário paulista, acentuam, para o leitor, a sensação de reconhecimento das ideias prescritas no livro. O texto de orelhas ou de prefácio de um livro, deixados a cargo de um intelectual convidado, direciona o olhar do leitor sem pedir licença. É o que ocorre quando Pimentel moraliza e psicologiza a personagem José Maria. Mas, por outro lado, intuiu a aproximação de Gilberto Freyre a literatos como Marcel Proust [1871-1922] e André Gide [1869-1951]. O primeiro, um caricaturista ao abordar o tema da homossexualidade; o

---

<sup>932</sup> FREYRE, Gilberto. *Vida, forma e cor...*, 1987, p. 13.

<sup>933</sup> Pergunta do jornalista Homero Senna a Gilberto Freyre. Cf. Gilberto Freyre escreve um romance: ‘Dona sinhá e o filho padre’, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22 de novembro de 1964.

<sup>934</sup> FREYRE, Gilberto. Gilberto Freyre escreve um romance: ‘Dona sinhá e o filho padre’, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22 de novembro de 1964.

segundo, um apologista. De acordo com Pimentel, Gilberto Freyre conseguiu oferecer ao tema uma interpretação mais complexa quando reuniu “o psíquico, o somático e o cultural”, diferenciando-se, por sua vez, de Proust e Gide.

Ainda sobre o aspecto propagandista do texto de orelhas, convidar Osmar Pimentel a escrevê-lo indicava o trânsito intelectual de Freyre tanto no que concerne ao raio de abrangência de sua rede social, quanto ao reconhecimento da crítica literária ao livro recém-saído do prelo. Portanto, na qualidade de espectro de anúncio da autoria, o *Dona sinhá...* chegou às livrarias de acordo com as exigências de seu autor. Em carta de 1964 ao revisor da José Olympio, Adalardo Cunha, declarou que estava enviando o material adicional referente à sua biografia. Informações com as quais o leitor encontrava nas páginas de abertura e na quarta capa da edição. Nesta última, uma imagem do escritor, sentado, aparentando descontração em um ambiente aprazível e bucólico. No rodapé, a seguinte legenda: “Gilberto Freyre em recente foto tirada em Recife pelo editor norte-americano Alfred A. Knopf.”<sup>935</sup>

Anunciar-se mediante um selo editorial nacional, mas sem esquecer de anunciar as suas provisões com o editor Alfred Knopf. Um editor estrangeiro e, por extensão, seu amigo. Na carta a Adalardo Cunha, Freyre recusou a sugestão do editor que era a de divulgá-lo mais austero, mais “clássico”. Desejava “algo mais romântico” e, portanto, “menos convencional”<sup>936</sup>. E mais: pediu que “fosse incluída uma ou duas páginas de trechos de ‘opiniões nacionais e estrangeiras’ sobre suas realizações como escritor.”<sup>937</sup>

O reconhecimento, vindo de uma instância ou outra, operacionaliza-se nas dobras do tempo<sup>938</sup>; e não na linearidade do tempo. Destarte, de acordo com a [dis]posição assumida por Gilberto Freyre no espaço das letras, o seu reconhecimento firmou-se, ou não, com elevado patamar perante seus críticos.

---

<sup>935</sup> Consta na quarta capa da primeira edição do *Dona sinhá e o filho padre*.

<sup>936</sup> Carta de Gilberto Freyre para Adalardo Cunha de setembro de 1964. Cópia. [manuscrito autógrafa]

<sup>937</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Introdução. In: *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos...*, 2005, p. 23.

<sup>938</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. Des-dobrimento. In: *Frei Tito: cartas de com-paixão*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2013, p. 13-16.



No entanto, a tomada de atitude do escritor nas disposições do regime militar, por exemplo, impuseram-lhe o problema da memória<sup>939</sup> desfavorável ao seu nome. E não só: a estatuto de sua “literatura” não adquiriu o vulto do espanto, do mistério que a arte guarda consigo e [re]flui em admiração. *Dona sinhá...*, no que concerne à forma do livro, resultou do controle e da perspicácia de Gilberto Freyre.

Quando faço uso dessa afirmativa não quero aqui sustentar que a vaidade de Freyre é a razão primária de suas atitudes e decorrentes sucessos. Contudo, desejo destacar o quanto suas posições, nos diálogos com a Livraria José Olympio Editora, permitiram-lhe manter um olhar vigilante acerca dos livros que publicava. Neste sentido, discordo de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke que entende “a personalidade de Freyre”, ou melhor, a sua vaidade como motivo singular à trajetória intelectual que conseguiu erigir. Não estou em busca do “relato fiel”<sup>940</sup> do escritor, mas dos meios que mudam, que adaptam à sua fala aos lugares e aos fins a serem atingidos.

---

<sup>939</sup> “Se a memória costuma produzir passados que querem ser perfeitos, a história procura o contrário: a imperfeição do passado, nas suas várias versões e sobretudo nas suas muitas contradições. Se a perfeição dos trabalhos da memória se legitima na autoridade do testemunho ou de uma reivindicação circunscrita a interesses de certos grupos, a imperfeição da escrita da história na atualidade não se resume a uma oposição aos exercícios da lembrança, mas passa a se delimitar como parte específica dos usos do passado que circulam e, assim, fazem o tempo ter algum sentido. É por isso que, entre as preocupações do saber da história, está a reflexão sobre essa incompletude”. [RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Passado imperfeito*. In: *Frei Tito: cartas de com-paixão...*, p. 193.

<sup>940</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos...*, 2005, p. 24.

## Capítulo V

### O valor do livro e outros custos

Nas ficções literárias, o enredo consiste de alguém fazendo alguma coisa. Esse alguém, se um indivíduo, é o herói, e essa alguma coisa que ele faz ou não consegue fazer é o que ele pode fazer, ou poderia ter feito, no nível dos postulados feitos sobre ele pelo autor e pelas consequentes expectativas da audiência.<sup>941</sup>

Diante mesmo da ciência de sua especialização – a sociologia – conservou o Sr. Gilberto Freyre uma completa liberdade de movimentos e de ideias. Ele avança nas suas pesquisas não como quem se destina a um fim estabelecido, mas como quem realiza uma aventura da personalidade.<sup>942</sup>

#### 5. 1 – Os direitos do autor

Os valores que Gilberto Freyre recebia da José Olympio, concernentes aos direitos autorais, eram estipulados de acordo com o título a ser publicado e à sua correspondente tiragem. As prestações de contas da Editora com o autor deixam transparecer o que era, ou não, creditado a ele. Os recibos, a exemplo de um de 26 de novembro de 1948, mencionavam os direitos autorais a serem pagos pelo editor e os eventuais adiantamentos solicitados pelo autor. De acordo com o comprovante citado, duas seções apontavam as circunstâncias envoltas às negociações entre ambos: “a seu credito” e “a seu debito”. Um

---

<sup>941</sup> FRYE, Northrop. Crítica histórica: teoria dos modos. In: *Anatomia da crítica...*, 2014, p. 145.

<sup>942</sup> LINS, Álvaro. Região e tradição. In: *Ciência & Trópico...*, 1980, p. 38-39.

outro dado: não é possível afirmar se os balanços de prestação de contas aconteciam semestral ou anualmente, mas é fato que ocorriam.

Na seção “a seu credito” são detalhados os direitos autorais referentes a livros ou opúsculos publicados pelo escritor pernambucano. O livro *Inglese no Brasil*, com tiragem de cinco mil exemplares, equivaleu a Cr\$ 60.000,00 [sessenta mil cruzeiros]. Já a edição de “luxo” de 150 [cento e cinquenta] unidades, do mesmo título, somava a quantia de Cr\$ 22.500,00 [vinte e dois mil e quinhentos cruzeiros]. O opúsculo *O camarada Whitman*, também com primeira edição de 1948, somou o montante de Cr\$ 2.250,00 [dois mil e duzentos e cinquenta cruzeiros]. Na seção seguinte, “a seu debito”, são informadas as quantias dos adiantamentos que frequentemente são mencionados nas cartas trocadas entre Freyre e Olympio.

Os recibos eram remetidos ao endereço do escritor, de modo geral, anexados às cartas assinadas por José Olympio. Considerando-se o tempo de envio e chegada da correspondência ao seu destino, havia intermitência entre a data de confecção do documento e a sua conseqüente revista por parte do beneficiado. Outras vezes, o documento chegava às mãos de Gilberto Freyre em papel timbrado, com a inscrição “telegrama”, da própria Editora. Contudo, o documento de 26 de novembro de 1948, foi conferido e assinado por Freyre na ocasião de uma viagem sua ao Rio de Janeiro. Entre o crédito e débito do autor, constava um saldo, de Cr\$ 6.080,50 [seis mil e oitenta reais e cinquenta centavos], a ser resgatado: “Recebi a importância de seis mil e oitenta reais e cinquenta centavos por conta desse saldo. Rio, 1 de dezembro de 1948[.] Gilberto Freyre”.<sup>943</sup>

---

<sup>943</sup> Consta no rodapé do recibo de 26 de novembro de 1948. Manuscrito autógrafa com caneta tinteiro.

COLEÇÃO  
DOCUMENTOS BRASILEIROS

DIRECIDA POR OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA

58

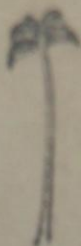
15239  
GILBERTO FREYRE

# Ingleses no Brasil

Aspectos da Influência Britânica sobre  
a Vida, a Paisagem e a Cultura do Brasil

Prefácio de  
OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA

Violetas de Rosa Maria, 14 ilustrações fora do texto  
e um mapa de Luiz Jardim



Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora

Folha de rosto da primeira edição, de 1948, de *Ingleses no Brasil*.

Os direitos autorais de Gilberto Freyre garantiam-lhe a fonte de renda mais perene. Logo, fazer-se autor inserido no mercado editorial, requeria o usufruto da autoridade da escrita como direito, princípio, inalienável. Preceito que constitui o ser autor. A abonação profissional como fim alcançado: o autor afeito à sociedade de consumo; ao mercado editorial que confere ao livro o verniz de produto. Entretanto, por outro lado, disse Gilberto Freyre: existiram “talentos que desprezaram editoras. [Nomes] [...] que nasceram para comunicar-se a raros; para influir sobre o ânimo e a sensibilidade de raros.”<sup>944</sup> Trata-se, a propósito, da negação sumária do livro como um importante ensejo à atribuição de um nome.

Apesar do autor de *Casa-Grande...* apegar-se à frequência da unidade discursiva, ou das unidades discursivas de maneira mais ampla, os métodos e recursos por ele seguidos para a delimitação de conceitos definidores de sua prática de escrita são indicados com clareza. Neste sentido, deixam de ser conceitos apenas atribuídos a ele por outros. Ou seja, externos ao Gilberto Freyre como autor. Assim sendo, a obra o define ao passo que o seu nome é, e não só na função de autor, “o equivalente a uma descrição”. Se, tomo aqui mais uma vez as indicações de Michel Foucault de empréstimo, revelassem-nos que a casa de Apipucos não fosse de fato a residência do escritor pernambucano, a novidade não modificaria o “funcionamento do nome do autor; mas se se” demonstrassem-nos que Freyre não escreveu *Casa-Grande & Senzala* conforme a ele atribuímos o feito, “o funcionamento do nome de autor” perderia a finalidade, a “designação”<sup>945</sup>.

A publicação de *Como e porque sou e não sou sociólogo* deu-se na repercussão, no Brasil, da concessão do Prêmio Aspen de Literatura a Gilberto Freyre, em 1967. As variantes necessárias à construção de um autor são ordenadas nas dimensões e recursos que definem um livro como livro: orelhas, notas biográficas, notas biobibliográficas, legenda de uma imagem do escritor impressa na folha de guarda, por exemplo. Institui-se, assim, o discurso e o

---

<sup>944</sup> FREYRE, Gilberto. 76. In: *Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor [1918-1926]*. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, vol. II, 1979, p. 75.

<sup>945</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?...*, 4ª ed., 2002, p. 43.

lugar do autor munidos de atribuições e unidades discursivas. Mas, nem sempre, a alcunha de autor do *Casa-Grande...* ostentada por Freyre foi suficiente para verter o seu nome em arrojo de boas vendas:

Rio, 31 de dezembro de 1951.

Meu caro Gilberto[,] Preciso falar-lhe do nosso “Sobrados”. Vae saindo regularmente bem nas prestações. A venda nas livrarias foi muito fraca. E a venda dos de luxo fraca apesar da Casa ter se posto em campo para a venda do livro procurando os clientes prováveis, mandando-lhes exemplares em condição. “Casa Grande” está praticamente esgotada. Como seria difícil vender nas prestações “Sobrados” isoladamente tivemos que retirar do mercado de livrarias uns 800 exs. .<sup>946</sup>

O autor de *Casa-Grande...* não era sinônimo incontestado de vendas. Os custos de produção e de circulação de livros dependiam de estratégias de atração dos potenciais leitores. Uma, entre tantas, diz respeito às dimensões físicas do livro, ou melhor, de acordo com Otto Maria Carpeaux, do “moderno romance brasileiro”.<sup>947</sup> O conceito “romance” como generalidade serviu para Carpeaux acrescentar ao conhecimento dos leitores de seus artigos em jornais do Rio de Janeiro ou de São Paulo, meios para que treinassem o olhar a respeito dos livros e seus formatos. Considere-se: as estratégias sutis do editor José Olympio para alargar seu raio de mercado incidiram em ampliar o tamanho dos livros, instituir às suas capas maior simplicidade – a Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre é um exemplo – , fazer opção pelos papéis para impressão de menor qualidade. O papel *Bouffant*, feito de pasta de madeira, serviu de base às brochuras da trilogia *Casa-Grande...*, *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso*.

---

<sup>946</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 31 de dezembro de 1951. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>947</sup> CARPEAUX, Otto Maria. Tendências do moderno romance brasileiro. In: *Ensaio reunidos...*, vol. II, 2005, p. 362.

No colofão da décima edição brasileira, do segundo tomo, do *Casa-Grande...*, imprimiu-se:

\*

Este livro foi composto e impresso em papel *Bouffant* nacional nas oficinas da Gráfica Urupês S. A., na R. Pires do Rio, 338, São Paulo, para a Livraria JOSÉ OLYMPIO Editôra S. A., Rio de Janeiro, em 1961, ao trigésimo de sua fundação.<sup>948</sup>

\*

A produção em série de uma editora requeria baixos custos de produção. A Livraria José Olympio Editora não fugiu à regra: o papel mais barato balizava o propósito. O *Bouffant* serviu à confecção dos livros que iriam atender ao mercado mais amplo de consumidores. Papeis como o *Bouffant* “são verdadeiros mata-borrões, absorvem umidade com grande facilidade e ficam ‘picados’ de fungo em poucos anos.”<sup>949</sup>

Não era raro, conforme demonstrei algumas vezes nesta tese, imprimir quantidades limitadas de um mesmo título para atender públicos, leitores mais seletos. Para tanto, o papel de melhor qualidade, a numeração do exemplar e a decorrente assinatura escritas de “próprio punho” do autor, eram preceitos para atrair leitores, colecionadores que viam no livro valor não só no conteúdo de ideias que acolhiam, mas na forma, na materialidade que portavam. Por outro lado, mesmo nas edições mais simples de seus livros, Gilberto Freyre não se despreendeu do intento que os ladrilhavam: serem a representação do passado.

A edição de 1961 do *Casa-Grande...*, no que tange aos recursos gráficos e tipográficos, não se furtou à premissa de seu autor. As ilustrações de Tomás

---

<sup>948</sup> O itálico e a caixa alta constam no original. As estrelas foram mantidas conforme impressas no colofão.

<sup>949</sup> MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras, antigas ou modernas*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 4ª ed., 2005, p. 94.

Santa Rosa e as letras capitulares à iluminuras, reforçavam, de modo sintético, para o leitor de que tempo, de que passado abordava o livro. Uma publicação que foi impressa, em virtude do caráter comercial que lhe foi imposto como razão primeira, coadunou com “toda a negação da estética do livro.” Do “livro belo” e, por isso, imprescindível. Sob a regência do furor do mercado, Gilberto Freyre que em 1925 havia criticado a produção incipiente de livros no Brasil, atribuindo parte do problema aos autores, percebera que a manutenção de um autor no mercado também depende da sustentação financeira do editor. O livro de custos modestos pode não ser belo, mas traduz as circunstâncias e condições vigentes com as quais, distintamente do autor, tem que lidar quem o publica.

Entretanto, Freyre teve que depurar uma outra face da conflituosa combinação entre os desejos de um autor e as condições técnicas e financeiras envolvidas quando da revisão, composição, impressão e publicação de um livro. Antes um livro publicado do que nenhum. Ser um autor sem livros não condizia com a sua postura de homem das letras. Tomou para si a condição de autor para que esta pudesse aprovisioná-lo do ofício de escritor: viver do que escrevia. Destarte, fazer do livro uma representação do passado foi-lhe um ato consciencioso, contínuo. O tema abordado, a ilustração, o tipo tipográfico, por exemplo, tiveram posto afiançado na fomentação do conceito de livro que propôs.

Tomando para si a percepção do escritor, poeta, pintor e editor inglês William Morris [1834-1896], Gilberto Freyre idealizou o livro belo e acessível. No entanto, constatou que o então livro de valor comercial acessível não flertava com o belo. O livro era, e é, um produto entre tantos expostos nas vitrines da sociedade de consumo. Tinha, e tem, custos mensuráveis.

Possuía Morris não só o sentido medieval da arte do livro, tãountuosamente eclesiástica nos seus dias de glória, como os fundos e difíceis segredos de sua técnica. Estes, possuía-os na inteligência e possuía-os na ponta dos dedos. Ele próprio desenhou os tipos a ser usados na sua casa editora, ansioso de fixar para o livro moderno um



tipo de letra pura, severa, tersa, incisiva, sem excrescências supérfluas, clara e fácil de ler e deleitosa para a vista.<sup>950</sup>

Está evidente que Gilberto Freyre quanto à acepção, à concepção, à percepção do tempo não se furtou a aproximar-se da feitura do livro no que concerne à forma da narrativa, à tipografia empregada, ao tipo tipográfico considerado oportuno à uma determinada publicação. Entendeu, portanto, que havia uma associação entre essas etapas e não um apartamento entre elas. Não via, enfim, dissociação entre a abstração e o tangível. William Morris serviu-lhe de cláusula incontestada quando o escritor inglês “quis levar a estética tipográfica ao seu papel de acentuar as qualidades e de aguçar a delícia visual do verso e da prosa impressa.”<sup>951</sup> Livro para o prazer, o deleite; para firmar posições; para aprovisionar e proferir que passado clamar.

Reforçando a ideia que tinha acerca do artefato livro, disse o escritor: com William Morris, “o livro foi salvo na Inglaterra da industrialização; e renovado nas suas qualidades artísticas; e reanimado ao calor e à flama da forte e litúrgica e expressiva beleza do livro medieval.”<sup>952</sup> O lugar do passado no livro não se resume, sobremaneira, à categoria de conteúdo, mas à compleição do próprio livro como um feito da estética e sem deixar de ser produto.

O livro, entendido como objeto de representação do passado, deu a Gilberto Freyre um propósito de ação, de defesa. É a concretude das minudências intratextuais e de tudo o que as emoldura: o livro, a editora, o lugar de anúncio do autor, a alocação do texto no caixilho canônico. O estilo assim faz-se e assim Freyre o fez. Mais um exemplo: ter a linguagem é o mesmo que possuir o tempo. O estilo, pois, é o diálogo ruidoso entre a palavra prosaica, a alusiva e o que está nas bordas do texto. O livro, repito, a contento, atendeu aos seus anseios de representação do passado. A partir daí, perseguiu a estirpe de escritor e a ênfase de autor.

---

<sup>950</sup> FREYRE, Gilberto. *Diário de Pernambuco*, Recife, 18 de outubro de 1925.

<sup>951</sup> FREYRE, Gilberto. O livro belo. *Diário de Pernambuco*, Recife, 18 de outubro de 1925.

<sup>952</sup> FREYRE, Gilberto. O livro belo. *Diário de Pernambuco*, Recife, 18 de outubro de 1925.

Recorro a Barthes, novamente: “o estilo é sempre metáfora, isto é, equação entre a intenção literária e a estrutura carnal do autor”. É, de fato, o empenho de ultrapassar o sentido primeiro daquilo que está posto, convencionalizado. “Por isso o estilo é sempre um segredo; mas a vertente silenciosa da sua referência não provém da natureza móvel e incessantemente prorrogada da linguagem; o seu segredo é uma recordação encerrada no corpo do escritor”. De fato, sem maiores digressões, “o valor alusivo do estilo não é um fenómeno de rapidez”. É meticoloso. É “um fenómeno de densidade”.<sup>953</sup> É verniz e é pátina. É abstração e é convenção.

Publicar livros e intencionar a escrita literária implicou na combinação entre a estilística da linguagem e os trâmites que estabeleceram a condição de autor de Gilberto Freyre: ter um editor, um lugar de fala, fruir do crivo de autoridade legitimada, figurar como repositório de um cânone. Texto como o de *Dona sinhá e o filho padre*, distintamente do tão citado *Casa-Grande...*, não verteu, de todo, o prestígio de literato por ele requerido.

O autor, o demarcador do lugar de um texto/livro, tem operacionalidade no “modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade”. O discurso concernente ao Gilberto Freyre autor, sob a chancela da Livraria José Olympio Editora, fez-se no formato de “um produto, uma coisa, um bem” e não um ato desprovido do “circuito de propriedades”. A “função autor”<sup>954</sup>, pois, aferiu-se na atribuição exigida pelo texto e nas “relações autores-editores”<sup>955</sup>. A imagem legendada de Gilberto Freyre não indica apenas a atribuição exigida pelo texto, mas a legitimidade do discurso assumido pela editora que corrobora e justifica o efeito do mesmo texto em formato de livro. No entanto, é preciso destacar que cada livro assinado pelo escritor e editado pela Livraria José Olympio Editora não dimanava sempre dos mesmos recursos. Havia intercalações no modo da editora apresentar o autor e do autor fazer-se nome e verbo.

---

<sup>953</sup> BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita...*, 2006, p. 15.

<sup>954</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor...*, 4ª ed., 2002, p. 46.

<sup>955</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor...*, 4ª ed., 2002, p. 47.

No que consiste ao método de escrita aplicado ao *Dona sinhá...*, azeitado no modo de escrita moderna à Daniel Defoe [1660-1731]: “é o método [ilusório] do ultra-realismo. O de chegar-se ao mais ‘real que o real’.”<sup>956</sup>

Freyre era escritor, autor e leitor. Na qualidade de leitor, a propósito, soube fazer uso das referências que acumulara na feitura de seus escritos não como literato, mas como ensaísta. Portanto, quando o escritor é um escritor de literatura não carece de justificar o por quê de sua literatura. Propõe sem recorrer às notas de rodapé. A primeira edição do *Dona sinhá...* pela Livraria José Olympio Editora, assim como a publicação pelo Círculo do Livro trouxeram a mesma seção, ‘Conversa do autor com o leitor...’, em que são mencionados o como e o porquê do *Dona sinhá...* existir.

A posteridade de um autor funda-o, renova-o. Trata-se, destarte, da relação entre a posição por ele assumida, que o distancia ou o aproxima do emissário dos escolhidos. Todavia, a investida literária de Gilberto Freyre, o autor editado, apenas munido deste feito, não seria o suficiente para acomodá-lo entre os literatos. Porém, entre os escritores, sim. E ainda: um escritor também autor, ou melhor, a “função autor”<sup>957</sup> em torno de Freyre foi pertinente à existência, à operacionalidade do discurso do autor situado nos arranjos e rearranjos do mercado editorial.

A troca de cartas deduz a troca de discursos. É o ir e vir para estabelecer o convencimento e garantir o ganho – seja material ou simbólico – em disputa entre as partes que dialogam. Já em 1951, José Olympio afirmava ter que recorrer a empréstimos que garantissem a liquidez da editora e, por certo, o pagamento dos percentuais previstos nos contratos de direitos autorais. Um jogo sutil para estabelecer, inclusive, limites e critérios de negociação entre o editor e o editado:

a casa vai indo bem, mas também vai indo mal. Está crescendo, crescendo, o movimento das vendas a prestação aumentando e aumentando então as necessidades. Em resumo: falta de dinheiro. Fico

---

<sup>956</sup> FREYRE, Gilberto. *Conversa do autor com o leitor*, em torno do modo por que foi esboçado a seminovela *Dona sinhá e o filho padre...*, s/d, p. 197.

<sup>957</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor...*, 2002, p. 70.

às vezes com medo. Vou escrever amanhã ao Getúlio pedindo-lhe seu apoio. O apoio do Banco do Brasil.<sup>958</sup>

Apesar dos exemplares da trilogia, reunidos na coleção ‘Obras Reunidas de Gilberto Freyre’ demonstrarem maior simplicidade material, as edições do *Dona sinhá...* e do *O outro amor do dr. Paulo*, considerando-se em particular a diagramação, externam formatos mais contidos. Em *O outro amor do dr. Paulo*, as orelhas deixaram de sê-las porque não tinham abas e, portanto, foram substituídas por duas colunas diretamente impressas na segunda e na terceira capas do livro. Todavia, estiveram a postos para convencer o leitor de que “o autor teve como idôneos informantes orais, figuras de brasileiros da época [, fins do século XIX e princípios do XX,] que foram brasileiros [...] afrancesados”.<sup>959</sup> Isto é: menos lusófilos.

Na seção ‘Nota do Autor’, de *O outro amor do dr. Paulo*, há lugar para o estatuto de preciosidade que quase desapareceu antes de ter sido publicada. A nota é um chamamento ao leitor que precisava ser atraído, antes mesmo da narrativa, pelas curiosidades e circunstancialidades que envolveram os preparativos do livro. Um direcionamento à leitura. Um recurso editorial. Um aparato à deferência do autor.

Aos originais desta nova seminivela sucedeu terem quase se perdido devorados pelas águas – águas ou lama? – da superenchente que em julho de 1975 flagelou de modo tão sinistro grande parte de Pernambuco. Estavam em mãos de uma datilógrafa, Dona Auxiliadora da Costa Barros, cuja residência foi invadida quase de repente por aquelas desembestadas águas.<sup>960</sup>

Gilberto Freyre sabia que publicar, por apenas publicar, não era o suficiente à sua manutenção no mercado. Era preciso vender e fazer circular os seus livros no ritmo da constância. José Olympio era editor e livreiro com

---

<sup>958</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 31 de dezembro de 1951. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>959</sup> Trecho extraído da coluna da terceira capa do livro.

<sup>960</sup> FREYRE, Gilberto. Nota do autor. In: *O outro amor do dr. Paulo...*, 1ª ed., 1977, p. 02.

abrangência nacional. Contudo, o ano de publicação do *Dona sinhá...* e os dois ou três seguintes delinearam um futuro de pouca fartura aos negócios de José Olympio. Anos de ditadura militar e inflação elevada.

Na carta de Olympio a Freyre, de primeiro de janeiro de 1966, fica evidente a necessidade de uma revisão dos direitos autorais resguardados tanto ao escritor pernambucano quanto aos demais escritores também presentes no catálogo da editora. As vendas tinham sido reduzidas e, conseqüentemente, os percentuais pagos de direitos autorais deveriam sofrer redução. Fato que obrigou a editora a reestruturar o plano de reedições que tinha em vigência. O *Dona sinhá...*, com tiragem de dez mil exemplares, não atendera a um volume de vendas equivalente.

No verso da folha de rosto de *O Outro Amor do Dr. Paulo*, a imagem do escritor, sentado com uma das penas sobre o braço de sua poltrona, no gabinete de estudos na Vivenda Santo Antonio de Apipucos, firmou-se no propósito de tornar o autor mais familiar para o leitor. Uma pose despojada, porém clássica quando há associação entre o que é o intelectual e o seu ambiente relacionado, condizente.

Gilberto Freyre em seu gabinete de trabalho em Apipucos, na sua postura característica de escrever: numa poltrona e, apoiado na perna esquerda, escrevendo à mão sobre uma tábua (Foto Edmond Dansot, Recife)<sup>961</sup>.

Um importante vetor amplia-se no limiar do jogo de condições do escritor que se constrói autor: os distintos regimes de verdade. A iniciativa da Livraria José Olympio Editora de inscrever nos livros de Gilberto Freyre notas biográficas ou biobibliográficas do seu autor de renome, ambienta e legítima o “modo de ser do discurso”<sup>962</sup> que professa na qualidade de selo editorial. Portanto, para o discurso em evidência, o “nome de autor [...] indica que esse

---

<sup>961</sup> Verso da folha de rosto da primeira edição de *O Outro Amor do Dr. Paulo...*, 1977.

<sup>962</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?...*, 4ª ed., 2002, p. 45.

discurso não é um discurso [...] flutuante e passageiro, [...] mas [...] um discurso que deve ser recebido”<sup>963</sup> como estatuto de procedência incontestada.

Entretanto, os apêndices que a editora afiançava aos livros do escritor, desconsideravam as próprias imprecisões que uma nota poderia acarretar: os resvalos da exaltação. As cartas, por outro lado, deixam mais à vista os impasses e as proposições que os livros e seus recursos dispunham. As correspondências recebidas por Gilberto Freyre não ocultaram a admiração que os seus correspondentes o apraziam. Para Otto Maria Carpeaux um mestre; para Rodrigo Melo Franco de Andrade uma referência [consulente]; para José Lins do Rego o marco de solidez; para Manuel Bandeira o companheiro para as minudências; para José Olympio o amigo, a premência, das coleções editoriais. O que as cartas confessavam não subsistia nas conversas entre os amigos compartilhados.

Anne Vincent-Buffault, aferindo sobre os diários íntimos na dinâmica das relações da amizade burguesa da França dos idos séculos XVIII e XIX, estudou as “amizades literárias e suas particularidades” e a “eventual publicação” de livros sob o foro do regime da autoria. Além de atentar para os indicativos, não custa aqui repetir, dispersos nas “formas da carta, sua frequência, sua função, o tom empregado estão sujeitos a variações: as fórmulas de civilidade desaparecem em proveito de uma familiaridade [...] marcada, e uma escrita própria à relação de amizade”<sup>964</sup>.

O tom das cartas trocadas entre Gilberto Freyre e seus correspondentes, primava pela clareza. As de José Olympio para Gilberto Freyre, a propósito, não deixavam de tratar, quando oportuno, dos encaixos relativos à confecção e à viabilidade comercial dos livros do escritor pernambucano. Os direitos autorais, por sua vez, um tema central. Em carta de 30 de junho de 1947, noticiou que “‘Interpretação do Brasil’ foi lançado aqui no Rio.” O trabalho de distribuição, “para o interior” do Estado, deu-se “diretamente de nosso depósito

---

<sup>963</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?...*, 2002, p. 45.

<sup>964</sup> VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade...*, 1996, p. 12.

em S. Paulo” e um exemplar “segue” para você “junto a sua conta dos direitos autorais.”<sup>965</sup>

Momentos antes, discorri sobre a tabela, ou melhor, a “conta dos direitos autorais”, elencando os créditos e débitos de Gilberto Freyre com a editora. Era um procedimento costumeiro de prestação de contas. Um instrumento que garantia ao autor o cumprimento, por parte do editor, das estimativas, das cláusulas contratuais. Traduz-se, pois, na “afirmação, altamente reivindicada, da propriedade do autor”<sup>966</sup> de parte de sua “obra”. Digo parte porque entendo o conceito “obra” envolto de maior amplitude. A pergunta em tom de resposta de Foucault é bastante elucidativa diante do embrolho: “como definir uma obra entre os milhões de vestígios deixados por alguém depois da morte?”<sup>967</sup>.

As cartas trocadas com o editor José Olympio evidenciam que Gilberto Freyre, apesar dos contratempos, pôde consolidar a sua condição de autor uma vez que antes não conseguira quando da primeira edição do *Casa-Grande...*, assim como da primeira edição de *Sobrado e Mucambos*. A Maia & Schmidt, do *Casa-Grande...*, a Companhia Editora Nacional, do *Sobrados e Mucambos*, não lhe garantiram o esteio material. Os pagamentos referentes à publicação do *Interpretação do Brasil* é um caso notório.

Os números da prestação de contas dos direitos autorais demonstravam o compromisso do editor, o que não significa dizer que as cláusulas firmadas entre as partes não sofressem alterações. O imponderável nos negócios era sempre considerado. Mas, é claro, enquanto a dinâmica das vendas fluía sem grandes oscilações. Na carta de 1947, lê-se: “Caro Gilberto”, um “saldo de 44 contos será depositado em julho, agosto, setembro e outubro (11 contos por mês) na sua caderneta do” Banco “Lar Brasileiro, está bom?”<sup>968</sup>

---

<sup>965</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 30 de junho de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>966</sup> CHARTIER, Roger. O texto: entre autor e editor. In: *A aventura do livro...*, 2009, p. 64.

<sup>967</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?...*, 4ª ed., 2002, p. 38.

<sup>968</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 30 de junho de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

José Olympio repassava os proventos, mas sem descuidar da dinâmica do mercado:

neste mês de junho foram depositados os últimos 10 contos referentes ao Casa-Grande. Continuaremos a enviar os dois contos referentes ao adiantamento mensal. Seguiram pelo correio os 50 exemplares em papel melhor para você rubricar. Não é preciso numerá-los. Quero para mim apenas 5 exemplares. Os que v. dedicar e quiser que sejam entregues ou remetidos por nosso intermédio é só nos mandar. Estou com fé no livro, apesar da edição ser grande para a época que estamos atravessando. Abraços para v. e os seus, do José Olympio[.]<sup>969</sup>

Constar no catálogo da Livraria José Olympio Editora indicava publicar em série. Logo, o fervor da escrita estava associada aos processos de feitura de livros, muitas vezes céleres, da editora. Não é difícil encontrar nas cartas de Olympio para Freyre cobranças, diretas ou indiretas, referentes à inclusão de mais uma novidade editorial no mercado, ficando claro que o tempo do autor era distinto do tempo do editor. O direito de publicação do autor deveria ser afiançado mediante a produção do autor. Um coexistindo no outro. É o exemplo da relação, muito embora longínqua no calendário, mencionado por Roger Chartier: no século XVIII, os “livreiros-editores que, para defender seus privilégios, seja no sistema corporativo inglês, seja no sistema estatal francês, inventam a idéia do autor-proprietário.” Ou seja: o direito de publicação do editor é entendido a partir da premissa do resguardo de interesses. “Se o autor se torna proprietário” daquilo que escreve, “o livreiro também se torna, uma vez que o manuscrito lhe fora cedido! É este caminho tortuoso que leva à invenção do direito do autor.”<sup>970</sup>

---

<sup>969</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 30 de junho de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>970</sup> CHARTIER, Roger. O texto: entre autor e editor. In: *A aventura do livro...*, 2009, p. 64.



## 5.2 – Negócio e amizade

José Olympio contou com uma rede de colaboradores. Nomes como o de Octávio Tarquínio de Sousa estiveram à frente de supervisões e revisões de títulos na iminência da publicação. Considerada uma casa, a Livraria José Olympio Editora acolheu não apenas técnicos do fazer editorial, mas frequentadores confrades. Contar com os préstimos de Octávio Tarquínio de Sousa, nos pormenores que antecederiam a publicação do *Inglese no Brasil*, significava para a editora o aval de um especialista sobre um tema de apelo histórico. Historiador dedicado às biografias de políticos e personalidades da administração pública no Brasil, Tarquínio de Sousa avaliou o livro de Gilberto Freyre na operância da escrita da história e da empatia.

Foi o intelectual carioca quem assinou o prefácio à primeira edição de *Inglese no Brasil*. “O livro de um mestre”, ressaltou. Assumindo um tom provocativo acerca do possível reducionismo da crítica ao texto que dava volume ao livro, Tarquínio de Sousa antecipa-se a afirmar tratava-se de um trabalho com rigor, provido do compromisso com a verdade histórica, isto é, de acordo com a concepção de história prescrita pelo prefaciador. Portanto, não hesitou em ser combativo: “repila-se para logo qualquer tentação de ligar a livro como este, de paciente pesquisa e de cautelosa interpretação sociológica, caráter de romance, de obra de imaginação.”<sup>971</sup>

O ponto primeiro de enunciação do livro, destacado por Tarquínio de Sousa, estava na forma da narrativa do texto. Uma marca de *Inglese no Brasil*: volume 58 [cinquenta e oito] da Coleção Documentos Brasileiros. O leitor deparar-se-ia não com um ensaio que “comumente”, e de modo apressado, é entendido como “o estudo, a monografia que esgota determinado assunto dentro de linhas mais ou menos rígidas e de regras preestabelecidas”, mas com o “verdadeiro ensaio, de sabor montaigniano ou baconiano” no qual

---

<sup>971</sup> SOUSA, Octávio Tarquínio de. O livro de um mestre. In: *Inglese no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. Rio de Janeiro: TopBooks/UniverCidade, 3ª ed., 2000, p. 17.

existe uma aparente falta de plano e o seu ritmo será o da própria vida – homens, instituições, costumes, épocas encaradas sem rigores lógicos.

A escrita de Gilberto Freyre, retomo aqui um argumento já manifesto, tanto para os críticos ácidos quanto para os elogiosos, destacou-se como um ponto de impacto; motivo de destaque a ser observado pelos leitores. Um qualificador à lista de títulos da Coleção Documentos Brasileiros. Entusiasmo que José Olympio anunciou na carta de 19 de setembro de 1947 ao correspondente pernambucano: “Meu caro Gilberto[,] nosso Tarquínio acaba de nos devolver ‘Ingleses no Brasil’. Está entusiasmado com seu novo livro.”<sup>972</sup> Uma vez diretor da Documentos Brasileiros desde 1939, e historiador reconhecido, seria conveniente que Octávio Tarquínio de Sousa assinasse o prefácio do livro de Gilberto Freyre.

Os preparativos do livro iminente e as disposições referentes à distribuição e tiragem, foram descritos por José Olympio em tom de novidade e aparente concordância. Ou seja: a narrativa epistolar de Olympio leva-nos a concluir que os bastidores editoriais, a exemplo da tiragem, não foram previamente estipulados. Fato que possivelmente ocorreu uma vez que as negociações, entre o autor e o editor, passavam pelo labirinto da informalidade, da circunstancialidade: “nosso Tarquínio acaba de nos devolver ‘Ingleses no Brasil’. Está entusiasmado com seu novo livro. Vae agora para o Adalardo preparal-o imediatamente para a tipografia. Irá em seguida para a composição.”<sup>973</sup>

Havia em José Olympio a cautela do empreendedor. A demanda era-lhe um princípio pertinaz, irrevogável, até. Atender os desejos dos autores, o que não se restringia apenas a Gilberto Freyre, não condizia somente pelos méritos intelectuais que possuíam, mas através das possibilidades de atração de seus livros no mercado. De todo modo, a tiragem em série do *Ingleses no Brasil* não encontrou maiores barreiras. Os exemplares de “luxo”, sim. Mas, “atendendo à

---

<sup>972</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 19 de setembro de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>973</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 19 de setembro de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

situação, [disse o editor,] vamos fazer uma edição de cinco mil exemplares, mais os necessários para a propaganda.”<sup>974</sup> E os de luxo?

exemplares de luxo, a preço alto, como você sugere, creio que não poderemos fazer. De qualquer modo, tentarei primeiro arranjar subscritores. Vamos fazer um cartão-convite (nele diremos o que é a obra) afim de envial-o às pessoas capazes de se interessar (pelos seus recursos, e pelo seu gosto) pela edição de luxo. Procurarei obter na Embaixada Inglesa e na Sociedade de Cultura Inglesa os nomes e endereços de ingleses ricos, ou mesmo remediados, residentes no Brasil. Enfim, de quem possa pagar por um livro de luxo.<sup>975</sup>

É comum, nas cartas de José Olympio, a presença de argumentos dúbios quando aparentava recusar algumas das solicitações de Gilberto Freyre. Trata-se de uma narrativa epistolar munida de prudências, ponderações. Um indicador de tensões, por certo. Um pleito no qual havia o conflito de interesses. Produzir, editar e publicar um livro, levando-se em conta a diversidade de escritores que convergiram à editora carioca, passava, necessariamente, pela administração dos desejos e humores de cada um dos editados. Os bastidores à chegada do *Ingleses no Brasil*, é exemplo disto: “deixe estar que, se for possível, farei os exemplares de luxo. Tudo farei para isso. Mas, sem subscritores, não será possível fazer. Você bem sabe que daremos ao seu livro todo o carinho que damos às suas causas.”<sup>976</sup>

As “causas” de Gilberto Freyre não obedeciam ao ritmo exigido pela produção editorial, serializada. São muitos os apêndices – reclames, vinhetas, ilustrações – à elaboração do produto livro. Estimular no leitor, antes mesmo da sua condição de leitor ser exercida, o feitio de consumidor dependia, como ainda depende, dos estímulos impulsionados pelos apêndices aos quais me reporto. A extensividade do ensaio como forma da narrativa, peculiar ao modo freyriano de escrita, carecia de ajustes ao adaptar-se à forma do livro.<sup>977</sup> Neste

---

<sup>974</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 19 de setembro de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>975</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 19 de setembro de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>976</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 19 de setembro de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>977</sup> TSCHICHOLD, Jan. *A forma do livro...*, 2007.

sentido, alinhar o texto às coordenadas tipográficas parecia ser uma regra às posições de editor assumidas por José Olympio. Afinal, livro é custo.

Rosa Maria entregou-me ontem as vinhetas. Creio que ficaram bem boas. Tarquino gostou, estava aqui na ocasião. Vou envial-as pelo aereo ou por portador, para v. ver; há tempo, pois o Adalardo ainda vae pegar no livro. O “Interpretações” vae marchando. Mas fizemos uma edição muito grande, edição para ocasião melhor. Mas vae saindo e há de sair. No mais vamos tocando o barco, numa luta danada, esperando melhores dias que sabemos não mais poderão vir. Abraços para vocês.  
José Olympio<sup>978</sup>

A chegada do *Inglese no Brasil* às livrarias, quando da segunda edição na década de 1970, contou com o convênio entre a Livraria José Olympio Editora e o Instituto Nacional do Livro. Um dado a ser destacado em virtude das oscilações financeiras pelas quais passara a editora décadas seguidas. Ainda nos preparativos da edição de 1948, os temores de inconstância financeira estiveram associados aos instrumentos de censura dos mandatos governamentais de Getúlio Vargas: “o que tem causado um enfraquecimento no mercado é a apreensão de livros em todo o território nacional, sem que na maioria das vezes obedeça a um critério justificável.”<sup>979</sup>

É certo que a censura contribuiu para as baixas financeiras da editora, mas também é fato que não se firmou como a única causa porque a concorrência avolumara-se com o passar dos anos. A Editora Globo, por exemplo, mantinha o *status* da “predominância” frente ao catálogo da editora de José Olympio no que concerne à fatia do “mercado de ficção traduzida”.<sup>980</sup> Encontrar meios de driblar as agruras do mercado condizia com a publicação de títulos nacionais mais baratos; mais “enxutos” nas dimensões físicas e na qualidade do papel.

Não custa lembrar que algumas das afirmativas de José Olympio atendia aos momentos, às prioridades que as ocasiões exigiam, em que as cartas

---

<sup>978</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 19 de setembro de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>979</sup> OLYMPIO, José *Apud* HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 504.

<sup>980</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, 3ª ed., 2012, p. 510.

foram escritas. Logo, a dimensão física dos livros mudou quando oportuno e conveniente à sua política editorial. Otto Maria Carpeaux, no artigo 'Tendências do moderno romance brasileiro', de 1948, já citado nesta tese, fez uma reflexão acerca do aspecto físico do livro, intuindo para a relação entre o aumento no tamanho do exemplar e os planos de atração de leitores; de novas vendas.

Por outro lado, editar e publicar um livro não ocorria fora da rede social estabelecida. Gilberto Freyre, portanto, alentava-se nas condições que os seus amigos, por mais distintos que fossem, provinham. Não deixou de confessar, quando oportuno, sobre os filões adquiridos da amizade nos livros que publicara. Confrades que compartilhavam intimidades, infortúnios, a exemplo do que revela Rodrigo Melo Franco de Andrade em relação a José Lins do Rego. Em uma carta fragmentada, datilografada, possivelmente contemporânea à chegada às livrarias do livro *Moleque Ricardo*, escreveu: “tenho estado ultimamente muitas vezes com o Zé Lins, que me parece apprehensivo em relação ao efeito produzido pelo ‘Moleque Ricardo’.”<sup>981</sup> Mais à frente, completou:

eu ainda não terminei a leitura do romance, mas desconfio de que saiu pior do que os outros, embora contenha coisas muito boas. De qualquer maneira, acho o livro delle muito superior aos do Lucio Cardozo e outros gênios encarecidos pelo Octavio de Faria e os requintados como elle. Penso que o meio de expressão natural do Zé Lins é mesmo o romance e basta essa consideração para me induzir a dar á obra delle, qualquer que seja, uma importancia enorme ao Brasil.<sup>982</sup>

A troca de impressões e opiniões de uns amigos sobre outros, ampara-se na importância atribuída aos argumentos que compartilham. Trata-se, pois, do lugar social em operação. Encontrar amparo e legitimidade nos amigos deduz a conquista de respaldo perante os entraves da vida em sociedade. Para Rodrigo Melo Franco de Andrade, José Lins do Rego manifestou insegurança ao receber apreciações contrárias às suas expectativas sobre o *Moleque*

---

<sup>981</sup> Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Gilberto Freyre. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. Sem datação. [datilografada]

<sup>982</sup> Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Gilberto Freyre. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. Sem datação. [datilografada]

Ricardo: Gilberto, “elle me disse que, de um modo geral, V. e o Olivio não gostaram do ‘Moleque Ricardo’ ou pelo menos lhe fizeram restricções muito grandes. Dahi com certeza as apprehensões delle”<sup>983</sup>.

O Gilberto Freyre escritor, autor, amigo, crítico literário traça o proeminente horizonte da multiplicidade. Missivas, livros e artigos de jornal dimensionam as preocupações e intenções intelectuais de um homem inquietado pela aspiração de ser reconhecido como escritor e literato. Logo, a fruição estética para ele é primaz. É um postulado da escrita; para a escrita. Colocava-se no patamar de polivalente da escrita. Acreditava ser um colaborador de ideias por meio dos distintos instrumentos de esteio à linguagem escrita. Para os *Diários Associados* em Pernambuco, *Diario de Pernambuco*, em 07 de dezembro de 1969, inferiu sobre a propulsão dos escritores e suas feições estéticas nas dimensões diagramadas dos periódicos: círculos de anunciação, projeção.

A literatura no jornal é a literatura na respiração do cotidiano. No vagar prosaico de quem ler. No correr dos dias. Assim aspirou Gilberto Freyre.

Nem sou nem pretendo ser jornalista integral, nem tampouco, escritor que, por excesso de fidelidade ao livro e pelo culto exclusivo dos valores antes perenes que transitórios e dos estudos, além de históricos, filosóficos, representados principalmente pelo livro, desdenhe do jornal ou da revista e tenha em despreço quanto seja atualidade, assunto do dia, questão do momento considerada com ânimo jornalístico. Venho sendo um colaborador frequente de revistas e um constante colaborador de jornais, embora me considere principalmente o que Carlyle chamava um <<fazedor de livros>><sup>984</sup>.

Escrever livros não impunha ao editor a imediata “obrigação” de publicá-los. Os trâmites existiam, as momentaneidades também. Gilberto Freyre, entretanto, aventou ignorá-los. José Olympio, na posição de editor, não se negou a arrimar suas posições diante dos embaraços do escritor quando este

---

<sup>983</sup> Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Gilberto Freyre. Não constam referências à datação: dia, mês e ano. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>984</sup> FREYRE, Gilberto. Literatura e imprensa. *Diario de Pernambuco*, 07 de dezembro de 1969.

exigia daquele a atenção solene, e as deferências contínuas, como prioridades a serem seguidas.

José Olympio, em carta de 27 de março de 1964, pontuou ao amigo as minudências com as quais tinha que lidar no trato editorial. Esclareceu, ou melhor, reiterou as precedências que a Casa não poderia deixar de assumir na lógica rotativa do mercado: novos títulos, ampla circulação e garantia de boas vendas. Além da Livraria José Olympio Editora não prover de, nos idos anos de 1960, solidez financeira. As rurgas, pois, não tardariam a aparecer: “vamos conversar um pouco nesta Sexta-feira Santa, como dois bons velhos e leais amigos.” Afinal, caro amigo, “estou aqui no apartamento escrevendo a você e tentando”, de pronto, “esclarecer certas coisas a respeito do comportamento da Casa com você.”<sup>985</sup>

Os percalços financeiros e as exigências formais de uma empresa de capital aberto como a Livraria José Olympio era:

em primeiro lugar, permita-me dizer-lhe que você está sendo injusto com meus irmãos e meu filho quando diz ‘admito separar-me da Casa ou a Casa separar-se de mim. Mas não qualquer quebra de amizade com você. Isto, nunca’. A Casa somos todos nós, meu caro Gilberto, suas resoluções hoje são ditadas por um Conselho de Administração, o apreço dela – seja do Daniel, do Flávio, do Antonio, do Athos, do Coley, como era do falecido Moacyr – é um só.<sup>986</sup>

As explicações e suas razões:

se às vezes falhamos, e falhamos mesmo não só com você como com outros autores da Casa, é por contingências e circunstâncias. Mas fique certo disto: todos os sócios da Casa, até agora, só têm se orgulhado de ser você um dos autores dela, nesta convivência, nem sempre fácil, de quase 30 anos. E você tem tido deles, principalmente do Daniel e do Antonio – e nunca de só um deles –, uma colaboração quase total no preparo dos seus livros, uma vigilância, um desvelo que é pena você

---

<sup>985</sup> *Carta* de José Olympio para Gilberto Freyre de 27 de março de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>986</sup> *Carta* de José Olympio para Gilberto Freyre de 27 de março de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

não reconhecer e imaginar meus irmãos pouco interessados pelo editado.<sup>987</sup>

A carta de José Olympio, às vezes marcada pelo tom áspero, não tardou em esclarecer as suas posições de editor, mas sem esquecer de mencionar que era um editor diferente dos demais e, por este motivo, sentia-se ofendido com quaisquer acusações de má gestão e descuido nos processos de confecção dos livros que publicava: “duvido”, Gilberto, “que um Octales, um Martins, um Ênio – também chefes de empresas – exerçam esse trabalho de quase chefes de revisão que meus irmãos fazem.” Portanto, “repito: todos os dois meus irmãos têm sido incansáveis em desvelo pelos seus livros.”<sup>988</sup>  
Lembre-se, Gilberto:

não é para fazer boa intriga, é para restabelecer certas verdades. É mesmo muito difícil você aceitar isso porque, de longe, não pode ver o trabalho no preparo dos livros e a sua permanente vigilância. Sobre ORDEM E PROGRESSO – Está havendo uma confusão dos diabos. Você vem falando numa 2ª edição urgente ‘mesmo que não esteja de todo esgotada’. Ora, não podendo a Casa reeditar um livro de que ainda temos à venda mais de 1.000 exemplares, pedi ao Antonio para lhe devolver o que v. pediu para remeter ao editor português: o ‘prefácio da 2ª edição e os numerosos acréscimos’.<sup>989</sup>

As razões do editor, por certo, não são as mesmas do autor. Mas, de todo modo, como conciliá-las. O veio do intelectual, imerso na sociedade de consumo, reconhecidamente, uma vez que o livro é um produto do mercado editorial, intui o discurso da vítima incontestada. O editor, por sua vez, sustenta-se no argumento do empresário sempre cortez e garantidor dos direitos autorais daqueles que publica.

A longa carta não parecia dar conta do acúmulo de mau-entendidos e descompasso entre o autor e a editora.

---

<sup>987</sup> *Carta* de José Olympio para Gilberto Freyre de 27 de março de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>988</sup> *Carta* de José Olympio a Gilberto Freyre de 27 de março de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>989</sup> *Carta* de José Olympio a Gilberto Freyre de 27 de março de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]



Antonio Olavo verificou esta coisa incrível: a 2ª edição, lançada em julho de 62, você não a viu. Provavelmente estava fora do Brasil, doutra maneira não se explicaria você não ter recebido a obra. E essa falta de contatos seus com a filial provocou essa coisa quase inacreditável. Você está clamando, reclamando, várias cartas somente quase para isso, e o seu livro pronto, circulando desde julho do ano atrasado. O Almeida, como v. o trata, o nosso Zeca, irá levar pessoalmente esta carta a você e exemplares do livro.<sup>990</sup>

Os embates entre as partes e seus interesses em conflito, quando se leva em conta a trama social em que os envolvidos estão imersos, o efeito em cadeia, gerado pelo achaque, atinge a todos. Freyre foi, todo o tempo, um autor que reivindicava quase que uma atenção, um respaldo editorial absolutos.

Deixo de responder-lhe suas dúvidas quanto ao nosso comportamento não porque a 2ª edição será mais eloqüente que qualquer resposta minha. Mas é realmente pena que você tenha imaginado que amigos meus como Daniel de Carvalho e Ivan Lins ('suponho às vezes que o livro tenha magoado pessoas que a Casa considera tão merecedora do seu apreço atual – o Carvalho, o Ivan'. Nota: o grifo é meu) pudessem desviar-nos dos nossos deveres para com você ou para com outro qualquer, como você, do apreço da Casa.<sup>991</sup>

Por fim, José Olympio arremata:

como você, meu caro Gilberto, pode presumir, a ponto de dizer: 'certas referências desfavoráveis a mineiros importantes tornam difícil essa nova edição para a Casa, no plano editorial. Presumo, apenas'. Repito, é pena ouvir isso de você depois desses 30 anos em que você viu bem os nossos defeitos, mas não deixou também de ver as nossas qualidades.<sup>992</sup>

Os passos, e impasses, das publicações dos livros dos editados pela Livraria José Olympio Editora eram contados pelo jornalista João Condé (1912

---

<sup>990</sup> *Carta* de José Olympio a Gilberto Freyre de 27 de março de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>991</sup> *Carta* de José Olympio a Gilberto Freyre de 27 de março de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>992</sup> *Carta* de José Olympio a Gilberto Freyre de 27 de março de 1964. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

– 1996). Contados no caderno ‘Letras e Artes’ do jornal *A Manhã* do Rio de Janeiro. Condé apresentava aos seus leitores as novidades da literatura brasileira, publicando manuscritos e curiosidades dos escritores. Entrevistava-os, inclusive. Cabe observar que o suplemento literário foi lançado no dia 12 de maio de 1946.

O caderno ‘Letras e Artes’ circulou no periódico carioca de 1946 a 1948 e era subdividido em seções temáticas: ‘Arquivos Implacáveis’<sup>993</sup>, ‘Diário’, ‘Confissões’, ‘Galeria Política’, ‘Álbum de Família’, ‘Correspondência’ e ‘Poetas Vistos por Poetas’. Já na década de 1950, mais precisamente de 1952 a 1958, Condé manteve a seção ‘Arquivos Implacáveis’ na Revista *O Cruzeiro*, abordando os assuntos envoltos na escrita e produção de livros no Brasil de então.

A recepção e a apropriação dirigida ao artefato livro – incluo neste parêntese a crítica acadêmica ao *Casa-Grande...* – impõem observações precisas sobre os postulados de análise acerca do mesmo livro: quando contemporizado como documento. Roger Chartier, em *À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietude*, atenta para o peso que as categorias de análise histórica intuem sobre os objetos de estudos dos quais se apropria. Um apenso de “sempre alerta” à escrita da história – e do procedimento metodológico deitado sobre as fontes. Um alerta para os que lidam com problemáticas da prática social/cultural vinculadas a delimitações teóricas formuladas sob nomeações categorizantes: ‘história intelectual’, ‘história das ideias’, ‘história das mentalidades’, por exemplo.

O historiador reintroduz na maioria das vezes seu próprio ‘consumo’ e o erige, sem ter bem consciência disso, em categoria universal de interpretação. Fazer como se os textos (ou as imagens) tivessem significados dadas por si mesmas, independentemente das leituras que os constroem, leva na verdade, quer se queira ou não, a relacioná-los ao campo intelectual (e sensorial) do historiador que os analisa, portanto, a decifrá-los através de categorias de pensamento cuja

---

<sup>993</sup> VELASQUES, Muza Clara Chaves. *Homens de letras no Rio de Janeiro dos anos 30 e 40*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História (UFF), tese de doutorado, orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ângela de Castro Gomes, 2000.

historicidade não é percebida e que se dão implicitamente por permanentes<sup>994</sup>.

Norbert Elias, paralelamente ao historiador francês, acena com propriedade para as minúcias veladas da biografia de um obstinado a ser gênio: de um obstinado pelo “gênero” da [auto]biografia como Gilberto Freyre. Obstinar e projetar a imagem pública, no caso de Gilberto Freyre, assentou-se no relato das atribuições fundantes ao patamar de gênio. A imagem de menino prescrito pelo aparente retardamento mental, sem saber ler ou escrever até os oito anos de idade, impôs a ele o limiar de sua existência intelectual: apelos ao que é dramático e ao que é trágico. Lastros de sustentação de um Gilberto Freyre ciente do poder de existência [auto]biográfica; do poder das condições sociais propensas a colaborar com a trajetória de passos marcados, coreografados. De intenções a atingir a posteridade. Daí,

para se compreender alguém, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não para as pessoas, dependendo da medida em que elas conseguem realizar tais aspirações. Mas os anseios não estão definidos antes de todas as experiências. Desde os primeiros anos de vida, os desejos vão evoluindo, através do convívio com outras pessoas, e vão sendo definidos, gradualmente, ao longo dos anos [...]<sup>995</sup>.

O Gilberto Freyre das cartas, e dotado do estatuto de autor, valeu-se das interlocuções que [a]firmou. Fez-se autor quando assumiu para os seus escritos o selo da Livraria José Olympio Editora. O escritor que soube definir seu estilo. O escritor que soube usar da legitimidade de autor que a propriedade de uma obra, no sentido amplo do termo, pôde oferecer-lhe sob o desígnio da criação de uma expressividade estética identificável<sup>996</sup> e nomeada.

---

<sup>994</sup> CHARTIER, Roger. História intelectual e história das mentalidades. In: *À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietude*. Trad.: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002, p. 52.

<sup>995</sup> ELIAS, Norbert. Ele simplesmente desistiu. In: *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995, p. 13.

<sup>996</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad.: Mary Del Priori. Brasília: UnB, 1999, p. 41.

Entretanto, o Gilberto Freyre dos livros vários projetou-se na “pressão da História e da tradição”: quando a História propõe – ou impõe – ao escritor a problemática de elaboração de uma nova linguagem; mas que se dá também na prática de uma escrita crivada de “recordações”. Isto porque, bem alerta Roland Barthes, “a escrita é precisamente esse compromisso entre a liberdade e uma recordação, é a liberdade recordadora que só é liberdade no gesto da escolha, e não na sua duração”<sup>997</sup>. Entretanto, ao passo que o estilo é a designação do autor, as palavras por ele articuladas ou apropriadas no processo de composição do texto, aprisionam-no. Enfim, o Gilberto Freyre escritor alicerçou-se no estilo, mas o estilo em sintonia com a sua existência e vínculos com o passado e as oscilações editoriais pelas quais passou.

---

<sup>997</sup> BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. Trad.: Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 2006, p. 19.

### 5.3 – Revisor: texto e avesso

E o leitor? É ele quem destitui do texto o que há de mais, aparentemente, previsível e seguro: a revisão<sup>998</sup>, a edição, a impressão. De fato, o texto “existe se houver um leitor para lhe dar um significado”<sup>999</sup>. No entanto, a materialidade do texto não deve ser apartada do entendimento de que “a escrita acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar, e multiplica a sua produção pelo expansionismo da reprodução”<sup>1000</sup>. Por ser um produto impresso em série, o livro demanda a revisão prévia: a pontuação não existe, para o escritor, com o objetivo apenas de ser funcional, mas para atender ao seu fervor de linguagem. A revisão desconsidera, às vezes, os pendores “diletante”<sup>1001</sup> e incomum daquele que escreve.

Se o revisor representa uma editora, ou melhor, faz parte dos quadros funcionais que a constitui cuja prática não só está vinculada a limpar das provas de um impresso os excessos e as faltas, mas também aplicar as normas de edição estipuladas pela editora, os revisores informais, da rede de relações de Gilberto Freyre, estavam mais próximos de suas vertentes de escrita e diálogo intelectual. Foi o que tentou afirmar quando dos aprestos do *Casa-Grande...* à primeira edição: “meus agradecimentos a todos aqueles que me auxiliaram, quer no decorrer das pesquisas, quer no preparo do ms.”<sup>1002</sup> e

---

<sup>998</sup> A topografia do revisor: “Quanto menos os sinais de pontuação, tomados isoladamente, estão carregados de sentido ou expressão, quanto mais eles se tornam, na linguagem, o pólo oposto aos nomes, tanto mais decisivamente cada um deles conquista seu *status* fisiognomônico, sua expressão própria, que certamente é inseparável da função sintática, mas não se esgota nela. [...] Eles são sobretudo sinais de elocução. Em vez de zelosamente servirem ao trânsito entre a linguagem e o leitor, funcionam como hieróglifos no tráfego que acontece no interior da linguagem, em suas próprias vias. É supérfluo, por isso, omiti-los como supérfluos: assim eles apenas se escondem. Cada texto, mesmo o mais densamente tramado, cita-os por si mesmo, espíritos amistosos cuja presença incorpórea alimenta o corpo da linguagem.” [ADORNO, Theodor W. Sinais de pontuação. In: *Notas de literatura I...*, 2003, p. 141-142.]

<sup>999</sup> DE CERTEAU, Michel *Apud* CHARTIER, Roger. Comunidades de leitores. In: *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad.: Mary Del Priori. Brasília: UnB, 2ª ed., 1999, p. 11.

<sup>1000</sup> DE CERTEAU, Michel *Apud* CARTIER, Roger, 1999, p. 11.

<sup>1001</sup> ADORNO, Theodor W. Sinais de pontuação. In: *Notas de literatura I...*, 2003, p. 144.

<sup>1002</sup> Equivalente à “manuscrito”.

na revisão das provas deste ensaio.” Na casta da amizade, destarte, o livro fez-se findo: “na revisão do ms. e das provas ajudou-me principalmente Manuel Bandeira. Outro amigo, Luís Jardim, auxiliou-me a passar a limpo o ms. que entretanto acabou seguindo para o Rio todo riscado e emendado.”<sup>1003</sup>

A ida de Freyre para a Livraria José Olympio Editora colocou-o em contato com os revisores da “Casa”. Estes, aparentemente mais distanciados do círculo de amigos do escritor-autor. Vê-se, em 1943, a primeira tiragem do *Casa-Grande...* pela José Olympio, mas que já estava na quarta edição quando somadas às publicadas pela editora de Augusto Frederico Schmidt, contou com a revisão de Adalardo Cunha e Aurélio Buarque de Holanda. Uma vez impresso e, recepcionado pelo leitor e pela crítica, chegado às livrarias, o livro atenderia ou não às expectativas a ele direcionadas. A revisão, ou a falta dela, portanto, a cada nova tiragem do ensaio impresso, não ficou imune frente ao olhar de quem o recepcionava. É perceptível que, com as edições da Schmidt e mais tarde com as da José Olympio, o livro não chamava a atenção apenas pelo quinhão de ideias que portava, mas também pelos aspectos editoriais que o estruturava como objeto, como produto.

Considerar qualquer alteração no texto correspondia tanto às novas edições do título quanto às mudanças, às atualizações ortográficas da língua portuguesa. O revisor será o profissional de mediação entre o aporte técnico da gráfica, da editora, e a articulação da linguagem provida pelo autor. Algo também sublinhado por Carmen da Matta: as intervenções no *Casa-Grande...* estiveram ligadas “à acentuação de palavras” e de resposta aos “seus detratores” que o acusavam de manter “uma escrita considerada ‘chula’”<sup>1004</sup>.

Entre os erros ortográficos eventuais, o modo de escrita do autor e as imprecisões gráficas, estavam as oscilações da crítica favorável ou desfavorável ao ensaio que se fez livro. Dar-lhe crédito, pois, via revisão não bastava. Assentá-lo na “erudição” e no estilo de escrita do autor, tornou-se uma constante para justificá-lo como um texto e, claro, um livro inovador e a cada

---

<sup>1003</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Casa-Grande & Senzala...*, 43ª ed., 2001, p. 62.

<sup>1004</sup> MATTA, Carmen da. Nota filológica sobre o estabelecimento de texto. In: *Casa-Grande & Senzala...*, [edição crítica], 2002, p. XXXIII.

tiragem aberto às “alterações que” pudessem “precisar conceitos, evitar que temas polêmicos” dessem “margem a interpretações problemáticas e preconceituosas e incluir termos que” atenuassem “generalizações.”<sup>1005</sup>

O entrelaçamento do modo de escrita de Gilberto Freyre deu-se com a crítica e com a pessoa do revisor: fosse um amigo ou um técnico. Não é impróprio afirmar que a chegada de Freyre à José Olympio e as decorrentes edições de seus textos na forma do livro, em especial, os títulos que constituíam a trilogia, permitiram-lhe requalificar argumentos e propósitos de estudo e pesquisa voltados aos “detalhes íntimos da vida social”<sup>1006</sup> da família patriarcal no Brasil. Como, então, dar vazão ao “tempo perdido” sem uma linguagem apropriada? Como transpô-lo à escrita? Ao estudar “a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar:” um “meio”, portanto, “de procurar-se o ‘tempo perdido’”, seria encontrá-lo na articulação das palavras. Isto é: o texto tem tempo, tem chão, tem paisagem. Para Freyre, estava nos ensaios *Casa-Grande...*, *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso* não a linguagem resumida em si mesma, mas a linguagem como uma tentativa de captura do tempo e dos sentidos dispersos. Para ele, o ato de escrever incidia em referendar tanto o que dava significado à “vida social”<sup>1007</sup>, o que estava dissipado no pretérito, quanto o que dizia respeito à imersão de um escritor nas letras clássicas.

A escolha, pelo autor de *Casa-Grande & Senzala*, das tais palavras vulgares, chulas que tanto melindraram a sensibilidade elegantemente acadêmica do Professor Afonso Arinos de Melo Franco, não deve ser de todo considerada inclinação, da parte do mesmo autor, pela vulgaridade; ou evidência da sua ignorância dos clássicos.<sup>1008</sup>

Nos prefácios, introduções ou notas metodológicas ao *Casa-Grande...*, ao *Sobrados e Mucambos* e ao *Ordem e Progresso* pontuam as referências

---

<sup>1005</sup> MATTA, Carmen da. Nota filológica sobre o estabelecimento de texto. In: *Casa-Grande & Senzala...*, [edição crítica], 2002, p. XXXI.

<sup>1006</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Casa-Grande & Senzala...*, 43ª ed., 2001, p. 59.

<sup>1007</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Casa-Grande & Senzala...*, 43ª ed., 2001, p. 59.

<sup>1008</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo...*, 1968, p. 123-124. [grifo meu]

aos clássicos, o que faz sentido à constituição de sua função autor, da literatura greco-latina e dos em línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa. Dos estudos que considerava atualizados em história, antropologia e sociologia. Fazia sentido para a biografia de Freyre, assim como à sua formação acadêmica, afirmar em relatos as leituras que realizou a partir das orientações que recebeu na infância pelo seu pai, Alfredo Freyre, e, mais adiante, pelos seus professores para que, através dos quais, pudesse explicar aos leitores e críticos o modo de escrita que praticava. Escrevia, acreditava, com propriedade. Procurou “assimilar valores e ritmos”<sup>1009</sup> dos “clássicos”, mas ao seu modo”<sup>1010</sup>.

Escrever com lapsos ou incoerências não significa incapacidade do escritor. Adversamente, a revisão existe para suplantir quaisquer lacunas ou excessos a partir das normas ortográfica e editorial aplicáveis a um texto. Uma vez escrito, o texto que vai à publicação, ser destinado à aparição pública, não permite a supressão dos pressupostos de quem o subscreve pelas mãos do revisor. Era a intenção de Freyre com a edição, por exemplo, do *Sobrados e Mucambos*. A revisão atende aos expedientes da constituição técnica das palavras, dos parágrafos, da diagramação. Logo, se for além, pode interferir nas propostas de ideia e estilo do escritor.

O prefácio à primeira edição do livro *Sobrados e Mucambos* foi revisto pelo autor para as tiragens seguintes. Com as alterações, o exórdio fora datado em 1949 e em 1961, com a seguinte advertência:

o presente trabalho tem, como o anterior, defeitos de distribuição de material; repetições; às vezes a matéria de um capítulo transborda no outro. Também fomos obrigados a insistir em certos assuntos já tocados no estudo anterior; mas de ponto de vista diverso. Considerados em relação com outras situações sociais e psicológicas.<sup>1011</sup>

---

<sup>1009</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo...*, 1968, p. 124.

<sup>1010</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo...*, 1968, p. 124.

<sup>1011</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 20.



Quando o texto passa para a qualidade de livro, o trabalho do revisor e a mecânica dos meios tipográficos sugerem literalidade à escrita e uniformidade ao objeto: o livro. Portanto, “o escritor cria, apesar de tudo, na dependência. Dependência em face das regras (do patronato, do mecenato, do mercado) que definem a sua condição”<sup>1012</sup>. O trabalho do revisor, a propósito, também assume, neste sentido, estatuto fundante. Destarte, a precedência do revisor faz com que a obra impressa “seja concebível, comunicável, decifrável”<sup>1013</sup>. Entretanto, esta lógica não implica na ausência de dissabores quando dos preparativos de um texto na iminência de fazer-se livro, ao contrário. E mais: permite, sobremaneira, o “intercâmbio de representações discursivas.”<sup>1014</sup>

O autor, o revisor, o tipógrafo, o editor são substantivos que indicam e, respectivamente, qualificam saberes. São práticas, funções, que estabelecem poderes legitimados e conflitos previsíveis. Gilberto Freyre, por sua vez, sabia dos limites que as relações prescritas no mercado editorial impunham ao seu ofício de escritor e à sua condição de autor. Em artigo para a Revista *O Cruzeiro*, seção ‘Pessoas, coisas & animais’, afirmou: “um leitor reclama contra os erros de revisão nos meus livros e nos meus artigos. Mal para que não encontro remédio, incapaz, como sou, de fazer eu próprio a revisão dos meus pobres escritos”<sup>1015</sup>.

---

<sup>1012</sup> DE CERTEAU, Michel *Apud* CHARTIER, Roger, 1999, p. 09.

<sup>1013</sup> Se o livro instaura uma ordem, os meios e os agentes que fazem as regras de sua ordem devem ser identificados sempre que preciso, oportuno. Resumindo: “os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, os criadores, os poderes ou os *experts* sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce.” [CHARTIER, Roger. Comunidades de leitores. In: *A ordem dos livros...*, p. 09.]

<sup>1014</sup> MATTA, Carmen da. Nota filológica sobre o estabelecimento de texto. In: *Casa-Grande & Senzala...*, [edição crítica], 2002, p. XXXIV.

<sup>1015</sup> Um esclarecimento: a mãe de Gilberto Freyre, Francisca de Mello Freyre, e, depois, a sua esposa, Magdalena Freyre, mantinham o hábito de guardar recortes de artigos de jornais e revistas de e sobre o escritor, colados em cadernos que serviam, por exemplo, para registros escriturários ou contábeis. Foram inventariados e identificados com as inscrições, a exemplo: ARTIGOS DE JORNAL DE GILBERTO FREYRE/AJ – 7/1952-1956 (O CRUZEIRO). Hoje, compõem do acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. OBS.: os recortes, geralmente, não apresentam a paginação original dos artigos. [FREYRE, Gilberto. ‘Revisores, anjos da guarda’. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 04 de abril de 1953, s/p.]

Gilberto Freyre sabia da dependência, necessária, dos escritores em relação ao trabalho dos revisores. Temerário que era, não se recusou a oportunizar, com afiada ironia, sua opinião acerca do tema. Sabia também que a revisão, dotada de calços técnicos e normativos, poderia incorrer sobre o estilo de escrita. A pontuação normatizada influi na dinâmica interna do texto: o estilo a desobedece, ou melhor, não se juramenta às determinações que prescreve, preceitua.

Só peço ao bom Deus que livre [...] [os] pobres escritores dos mais ásperos erros de revisão: daqueles que chegam a inverter as ideias de um autor. Daquelles que chegam a ser monstruosos. Daquelles que fazem de um autor não só um inimigo pessoal da gramática como um inimigo de si próprio<sup>1016</sup>.

A revisão criva-se de poder: seja pela técnica, pelo conhecimento específico do revisor. É suscetível aos infortúnios das relações. Neste sentido, era da sapiência de Gilberto Freyre que a recepção de seus livros incidisse, sobremaneira, no objetivo de “fixar um pensamento e enunciar a interpretação correta que” imporia “limites à leitura (ou o olhar)” de quem os lia. “Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce”<sup>1017</sup>. Anunciar seu estilo de escrita, reiteradamente, recaía na manutenção da lógica do pontuar e do alocar as palavras na ordem que assumiam nas orações de seus textos.

O revisor, segundo Gilberto Freyre, não deveria normatizar o texto, mas passá-lo em revista, limitando-se a limpar tudo aquilo que estivesse fora da ordem de edição, da diagramação. Porém, “a verdade é que ninguém mais à mercê do próximo do que um autor, do revisor em quem confie. O revisor pode fazer maciamente horrores com um autor de sua particular aversão. Pode desmanchar-lhe os melhores efeitos de frase bonita ou brilhante”<sup>1018</sup>. A revisão deveria afeiçoar-se à intervenção sem rompantes, sem burlas.

A queixa do autor de *Casa-Grande...* não aparenta ser particularizada, ou melhor, direcionada a um revisor específico, e sim, incorre na generalidade.

---

<sup>1016</sup> FREYRE, Gilberto. ‘Revisores, anjos da guarda’. *O Cruzeiro...*, s/p.

<sup>1017</sup> CHARTIER, Roger. Comunidades de leitores. In: *A ordem dos livros...*, p. 09.

<sup>1018</sup> FREYRE, Gilberto. ‘Revisores, anjos da guarda’. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 04 de abril de 1953, s/p. [grifo meu]

O revisor, no singular, não. Leia-se: os revisores. As frases com apelo estético e de singular vivacidade, são, na aferência de Gilberto Freyre, “cuidadosamente procuradas e combinadas”<sup>1019</sup>. São o resultado de ânimo intelectual, arremata. Em resumo, a interferência do revisor no transcurso das orações poderia “deformar-lhe[s] reparos inteligentes, idéias novas, sínteses originais ou pessoais, em generalizações rasteiramente acacias”<sup>1020</sup>.

Tudo isto está ao alcance de um revisor empenhado em desacreditar um escritor. Tudo isto é o inferno também. Porque um revisor sádico, um revisor cruel, um revisor diabólico pode transformar em inferno a vida de um escritor sensível aos erros de revisão<sup>1021</sup>.

Avalizar o trabalho do revisor não foi um exercício profícuo para Gilberto Freyre. Contudo, as providências que asseguravam a rotina de feitura dos textos que escrevia, para torná-los livros, contavam com a premência dos serviços do revisor. Para tanto, um nome peculiar fez-se presente no seu percurso como um autor munido de sinete editorial: Adalardo Cunha. O “preparador exímio de textos”<sup>1022</sup>, era natural de Minas Gerais. Conforme ressaltou Gilda Oswaldo Cruz, “Adalardo teve um papel importante na preparação dos primeiros originais de Gilberto Freyre publicados na J. O.”<sup>1023</sup>

Adalardo Cunha, que já trabalhava na José Olympio desde os inícios da década de 1950, segundo Cassiano Ricardo, era, além de revisor, um “*expert* da Casa em relações públicas e jornalísticas”<sup>1024</sup>. Cunha foi, de fato, assessor de comunicação social da editora. Entre uma função e outra, pôde colaborar com a exemplificação da ideia defendida por Roger Stoddard: “seja o que quer

---

<sup>1019</sup> FREYRE, Gilberto. ‘Revisores, anjos da guarda’..., s/p.

<sup>1020</sup> Atribuiu ao revisor a flâmula de invasivo e censor. FREYRE, Gilberto. ‘Revisores, anjos da guarda’..., s/p.

<sup>1021</sup> A seção ‘Pessoas, coisas & animais’, da Revista *O Cruzeiro*, serviu de título homônimo para o livro, publicado como primeira edição em 1979, organizado e apresentado por Edson Nery da Fonseca. [FREYRE, Gilberto. ‘Revisores, anjos da guarda’. *O Cruzeiro...*, s/p.]

<sup>1022</sup> CRUZ, Gilda Oswaldo. Genealogia de uma vocação. In: *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 410.

<sup>1023</sup> CRUZ, Gilda Oswaldo. Genealogia de uma vocação. In: *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 410.

<sup>1024</sup> RICARDO, Cassiano. J. O. e sua Casa. In: *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 388.

que façam, os autores não escrevem livros. Os livros não são absolutamente escritos. Eles são fabricados por copistas e outros artífices”<sup>1025</sup>. E, além do mais, “por operários e outros técnicos, por prensas e outras máquinas.”<sup>1026</sup> Livro não é sinônimo de texto. O contrário, inclusive, também é válido.

As etapas à confecção de um livro são esquecidas, ou caladas, quando da primazia das ideias nele contidas. Perspectiva que lhe confere, pois, maior crédito quando percebido mais “como um texto abstrato” e menos como um artefato delineado pelas “formas tipográficas”. E o revisor? Este, por conseguinte, privado aos bastidores de uma editora ou, quando muito, anunciado, reservadamente, na folha de rosto ou no espelho do livro. Gilberto Freyre não se recusou a afirmar que a revisão pouco atenta, ou propositadamente descuidada, poderia “torná-lo o mais grosseiramente antigramatical dos escritores”<sup>1027</sup>. Somando-se, a propósito, ao fato de ter sido acusado, a exemplo da crítica, de informar sem precisão o nome de autores que havia consultado durante à pesquisa de seus estudos, à escrita de seus textos.

Não só o modo de escrita chama a atenção do leitor, estivesse ele em que instância estivesse: fosse o crítico, fosse o revisor etc. Sendo assim, o calhamaço de documentos e autores consultados por Gilberto Freyre, à elaboração de seus ensaios, foram reclamados quando da publicação na forma do livro de *Casa-Grande...* e de *Ordem e Progresso* por não terem ficado claro quando citados ou, simplesmente, por estarem ausentes. O caminhar das edições, em particular as de *Ordem e Progresso*, permitiram a inclusão ou a reparação daquilo que já constava no texto, no livro, mas de modo precário. Usando do artifício do simulador, Freyre, sem citar os nomes de seus contraditos, listara nominalmente os autores que entendia como relevantes à análise do período que abrangia da “transição do Império para a República”<sup>1028</sup>.

---

<sup>1025</sup> STODDARD, Roger E. *Apud* CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros...*, 1999, p. 17.

<sup>1026</sup> STODDARD, Roger E. *Apud* CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros...*, 1999, p. 17.

<sup>1027</sup> FREYRE, Gilberto. ‘Revisores, anjos da guarda’. *O Cruzeiro...*, s/p.

<sup>1028</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 09.

Ninguém tem o direito de ignorar o valor de livros referentes ao mesmo período como os ensaios sobre Machado de Assis: não só os escritos por Alfredo Pujol e Oliveira Lima, como os publicados em nossos dias pelo Sr. José Maria Belo – autor também de excelente História da República – pela Sr<sup>a</sup> Lúcia Miguel Pereira e pelo Sr. Magalhães Júnior – autor de outras páginas notáveis sobre figuras e acontecimentos do fim do Império e do começo da República – as biografias de Raul Pompéia e Olavo Bilac, traçadas pelo Sr. Eloy Pontes; as de Farias Brito, Sylvio Romero e Euclides da Cunha, escritas pelo Professor Sílvio Rabelo; a monumental, do segundo Rio Branco, escrita pelo Professor Álvaro Lins; a de Lima Barreto, escrita pelo Sr. Francisco de Assis Barbosa; a de Luís Tarquínio, escrita pelo Sr. Péricles Madureira do Pinho; a de Tobias Barreto, estudo do Professor Hermes Lima; a de Pedro II, escrita pelo Sr. Heitor Lira; a de Pinheiro Machado, escrita pelo Sr. Costa Porto; a de Joaquim Nabuco, escrita pela Sr<sup>a</sup> Carolina Nabuco; a de Ruy Barbosa, escrita pelo Sr. Luís Viana Filho (autor também de sugestivo ensaio sobre Joaquim Nabuco); o *Ruy, o Estadista da República*, escrita pelo Sr. João Mangabeira; a obra em três volumes, *Um Estadista da República*, escrita sobre Afrânio de Melo Franco pelo seu filho Sr. Afonso Arinos de Melo Franco; a de Santos Dumont, escrita pelo Sr. Gondim da Fonseca; a de Pandiá Calógeras, escrita pelo Sr. Gontijo de Carvalho; a de Luís Gama, escrita pelo Sr. Sud Menucci.<sup>1029</sup>

Valendo-se de nomes de referência, Freyre trouxe para o ensaio *Ordem e Progresso* o sentido de estudo atualizado ao basear-se nos clássicos: como sugeriu Harold Bloom, “a sabedoria é confiar na aliança”<sup>1030</sup> entre o novo e a tradição; entre o novo e o estabelecido. Oferecer ao texto a forma do livro é reconhecer que ele não “existe em si mesmo, isolado de toda a materialidade”: até o manuscrito necessita do papel. A sua recepção solicita um “suporte que o dá a ler”. O lugar do revisor, assim como o do crítico, é evidenciar o que foi publicado. Portanto, “não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge o seu leitor.”<sup>1031</sup> Contudo, não sem controvérsias entre o autor, o editor, o crítico, o revisor etc.

Freyre autopromovia-se ao responder os que divergiam de suas escolhas teórico-metodológicas na escrita do *Ordem e Progresso*. Soube usar

---

<sup>1029</sup> FREYRE, Gilberto. Nota bibliográfica. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 84.

<sup>1030</sup> BLOOM, Harold. *Onde encontrar a sabedoria?...*, 2009, p. 20.

<sup>1031</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros...*, 1999, p. 17.

a seu favor os estudos de “sistemática nova”<sup>1032</sup> que eram contemporâneos do último livro da trilogia. À segunda edição do título, de 1962, declarou:

admitidos arrojados, no mesmo livro, no sentido de uma história mais orientada pela Antropologia e mais esclarecida pela Psicologia Social – inclusive pela Autobiografia – , do que presa aos estilos convencionais de crônica ou de narrativa histórica, compreende-se o que, nas suas páginas, seja motivo de escândalo para o historiador de feito tradicional. Compreende-se que lhe repugnem aqueles arrojados e que à desenvoltura de autor um tanto revolucionário, nessa nova área de sensibilidade histórica, ele oponha retificações de datas e correções de nomes próprios – retificações e correções que o autor deste livro acolhe do modo mais cordial – com uma severidade, e, por vezes, uma empáfia, de quem estivesse destruindo no pobre livro, sua parte mais substancial.<sup>1033</sup>

E quanto ao revisor, especificamente? Está claro que, para Freyre, o direcionamento do profissional da revisão, perante à “forma do objeto impresso”<sup>1034</sup>, poderia comprometer o estatuto de importância das “estratégias textuais e intenções do” modo de ser do escritor, fazendo-se “autor”<sup>1035</sup>. Perspectiva na qual inseria-se. A revisão, pois, não deveria interferir nas tópicas – estas, acentuadas pela ordem de sentidos que as palavras assumem na composição de uma frase – de “efetuação”<sup>1036</sup> da linguagem de seu texto; de seu livro, conseqüentemente.

No artigo à Revista *O Cruzeiro*, de 04 de abril de 1953, antes do ano da primeira edição do *Ordem e Progresso* aparecer, de 1959, ele não declarou o título do livro reclamado pelo leitor. Uma via de preservação, talvez, da imagem do revisor e, por extensão, do editor. O artigo, contudo, é do mesmo ano de publicação dos livros *Aventura e Rotina*, Coleção Documentos Brasileiros – 77, e *Um brasileiro em terras portuguesas*, que também compõe da Coleção Documentos Brasileiros – 76. De todo modo, não se recusou a opinar sobre as

---

<sup>1032</sup> FREYRE, Gilberto. Íntegra do texto do apêndice à 2ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 950.

<sup>1033</sup> FREYRE, Gilberto. Íntegra do texto do apêndice à 2ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 950.

<sup>1034</sup> CHARTIER, Roger. ‘Figuras do autor’. In: *A ordem dos livros...*, 1999, p. 33.

<sup>1035</sup> CHARTIER, Roger. ‘Comunidades de leitores’. In: *A ordem dos livros...*, 1999 p. 17.

<sup>1036</sup> DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, vol. I, 8ª ed., 2002, p. 270.

desventuras de uma revisão. Dos pormenores de uma intervenção técnica designada ao texto.

A linha argumentativa do escritor-autor não se furtou a tributar como regra o ato do “revisor diabólico”<sup>1037</sup>. Se “diabólico” ou irrepreensível, o revisor não estava alijado dos preparativos de seus livros. Tinha que suportá-lo. A relação de forças entre o autor, a crítica, o revisor e o editor estabelecia a distinção de funções peculiares à cultura da escrita, à ordem do mercado editorial. Cumpre observar, pois, que é passível de análise o fato de “compreender os princípios que governam a ‘ordem do discurso’”, o que, por fim, “pressupõe decifrar com todo o rigor, aqueles outros que fundamentam os processos de produção, de comunicação e de recepção dos livros”<sup>1038</sup>. A crítica, mais uma vez a crítica, também assumiu a função revisionista uma vez que Gilberto Freyre respondia-a nas seções<sup>1039</sup> de apresentação de seus livros. *Ordem e Progresso*, por conseguinte, “reuniu dezenas de autobiografias; e à base dessas autobiografias, particularíssimas verdades.” E, sob o respaldo do simulador, “dessas particularíssimas verdades algumas têm sido impugnadas por críticos do livro como contendo”, “decerto”, “inexatidões. Erros. E erros – para esses críticos – indignos de figurarem num livro com pretensões a sério.”<sup>1040</sup> Da primeira edição, de 1959, para a segunda, do ano de 1962, as “retificações” foram realizadas, então, sob o tom de retratação do escritor-autor: “por esses e outros erros, meus uns, de cópia, e de revisão, outros, mereço severas censuras. Aceito-as humildemente. São enganos retificados na atual edição do livro.”<sup>1041</sup>

A propósito do curto prefácio à primeira edição do *Ordem e Progresso*, escrito em julho de 1957, Freyre exprimiu os seus agradecimentos nomeando os revisores, deixando transparecer que o livro era o resultado de um trabalho realizado em equipe. “Agradecimentos” aos “que mais paciente e

---

<sup>1037</sup> FREYRE, Gilberto. ‘Revisores, anjos da guarda’. *O Cruzeiro...*, s/p.

<sup>1038</sup> CHARTIER, Roger. ‘A ordem dos livros’. In: *A ordem dos livros...*, p. 08.

<sup>1039</sup> Refiro-me às introduções, prefácios, notas metodológicas, notas bibliográficas etc.

<sup>1040</sup> FREYRE, Gilberto. Íntegra do texto do apêndice à 2ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 946.

<sup>1041</sup> FREYRE, Gilberto. Íntegra do texto do apêndice à 2ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 958.

inteligentemente nos ajudaram no preparo do ms. para publicação”<sup>1042</sup>, escreveu. Os nomes: Adalardo Cunha, revisor da José Olympio no Rio de Janeiro, e Marina Nicolay de Carvalho; Lubélio Zironi<sup>1043</sup>, da sucursal da editora na cidade de São Paulo e Marco Aurélio de Alcântara, do Recife. Fica evidenciado, inclusive, que as etapas de constituição do texto passavam pelo manuscrito, e pelo datiloscrito, às provas impressas.

As respostas e opiniões do escritor sobre o trabalho dos revisores oscilaram do agradecimento à retruca, a exemplo do artigo da Revista *O Cruzeiro*. Artigo no qual Gilberto Freyre assumiu o tom contundente estimulado pelo seu leitor. Este último, por sua vez, lamentando o estado de impressão do livro que tinha em mãos, demonstrava que a leitura não está vinculada apenas à “operação abstrata de intelecção”.<sup>1044</sup> Como escritor, e autor requisitado, Freyre não ignorava o peso desta constatação. Tinha consciência dos processos tipográficos dos seus livros: José Olympio costumava informá-lo das etapas nas quais encontravam-se cada um dos títulos no prelo. Por isso, se desajustados, ele sabia que poderiam causar desconforto não só à fluidez da leitura, mas ao apreço do autor na acepção daquele que o lia ou leria.

O feito da revisão agrega valores ou infortúnios. Deste modo, embora circunstancial e reiterada a reclamação de Gilberto Freyre, é plausível concordar com a defesa de que “não há escritor que seja de todo indiferente a [...] erros daninhos: alguns semelhantes aos ventos da Espanha consagrados pelo provérbio: capazes de matar um homem sem apagar uma vela”<sup>1045</sup>. Também é legítimo antever que o trabalho de revisão, afiançado de garantias técnicas, permite ao texto o usufruto de sua legibilidade por parte do leitor.

A divisão de funções, quando da preparação de um livro, impõe ao autor a permissão da partilha compulsória de seu texto. Por outro lado, a

---

<sup>1042</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio. In: *Ordem e Progresso...*, 2ª ed., tomo I, 1962, p. XXII.

<sup>1043</sup> O revisor que, aos olhos de Cassiano Ricardo, “não” deixava “passar gato por lebre em ortografia”. [RICARDO, Cassiano. J. O. e sua Casa. In: *José Olympio: o editor e sua casa...*, 2008, p. 388.]

<sup>1044</sup> A leitura também “é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros”. [CHARTIER, Roger. ‘Comunidades de leitores’. In: *A ordem dos livros...*, p.16.]

<sup>1045</sup> FREYRE, Gilberto. ‘Revisores, anjos da guarda’. *O Cruzeiro...*, s/p.



compensação: a manifesta “função-autor” de “decifrar nas formas do livro a intenção”<sup>1046</sup> pela qual o fez designar o texto; os prefácios para edições várias de um mesmo título, notas metodológicas, citações e referências, apresentações, introduções etc. O formato estrutural do livro, a partir dos apensos que o constitui como objeto e fim, procedem como garantia forjada da intencionalidade do autor.

Ainda sobre a divisão de funções envoltas na feitura de um livro, Roger Chartier traz à margem das discussões a menção ao “Dom Quixote na tipografia”. A personagem de Miguel de Cervantes admirou-se com o maquinário e o número de “operários” necessários à uma impressão. Mas, e a relação entre o tipógrafo e o revisor? “Todas as decisões tomadas pelo tipógrafo estão”, sem lastro de dúvidas, “sujeitas às correções do revisor”. Este, por sua vez, “examina a Prova e observa a Pontuação, o Itálico, as Maiúsculas ou qualquer erro que possa, por equívoco ou falta de julgamento, ter sido cometido pelo tipógrafo”.<sup>1047</sup>

E se o texto é requerente da abstração, dos argumentos e propósitos do autor, o livro é assegurado, de fato, pelo revisor. A revisão, por seu turno, como uma das etapas de recorrência à feitura do livro, impõe-se como imperativo à dinâmica do mercado editorial. Não há livro sem revisor, não há autor sem livro. O editor, não obstante, firma-se como o ponto de convergência e dispersão. É ele quem trata de “buscar textos, encontrar autores, [...] controlar o processo que vai da impressão da obra até a sua distribuição. O editor pode possuir uma gráfica, [...] uma livraria [...]”<sup>1048</sup>. Um catálogo de títulos e autores cancelados.

José Olympio, o “livreiro-editor”, evidencia sua condição ao passo que, em carta dirigida a Gilberto Freyre, comunica as etapas de produção do livro

---

<sup>1046</sup> CHARTIER, Roger. ‘Figuras do autor’. In: *A ordem dos livros...*, p. 55.

<sup>1047</sup> CHARTIER, Roger. ‘Dom Quixote na tipografia’. In: *Os desafios da escrita*. Trad.: Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002, p. 37.

<sup>1048</sup> “Tudo gira em torno deste empreendedor singular que se vê também como um intelectual e cuja atividade se faz em igualdade com a dos autores; daí, aliás, suas relações frequentemente difíceis e tensas”. [CHARTIER, Roger. ‘O texto: entre autor e editor’. In: *A aventura do livro: do leitor ao navegador – conversações com Jean Lebrun*. Trad.: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1998, p. 53.]

*Inglese no Brasil*: “o livro de um mestre”<sup>1049</sup>. Octávio Tarquínio de Sousa<sup>1050</sup>, citado na epístola, foi o prefaciador da primeira edição publicada na Coleção Documentos Brasileiros – 58, sob a sua direção.

Meu caro Gilberto[,]

Nosso Tarquinio acaba de nos devolver “Inglese no Brasil”. Está entusiasmado com seu novo livro. Vae agora para o Adalardo preparar o imediatamente para a tipografia. Irá em seguida para composição. Atendendo à situação, vamos fazer uma edição de cinco mil exemplares, mais os necessários para a propaganda. Exemplares de luxo, a preço alto, como você sugere, creio que não poderemos fazer. De qualquer modo, tentarei primeiro arranjar subscritores<sup>1051</sup>.

O revisor Adalardo Cunha não foi o único escopo das revisões dos textos e provas de livros de Gilberto Freyre. Octávio Tarquínio de Sousa, Manuel Bandeira, por exemplo, formal ou informalmente, correram os olhos sobre as linhas e ideias do escritor pernambucano. Olhos especializados – e sugestivos em história, literatura, política – nos temas e conteúdos das publicações que se seguiram em seu nome. Uma “maneira de poder rentabilizar”<sup>1052</sup> os seus escritos [livros]: financeira e intelectualmente.

As opiniões de Gilberto Freyre, circunstanciais ou convictas, sobre os revisores rotineiros de editoras, acenam, a partir do artigo “Revisores, anjos da guarda”, para as idiosincrasias da premissa que versa sobre o princípio acerca do qual os livros são externos aos seus autores. Estes, portanto, “não

---

<sup>1049</sup> SOUSA, Octávio Tarquínio de. ‘O livro de um mestre’. In: *Inglese no Brasil*. Rio de Janeiro: TopBooks/UniverCidade, 3ª ed., 2000, p. 25. [Coleção Gilbertiana]

<sup>1050</sup> Octávio Tarquínio de Sousa propôs a biografia como vertente da escrita da história. A biografia como referência à história política do Brasil. “Durante seu tempo de vida (1889-1959) e, em particular, na época em que realizou suas produções letradas, entre 1914 e 1958, Octávio Tarquínio dedicou-se, a partir da década de 1930, ao estudo da história política brasileira – Primeiro Reinado e Regências – por intermédio das biografias de alguns de seus dirigentes: Bernardo Pereira de Vasconcelos, Evaristo da Veiga, Diogo Antônio Feijó, José Bonifácio e D. Pedro I, elaboradas entre 1937 e 1957, e por fim reunidas na forma da *História dos Fundadores*, em 1958”. [GONÇALVES, Márcia de Almeida. ‘Confissões de leitura’. In: *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009, p. 24.]

<sup>1051</sup> Carta de José Olympio para Gilberto Freyre de 19 de setembro de 1947. [Datilografada. Aspas do original]

<sup>1052</sup> CHARTIER, Roger. ‘O texto: entre autor e editor’. In: *A aventura do livro...*, p. 65.

escrevem livros: não, [...] escrevem textos que se tornam objetos [...] impressos e [...] informatizados”<sup>1053</sup>, inclusive. Aspectos que, notadamente, são às vezes esquecidos ou, de todo, ignorados pelos leitores.

O “imponderável” para o autor Gilberto Freyre está associado às deliberações da editora e do revisor. Negar o tangencial seria o mesmo que afirmar, de modo infundado, que o escritor ao publicar seus textos – livros, artigos, conferências – deteve centralidade sobre as etapas daquilo que recebeu a chancela de uma editora, gráfica ou tipografia. Diante do fato, o apelo ao leitor é admitido como chamamento à aliança cabal entre o mesmo leitor e o autor maculado pela má revisão.

Há erros de revisão que, sem desmancharem a boa aparência de um artigo, matam esse artigo: fazem desaparecer d’ele a idéia verdadeiramente nova e pessoal que lhe comunicara o autor. E o realizam de modo tão sutil, tão macio, tão suave, que parece não ter havido pecado ou crime nenhum da parte do revisor: só leve descuido. Eu vivo a pedir a Deus, para os meus pobres artigos, revisores que sejam um prolongamento dos olhos vigilantes do meu anjo da guarda. Pois o anjos da guarda é um anjo especialíssimo: obrigado a uma vigilância de todos os instantes<sup>1054</sup>.

As minudências da revisão permitiram erigir linhas de tensões na trama das afinidades sociais de Gilberto Freyre. Entretanto, para além da revisão, citar autores, referendar conjecturas, [com]partilhar ideias e argumentos, eram, e são, propensões aceitas entre os intelectuais. Se da mesma rede de relações e interesses, aproximavam-se para acrescentar vulto aos seus textos e livros, acordos eram firmados, relações rearranjadas. As dificuldades editoriais, enfim, atenuadas, reparadas.

---

<sup>1053</sup> “Contra a representação elaborada pela própria literatura e retomada pela mais quantitativa das histórias do livro – segundo a qual o texto existe em si mesmo, isolado de toda a materialidade – deve-se lembrar que não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge o seu leitor. Daí a distinção necessária entre dois conjuntos de dispositivos: os que destacam estratégias textuais e intenções do autor, e os que resultam de decisões de editoras ou de limitações impostas por oficinas impressoras”. [CHARTIER, Roger. ‘Comunidades de leitores’. In: *A ordem dos livros...*, p. 17.]

<sup>1054</sup> FREYRE, Gilberto. ‘Revisores, anjos da guarda’. *O Cruzeiro...*, s/p.

O leitor forjado por Gilberto Freyre, sob o ilusório lampejo da cumplicidade – o leitor que contesta e o autor que concorda com a reclamação sem malgrado –, é o fim, mas não o princípio da razão do texto, do livro. O vulto de um escrito faz-se primeiro nos ajustes entre os “pares intelectuais”.<sup>1055</sup> Octávio Tarquínio de Sousa, sobre *Inglese no Brasil*, abonou o trabalho do amigo ao realizar “leitura atenta e deliciosa do grande livro”. Reiterou que esteve diante de um dos “melhores trabalhos” do escritor: “como você sabe descobrir os veios, as minas, os lados menos ostensivos dos assuntos!”<sup>1056</sup>

A leitura de Octávio Tarquínio de Sousa, convertida em revisão, deteve-se aos detalhes de conteúdo que, à primeira vista, ratificavam incoerências relativas à história. Sem, contudo, deixar de enaltecer a perspicácia e o método de pesquisa e a forma da narrativa investida no livro.

O que você extraiu dos anúncios de jornal é verdadeiramente extraordinário. *Inglese no Brasil* é o que me parece o melhor e mais profundo sentido do gênero – um ensaio. Livro que busca livre e audaciosamente todos os caminhos, que se ampara nas fontes de informação mais seguras, mas que nada tem de didático e não foge, quando necessário, à nota lírica.<sup>1057</sup>

Gilberto Freyre desejava da crítica, dos revisores, o regalo dos elogios. Se bem que, reconheça-se, os críticos contemporâneos ao autor, os de tom mais acre, não compreendiam a ordem das palavras e a pontuação inversa, ou reversa, à gramática gerida por ele ao compor seus textos. Fator que, para muitos, não demonstrava coerência com os temas de estudo, e seus conteúdos, dedicados a confluir explicações sobre a história e sociedade brasileiras.

Procurou emitir respostas aos críticos. Prefácios e introduções serviram, para este arremate, de panfletos. Fez uso do recurso do “simulador”

---

<sup>1055</sup> BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. ‘Autor e editor’. In: *Abraço através do atlântico: cartas entre Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 189. [Coleção ao Portador, 03]

<sup>1056</sup> Carta de Octávio Tarquínio de Sousa para Gilberto Freyre, de 10 de setembro de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

<sup>1057</sup> Carta de Octávio Tarquínio de Sousa para Gilberto Freyre, de 10 de setembro de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrita]

categorizado por Roland Barthes. Não se negou a conferir notas metodológicas e de agradecimentos aos seus colaboradores para as pesquisas dos livros que publicou. A escrita ensaística de *Sobrados e Mucambos*, por exemplo, aliada à consulta aos documentos considerados menos ilustres, serviu de surpresa a “Afonso E. de Taunay e Paulo Prado [que] souberam reconhecer a importância e o valor de riqueza tão grande e, até hoje, desaproveitada”<sup>1058</sup>, referente à “melhor e mais flagrante documentação histórica”<sup>1059</sup>: farta em informações e detalhes cotidianos.

É a escrita provida da “quase ausência de conclusões” e afeita à “pobreza de afirmações”, mas sem prejudicar a “responsabilidade intelectual” do escritor junto aos seus leitores. Este feitio de escrita, pois, não se furta à “evidência do material reunido” à fundamentação do texto. Responder à crítica sem mencioná-la, traduz-se no empenho de esclarecê-la das minúcias de um texto ainda incompreensível. Considerado novo na forma e no estilo, porém assentado na “maior objetividade possível de método e de técnica”.<sup>1060</sup>

Escrever para publicar alude à autodefesa. Exige a defesa externa ao escritor para corroborar e validar o que é escrito e como é escrito. A revisão, por sua vez, quando imersa nas articulações tópicas e sintáticas de uma escrita, implica no potencial atributo da recepção e na apreensão do texto segundo a expectativa do leitor mais imediato. E se o leitor reputa prestígio ao escritor, o revisor pode ser o limite que trinca ou rubrica a bonança da recepção. Leitor: “só um anjo dêses é capaz de livrar um autor daqueles ‘cochilos de revisão’ que às vêzes põem a perder artigos e até livros”<sup>1061</sup>.

---

<sup>1058</sup> “Distinguiu-nos Afonso de E. Taunay com boas palavras de animação, e mais do que isso, de lúcida e simpática compreensão, primeiro em carta, depois em artigo, justamente quando críticos menos autorizados e mais afoitos proclamavam não enxergar senão ‘pitoresco’ em todo aquele esforço de utilização à grande dos anúncios de jornais para esclarecimento de zonas mais íntimas de nossa história social”. [FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 20.]

<sup>1059</sup> FREYRE, Gilberto. ‘Prefácio à 1ª edição’. In: *Sobrados e Mucambos...*, p. 19.

<sup>1060</sup> Exemplo do sentido do “simulador” na composição da narrativa de um texto. Gilberto Freyre em resposta às incertezas de João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes [1860-1934], tradutor e crítico literário, frente à ausência de conclusões no *Casa-Grande & Senzala*. [FREYRE, Gilberto. ‘Prefácio à 1ª edição’. In: *Sobrados e Mucambos...*, p. 20.]

<sup>1061</sup> FREYRE, Gilberto. ‘Revisores, anjos da guarda’. *O Cruzeiro...*, s/p.

De todo modo, a revisão dos textos de Freyre, ao menos os destinados a serem livros, não eram avaliados sem a sua consulta. Adalardo Cunha, nas cartas – ou bilhetes – remetidas ao escritor, solicitava esclarecimentos alusivos aos conteúdos dos textos e às formas da escrita: lapsos ortográficos, pontuação das frases, disposição dos parágrafos. A intento de uma nota a ser inserida em um livro, – refiro-me ao tema de um bilhete de 1943 – Cunha sugere a realocação da nota, divergindo, pois, da indicação oferecida pelo autor.

As tensões entre o revisor e o autor não implicam na invalidação do trabalho do primeiro, mas, por outro lado, tornam-se vias para a resistência do segundo ao ter que lidar com o realinho do seu próprio texto. O texto tem uma ordem. Fundamenta-se na projeção estética proposta pelo autor. É um indicativo. Traz consigo um parecer, um ditame, uma alusão. Emite provas de que deseja o leitor e, assim sendo, teme os enquadramentos. Emprega as palavras para [re]construir a língua portuguesa no “fluxo apressado de todos os prazeres da linguagem”.<sup>1062</sup>

O revisor impacienta-se. Discorda da coerência estética do texto sob o regime do prazer, armado da argumentação lógica da gramática entendida como primaz, correta: adequada à intervenção sobre o texto em disputa. O bilhete destinado a Gilberto Freyre motivou-se no improviso. Fez-se na urgência da comunicação. Foi escrito com lápis de cor e em papel avulso, tomado do relento:

Sr. Gilberto.

Achei que a nota enviada (sobre Tito Franco<sup>1063</sup> e Afonso Celso<sup>1064</sup>) não cabia no local indicado assinalado IIIIIIIII<sup>1065</sup> na prova 116 anexa) e sim no local assinalado X<sup>1066</sup> na prova 123 junto [sic]. Se não for aí, assinalo

---

<sup>1062</sup> BARTHES, Roland. *O prazer do texto...*, 5ª ed., 2010, p. 11.

<sup>1063</sup> Tito Franco de Almeida [1829-1899]. Deputado pelo Pará no Segundo Reinado.

<sup>1064</sup> Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior [1860-1938]. Escritor e Deputado mineiro do Segundo Reinado.

<sup>1065</sup> Inscrição aleatória, do revisor, para orientar o entendimento, do autor, referente às alterações no texto.

<sup>1066</sup> Idem. O ‘X’ aparece no documento dentro de um círculo.

onde, por obséquio[?] – o conto de Lafcadio Hearn<sup>1067</sup> é Pa Combiné ou Pas Combiné? Está Pa.<sup>1068</sup> E é só isso.<sup>1069</sup>

Adalardo Cunha não hesitou em exercer o papel que lhe exigia precisão. O bilhete carregado de informações, à primeira vista desconexas, atendia à compreensão dos fatos compartilhados por ele e seu interlocutor. Manuscrito taquigraficamente, demonstra ter sido elaborado como impulso de atitude e resposta às retrucas de Gilberto Freyre. Iniciado nas revisões dos livros do escritor, em 1941, Cunha já rebateu críticas, ressaltando a sua [a]firmação profissional e familiaridade com os pormenores da revisão. Quando exigido, soube se impor com o ânimo de autoridade: “acabo de ler a sua carta de 16 deste. E – eu, sim, estranhei que após seis anos de revisão de seus livros, v. fizesse aquelas advertências que [...] eram desnecessárias para mim”.<sup>1070</sup>

O embate tem por ensejo as provas do livro *Inglese no Brasil*. Descuidos ortográficos ocorreram, segundo Adalardo Cunha, mas não admitidos pelo autor. Contudo, porém, a sabatina do fato reclamado foi exposta pelo revisor: a listagem, palavra por palavra, com as ausências constatadas até então. A admissão de erros, ou “descuidos”<sup>1071</sup>, eventuais não parecia ser uma postura irrepreensível de Gilberto Freyre. Mas como um escritor, reconhecido e

---

<sup>1067</sup> Patrick Lafcadio Hearn [1850-1904]. Escritor de origem grega, mas radicado na Irlanda e no Japão. Autor da coletânea de ensaios publicados no livro *Life and literature*, de 1921: refere-se “ao gênero ensaístico como tendo a aparência de trivial, mas sendo, de fato, muito mais durável e valioso que muita ficção. ‘Um bom ensaio pode viver milhares de anos – tal como atestam os pequenos ensaios de Cícero agora traduzidos em todas as línguas’”. [PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. ‘Anos de aprendizado’. In: *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Unesp, 2005, p. 65.]

<sup>1068</sup> Grifos duplos e simples do documento.

<sup>1069</sup> *Bilhete* de Adalardo Cunha para Gilberto Freyre, de 28 de outubro de 1943. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrito]

<sup>1070</sup> *Carta* de Adalardo Cunha para Gilberto Freyre, de 20 de outubro de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

<sup>1071</sup> *Carta* de Adalardo Cunha para Gilberto Freyre, de 20 de outubro de 1947. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [datilografada]

qualificado pela não ascese<sup>1072</sup> das palavras de efeito, curvar-se-ia, sem reservas, às incisões de um revisor?

Gilberto Freyre regalava-se de tudo que fazia. O revisor, vigilante, anunciava limites e impunha contenções a seu prelado. Afinal, no jogo das trocas de funções, – o escritor escreve, mas não revisa – o avesso externa os “descuidos” e os poderes envoltos na feitura de um livro. Se o texto é o império do escritor, as provas de um livro são as dimensões do reino do revisor: menor, porém, controlável.

Seria possível garantir a remissão do revisor? Para Gilberto Freyre, não. A remissão exige contrição daquele que resvala em discórdia. No artigo ‘Erros de revisão’, de 03 de maio de 1952, ano no qual é publicada a sétima edição do *Casa-Grande...*, declara:

dos revisores é costume fazer-se o bode expiatório de quanto êrro prejudica um livro, folheto ou artigo de revista ou jornal. Quando a verdade é que muitas vêzes a inocência dêles é perfeita: e a culpa, inteira, dos autores. Mas não nos extrememos em indulgência para com os mestres angélicos da revisão, às vêzes mais atentos a detalhes que ao sentido das frases. Dêles são, efetivamente, imensas traições aos autores.<sup>1073</sup>

Sentimento que não abranda: o livro é a realização do gênio inventivo de um escritor; pode sofrer mutilações antes de ser concretizado. O revisor opera o texto transversalmente. Ao escritor, cabe a justaposição de horizontes e a costura de sentidos, apesar da constatação de que ambos trabalham com a potência dos vocábulos. O primeiro, lida com as formas e a pureza das palavras, o segundo, com os neologismos, com as metáforas e com as alegorias por elas concebidos.

---

<sup>1072</sup> KRETSCHMER, Johannes. ‘Apresentação’. In: *Thomas Mann: o escritor e sua missão – Goethe, Dostoiévski, Ibsen e outros*. Trad.: Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011, p. 09.

<sup>1073</sup> FREYRE, Gilberto. ‘Erros de revisão’. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 03 de maio de 1952, s/p. ARTIGOS DE JORNAL DE GILBERTO FREYRE. AJ – 7/1952-1956 (O CRUZEIRO). Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.



E mais um detalhe: a condição de autor, elevada por Gilberto Freyre, serviu de referência<sup>1074</sup> para que ele medisse o processo e as condições de feitura e publicação de seus textos e livros. A sua versão (autodefesa) figurou como a verdade legitimada e, por extensão, a perspectiva que serviu de pretexto para a narrativa que tratou de empreender com argumento e persuasão.

---

<sup>1074</sup> HARTOG, François. 'A testemunha e o historiador'. In: *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Trad.: João de Freitas Teixeira e Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 209.

## 5.4 – Cartas encadernadas

1978. O “pudor da confidência”<sup>1075</sup> revelou-se público. Com a publicação do livro *Cartas do próprio punho...*, veio a público o que o confessado não comprometia<sup>1076</sup>.

O tempo de repouso das cartas foi desalentado. Publicá-las, no entanto, não implicaria revelá-las. O livro *Cartas do próprio punho...* foi editado mediante a seleção, a subtração de detalhes sob a têmpera da urdidura; tudo para aparentar cordialidade e ausência de tensões. Afinal, um homem público não descuidava dos esplendores da aparição. Sabia Gilberto Freyre que as cartas ditas, digo escritas, sem a censura do ponderamento apontariam para a iminência do constrangimento. Recato que o próprio Gilberto Freyre, em artigos para jornais e até em entrevistas, não fazia sobressair. Preferia dispor as questões movediças sem maiores pudores conforme deixou expresso na carta que escreveu a José Olympio: a de 04 de outubro de 1974 sobre os preparativos da publicação do livro *Tempo morto e outros tempo*.

Em carta do mesmo ano, mas esta do dia 30 de setembro, expôs José Olympio suas reservas concernentes ao desvelamento público das intimidades do amigo pernambucano. Motivos de polêmicas, tensões, desconfortos morais.

Acabo de ler o seu bilhete a Daniel e Adalardo<sup>1077</sup> devolvendo as provas do “Diário”. Sua principal recomendação aos revisores é, textualmente: “Creio que é uma das páginas que não vieram mas que eu vi aí no Rio (do prefácio ou introdução?) que ocorre a expressão “tendências homossexuais” que seriam minhas [de Gilberto Freyre]. Uma inexatidão sem cabimento. Recomendo sua absoluta eliminação, sua e de expressões correlacionadas perto do lugar onde ocorreu”. Localizamos

---

<sup>1075</sup> MONTELLO, Josué. O espelho das cartas. In: *Cartas do Próprio Punho sobre Pessoas e Coisas do Brasil e do Estrangeiro*. Rio de Janeiro: MEC/Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais, 1978, p. 08.

<sup>1076</sup> Sobre outro exemplo de prudência ao divulgar a confidência epistolar: “Correspondente que não se furtava a confidência sobre si próprio, Mário de Andrade procurou, todavia, resguardar a intimidade alheia. Assim, determinou que, após sua morte, as cartas recebidas e por ele guardadas em pastas permanecessem fechadas à consulta e à publicação durante 50 anos.” MORAES, Marcos Antonio [Org.]. *Correspondência: Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2001, p. 09. [Coleção Correspondência de Mário de Andrade, 1]

<sup>1077</sup> Daniel Pereira e Adalardo Cunha. Revisores da Livraria José Olympio Editora.

na página XIV (vai junto) da introdução o trecho já emendado por você. É o seguinte: “Teria só em Oxford breve aventura de amor homossexual, no melhor sentido da expressão. Sem canalhice alguma. Platonicamente superior na sua própria expressão física. Tal aventura se repetiria no Brasil de modo talvez menos platônico e mais tropicalmente sensual que a pequena aventura de Oxford, sem que essas raras experiências importassem, em tempo algum, na menor tendência a fixação ou continuidade nesse tipo de atividade sexual. Foram aventuras breves e, repita-se, de todo descontínuas: sem comprometerem no experimentador sua vocação heterossexual. Por vezes ardentemente heterossexual. Predominantemente heterossexual”. A sua emenda limitou-se a substituir a palavra homossexual, do início do trecho acima reproduzido, pela expressão sublimadamente erótica. A emenda é insuficiente. Você tem toda razão em recomendar “eliminação absoluta de expressões correlacionadas”. Todas as frases que reproduzi acima deverão ser supressas. [sic] de Madalena, de seus filhos ainda pequeninhos, é que te venho dizer que você não pode, não deve deixar essas coisas escritas num livro que vai ficar como documento da sua vida. Você, seu Gilberto, é grande demais. E não pode, não tem o direito de deixar para seus netos ( – inclusive o meu afilhado Gilberto Freyre Neto – ) que os homens do mundo de amanhã suspeitem de você. Reflita, pois. E, se este bilhete a você, que tem sido pensado e discutido na minha cabeça nesses 2 meses, não tiver a sorte de sacudi-lo, de levá-lo à razão peço-lhe, por último, que deixe que 2 amigos seus leiam as provas e lhe digam se tenho ou não tenho razão. São estes os que lhe aconselho a dar para ler as provas: um homem de 30 anos: Fernando Freyre<sup>1078</sup>. Respeitado, digno. Quanto mais o conheço, mais o admiro. O outro é Prudentinho. Prudente de Moraes Neto é, como eu, seu amigo. (Não desses eventuais amigos que o rodeiam e lhe dizem “amém” a tudo). Vamos testar se eu tenho ou não tenho razão em tentar dissuadi-lo de expor-se ao mundo como deseja. Perdoe o Jotaó<sup>1079</sup> e, por favor, rasque este bilhete logo depois de o ler. José Olympio<sup>1080</sup>.

Esta carta de José Olympio é a resposta ao bilhete, alongado no conteúdo, enviado por Gilberto Freyre aos revisores do seu diário “de adolescência e primeira mocidade”. Quanto ao “bilhete”, aponho ainda: aborda exigências do escritor não só referentes às minúcias da revisão, mas supõe a chamada de atenção para o cumprimento dos prazos para a devida aparição do livro *Um brasileiro entre outros hispanos* e o oportuno momento para enfim torná-lo notório, conhecido. Além de deixar evidente o desejo de [res]guardar

---

<sup>1078</sup> Filho caçula de Gilberto Freyre. A primogênita: Sonia Freyre.

<sup>1079</sup> Forma escrita da pronuncia referente às iniciais “J. O.”: José Olympio.

<sup>1080</sup> *Carta* de José Olympio para Gilberto Freyre, de 30 de setembro de 1974. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [grifos do documento].

os originais, acumulando-os sob o estatuto de importância de uma coleção de registros dedicados a ventilar esclarecimentos no tocante aos processos de escrita e publicação dos livros que assinava.

Importante

Recife, 2ª feira

23-9-74 [?]

Amigos Daniel e Adalardo:

Devolvo as provas. Duro trabalho. Importante: estão faltando páginas talvez do prefácio e algumas – não sei quantas: devem ser poucas – do fim do texto. Recomendo o maior cuidado à revisão. Creio que é numa das páginas que não vieram, mas que eu vi aí no Rio (do prefácio ou introdução?) que ocorre a expressão “tendências homossexuais” que seriam minhas. Uma inexactidão sem cabimento. Recomendo sua absoluta eliminação: sua e de expressões correlacionadas perto do lugar onde ocorreu. Será preciso cuidado com o vazio que deixará no texto essa eliminação essencial.

Cuidado com a revisão! Demorei minha leitura porque estive de virose: um contratempo. Li com cuidado o diabo do diário. É um livro marcante. No gênero nunca se fez coisa sequer semelhante em língua portuguesa. Cuidado, pois, e urgência na publicação. E o Brasileiro entre os outros Hispanos? Livro oportuno agora que o México vai me conferir o grande “Prêmio Hispânico”. Escrevam-me sem demora. Digam-me como fizeram executar – com inteligência, decerto – minhas recomendações neste bilhete. Especialmente quanto à eliminação daquela expressão de todo inadequada. Abraços afetuosos – aos quais acrescento um especial para J. O. – do Gilberto

P. S. – os originais do Diário estou certo que me sejam devolvidos.  
G<sup>1081</sup>.

Freyre tornou o livro *Cartas do próprio unho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro*, de 1978, em um tratado de cordialidades. Mais um adendo da sua autobiografia: incorrida no relato da exaltação; da quase harmonia plena entre o seu eu e as têmperas de seus correspondentes. Porém, *Cartas do próprio punho...* entrevê tensões suspensas na soleira dos bastidores. Artefato que respaldara a autoridade da escrita e do escritor: o livro.

---

<sup>1081</sup> *Bilhete* de Gilberto Freyre para Daniel Pereira e Adalardo Cunha, ao menos é o que aparenta diante do estado de rasura, de 23 de setembro de 1974[?]. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. [manuscrito]. [Grifos do documento. Inclusive a palavra duplamente sublinhada]

Um livro faz-se nas tensões e também nas oportunidades: produto sob a chancela do Ministério da Educação mediante o Conselho Federal de Cultura, do qual Gilberto Freyre era consiliário, e do Departamento de Assuntos Culturais.

Sylvio Rabello [1899-1972] não presenciaria a chegada do livro que organizou. Josué Montello [1917-2006] encarregou-se de enunciá-lo em tom solene uma vez que as cartas de Gilberto Freyre recolhidas em livro procedia do empenho de um professor de monta: autor de “[...] estudos magistrais [...] sobre Euclides da Cunha, Sílvio Romero e Farias Brito [...]”. Considerado o nome responsável por realizar o “desejo profético” de Ernest Weaver: “[...] que os estudantes das novas gerações viessem a ter nas suas estantes um volume intitulado ‘Cartas de Freyre’”.<sup>1082</sup>

Membro consultante do Conselho Nacional de Cultura, instituído sob a regência do Decreto Nº 50.293 de 23 de fevereiro de 1961, Gilberto Freyre mantém-se nas proposições do Conselho quando este assume feição e trajeto distintos: refiro-me ao Conselho Federal de Cultura designado pela instância do Decreto-Lei Nº 74 de 21 de novembro de 1966. O primeiro, vinculado à Presidência da República, o segundo, ao então Ministério da Educação e Cultura, instâncias que foram incumbidas de “estudar e opinar sobre todos os assuntos de natureza cultural que lhe forem submetidos pela Presidência da República”<sup>1083</sup> (1961) e, anos depois, “[...] promover a defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional [...]”<sup>1084</sup> (1966).

No artigo segundo do decreto que derogou o Conselho Nacional de Cultura – nos flancos do governo de Jânio Quadros – impôs-se o estabelecimento de cinco comissões consultantes: Comissão Nacional de

---

<sup>1082</sup> Sobre Sylvio Rabello, discorreu Josué Montello: “A última carta que dele recebi, em 1972, pouco antes de sua morte, tratava exatamente desse livro exemplar. Ele não se limitara a coordená-lo, com a consciência do alto mérito de sua recolta paciente – nele pusera o sentimento de sua admiração afetuosa pelo mestre de ‘Casa-Grande & Senzala’. Ibidem, 1978, p. 07.

<sup>1083</sup> Vide Decreto nº 50.293 de 23 de fevereiro de 1961. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br>. Acesso em: 07/02/2013.

<sup>1084</sup> Vide Decreto-lei nº 74 de 21 de novembro de 1966. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br>. Acesso em: 07/02/2013.

Literatura; Comissão Nacional de Teatro; Comissão Nacional de Cinema; Comissão Nacional de Música e Dança; e a Comissão Nacional de Artes Plásticas. Entretanto, faço uma ressalva: a Comissão de Filosofia, História e Ciências Sociais não consta no documento oficial, de 1961, citado. Comitê do qual Gilberto Freyre tomou parte. Segundo Lilian Araripe Lustosa da Costa, no entanto, constava nas disposições do Conselho uma sexta comissão que não se subscreve, aparentemente, no decreto correspondente. Tratava-se, portanto, da Comissão Nacional de Filosofia [, História] e Ciências Sociais.

As Comissões<sup>1085</sup> eram formadas por intelectuais, consoante às feições letradas que apresentavam, de percepções estéticas e protetorados acadêmicos diferentes. Gilberto Freyre, Djacir Menezes, Sérgio Buarque de Holanda, Dom Clementino Isnard, Euríalo Canabrava estiveram à frente das proposições do comitê em que colaboravam no transcurso dos governos de maior ou menor intensidade civil-militar: de Jânio Quadros (de 31 de janeiro de 1961 até 25 de agosto do mesmo ano quando renunciou), passando por Humberto Castelo Branco (de 1964 a 1967), a Ernesto Geisel (de 1974 a 1978).

As comissões do Conselho Nacional de Cultura foram representadas por literatos, teatrólogos, musicistas, arquitetos. Na Comissão Nacional de Literatura esteve Belarmino Austregésilo de Athayde como presidente, Alceu Amoroso Lima, Carlos Drummond de Andrade, Antonio Candido de Melo e Souza, Jorge Amado, Mário Pedrosa. A Comissão Nacional de Artes Plásticas compusera-se por Lívio Abramo, Oscar Niemeyer, Francisco Matarazzo Sobrinho na qualidade de presidente, Geraldo Benedito Gonçalves Ferraz, Augusto Rodrigues. A Comissão Nacional de Cinema, por sua vez, foi constituída por Rubem Biáfora, Lola Brah, Flávio Tambellini na função de presidente, Antonio Moniz Viana, Francisco Luiz de Almeida Sales. A Comissão Nacional de Teatro, por conseguinte, contara com os nomes de Cacilda Becker, Nelson Rodrigues, Clóvis Garcia na condição de presidente, Alfredo Mesquita, Décio de Almeida Prado. Já a Comissão Nacional de Música de

---

<sup>1085</sup> Vide Lilian Araripe Lustosa da Costa em *Política Cultural e a atuação do Conselho Nacional de Cultura (1961 – 1964)*.

Dança formara-se por Otto Maria Carpeaux, Eleazar de Carvalho, José Cândido de Andrade Muricy como presidente, Edino Krieger, Heitor Alimonda.<sup>1086</sup>

Havia em Gilberto Freyre, consulente do Estado, o entendimento que definia a possibilidade de diálogo entre as culturas oral e escrita. Paralelos passíveis de correlação, mas, desde que o cinema, a televisão e o rádio não se sobrepujassem à “literatura gráfica”, por exemplo. Ser membro de Comissão Nacional implicava na acepção de cultura que, em menor ou maior grau, fundava-se na apreensão da tradição e seus valores. Quando perguntado, em 1970, se concordava com as opiniões que acreditavam no “total desprestígio da palavra escrita, sobretudo em forma de livro”, respondeu “que uma palavra mista, meio-oral, meio-escrita, [...] [tendia] a tomar relevo com os adiantamentos técnicos dos meios orais, visuais, imagísticos, de difusão de obras intelectuais [...]”<sup>1087</sup>.

A correlação entre o oral e o escrito, mediados por instrumentos de larga difusão, implica em ressalva no entendimento de Gilberto Freyre. As “[...] obras-primas [eram] escritas antes de se tornarem som, expressão oral, gesto, imagem, côm [...]”. Portanto, segundo o escritor, a “[...] palavra escrita com sentido literário, sobretudo em forma de ‘livro’, [é indestrutível como] [...] certas ligações psicológicas e estéticas de certos valores literários com suas expressões gráficas e não apenas escritas”<sup>1088</sup> que, a propósito, são potencializadas com “os aperfeiçoamentos da arte gráfica e de apresentação da palavra literária em livros – inclusive em várias edições de ‘livro de bolso’ – que vêm ocorrendo no últimos anos é evidente que não são acontecimentos no vácuo”, pois, não há dúvidas, de que “correspondem a uma demanda, a uma

---

<sup>1086</sup> Vide COSTA, Lilian Araripe Lustosa da. Política Cultural e a Atuação do Conselho Nacional de Cultura (1961-1964). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, s/d, p. 04. Disponível em: [www.casaruibarbosa.gov.br](http://www.casaruibarbosa.gov.br). Acesso em: 07/02/2013.

<sup>1087</sup> FREYRE, Gilberto. *Gilberto Freyre Entrevistado aos 70*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970, p. 04-05. Entrevista concedida a Renato Carneiro Campos do *Diário da Noite*.

<sup>1088</sup> ENTREVISTA. FREYRE, Gilberto. *Gilberto Freyre entrevistado aos 70...*, 1970, p. 05.

receptividade , a um gôsto vivo e não em declínio por essa parte e pelo que ela significa de associação com a palavra literária escrita.”<sup>1089</sup>

A publicação do livro *Cartas do próprio punho...* aspirou esse entendimento do Gilberto Freyre escritor. A linguagem muitas vezes informal das cartas, no vagar do imediatismo oral, reafirmou-se na escrita, na composição gráfica do livro. Cartas avaliadas como feitas literários, inclusive, detentoras da qualidade de crônicas, relatos, do cotidiano intelectual: e por discorrerem sobre os processos de escrita e de publicação de livros. Destarte, Gilberto Freyre confiou na crítica, ou melhor, na autoridade do crítico literário Sylvio Rabello para então purgar as “cartas literárias” que escrevera há anos. Talvez sob a certeza, de acordo com Marcos Antonio de Moraes, de que “escrever cartas vale como um conselho aos novos ficcionistas, apressados divulgadores de obras imperfeitas.”<sup>1090</sup> As cartas aspiram polifonia, contingências.

Publicá-las em livro partia não apenas da posição que o autor das missivas sustentava como conselheiro da Comissão Nacional de Filosofia, História e Ciências Humanas, mas também do interesse de server espaço nos grilhões do reconhecimento literário. Sylvio Rabello foi o baluarte oportuno: o crítico, o organizador dedicado. Gilberto Freyre não economizou elogios ao amigo: “Devo-lhe compreensões generosas de trabalhos meus, então recém-aparecidos. Compreensões que minha vaidade supõe virem faltando a outros críticos literários brasileiros”<sup>1091</sup>.

Em carta oficial, de 07 de agosto de 1961, datilografada, abalizada pela chancela do brasão de armas da República Federativa do Brasil, remetida a Gilberto Freyre, discorrera Sérgio Buarque de Holanda:

Presidência da República  
Conselho Nacional de Cultura  
Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1961.  
Exmº Sr. Gilberto Freyre

---

<sup>1089</sup> ENTREVISTA. FREYRE, Gilberto. *Gilberto Freyre entrevistado aos 70...*, 1970, p. 05.

<sup>1090</sup> MORAES, Marcos Antonio de. Carta, testemunho, biografia. In: *Orgulho de Jamais Aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp, 2007, p. 111.

<sup>1091</sup> FREYRE, Gilberto. *Cartas do próprio punho...*, 1978, p. 12.



Senhor Conselheiro,

Tomo a liberdade de remeter inclusa a V. Ex<sup>a</sup> cópia do regulamento elaborado para o Conselho Nacional de Cultura e já aprovado por Sua Excelência o Sr. Presidente da República. Acha-se presentemente em fase de preparação o regimento interno da Comissão de Filosofia, História e Ciências Sociais, de que V. Ex<sup>a</sup> é um dos membros, e que deverá reunir-se obrigatoriamente pelo menos às primeiras terças-feiras de cada mês. Venho solicitar encarecidamente a presença de V. Ex<sup>a</sup> à próxima reunião, marcada para 5 de setembro [...], em que esperamos com o mais vivo empenho contar com sua valiosa colaboração para o referido regimento. Cabe-me outrossim comunicar-lhe que cada comissão tem a incumbência de elaborar uma relação de 50 obras brasileiras de valor representativo relacionadas com as ciências e disciplinas de sua especialidade – Filosofia, História e Ciências Sociais – , a serem remetidas para universidades do estrangeiro e pedimos, desde já, sua cooperação para o feliz êxito do referido plano mediante remessa, em breve prazo, de uma lista de livros que se enquadram naquele objetivo. Certos de merecer sua atenção e aquiescência ao nosso apêlo, subscrevemo-nos com alta consideração.

Sérgio Buarque de Hollanda[.]

Presidente da C. N. de Filosofia, História e C. Sociais[.]<sup>1092</sup>

No marco do livro *Cartas do próprio punho...* o Conselho Federal de Cultura, substituto do Nacional de Cultura, traz consigo nomes da intelectualidade brasileira distribuídos não mais em comissões, mas de modo menos orgânico conforme determinava o decreto-lei de 1966, no inciso primeiro, de seu artigo primeiro. No entanto, o tripé artes, letras e ciências adquiriu a envergadura mais geral mediante a ação das câmaras representativas e, portanto, menos subdivididas: plenários dos Intelectuais.<sup>1093</sup>

Em fevereiro de 1967, o Conselho Federal de Cultura tomou posse, com a seguinte Adonias Filho, Afonso Arinos, Ariano Suassuna, Armando Schnoor, Arthur Reis, Augusto Meyer, Cassiano Ricardo, Clarival [do Prado] Valladares, Djacir Lima Menezes, Gilberto Freij[y]re, Gustavo Corção, Hélio Viana, João Guimarães Rosa, José Cândido de Andrade Muricy, Josué Montello, D. Marcos Barbosa, Manuel Diegues Junior, Moysés Vellinho, Otávio de Faria, Pedro Calmon, Rachel de Queiroz, Raymundo de Castro Maia, Roberto Burle Marx, Rodrigo Mello Franco

---

<sup>1092</sup> Carta de Sérgio Buarque de Holanda para Gilberto Freyre, de 07 de agosto de 1961. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>1093</sup> Vide CALABRE, Lia. Intelectuais e Política Cultural: o Conselho Federal de Cultura. In: *Intellèctus – Atas do Colóquio Intelectuais, Cultura e Política no Mundo Ibero-Americano*. Rio de Janeiro: UFRJ, ano 05, vol. 02, 2006.

[de Andrade]. O Conselho Federal de Cultura vinha substituir o Conselho Nacional de Cultura, criado em 1938 e recriado em 1961. O novo conselho tinha tanto sua representação quanto suas atribuições ampliadas, estando integrado às metas governamentais de revigorar a ação do Estado em diversas áreas, sobretudo na cultura.<sup>1094</sup>

O formato de livro atribuiu às cartas o invólucro da prospecção. Sylvio Rabello figurara como o homem de reconhecida habilidade junto ao trato documental e das minudências do arquivo; Josué Montello, por extensão, o braço oficial à concretização do feito. Um “[...] subsídio básico para o conhecimento da personalidade e da obra de Gilberto Freyre”.<sup>1095</sup> Adversamente, o fim anunciado para o *Cartas do próprio punho...*, permitiria a escapatória – a ocultação – dos trâmites de bastidores. Um adendo da harmonia ilusória nas relações sociais. Os calos e cicatrizes, para Josué Montello, infamariam o sentido que as cartas motivavam quando definidas como “documentos fundamentais” à “futura biografia”<sup>1096</sup> de Gilberto Freyre. Destarte, acentuara o literato maranhense, “toda a sua vida estaria ali, refletida no espelho epistolar, permitindo-nos discernir o homem verdadeiro na personagem em que este se transfigurou”.<sup>1097</sup> E, inclusive, “a carta assume o atributo de desvelamento das partes obscuras do ser, da compreensão da multiplicidade do ‘eu’.”<sup>1098</sup> Algo válido para as leituras possíveis do Gilberto Freyre epistolar.

As cartas, pois, publicadas em livro reclamavam para si o estatuto da verdade, para a trajetória intelectual de quem as escreveu, conferindo-as uma história contumaz; a existência objetiva: só possíveis mediante a seleção, a escolha, a delimitação, a “exclusão” das ranhuras. O furor do estatuto da verdade, da “vontade de verdade[,] [...] apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e conduzida por todo um compacto conjunto de

---

<sup>1094</sup> CALABRE, Lia. *Intelectuais e Política Cultural...*, 2006, s/p.

<sup>1095</sup> MONTELLO, Josué. Introdução. In: *Cartas do próprio punho...*, 1978, p. 07.

<sup>1096</sup> Para Josué Montello o livro apurava o esforço e tentativa de convencimento. De crivá-lo de importância, de projeção. MONTELLO, Josué. Introdução. In: *Cartas do próprio punho...*, 1978, p. 08.

<sup>1097</sup> MONTELLO, Josué. Introdução. In: *Cartas do próprio punho*, 1978, p. 08.

<sup>1098</sup> MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar...*, 2007, p. 143.

práticas como [...] o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje”.<sup>1099</sup>

Josué Montello, no prefácio de *Cartas do próprio punho...*, fomentou a imagem de preito a Gilberto Freyre. Aplanou o contorno de uma relação apaziguadora entre o autor e o seu editor. Um tratado de militância elogiosa: as cartas trocadas, remetidas e recebidas, crivaram “as relações de Gilberto com seu editor José Olympio, [...] [aclarando] outro capítulo da biografia do escritor”.<sup>1100</sup> De fato, os anos de dispêndio ditatorial no Brasil sob o ditame militar não permitiu a edificação de um lastreio ileso para o “mestre do Recife”<sup>1101</sup>. O fio de proximidade do escritor dos governos autoritários crivaram-no de crepúsculos. Montello, munido de propósitos inversos à crítica, deitou esforços para a recomposição da imagem do colega pernambucano.

Gilberto Freyre declarou ter sido vítima de julgamentos sumários. Denunciou acerca do que definia como o “silêncio contra os seus livros”<sup>1102</sup>. Promulgou sua autodefesa, dizendo: “[...] eu sofro de uma campanha de silêncio, que é um verdadeiro fórum de terrorismo, inclusive da parte de jornalistas e de livreiros, que escondem os meus livros, motivados por um certo ideologismo sectário”.<sup>1103</sup> No passo das defesas, Nelson Rodrigues, ao oferecer a Gilberto Freyre o seu *O Reacionário: memórias e confissões*, de 1977, sentenciou: “A Gilberto Freyre, um formidável artista que o Brasil não

---

<sup>1099</sup> FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada e 2 de dezembro de 1970*. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 17.

<sup>1100</sup> MONTELLO, Josué. Introdução. In: *Cartas do próprio punho*, 1978, p. 09.

<sup>1101</sup> Carta de Manuel Bandeira para Gilberto Freyre, de 07 de agosto de 1935. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. Expressão relacionada à justificativa do poeta ante à módica frequência de cartas remetidas ao amigo conterrâneo.

<sup>1102</sup> Fragmento extraído do título de uma entrevista concebida por Gilberto Freyre ao jornal *O Estado de São Paulo*. ‘Freyre denuncia campanha de silêncio contra os seus livros’. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 31 de março de 1979, p. 01. Esclarecimento: a ‘p. 01’ corresponde à versão eletrônica consultada. Disponível em: Biblioteca Virtual Gilberto Freyre/A Crítica/Artigos: Imprensa. [www.bvgf.fgf.org.br](http://www.bvgf.fgf.org.br). Acesso em: 05/01/2013.

<sup>1103</sup> *Freyre denuncia campanha de silêncio contra os seus livros...*, 1979, p. 01.

merece. Com a minha profunda admiração. Nelson Rodrigues[.] 4 de julho de 1977[.]”<sup>1104</sup>

Montello, em *Cartas do próprio punho...*, conclamou-se como um acento da autodefesa. Colaborou na feitura de um Gilberto Freyre maior pela obra que alçara e menos relevante pelas vinculações políticas. Daí associá-lo à aparente isenção de José Olympio:

Esplêndida vocação de patriarca, José Olympio há de ter sido para Gilberto, desde as primeiras horas da amizade recíproca, o senhor da casa grande literária, com quem o amigo pernambucano sempre gostou de conviver, a despeito dos pequenos resmungos, próprios da condição gilbertiana. As cartas que o escritor lhe enviou, durante mais de 40 anos de diálogo epistolar, poderiam compor um pequeno volume à parte, como o que Jacques Suffel coordenou, há alguns anos, com as cartas de Flaubert a seu editor e amigo, Calmann-Lévy.<sup>1105</sup>

A “vontade de verdade” de quem nos alerta Michel Foucault não negligencia o efeito da pressão argumentativa e até da coerção, primazias que apelam para a condensação do “discurso verdadeiro”, pretensa e circunstancialmente verdadeiro. Muitas das cartas esvaíram-se, frisou Montello. Esvaíram-se pela imperiosidade do tempo: parte da razão pela qual a quantidade de cartas publicadas ter sido módica. No entanto, publicar epístolas e lamentar a ausência das tantas desaparecidas não resultava apenas da ação impositiva do tempo, mas do pendor das que podiam ou não vincular-se às expectativas do público leitor. Ausências prudentes.

Montello, manipulador das palavras, era consciencioso do efeito retórico. Sabia que as palavras escritas, e impressas, muniriam os seus intentos de argumentação editorial: preservar a posteridade de Gilberto Freyre. “Certamente, após a publicação das *Cartas do próprio punho*, que Sylvio Rabello diligentemente reuniu, outras gavetas se abrirão para deixar sair cá fora novas cartas de Gilberto Freyre. [...] Indispensáveis [...] à história da

---

<sup>1104</sup> RODRIGUES, Nelson. *O Reacionário: memórias e confissões*. Rio de Janeiro: Record, 1ª ed., 1977. Exemplar oferecido a Gilberto Freyre. Consta na biblioteca da Casa-Museu de Apipucos sob a guarda da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>1105</sup> MONTELLO, Josué. Introdução. In: *Cartas do próprio punho...*, 1978, p. 09.

cultura brasileira [...]”.<sup>1106</sup> Cartas, na acepção do literato maranhense, como antiquárias: documentos à comprovação biográfica; registros críveis das rugas do tempo nos artefatos escritos. Antiquárias.

Foram alijadas do *Cartas do próprio punho...*: as escritas em máquinas datilográficas; assim como aquelas que se referiam ao processo de publicação dos livros como *Casa-Grande...* e outros. Apenas as de Gilberto Freyre, as de “próprio punho”, dispuseram do conteúdo da publicação. É um livro de cartas com ausências significativas, confeccionado pela destituição do interesse de tornar público o imperativo dialógico exigido pela comunicação via cartas. O critério de vigilância do escritor fez-se soberano: selecionar, coligir. Cartas de um homem que esteve na regência do desejo de ser exemplar. Um Gilberto Freyre constituído na coletividade: passível de inteligibilidade quando percebido pela interseção cartas ativas e passivas.<sup>1107</sup>

Considero que as cartas são parte integrante da obra e, em certo sentido também são a obra; realizações do intelectual. Estão nas cartas, portanto, os processos de concepção e feitura dos livros. Não são, simplesmente, contributos da/à imagem do escritor afeito à rotina e deslocado dos conflitos, das junturas dos bastidores: “[...] o amigo da sua casa, devoto de seu chinelo, só aspirando da vida a paz para poder trabalhar. E paz que Magdalena lhe deu, com o zelo por sua pessoa e o cuidado por sua obra [...]”.<sup>1108</sup>

O Gilberto Freyre do “[...] velho solar de Apipucos, [...] repleto de livros, objetos de arte, amigos, filhos, netos e recordações”.<sup>1109</sup> O escritor, ao menos de modo aparente, pertinaz às críticas que o encetavam. *Cartas do próprio punho...* constituiu-se em livro de congratulações. Josué Montello e Sylvio Rabello, arqueiros da presteza, desprenderam meios para a aferição dos predicativos do escritor da açúcarocracia. O escritor da escrita vigilante, do controle das paragens de sua aparição pública. Interventor arguto: o que

---

<sup>1106</sup> MONTELO, Josué. Introdução. In: *Cartas do próprio punho...*, 1978, p. 09.

<sup>1107</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Papel Passado: cartas entre os devotos e o Padre Cícero*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011. [Coleção Ao Portador, 02]

<sup>1108</sup> MONTELO, Josué. Introdução. In: *Cartas do próprio punho...*, 1978, p. 09.

<sup>1109</sup> MONTELO, Josué. Introdução. In: *Cartas do próprio punho...*, 1978, p. 09.

publicar, como publicar. Portanto, demonstrando-se mais habilidoso diante dos [des]caminhos do mercado editorial.

Nas páginas primeiras do livro, intituladas 'Uma Explicação', Freyre listou as "qualidades" dos colaboradores assíduos sem hesitar. Elegera-os na deferência. Somara-os ao "sistema de exclusão" acoplado ao seu discurso de autoagenciamento<sup>1110</sup>: procurou assim dirimir as contradições incompatíveis à sua precedência de escritor. Contou com uma rede de admiradores.

Já doente, Sylvio Rabello, ao procurar dar forma definitiva, para publicação, ao material por ele recolhido pacientemente a fim de constituir este livro – sobretudo ao escrever a introdução que valoriza um simples documentário – pediu ao autor das cartas íntimas para selecionar e decidir em definitivo o que deveria ser publicado, tanto das cartas reunidas como da própria introdução, meio biográfica, meio crítica. E que fosse uniformizada a ortografia. [...] Sylvio convidara para prefaciar o livro o ilustre escritor Josué Montello, que concordara em editá-lo. [...] Concordaria em que do trabalho de ordenação cronológica das cartas e da uniformização da ortografia fosse encarregado o também seu amigo e também escritor Mário Souto Maior. Foi o que sucedeu. E Mário Souto Maior realizou inteligentemente essa tarefa de modo a atender tanto ao pedido de Sylvio Rabello quanto a justas exigências do Instituto Nacional do Livro e do editor.<sup>1111</sup>

*Cartas do próprio punho...* é um livro publicado no alto dos setenta e oito anos de Gilberto Freyre. Não condiz ser apenas um índice à memória, mas a demarcação da autoria. É discurso com vistas à posteridade. O conteúdo, pleno em cartas, ordenado pelo passo cadenciado da anunciação dos correspondentes do escritor: Alfredo Freyre, seu pai; Amy Lowell, Antiógenes Chaves, Cícero Dias, Edson Nery da Fonseca, Estácio Coimbra, Fernando Freyre, seu filho; Francisca de Mello Freyre, sua mãe; João Condé, José Lins do Rego, José Olympio, Magdalena Freyre, sua esposa; Manuel Bandeira, Manuel de Oliveira Lima, Olívio Montenegro, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Sonia Freyre, sua filha; Sylvio Rabello, Ulysses Freyre, seu irmão, dentre outros.

---

<sup>1110</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso...*, 2009, p. 19.

<sup>1111</sup> FREYRE, Gilberto. *Cartas do próprio punho...*, 1978, p. 11.

A ordem do livro não obedece à classificação cronológica das datas versadas nos cabeçalhos. Adotou-se o critério da intensidade das relações traçadas pelos percursos que a materialidade das cartas incutia. Daí, o conteúdo da publicação adquirira sentido nos conteúdos das cartas. De todo, digo mais uma vez, é um livro de cartas e não sobre cartas. Correspondências às vezes tônicas, às vezes amenas. Ambíguas? Não. Circunstanciais. Logo, o leitor ver na coleção aquilo que somente deseja ver e por esta razão as apreende sem maiores dificuldades? Não. Por mais que haja circunstancialidades, outras vezes até ambiguidades, na epistolografia freyriana, incide sobre ela historicidades que exigem do mesmo leitor treino do olhar: o escritor nas cartas, as cartas no escritor.<sup>1112</sup>

O tratado elogioso que *Cartas do próprio punho...* aparentou ser não o desposara de sutilezas tensas. Por mais tratadas que tenham sido, as cartas publicadas não dissolveram as negociações, imposições, solicitações que estão nos seus conteúdos. O Gilberto Freyre escritor/autor vertia postura afirmativa ante o editor José Olympio: o livreiro, o selo que impunha “reconhecimento e prestígio”.<sup>1113</sup>

Conforme Paul Zumthor, o livro *Correspondência de Abelardo e Heloísa* não é o “resultado puro e simples de uma [...] [arrumação] de cartas originais, mas um dossiê organizado: não [...] falso, mas uma ‘obra’, na medida em que essa palavra implica intenção e estruturação”<sup>1114</sup> de ideias e ações. Um calhamaço de páginas encadernadas, diagramadas no formato de brochura, resultante da tensão de forças cujo fim era concretizá-lo, e que continua a se concretizar na circulação pelas mãos dos leitores e nas perspectivas de reimpressões, novas edições – às vezes revistas e ampliadas –, livros complementares ou comentários de críticos na imprensa e na confecção de outros volumes.

---

<sup>1112</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Papel passado...*, 2011, p. 15.

<sup>1113</sup> SORÁ, Gustavo. *Brasílianas: José Olympio e a Gênese do Mercado Editorial Brasileiro*. São Paulo: Edusp/Com-Arte, 2010, p. 11.

<sup>1114</sup> ZUMTHOR, Paul. Prefácio: Abelardo e Heloísa. In: *Correspondência de Abelardo e Heloísa*. Trad.: Lúcia Santana Martins. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 03.

Gilberto Freyre sabia que seria exposto; e que exporia os seus correspondentes. Um facho do reflexo de narciso. Um foro da estirpe do intelectual e sua ilustração. Entretanto, Sylvio Rabello na introdução do *Cartas do próprio punho...*, de 1978, dissera ser o sentimento de Freyre – devoto das coisas enrugadas pelo tempo – o abono maior das suas intenções. Porém, o porvir como remate não condiz com o desígnio despretensioso tão aclamado por Rabello. Freyre soube granjear para si os defensores de seus propósitos. As suas intenções por mais que aparentassem ser “espontâneas”, não eram.



## Considerações Finais

Se não podemos saber precisamente como os romanos liam Ovídio, podemos supor que, assim como a maior parte das inscrições, os versos não continham pontuação, parágrafos ou espaços entre as palavras. As unidades de som e significado provavelmente estavam mais próximas dos ritmos da fala do que as unidades tipográficas – os prefixos, as palavras e as linhas – da página impressa.<sup>1115</sup>

A tipografia é uma ferramenta com a qual o conteúdo ganha forma, a linguagem ganha um corpo físico e as mensagens ganham um fluxo social.<sup>1116</sup>

*Author*<sup>1117</sup>, aquele cujo nome próprio dá identidade e autoridade ao texto.<sup>1118</sup>

Gilberto Freyre tem a consciência ao considerar-se e ao querer que o considerem ‘escritor’, ou ‘escritor de formação científica’, ‘humanista científico’, e nunca um cientista no sentido do especialista, de profissional de alguma especialidade científica.<sup>1119</sup>

J. O. editor, preencheu, melhor que nenhum outro, essa função. Os seus editados viraram seus amigos tão íntimos como só irmãos o seriam. Sob o seu selo, nós escrevíamos tranquilos, certos de que, cada trabalho concluído viraria um belo livro.<sup>1120</sup>

Como já foi dito, *Casa-Grande...* é assunto corrente nas cartas trocadas. Em especial às remetidas a Rodrigo Melo Franco de Andrade ou dele recebidas: refiro-me às datadas dos primeiros anos da década de 1930, quando Gilberto Freyre conta sobre as idas e vindas da escrita do seu livro de maior repercussão o fez em tom de atualização e resmungos.

Recebi sua carta de Natal mas já lhe tinha escrito uma, de que foi portador Sylvio Rabello. Não sei se ele se avistou com V. [...] Meu

---

<sup>1115</sup> DARNTON, Robert. História da leitura. In: *A escrita da história...*, 1992, p. 231.

<sup>1116</sup> LUPTON, Ellen. Apresentação. In: *Pensar com tipos...*, 2013, p. 05.

<sup>1117</sup> Roger Chartier faz menção ao sentido da palavra em inglês.

<sup>1118</sup> CHARTIER, Roger. O autor: entre punição e proteção. In: *A aventura do livro...*, 2009, p. 32.

<sup>1119</sup> MENESES, Diogo de Mello. *Gilberto Freyre...*, 1991, p. 123-124.

<sup>1120</sup> QUEIROZ, Rachel de. Apresentação. In: *José Olympio: o descobridor de escritores...*, 2001, p. 12.

trabalho vai indo. Agora estou no negro, completando o 4º capítulo. O 5º, e último, sairá rápido, e já tenho em notas, quase pronto, o prefácio. Estou ansioso para terminar o trabalho. Infelizmente estou sem auxílio de datilógrafo, apenas com a judia alemã que demora, leva dia sem vir, numa impontualidade brasileira. E entretanto tem sido paga – dizem-me que até mais do que geralmente pedem os datilógrafos: a 2\$ a pág. Aliás da próxima vez vou ajustar essas contas. Minha vida tem sido uma aventura quase diária – às vezes não havendo fruta nenhuma para vender, nem comprador de livro ou quadro, mas tenho conservado um *sense of humour* de que me empenho às vezes. [...] Cumprimentos ao seu pessoal e ao de Graciema. Gil<sup>1121</sup>.

Carmen da Matta, na ‘Nota Filológica sobre o Estabelecimento de Texto’, da edição crítica do *Casa-Grande...*, de 2002, lembra com propriedade das revisões várias empreendidas por Gilberto Freyre nas recorrentes edições deste livro cuja feitura fora partilhada. Um livro associado às “tendências” de sua contemporaneidade. Carmen da Matta, portanto, aponta para as mudanças expressivas do texto de 1933 quando da comparação interedições do *Casa-Grande...*. Observa, por exemplo, que a vigésima quinta edição, publicada pela José Olympio Editora quando Freyre ainda estava vivo, é semelhante à primeira custeada pela Editora Maia & Schimidt do Rio de Janeiro. A Maia & Schimidt que provocaria dissabores no tocante aos descumprimentos dos acordos editoriais com o autor do *Casa-Grande...*.

A escrita [com]partilhada, e em dia com os estudos de intelectuais da época do *Casa-Grande...*, é acentuada nas cartas aqui citadas. Ao noticiar sua chegada a Recife, após viagem ao Rio de Janeiro, Gilberto Freyre escreveu:

nesta carta, permita que escreva também a Afonso<sup>10</sup> e a Prudente<sup>11</sup>. Também a Sérgio. Imagine que não me despedi de Sérgio. tenho coisas de cavalo. Dias antes Sérgio ficara comigo até ½ noite, traduzindo-me trechos do alemão. Peça-lhe todas as desculpas por mim. Fiz boa viagem. Mas chegando aqui a minha família não tinha se mudado [...]. Foi um grande desapontamento. Continuo numa sensação de provisório, de suspenso, que torna o trabalho um horror. Mesmo assim estou pegando nas correções e índices do C. G. & S. preciso quanto antes resolver o problema de minha instalação. É fundamental. Diga a

---

<sup>1121</sup> Carta de Gilberto Freyre para Rodrigo Melo Franco de Andrade da passagem do ano de 1932 para 1933. Em *Cartas do próprio punho...* p. 249.

Prudente que, sendo possível, mande as sugestões sobre o C. G. & S. Quanto antes.<sup>1122</sup>

Na ‘Nota Filológica sobre o Estabelecimento de Texto’, Carmen da Matta levanta duas questões sobre a supressão de alguns dos nomes importantes dos intelectuais propensos à “mudança na linguagem escrita”<sup>1123</sup> no Brasil dos anos de 1930:

o autor suprime palavras, orações, períodos, citações, nomes, aspas e referências ao que antes era um conceito recente, mas que mais tarde fora incorporado, tornando-se termo habitual, com conteúdo introjetado pelas ciências. No capítulo II, quando GF comenta a dualidade existente até então em nossa língua portuguesa, entre a fala culta e a popular, tem-se uma supressão curiosa: << – os Bandeiras, os Mário de Andrade, os amando Fontes, os Jorge Amado, os Yan Prado, os Schmidt, os Oswald de Andrade, os Carlos Drummond, os Lins do Rego, os Ribeiro Couto, os Murilo Mendes, os Antonio de Alcantara Machado – >>. Para o autor, este grupo de escritores – personalidades representativas do panorama literário nacional da década de 1930 – estariam promovendo uma mudança na linguagem escrita com a incorporação de um vocabulário mais corrente, menos bacharelesco. Porém, esta exclusão nos remete a indagações: teria tido GF receio de não incluir algum nome? Por que retirar de sua a menção a esses escritores tão importantes dentro [do] contexto sociocultural brasileiro?<sup>1124</sup>

Não vejo, na qualidade de pesquisador, em que a subtração de nomes importantes da intelectualidade e da literatura brasileiras de então tenha-se apresentado como propósito de tom cambiante por parte de Gilberto Freyre. Tanto no *Casa-Grande...* quanto nas obras subsequentes – e nas correspondências a amigos – Freyre fizera citações constantes. A supressão do trecho destacado por Carmen da Matta, não indica – acredito – em mistérios ininteligíveis que por ventura motivaram a atitude do escritor/autor. Ele suprimiu algo repetitivo, o que não implica em atitude decorrente de rusga intelectual ou expressão de patente injustiça. Afinal, há vínculos de amizades que são, ou

---

<sup>1122</sup> Carta de Gilberto Freyre para Rodrigo Melo Franco de Andrade s/d. Em *Cartas do próprio punho...* p. 253.

<sup>1123</sup> MATTA, Carmem da. *Nota filológica sobre o estabelecimento do texto...*, 2002, p. XXXII.

<sup>1124</sup> MATTA, Carmem da. *Notas filológicas sobre o estabelecimento do texto...*, 2002, p. XXXI-XXXII.

não, reduzidos/resumidos às citações de nomes de amigos aqui ou ali, lá ou cá.

Recebi sua carta na qual V. tanto anima o provinciano a continuar o trabalho. Este vai indo bem: já outras 50 páginas estão prontas mas não sei como mande. A época não é das mais favoráveis a literatos com medo de perder no Correio ou às mãos da censura ou da polícia suas preciosas obras primas. Dei graças a Deus ter chegado direitinho às suas mãos o pedaço que o surrealista quis ter a bondade de levar. Aqui vou vivendo sob a graça de Deus. No Carrapicho, fiz lá uma plantação de 40 jameiros do Pará, 6 abacateiros, mangueiras de Itamaracá e até de requintadas tâmaras: mas logo à entrada, a frente de palmeiras por mim plantadas logo depois que cheguei da Europa em 1923 com uma verdadeira mania por palmas, plantei agora duas bananeiras que estão lindas. As palmeiras devem estar indignadas e a tamareira um tanto ofendida. Como lhe terá dito o surrealista já fiz um leilão de livros – e com a venda de livros e jacas vou me agüentando perfeitamente e gozando daquela paz do Senhor que Ele não reserva só para ricos. Adeus meu caro Rodrigo. Veja se escreve sempre. [...] O abraço especial que desta vez mando é para Sérgio. Gil.

Cada um dos seus inventos carece de apreensão dos sentidos que os fizeram existir. Sentidos que mudaram. Sentidos que para nós os pesquisadores são outros. Por esta razão, não há um Gilberto Freyre mais verdadeiro nas cartas e menos verdadeiro nos livros que publicou. Há Gilberto[s] Freyre[s]. Um todo que a crítica compartimenta; e que eu, como parte dela, acabo também por compartimentar<sup>1125</sup>.

Gilberto Freyre exerceu o ofício de escritor e construiu as condições do ser autor. Ao publicar seus textos, deu-lhes a forma do livro a partir dos referenciais do tempo pretérito e do estilo de escrita: o “critério seguido” foi o que combinava a “enumeração e mensuração dos fatos’ com ‘o conhecimento íntimo’ – e, por conseguinte, psicológico e até intuitivo ou poético – das ‘experiências e situações pessoais’<sup>1126</sup>. Dedicou-se ao prazer do texto, dando uma ordem própria aos estilhaços do pretérito. Usou as palavras com destreza,

---

<sup>1125</sup> NIETZSCHE, Friedrich. II Consideração intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida. In: *Escritos sobre História*. Trad.: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Editora PUC/Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 115.

<sup>1126</sup> FREYRE, Gilberto. Introdução à 2ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 741.

combinando prosódia e silabada. E, assim, ao preferir a silabada, escreveu ensaios que não tinham finais, conclusões. Tinham recomeços.

Quando de sua inserção nos catálogos da Livraria José Olympio Editora, em 1937, com a publicação do livro *Nordeste*, o ofício de escritor passa a ser somado à condição de autor. Isto é: a função autor deu maior visibilidade ao escritor que foi, passo a passo, fazendo-se. Daí, esta tese ter-se dedicado a interpretar as cartas por ele escrita ou recebida e as minudências de seu modo de escrita; de seu estilo de escrita.

Freyre conseguiu articular a sua colocação como autor. Tornou-se um intelectual de projeção. Requisitado. Inventou sua autobiografia, forjou suas memórias. Escreveu ensaios que, passo a passo, iriam reforçar a estatura de escritor que tanto aspirava: a invenção da trilogia foi por ele construída com o fim de calçar o sentido de referência dos textos e livros que assinava. A escrita do *Casa-Grande...*, do *Sobrados e Mucambos* e do *Ordem e Progresso* foi fundada no significado da “continuação antes lógica que cronológica, se é que, rigorosamente, se deva falar numa lógica que regule no tempo ou no espaço as ocorrências ou os processos sociais.” E, a partir desta perspectiva, condicionar, “ao mesmo tempo, os estudos sobre essas ocorrências e esses processos.”<sup>1127</sup>

O Gilberto Freyre escritor foi visto primeiro pela crítica por meio do estilo que apresentava. O modo de escrita que lhe era peculiar foi o ponto de chegada ou de partida dos críticos. O Gilberto Freyre escritor, portanto, teve o lugar social delimitado pela peculiaridade de sua escrita. Se para ele o passado era o fim de seus estudos, encontrar a forma da narrativa adequada à explanação do mesmo passado era uma constante de seu ofício. A forma da narrativa, pois, deveria, segundo ele, ser adequada à intensidade, à relevância do passado que se pretendia dissecar. “A presença do que seja dramático no passado ou na atualidade ou no futuro de um indivíduo ou de um grupo humano pode ser surpreendida e sugerida pelo escritor sem que ele precise de

---

<sup>1127</sup> FREYRE, Gilberto. Introdução à 2ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 735.

recorrer” tão somente “à novela ou ao teatro” ou ao romance, mas pelos esclarecimentos que os “ensaios”<sup>1128</sup> permitem.

A análise dos processos de publicação dos livros de Freyre não poderia ter acontecido sem que a interpretação dos estratos de escritor e de autor, vivenciados por ele, fossem aqui considerados. É certo, pois, que a materialidade do livro passa, a propósito, pelo apreço de quem escreve em meio ao implemento, execução da função autor: “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos” e práticas “no interior” de uma rede de interlocutores. Isto é: a operacionalidade da autoria advém do lugar social daquele que escreve; do reconhecimento que conquista; do cânone que lhe é conferido. Um cânone providenciado pela classificação, separação, apartamento daquilo que deve ser aceito daquilo que não deve ser aceito pelos grilhões da crítica.

Acomodar-se no escaninho canônico esbarra, primeiro, na convenção em voga, no estabelecido. A negativa de um nome ou método de estudo ou tipo de texto e sua narrativa, pressupõe o lugar do autor ou daquilo que é negado. *Casa-Grande...*, *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso* “foram repudiados, no Brasil e até nos Estados Unidos,” por uma “espécie de historiadores e de sociólogos” considerados puros: “os corretos, ortodoxos, convencionais”<sup>1129</sup> no modo de fazer valer o conhecimento mediante às regras de suas disciplinas.

Constar nos catálogos de uma editora significava, antes de tudo, que a função autor dependia de um crivo, de um sinete editorial. De acordo com Gilberto Freyre, o escritor pode ser escritor sem um selo, o autor, por seu turno, não. A chancela editorial supõe o resguardo dos direitos autorais, assim como a garantia de constância na publicação de livros. A ida de Freyre para a Livraria José Olympio Editora, em 1936, tinha por objetivo o restauro de suas garantias como autor, uma vez que foram perdidas antes quando de sua estada na editora de Augusto Frederico Schmidt. O autor, enfim, é feito pelo

---

<sup>1128</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou escritor...*, 1965, p. 24.

<sup>1129</sup> FREYRE, Gilberto. Íntegra do texto do apêndice à 2ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 952.

atributo do nome, pela feição que tem, e terá, perante o leitor. A editora é parte da garantia.

Portar o selo de uma editora implicava, para Gilberto Freyre, no acompanhamento dos meios e das etapas de produção dos seus livros. A troca de correspondências entre o escritor-autor e o editor José Olympio evidencia que não só o tema dos direitos autorais, mas os relativos à tipografia e à revisão eram abordados sempre que o diálogo solicitasse. O aporte físico dos livros, e suas dimensões, interessava a Freyre. Assunto que o preocupava tanto como leitor quanto como autor. E, frente à seriedade que o assunto deveria ter, advertiu em 1925: era preciso ter cuidado com o manuseio da “arte tipográfica”<sup>1130</sup>. Trata-se de “uma arte sem a plasticidade que o ‘crescendo’ e o ‘decrecendo’ das palavras parecem às vezes exigir.”<sup>1131</sup> Contudo, a plasticidade das palavras, dos textos que escrevia, adquiriram fluidez com as edições dos livros sob a tutela da José Olympio. Livros, por fim, que permitiram a sinestesia entre a extensividade do texto e as proporções tipográficas e materiais do livro.

Freyre escreveu ensaios que adquiriram a forma do livro. Extensivos, foram, a cada edição, divididos em capítulos ou tópicos e, até mesmo, diagramados com margens mais espessas. De acordo com a estatura dos livros, os textos passavam por estas intervenções. Para ele, a forma também era conteúdo. Acompanhando as estratégias editoriais da José Olympio, Freyre viu os seus textos atingindo os diferentes leitores a partir do formato que teriam quando impressos. A Coleção Brasil Moço, com a “seleta”<sup>1132</sup> de seus trabalhos publicada em 1980, é exemplar em relação a este aspecto.

---

<sup>1130</sup> FREYRE, Gilberto. O livro belo. *Diário de Pernambuco*, Recife, 18 de outubro de 1925.

<sup>1131</sup> FREYRE, Gilberto. O livro belo. *Diário de Pernambuco*, Recife, 18 de outubro de 1925.

<sup>1132</sup> Do título *Seleta para jovens*. Publicação correlata a seguinte observação de Robert Darnton: “os editores populares não hesitaram em remendar o texto, mas concentraram-se primeiramente no formato do livro, o que Chartier chama de *mise en livre*. Fragmentaram a narrativa em unidades simples, encurtando as frases, subdividindo parágrafos e multiplicando o número de capítulos. A nova estrutura tipográfica implicava um novo tipo de leitura e em um novo público: as pessoas humildes, a quem faltava a facilidade e o tempo para absorver longos trechos de narrativas. Os episódios curtos eram autônomos.” [DARNTON, Robert. *História da leitura*. In: *A escrita da história...*, 1992, p. 230.]

Com a difusão do projeto de trilogia, para daí justificar seu plano de estudos, Freyre participou da escolha da forma dos livros e dos reclames de divulgação que teriam. Reclames, a propósito, que deveriam enfatizar o aparente diferencial que os seus ensaios proporcionavam: o método de análise e de interpretação e o estilo de escrita. Na orelha da quarta capa do primeiro volume, da quarta edição do *Casa-Grande...*, de 1943, lê-se no seguinte reclame: “este livro, com a sua revisão de um dos fatos fundamentais da nossa história, oferece-nos também um estímulo para a interpretação do nosso tempo. Sergio Buarque de Hollanda”.

O reclame, portanto, serviu de instrumento de ênfase à posteridade desejada por Freyre. Um de seus interesses era tornar-se conhecido e, conseqüentemente, ser lembrado pelo pioneirismo do método que criou ao aplicá-lo na realização de seus estudos e pelo modo segundo o qual foram escritos. Para ele, editar um livro não significava apenas o descerramento do nome do autor e seu feito, mas a possibilidade de atingir-se o porvir. Conseguiu constar entre os seus correspondentes como um intelectual de reconhecimento nacional e internacional. Mas, cabe destacar, não sem passar pelas ranhuras da divergência.

O projeto de trilogia de Freyre – foi aqui interpretado levando-se em conta o *Casa-Grande...*, o *Sobrados e Mucambos* e o *Ordem e Progresso* – não se instituiu incólume. Para inventar-se como escritor e, claro, como autor, soube ele aproveitar as oportunidades para fundamentar, justificar e assentar o seu plano. Prefácios, introduções, notas metodológicas ou biográficas, serviram de púlpitos às respostas do escritor-autor às críticas que recebia. As respostas não eram remetidas sem o tom do esclarecimento, da retruca ou das explicações em defesa dos ensaios que obtiveram a forma do livro. O modo de escrita, o método de pesquisa e a perspectiva de análise foram os pontos mais debatidos e rebatidos por Freyre aos seus interlocutores.

Em *Casa-Grande...*, para responder, sem citar nomes, os contrários à sua investida de análise sobre o tema da “história íntima” da família patriarcal no Brasil, distanciou-se de “tudo o que a história política e militar nos oferece



de empolgante por uma quase rotina de vida: mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo.”<sup>1133</sup> O simulador, pois, como estratégia de discurso de alegação frente ao estabelecido. Com o “segundo estudo”<sup>1134</sup>, *Sobrados e Mucambos*, os argumentos avolumaram-se. Às vezes citando nominalmente os críticos, às vezes não, o escritor-autor revalidava a sua postura como intelectual: “os devotos da Sociologia apenas quantitativa ou matemática, ou da História apenas cronológica e descritiva, são hoje sebastianistas à espera de algum Dom Sebastião”. Estavam todos à procura que um “novo Bacon” restaurasse, “nos estudos sociológicos e nos históricos, o prestígio absoluto do Número ou do Fato Puro.” E que assim fosse: “que esperem o seu Dom Sebastião. Mas que dêem aos outros o direito de seguir critério diferente de Ciência Social e de História humana.”<sup>1135</sup> Isto é: a depender da leitura, o passado apresentará a densidade do fardo ou a silhueta de uma janela em perspectiva.

A discussão perpetrada por Freyre não declinava somente para a ideia de seus escritos, mas à materialidade dos livros que publicou. Se as suas repostas aos críticos eram deflagradas nos prefácios e/ou introduções, as orelhas e quartas capas dos livros não serviam apenas para estruturá-los. Convinham também à contestação das opiniões contrárias, desmerecendo-as por meio da crítica elogiosa dos intelectuais estrangeiros. Os reclames dos livros tiveram esta serventia. Ele intentou controlar, o quanto possível, as etapas de feitura dos exemplares antes de chegarem ao leitor.

As cartas que remetia a José Olympio davam conta dos entremeios das publicações. Diziam respeito ao lugar que teriam seus três ensaios mais conhecidos, assim como deveriam ser apresentados na forma do livro. a polêmica gerada com a ausência da menção ao *Ordem e Progresso* nas orelhas da décima edição do *Casa-Grande...*, de 1961, assinadas por Luis Martins, para a Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre. Para “procurar” o “tempo perdido”, Freyre precisou fazer uso do método de pesquisa que, para

---

<sup>1133</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Casa-Grande & Senzala...*, 43ª ed., 2001, p. 56.

<sup>1134</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Casa-Grande & Senzala...*, 43ª ed., 2001, p. 61.

<sup>1135</sup> FREYRE, Gilberto. Introdução à 2ª edição. In: *Sobrados e Mucambos...*, 13ª ed., 2002, p. 740.

alguns dos seus contemporâneos, não conseguiu agradar. Dentre eles, o seu amigo Afonso Arinos de Mello Franco. No que consistia o método? Na “apresentação de várias, contraditórias e incompletas verdades sobre uma mesma figura”, tanto quanto “sobre um mesmo acontecimento”<sup>1136</sup>.

Da crítica ao reclame, Freyre imprimiu a demarcação de suas teórico-metodológicas. Em *Ordem e Progresso* são “pungentes”<sup>1137</sup> as menções

a brasileiros insignes da época evocada neste livro para alguns dos netos ou bisnetos dessas personagens; netos e bisnetos que também se vêm manifestando sobre essas referências – quando não de todo elogiosas aos seus antepassados – em artigos, cartas ao autor e em livros de memórias. Um desses livros, *A Alma do Tempo*, do eminente historiador e homem público Afonso Arinos de Melo Franco, que até procura defender a memória do avô, Cesário Alvim, do que lhe parece ‘leviandade’ da parte do autor de *Ordem e Progresso*. Compreendo a indignação do distinto intelectual mineiro e fervoroso Positivista, hoje residente no Rio de Janeiro e membro da Academia Brasileira de Letras – Sr. Ivan Lins – diante do depoimento, sobre a República de 89, de Carlos Luís de Vargas Dantas, nascido em 1870 na então Província do Rio de Janeiro; e que vem não só publicado em *Ordem e Progresso* como considerado particularmente interessante – ‘interessantíssimo’ – pelo autor do livro que, por essa sua expressão de júbilo puramente sociológico, diante de documento tão significativo como definição de atitude – a de um monarquista vencido contra os Positivistas triunfantes – é atingido pelo ilustre publicista, discípulo fiel de Comte, com os sobejos da sua justa indignação de Positivista ardoroso contra aquele igualmente ilustre ‘saudosista’ – é como Vargas Dantas é pejorativamente tratado pelo digno acadêmico – da Monarquia de Pedro II ou do Império dos Bragança.<sup>1138</sup>

A investigação da passagem dos ensaios para o estado de livro permitiu, sobremaneira, a análise dos pormenores da relação de Gilberto Freyre, na condição de autor, com o editor José Olympio. Ficou claro, pois, que Freyre tentou manter um domínio global sobre os livros que estavam na iminência de sair do prelo. Ou na perspectiva de chegarem ao prelo: as correspondências que destinou a Olympio abordavam as suas expectativas no tocante a tiragem

---

<sup>1136</sup> FREYRE, Gilberto. Íntegra do texto do apêndice à 2ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 948.

<sup>1137</sup> FREYRE, Gilberto. Íntegra do texto do apêndice à 2ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 953.

<sup>1138</sup> FREYRE, Gilberto. Íntegra do texto do apêndice à 2ª edição. In: *Ordem e Progresso...*, 5ª ed., 2000, p. 953.

de textos ainda inéditos ou há muito editados. Analisar o texto fazendo-se livro, pois, foi o objetivo desta tese. Para tanto, foi importante observar, a partir da trilogia, as minúcias concernentes ao modo de escrita, à condição de autor que conseguiu exercer, ao ofício de escritor que os seus interlocutores reconheceram. O escritor para além do seu à vontade rotineiro na poltrona de escrever.

Fosse na qualidade de diretor da Coleção Documentos Brasileiros, fosse na posição de autor que nomeava a própria coletânea de livros, Freyre perseguiu, ao largo da trajetória intelectual que conseguiu empreender, o seu estamento de escritor; fez valer a órbita do tempo tríplice nos ensaios que escreveu; soube valorar a concepção de documento na busca pelo “passado que” emendava “com a vida de cada um” dos brasileiros. Para ele, era antes “uma aventura de sensibilidade” e “não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos.”<sup>1139</sup>

Eram caros, para Gilberto Freyre, o método de pesquisa e o anseio de ser escritor reconhecido. Também a sua desenvoltura com as palavras, com a preocupação que demonstrava com a forma do texto relacionada à forma do livro. Isto é: analisar os pormenores da materialidade do livro, da edição, da diagramação, da tipografia exigiu desta tese uma atenção para com as publicações que contribuíram para enfatizar a sua intenção de ser literato ao escrever textos aos modos do ensaio ou da ficção. E mais: a forma do livro, aqui notada, mereceu destaque porque desvelava as propensões do escritor quanto à representação do passado. O tipo tipográfico e o tipo de papel, por exemplo, serviram de astúcias para efetivar-se este fim.

---

<sup>1139</sup> FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: *Casa-Grande & Senzala...*, 43ª ed., 2001, p. 56.

## Bibliografia

ABREU, Márcia [Org.]. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2002. [Coleção Histórias de Leitura]

AGAMBEN, Giorgio. Fábula e História: considerações sobre o presépio. In: *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Trad.: Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

\_\_\_\_\_. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Trad.: Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

ANGELIDES, Sophia. *Carta e literatura: correspondência entre Tchékhev e Górkí*. São Paulo: Edusp, 2001.

AMED, Fernando. *As cartas de Capistrano de Abreu: sociedade e vida literária na belle époque carioca*. São Paulo: Alameda, 2006.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

ASSIS, Machado de. *O jornal e o livro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. *Abraço Através do Atlântico: cartas de Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011. [Coleção ao Portador, 3]

BANDEIRA, Manuel. Nordeste. In: *Ciência & Trópico*, vol. 08, nº 1, jan/jun, 1980.

BAPTISTA, Abel Barros. *A Formação do Nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas: UNICAMP, 2003.

BURKE, Peter e PORTER, Roy [Orgs.]. *Linguagem, Indivíduo e Sociedade*. Trad.: Álvaro Luiz Hattnher. São Paulo: UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. [Orgs.]. *História Social da Linguagem*. Trad.: Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Unesp; Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. Trad.: Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 2006.

\_\_\_\_\_. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. Trad.: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 15ª ed., 2007.

\_\_\_\_\_. *O prazer do texto*. Trad.: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 5ª ed., 2010. [Elos, 02]

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Trad.: Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus Editorial, 1984. [Coleção Novas Buscas em Educação, Vol. 17]

BERENSON, Bernard. Ilustração. In: *Estética e história*. Trad.: Janete Meiches. São Paulo: Perspectiva, 2ª ed., 2010. [Coleção Debates, 62]

BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BOURDIEU, Pierre e CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Trad.: Guilherme João de Freitas Teixeira e Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. [Ensaio Geral, 03]

BOSI, Alfredo. O Tempo e os Tempos. In: *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

BLOOM, Harold. *A anatomia da influência: literatura como modo de vida*. Trad.: Ivo Korytowski, Renata Telles. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

\_\_\_\_\_. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Trad.: Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio Reunidos – de A cinza do purgatório até Livros na mesa (1942-1978)*. Rio de Janeiro: TopBooks/UniverCidade, vol. I, 1999.

\_\_\_\_\_. *Ensaio Reunidos (1946-1971)*. Rio de Janeiro: TopBooks/UniverCidade, vol. II, 2005.

CARDOSO, Rafael. O início do design de livros no Brasil. In: *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica [1870-1960]*. São Paulo: CosacNaify, 2005.

CASSAL, Sueli Tomazini Barros. *Amigos escritos: correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2002. [Coleção Memória Brasileira, 35]

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Trad.: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 3ª ed., 2011.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: artes de fazer – 1*. Trad.: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 14ª ed., 2008.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de Teoria Literária*. Petrópolis: Vozes, 2008.

COUTINHO, Edilberto. *A Imaginação do Real: uma leitura da ficção de Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/Pró-Memória/Instituto Nacional do Livro, 1983.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *Anais Pernambucanos (1493-1590)*. Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE/Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, Vol. 1, 1983. [Coleção Pernambucana, 2ª Fase]

\_\_\_\_\_. *Anais Pernambucanos (1591 - 1634)*. Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE/Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, Vol. 2, 1983. [Coleção Pernambucana, 2ª Fase]

\_\_\_\_\_. *Anais Pernambucanos (1635-1665)*. Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE/Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, Vol. 3, 1983. [Coleção Pernambucana, 2ª Fase]

CHARTIER, Roger. *A História ou a Leitura do Tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. [Ensaio Geral]

\_\_\_\_\_. *Os Desafios da Escrita*. Trad.: Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad.: Mary Del Priori. Brasília: UnB, 1999.

\_\_\_\_\_. *Leituras e leitores na França do antigo regime*. Trad.: Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 2004.

\_\_\_\_\_. *Práticas da leitura*. Trad.: Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

\_\_\_\_\_. *A mão do autor e a mente do editor*. Trad.: George Schlesinger. São Paulo: Unesp, 2014.

\_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad.: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1998.

DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Trad.: Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. História da leitura. In: *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad.: Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.

DARBO-PESCHANSKI, Catherine. Os Tempos da História. In: *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

DEL PRIORI, Mary. Prefácio. In: *Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

DESIGN MUSEUM. *Como criar em tipografia*. Trad.: Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Gutenberg, 2011.

DIMAS, Antonio. Gilberto Freyre e a Crítica Literária. In: *O Imperador das Idéias: Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho/UniverCidade/Colégio do Brasil/Topbooks, 2001.

\_\_\_\_\_. Barco de Proa Dupla: Gilberto Freyre e Mário de Andrade. In: *Casa-Grande & Senzala – Edição Crítica*. Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX/Fundação Vitae, 2002, p. 849-869.

ECO, Umberto. *História das terras e lugares lendários*. Trad.: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2013.

FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. [Perfis Brasileiros]

FRANZINI, Fábio. *À Sombra das Palmeiras: a coleção documentos brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936 – 1959)*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2010. [Coleção FCRB Estudos, 9]

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009. [Coleção Leituras Filosóficas]

\_\_\_\_\_. *O que é um autor?* Trad.: António Fernando Cascais. Lisboa: Veja, 2002.

FONSECA, Edson Nery da. *Um livro completa meio século*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1983.

FERREIRA, Márcia Christina e LIMA, Edna Lúcia Cunha. Santa Rosa: um designer a serviço da literatura. In: *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica [1870-1960]*. São Paulo: CosacNaify, 2005.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu e outros Trabalhos (1913-1914)*. Trad.: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, v. XIII, 1996.

FREYRE, Sonia. *Vidas vividas e revividas*. Recife: Edições Bagaço, 2004.

FREYRE, Fernando de Mello. *Brasileiridade*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1992.



\_\_\_\_\_. *Engenharia Social e outros temas*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1985.

GARFIELD, Simon. *Esse é meu tipo: um livro sobre fontes*. Trad.: Cid Knipel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

GENSEN, Bernardo. Ordem e Progresso. In: *Ciência & Trópico*, vol. 08, nº 1, jan/jun, 1980.

GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad.: Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque. Poesia e Prosa. In: *Livro dos Prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HOCHULI, Jost. *O detalhe na tipografia: uma explicação resumida e precisa sobre as questões que se ocupam da legibilidade dos textos*. Trad.: Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LARRETA, Enrique Rodríguez e GIUCCI, Guillermo. *Gilberto Freyre uma biografia intelectual: a formação de um intelectual brasileiro [1900 – 1936]*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LEAL, César. A Imagem visual e outros temas na expressão literária de Gilberto Freyre. In: *Arrecifes*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/Conselho Municipal de Cultura, nº especial, jun./2000, p. 06-22.

LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo: um brasileiro feliz*. Rio de Janeiro: Lidador, 1998.

LIMA, Edna Lúcia Cunha e FERREIRA, Márcia Christina. Santa Rosa: um designer a serviço da literatura. In: *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica*. São Paulo: CosacNaify, 2005.

LUPTON, Ellen. *Pensar com tipos*. Trad.: André Stolarski. São Paulo: CosacNaify, 2ª ed., 2013.

MAIA, Eduardo Cesar [Org.]. *Álvaro Lins: sobre crítica e críticos*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, 2012a.

MAIA, Tatyana de Amaral. *Os cardeais da cultura nacional: o conselho federal de cultura na ditadura civil-militar (1967 – 1975)*. São Paulo: Itaú Cultural, Iluminuras, 2012b. [Rumos Pesquisa]

MALAMOUD, Charles. Narrativa Silenciosa. In: *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

MANN, Thomas. *O escritor e sua missão: Goethe, Dostoiévski, Ibsen e outros*. Trad.: Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. [Série Thomas Mann: Ensaios & Escritos]

MARTINS, Luís. *O Patriarca e o Bacharel*. São Paulo: Alameda, 2ª ed., 2008.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos flamengos*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 3ª ed., 1987. [Estudos e Pesquisas, 50]

MERLEAU-PONTY, Maurice. A expressão e o desenho infantil. In: *A prosa do mundo*. Trad.: Paulo Neves. São Paulo: CosacNaify, 2012. [CosacNaify Portátil, 12]

MENESES, Diogo de Mello. *Gilberto Freyre*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 2ª ed., 1991. [Série Documentos, 36]

MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de Jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp, 2007.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

NABOKOV, Vladimir. *A verdadeira vida de Sebastian Knight*. Trad.: José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

NOVAES, Adauto. Sobre Tempo e História. In: *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

OLSON, David R. e TORRANCE, Nancy. *Cultura escrita e oralidade*. Trad.: Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1997. [Coleção Múltiplas Escritas]

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 5ª ed., 1994.

\_\_\_\_\_. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 5ª ed., 1994.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Unesp, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Triunfo do Fracasso: Rüdiger Bilden, o amigo esquecido de Gilberto Freyre*. São Paulo: Unesp, 2012.

PEREIRA, José Mario [Org.]. *José Olympio: o editor e sua casa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. Trad.: Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PROUST, Marcel. *Em Busca do Tempo Perdido: no caminho de Swann*. Trad.: Mario Quintana. São Paulo: Globo, vol. I, 2006.

\_\_\_\_\_. *Em busca do tempo perdido: o tempo redescoberto*. Trad.: Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Globo, vol. VII, 2013.

\_\_\_\_\_. *O Fim do Ciúme e Outros Contos*. Trad.: Dorothée de Bruchard. São Paulo: Hedra: 2008.

\_\_\_\_\_. *Sobre a Leitura*. Trad.: Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 2011.

QUINTAS, Fátima. *A Saga do Açúcar*. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2010.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Papel passado: cartas entre os devotos e o Padre Cícero*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011. [Coleção Ao Portador, 2]

\_\_\_\_\_. *A poeira do passado: tempo, saudade e cultura material*. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 2014. [Coleção Estudos da Pós-Graduação]

\_\_\_\_\_. *O limite da letra: a escrita epistolar e a invenção da literatura cearense*. In: *Correio literário: cartas de intelectuais no*

*Brasil durante o século XX*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2013. [Coleção Ao Portador, 05]

RAMOS, Ricardo. D. Sinhá e o Filho Padre. In: *Ciência & Trópico*, vol. 08, nº 1, jan/jun, 1980.

REIMÃO, Sandra. Ditadura militar e censura a livros: Brasil (1964 – 1985). In: *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Unesp, 2010.

RIBEIRO, João. Casa-Grande & Senzala. In: *Ciência & Trópico*, vol. 08, nº 1, jan/jun, 1980.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Raízes do Brasil*: biografia de um livro-problema. In: *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Edusp/Instituto de Estudos Brasileiros, 2012.

SELIGMANN-SILVA, Márcio [Org.]. *História, Memória, Literatura: testemunho da Era das Catástrofes*. Campinas: UNICAMP, 2003.

SOARES, Lucila. *Rua do ouvidor 110: uma história da Livraria José Olympio*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/Fundação Biblioteca Nacional, 2006.

SOUSA, Octávio Tarquínio de. Sobrados e Mucambos. In: *Ciência & Trópico*, vol. 08, nº 1, jan/jun, 1980.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2010. [Debates, 98]

\_\_\_\_\_. *A beleza salvará o mundo: Wilde, Rilke e Tsvetaeva – os aventureiros do absoluto*. Trad.: Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

TSCHICHOLD, Jan. *A forma do livro: ensaios sobre tipografia e estética do livro*. Trad.: José Laurenio de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007. [Artes do Livro, 05]

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Kalina Vanderlei. *Nas Solidões Vastas e Assustadoras: a conquista do sertão de Pernambuco pelas vilas açucareiras nos séculos XVII e XVIII*. Recife: CEPE – Companhia Editora de Pernambuco, 2010.

SILVEIRA, Paulo. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. Porto Alegre: UFRGS, 2ª ed., 2008.

SOARES, Lucila. *Rua do Ouvidor 110: uma história da Livraria José Olympio*. Rio de Janeiro: José Olympio/MinC/Fundação Biblioteca Nacional, 2006.

SORÁ, Gustavo. *Brasileiras: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Edusp/Com-Arte, 2010. [Coleção Memória Editorial, 6]

UNAMUNO, Miguel de. *Como escrever um romance*. Trad.: Antonio Fernando Borges. São Paulo: É Realizações Editora, 2011. [Coleção Educação Clássica]

VELASQUES, Muza Clara Chaves. *Homens de letras no Rio de Janeiro dos anos 30 e 40*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História (UFF), tese de doutorado, orientadora: Profª Drª Ângela de Castro Gomes, 2000.

VENANCIO, Giselle Martins. *Objetos da arte da palavra: livros brasileiros na coleção Eurico Facó (1815 – 1900)*. In: *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Unesp, 2010.

VENTURA, Mauro Souza. *De Karpfen a Carpeaux: formação política e interpretação literária na obra do crítico austríaco-brasileiro*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2002.

WAGNER, Roy. *O poder da invenção*. In: *A invenção da cultura*. São Paulo: CosacNaify, 2012. [CosacNaify Portátil, 16]

VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

WHITMAN, Walt. *Folhas de relva*. Trad.: Rodrigo Garcia Lopes. São Paulo: Iluminuras, [edição bilíngue], 2013.

WHITE, Hayden. *Teoria Literária e Escrita da História*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 07, nº 13, 1994, jan./jun., p. 21-48.

WILLIS, Susan. *Cartas a Legba: um texto encontrado*. Trad. do prefácio: Maria Elisa Cevalco; Trad. das cartas: Maria Leonor F. R. Loureiro. São Paulo: Boitempo, 2008.

WERNECK, Humberto. *O santo sujo: a vida de Jayme Ovalle*. São Paulo: CosacNaify, 2008.

WOOD, James. *Como funciona a ficção*. Trad.: Denise Bottmann. São Paulo: CosacNaify, 2012. [ CosacNaify Portátil, 6]

ZUMTHOR, Paul. Prefácio. In: *Correspondência de Abelardo e Heloísa*. Trad.: Lúcia Santana Martins. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

## Fontes

### 1 – Impressos

FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou escritor*. João Pessoa: Departamento Cultural/Universidade da Paraíba, 1965.

\_\_\_\_\_. *Fôrças armadas e outras fôrças: novas considerações sôbre as relações entre as fôrças armadas e as demais fôrças de segurança e de desenvolvimento nacionais na sociedade brasileira*. Recife: Edição da Imprensa Oficial, 1965.

\_\_\_\_\_. *Cultura e museus*. Recife: FUNDARPE, 1985.

\_\_\_\_\_. De Giddings a Recassens. In: *Ciência & Trópico*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, vol. 15, nº 01, jan./jun., Separata, 1987, p. 07-14. [Separata]

ENTREVISTA. *Gilberto Freyre entrevistado aos 70*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, [Entrevista concedida a Renato Carneiro Campos], 1970.

PALESTRAS. *Casa-Grande & Senzala 50 anos depois: um encontro com Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro, FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985, p. 07-35.

REGO, José Lins do. Notas sobre Gilberto Freyre. In: *Região e tradição*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1941. [Coleção Documentos Brasileiros, 29]

### 2 – Livros de Gilberto Freyre

FREYRE, Gilberto. *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1941. [Coleção Documentos Brasileiros, 29]

\_\_\_\_\_. *Dona Sinhá e o Filho Padre*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1ª ed., 1964.

\_\_\_\_\_. *Dona Sinhá e o Filho Padre*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 2ª ed., 1971.

\_\_\_\_\_. *O outro amor do dr. Paulo*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1977.

\_\_\_\_\_. *Seleta*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 3ª ed., 1980. [Coleção Brasil Moço]

\_\_\_\_\_. *Dona Sinhá e o Filho Padre*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

\_\_\_\_\_. *Dona Sinhá e o Filho Padre*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

\_\_\_\_\_. *O Outro Amor do Dr. Paulo*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1977.

\_\_\_\_\_. *Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro*. Rio de Janeiro: MEC/Departamento de Imprensa Nacional/Conselho Federal de Cultura/Departamento de Assuntos Culturais, 1978.

\_\_\_\_\_. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 10ª ed., vol's I e II, 1961.

\_\_\_\_\_. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Global, 51ª ed., 2006.

\_\_\_\_\_. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: UnB, 1968.

\_\_\_\_\_. *Quase Política*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1950.

\_\_\_\_\_. *Apipucos: que há num nome?* Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1983.

\_\_\_\_\_. *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro: Record, 5ª ed., 2000.



\_\_\_\_\_. *Aventura e rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação*. Rio de Janeiro: Topbooks/UniverCidade, 3ª ed., 2001.

\_\_\_\_\_. *Ordem e Progresso*. São Paulo: Global, 6ª ed., 2004.

### **3 – Correspondências**

*Carta* de Manuel Bandeira para Gilberto Freyre, de 07 de agosto de 1935. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

*Carta* de Gilberto Freyre para José Olympio, 04 de janeiro de 1962, compilada no *Cartas do Próprio Punho...*

*Carta* de Sérgio Buarque de Holanda para Gilberto Freyre, de 07 de agosto de 1961. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

*Carta* de José Olympio para Gilberto Freyre, de 30 de setembro de 1974. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

*Bilhete* de Gilberto Freyre para Daniel Pereira e Adalardo Cunha de 23 de setembro de 1974[?].

*Carta* de Gilberto Freyre para Rodrigo Melo Franco de Andrade s/d. Em *Cartas do Próprio Punho...*

*Carta* de Manuel Bandeira para Gilberto Freyre de 07 de outubro de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

*Carta* de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Gilberto Freyre de 03 de junho de 1936. Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

*Carta* de Gilberto Freyre para José Olympio de 10 de março de 1962. *Cartas do Próprio Punho...*

